A close-up portrait of an elderly man with short, light-colored hair, wearing a dark suit jacket, a light blue shirt, and a dark tie with a small white pattern. He is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is slightly blurred, showing some indistinct shapes and colors.

Edivaldo
M. Boaventura
organizador

Homenagem a Luiz Viana Filho

EDIVALDO M. BOAVENTURA

ORGANIZADOR

Homenagem a Luiz Viana Filho

Edição revista e aumentada

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
1991

Homenagem a Luiz Viana Filho/organizador Edivaldo Machado Boaventura.

H765 Ed. rev. aum. — Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991.
444p. il.

1. Viana Filho, Luiz — Biobibliografia.
- I. Boaventura, Edivaldo Machado, org.

CDD 928.69
CDU 929 Viana Filho, Luiz



SUMÁRIO

Pág.

APRESENTAÇÃO, <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	9
I. Encontros da política com a cultura	
Homens e obras, <i>Adinoel Mona Maia</i>	19
Luiz Viana Filho — Biógrafo de Anísio Teixeira, <i>Alberto Venâncio Filho</i>	23
O Sabadoyle a Luiz Viana Filho, <i>Américo Jacobina Lacombe</i>	29
O estadista Luiz Viana Filho, <i>Ângelo Calmon de Sá</i>	31
Luiz Viana Filho e Machado de Assis, <i>Carlos Villaça</i>	35
Monumento de uma grande vida, <i>Austregésilo de Athayde</i>	37
Luiz Viana Filho, o político e o escritor, <i>Carlos Castello Branco</i>	39
Luiz Viana Filho, o amigo de sempre, <i>Carlos Eduardo da Rocha</i>	41
Luiz Viana Filho (um depoimento), <i>Carlos Heitor Cony</i>	55
Elegia da tarde parada (poesia), <i>Carvalho Filho</i>	57
Luiz Viana Filho, imagens e impressões do ser humano, <i>Consuelo Ponde de Sena</i> ...	59
Luiz Viana Filho e o Direito do Trabalho, <i>Editton Meireles</i>	63
Luiz Viana Filho e a educação, <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	65
Ele fez da vida uma obra de arte, <i>Edivaldo Boaventura</i>	67
Um governo superior, <i>Gabino Kmschewsky</i>	69
Luiz Viana Filho, <i>Monsenhor Gilberto Luna</i>	73
Luiz Viana Filho como realizador de obras públicas, <i>Hildérico Pinheiro de Oliveira</i>	77
O regresso de Gregório de Matos à Bahia, <i>James Amado</i>	93
Escritor e estadista, <i>Jayme de Sá Menezes</i>	97
A Luiz Viana Filho, com carinho, <i>Joaci Góes</i>	99
Luiz Viana — um homem feliz, <i>João Carlos Tourinho Dantas</i>	101
O cidadão generoso, <i>Jorge Amado</i>	103
Lembrança de Luiz Viana Filho, <i>Jorge Calmon</i>	109
Luiz Viana Filho, <i>José Fonseca Filho</i>	113
Um fidalgo baiano, <i>José Guilherme Merquior</i>	115
Luiz Viana Filho, <i>José Silveira</i>	117
O amigo fraterno, <i>Josué Montello</i>	119
O exemplo de Luiz Viana Filho, <i>Junot Silveira</i>	123
Luiz Viana Filho, <i>Jutahy Magalhães</i>	125
Luiz Viana Filho, <i>J.W. Bautista Vidal</i>	127
O mestre de ontem, amor de outioia, <i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	131
Uma preciosa amizade, <i>Leda Nascimento Pedreira</i>	133
Um adeus a Luiz Viana Filho, para a história das relações luso-brasileiras, <i>Luís Forjaz Trigueiros</i>	137

	Pag.
Doutor Luiz, <i>Luiz Henrique Dias Tavares</i>	141
Luiz Viana Filho, <i>Luiz Navarro de Brito</i>	145
Uma lição de vida, <i>Luiz Ovídio Fisher</i>	157
Entre baianos, <i>Oswaldo Peralva</i>	161
Luiz Viana Filho e a cultura, <i>Remy de Souza</i>	163
Moção, <i>Renan Baleeiro</i>	165
A Bahia entristecida, <i>Renato Simões</i>	167
Breves episódios, <i>Renato Vaz Sampaio</i>	169
Luiz Viana Filho, <i>Samuel Celestino</i>	185
Viana Filho deixará lacuna, <i>Tarcísio Holanda</i>	187
Um vulto humano excepcional, <i>Thales de Azevedo</i>	189
Luiz Viana Filho: temperamento, caráter e saber, <i>Thales de Azevedo</i>	191
Luiz Viana Filho, <i>Ulysses Guimarães</i>	193
Luiz Viana Filho, biógrafo, <i>Vamireh Chacon</i>	195

O ciclo da família

Luiz Viana Filho, um homem público, <i>Luiz Viana Neto</i>	207
A saudade de meu pai, <i>Lia Viana Queiroz</i>	211
Meu pai, Luiz Viana, <i>Marilu Viana Garcia</i>	215
Luiz Viana Filho, meu avô, <i>Luiz Viana Queiroz</i>	217
A meu avô Luiz Viana, <i>Patrícia Viana Queiroz</i>	221

Convergência para o Aclamação

Discursos em câmara-ardente no Palácio da Aclamação, Salvador, em 6 de junho de 1990.....	227
---	-----

Manifestação do Congresso Nacional

Pronunciamentos no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, sessões de 6, 8 e 9 de junho de 1990....	239
Sessão solene em homenagem à memória do ilustre homem público, em 28 de novembro de 1990.....	323

Saudade da Academia Brasileira de Letras

Sessão de saudade em homenagem a Luiz Viana Filho, em 7 de junho de 1990.....	369
---	-----

Homenagem da Academia de Letras da Bahia

Sessão conjunta da Academia de Letras da Bahia com outras entidades culturais, em 1º de agosto de 1990 Elogio a Luiz Viana Filho, <i>Edivaldo M. Boaventura</i> ...	385
---	-----

Derradeiras páginas

Centenário de Wanderley Pinho, Salvador, Reitoria da Universidade Federal da Bahia, 19 de março de 1990.....	403
A educação no Brasil, <i>A Tarde</i> , Salvador, 13 de maio de 1990.....	413
Luiz Viana, <i>Revista da Bahia</i> , Salvador, V. 32, n' 17, jun-ago., 1990 (Encarte especial).....	417

Bibliografia de Luiz Viana Filho

Renato Berbert de Castro.....	433
-------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Recebeu Luiz Viana Filho, ainda insepulto, as primeiras demonstrações de reconhecimento pela vida política e literária. Os jornais ao tempo que noticiavam a sua morte repentina publicavam artigos e depoimentos sobre a sua laboriosa existência.

E, na proporção em que saíam, ia-os recolhendo, reunindo lembranças da sua vida e da sua partida. Em face de justas interpretações da sua singular personalidade, comprometi-me, como dívida da intimidade, a congregar em volume aquelas folhas soltas.

Um primeiro livro em homenagem a quem tanto amou a leitura. Era o que me restava a fazer para preencher a sensação de perda.

Juntava o material e alternadamente solicitava aos amigos e colaboradores depoimentos sobre sua obra a um só tempo política e literária. Imaginei que o tomo ordenasse irmanadas palavras de saudade, admiração e respeito, acompanhadas dos registros nas instituições políticas e culturais.

Assim, todo este material aqui coletado se constitui de distintos conjuntos. Em primeiro plano, as palavras expressivas que integram os encontros do político com o escritor. Distinguidos sentimentos que acompanham os pronunciamentos oficiais, na câmara ardente do Palácio da Aclamação, no Senado Federal e Câmara dos Deputados, bem assim, na saudade da Academia Brasileira e no adeus da Academia de Letras da Bahia.

*O primeiro conjunto trata integralmente dos **I. Encontros da política com a cultura**. Os artigos, na sua grande maioria, objetivam a sua realização pessoal, tanto nas lides políticas como nas literárias.*

Dos artigos publicados, o amigo e companheiro Josué Montello — O amigo fraterno — historia convergentemente a bela amizade. De igual modo o confrade e conterrâneo Jorge Amado, em O cidadão generoso, evidencia a magnitude e a humanidade de Luiz Viana Filho em duas situações especiais. Ora Luiz Viana Filho desenvolveu um universo de amizade, como argamassa entre a atividade política e a vida literária. Universo de amizades que alimentava com a conversa atraente, mansa e amena, plena de sabedoria e de observações pessoais e sempre pontilhada de chamadas telefônicas.

A relevância das atitudes nos aproxima de filiais expressões que fecham o II. Ciclo da família. Palavras que recordam o belo universo familiar que Luiz Viana Filho construiu com D. Juju. A família estava sempre muito perto dele, constantemente e cotidianamente, nos momentos apropriados e nas horas aprazadas. A política, sua vocação primeira, não o separou da família. Ele sabia ter a medida das coisas, era um dos fortes do seu discernimento. Este livro não poderia deixar de receber o carinho dos filhos Lia Viana Queiroz, Luiz Viana Neto e Marilu Viana Garcia, bem assim a afeição dos netos Luiz e Patrícia Viana Queiroz.

Depois destas expressões pessoais, seguem as falas oficiais e acadêmicas.

Os pronunciamentos oficiais começaram no Palácio da Actamação. Tendo falecido na madrugada de 5 de junho, em São Paulo, o seu corpo tão logo chegou a Salvador, na manhã desse mesmo dia, seguiu direto para o Aclamação. Assim, até a manhã do dia seguinte, o povo baiano pôde exprimir a sua contrita homenagem. Era o último momento da presença física de Luiz Viana Filho no seu estado. Do Palácio em que governou a Bahia, ele presidia, calado e quedo, imóvel e silencioso, aquela cerimônia triste e solene. A dignidade o acompanhou até aquele momento supremo. A Bahia, a quem ele dedicou a sua vida política, estava ali simbolicamente presente. Poder e morte se confundiam. O dourado do salão nobre, matizado com a suavidade das cores do grande Presciliano, não conseguiu esconder o pranto. Toda a Bahia estava ao seu redor. Familiares, amigos e até adversários políticos. Absolutamente todos e todas as baías, do Recôncavo ao São Francisco, dos sertões ao litoral, se conduziram para o Aclamação, para o tributo do silêncio, da prece, do olhar, da passagem, do adeus ou da oferta de uma flor. Houve, assim, uma

III. Convergência para o Aclamação. E, após a missa de corpo presente, falaram as entidades. Primeiramente, a Academia de Letras da Bahia, associada ao Instituto Geográfico e Histórico e à Academia Brasileira de Letras, na palavra do primeiro vice-presidente, prosseguiram o PMDB, pelo Deputado Federal, Nestor Duarte Neto, o PMDB do Senado, na voz do Senador Ruy Bacelar; a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, pelo seu Diretor, professor Alberto Peçanha Martins Júnior; a liderança do Governo, representando o Presidente da República, Senador José Ignácio; o Deputado Federal Benjamin Carvalho; o Presidente do PFL, Senador Hugo Napoleão, o Senador Lourival Baptista; o professor Roberto Santos; o Senado Federal, pelo seu Presidente Nelson Carneiro; e, para encerrar, o Governador da Bahia, Nilo Coelho. Destes discursos, integram a coletânea as orações do Governador da Bahia, do diretor da Faculdade de Direito da UFBA e do vice-presidente da Academia de Letras da Bahia.

Em continuação às justas homenagens, sucedeu IV. Manifestação do Congresso Nacional, tanto no Senado Federal como na Câmara dos Deputados, conforme transcrição do Diário do Congresso Nacional. De igual modo, houve manifestação na Assembléia Legislativa da Bahia.

Duas instituições culturais que o homenagearam tiveram os seus registros consignados nesta publicação. Em primeiro lugar, V. Saudade da Academia Brasileira de Letras expressa, logo na sessão da quinta-feira, 7 de junho de 1990, por intermédio de vários acadêmicos, cuja ata está inserida. Acompanha-na o pronunciamento de Abgar Renalt.

Com os mesmos sentimentos, a Academia de Letras da Bahia elegeu o 1º de agosto para VI. Homenagem da Academia de Letras da Bahia, juntamente com outras entidades culturais — Universidade Federal da Bahia, da qual ele foi aluno e professor das Faculdades de Direito e Filosofia; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que o tinha como presidente de honra; Fundação Museu Carlos Costa Pinto, guardião de suas medalhas e condecorações; Fundação Casa Jorge Amado; Gabinete Português de Leitura; Fundação Pedro Calmon — Centro de Memória da Bahia, Participaram, também, por delegação, a Fundação Joaquim Nabuco e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Coube-me, em nome destas instituições, fazer o "Elogio a Luiz Viana Filho".

Este livro recolheu as VII. Derradeiras Páginas de Luiz Viana Filho. Constam a conferência Centenário de Wanderlei Pinho, pronunciada em 19 de março; o artigo publicado, em 13 de maio, em A Tarde, de Salvador, jornal intimamente ligado à sua vida de jornalista, intitulado A educação no Brasil; e a entrevista por ele concedida, em 18 de maio e publicada na Revista da Bahia. Estes são considerados os últimos textos de sua autoria vindos a lume. Além da biografia, Anísio Teixeira e a polêmica da educação, concluída, porém inédita.

Para esta publicação, Renato Berbert de Castro atualizou a VIII. Bibliografia de Luiz Viana Filho que encerra o presente volume.

Em suma, este livro se soma aos diversos protestos de reconhecimento pelas suas realizações, seja como político, deputado federal, ministro, governador e senador, seja como intelectual, professor, historiador, acadêmico e sobretudo biógrafo. As demonstrações de carinho e admiração da Bahia ao seu grande filho, ressaltam a grandeza deste extraordinário homem público e consagrado escritor que foi Luiz Viana Filho.

Enriquecem esta edição as manifestações de Américo Jacobina Lacombe, em ata do Sabadoyle, Edilton Meireles, Monsenhor Gilberto Luna, João Carlos Tourinho Dantas, J. W. Bautista Vidal, Luís Forjaz Trigueiros, que tão bem expressa a contribuição de Luiz Viana Filho para as relações luso-brasileiras, e Ulysses Guimarães. Estas expressões integram a parte I. Encontros da política com a cultura.

No Congresso Nacional, além do discurso do Deputado Federal Joaci Góes, o tomo incorpora os pronunciamentos dos parlamentares Aloysio Chaves, Roberto Campos, Nelson Carneiro e Luiz Viana Neto, na sessão solene de 28 de novembro de 1990. Discursos que complementam o item IV. Manifestação do Congresso Nacional.

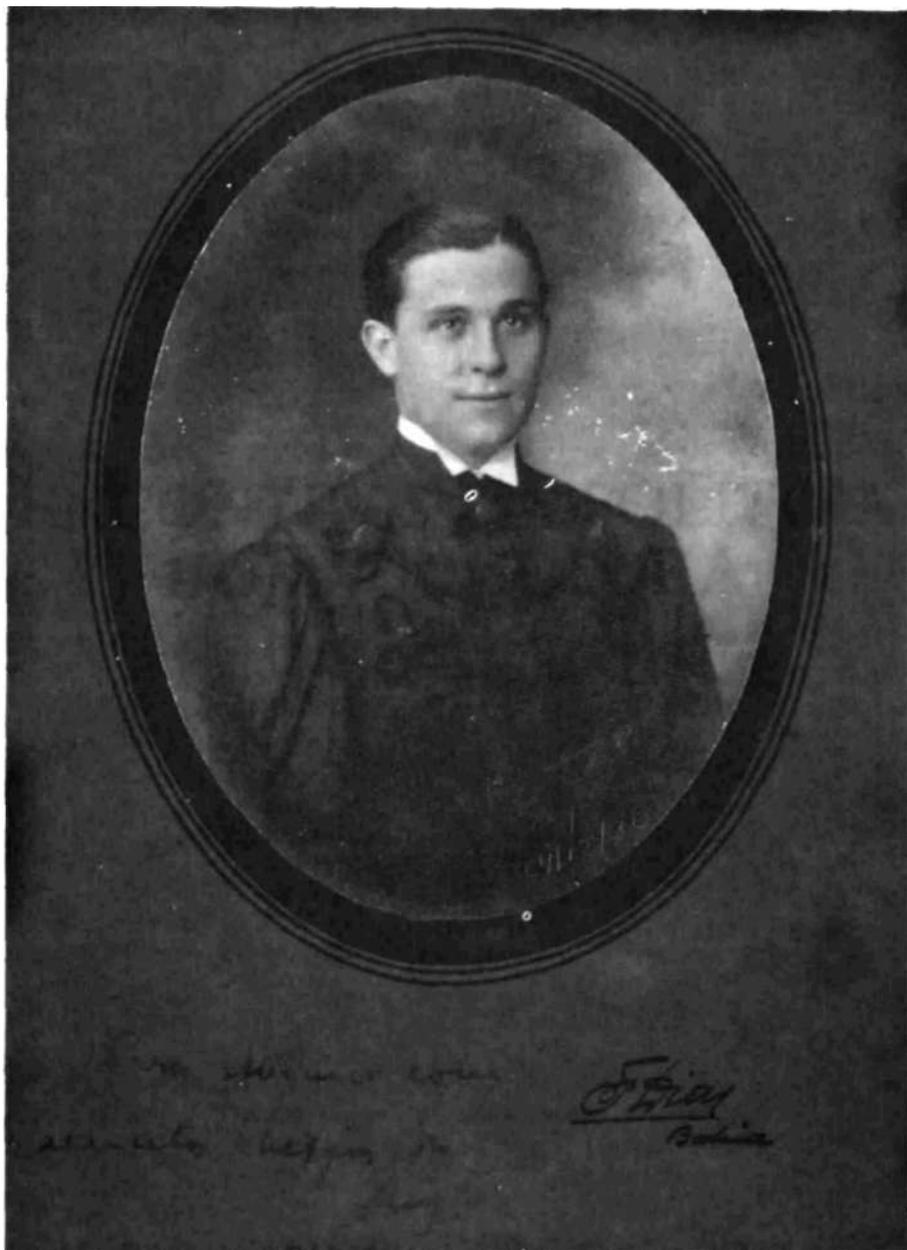
Por fim, este livro teve a colaboração da bibliotecária Thereza Carvalho, que fez o necessário tratamento bibliográfico do material recolhido, bem assim, o planejamento gráfico de Antônio Teixeira Lobo.

Salvador, outubro de 1991

Edivaldo M. Boaventura



Luiz Viana Filho acadêmica da Faculdade de Direito da Bahia



Retrato de Luiz Viana Filho na formatura de bacharel em Direito

I

ENCONTROS DA POLÍTICA COM A CULTURA

HOMENS E OBRAS

No momento em que desaparece um homem, sua memória vai depender de como serão conservadas suas obras mais importantes e valiosas.

Grandes homens são os que realizam grandes obras. O que acontece com a memória desses homens, se suas obras desaparecem? Esta é a reflexão proposta para hoje, neste espaço. Trago o exemplo de um baiano com obra apreciada em todo o Brasil, como intelectual, mas que, em sua terra, costuma ser visto apenas como político. Vamos discutir em cima desse exemplo, mas é preciso que, após a leitura desta matéria, se identifiquem outros casos. A memória da intelectualidade baiana está ficando cada vez mais pobre, justamente porque as obras realizadas por grandes baianos estão sendo esquecidas, num contexto em que só se valoriza a atuação política de cada um. É preciso dar menos espaço para a política, para que sobre espaço para a cultura.

ADINOEL MOTTA MAIA

MEMÓRIA DE UM HOMEM

Como aconteceu com Octávio Mangabeira, a morte de Luiz Viana Filho ameaça sua memória. Em breve, estarão todos se lembrando, apenas, de que foi governador do estado. Uns poucos, mais íntimos de sua obra, enquanto viverem, zelarão pelo que teve de mais importante: seu trabalho intelectual e sua atuação no campo cultural. Parece inevitável, que o intelectual, quando se deixa levar pela Política, seja lembrado apenas pelo seu desempenho nesse campo, da mesma forma como só se olha para a gota de tinta preta, quando esta cai num mar de tinta branca. Começo, portanto, a provocação de hoje, com esta proposta: a de que não se permita que a imagem do político eclipse a do escritor, pesquisador e agente cultural, em Luiz Viana Filho, só porque as melhores páginas dos jornais são dedicadas à política.

Não o conheci na intimidade. Estive em sua presença apenas duas vezes. No dia seguinte ao da minha formatura em Engenharia Civil, remeti-lhe uma carta, com uns trabalhos que tinha publicado ainda como estudante. Ele

tinha sido eleito governador do estado e mandou-me um cartão, em resposta, dizendo que me convocaria em época oportuna. Recusei convites de empresas privadas e esperei. No dia seguinte ao da sua posse, ele me telefonou do Palácio de Ondina, às 8 horas da manhã. Eu era apenas um jovem recém-formado, que ele nunca vira, sem pistolão político, que se apresentara a ele apenas por carta, ao qual ele convocou, como escrevera meses antes, para uma entrevista em Palácio. Foi a primeira vez em que o vi pessoalmente. A segunda foi no aeródromo de Itaberaba, onde ele foi para iniciar, solenemente, as obras da estrada BR-242 (trecho da BR-116 até Barreiras). Em meio à movimentação das grandes máquinas de terraplenagem, reconheceu-me e veio cumprimentar-me, tratando-me como o "missivista". Deponho, assim, em favor de sua memória, como um, homem que tinha a simplicidade dos verdadeiros intelectuais.

Não fui ao seu enterro, porque nada tinha o que fazer na presença do seu corpo, que um dia desaparecerá. Quero, no entanto, mantê-lo na memória, como um realizador cultural. Poucos dias antes de sua morte, coloquei ria estante a terceira edição, recém-lançada, do seu livro *A Vida de Machado de Assis* (José Olympio Editora). É como o maior biógrafo brasileiro que será intelectualmente mais lembrado, mas é preciso não esquecer que seu amor pelos livros extrapolava Sua performance como escritor. Pesquisador atento e cuidadoso, ele conhecia a importância da biblioteca. Por ter implantado uma biblioteca no Senado é que esta tem o seu nome, mas foi como governador da Bahia que inaugurou, em 5 de novembro de 1970, o monumental prédio dos Barris, por êle coristruído para ser a Biblioteca Central do Estado da Bahia, com 20.000 m² de área, simplesmente a maior do Brasil.

Vai depender muito de muita gente, preservar a memória mais valiosa de Luiz Viana Filho. Memória que corre o risco de ter todo o seu brilho eclipsado por uma frase única ("ex-governador da Bahia"), como aconteceu com Octávio Mangabeira, hoje conhecido apenas por essa mesma frase, que enterrou todos os seus méritos intelectuais, hoje quase totalmente esquecidos, apesar do brilho da sua atuação, em vida, desde quando se iniciou no ensino da Astronomia.

RECUPERAÇÃO DE UM ESPAÇO

Se houve, portanto, sinceridade nas palavras dos que levaram o corpo de Luiz Viana Filho ao túmulo, vamos cobrar uma prova disso. A melhor maneira de se homenagear um homem é preservar sua obra e de quantas dependeram da assinatura dele para serem feitas, o prédio dos Barris, verdadeiro Palácio do Livro, é o mais significativo e identificável com o seu caráter. Mais importante que um retrato ou mesmo um busto de bronze, ou, ainda, uma estátua magnífica em corpo inteiro no topo de sua escadaria, o que temos de exigir, em sua memória, é que aquela obra seja conservada e funcione

em sua plenitude, conforme planejada, o que valha dizer: exclusivamente como biblioteca.

Façamos um pouco de História. A Biblioteca Pública da Bahia, a mais antiga da América Latina, começou a funcionar em 4 de agosto de 1811, numa pequena dependência do Palácio Rio Branco. Vai caminhando, portanto, para completar duzentos anos. Não é por outro motivo que ainda se encontra em seu acervo primeiras edições de livros importantes, de autores como Balzac, de obras desde o século XVI. Seu crescimento levou-a para o outro lado da praça, em prédio próprio, onde ficou até 1970, quando Luiz Viana Filho transferiu-a para o prédio dos Barris, projetado com todos os requintes necessários ao melhor funcionamento de uma biblioteca moderna, não só com a aparelhagem mecânica necessária à movimentação dos livros (das estantes até o leitor) como também com a indispensável à conservação dos volumes, inclusive um sistema de ar condicionado central. A própria existência de paredes cegas nas fachadas externas têm o propósito de proteger as obras da luz solar e os jardins completam o ambiente necessário à reflexão. Se tudo, ali, estivesse funcionando conforme projetado, além de maior, a nossa Biblioteca Pública seria a melhor do Brasil.

, Luiz Viana fez mais do que construir um prédio, no entanto. Estava sendo implantado, no seu governo, o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, constituído não só pelas bibliotecas estaduais (também a Monteiro Lobato, a Anísio Teixeira e a Juracy Magalhães Júnior) como pelas municipais, apoiadas pelo estado. O sistema precisava ser coordenado por uma biblioteca central. Daí, a mudança de nome da Biblioteca Pública da Bahia para Biblioteca Central do Estado da Bahia. Hoje, o sistema tem 274 bibliotecas instaladas em toda a Bahia e está sendo coordenado pelo Departamento de Bibliotecas da Secretaria de Cultura, sendo a Biblioteca Pública da Bahia (recuperou seu antigo nome) apenas uma dessas bibliotecas.

Ê, portanto, aquela obra ali, nos Barris a que mais glorifica a memória de Luiz Viana Filho. É preservando-a como foi concebida que melhor o homenagearemos. Seu busto ou sua estátua, recebendo os visitantes, feita por um escultor conservador, seria um complemento à fachada principal, lembrando mais que o político, o intelectual. Com ou sem essa peça, no entanto, o que importa é devolver logo todo o espaço do prédio à biblioteca, para que funcione como projetado, para que os leitores possam ter maior conforto, para que os livros sejam melhor conservados, para que tudo isso não continue estrangulado e para que o próprio prédio não seja destruído.

REALIZAÇÃO DE UMA FUNÇÃO

A verdade é que o magnífico edifício foi feito em 1970 e para lá foram levados os livros e os funcionários que estavam na Praça Municipal. Era necessário que os governadores seguintes tivessem a mesma veia cultural,

para que a obra continuasse. O que se viu, no entanto, foi a crítica destruidora. Assim, ao invés de se dizer que os livros eram poucos para o grande edifício e portanto deveriam ser adquiridos mais, o que se disse foi que aquilo era um "elefante branco", com um enorme desperdício de espaço. Razão política suficiente para que lá se colocasse a então Fundação Cultural do Estado da Bahia, loteando-se os andares com o Centro de Estudo Supletivo da Bahia, uma Escola de Dança e o Espaço Xis. Invasores consentidos por administrações políticas sem visão cultural suficiente para valorizar um patrimônio do porte da Biblioteca Pública da Bahia, a mais antiga da América Latina, com estrutura para ser a melhor do Brasil e uma das melhores do mundo.

Há quem ache, no entanto, que os baianos não podem almejar tais posições. Há quem lute para que aqui tudo seja medíocre, de segunda ou terceira classe, como convém à imagem de Terceiro Mundo que querem impor a esta terra (miséria nas ruas e burrice nas cabeças). Resultado: a Fundação Cultural do Estado da Bahia, que virou Fundação das Artes (aqui se pensa que cultura é apenas arte), não tem sede própria e vive entre tabiques, num espaço improvisado, tomando todo o terceiro andar, indispensável ao funcionamento da biblioteca. O Estado doou um prédio, no Pelourinho, à Fundação Casa de Jorge Amado (tudo bem, muito justo), mas ainda não achou um meio de colocar sua Fundação das Artes em instalações próprias, no Centro Histórico ou num edifício especialmente projetado para ela em outro lugar da cidade.

Chego, assim, à principal provocação desta matéria. Quem acha que a mais antiga biblioteca pública da América Latina merece respeito e quem acha que se pode homenagear e immortalizar a imagem do intelectual Luiz Viana Filho (o maior biógrafo brasileiro), pode matar dois coelhos com uma só cajadada, restituindo (lutando para isso) o prédio dos Barris integralmente para a Biblioteca Pública, relocando seus invasores em outros prédios e canalizando recursos (que sabemos serem escassos, hoje, mas esperamos não o serem, sempre) para colocar aquele edifício funcionando como foi projetado (não consegui descobrir o nome do arquiteto que o concebeu) e a biblioteca atuando com todos os seus serviços e seções, que são muitos.

Como está, a Biblioteca Pública da Bahia não pode crescer e sofre a ameaça de, ao contrário, perder não só mais espaço como todo o seu valioso acervo, porque até a estrutura física começa a dar sinais de um processo de ruína, que, se não for imediatamente interrompido, jogará por terra uma das peças mais caras de nossa cultura. Pessoal, móveis, livros e até pilares e vigas — tudo está se acabando. Pouca coisa reposta nestes vinte anos. Se o atual governador, não é sensível a essas necessidades da inteligência baiana, temos de lutar nestas eleições, por um candidato que o seja. Um a um, todos os elementos do nosso Patrimônio Cultural têm de ser recuperados. Se não lutamos por isso, somos o quê?

A Tarde, Salvador, 17 jun. 1990. Caderno 2, p. 2.

LUIZ VIANA FILHO BIÓGRAFO DE ANÍSIO TEIXEIRA

ALBERTO VENÂNCIO FILHO

Ao leitor, mesmo atualizado, surpreenderá que se denomine Luiz Viana Filho biógrafo de Anísio Teixeira. Não é ele, apenas o autor das biografias de Rui Barbosa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco e Eça de Queiroz, nas quais retrata com fidelidade e fínura as figuras do grande jurista, do maior romancista brasileiro, do grande político e escritor, da figura ímpar da nossa política exterior e do escritor português? Como pois juntar ao grande autor de biografias a figura do educador baiano?

Mas o fato é que Luiz Viana, ao morrer, deixara pronta, ainda inédita, uma biografia de Anísio Teixeira, ou como ele gostava de dizer, um ensaio biográfico. Foi esse trabalho que afinal me permitiu conhecê-lo pessoalmente e ter um estreito convívio com o autor das biografias que lera e relera, e que constantemente voltava a compulsar, em caso de dúvidas ou de necessidade de maiores informações.

, Esse convívio permitiu conhecer não apenas o biógrafo, mas o homem, cuja personalidade encantadora a todos cativava pela simpatia, simplicidade e encanto pessoal.

O conhecimento de Luiz Viana se desdobrou simultaneamente nesses dois planos, no plano do convívio pessoal e no plano do acompanhamento do trabalho intelectual e do desvelo que dedicava à preparação dos seus estudos.

Não se pense que as biografias que escreveu surgiram da pena do biógrafo, ligeiramente e sem esforços. Ele dedicava a ela uma atenção toda especial, na busca de fontes, das informações e dos testemunhos. E dele me aproximei, pois indagando da filha de Anísio Teixeira, Baby Monteiro de Barros, sobre as pessoas que poderiam lhe fornecer elementos para o estudo em preparo, fui incluído entre essas pessoas, e logo em seguida recebi telefonema de Luiz Viana Filho para contato pessoal, primeiro de vários outros e depois muitos telefonemas, durante a preparação do estudo e até a sua morte. Seria

interessante indagar como veio esse interesse de Luiz Viana pela biografia de Anísio Teixeira.

O pai de Luiz Viana, o Conselheiro Luiz Viana, governador da Bahia até 1900, desejara fazer como sucessor o pai de Anísio, Coronel Diocleciano Teixeira, médico que servira na campanha do Paraguai e que se fixara na cidade de Caitité, no antepiano da chapada Diamantina. Entretanto, as forças políticas se voltaram para Severino Vieira, que eleito governador iria dispor-se com o seu antecessor, daí resultando perseguições ao Coronel Diocleciano.

Anísio e Luiz Viana eram quase contemporâneos, nascido aquele em 1904 e este em 1908, e fizeram parte de uma geração famosa de jovens intelectuais baianos na década dos vinte, preocupados com a renovação dos quadros políticos, muitos dos quais vindo a participar da administração do Governador Góis Calmon em 1924.

Nessa época Anísio Teixeira fazia seus estudos de Direito em Salvador, e morava na Pensão Tanner. Por intermédio de um francês que ali residia, Felix Michel Poncet, aproximou-se do grupo que freqüentava a casa do Dr. Bernadino Madureira de Pinho, ilustre jurista, político e orador, a qual também freqüentava Luiz Viana Filho. Esse convívio permaneceu por toda a vida com as interrupções dos períodos em que moraram em cidades diferentes.

Vindo para o Rio em 1931, Anísio Teixeira mantém correspondência com Luiz Viana Filho. Declara logo ao chegar que "não sei quando voltarei" e posteriormente, em outra carta, manifestava sua inquietação quanto aos rumos da Revolução de 30, dizendo que haveria "um descontentamento generalizado de gente que não sabia bem o que queria e não sabe bem o que conseguiu".

Após o período de Secretário de Educação no Rio de Janeiro (1931-1935), quando realiza obra das maiores já feitas no sistema educacional brasileiro, Anísio, passado o período de ostracismo, chegando a morar em São Paulo, radica-se novamente em Salvador, dedicando-se, entretanto, a atividades puramente comerciais. Também Luiz Viana, com o Estado Novo, perde o mandato de deputado federal, e retorna a Salvador para exercer atividades na advocacia e no magistério, é de se supor que os dois amigos tenham se reencontrado, e retomado o convívio de outros tempos.

Em 1945, Luiz Viana é eleito, com a redemocratização, deputado federal e Anísio Teixeira é nomeado em 1947 Secretário de Educação do Governo Otávio Mangabeira, a cuja corrente política se filiara, Luiz Viana é reeleito várias vezes deputado e depois chega ao Senado Federal. Anísio Teixeira é nomeado Secretário Geral da Capes em 1951 e, em 1952, Diretor-Geral do INEP, cargo que exerce até 1964, e novamente se reencontram, sendo Luiz Viana um freqüentador do gabinete do seu amigo.

Em 1956, na campanha que foi movida contra ele por setores ponderados da Igreja Católica, incluindo líderes conservadores, como D. Vicente Scherer, e líderes progressistas, como D. Helder Câmara e D. Paulo Evaristo Ams, o Deputado Fonseca e Silva, na Câmara dos Deputados, endossou essas afirmações, fazendo discurso contra Anísio Teixeira. Coube a Luiz Viana Filho fêr a resposta de Anísio, no qual refutava as alegações do acusador.

Após 1964, Luiz Viana é nomeado chefe da Casa Civil do Governo Castello Branco e Anísio Teixeira volta ao ostracismo, tendo sido mesmo indiciado em inquérito policial-militar. Mas quando do convite para realizar conferências em universidades americanas e diante da reação de órgãos de segurança para impedir a sua saída do Brasil, é Luiz Viana Filho que obtém a liberação de seu amigo para a viagem, em episódio que muito se assemelha ao relatado por Jorge Amado com relação a Glauber Rocha.

Não há informação precisa de como surgiu a idéia de Luiz Viana escrever esse trabalho, mas o certo é que Anísio Teixeira, pouco antes de sua morte, prestou serviços como consultor educacional da "Fundação Getúlio Vargas, tendo sido um dos formuladores do plano do Instituto de Estudos Superiores Avançados de Educação (IESAE) e elaborou um estudo sobre o ensino superior no Brasil, que deixou pronto antes de falecer. Esse trabalho ficou esquecido por muitos anos, mas afinal foi editado pela fundação, por iniciativa de Benedito Silva, que teve a feliz idéia de convidar Luiz Viana Filho para escrever a introdução.

A introdução é muito mais do que uma introdução, é um estudo de cinquenta e três páginas, em que traça o perfil da obra e da vida de Anísio Teixeira até 1946, deixando assim sem relato o período posterior de vinte e três anos, que corresponde a uma fase intensa de sua vida, com o exercício do cargo de Secretário de Educação e Cultura na Bahia (1947-1950), de Secretário-Geral da Capes (1951-1964), o de Diretor do INEP (1952-1964), a publicação de numerosos estudos e trabalhos sobre problemas de filosofia da educação e educação em geral.

A leitura da introdução deixa nítida a idéia de que Luiz Viana Filho se empolgara pelo tema, relera a obra e lembrou a vida do seu amigo, e sentira a necessidade de fazer-lhe senão a biografia, pelo menos o ensaio biográfico. De Anísio Teixeira já existiam trabalhos de caráter acadêmico, como os estudos de Wanda Pompeu Geribello — *Anísio Teixeira, a análise e sistematização de sua obra* e Hermano Gouveia — *Anísio Teixeira, educador singular*. Em 1978, pouco antes de falecer, seu grande amigo Hermes Lima, que já anteriormente preparara uma biografia modelar de Tobias Barreto, escrevia o livro *Anísio Teixeira — estadista da educação*, em que com rara sensibilidade e argúcia traçou o perfil do educador baiano.

Mas a vida de Anísio Teixeira é tão rica e tão variada que sobre ela várias interpretações podem ser dadas, e várias abordagens apresentadas no sentido de caracterizar-lhe a personalidade. Hermes Lima, repetindo o que

fizera com o jurista sergipano, é um ensaísta mais preocupado com os aspectos da formação cultural, o que dá conta três capítulos, de seu livro: posição religiosa, posição filosófica, posição política, embora tenha uma excelente análise sobre a imagem humana de Anísio.

Luiz Viana Filho tinha um sentido diferente da biografia, voltado muito mais para os aspectos humanos e pessoais, buscando através da correspondência, dos depoimentos e dos testemunhos, captar a verdadeira significação do biografado. Em livro intitulado *A verdade na biografia*, procura mostrar na primeira parte justamente esses aspectos novos da biografia, contrastando a biografia antiga e a biografia moderna, e filiando-se claramente à corrente que considerava os aspectos humanos os fundamentos do trabalho biográfico, inclusive procurando recriar, com intuição e imaginação, a figura do biografado.

O que mais surpreende ao se acompanhar a feitura do ensaio biográfico sobre Anísio Teixeira é o entusiasmo e a dedicação com que se jogou ao trabalho. Já octagenário, parecia um jovem pesquisador na preparação de seu primeiro livro. Nada lhe escapava ao interesse: preocupou-se logo em procurar colher os elementos da passagem de Anísio Teixeira pela Universidade de Colúmbia, onde obteve, em 1929, no Teachers College, o título de Mestre em Educação, para isso se socorrendo na colaboração da Sr^a Maria Luiza Penna Moreira, mulher do Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira. As universidades norte-americanas, por força de disposições legais e das questões que têm sido levadas aos tribunais, são extremamente rígidas no fornecimento desses elementos, e foi necessária uma declaração da viúva e de todos os filhos, junto com o certificado do advogado do inventário, declarando-os os únicos herdeiros de Anísio Teixeira, e de que estavam em plena propriedade desses direitos, è que lhe permitiam a cessão.

Ao obter documentos, cartas, recortes de jornais era interessante verificar o fio condutor que levava Luiz Viana a outras pistas. Se em qualquer desses documentos havia uma indicação, ele não descansava enquanto não tivesse a certeza de chegar a novas fontes e da leitura da correspondência sempre surgiam indagações suplementares que lhe permitissem ter o quadro completo da situação descrita.

Dos depoimentos pessoais que assisti, acompanhando pessoas que julgava poderiam fornecer-lhe informações valiosas, permito lembrar o realizado no apartamento da Avenida Atlântica com Almir de Castro, ilustre médico sanitarrista, que tendo exercido as funções de maior relevo no setor de saúde no antigo Ministério da Saúde, foi o segundo homem de Anísio Teixeira na Capes, com ele mantendo no ambiente de trabalho um convívio ininterrupto de onze anos e permanecendo até a morte de Anísio um dos seus mais fiéis amigos.

Almir de Castro alia a uma personalidade forte uma grande sensibilidade e uma grande atração para o convívio com as pessoas, respaldada por privilegiada cultura literária e humanística. As personalidades de Almir de Castro e de Anísio Teixeira eram em muitos aspectos diferentes, mas os unia uma admiração recíproca e um grande respeito mútuo. Por isso, no seu depoimento a Luiz Viana, Almir de Castro procurava ressaltar certas características da personalidade de Anísio Teixeira, nem sempre bem apreendidas, e evitava que o exame de sua personalidade se enrijecesse em estereótipos convencionais. Luiz Viana Filho indagava e retrucava, mas no fundo, a meu ver, o seu interesse era o de extrair o máximo de informações para poder contar o perfil psicológico completo do educador baiano.

Nesse convívio de vários meses, um fato ainda mais surpreendia e, porque Luiz Viana dava a entender que não pretendia que esse fosse o seu último trabalho: Interessado nas vinculações intelectuais de seu amigo, relatou que quando começou a se interessar pelos estudos biográficos, o primeiro nome em que se fixou foi o de Euclides da Cunha. Mas naquela época achava ainda o tema polêmico demais, ainda muito efervescente e se voltara, portanto, para outros autores. Mas dava a entender — e parece que esta idéia transmitiu a outras pessoas — que estava agora interessado em voltar-se para a figura do autor de *Os Sertões*.

Releva ainda assinalar que nesses contatos Luiz Viana era muito reservado em relação ao trabalho que estava fazendo. E num dia, quando pensávamos que estivesse ainda nos primeiros esboços dos capítulos, declarou com extrema naturalidade que já terminara o livro e o mandara para a casa editora.

Infelizmente, não pode ele vir a ver em forma impressa esse seu estudo biográfico sobre Anísio Teixeira. Mas pode-se estar certo que esse livro, ainda em dimensões reduzidas, não desmerecerá a categoria do grande biógrafo.

Assim, quando se precisar conhecer e aprofundar a vida e a obra de Anísio Teixeira, o livro de Luiz Viana será de consulta obrigatória e certamente se colocará no mesmo plano das grandes biografias que anteriormente escreveu.

O SABADOYLE A LUIZ VIANA FILHO

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

Há uma semana exatamente aqui estávamos reunidos alegremente no ambiente que Plínio Doyle sabe manter democraticamente.

Na reunião de hoje temos todos o coração oprimido. Falta-nos um companheiro que aqui se achava como sempre cordial, tranqüilo, interessado pela atuação de cada um.

Para mim, pessoalmente, era um colaborador de cinquenta anos de convívio. Mas nenhum de nós deixa de sentir a falta de simpatia acolhedora de Luiz Viana Filho.

Foi tão rápida a sua passagem para a verdadeira imortalidade que a sua imagem quase nos é trazida viva pela lembrança.

Para os que prosseguimos em nossa viagem terrestre, só nos resta conservar a memória da sua personalidade e guardar a lição de uma vida dedicada ao bem comum e às boas letras.

Deus o terá acolhido como prêmio de uma existência digna, honrada e profícua ao País.

Ata nº 852 do Sabadoyle, de 9 de junho de 1990.

Ass.: Américo Jacobina Lacombe, Marcílio Marques Moreira, Marcos Azambuja, Abel Pereira, Severo da Costa, Yone Rodrigues, Maria José de Queiroz, Eurico Nogueira França, Marcelo Santiago Costa, Maria Cecília Ribas Carneiro, Maria do Carmo Gaspar de Oliveira, Eliane Vasconcelos Leitão, Gilda Salem Szklo, Sylvia Paixão, Maria Consuelo Cunha Campos, Maximiliano de Carvalho Silva, Laudo de Camargo, Olímpio José Garcia Matos, Mário Luz e Plínio Doyle.

NOTA — Sabadoyle: confraria literária que se reúne aos sábados no Rio de Janeiro, em casa do bibliófilo Plínio Doyle.

O ESTADISTA LUIZ VIANA FILHO

ÂNGELO CALMON DE SÁ

A morte de Luiz Viana Filho conduz-me a algumas reflexões sobre a sua atuação na vida pública, especialmente como governador da Bahia, quando acompanhei e participei, de perto, do seu trabalho. Pude perceber, de logo, e até com certa surpresa, que o homem de cultura, o consagrado biógrafo e acadêmico era, também, um cuidadoso e competente administrador público.

A sua inicial e grande preocupação em acelerar o desenvolvimento econômico do nosso estado — o que depois se materializou em ações concretas — era o indício de que o seu governo iria constituir-se em um referencial sobre o progresso da Bahia. O Centro Industrial de Aratu, dentro desse objetivo governamental, foi uma constante prioridade na captação de investimentos, a partir do oferecimento de incentivos fiscais e de uma infra-estrutura adequada. O CIA, cujo início de implantação se deu no final do Governo Lomanto Júnior, mereceu do Governo Luiz Viana Filho toda atenção no sentido de sua consolidação, ficando demonstrado como ele considerava necessária a continuidade administrativa; sem dúvida, uma elevada concepção política, de desprendimento pessoal e de acentuado espírito público (a minha escolha como Secretário da Indústria e Comércio, eu que fora superintendente do CIA com o Governador Lomanto Júnior, já representava sua preocupação em evitar, ao máximo, qualquer descontinuidade no setor).

Durante o seu governo, muito aprendi com o Dr. Luiz. Lembro-me, por exemplo, que, à medida que o trabalho do nosso setor vinha sendo desenvolvido e obtínhamos os primeiros frutos com a chegada de investidores, ele me reclamava por que tal fato não estava sendo adequadamente divulgado. "O trabalho que nós fazemos é muito importante e precisa ser conhecido dentro e fora da Bahia; é uma satisfação que todo homem público deve dar à sociedade, informando o que está fazendo", dizia ele.

No seu governo, iniciou-se o planejamento do Pólo Petroquímico, tendo sido contratada a empresa Clan S. A. Consultores e Planejamento, que elaborou o primeiro estudo sobre essa possibilidade, denominado "O desenvol-

vimento da indústria petroquímica no Estado da Bahia". Pude acompanhar toda a luta para que o projeto da Petroquímica se tornasse uma realidade, o que se fez possível graças ao efetivo apoio do Presidente da Petrobrás, Ernesto Geisel, e à decisão do Presidente da República, Emílio Médici (tornou-se fundamental à definição desejada o entendimento manifestado pelo Presidente Geisel, de que a Bahia deveria ser um pólo da indústria petroquímica, apoiado pela Petrobrás). O Governador Luiz Viana Filho, que tanto se empenhou e lutou pelo projeto, sabia que o pólo sequer seria iniciado no seu governo, demonstrando, assim, uma preocupação em criar condições para que os governos seguintes pudessem implantá-lo; uma visão real de estadista, e uma concepção maior da realidade do administrador público, estendendo sua preocupação a um futuro mais distante.

O setor social foi objeto de uma prioridade absoluta em seu governo, tendo a educação, especialmente, ganho um impulso acentuado; com efeito, ao final do governo, a área da educação apresentava um saldo apreciável. O número de matrículas obteve ganhos expressivos em todos os graus de ensino; no curso primário, houve um acréscimo de 67% (de 266.164 para 416.000); o ensino médio cresceu 150% (de 50.405 matrículas, em 1967, para 125.500, em 1971); foram construídas 1.851 salas de aula para o ensino primário e 305 para o nível médio. Criou-se o Estatuto do Magistério e o professorado foi valorizado com aperfeiçoamento técnico mais intenso e com a utilização do sistema do mérito individual para admissão e promoção. Essa ênfase na área educacional era o reflexo da importância que o homem público vivido e o educador Luiz Viana Filho dava a essa atividade, geradora de melhor qualificação profissional e, como consequência, de maior bem-estar da população. "Nada será alcançado de maneira duradoura sem um sólido suporte educacional", sentenciava ele, de modo inquestionável.

Pude observar alguns fatos, no final do seu governo, que demonstram qualidades raras em governantes e que, portanto, devem ser citados. Como se sabe, o final do Governo Luiz Viana Filho foi marcado por acentuada diminuição na arrecadação decorrente da queda dos preços de cacau, no mercado externo (à época, a receita estadual derivada da comercialização de cacau correspondia a quase 70% de toda a receita tributária direta do estado). Tendo sido nomeado Secretário da Fazenda, em maio de 1970, acompanhei as dificuldades financeiras que o governo enfrentou para prosseguir com a execução do seu programa de obras sociais; nessa conjuntura adversa, Luiz Viana Filho teve a coragem e a determinação política de desmobilizar ativos, com as ações da Petrobrás, para custear a conclusão de obras públicas nos setores da educação e da saúde. Ao lhe submeter a previsão de receita e despesa para os exercícios financeiros de 1970 e 1971, Dr. Luiz fez questão de ajustar todos os desembolsos dentro do seu tempo de governo às reais disponibilidades do Tesouro estadual, e essa programação ele cumpriu rigorosamente. Lembro-me que, pouco antes do final do governo, se esgotou uma

dotação orçamentária que representava uma reserva de contingência e que ficava à disposição dele; como havia necessidade de novos recursos nessa dotação para o atendimento à despesa inadiável em obra de cunho social, a solução por ele determinada não poderia ser outra; relocação de recursos de outra dotação menos importante. Enfim, como ele sempre repetia: "Governar é estabelecer prioridades". Com ele estava sempre presente o senso de disciplina orçamentária, baseado na regra, que ele impôs, de que o estado não deve gastar o que não arrecada; regra tão sábia quanto elementar, e cuja aplicação pelos governantes, cada vez mais é considerada indispensável pelos contribuintes.

Já eleito o seu sucessor, Dr. Luiz recomendou-me efetuar um levantamento de todas as dívidas do estado, com indicação de prazos, taxas de pagamento e outras informações, na realidade uma radiografia financeira do estado, para que eu fornecesse ao Dr. Antônio Carlos Magalhães, de modo a servir de orientação para o novo governo. Era a constatação de mais uma qualidade do verdadeiro administrador público, identificado com as responsabilidades do cargo de governador do estado e dotado de um espírito público que serve de exemplo a todos os políticos da atualidade.

ÂNGELO CALMON DE SÁ, foi secretário da Indústria e do Comércio e Secretário da Fazenda no Governo Luiz Viana Filho, e é diretor-Presidente do Banco Econômico.

A Tarde, Salvador, 2 ago. 1990. Caderno 1, p. 6.

LUIZ VIANA FILHO E MACHADO DE ASSIS

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

Luís Viana Filho se especializou em escrever biografias impregnadas de humanidade. O que ele busca, antes e acima de tudo, na sua personagem é o caráter humano. Nesta biografia minuciosa e precisa de Machado de Assis, ele procura fixar principalmente o homem na sua concretude, nas suas flutuações, na sua cotidianidade. Em doze capítulos, o biógrafo nos conduz a uma viagem pelo mundo machadiano, que Lúcia Miguel Pereira já devassara e Augusto Meyer já ousara sondar como um escafandrista.

"A realidade é o luto do mundo; o sonho é a gala", escrevera Machado, em *A Semana*, de 1893. Mas Luiz Viana ficou fiel, nestas páginas, à realidade, à realidade total, objetiva. Para ele, a história são os fatos, são os documentos. E logo nos lembra que Gondim da Fonseca mostrou que o pai de Machado só morrera em 1864, quando o escritor já chegava aos 25 anos. Luiz Viana assimilou a advertência do mestre — "Nem descuido, nem artifício: arte". E concluiu a sua biografia com a cena comovente, narrada em crônica por Euclides, da visita súbita do jovem Astrogildo Pereira ao agonizante, no chalé do Cosme. Velho, como se fosse uma síntese da longa posteridade. Foi a última visita.

O biógrafo mergulha no universo complexo de Machado, feito de ambigüidade e de uma aguda consciência da miséria moral. Vemos que o autor de *Dom Casmurro* é o mais inesgotável dos nossos temas literários. Porque trouxe para a nossa literatura, como Luiz Viana o acentua, o espírito universal. Ou a primazia do homem sobre a natureza. Esse primado psicológico, essa valorização da vida interior acompanha o destino literário de Machado de Assis desde o seu começo. E o espírito trágico iria cada vez mais dominá-lo, sobretudo depois de *Brás Cubas*.

Neste livro seguimos a viagem de um espírito inquieto e reticente, discreto e tímido, que se liberta de todas as exterioridades ou aparências para se entregar puramente ao mundo interior. O que interessa a Machado é o homem.

E esta biografia nos revela quanto o homem e a obra estão unidos em Machado de Assis. O homem e o escritor são um só. E percebemos que a parábola da sua vida é uma ascensão perene, uma espiritualização consciente, uma humanização. E houve nele uma dupla vitória — a do humanismo e do humorismo sobre o romantismo e a da ternura sobre o humorismo. Elevou-se lentamente do particular para o universal, numa espécie de aristocratização silenciosa e sutil, que mereceu o louvor de Graça Aranha. Aqui está na sua verdade a mais harmoniosa expressão do humanismo brasileiro, este destino de Machado de Assis, que Luiz Viana soube recompor objetivamente para nós, com a devoção de um discípulo. Machado e Luiz Viana se encontram nesta procura da humanidade do homem.

MONUMENTO DE UMA GRANDE VIDA

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

Nos últimos dias a ceifadeira indesejada das gentes retirou para as suas sombras nada menos de quatro personalidades estimadas pela contribuição que deram ao prestígio intelectual e político do seu tempo. Mal enxugávamos as lágrimas pela morte de Edilson Cid Vilela, o pioneiro de Brasília e cidadão do Brasil, recebemos, de maneira tão inesperada quanto dolorosa, a notícia de que Luiz Viana Filho partira também para esse "país desconhecido" que é no entanto o mais certo paradeiro do destino humano. De todos, Luiz foi o que deixou nas páginas dos nossos anais uma presença inesquecível, nos dois campos de ação em que o seu nome adquiriu o realce que o conduziu às mais ilustres posições políticas e ao título de maior biógrafo, historiador e ensaísta, além de parlamentar de excelente formação, notável pela solicitude, propriedade de linguagem e força de persuasão. Graças ao que pôde ocupar com proeminência postos de maior relevância nos três poderes da República.

Deputado, senador, ministro de Estado, Governador da Bahia, onde a sua administração profícua e renovadora marcou época no grande estado, granjeando-lhe o prestígio de vinte anos como seu representante no Senado, de que foi presidente e onde, sem dúvida, permaneceria por novo mandato, se, já idoso, não caísse no ataque final de uma saúde já preocupante desde algum tempo. Na quinta-feira passada estive na Academia Brasileira, onde todos sem exceção o admiravam e queriam. Risonho, em sua educada afabilidade, conversou com todos anunciando-lhes a próxima visita a São Paulo para exames de rotina. Essa lembrança da alegria e da juventude espiritual de Luiz fez que a notícia de sua morte nos apanhasse a todos com uma surpresa de que muito custaremos a recompor-nos.

Não há que avaliar em qual dos campos da sua atividade foi maior, se na política, se nas letras. Nessas últimas ocupa um lugar de primazia, como biógrafo das grandes personalidades políticas e literárias do Brasil, não encontrando rival pela percuciência, fidelidade aos fatos, interpretação fiel do homem e do seu tempo. Nabuco. Rui, Machado encontraram em sua

pena, uma correta iluminação do seu destino e do papel que tiveram como expoentes de nossa cultura. Luiz Viana Filho é, por si, um título de glória para o nosso País. E seu desaparecimento em hora em que sua experiência política, seu saber intelectual, a complacência e cordialidade do seu temperamento, seriam tão necessárias para o exercício de uma liderança que desde muito jovem exerceu e que hoje se imporia pela extraordinária capacidade de que foi dotado para servir fiel e nobremente ao Brasil. A perpetuidade de seu nome assegura-se na categoria superior da herança que legou às gerações.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 7 jun. 1990.

LUIZ VIANA FILHO, O POLÍTICO E O ESCRITOR

CARLOS CASTELLO BRANCO

A Bahia culta é civilizada teve na pessoa de Luiz Viana Filho uma das suas figuras mais expressivas. Aliava ao caráter firme, mas doce e transigente, os dons da inteligência servidos por uma formação exemplar. Nestas últimas décadas foi o político mais representativo do espírito baiano na sua mais elevada tradição, abrandada por uma visão humanista e por uma dose de tolerância nem sempre visível entre políticos da sua terra. Tendo uma folha de serviços completa no exercício da vida pública, é difícil dizer em que medida o político em Luiz Viana superou o escritor, o historiador e biógrafo que também muito se distinguiu. São dimensões diversas que se completavam na personalidade harmoniosa que deixou marcas entre seus contemporâneos.

Conheci-o desde a Constituinte de 1946, deputado de uma bancada rica de valores individuais, que contava com figuras como Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro, Aluísio de Carvalho e outros que atendiam ao comando de Otávio Mangabeira ou de Juraci Magalhães, conforme a vertente de que eram oriundos. Renovou seu mandato eleição após eleição com os votos da região do São Francisco e de Salvador. Em 1964, o Presidente Castello Branco, fascinado por políticos de porte intelectual, chamou-o para ministro-chefe do Gabinete Civil. De lá saiu para o governo da Bahia, posto que exerceu com elevação e eficiência, tornando-se um dos grandes ocupantes do Palácio da Aclamação, do qual terá sido talvez o último habitante.

No governo, Luiz Viana iria surpreender não pelo exercício das suas qualidades conhecidas mas pela compatibilização delas com a visão do administrador. Coube-lhe tocar para diante o projeto da implantação do pólo industrial de Aratu, cuja efetivação tanto se refletiu na modernização da economia baiana e na mudança de mentalidade na sua terra. Na capital soube dar asas ao então jovem prefeito Antônio Carlos Magalhães para o início da grande renovação que iria viabilizar o desenvolvimento de uma metrópole

imantada nas suas velhas colinas que não se abriam para os vales que iriam se tornar as grandes artérias do progresso urbano. Sobre tudo isso, o governador elevou o nível da convivência intelectual e humana da sua terra real (embora tivesse nascido em Paris). Luiz Viana no governo transmitia a idéia de uma Bahia civilizada nos seus padrões de comportamento e atualizada nas suas aspirações de crescer e afirmar-se. Ele deixou o governo em 1970 para alcançar o Senado, onde a morte o iria encontrar vinte anos depois na plenitude dos seus dons.

Do político e do administrador se falará ainda por algum tempo. Seu nome fica no panteão da Bahia e nos registros da história parlamentar do País como o de alguém que cumpriu com brilho, correção e eficiência suas diversas missões. Mais duradoura será porventura a imagem do escritor, do grande biógrafo de Rio Branco, de Rui Barbosa, de Nabuco, que inovou o gênero dando-lhe nova contextura. Para meu gosto destacaria, entre seus livros a história de Machado de Assis contada a partir das suas cartas. Nela revelou-se sutil analista e delicado entendedor de alma do velho escritor que continua sendo o padrão a que aspiram os escritores nacionais. Luiz Viana pagou o tributo à pessoa do Presidente Castello Branco, recompondo-lhe a presença na vida pública com depoimento que será sempre considerado

O Senador Luiz Viana Filho era também um dos mais antigos membros da Academia Brasileira, na qual luzia no escalão felizmente numeroso dos ilustres oitentões que secundam ali os dois magníficos noventões que a lideram, Barbosa Lima Sobrinho e Austregésilo de Athayde.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 de jun. 1990. Caderno 1, p. 2.

LUIZ VIANA FILHO, O AMIGO DE SEMPRE

CARLOS EDUARDO DA ROCHA

O PROFESSOR — Foi em 1940, precisamente quando cheguei à Bahia para cursar o segundo ano de Direito, transferido da Faculdade de Direito do Pará, que conheci Luiz Viana Filho, quando ele vencia, brilhantemente, o concurso para catedrático de Direito Internacional Privado.

Fui seu aluno no tempo em que mestres e discípulos se faziam amigos e, desde então, pude usufruir da sua amável convivência para toda a vida, convívio cercado da simpatia e cordialidade com que Luiz Viana Filho cultivava as mais sólidas amizades.

Já agora vivendo na sua saudade, recordava com os colegas da turma de 1943 as suas aulas, lembrando que, com a irreverência da nossa juventude, anotávamos quantas vezes o caro Professor repetia a expressão "quer dizer", e que nunca deixou de usá-la como um vezo, nas suas conversas tão agradáveis como uma pausa, ritmo, ou pontuação, inclusive na última conversa que tivemos por telefone, quando falávamos sobre um projeto da nossa Academia de Letras da Bahia.

Quando da fundação da Associação de Escritores da Bahia, a ABDE, o já consagrado escritor, historiador, ensaísta, biógrafo, autor de *ASabinada* e *A Vida de Ruy Barbosa*, com a sua reconhecida cordialidade, lisonjeava-me com o tratamento de confrade, dado ao jovem poeta estreante.

Compartilhando do apreço dos seus *amigos de sempre*, Aloísio de Carvalho, amigo de meu pai no Amazonas, Jayme Junqueira Ayres, Clemente Mariani, Nestor Duarte, reforçava-se a nossa amizade, apesar das diferenças de idade, e, nem por isso, deixava de crescer em afinidades puramente intelectuais, sem nada de política.

Em 1943, como funcionário do Banco do Brasil, fui designado para fiscalizar o financiamento concedido ao Dr. Luiz Viana Filho, para aplicação na Fazenda Mamão, de sua propriedade.

Com algum constrangimento da minha parte, procurei o *mutuário*, o meu caro Professor, que tomou com a maior naturalidade todas as providências

para a minha visita à fazenda do Recôncavo, que lhe era tão cara, não por ser um latifúndio, mas, como vim a saber, por ter sido a casa da sua infância, cabedal da família, herança do seu pai, o conselheiro Luiz Viana, governador da Bahia, senador da República, honrosas funções que Luiz Viana Filho também exerceu com atestações de grandeza.

Voltei muitas vezes à Fazenda Mamão, não mais para fiscalizar coisa alguma, mas em companhia do governador, como uma parada obrigatória nas idas durante mais de um ano, ao Engenho Freguesia, quando eu, diretor da Divisão de Museus do Estado da Bahia, e o governador Luiz Viana Filho, planejavamos e instalávamos o Museu do Recôncavo Wanderley Pinho.

O COLECIONADOR — Nesse período aumentava a nossa convivência e crescia nossa amizade, apesar da subordinação que lhe devia como diretor do museu, mas reforçada pelos interesses culturais, e, sobretudo, o amor pelas antiguidades que compunham nossas coleções de imaginária, louça da China, para mim, e louça brasonada, para ele.

Pude ajudá-lo na aquisição de algumas das melhores peças da sua coleção, como a Santana que ele conservava no apartamento do Rio de Janeiro, os grandes candelabros de prata baiana, a bandeja com os brasões do bispo do Maranhão, o castiçal de prata com contraste do grande prateleiro da Bahia, Manoel Eustáquio de Figueiredo, o que prova que a disputa entre os colecionadores não existia (apesar de me acusar, por gozação, de ficar para mim com a melhor parte do que aparecia no mercado).

Na verdade ele confiava na minha *expertise*, não só em seu favor, como também para os filhos, como Viana Neto, que não deixava de me ouvir.

A louça brasonada era a sua predileção, razão por que nunca a comprei senão para oferecer-lhe.

A nossa constante amizade acontecia pelo mundo afora, na Bahia, no Rio de Janeiro, na Europa, em Brasília.

Quando estive em Portugal como boiseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, soube pelos jornais da chegada a Lisboa do ministro do Brasil, o Dr. Luiz Viana Filho, e compareci ao Aeroporto de Sacavém; com algumas dificuldades e identificações, fui admitido na sala especial, onde era aguardado o ilustre visitante e surpreendi o querido amigo na sua chegada, que não escondeu a grande alegria ao ver-me, inesperadamente, referindo-se à capacidade de estarem os baianos por toda parte do mundo e onde menos se esperava.

Pedia-me o endereço em Lisboa, mas não poderíamos nos encontrar porque eu estava em contínuas deslocações, como diziam os portugueses, para as minhas pesquisas sobre o Barroco em Portugal.

AMIZADE — Não posso deixar de mencionar um dos nossos encontros no Rio de Janeiro, em que, ao me convidar para um almoço no Jôquei Clube, surpreendeu-me com outro conviva que sabia do meu agrado, a companhia do seu amigo *de sempre*, Pedro Calmon, companhia que para o provinciano, que na verdade eu era, no bom sentido da província da Bahia, foi das mais

gratificantes pelo que representava não só do prazer intelectual, mas também pela conversa quase íntima, com dois dos baianos notáveis com quem pude privar.

Como disse Josué Montello: "Estou inclinado a concluir que a amizade era nele um dom natural".

Nascera para ser amigo, com o gosto de admirar, de servir, de diluir os antagonismos excessivos.

Daí ter sido amigo de muitos. Com a faculdade de longos silêncios sem que, com esses hiatos, o sentimento da afeição se desmanchasse.

Bastava-lhe um encontro fortuito, uma palavra, um simples cartão de Natal, para que a afeição se renovasse, refluindo.

A brasa da cordialidade estava acesa sob a cinza do tempo.

Mereci muitos e os mais significativos gestos da sua cordial atenção, traduzida em afetuosas lembranças, presentes, telegramas, telefonemas de Brasília, do Rio, da Bahia, apenas para dar e receber notícias, indagar das novidades e saber de outros amigos comuns.

Certa vez, telefonou-me, para minha grande satisfação, dando-me conta da leitura de meu poema dedicado ao poeta Godofredo Filho no seu cinquentenário, afirmando ser de grande beleza e que por isso mesmo cada vez mais acreditava na minha poesia.

O ESCRITOR — Na apresentação que escreveu para o meu livro *Poema de Brasília* afirmava, para a minha maior glória de baiano honorário: "Identificou-se com a gente e com a terra, a cujas tradições de arte tem servido sem descanso, estudando-lhe os artistas e as obras admiráveis com a proficiência que fez dele criador e organizador de museus, escritor, ensaísta, cujo tema seria sempre a arte, como expressão de beleza.

Uma beleza que parece ser a sua própria razão de existir e a cuja contemplação, uma lúcida e erudita contemplação dedica todos os seus ideais, ajudando a preservar o imenso patrimônio artístico da velha capital brasileira, sempre a desvendar quanto se acumulou no correr do tempo.

Graças ao trabalho dos nossos artistas, construtores de igrejas, pintores, entalhadores, santeiros e prateiros, todos eles tocados pela harmonia que é a própria luz da Bahia.

Mas os artistas não têm pátria. Esta, eles a encontram e sentem, onde os seus olhos vêem o belo, que lhes fala a alma.

Assim Carlos Eduardo da Rocha, tão longamente embevecido pelo barroco do século XVIII, apaixonar-se-ia pela beleza tão nova, tão pura e tão diversa de Brasília, na qual encontrou inspiração para compor um poema tão moderno quanto a cidade sobre a qual derrama os versos do poeta que ele também é.

A crítica pertence aos críticos. E estes é que dirão das virtuosidades do poema, da perfeição, da técnica poética, ou da excelência do estilista; nada impede, porém, que os simples leitores, aqueles que são incapazes de

dizerem das razões dos seus aplausos, proclamem o encanto com que sentiram esses versos tão cheios da riqueza da imaginação de um poeta para o qual a arte fica acima do tempo, podendo viver na velha Bahia, ou na novíssima Brasília, mas sempre como fonte de inspiração para aqueles, para os quais, como Carlos Eduardo da Rocha, nada existe fora do Belo."

Como não poderia deixar de ser, esta apresentação de Luiz Viana Filho valorizou sobremodo o meu modesto livro, de poeta da província que assim pôde aparecer na Capital Federal não por estar apadrinhado pelo senador da República, mas pelo elogio do "Príncipe dos biógrafos brasileiros", como lhe chamou com incontestável autoridade Alceu Amoroso Lima.

O GOVERNADOR — Quando tive a honra de servir ao seu governo como diretor do Museu do Estado e depois diretor da Divisão de Museus do Estado da Bahia, apesar da consciência da subordinação que lhe devia, o respeito à sua orientação e determinações, justamente por saber da sua grande capacidade de tolerância fui capaz de discordar não só do amigo, mas também do governador Luiz Viana Filho em matéria da minha especialização

Na ocasião em que participava de audiência com o secretário da Educação e Cultura, Dr. Luiz Navarro de Brito, seu colaborador dos mais prestigiados desde o ministério da Casa Civil do Presidente Castello Branco, ao discutir o desdobramento do Museu do Estado com a criação do Museu de Arte da Bahia, não tinha o apoio do Sr. Secretário que considerava uma divisão que não se enquadrava na sua reforma administrativa já em plena vigência.

O governador que ouvia os meus argumentos em defesa do projeto, com seu modo tão pessoal de ouvir, com a mão no queixo como fazia nas conversas de todos os tempos, sentindo a minha exaltação e até mesmo a irritação do secretário, com a sabedoria salomônica, que não queria aplicar, apenas suspendeu a audiência para adiar a decisão. Como eu esperava, a minha argumentação de ordem puramente cultural e artística lhe tocou de modo convincente, levando-o a decidir pelos meus propósitos.

Ao recordar com o romancista Wilson Lins, nosso amigo comum, o gesto de Luiz Viana Filho ao ouvir as conversas amigáveis, poderia ser, repito, também a maneira de segurar o queixo ou não ficar de boca aberta diante de certos interlocutores nossos conhecidos.

Para Wilson Lins, epigramista inveterado, minha observação era um achado, sabendo que não passava mesmo de uma pilhéria sem importância e até mesmo impertinente diante da constante simpatia de Luiz Viana Filho, o mais tolerante e cordial ouvinte.

Uma grande sensibilidade em relação aos interesses dos amigos, às ambições e até mesmo às idiosincrasias fazia de Luiz Viana um cuidadoso e atento observador do temperamento de cada um de nós que compartilhávamos de sua amizade.

Para mim, não faltavam os estímulos para a criação literária, as informações valiosas, lembranças e doações de documentos e livros especializados que me trazia quando das suas viagens.

Guardo com o maior apreço os números de *Connaissance des Arts* e os *Guide de Ventes Publiques de France*, os catálogos da Sotheby's, onde fui encontrar reproduções de peças equivalentes da minha modesta coleção de louça da China.

Deu-me de presente com muita satisfação o magnífico exemplar de *A Porcelana da Companhia das Índias nas Coleções Particulares Brasileiras*, exatamente porque trazia reproduzida a minha peça de *blanc de China*, uma taça de libação que tinha pertencido à fabulosa coleção de Afrânio de Melo Franco.

Quando da inauguração do Museu de Arte da Bahia, em que tanto se empenhava o governador Luiz Viana, escrevi o *Guia e Catálogo do Museu*, tarefa que resultou num belo álbum com reproduções a cores, classificação do acervo, fichas em três línguas, que agradou especialmente ao escritor Luiz Viana ao ponto de me telefonar dando-me os parabéns por minha obra.

Mas como notasse que eu não correspondia ao seu entusiasmo, indagava o que estava acontecendo; e eu lhe disse que não compreendia a edição de um livro sem o nome do autor na capa ou no rosto, mas apenas em nota explicativa do diretor da Empresa Gráfica da Bahia que dizia "o texto é da autoria do diretor do museu, o Sr. Carlos Eduardo da Rocha"

O Governador nada disse no momento, mas para minha grande satisfação recebi, a primeira remessa do *Guia*, com um verdadeiro encarte de página dupla, onde o nome do autor aparecia com um deátaque nunca visto e quase em letras garrafais.

O caro amigo Luiz Viana tinha, mais uma vez, tomado as providências, e, no caso, muito enérgicas, exagerando até para a alegria do seu valioso colaborador.

O governo Luiz Viana Filho, além das medidas de caráter econômico-social e político de tanta repercussão, caracterizou-se por muitas e grandiosas realizações no campo da Educação e da Cultura, tais como a criação da Biblioteca Central, não só com a construção do grande edifício dos Barris, como também pela estrutura e organização dos serviços dos mais adiantados na biblioteconomia.

O secretário da Educação, professor Edivaldo Boaventura, empolgado pelo projeto e com os melhores propósitos, decidiu incorporar à Biblioteca Central a Biblioteca do Museu do Estado, a única especializada em arte e que estava sob a sua administração.

Com tal decisão não poderia concordar a direção do Museu, criando-se mais uma vez um impasse entre o diretor, um subordinado, e a Secretaria da Educação.

Aleguei perante o governador Luiz Viana motivos de ordem puramente cultural de que a Biblioteca do Museu era instrumento indispensável para os estudos de Museologia, e que vinha prestando à comunidade os mesmos serviços que prestaria na Biblioteca Central, não se justificando, assim, a transferência. O governador com a sua autoridade encerrou a discussão, não permitindo a incorporação pleiteada.

Na verdade, o Museu estava entre os seus propósitos mais caros, em que ele se empenhava pessoalmente, não só na remodelação do Palacete Góes Calmoh, mas na valorização do acervo, principalmente a criação projetada das salas dedicadas aos últimos grandes mestres da Escola Baiana de Pintura.

Para a sala Manoel Lopes Rodrigues, além de determinar a transferência de quadros existentes nos Palácios da Aclamação e Rio Branco e em outras repartições do estado e com seu prestígio, por intermédio de um dos seus amigos de sempre, Clemente Mariani, recebeu como doação do Banco da Bahia recursos para a aquisição do quadro L'Adieu, pintado em Paris, considerado a obra-prima do grande pintor baiano.

Do mesmo modo, na sala Presciliano Silva, reuniu as memores obras do mestre da Escola de Belas Artes, reconhecido como o mais importante dos artistas baianos na primeira metade do século XX. Ainda por ação pessoal, o governador Luiz Viana Filho traz de volta para a Bahia uma das mais belas telas de Presciliano Silva, a "Capela do Santíssimo Sacramento da Sé", doação do seu amigo Cândido Guinle de Paula Machado.

A maior tela realizada por Presciliano, um verdadeiro painel, é, o "Interior da Igreja de São Francisco", de propriedade do Banco do Brasil, encomenda do Presidente João Marques dos Reis para decorar o seu gabinete no Rio de Janeiro e que alcançou o preço mais alto obtido pelo pintor, quatrocentos contos de réis, e que permaneceu no Rio por quase 30 anos.

Por ocasião da inauguração do edifício da Agência de Salvador, a grande tela voltou para Bahia, mas para continuar confinada aos gabinetes, dessa vez o do gerente da agência local.

Na minha função de advogado do Banco do Brasil como assessor do gerente, compartilhava da beleza impactuante do belíssimo quadro e lamentava que a ele o povo não tivesse acesso.

Sugeri ao governador Luiz Viana que usasse o seu prestígio para obter do presidente do banco, como uma preciosa doação para o Museu de Arte da Bahia, prestes a ser inaugurado.

Mais uma vez o governador Luiz Viana Filho empenhava-se pessoalmente junto ao presidente Jost e obtinha não como doação, porque o Banco do Brasil não podia dispor do seu patrimônio gratuitamente, mas em forma de depósito no Museu de Artes da Bahia, para ser compartilhado com o povo.

No seu governo, instalou-se o Conselho Estadual de Cultura e estou certo que, dada a importância do órgão, a qualificação intelectual dos seus membros e o pequeno número dos componentes, 12 apenas, pode-se imaginar quanta pressão o governador deve ter sofrido para nomear os conselheiros.

E eu fui um deles, merecia mais uma vez a confiança de Luiz Viana Filho, e estou certo que era uma compensação pelo dedicado trabalho que eu vinha exercendo como seu colaborador no campo da cultura.

A criação do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, no Engenho Freguesia, foi um dos projetos mais caros ao governador Luiz Viana Filho, e que era uma prova evidente da sensibilidade do escritor, historiador e ensaísta, valorizando uma das mais antigas casas do Brasil, jóia da arquitetura colonial, o último exemplar de capela e casa conjugadas.

O fabuloso Engenho Freguesia que inspirou a Wanderley Pinho escrever uma obra prima da historiografia nacional que é *História de um Engenho do Recôncavo: 1522-1944*, empolgava o então governador da Bahia, levando-o em boa hora a transformá-lo num museu.

Um raro museu, o primeiro museu do campo no Brasil, destinado não só a apresentar o que de mais relevante se pôde recolher da história econômica, social, política e religiosa do Recôncavo baiano, uma das mais importantes regiões do País, de presença marcante na formação da nacionalidade brasileira e das lutas da Independência na Bahia

O Museu do Recôncavo foi planejado a partir das notas deixadas por Wanderley Pinho, das sugestões feitas pelo governador Luiz Viana Filho para a criação da sala da Independência e da colaboração do professor Pedro Calmon, seguindo-se a preocupação de valorizar o material museológico mais significativo da História do País. É sabido que, com as Capitânicas Hereditárias, começou definitivamente a ocupação humana no Brasil e com ela começou também o cultivo da cana-de-açúcar e a fabricação do produto mais importante da economia colonial durante mais de dois séculos.

Em 1545, já existiam na Bahia 36 engenhos, quase todos localizados no Recôncavo, e como acentua Manoel Diégues Júnior: "A tarefa da fixação do homem associa as suas raízes com a dos canaviais.

A cana-de-açúcar tornou-se a base da ocupação litorânea: a Casa Grande do Engenho, o seu símbolo".

Assim, as coleções e exposições respectivas do Museu do Recôncavo, instalado no antigo Engenho da Freguesia, estão divididas e separadas em dois grupos a saber: aquele relacionado com a economia, montado no telheiro e outro que se refere à vida, formação e desenvolvimento da sociedade regional, distribuído nos três andares do sobrado e da capela conjugada.

Na montagem das exposições, a participação pessoal do governador Luiz Viana Filho foi intensa, numa demonstração do seu bom gosto facilitado com o trato das coisas antigas e das obras de artes.

Dentro da cronologia dos séculos XVII, XVIII e XIX, as coleções foram montadas em salas com denominações de acordo com o material e alusivas às épocas evocadas.

Assim é que, no andar intermediário, encontra-se a Sala das Armas, que guarda uma pequena coleção de armaria onde se vê a peça de maior interesse, uma armadura do século XVII, de ferro, composta de três peças, (peitoral, costaneira e gola) da coleção que pertenceu ao Visconde de Itaparica, General Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, herói da Guerra do Paraguai, nas paredes cruzados floretes do século XVII e arcabuzes e pistolas.

Nesse andar ainda se encontram as salas dedicadas a Frei Vicente do Salvador, numa evocação ao primeiro brasileiro autor de uma história do Brasil, a Frans Post, o pintor da Corte de Maurício de Nassau, que documentou o ataque a um engenho, provavelmente o Engenho Freguesia.

A importante participação do grupo negro na economia através da exploração do braço escravo, a sua contribuição para a formação da sociedade, a miscigenação, as relações entre brancos e pretos estão bem representados nas várias salas dedicadas à contribuição do negro na civilização do Recôncavo.

A montagem do Museu prossegue no primeiro pavimento com a Sala Conde de Passe, uma justa homenagem dos organizadores a Antônio Bernardino da Rocha Pita e Argolo, o senhor do engenho que em 1854 restaurou-lhe as finanças e o sobrado.

O salão nobre da casa-grande ostenta no teto, pintado, o brasão de armas do Conde de Passe, "como insígnia de antigüidade, tradição e nobreza".

Em duas grandes vitrinas estão expostas louças brasonadas de titulares da Bahia, ligadas à região do Recôncavo, selecionadas pelo governador Luiz Viana Filho, destacando-se as do barão de Paraguaçu, Salvador Moniz Barreto de Aragão, barão de Moniz de Aragão, do barão de Itapororocas, José Joaquim Moniz Barreto, figura saliente nas lutas da Independência, membro da Junta Governativa da Bahia, do barão de Camaçari, Antônio Calmon de Araújo e outros.

Na segunda vitrine estão reunidos objetos de uso e dos serviços do Conde de Passe: louça brasonada dos serviços de café e chá com o emblema imperial mandados fazer por ocasião da visita de D. Pedro II à Bahia, com destaque especial o serviço de chá ao gosto chinês, tendo ao centro das peças o Brasão do Conde de Passe, a coroa do Barão, com decoração de tintas de esmalte com flores, figuras de personagens chinesas, e símbolos da escrita da China.

A antiga sala de jantar do Sobrado da Freguesia é denominada Sala da Independência para documentar no Museu a participação da região do Recôncavo nas lutas da Independência e cultivar a memória dos seus heróis.

Na parede à direita no alto, a inscrição em letras de bronze: "Dez de fevereiro do ano de 1821 a dois de julho de 1823", marca precisamente a duração da luta travada com tropas portuguesas nos Campos de Passe, Cabrito, Pirajá até a vitória com a entrada do Exército Libertador na "Infeliz" Cidade

da Bahia, como aparece nos documentos oficiais, durante o assédio. Na parede do fundo, entre as janelas, uma lápide comemorativa, com a inscrição em tetras com caracteres do século XIX, onde constam os nomes dos membros da Junta Governativa da Bahia, que se reunia na Vila de Cachoeira. Outra sala de muita importância no Museu da Freguesia é a denominada Sala Barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley, genro do Conde de Passe, morador do sobrado, herdeiro e senhor do engenho do século XIX.

A peça principal da sala é o retrato de corpo inteiro do Barão, figura bem definida do intelectual, do parlamentar, do estadista, retratado com muita dignidade.

Com a finalidade de destacar a participação da Bahia na Guerra do Paraguai, o Museu do Recôncavo dedicou uma sala especial a esse glorioso e sofrido episódio da nossa História, reunindo retratos, uniformes e armas que possam evocar a campanha que tanto custou ao Brasil; segundo Oliveira Viana, além do sacrifício de cinquenta mil homens, a Guerra do Paraguai custou um bilhão e meio de francos. Como ensina Pedro Calmon, somente a Bahia enviou para o campo de luta 18 mil homens, sendo a província que mais contribuiu em número de homens.

Completa a montagem do Museu nesse pavimento a Sala Ferreira Bandeira, destacada família da região do Recôncavo, foram titulados do Império, merecendo destaque especial Pedro Ferreira de Viana Bandeira, Barão dos Fiais, título tornado sem efeito, substituído pelo de Visconde Ferreira Bandeira. A sala está bem marcada com a presença feminina de duas grandes damas do Segundo Império, baianas do Recôncavo, a 3ª Baronesa de S. Francisco, Dona Maria José Moniz Viana de Aragão Bulcão e a Condessa de Barrai, personagem destacada da sociedade brasileira do Segundo Império.

Na parte mais alta do sobrado, verdadeiro mirante que permite uma vista ampla do mar e dos campos, fica a Sala Marquês de Abrantes, mobiliada com as cadeiras mais cômodas e confortáveis, as cadeiras de balanço e outras mais simples em torno da graciosa mesa redonda, formando um agradável ambiente de sala de leitura e futura biblioteca do Museu. Nas paredes retratos de várias gerações da família Calmon, que marcaram a vida baiana com suas presenças de políticos, estadistas, parlamentares e educadores.

No corredor da saída, um relógio Pêndula do século XVII, que veio da Quinta dos Padres e o retrato do Padre Antônio Vieira e a presença dos Jesuítas no Recôncavo desde o primeiro século.

Ao fazer a descrição do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, que seria perfeitamente dispensável nesta evocação do meu amigo de sempre Luiz Viana Filho, o faço precisamente para recordar melhor ainda a sua atuação na realização daquele tão importante acontecimento cultural, que tão bem soube inspirar, planejar e inaugurar com tanto requinte.

Em 1989, decorridos quase vinte anos da criação do Museu do Recôncavo, escrevi um poema com um longo e estranho título de *História e Estórias*,

Mentiras e Fantasias do Engenho Freguesia e me ocorreu que a dedicatória também deveria ser longa e no estilo grandiloqüente e que foi feita nos seguintes termos: "Oferecido ao Excelentíssimo Senhor Doutor Luiz Viana Filho, governador da Bahia e ao criador do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, no Engenho Freguesia".

O longo poema foi também escrito *In Memoriam* de Gilberto Freyre, o inventor do Fantasma, de Wanderley Pinho, o último habitante do solar, e de Ana Roiz, ã condenada.

O governador Luiz Viana Filho, ao ler o poema que lhe era oferecido, gostou tanto que mandou editá-lo em Brasília, de onde acompanhou a impressão, influenciou na escolha da capa, e, por telefone de Brasília? procurou "retificar a legenda do fantasma da Freguesia" que não era apenas invenção de Gilberto Freyre, mas, segundo depoimento de Wanderley Pinho, o fantasma existira e dera muito trabalho e sustos nos moradores do sobrado.

E para que se leve a sério os poetas nesses dias de hoje, e para documentar, vou transcrever alguns trechos do poema a começar pela epígrafe, que lhe dá muito respeito: "... tem uma formosa Igreja de Nossa Senhora da Piedade, que é Freguesia deste limite; a qual fazenda tem tanto aparato vista do mar que parece uma vila" (Gabriel Soares de Souza).

No primeiro canto, o poema assinala a antigüidade:

*O Engenho Freguesia
vem do século XVI
e está assinalado
nas cartas da geografia
e nos antigos mapas
do roteiro de todos os sinais
conhecimento de Baixios
que tem na Costa do Brasil.*

*Nas cartas narrativas
da guerra e pirataria
dos Batavos na Bahia
está escrito também
que o Engenho Freguesia
foi incendiado
saqueado e atacado.*

*O fundador do Engenho
Sebastião Faria
era filho do Sesmeiro
Sebastião Alvares
com atestações de grandeza
e muitas liberalidades.*

*Casado Sebastião Faria
com a bela Beatriz
filha de Heitor Antunes
pessoa principal
Cavaleiro da Casa dei Rei
mas cristão-novo
casado com Ana Roiz
também ela cristã-nova.*

*Com tal casamento
atraíam para a família
e as suas terras
as poderosas forças
da Santa Inquisição.*

*Pois a sogra Ana Roiz
estava destinada a ser
Mártir do Santo Ofício
condenada que foi
a ser queimada
em auto-de-fé em Lisboa
por crimes de judaísmo.*

*Sentença que foi cumprida
só depois da sua morte
pois em efígie foi queimada.*

*E de acordo com a Sentença
viera a ser pregado
na porta principal
da Igreja de Matoim
o retrato da condenada
já falecida no Reino*

O segundo canto é uma dramática evocação do tempo:

*Ora a fumegar
o brio gerador
de fortunas.*

*Ora a arruinar-se
triste nos silêncios
do fogo morto.*

*E ainda é
uma triste queixa*

*de tantas épocas
E olvidos e solidão
É o que diz o passado
na voz comovida
do último habitante
do Sobrado
José Wanderley
nobre descendente
do Conde de Passe
e do Barão de Cotegipe
João Maurício Wanderley
morador do Sobrado
herdeiro e senhor
do Engenho Freguesia
no final do Império
e no despontar da República.*

Na inauguração do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, o governador Luiz Viana Filho deu uma festa no verdadeiro sentido como se revivesse a tradição no estilo do Conde de Passe, que na primeira festa que deu em 1854, "convidou para a sua casa muitos familiares e pessoas da sua amizade residentes na Capital, e por meio de anúncios nos jornais estendeu o convite a todos os que quisessem assistir a festa no arraial, assim como acompanhar a imagem que tinha de partir da cidade em um dos seus barcos na véspera da festividade".

Com tal quantidade de hóspedes, convidados e moradores do Sobrado, podemos calcular o movimento da grande cozinha, uma das melhores e mais belas dependências da Casa Grande.

Na descrição de Wanderley Pinho, as chaminés aparecem ao alto avançando como um dossel, oito largos funis de alvenaria, terminados em curtas chaminés faziam a tiragem dos excessivos fumos e calores de tantas fogueiras alimentadas por lenhas fartas muito ali à mão depositadas em baixo das arcadas. Roldanas e correntes facilitavam a remoção dos caldeirões e grandes panelas nos dias de banquetes preparando as refeições e até podemos imaginar, com água na boca, os grandes assados de carneiro, os lombos, perus e leitões recheados com farofa de manteiga, os molhos de ferrugem, os frangos com pirão de leite, as galinhas de molho pardo, que até hoje fazem as delícias dos baianos afortunados ou não, e ainda um dos regalos da mesa dos senhores do Engenho Freguesia, as curimãs e robalos fígados na hora de comer, nos dois grandes viveiros de peixe.

Na cozinha da casa-grande, os trabalhos continuavam na azáfama das mucamas cozinheiras de forno e fogão, doceiras que na profusão da matéria do engenho, repetiam as receitas dos doces e bolos trazidas de Portugal e

acrescentavam as preciosidades locais das cocadas moles e puxas, os beijus, as pubas e os mingaus de tapioca.

No dia da inauguração, numa ensolarada manhã no fundo da Bafa de Todos os Santos, na presença de centenas de convidados, o Engenho Freguesia como que ressuscitava ora a fumerar o brio gerador de fortunas.

Não faltou nem mesmo um canavial transplantado que ondulava ao sopro da brisa refrescante que vinha do mar.

Uma pequena locomotiva, peça do Museu, circulava nos trilhos de apenas 500 metros, apitava continuamente, acompanhada pelas bandas de música. O sino da capela bimbilhava alegremente e o estouro dos foguetes que não poderiam faltar numa festa baiana, para maior alegria do povo.

As varandas do Sobrado ostentavam bandeiras históricas que emprestavam colorido e solenidade ao acontecimento.

O CONVIVA — Aos domingos, o meu apartamento da Vitória, com vista para a Baía de Todos os Santos, uma paisagem única com o grande mar parado, ilhas verde jantes, colinas formosas e praias encantadas, é-o ponto de encontro dos meus amigos para as longas conversas, bebidas de libações e muita cordialidade.

Os companheiros da Academia de Letras da Bahia, amigos outros e parentes e visitantes se concentravam não em torno do dono da casa, mas em volta de um conviva especial, o mais freqüente, que mesmo quando não estava na Bahia, se fazia presente por telefone. Centro das atenções de todos não por ser o escritor famoso, nem pelos poderes do senador da República, mas pelo que representava de amizade para muitos de nós, seus discípulos, colaboradores e admiradores fiéis, Luiz Viana Filho prendia as atenções pela boa conversa, pela memória rica e prodigiosa, pela verve e, sobretudo, também pela capacidade de ouvir.

O conviva perfeito, durante muitos anos na presença dominical, estimulava as atividades intelectuais, agradava os amigos, promovia conquistas, honrarias e afirmava a sua sabedoria política, com bons e sábios conselhos.

Quando foi publicada a minha *Bibliografia*, utilizou-a como *Curriculum* para a Academia Brasileira de Letras na concessão da Medalha Machado de Assis a mim conferida atendendo a proposta de sua autoria.

E como não tivesse eu na oportunidade condições de viajar para o Rio, o "amigo de sempre" prontificou-se a ser portador da grande honraria, para me ser entregue pelo presidente da Academia de Letras da Bahia.

Mas para minha maior alegria em nosso encontro dominical, na presença dos amigos e sob aplausos, Luiz Viana Filho me impôs a condecoração, atando-me a fita ao pescoço, com muita satisfação.

E diversas ocasiões, fui alvo das suas atenções e prodigalidades constantes, quando nos governos de Waldir Pires e Nilo Coelho recomendava-me para o Conselho Estadual de Cultura, no que foi atendido.

No governo do presidente Sarney, quando ainda recebia as maiores atenções, revelou-me que tinha sugerido ao presidente, para melhor relacionamento com o mundo da cultura, estender aos artistas e intelectuais, as honrarias da Ordem de Rio Branco.

E para a minha grande alegria, surpreendeu-me dizendo: "propus o seu nome".

Quando fui a Brasília receber a condecoração na imponente solenidade nos salões do Itamarati, vi-me na companhia de tantos e importantes agraciados: ministros de Estado, o cardeal Vilela, atores famosos e artistas consagrados.

O meu amigo Luiz Viana Filho não estava em Brasília, mas por sua recomendação, o pessoal do seu gabinete cumulou-me de atenções, inclusive preparando-me audiência com o ministro-chefe do Gabinete do Presidente da República, para meus agradecimentos.

Com tantas provas de amizade, contínuas atenções ao longo de meio século, só tenho que agradecer a Deus o benefício da Sua bondade, enriquecendo a minha vida com um tão grande amigo, Luiz Viana Filho.

LUIZ VIANA FILHO

(Um Depoimento)

CARLOS HEITOR CONY

Não tive maiores intimidades com ele. Daí, talvez, a impressão pessoal que dele me ficou. Já era nome nacional em vários sentidos e em vários campos. Acadêmico, biógrafo famoso de Rui, Rio Branco e Machado, sempre me distinguia com seu cumprimento, seu sorriso, sua cordialidade. Houve um tempo em que era meu leitor, pois sempre se referia às minhas crônicas de forma simpática. Nas poucas ocasiões em que estivemos juntos, ele era o primeiro a vir falar comigo. Na sua biografia de Castello Branco tratou-me com isenção, embora estivéssemos em posições antagônicas. E foi ele próprio que me chamou a atenção para o detalhe do primeiro governo autoritário no qual me incluiu, tomando o óbvio partido do Presidente da República, mas sem fazer carga contra mim.

Assim sendo, nossas relações eram amistosas. Até que, por motivos profissionais, fui obrigado a escrever a última parte das memórias de Juscelino Kubitschek, justamente aquele período em que o ex-presidente foi duramente castigado e reprimido pelos governos militares pós-64. Os arquivos de JK que consultei eram severos para com Luiz Viana Filho, então na chefia da Casa Civil do general Castelo Branco. Sobral Pinto escreveu uma carta — uma de suas mais famosas e veementes missivas — ao presidente-general e coube a Luiz Viana Filho responder ao jurista. Foi uma resposta dura, a meu ver injusta — e a História veio provar isso: que a resposta a Sobral Pinto era, além de dura, injusta. Evidente que, assim como Luiz Viana Filho tomara a defesa do governo ao qual servia lealmente, eu também tinha de servir lealmente à memória do ex-presidente que me designara para relatar aqueles dias de sua tumultuada vida política. Fui severo para com Luiz Viana Filho, mais do que devia talvez. O livro saiu inicialmente em capítulos, na *Manchete*, depois em volume próprio, incorporado à coleção das Memórias de JK. Meses depois, tivemos um encontro aqui no Rio. Luiz Viana Filho

veio me cumprimentar, amistosamente, com o mesmo sorriso, a mesma simpatia. Cheguei a supor que ele não havia tomado conhecimento do meu livro, mas em dado momento ele fez referência ao episódio, de leve, com o distanciamento de personagem histórico envolvido num lance menor da política. E em dois ou três encontros posteriores, sempre foi o mesmo cavalheiro, o intelectual que colocava as coisas do espírito acima das divergências miúdas do dia-a-dia.

Com a morte de Luiz Viana Filho perdemos um homem que pairou acima da paisagem habitual a que estamos acostumados. Criou, entre nós, e de magnífica forma, o gênero *biografia*. Sua autoridade intelectual constituiu um dos marcos de nosso tempo. Sua atuação política, vivenciada pela cordialidade e pelo espírito de conciliação, fez dele um dos exemplos de como a vida podia ser melhor se tivéssemos, de nossos adversários, o respeito que exigimos para nós mesmos. Pois foi assim que Luiz Viana Filho viveu e morreu: sob o imenso, o unânime respeito de toda a Nação que nele viu e louvou um de seus grandes nomes.

A Tarde, Salvador, 1º jul. 1990. Caderno 2, p: 5.

ELEGIA DA TARDE PARADA

CARVALHO FILHO

A LUIZ VIANA FILHO

*Quando o céu é espessa ponde azul
arqueada em silêncio sobre o mundo.*

*Eternidade dessa vida assim,
com o calor da luz e a flama da alegria
contidos nas mãos
e esse tumulto interior que ressoa em nós
vindo dos horizontes.*

*Ser a sombra que desce das ramadas paradas,
ocultando da morte as sementes já reveladas
à flor do chão.*

*Ser cor na claridade das tardes primitivas.
Ser luz — pôlen do céu.*

*Viver na terra o mistério das raízes profundas,
das raízes de nervos humanos nutrindo
o sonho verde das árvores em paz.*

*Viver cantando na voz das águas ignoradas,
louvando canções de espumas vesperais
para as primeiras estrelas.*

*Viver em essência na alma unânime das coisas,
com esse amor da minha sombra pelas algas.*

*Serenidade dessa vida assim,
irmã dos frutos e das almas atentas
e iluminada pelo húmus interior do coração humano
que um dia ainda há de vir a ser.*

Bahia, 1947

LUIZ VIANA FILHO, IMAGENS E IMPRESSÕES DO SER HUMANO

CONSUELO PONDE DE SENA

Ao perfil de intelectual e homem público de Luiz Viana Filho permito-me acrescentar algumas considerações sobre o relacionamento atencioso e cordial que o saudoso extinto mantinha com os amigos de variada grandeza na sua estima.

Quanto à sua modelar conduta como chefe de família, esposo, pai, avô e parente toda a Bahia tem conhecimento, constituindo-se num paradigma digno de ser imitado.

O que desejo agregar aos modelares textos divulgados na imprensa baiana e nacional, por ocasião do seu recente passamento, são impressões recolhidas por uma amiga menor, a quem o ilustre senador dispensava atenções é cumulava de delicadezas, conduta, aliás, por ele sempre adotada em relação aos que dele se acercavam.

Sobreexcedia no seu trato com os semelhantes a simplicidade própria dos espíritos elevados. A todos tratava com delicadeza e distinção, não distinguindo pobres e ricos, brancos e negros, donos do poder ou comandados, sem embargo de participar da elite brasileira e ter exercido relevantes funções na vida nacional. Simplicidade sem afetação, porque natural, espontânea, pura, digna da admiração que lhe devotavam amigos, correligionários e até mesmo adversários.

Luiz Viana Filho era um homem extremamente educado, atencioso, lha-no, solícito, generoso e sóbrio.

A primeira lembrança que a ele associo como um parlamentar, sempre disposto a atender as solicitações dos seus conterrâneos, guarda relação com um pleito de meu pai, Edístio Ponde, aprovado no concurso para professor catedrático de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da UFBA, cujos documentos necessários à sua nomeação dormiam em uma das inúmeras gavetas do Ministério da Educação. Ao pedido de meu pai, para que fosse solucio-

nado o seu problema funcional, procurou o então deputado federal pela Bahia, imediatamente diligenciar junto a quem de direito, a fim de que fosse assinado e publicado no *Diário Oficial* da União a nomeação requerida pelo seu velho companheiro dos tempos de estudante em Salvador. Graças às providências adotadas por Luiz Viana Filho, pôde o novo mestre da Neurologia tomar posse solene em julho de 1950, no salão nobre da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.

Tão reconhecido ficou o peticionário com a diligente atuação do ilustre conterrâneo que, a partir daquela data e até a derradeira vez que compareceu a uma mesa eleitoral, invariavelmente sufragou-lhe o nome para representar o nosso estado.

No decorrer dos tempos perdi a conta das vezes em que me encontrei com Luiz Viana Filho, revelando-se em todas as oportunidades o cavalheiro educado que eu havia conhecido desde menina no Colégio de D. Anfrísia.

Algumas vezes, reencontrei-o no Rio, em companhia de Pedro Calmon e Deolindo Couto, trinca inseparável de amigos fraternos.

Em Salvador, além dos contatos ocasionais durante os eventos culturais realizados em nossa cidade, tive o privilégio de privar do seu convívio, no Departamento de História da FFCH que, durante algum tempo, voltou ele a frequentar, professor fundador que era daquela instituição.

Em todas as ocasiões, era delicado e cordial, jamais lhe escapando o cuidado em indagar sobre que assunto estava eu pesquisando, revelando assim, o seu interesse pelo progresso dos que militavam no seu campo de estudo.

Em julho de 1976, quando da realização da VIII Reunião da Academia Brasileira de Neurologia, que Plínio presidiu, convidou-nos a participar do jantar que oferecia em sua residência a Deolindo e Bernardo Couto, este último acompanhado de Maria.

Muitos anos decorridos, em difícil momento da minha vida, dele recebi uma atenção da qual lhe sou eternamente reconhecida.

Certa noite, tendo ele regressado do Rio de Janeiro, telefonou-me para casa dizendo-me que havia sabido, através do prof. Deolindo, do mal de que Plínio se achava acometido. Lamentando a "ironia do destino", procurou consolar-me com palavras de encorajamento, concluindo por dizer-me: quero que saiba que estou solidário com o seu sofrimento e da sua família, além de colocar-me à sua disposição para o que necessitar deste seu velho amigo.

Pessoa alguma do nosso relacionamento, antes e durante a moléstia que tragicamente atingiu meu marido, teve para comigo semelhante atitude. Interpretei-a como um gesto de magnanimidade, de grandeza de espírito e de solidariedade, razão pela qual se agigantou a minha admiração e respeito por Luiz Viana Filho.

Contei ainda com a sua capacidade de colaboração no atendimento aos pedidos que lhe formulei para pronunciar duas conferências magnas. A primeira vez, como diretora da Casa de Ruy Barbosa, durante a presidência de

Samuel Celestino, acedeu em ser o orador da sessão solene com que se reinaugurou aquele edifício. Assim, na tarde de 5 de novembro de 1986, perante o Conselho de Cultura e demais personalidades ali reunidas, pronunciou brilhante conferência sobre "Ruy Barbosa e a Constituição de 1891", incluída na última edição da sua clássica biografia do notável jurista baiano.

Em 16 de janeiro deste ano, atendendo a meu convite, compareceu ao Arquivo Público do Estado da Bahia, a fim de participar, como figura maior do evento, da sessão solene de lançamento do selo comemorativo do centenário da instituição, tendo sido distinguido pelo representante da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que o convidou para obliterar o primeiro selo.

Por fim, tive a ventura de proporcionar-lhe o último grande encontro com a sociedade baiana ao convidá-lo para proferir a conferência na data aniversária de José Wanderley de Araújo Pinho, de quem fora amigo, irmão e cuja obra conhecia em profundidade. Momento de perfeita sintonia entre o biografado e o conferencista, na memorável tarde de 19 de março deste ano, no Salão Nobre da Reitoria da UFBA, local por ele próprio escolhido para realçar a beleza do irrepetível instante.

Estas ligeiras referências poderiam ser acrescidas com o texto de uma carta que o saudoso senador baiano enviou-me ao agradecer-me meu livro sobre o Itapicuru, não fosse elas revestidas de generosidade, o que me impede de reproduzi-la.

Todos esses motivos impeliram-me a escrever estas impressões sobre o saudoso baiano, descomprometendo-me de discorrer sobre outros aspectos da sua personalidade para envolvê-lo apenas na chama do calor afetivo.

É que, pessoalmente, antes valorizo as virtudes humanas do que admiro a mais lúcida e fértil inteligência, o mais profundo e amplo saber. Sem as primeiras, o ser humano não adquire a força, nem a dimensão somente atribuídas a uma notável personalidade.

Assim, além da erudição do escritor e parlamentar, Luiz Viana Filho, fica, em todos nós, a lembrança de sua reconhecida educação, a prudência de suas atitudes e a delicadeza de suas intenções.

Com esta emoção e com esta saudade homenageio o ilustre senador da Bahia, Luiz Viana Filho, que na imprensa baiana iniciou sua vida jornalística e durante toda a sua existência esteve a ela vinculado.

Tribuna da Bahia, Salvador, 9 jul. 1990.

LUIZ VIANA FILHO E O DIREITO DO TRABALHO

EDILTON MEIRELES

Todos sabem que o saudoso Senador Luiz Viana Filho, além de mestre e líder político, foi, também, um grande historiador, jornalista e ensaísta. Contudo, poucos têm conhecimento de que o ex-governador da Bahia, que lecionava em nossa Faculdade de Direito, também se enveredou pelo Direito do Trabalho, em época anterior à promulgação da nossa Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Em co-autoria com o Ministro Aliomar Baleeiro, o Dr. Luiz Viana Filho, já advogando no "foro da Baía", em 1932, fez publicar uma pequena, mas valiosa, monografia intitulada "O Direito dos Empregados no Comércio", editada por Almeida e Irmãos Editores (Livraria Almeida).

Em 15 capítulos, aqueles juristas dissertaram soberbamente sobre os direitos trabalhistas dos comerciários, dando "aos textos interpretação que os acomode às exigências imperiosas do tempo e do meio" (Carvalho Mendonça), conforme ressalvado em epígrafe, "por uma profissão de fé".

Com base nas disposições então vigentes do velho Código Comercial de 1850, do atual Código Civil, este de 1916, e de diversas e incipientes leis esparsas referentes ao Direito do Trabalho, especialmente os Decretos nº 21.175/32 e 24.186/32, que tratavam da criação da carteira profissional e do horário de trabalho nas casas de comércio, os autores, à luz das "várias orientações sociais... recentes", analisaram os direitos decorrentes do contrato de emprego no comércio.

Mas o que nos interessa aqui não é analisar a obra jurídica em si, mas, sim, revelar, já por aquela obra, a preocupação do jovem advogado com as questões sociais atinentes aos trabalhadores. Neste sentido, vale a pena transcrever trecho de sua introdução, onde os autores dão explicações quanto ao método utilizado e o objetivo da monografia:

"A organização das sociedades contemporâneas periclita ao ritmo disso que, em Direito, se vai chamando simplesmente de "contrato de trabalho".

em substituição à imprópria, mas consagrada "locação de serviços" —*locatio operarum*.

"Tendências a cada momento mais vultosas em prol da igualdade econômica e da coletivização dos fatores da abundância, ameaçando o equilíbrio estável do regime capitalista, cuja inteireza, no mundo, já exhibe uma vasta solução de continuidade há quase três lustros, contém na sua essência e no seu âmago a transformação desse "contrato de trabalho", a transvasar do leito do Direito Privado para espaiar-se sobre as margens do Direito Público.

"Boa ou má. a realização do alvo dessas tendências, mais ou menos fatais num futuro talvez não longínquo, será tanto mais trágica e intolerante quanto mais bruscamente se efetuar. Aí é que se torna indispensável uma política do Direito. Transigir, lucidamente, gradativamente, para não precipitar a avalanche a que se não pode contrapor barragem. Dar pelo direito, agora, pouco a pouco, o que amanhã se não poderá recusar à força. Foi uma das diretrizes que, nos capítulos finais, adotamos, mas sempre dentro do conteúdo nas normas jurídicas.

"Da grande massa de trabalhadores que exaurem cérebro, músculos e nervos, como soldado desconhecido da vitória econômica do Brasil, há talvez um milhão de empregados no comércio. Vivem dormindo tranqüilamente sobre um terreno sísmico, na esperança que cada qual deles tem de um dia vir a ser patrão. Escassa minoria o consegue, enquanto a maior parte avoluma a onda dos vencidos descontentes e inadaptados de todas as profissões. Entretanto, o Direito, interpretado segundo as necessidades do tempo — e que tempo atravessamos! —, talvez, lhes incutisse a consciência de que são uma classe, e de que, dentro dela, deve realizar as suas aspirações mais justas.

Palavras bastante significativas para a época em que foram ditas.

Delas extraímos, também, a conclusão de que o modo de fazer política pelo velho senador, ao longo de toda a sua invejosa carreira política, "dar pelo direito... o que amanhã não se poderá recusar à força", era-lhe uma característica firmada desde jovem, como bom entendedor da dialética social.

Com esta lembrança, queremos, como estudioso do Direito do Trabalho, homenagear um dos nossos primeiros juslaboralistas.

EDILTON MEIRELES 6 Juiz do Trabalho

A Tarde, Salvador, 17. nov. 1990. Caderno 1, p. 6.

LUIZ VIANA FILHO E A EDUCAÇÃO

EDIVALDO M. BOA VENTURA

Uma das maiores sensibilidades políticas do senador Luiz Viana Filho era para a educação. Coincidentemente, a sua última publicação, neste jornal, foi o artigo "A educação no Brasil", em 15 de maio, a propósito de uma entrevista do cardeal arcebispo dom Lucas Moreira Neves. De igual modo, a sua última biografia foi a de Anísio Teixeira, intitulada *Anísio Teixeira e a polêmica da educação*, ainda no prelo.

A atenção dirigida para a melhoria do ensino foi tema de inúmeros pronunciamentos, entrevistas e pareceres, dentre todos, sobressai o discurso proferido em 12 de outubro de 1975 — "O salário dos professores e a educação nacional".

Mas foi no seu governo, de 1967 a 1971, que teve oportunidade de concretizar o seu ideal pedagógico, deixando marcas indeléveis em escolas, faculdades, museus e bibliotecas. Educação e cultura, transportes, industrialização e urbanismo foram seus grandes programas. Especialmente no que concerne ao setor educação e cultura, pude acompanhar de perto o trabalho do secretário Luiz Navarro de Brito, como conselheiro de Educação, de 1967 a 1969, e, depois, como o próprio titular da pasta de 1970 a 1971. Não foi apenas uma fase conclusiva de grandes obras, comandadas por Hildérico Pinheiro de Oliveira, mas de renovado esforço em construção de escolas, de salas de aula e o que julgo sumamente importante — a implantação da Universidade de Feira de Santana, decisão do governador Luiz Viana Filho em atendimento às lideranças locais.

Doutor Luiz tinha verdadeiro entusiasmo pela educação. Uma frase sua bem resume o seu pensamento a respeito: "Educar para enriquecer em vez de pensar em enriquecer para educar". Não se limitava às considerações teóricas ou às projeções do Plano Integral de Educação e Cultura, de 1968 a 1970. Tinha principalmente um sentido muito prático dentro do seu espírito realista e, assim, acompanhava de perto a construção de escolas.

A capital baiana foi a grande beneficiada pela sua gestão, sem desprezar o interior. Salvador recebeu dele, pelo menos, 24 escolas de 1º grau. E grandes

escolas como a Henriqueta Martins Catarino, na Federação, a Presciliano Silva, em Itapajipe, Aliomar Baleeiro, em Pernambués. De igual modo, foram construídos cinco ginásios, àquela época ginásio e colégio formavam o secundário, como o Gempa, e quatro grandes colégios, como o Costa e Silva (ex-Santa Bemadete) e os três centros integrados, Conselheiro Luiz Viana, Anísio Teixeira e Luiz Tarquínio. Construções igualmente em várias cidades do interior. As principais foram dotadas de centros integrados, uma inovação do seu governo. Além destes, deixou contratados para construção, equipamento e formação de pessoal recursos para as trinta e tantas escolas polivalentes.

Na educação superior, além das três faculdades de formação de professores em Alagoinhas, Vitória da Conquista, Jequié e a Faculdade de Educação de Feira de Santana, Luiz Viana Filho quis muito implantar a Universidade Sul da Bahia, para tanto deu os primeiros passos. Esta é a origem da Fespi. Talvez a sua maior realização tenha sido a criação da Fundação Universidade de Feira de Santana, em janeiro de 1970.

Além da educação superior, a cultura mereceu especial atenção. Fundou o IPAC, construiu a Biblioteca Central do Estado da Bahia, nos Barris, exemplo para todo o País, restaurou o Palacete Góes Calmon, nele colocando o Museu de Arte da Bahia, criou o Museu Wanderley Pinho, no Engenho Freguesia, apoiou e estimulou a instalação do Museu Costa Pinto. Já nos últimos dias do governo, inaugurou o Parque Histórico Castro Alves, em Cabaceiras do Paraguaçu, abrindo as comemorações do centenário de morte do poeta. Uma obra merece menção especial: a ampliação e duplicação do estádio da Fonte Nova.

Como o Parque de Castro Alves, a Casa Afrânio Peixoto, em Lençóis, e muitas outras praças de esportes foram construídas nas capitais regionais da Bahia. Enfim, pelo planejamento, a população do município condicionava o número de salas de aulas a serem construídas.

Todos os investimentos em educação, na cultura e nos esportes teve a sua participação pessoal e entusiástica. Pela educação, abria novos caminhos para outras iniciativas importantes, como a Petroquímica, o *ferry-boat* a estrada Salvador—Brasília.

A Tarde, Salvador, 15 jun. 1990. Caderno 2, p. 2

ELE FEZ DA VIDA UMA OBRA DE ARTE

EDIVALDO M. BOA VENTURA

De uma sensação abismai de perda, ocorrida em 5 de junho de 1990, ergue-se o vulto excepcional de Luiz Viana Filho, na grandeza de suas manifestações.

O espírito acadêmico, que privilegia o convívio, tinha nele um expoente. Praticava-o com finura de trato, sem excessos e exibições, com autenticidade e constância.

A inclinação para as letras emparelhava com a vocação política, da qual era um profissional tarimbado. Não obstante a atenção dosada às duas maiores manifestações do seu espírito, as responsabilidades da política punha sempre em primeiro lugar. Era, antes de tudo, um político, na melhor e maior expressão desse vocábulo, com gosto pelas realizações de governo e atenção às reivindicações dos liderados, sem dispensar a conversação .informativa e ilustrada.

Manejando admiravelmente a língua, que defendera no Congresso, sabia concertar harmoniosamente política com literatura. As intercomunicações das duas esferas de atividades emprestavam um toque especial à sua personalidade. Essa simbiose qualificava-o como um dos derradeiros remanescentes da geração que combinou os encargos da política com os requintes da cultura.

Porém, se a curiosidade intelectual conduzia-o fatalmente para a erudição, o seu realismo político arrastava-o para a sabedoria do bom senso. Entre as duas colunas máximas de manifestação de sua personalidade, movia-se o homem culto, polido, extremamente educado, comedido nos gestos e nas palavras, atento a tudo.

Luiz Viana Filho foi um criador de universos que se comunicavam, mas que não se confundiam. Universo político, universo biográfico, entre os dois, mantinha o universo das amizades e o universo familiar.

Construiu, durante o seu governo, um universo de obras, pontilhando a Bahia de escolas e faculdades, de bibliotecas e museus, de estradas e estádios.

As suas realizações aderiram ao solo e frutificaram de tal modo que o Estado da Bahia, ao qual dedicou a sua vida de político, tem novos cenários depois da sua administração.

Construiu, qual Plutarco brasileiro, uma galeria de varões ilustres — Rui, Nabuco, Rio Branco, Machado de Assis, Castello Branco, José de Alencar, Eça de Queiroz e, por último, Anísio Teixeira. Enriqueceu o cenário histórico do final do Império e começo da República. Nessa vertente, a sua contribuição é inigualável. Como ele, todos homens da política e das letras. E, por acaso, a obra não é o reflexo do seu autor?

Como argamassa, entre a política e as letras, desenvolveu o mundo da amizade, que alimentava com a conversa atraente, mansa e amena, plena de sabedoria e de observações pessoais, onde não faltava uma ligeira pitada de ironia machadiana, que emprestava mais vida à sua presença. Universo de amigos que administrava pela correspondência ou pela chamada telefônica. Para tanto, mantinha uma intimidade total com o aparelho de comunicação oral à distância!

Com Dona Juju, construiu um belo universo familiar, dos filhos, como Luiz Viana Neto, seu herdeiro político, aos bisnetos. A família era o seu arsenal afetivo de base. A política não o separou da família. Sabia dosar as coisas, era uma das suas habilidades. Estava sempre próximo dos seus, nos momentos apropriados e nas horas convenientes. Mantendo em casa o seu escritório político, encontrava-se com os correligionários no seu próprio lar, em Brotas, entre livros e retratos.

Todos esses relacionamentos políticos, literários, fraternais e familiares, ele os mantinha com gosto, paciência e atenção, sem descuidar nunca do relógio, com o qual tinha também muita intimidade. Homem educado, porque controlado, sabia a medida das coisas — um dos seus fortes — e formar um ente de razão antes de tomar decisão.

Assim, Luiz Viana Filho, com equilíbrio, sabedoria, espírito de realismo, bom senso, fez da sua vida uma obra de arte.

EDIVALDO M. BOAVENTURA é professor titular da UFBA, membro da Academia de Letras da Bahia, ex-secretário da Educação e Cultura da Bahia.

A Tarde, Salvador, 17 jun. 1990. Caderno 1, p. 6.

UM GOVERNO SUPERIOR

GABINO KRUSCHEWSKY

No regime revolucionário de 1964, não havia propriamente eleição para governador, e sim a indicação do nome pelo chamado sistema, logo, logo referendado pelas Assembléias Legislativas dos respectivos estados, vencido o MDB, reduzido que estava à mais insignificante expressão eleitoral. E mais: essa escolha precedia à eleição popular para senadores e deputados, de forma que, inexistindo concomitância dos sufrágios, os candidatos da oposição sabiam previamente que iriam amargar quatro anos de vacas magras. Era essa a filosofia da ditadura dissimulada, inapetente para assumir a sua condição, optante pelas cândidas aparências democráticas.,

Egresso do PSD de Itabuna, concorri, em 1966, pela legenda do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), a uma cadeira de deputado estadual, logrando eleger-me. Enfrentaria, como enfrentei ao lado de uma pequenina bancada aguerrida de 12 membros, depois reduzida para seis — a metade foi cassada — o governo Luiz Viana Filho.

Dr. Luiz, aos meus olhos de então, era um bravo liberal com larga folha de serviços prestados à causa democrática, ao lado da fina flor do Movimento Autonomista — os Mangabeira (Otávio e João), Simões Filho, Aloisio de Carvalho Filho, João Borges, Josaphat Marinho —, mas que, em aderindo à revolução, houvera renegado todo um passado de lutas.

No verdor dos incipientes trinfanos, sem a maturação que só "o saber da experiência feito" propicia, precipitado pois no julgar e concluir, não entendia como pudera, o biógrafo de Rui, adotar tal posição, ele que pelejara com denodo e desassombro contra o Estado Novo getuliano.

Não atentara que outros eram os tempos e diversas as circunstâncias, que a democracia não passava de uma "florzínha tenra", como dizia o velho Otávio, a pique de fenecer para sempre na república sindicalista de Jango.

Radical, inadvertido de que vivemos todos de mudanças — homens, espaços, tempos — nessa dinâmica incessante do existir, ainda não recitava o soneto de Camões (LVII):

*"Mudam-se os tempos,
mudam-se as vontades.
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo mundo é composto de mudança."*

De toda sorte, preconceituoso, esperava o pior daquele que — ao meu sentir da época — não mudara para melhor.

Iniciando e concluindo um governo superior — sem retaliações, perseguições, mesquinhas — Luiz Viana Filho, a quem Josué Montello conferiu o título do "mais civilizado dos brasileiros, nessas últimas décadas", soube ser uma dignificante surpresa para as Oposições da Bahia.

Como seu oponente naqueles tempos duros de tirania, quase diria que Dr. Luiz foi uma ilha de liberalismo num mar de arbítrio.

Na homenagem que também desejo prestar à memória desse político que engrandeceu o nome da Bahia, ocorrem-me dois episódios que documento como testemunho de sua grandeza.

O primeiro: instado por lideranças da lavoura cacaueteira, concordei em ir ao Palácio de Ondina, integrando comissão, para reivindicar providências que minorassem a crise. Recebeu-me com a proverbial fidalguia, como se na véspera não tivesse eu proferido candente discurso de críticas ao seu governo. Na saída, fez questão de levar-me até a porta, quando um fotógrafo, com o indisfarçado propósito de comprometer o deputado de oposição "freqüentando palácio", bateu uma chapa minha, que poderia ser mal-interpretada, e que certamente seria. Pois bem: admoestado com cavalheirismo, na hora, pelo governador, pude ouvir, no abraço de despedida, que ficasse tranqüilo que a foto não sairia publicada, como não foi. Ele notara meu constrangimento com fina percepção.

O segundo: diante de um doloroso episódio em que se defrontaram estudantes e a Polícia Militar, com cachorros na rua e invasão do Mosteiro de São Bento, fiz uma indicação (sugestão por escrito) ao governador, no sentido de que demitisse o comandante geral, um coronel do Exército. No encaminhamento, acrescentei severas expressões ao documento, de si bastante exagerado. Basta dizer que, a certa altura, afirmava que "faltava alguém no Tribunal de Nuremberg", aquele que julgou e condenou vários nazistas por crimes hediondos. Hoje vejo que o coronel não merecia minha exasperação. O fato é que, indignado, o militar requereu formalmente a cassação do meu mandato ao Conselho de Segurança Nacional que, sabia ele, precisaria do *placet* do Dr. Luiz para obter êxito, para que minha "cabeça" rolasse. Nesse sentido, procurou o governador, que, contrariamente ao que esperava e mesmo postulava com empenho, lhe negou a anuência, apesar da opinião de alguns assessores e conselheiros de então, que tudo fizeram em favor do comandante e contra mim, esbarrando na decisão firme, altaneira e nobre de Dr. Luiz. Sem o *de acordo* governamental, a pretensão do coronel não foi acatada e o meu mandato salvo.

Com esse depoimento, inclino-me diante de sua lembrança, com emoção e renovada gratidão.

Agora que repousa depois de tantas lutas e tamanho brilho, nas letras e vida pública, depois de malferido por tanta ingratidão, injustiças e vicissitudes — que essa é a coroa dos políticos sérios e idealistas, como soube ser —, creio que não será demais repassar-lhe o que ele mesmo disse do presidente Castello Branco, no elogio fúnebre:

"Exceto o sol da glória e a luz da imortalidade, nada mais te atingirá".

GABINO KRUSCHEWSKY é advogado.

A Tarde, Salvador, 10 ago. 1990. Caderno 1, p. 6.

LUIZ VIANA FILHO

MONSENHOR GILBERTO LUNA

H á trinta dias, desapareceu do nosso convívio Luiz Viana Filho.

E nossas letras se privaram de um de seus expoentes maiores, o Congresso brasileiro de uma de suas vozes mais ouvidas, sua família, do mentor íntegro e modelar, a política nacional de um de seus vultos mais eminentes.

A Nação inteira e particularmente a Bahia, prantearam-lhe a morte, porquanto de um homem que, de todos os modos, somente soube enaltecer uma e outra.

Tão inúmeros foram os seus talentos, tão multiformes os seus predicados, tão peregrinas as suas virtudes, tão largos os seus méritos intelectuais e tão comprovadas as suas reservas morais que, nele, muito difícil se torna assinalar quem maior fora. Se o escritor de estilo çandente e primoroso ou se o biógrafo de apreciações fiéis e perfeitas; se o executivo que completava o político, ou se o político que, tantas vezes, deu forma e embasamento aos anseios do executivo; se o literato que se expressava com vigor e beleza ou se o pensador que nos deixava empolgados com a profundidade de suas conceituações; se o diplomata arguto a representar tão bem o País ou se o habilidoso articulador de planos e idéias que tanto positivamente teceram a história política da Nação; se o homem público respeitado até pelos seus opositores ou se o chefe de família legando a seus descendentes o patrimônio de uma vida de esposo e pai exemplar.

Eis por que, em se falando dele, ninguém exagera se disser que a grandeza conviveu com tudo que ele fez, porque conviveu com tudo que ele era. O que procurou dizer ou escrever levou sempre a marca da pureza literária e, sobretudo, do equilíbrio, da sensatez e da seriedade.

Por isso, facilmente se pode perceber que a mediocridade foi sua inimiga número um. Quem lhe acompanhou a trajetória de político, de homem de letras e de decidida participação na vida nacional, sabe que sempre foi ele um obstinado na perseguição das causas nobres, ainda que isto lhe custasse redobrado sacrifício.

A invejável cultura que adquiriu foi uma prova de sua imensa capacidade de multiplicar talentos, assim como a sua brilhante atuação parlamentar revela a presença de um espírito sempre inquieto, para quem o compromisso com o Bem Comum foi algo tão sagrado como o voto evangélico para o religioso professo. Oxalá, o quanto antes, no cenário de nossas letras, surja alguém que lhe perpetue a memória, em biografia digna de sua envergadura intelectual e moral.

O privilegiado que a tal empreendimento se dedicar haverá, por certo, de revelar-nos mistérios e detalhes de sua personalidade rica não só em qualidades intelectuais mas também humanas. A fotografia de sua intimidade fará certamente vir à tona o homem fidalgo e de trato polido, o homem sóbrio e de equilíbrio, o homem forte e determinado, o homem disciplinado e de hábitos austeros, que ele sempre foi.

Desse modo, a constatação de tudo isto faz-nos saudar sua morte como uma espécie de pilastra da Nação que desabou,

Felizmente, cremos na transcendência da Vida e, conseqüentemente, na sua imortalidade. E porque esta é a nossa crença, acreditamos que o nosso eminente e saudoso Senador Luiz Viana Filho deixou de ser cidadão da Terra para tornar-se cidadão da Eternidade. Deixou de ser o peregrino que buscava para tornar-se o eleito que encontrou. E nesta condição tornou-se intercessor de todos nós.

Que ele interceda, então.

Sim, que o literato Luiz Viana Filho aos Céus suplique para que nossos homens de letras nos transmitam mensagens válidas, e, nesta hora tão delicada da conjuntura nacional, os escritos que emanem de suas penas, vazadas em bonita forma nos ajudem a colocar ponto final no descabro em que caíram o sistema educacional e a vida cultural do nosso País.

O político Luiz Viana Filho a Deus rogue em favor dos que politicamente militam em nossa sociedade, também para que tenham sempre bem presentes, entre outros, estes princípios:

Uma coisa não pode ser politicamente certa se for moralmente errada.

Rigorosamente falando, a política em si não existe. Confunde-se com a necessidade do povo. E este a sua única razão de ser.

Quando o político não se volta de corpo e alma para o bem comum, automaticamente se torna um mal comum.

Há duas formas de se fazer política. A dos que usam do povo em favor de si mesmos. E a dos que usam de si mesmos em favor do povo.

Aos primeiros, mais cedo ou mais tarde, cabe o rejuízo da História. Aos segundos, a gratidão perene de toda uma Nação.

Nós não precisamos tanto depolíticos que entendam unicamente de manobras políticas, mas das necessidades do povo, porquanto, valendo-se daquelas, ele usa tão-só de um meio e, cuidando destas, ele atinge o seu fim.

Só existe uma escola válida para a política*. É a da seriedade.

* * *

O chefe de família Luiz Viana Filho ao Senhor interceda para que a família brasileira supere as crises que ora tanto lhe abalam a estrutura e, firmada nos princípios da crença, do respeito, da união e do amor, possa ser realmente formadora de pessoas, educadora da fé e promotora do bem social. Possa realmente sedimentar valores, sem os quais se torna sombrio o nosso presente e tenebroso o nosso futuro.

* * *

À querida D^a Juju, modelo de mulher forte, de esposa, de mãe, de avó amiga e cristã e a todos da família do Senador Luiz Viana Filho, os meus renovados sentimentos de pesar pelo seu desaparecimento tão lamentado e a certeza de que assim como ele tanto leu outrora no Livro da Vida que passa, possa, hoje, ler no Livro da Vida que não passa.

Ao nosso Senador Luiz Viana Filho, concedido seja o dom da Paz eterna.

E a nós, seus amigos, fique o orgulho de tê-lo tido como uma destas estrelas misteriosas, cuja luz passou mas não cessa de brilhar.

* * *

Homília proferida durante a Missa celebrada no 30º dia de falecimento do Senador Luiz Viana Filho, na Igreja de N^a S^a da Conceição da Praia, Salvador, em 5 de julho de 1990.

MONSENHOR GILBERTO LUNA pároco da Igreja de N S^a de Santana em Salvador.

LUIZ VIANA FILHO COMO REALIZADOR DE OBRAS PÚBLICAS

HILDÉRICO PINHEIRO DE OLIVEIRA

A importância dos homens

Os homens tornam-se importantes quando suas atividades influem para melhorar o funcionamento da sociedade. O termo "funcionamento da sociedade" deve ser considerado, no simplista conceito acima explicitado, no seu sentido mais amplo possível, abrangendo desde os aspectos da organização política e social, dos serviços públicos, do comportamento dos indivíduos e até aqueles concernentes à justa distribuição da riqueza.

De tal conceito básico, quase que acaciario, surgem variações que permitem, digamos assim, hierarquizar a importância de cada homem na sociedade em que vive e a que serve.

Homens há que beneficiam uma coletividade pelos seus feitos num exclusivo campo de atividades, seja nas letras, nas artes, na política, num setor tecnológico ou científico, na administração pública ou privada, etc; outros contribuem para o desenvolvimento e o progresso da sociedade, por suas realizações em vários campos de ação, pela diversidade de cargos e funções que ocuparam ou exerceram. É evidente que, em princípio, estes últimos têm, numa gradação de valores da importância, perante as comunidades a que servem ou serviram, precedência sobre aqueles considerados inicialmente.

Há porém um outro parâmetro, digamos assim, geográfico e, quase sempre, também demográfico, que define a escala final da grandeza da importância de um homem perante a sociedade pela qual trabalha. Os serviços prestados por um indivíduo, se se quiser, por um cidadão — eximindo-nos daquela caracterização excludente que certo filósofo faz entre um e outro — podem beneficiar apenas uma pequena comunidade ou alargar-se por um ou por vários municípios, por um estado ou indistintamente até os limites do país.

Lógico que assim se afirma um grau de hierarquia; mais importante será aquele homem cujos serviços que são ou foram prestados, beneficiam ou beneficiaram, numa maior extensão geográfica, o povo ou o ambiente.

Desse modo, se além de servir de modo saliente em vários campos de atividade, um homem contribui para beneficiar maior parcela de território ou maior contingente de população, ele, em importância, sobrepõe-se aos demais, situados nas outras hipóteses até aqui levantadas.

A importância de Luiz Viana Filho

Nascido em 1908, em Paris, mas registrado brasileiro no Distrito da Sé, em Salvador, Luiz Viana Filho diplomou-se em Bacharel de Direito em 1929; iniciou-se na advocacia em 1930 e em 1932 já atuava ostensivamente na política como maior participante na redação de um manifesto favorável à revolução paulista eclodida naquele ano. Foi também em 1932 que aquele grande baiano deu o seu primeiro passo nas letras, publicando, ainda que em co-autoria, o seu primeiro livro. Em 1934 elegeu-se deputado federal pela Bahia e exerceu o mandato de 1935 a 1937 quando o Congresso foi dissolvido pelo Estado Novo de Getúlio Vargas.

De 1938 a 1945, na Bahia, Luiz Viana Filho atuou no jornalismo e na advocacia, ingressando em 1940, por concurso público, no magistério superior como Professor Catedrático de Direito Internacional da então Faculdade de Direito da Bahia. Em 1945 elegeu-se para o Congresso como deputado federal pela Bahia, onde permaneceu por sucessivas reeleições até 1964 quando, licenciado pela Câmara, ocupou o cargo de Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República no Governo Castello Branco, onde permaneceu até 1966. Governou o Estado da Bahia de 1967 a 1971 a partir de quando até 1975 retornou às atividades de magistério como professor de História da Bahia, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Em 1974 elegeu-se senador da República, cargo para o qual foi reeleito em 1982 e onde permaneceu até o seu desaparecimento.

Ao longo de toda a sua vida, que sempre foi ativa e produtiva, Luiz Viana Filho notabilizou-se nas letras como biógrafo, na história e na ciência social. Seu valor intelectual transpôs as fronteiras do Brasil. Assim Luiz Viana Filho foi daqueles homens que pertencem àquela mais alta hierarquia estabelecida no capítulo anterior quanto à importância dos homens. Ele serviu ao seu povo em várias áreas das atividades humanas e não serviu a uma estreita área geográfica ou a uma reduzida aglomeração de habitantes, serviu à comunidade da cidade em que viveu — Salvador —, ao Estado da Bahia e ao Brasil todo, dentro e além dos limites do País.

Aqui não há a pretensão de retratar todo o seu valor, toda a grandeza, toda a importância da vida de Luiz Viana Filho, para a sua cidade, para

a zona de sua influência política, para o seu estado, para a Nação, para a comunidade luso-brasileira do mundo, seja no campo da advocacia, no poder legislativo, na literatura, como historiador, como cientista social, seja como administrador e sobretudo como exemplo pelas suas intrínsecas qualidades de homem de bem, de trato fácil, simples e agradável, por sua natural modéstia — característica principal dos grandes homens; este trabalho pretende registrar, não de modo exaustivo, Luiz Viana Filho como um realizador, no período em que a Bahia o teve como governador, no campo das obras de engenharia e mostrar que elas tiveram importantíssima correspondência com o desenvolvimento econômico, social e cultural e educacional do estado.

As realizações do Governador Luiz Viana Filho

Em comunidades subdesenvolvidas, onde quase tudo está para ser feito, as obras públicas têm especial relevo dentro das realizações governamentais. Para tanto, porém, é necessário um mínimo de planejamento para que as obras beneficiem, de fato, as coletividades a que se destinam e assegurem aquela indispensável continuidade administrativa, sob pena de programar-se o progresso em linhas interrompidas, realizando novas obras e deixando inacabadas outras que se transformam em ruínas, como está a acontecer com freqüência na Bahia.

Luiz Viana Filho, como governador, definiu claramente, pelo menos até onde pôde ser observado nos planos de seu governo, duas linhas de ação: em primeiro lugar concluir as obras já iniciadas em governos anteriores, em segundo iniciar as novas obras programadas no seu governo. >

Acrescente-se, a tal acerto daquele grande homem, uma exigência da imprescindibilidade das obras para executá-las. Não houve no governo de Luiz Viana Filho construções executadas pelo mero objetivo político, todas aquelas iniciadas naquele período o foram com precisa fundamentação da sua necessidade.'

Reverendo as áreas de atuação do governo Luiz Viana Filho e as obras executadas, verifica-se ser impossível, sem uma demorada análise e adequada pesquisa, descrever, em curto prazo e em trabalho tão reduzido, o realizado naquele período governamental de 1967 a 1971.

Em decorrência de tal consideração, neste pequeno depoimento será adotada a seguinte sistemática: num primeiro momento uma visão panorâmica das realizações do governador Luiz Viana Filho abrangendo alguns dos muitos setores do seu produtivo governo; num segundo momento serão abordados, com maior destaque, sem profundidade porém, as obras realizadas nos setores da educação, da cultura e dos transportes. Mesmo assim o assunto apenas será arranhado, tocado de leve, sem aprofundamentos pelas razões já aqui expostas, inclusive porque há uma carência de informações sobre aquele período governamental.

Abrangendo apenas alguns setores do Governo

Utilizando os poucos dados com fácil acesso, pode-se dar uma amostra da ação do Governo Luiz Viana Filho no Estado da Bahia em alguns setores da administração pública.

No Centro Industrial de Aratu, prosseguiu com as obras já iniciadas e ali executou 35km de vias de transporte abrangendo ligações externas — seja para o local onde depois veio a se construir o porto de Aratu, seja para o Aeroporto 2 de Julho — bem como vias internas; construiu barragens, posto médico, promoveu a execução do serviço de captação e distribuição de água, construiu a sede do CIA e um conjunto habitacional com oitocentas casas.

No campo do saneamento básico instalou mais de 300km de rede de água em Salvador, no Recôncavo e no interior do Estado. É preciso considerar que até 1966 todo o sistema de distribuição de água possuía 527km. Sem cobrir toda a atuação na área em questão, podem ser citadas as execuções das redes de distribuição de água de Senhor do Bonfim, Itambé, Coaraci, Itaberaba, Santo Amaro, Nova Soure, Lençóis e Seabra para não citar outras. Promoveu a construção do reservatório do Cabula, obra de porte para melhoria do abastecimento de água de Salvador. Construiu a estação de tratamento de água Teodoro Sampaio.

No setor habitacional, dentro da sua diretriz de concluir as obras já iniciadas, levou a termo a construção do Conjunto Habitacional Solar Boa Vista com 125 apartamentos, finalizou o acabamento do conjunto residencial da "Fazenda Sete de Abril"¹ situado nas adjacências da "estrada velha do aeroporto", com quinhentas casas. Fez construir efetivamente mais de 3.500 habitações em Salvador e nos municípios de Juazeiro, Feira de Santana, Castro Alves e Jequié. Obteve aprovação pelo BNH para execução de mais de 11.900 habitações populares e deixou anteprojeto elaborado para a construção de conjuntos habitacionais para Itaberaba, Ilhéus, Rui Barbosa, Ibotirama, Amargosa, Itapitanga, Ipiaú, Irará, Ipirá, Alagoinhas, Simões Filho, Salvador. Como se vê, a programação do Governo Luiz Viana Filho previa a construção de mais de vinte mil habitações, seja pelo IAPSEB, seja pelo BNH. Faltam dados para afirmar, dentro da verdade, quantas das habitações programadas foram construídas além daquele número, aqui, inicialmente citado.

No que tange a energia elétrica, com segurança pode ser afirmado que mais de 1.000km de linhas de transmissão foram estendidas e, até 1969, 28 municípios já haviam sido atendidos. No que toca à distribuição de energia, com certeza, mais 21 municípios foram beneficiados afora as melhorias de redes em outras localidades. Concluiu a grande obra que foi a barragem de Pedras. A geração de energia elétrica no sistema do rio de Contas foi ampliada em 150% pois a Usina do Funil passou de 20.000 para 30.000kw e ao pé da barragem de Pedras foi construída uma outra estação geradora

com capacidade para 20.000kw. Fez instalar subestação em Amargosa, Dário Meira, Vitória da Conquista, Camaçari, Camacã e Jacobina.

No sistema aeroviário, a contribuição daquele governador não foi pequena; iniciando obras, construindo, recuperando, melhorando, ampliando ou ainda concluindo obras de governos anteriores, realizou importantes trabalhos aeroportuários nos municípios de Cipó, Senhor do Bonfim, Livramento do Brumado, Itaberaba, Belmonte, Barra, Barreiras, Valença, Porto Seguro, Canavieiras, Itabuna, Xique-Xique e Jequié.

No setor das hidrovias, independente do sistema "ferry-boat", a se; tratado adiante, não esteve ausente o Governo Luiz Viana Filho. Em Valença realizou não só a melhoria do cais de atracação como também um cais para saneamento, que sofreu depois aterro para ali ser implantado um conjunto habitacional. Porto de Juazeiro, cais de contenção em Belmonte, ponte de atracação em Camamu — foram alguns dos serviços que aquele governo prestou na melhoria das hidrovias. É de ressaltar sua ação com medidas operacionais que reduziram substancialmente o déficit da Companhia de Navegação Baiana que, em 1967 despendia seis vezes o valor das suas receitas, nestas incluídas as subvenções recebidas; ao fim do governo a despesa da Baiana era apenas 1,5 vezes a receita não incluídas nestas, porém, as subvenções.

No âmbito da saúde pública, Luiz Viana Filho fez com que se realizassem reformas em hospitais de Salvador tais como no Couto Maia, no Tsila Balbino e Getúlio Vargas (pronto socorro). Neste último as obras e a reorganização que levaram à ampliação do número de leitos, foram de tal monta que, ao final, aquele nosocômio podia atender às necessidades correntes da cidade com apenas 80% da sua capacidade de leitos e serviços ambulatoriais, ficando os demais 20% para as situações emergenciais e de calamidades. No interior realizou obras de reparos e reformas nos hospitais de Alagoinhas, Jequié, Jaguaquarã, Mundo Novo, Vitória da Conquista, Livramento do Brumado e outros. Para melhorar o atendimento médico subvencionou instituições mantenedoras de hospitais em dezenas de municípios.

O que até aqui foi apresentado é de fato um relato aligeirado e resumido do muito que, nos setores apontados, realizou Luiz Viana Filho que ao assumir o governo do estado, como político, advogado e homem de letras, mostrou que aquele fenômeno da transferência de conhecimentos e o desejo de servir ao povo, pode fazer de um homem inteligente e sério um grande eovernador, qualquer que tenha sido seu tirocínio anterior.

Até aqui, aquele primeiro momento sobre as ações de Luiz Viana Filho em alguns dos muitos setores em que seu governo atuou. A seguir, o momento onde, se bem que sem o desejável aprofundamento, serão comentadas as ações daquele eficientíssimo Governo no campo específico da Educação, da Cultura, dos Transportes.

Educação

Entre todos os períodos governamentais, em toda história da Bahia, coloca-se o Governo de Luiz Viana Filho com destaque pelo muito que realizou no setor educacional, devendo por isso ser considerado um dos melhores administradores da educação neste estado.

A rede estadual de ensino, no período de 1967 a 1971 apresentou notáveis melhorias, tanto nos aspectos quantitativos como nos qualitativos, tanto na sua estrutura organizacional como no processo ensino-aprendizagem e na ampliação e manutenção da sua infra-estrutura física. A matrícula no então denominado ensino primário passou de 266.000 para 416.000 alunos; no ensino médio o número de alunos cresceu de cinquenta mil para 125.000; a qualidade do ensino foi sensivelmente aprimorada, o que também concorreu para maior afluxo da população escolar às escolas públicas estaduais; a arquitetura escolar foi objeto de estudos, pesquisas e análises para obtenção de partido arquitetônico e especificações de construção que permitissem construir escolas mais econômicas, todas porém com os necessários requisitos para adequada e satisfatória operacionalização das práticas pedagógicas.

Todos os sucessos daquele Governo foram conseqüência do mais completo plano de educação já elaborado na Bahia. Não considerando outros aspectos e objetivando as construções escolares, é conveniente uma análise, ainda que não aprofundada, daquilo que foi o Plano Integral de Educação para o período de 1968 a 1971, pois ele foi precedido de um Plano de Emergência que norteou as ações postas em prática na rede estadual de ensino, no ano de 1967.

O Plano de Emergência visou a assegurar a imediata atuação do Governo no setor educacional, com um mínimo de programação até que se concluísse o Plano Integral de Educação; aquele Plano previa ações emergenciais, todas, porém, fundamentadas em critérios válidos ainda que não colhidos de demoradas análises. No campo das construções o Plano de Emergência fixou como primeira prioridade a conclusão, não só das obras escolares como também de todas aquelas ligadas à, então, Secretaria da Educação e Cultura. Entre a capital e interior do estado foi prevista a construção de mais de seiscentas salas de aulas das quais 402 iniciadas na gestão anterior.

O Plano Integral de Educação, fundamentado sobre resultados de estudos e análises que se realizaram ao longo de 1967, começou a ser posto em prática no ano de 1968 e, ali, as construções escolares apareciam com destaque. Primeiramente localizar um prédio escolar nas sedes municipais onde tal não houvesse, com a capacidade necessária para absorver a demanda de matrícula existente. Em segundo lugar o Plano localizava as demais construções escolares de acordo com a deficiência de espaço físico para acolher a população escolar, deficiência essa levantada pelos estudos realizados durante a elaboração do Plano.

Ao fim do governo o próprio Luiz Viana Filho, na mensagem à Assembleia Legislativa declarava que foram construídas 2.156 salas de aula para o ensino fundamental; o número é modesto pois os dados foram colhidos nos fins de 1970 e até março de 1971 muitas obras foram concluídas. Pode-se afirmar, ainda, que os registros não existem mais nos órgãos responsáveis, que o programa de construções escolares do Governo Luiz Viana Filho ultrapassou de três mil salas de aula para o ensino primário e mais de 305 salas para o ensino médio.

A cidade de Salvador foi beneficiada com mais de trezentas salas de aula, graças a um programa de aquisição de terrenos, por compra ou por convênio com órgãos públicos, para neles implantarem-se escolas. Pelo menos 16 grandes faixas de terrenos foram adquiridas, ultrapassando a 120.000m² da área no total, a um custo que superou a Cr\$ 1.000.000,00 à época, quando um prédio de 16 salas de aula custava Cr\$ 350.000,00.

Com tal programa de obras, não apenas as matrículas no então ensino primário e médio alcançaram aqueles desenvolvimentos já apontados, como, pela adequação técnico-pedagógica dos ambientes escolares, o ensino atingiu a níveis qualitativos altamente satisfatórios.

Vale ressaltar, entre as obras educacionais do Governo Luiz Viana Filho os Centros Integrados de Educação, organização escolar perfeitamente válida até hoje, que baseados no Centro Popular de Educação (Centro Educacional Carneiro Ribeiro) de Anísio Teixeira, antecipou-se à Lei nº 5.692/71: são, os Centros Integrados de Educação, um conjunto de edifícios que, pelas atuais denominações estabelecidas pela Lei nº 5.692 de 1971, assim se constituem: uma escola para as quatro primeiras séries do ensino do primeiro grau com um pavilhão para ensino de atividades de trabalho que poderá servir também às 5^o e 6^o séries do curso de 1^o grau; num outro edifício funcionam as quatro últimas séries do 1^o grau, que possui normalmente 12 salas de aula e mais três salas para práticas educativas em nível mais avançado que aquelas do ensino até a 4^a série; num terceiro edifício funciona uma escola de 2^o grau, também com 12 salas e mais três salas especiais para práticas profissionais, além dos necessários laboratórios; em todos os prédios localizam-se as exigidas dependências para o bom funcionamento do ensino e da administração escolar. Além dos edifícios onde são ministrados os ensinamentos dos conhecimentos básicos e daqueles onde se realizam as atividades de preparação para o trabalho ou aquelas profissionalizantes, o conjunto possui uma biblioteca e um auditório (onde podem ser realizados espetáculos e conferências) que servem não apenas ao estabelecimento de ensino mas, também, à população do bairro em que se situa. Instalações tecnicamente construídas para prática de esportes e educação física, adequadas não só às variedades das atividades como à população do conjunto escolar, completam o Centro Integrado.

Em Salvador, Luiz Viana Filho fez construir três desses centros, um na rua Valdemar Falcão, outro na Ladeira do Paiva e o terceiro na Av. Luis Tarquínio. No interior do estado foram iniciados os centros integrados de Feira de Santana, de Jequié, de Vitória da Conquista, de Alagoinhas, de Ilhéus e de Itabuna, com os pavilhões das escolas primárias, que foram concluídos.

Ainda que se constituam em complexo escolar altamente satisfatório para um ensino de excelente qualidade, mesmo hoje, os centros integrados foram, como modelo educacional, esquecidos pelas posteriores administrações escolares, dentro dessa comum política de personalismo administrativo; e mesmo aqueles iniciados no interior do estado não tiveram prosseguimento.

As obras do Governo Luiz Viana Filho no setor educacional não se limitaram ao ensino fundamental. No nível superior foi criada a Universidade de Feira de Santana com a construção de sua Faculdade de Educação; construiu e instalou as Faculdades de Educação de Alagoinhas, Jequié e Vitória da Conquista. Construiu várias bibliotecas em cidades do interior.

As construções para fins educacionais realizadas no Governo Luiz Viana foram em tal número e em tal grau de qualidade que asseguram àquela ilustre figura de homem público lugar ímpar, como governador, na administração da educação.

Cultura

Luiz Viana Filho, como Governador da Bahia, entre outras menores, realizou duas grandes obras no campo da Cultura. Uma — como centro de desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura intelectual — a Biblioteca Central; outra — para o aprimoramento e para a generalização da cultura física, a duplicação do Estádio Otávio Mangabeira.

Não foram, evidentemente, essas duas obras as únicas marcas do Governo Luiz Viana Filho no setor cultural; a construção de diversas bibliotecas no interior, como já foi visto, obras executadas no Ginásio Antônio Balbino, complementação do Parque Aquático Juraci Magalhães, são trabalhos que confirmam a operosidade daquele governo.

A Biblioteca Central tal como foi construída não decorreu de qualquer capítulo dos planos governamentais que vigoraram no período 1967-1971, foi uma decisão pessoal do Governador Luiz Viana Filho.

Num certo dia o Secretário da Educação e Cultura transmitiu à Direção da DEECEME, órgão que executava as obras educacionais do governo, a determinação do governador no sentido de que fosse construída uma grande biblioteca, esclarecendo que o objetivo da obra pretendida superava os limites das previsões do Plano de Emergência, documento já abordado no capítulo anterior, onde de fato foi sugerida a construção de uma Biblioteca Central, não, porém, com a amplitude estabelecida por Luiz Viana Filho que desejava implantar uma biblioteca com capacidade para, no mínimo, um milhão de

volumes, dotada de todos os modernos requisitos e recursos técnicos para um perfeito desempenho não só como Biblioteca Central, tal como previsto no Plano mas, também, para ser um centro de difusão de instrução e cultura para toda a cidade do Salvador.

As medidas iniciais para cumprir as determinações do governador foram tomadas imediatamente, escolher um terreno adequado tanto quanto às dimensões como à localização e elaborar o programa da biblioteca para execução do projeto arquitetônico.

O projeto arquitetônico não foi objeto de mera licitação, mas de um concurso nacional para o qual inscreveram-se 137 candidatos mas, apenas 69 apresentaram anteprojetos. O júri foi composto pelos arquitetos Acácio Gil Borsoi (IAB-PE), Paulo Antunes Ribeiro (IAB-GB), Marcos Konder Neto (IAB-GB) e pela bibliotecária Adalgisa Moniz de Aragão. Participaram, também do júri, como consultores, o arquiteto Walter Gordilho e o advogado Nelson de Souza Sampaio, ambos professores da Universidade Federal da Bahia.

O primeiro prêmio do concurso coube a um grupo de jovens arquitetos baianos, — Henrique Álvarez, Rodrigo Pontual e Ulrich Zürcher — ao qual coube desenvolver o projeto arquitetônico.

O prédio que se situa à rua General Labatut, nos Barris, consta de cinco pisos, sendo um semi-enterrado; possui 17.420 m² de área construída, com ar-condicionado central, local para biblioteca circulante, auditório, área para exposições, salas para palestras e aulas, instalações gerais e de serviços, salões de leitura, depósitos de livros — que pelo projeto original seriam no 3^o e 4^o pisos com mais de 7.000 m² —, administração, "braille", documentação, reprografia e processamento técnico. O partido arquitetônico adotado determinou a formação de um grande clausuro, de belíssimo efeito sobre os salões de leitura e altamente convidativo para estudos e momentos de reflexão.

Esta a grande Biblioteca Central de Luiz Viana Filho que, no seu saguão, em placa alusiva à sua inauguração tem a seguinte mensagem daquele grande governador:

"Construída para preservar e aprimorar nossa cultura, esta biblioteca será permanente instrumento a serviço da democracia e do desenvolvimento. Somente os povos que amam os livros aprendem a amar a liberdade e ambicionar o progresso."

A duplicação do Estádio Otávio Mangabeira

No seu período governamental, Otávio Mangabeira fez construir nas adjacências do largo da Fonte Nova o estádio que tem o seu nome. A idéia original do projeto era a construção de um centro de cultura física, abrangendo da educação física até a práticas esportivas diversas, para ser utilizado pela população de Salvador. Lamentavelmente aquela idéia não se tornou realidade; o estádio, construído entre 1947 e 1951. é, hoje, sobretudo um local

para exibição de futebol profissional onde, vez por outra, realizam-se algumas competições de atletismo, alguns espetáculos cênicos ou musicais e concentrações de naturezas diversas. No seu governo, Antônio Balbino mandou construir, anexo ao estádio, o ginásio de esportes, que tem o seu nome, onde não só práticas de alguns esportes mas espetáculos de outra natureza podem ser realizados. No período de 1959 a 1963, no Governo de Juraci Magalhães, foram construídas, em área adjacente ao estádio Otávio Mangabeira, instalações para natação que se denominam Parque Aquático Juraci Magalhães.

Assumindo o governo, Luiz Viana Filho tomou conhecimento das obras iniciadas na gestão anterior que, na idéia do público, objetivavam "cobrir" o estádio; mesmo a engenharia, que resiste a admitir a obra "teoricamente impossível", tinha que se curvar à impraticabilidade da cobertura do estádio, não só porque desnecessária como porque de difícil e onerosíssima execução. O público, porém, pela imprensa, pressionava o governo pela obra que, iniciada anteriormente, não tinha andamento satisfatório naquela administração.

Analisada a realidade das obras, a DEECEME, que não as superintendia, verificou que elas visavam a, apenas, construir acima da última linha das arquibancadas uma marquise com onze metros de vão. Para a grandiosidade propalada para a obra, era um serviço despiciendo. O governador não queria decepcionar o público esportivo e determinou que fosse verificado que tipo de obra significativa e necessária poderia ser feita no estádio.

Pela sua reputação como profissional de alta competência e, também, porque ele foi o autor do projeto do estádio, foi consultado o professor Diógenes Rebouças que, após análise do assunto, considerando a reduzida capacidade do conjunto esportivo, tendo em vista o crescimento da cidade e concluindo pela possibilidade arquitetônica e técnica da solução, opinou pela ampliação do estádio que poderia vir, como veio, a ter duplicada a sua capacidade que ultrapassaria os cem mil lugares.

Diógenes Rebouças elaborou o projeto, as obras foram iniciadas sob supervisão da DEECEME e depois, por sugestão daquele órgão, de uma comissão especial, diretamente subordinada ao Secretário da Educação, professor Edivaldo Boaventura, chefiada pelo arquiteto Jenar Coelho Costa.

Foi uma obra de vulto, fruto do espírito criativo de Diógenes Rebouças, da alta qualificação técnica dos estruturalistas, da competência das firmas construtoras, da capacidade de direção da comissão especial e da determinação e do espírito realizador de Luiz Viana Filho que em plena e grave crise financeira que afligiu a Bahia e, conseqüentemente, o seu governo, levou a obra a termo, inaugurando-a, em completas condições de uso, no final de sua administração.

As obras não se reduziram pura e simplesmente à ampliação das arquibancadas e serviços afins, sob elas outras instalações foram construídas no lado leste, onde deveria funcionar uma escola de educação física, o que não acon-

teceu e lá, hoje, se abriga um batalhão de polícia; nas encostas que se limitam com a atual travessa Anfríria Santiago foram construídas instalações diversas, inclusive alojamento para atletas que aqui chegassem para competições, mas lá agora funcionam repartições públicas.

A despeito da ampliação do Estádio Otávio Mangabeira constituir-se uma das grandes obras de engenharia do Governo Luiz Viana Filho, aquele ex-futuro centro de cultura física e de esportes em geral, já hoje necessitando de manutenção, continua servindo quase que exclusivamente ao futebol profissional, sem haver atingido sua finalidade original de promover a cultura física entre os cidadãos de Salvador e desenvolver as atividades de atletismo e de esporte amador no Estado da Bahia.

Transportes

Sem dúvida alguma as vias de transporte são fundamentais para o processo de desenvolvimento das comunidades, das regiões, dos países, das civilizações. Historicamente os sistemas viários, sejam terrestres, marítimos, em águas interiores ou aéreos, têm sido os maiores responsáveis pelo progresso das civilizações. Exagero, porém, é afirmar, como o Presidente Washington Luiz, que "governar é abrir estradas" ou, como declaram governantes de menor hierarquia, que a construção de estradas supera, em importância, a qualquer outra atividade da administração pública.

Luiz Viana Filho, no seu governo, cuidando eficientemente de todos os demais setores públicos, deu ao sistema de transportes o máximo de atenção que a área merecia, pois pelas suas vias de transportes não trafegam apenas veículos, passageiros e mercadorias, por elas circulam a cultura, a riqueza e o progresso.

Já foram vistas ações de Luiz Viana Filho nas hidrovias e nas aerovias. Aqui serão abordadas as realizações daquele governador no sistema "ferry-boat", nas rodovias de um modo geral e, de modo particular, no que se refere à BR-242, estrada que permite a ligação Salvador—Brasília.

O sistema "ferry-boat"

A ligação de Salvador à BR-101 por um sistema misto de barcos tipo "ferry-boat" e rodovia tem altos méritos e, por isso, deve ser objeto de comentário especial.

A primeira vantagem do sistema é uma economia em percurso que, mesmo não reduzindo o tempo de viagem pela demora da travessia Salvador—Itaparica, economiza combustível e desgaste do veículo, pois a distância reduz-se em 80 km. Em segundo lugar as cidades que ficam no eixo e nas adjacências da rodovia ligam-se mais fácil e rapidamente a Salvador e à BR-101. A tudo isso acrescenta-se a consolidação da ilha de Itaparica como um centro turístico, principalmente no seu litoral leste.

O sistema, implantado no Governo Luiz Viana Filho, é constituído de dois terminais marítimos: um em Salvador, na zona denominada São Joaquim e outro na ilha de Itaparica, no local chamado Bom Despacho; de uma rodovia asfaltada que, seguindo a curvatura da ilha no sentido sudoeste, inflete para a direita até o "encontro" leste da ponte de Funil, também integrante do sistema, com 665m de comprimento que, passando pela ilha de São Gonçalo, liga, pelo oeste, Itaparica ao continente; de outro trecho de rodovia que vai da extremidade oeste da ponte até a cidade de Nazaré das Farinhas de onde, em via asfaltada, é alcançada a BR-101 em Santo Antônio de Jesus.

O sistema "ferry-boat" mostrou-se um incentivo ao tráfego no sentido daquela estrada federal, como também para a ilha de Itaparica que passou a ser uma grande opção de turismo e lazer, além de haver se incorporado, como zona de habitação, à grande Salvador.

As cidades ao longo das rodovias do sistema foram grandemente beneficiadas e Santo Antônio de Jesus é uma das mais florescentes cidades da Bahia.

O sistema "ferry-boat" incentivou tanto o tráfego na sua diretriz que hoje já se levanta a hipótese de uma ponte ligando Salvador à Itaparica.

As rodovias de um modo geral

O desenvolvimento do sistema rodoviário da Bahia foi um processo lento. As condições da produção baiana, ainda que considerando a agroindústria da cana-de-açúcar ou a criação de gado no vale do São Francisco, não exigiam estradas de boa qualidade mesmo para transportes de tração animal. O gado se autotransportava e certamente caminhava entre as gargantas das serras que paralelamente se elevam na direção sudeste-noroeste na chapada Diamantina ou vinha no sentido inverso daquele itinerário descrito por Santos Vílhena para alcançar-se, partindo de Salvador, "a Malhada junto à passagem do grande rio São Francisco", ou seja, já bem ao sul, possivelmente na rota que foi palmilhada por Teodoro Sampaio para vir de Carinhanha a Salvador. Os engenhos de açúcar, todos na franja do Recôncavo, com a fácil navegação a vela, favorecida pelo remanso da baía de Todos os Santos e pelos seus ventos constantes, tinham, além disso, a vantagem de suas proximidades ao centro de exportação. Assim, não se conhece, na Bahia, grandes obras rodoviárias até este século. Consta que nas alturas de 1817 foi construída, às expensas de Felisberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena, uma estrada com 42 léguas ligando Ilhéus a Conquista. Os transportes terrestres só vieram a ter outra grande obra quando Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto obteve, em 1852, a concessão para construir uma estrada de ferro, de Salvador a Juazeiro "ou para qualquer outro ponto navegável do rio São Francisco" A estrada só foi iniciada em 1856 e veio a ser a Leste brasileiro. Geraldo Rocha, grande estudioso da região do São Francisco, condenou, porém, a ligação a Juazeiro e escreveu que aquela solução "entrou a expansão econô-

mica do São Francisco". Esse atraso verificado no sistema viário só começou a ser vencido a partir do 2º terço deste século, e Luiz Viana Filho, evidentemente, como Governador teve notável desempenho para o desenvolvimento da rede rodoviária estadual e municipal.

Sem a atitude extrema de relegar os demais setores da administração a posição subalternas ou, como querem alguns administradores, abandoná-los em favor da construção de rodovias, Luiz Viana Filho, como veremos, realizou uma grande obra em prol do desenvolvimento do sistema viário baiano.

O pretendido neste capítulo é uma apresentação rápida e, ao mesmo tempo, abrangente das ações daquele operoso governador no setor rodoviário, deixando, porém, para um comentário específico que será feito logo a seguir a construção da BR-242.

Do extremo sul até as regiões ao norte, de Salvador, ao longínquo oeste do estado da Bahia, numa ação realmente merecedora de destaque, o Governo Luiz Viana Filho atendeu, com obras rodoviárias dentro do sistema de viação do Estado, mais de cem municípios, não considerando a assistência às estradas municipais que atingiu a 248 dos 327 municípios então existentes na Bahia, numa extensão de mais de 22.000 km.

Na rede rodoviária estadual foram realizadas obras que vão da melhoria das estradas com revestimento primário, com pintura asfáltica, com recapeamento asfáltico, até a construção de novas vias, asfaltadas ou não.

Para condensar as realizações, as obras podem ser assim agrupadas:

a) construção de estradas asfaltadas, com extensão de 697 km (incluída a BR-242) atendendo a quinze municípios, inclusive Salvador; *b)* construção de novos trechos, com revestimento primário, com extensão de 1.727 km, atendendo a 72 municípios; *c)* melhorias em rodovias com extensão de 471 km, atendendo a oito municípios; *d)* pintura e recapeamento asfáltico em trechos com extensão de 178 km, abrangendo 12 municípios. As obras d'arte construídas ao longo dos trechos rodoviários atingiram a cifra de mais de 2.700 metros de extensão.

Em Salvador a ação governamental no setor viário fez-se sentir pela construção do acesso Comércio-Túnel Américo Simas, e vice-versa, pela ligação da Av. Contorno à Praça dos Reis Católicos, pela construção da Av. Afrânio Peixoto, conhecida pelo nome de Av. Suburbana.

Na região metropolitana, além das estradas do Centro Industrial de Aratu, constuiu o trecho asfaltado aeroporto-Arembepe (os primeiros 20Km da estrada do Coco).

É possível que- hoje 2.100 km de novas estradas não represente muito para as possibilidades financeiras da Bahia que pode "suplementar" um orçamento, já no segundo semestre, com 116 milhões de dólares, se considerado o câmbio paralelo, pois no flutuante o valor será de 180 milhões. Em 1968, para construir a BR-242, estimada em 93 milhões de dólares, o governo estadual teve que lançar mão de um empréstimo de vinte milhões de dólares.

tal era a escassez dos recursos estaduais. Ainda assim, foi Luiz Viana Filho, no setor viário, como nos demais setores da administração, um grande governador.

A BR-242

Em 1874, Ramos de Queiroz sugeriu um plano de viação para o Brasil, onde estabelecia, como "futura ligação", uma ferrovia de Salvador até o médio São Francisco, com as pontas dos trilhos na localidade de Urubu, que depois se chamou Rio Branco e hoje é a cidade de Paratinga.

Luiz Viana Filho, no período de 1967 a 1971, realizou, com uma rodovia, aquela idéia colocada pelo engenheiro Ramos de Queiroz no plano. Vários fatores devem ter sido levados em conta por aquele governador para mandar construir a estrada, entre os quais podem ser citados: *a)* com a mudança da capital do País para o planalto central, a cidade do Salvador ficou mais distante do poder central, perdendo, inclusive, aquela natural ligação marítima, e é politicamente importante que o governo estadual tenha ligações fáceis e rápidas com o centro do poder; *b)* a ligação terrestre Salvador-Brasília era feita utilizando a BR-116, até Minas Gerais, de onde se alcançava a Capital Federal, por Belo Horizonte, num percurso de cerca de 2.000 km; *c)* a zona a ser atravessada pela rodovia, tal como era imaginada, necessitava ser estimulada a integrar-se ao processo de desenvolvimento que, na Bahia, se iniciava pela industrialização.

Tais fundamentos levaram aquele governo à decisão de fazer construir uma via de transportes que conduzisse a Brasília por caminho menos longo que o existente e, também, permitisse interiorizar, no sentido do oeste, o progresso nascente no estado; seria, como foi, uma estrada ligando Argoim, à margem da BR-116, até Barreiras de onde, pela BR-020, completasse a ligação Salvador—Brasília. Vê-se que aquele grande governante foi um bom profeta; Barreiras é hoje um grande centro de desenvolvimento, emparelhada que está em crescimento social, educacional, político, agrícola e comercial com as demais grandes cidades baianas.

A estrada projetada denomina-se BR-242 e, mesmo possuindo prefixo federal, foi, em grande parte (a quase totalidade da parte realizada por Luiz Viana), construída com recursos estaduais, pois os recursos federais não atingiram nem 10% do total aplicado.

A obra foi realizada em três segmentos; o primeiro pela regularização e pavimentação asfáltica do trecho Argoim—Itaberaba, com 88 km; o segundo pela execução de todos os serviços, desde o movimento de terra à pavimentação no trecho Itaberaba—Ibotirama, com 380 km; e, por fim, o movimento de terra e o revestimento primário, no sentido da margem oposta a Ibotirama para Barreiras, com 95 km.

Às considerações que fundamentaram o projeto pode ser acrescentada uma circunstância de alta importância que é a estrada cortar, quase meio

a meio, uma promissora região que, com mais de 80.000 km³ de área, é contornada a oeste pelos rios São Francisco, Paramirim e Brumado, este encurvando-se para o leste até encontrar o rio de Contas por onde começa o limite leste da região que continua pelo rio Sincorá, salta por sobre a serra do mesmo nome, alcança o rio Una, prossegue até o Paraguaçu, pelo Santo Antônio, pelo Utinga e para o norte até as nascentes do Jacuípe, ultrapassa o paralelo 11⁹ e deflete para a esquerda até Xique-Xique onde iniciou-se o perímetro.

E a chapada Diamantina. Famosa no século passado e ainda poderosa no primeiro terço deste século, pelos seus diamantes, pelos seus carbonados e pelo seu prestígio político. Ainda hoje a região, atravessada de leste a oeste pela BR-242, se constitui num potencial de riquezas minerais e pelas suas possibilidades agropecuárias. O mapa dos recursos minerais da Bahia, publicado pela Secretaria das Minas e Energia, informa que "áreas, localizadas nos rios Paraguaçu e Santo Antônio, tiveram o seu potencial avaliado e os resultados obtidos — reservas superiores a 500.000 quilates — asseguram que elas voltarão a figurar como importantes produtores de diamantes". O mapa metalogenético nas suas folhas "Morro do Chapéu", "Andaraí", "Paratinga" e "Barra" mostra que há potencialidade econômica de vulto na chapada Diamantina.

No setor agropecuário o trecho da chapada ainda não foi devidamente explorado, salvo em alguns projetos esparsos. Talvez a estrutura fundiária da região responda pela situação, pois o clima, as manchas de terras agricultáveis e a abundância de água oferecem grandes possibilidades a tal tipo de atividades.

Na região entre Ibotirama e Barreiras o desenvolvimento agropastoril já é notável e além de Barreiras a soja é uma nova realidade econômica na agricultura. Tudo, sem dúvida alguma, conseqüência da BR-242, a grande obra rodoviária de Luiz Viana Filho.

Cortando a rica chapada Diamantina do outrora opulento e fulgurante Lençóis, dos tempos áureos dos diamantes, do magnífico nascer do sol cantado em prosa poética por Afrânio Peixoto, das tempestades tenebrosas e belas descritas por Walfrido Moraes, desenvolvendo o Além-São Francisco, melhorando o poder político do estado ligando-o ao centro das decisões nacionais, aí está a BR-242, resultado da visão do governador Luiz Viana Filho que a tornou possível pela sua grande capacidade como realizador de obras públicas.

HILDÉRICO PINHEIRO DE OLIVEIRA é Engenheiro Civil, Professor Titular da Universidade Federal da Bahia e foi Diretor da DEECEME (Divisão de Estudos, Execução de Convênios, Expansão e Manutenção do Ensino), órgão da Secretaria da Educação e Cultura, no Governo Luiz Viana Filho, de 1967 a 1971.

O REGRESSO DE GREGÓRIO DE MATTOS À BAHIA

JAMES AMADO

O s estudiosos da literatura brasileira, especialmente os que conhecem o trabalho de pesquisa e fixação da biografia de Gregório de Mattos feito por Fernando da Rocha Peres, sabem que o vate baiano deixou de vez a Cidade da Bahia em 1694. Não por sua vontade, nem lhe foi dado escolher transporte ou data de sua conveniência. Degredado, foi tirado da prisão para o barco que levava cavalos a Benguela e de lá retornaria com uma carga de escravos. Em Angola, "armazém de pena e dor", o poeta envolveu-se numa rebelião da tropa e, como advogado que era, foi nomeado secretário de Estado dos revoltosos e designado para os entendimentos com o governador. Frustrado o movimento, Gregório de Mattos conheceu outra viagem forçada, de volta ao Brasil, mas para Pernambuco. Ali desembarcou tão maltratado que o governador, "lastimado de ver o miserável estado a que chegara um homem tão mimoso da natureza, lhe fez donativo de uma bolsa bem provida e com palavras um pouco severas lhe mandou que naquela capitania cuidasse muito em cortar os bicos à pena", segundo conta seu primeiro biógrafo, o licenciado Manuel Pereira Rabelo. O tempo desse novo degredo, em seu próprio país e proibido de fazer sátiras, foi curto. Gregório de Mattos faleceu no Recife e foi enterrado, indigente, no hospício de Nossa Senhora da Penha dos capuchinhos franceses, no dia em que chegava à cidade a notícia da liquidação do Ouilombo dos Palmares e da morte de Zumbi, em 1696.

Gregório de Mattos retornou à Bahia em 1699. Em 2 de janeiro desembarcou de um caminhão diretamente no Departamento de Cultura, que lhe prometera hospedagem e agradeceu às boas-vindas do escritor e professor Luís Henrique Dias Tavares, diretor daquele órgão cultural. O poeta estava de roupa nova, os sete volumes de sua obra poética completa, reunida sem qualquer censura, como lhe apetecia, recém-saídos do prelo. Mil coleções haviam sido compradas pelo governo baiano para distribuição às bibliotecas e universidades, sinal de que, finalmente, as relações do poeta com o poder de Estado se aplainavam. A publicação de sua poesia por uma editora baiana era um bom presságio. O Governador Luiz Viana Filho preocupava-se com

o problema do livro e mostrava-se sensível ao reclamo de seus confrades que ansiavam pela existência em Salvador de uma editora de alcance nacional capaz de continuar o trabalho, interrompido havia uma década, da Livraria Progresso. Sob a direção de Pinto de Aguiar e com o respaldo da Universidade, a Progresso produziu um acervo de meia centena de livros editados aqui; sob um critério amplo que os distribuía em coleções interessadas em todos os ramos do conhecimento, com traduções importantes e reserva de amplo espaço aos autores baianos. O catálogo da Progresso contém obras de Nelson Sampaio, Orlando Gomes, Heitor Dias, Machado Neto, Silvio Faria, Carlos Chiachio, José Martins Catarino, Afonso Ruy, Rubem Nogueira, Carlos Ott, José Valadares, Carybé, Adalmir da Cunha Miranda, Vasconcelos Maia, José Silveira, Thales de Azevedo e do próprio Luiz Viana Filho. Um apoio concreto, inestimável à produção dos escritores baianos e à recuperação de textos de autores locais do passado, de Vieira a Xavier Marques.

Luiz Viana Filho dispôs-se a dar continuidade ao bom trabalho, encarregando disso o seu Secretário da Educação, Navarro de Brito. A garantia da aquisição pelo governo de exemplares das edições de grande valor cultural e escasso interesse comercial estimulou o surgimento de duas editoras: Janãna e Itapuã. A primeira, voltada para literatura e poesia, a segunda, para a área dos estudos. No breve tempo em que operaram, provaram utilidade, publicaram Gregório de Mattos, Junqueira Freire, Viihena, Katia Mattoso, Thales de Azevedo, Valdeloír Rego. Era um começo auspicioso, mas de duração muito breve.

Impossível rascar da memória aquela manhã de janeiro de 1969. O telefone traz-me a voz do governador e uma convocação imperiosa:

— Preciso falar com você, agora, estou mandando meu motorista apanhá-lo.

Por favor, é urgente.

Recebeu-me em seu grande gabinete no palácio residencial, a bela casa rodeada de varandas e jardins que compõem uma ambiência de paz e tranqüilidade, própria para as conversas amenas.

Homem de trato, cortês e lhano, mas político habituado a conter suas emoções, Luiz Viana estende-me uma folha de papel com o timbre das Forças Armadas e se põe a andar de um lado para o outro entre a mesa de despachos e a poltrona por mim ocupada. Li, estarrecido, e reli pausadamente o ofício no qual o comandante da Região Militar interpellava secamente o governador, civil e escritor, exigindo dele que lhe apresentasse, no prazo de 24 horas e por escrito, as razões que o teria levado a apoiar uma edição tão subversiva como a das obras completas de Gregório de Mattos.

Duzentos e setenta e cinco anos havia passado desde a morte do poeta.

— E agora? — perguntei a Luiz Viana.

— Nada, por enquanto. Não terei recebido este absurdo. Mas, como cumprir o convênio com as editoras?

Após breve pausa, com voz fremente: — Atente no que lhe digo: muito antes do que se pensa, eu passarei, aqui, de caça a caçador.

Guardei suas palavras e o teor do ofício insólito. O que Luiz Viana Filho me anunciava aconteceria sem demora. Antes disso, porém, um troço de soldados armados invadiu o Departamento de Cultura, seqüestrou os livros ali guardados, entre eles as coleções de versos do poeta. O diretor do órgão foi para a cadeia, teve como consolo a companhia alegre de Fernando Santana, engenheiro e deputado federal cassado. As duas mil coleções da obra gregoriana, sobreviventes, foram distribuídas nacionalmente por uma empresa carioca e esgotadas em poucos meses por um público ávido. Mas geraram duas dúzias de antologias, que asseguraram a presença do poeta nas livrarias, e grande número de estudiosos ocupa-se com o estudo de sua obra até então inacessível.

Gregório de Mattos havia retornado à Bahia. E bem à sua maneira. Desta vez para ficar.

JAMES AMADO é escritor e editor, autor do romance "O Chamado do Mar", pertence à Academia de Letras da Bahia.

A Tarde, Salvador, 25 ago. 1990. Caderno 2.

ESCRITOR E ESTADISTA

JAYME DE SÁ MENEZES

A Bahia perdeu um grande filho. Advogado, professor, escritor, jornalista, político, Luiz Viana Filho foi uma figura singular. Educado, de trato ameno e cordial, era um amigo extraordinário, desses que, como ele mesmo gostava de dizer, não abandonam o companheiro a meio do caminho. De prosa viva e perspicaz, simples nas maneiras, era um privilégio ouvir-lhe a palavra lúcida, entrecortada de observações profundas e apropriadas. Ilustrava sempre a conversação com um dito adequado, uma frase sutil, um pensamento oportuno. Sabia tudo, mas se expressava com comedimento e discrição, como a pedir desculpa pela vastidão da cultura que ia revelando. Era realmente um homem educado, um cavalheiro, um fidalgo. Recentemente, confirmando essa fidalguia, dirigiu-nos honrosa e generosa carta, a respeito de livro nosso publicado. Mais uma de suas inúmeras gentilezas. A nossa amizade, aliás, vinha de longe. Amigo de meu pai, este, por sua vez, foi amigo do Cons. Luiz Viana, em cujo governo foi fundada, em 1897, a Escola Politécnica da Bahia, hoje da Universidade Federal.

Intelectual de grande estatura, escritor de frase correta, límpida e concisa, Luiz Viana deixou obra do mais alto valor. Consagrado biógrafo, soube reconstituir, à mão de mestre, a vida de Rio Branco, de Ruy, de Nabuco, em livros memoráveis em que os biografados apresentam-se ao leitor inseridos no meio e na época em que atuaram, fazendo o escritor, que era também um grande historiador, o relacionamento das personagens biografadas com as circunstâncias históricas, sociais ou políticas que, não raro, condicionaram decisões e atitudes, heroísmos, grandezas ou fraquezas. Mas o notável escritor, que Alceu Amoroso Lima, com justiça, considerou o Príncipe dos Biógrafos Brasileiros, além de outras magníficas biografias, como as de Machado, Eça, Alencar, produziu, também, obras valiosas e duradouras, como "O Negro na Bahia", e "A Sabinada", afora muitas outras, igualmente notáveis, inclusive na ciência do Direito.

Um escritor desse calibre, cuja obra o recomenda à admiração nacional, tinha que ingressar na Academia Brasileira de Letras, onde foi figura das

maiores e mais respeitadas. Foi, ainda, eleito para a Academia de Letras da Bahia, que sempre prestigiou com a sua presença e colaboração. Presidente de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, continuamente o visitava e passava horas a entreter os confrades com a sua palavra despretenhosa, atraente e erudita. O mesmo fazia, quando no Rio, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sobretudo na longa e luminosa presidência de Pedro Calmon, ao lado, inclusive, de Wanderley Pinho, cujo centenário de nascimento proporcionou, recentemente, a Luiz Viana, o seu canto de cisne, profirindo a bela conferência comemorativa da efeméride.

Jornalista, advogado, professor de Direito, esse ilustre baiano, paralelamente à sua invulgar atuação no campo da cultura e das letras, realizou, também, brilhante e vitoriosa carreira política. Deputado federal aos 25 anos de idade, por cinco vezes teve renovado o mandato. Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Ministro da Justiça e da Educação, Governador da Bahia, Presidente do Congresso Nacional, duas vezes senador, neste posto o encontrou a morte, ao cabo de uma trajetória política das mais nobres e fulgurantes. Verdadeiro estadista, por isso mesmo voltado, sobretudo, para o futuro do País, foi sua suprema preocupação, no governo da Bahia ou no Congresso Nacional, a educação. Dele, estas palavras: "Somente os povos que amam os livros aprendem a amar a liberdade e ambicionar o progresso". Sentença em que confirma a sua visão de educador e estadista, liberal e progressista. Este seu especial apreço à educação fê-lo escrever a biografia de Anísio Teixeira, já no prelo.

Grande baiano, grande brasileiro, múltiplo nas qualidades, numeroso nos talentos, Luiz Viana soube servir ao estado e à Nação, com as virtudes de seu espírito e o poder da sua inteligência, tornando-se figura das mais importantes e acatadas da cultura e da política brasileira dos últimos tempos.

Foi-lhe modelo, que procurou seguir o pai, Cons. Luiz Viana, que também foi senador e governador da Bahia. E deixou ele um filho, já ilustre, que lhe há de seguir o exemplo, Luiz Viana Neto, professor de Direito, deputado federal, suplente do pai no Senado, em cuja Câmara assumirá a cadeira tão dignificada pelo estadista agora desaparecido, cuja morte causou geral consternação — na Bahia, no Brasil.

JA YME DE SÁ MENEZES é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, escritor e membro da Academia de Letras da Bahia.

A Tarde, Salvador, 9 jun. 1990. Caderno 1, p. 6.

A LUIZ VIANA FILHO, COM CARINHO

JOACI GÓES

A malsinada notícia apanhou-me em cheio na semi-sonolência das cinco horas da manhã, na trajetória de rastilho de pólvora com que, rapidamente, cobriu o País inteiro; Luiz Viana Filho morreu! Enquanto buscava inteirar-me dos detalhes que antecederam o baixar do pano desta que é uma grande biografia, lembrava-me da nossa última convivência: há uma semana, dia 29 de maio, voamos juntos para Brasília; a meio caminho da viagem, deixa ele sua poltrona e dirige-se à minha, debruçando-se em animada conversa sobre temas da atualidade, interrompida, apenas, pelo anúncio da aterrissagem iminente. Com o até logo, veio a confirmação do encontro para o final da tarde, agendado desde a véspera, para analisarmos, em profundidade, o panorama atual da política baiana e brasileira.

Naquele que veio a ser nosso último encontro, no mesmo gabinete onde por tantas vezes partilhei do generoso chá com torradas, ao lado da bancada da Bahia, de escritores e diplomatas, aprendi mais uma lição que me dava o superior talento de Luiz Viana Filho para ver, analisar e interpretar todos os ângulos de uma questão. E sua lúcida compreensão dos fatos não claudicava mesmo quando o objeto sob exame fosse o seu próprio destino político que era, precisamente, o tema de nossa fraternal conversa.

Invariavelmente cortês com todos que dele se acercavam, assinalo como acontecimento marcante de minha vida as reiteradas e numerosas manifestações da genuína amizade que nos unia, a ponto de não sofrerem qualquer declínio nem mesmo quando deixei o PMDB, para abraçar o ideário da Social Democracia Brasileira. Pois bem: nesse encontro, Luiz Viana queria conhecer meu pensamento sobre o complicado xadrez em que se vem transformando a política baiana, para arrematar inquirindo-me de minha disposição de vir a ocupar a sua vaga na disputa para o Senado da República, diante das naturais dificuldades que ele teria para enfrentar os encargos de uma campanha tão exigente de saúde e de vitalidade.

Respondi-lhe, afirmando que sua campanha poderia ser feita com a divulgação de sua biografia e sobre o testemunho de quantos, como eu, deporiam reconhecendo o extraordinário nível de sua militância operosa e responsável.

Ficamos de retornar o diálogo agora bruscamente cortado.

Personagem da História, Luiz Viana Filho viveu como um sábio que o foi na mais densa acepção do termo e nos deixa cercado do carinho e da admiração gerais. Seu fêretro e o elogio à sua obra e à sua vida serão o assunto dominante, Bahia e Brasil afora.

Todos haveremos de concluir que se a morte é uma fatalidade inelutável é preferível que a enfrentemos ainda como senador da República, do alto de mais de 82 anos, exemplarmente vividos, contemplando uma produção literária a mais exuberante jamais produzida por um brasileiro — paralelamente ao exercício por meio século de funções públicas ininterruptas — e, para concluir o rito da perfeição, de repente!

No convívio com D. Juju, a incomparável companheira de todos os momentos, com o filho e seu sucessor Luiz Viana Neto, com suas filhas, genros e netos, continuarei cultivando a afeição profunda que desenvolvi por Luiz Viana Filho.

Neste momento de pesar coletivo, só me resta crer que, sábio entre os homens, Luiz Viana será conselheiro no céu. Pairando sobre este mar indecifrável de dúvidas, uma certeza: passará muito tempo até que eu me liberte deste aperto no coração que não é outro senão um sentimento de indizível saudade.

Tribuna da Bahia, Salvador, 6 jun. 1990.

LUIZ VIANA — UM HOMEM FELIZ

JOÃO CARLOS TOÜRINHO DANTAS

Indagado por Creso, poderoso rei da Líbia, sobre quando um homem podia ser considerado feliz, respondeu Solon, o legislador grego, que "somente quando terminasse os seus dias, abençoado pelos deuses, cercado pelo carinho da família e honorificado pelos seus concidadãos".

Segundo o conceito de Solon, evidentemente Luiz Viana foi um homem feliz e as homenagens que lhe foram tributadas pela Bahia através de todas as classes é uma demonstração eloqüente disto.

Político desde a juventude, Luiz Viana só colheu sucessos na sua vida pública. Vitorioso em todas as eleições que disputou, teve coroada a sua carreira como ministro do presidente Castelo Branco e governador da Bahia. Faleceu senador, mandato que exerceu com dignidade e prudência em fase difícil da vida pública brasileira, contribuindo com o seu equilíbrio para a harmonia daquela casa, que também presidiu. Faleceu sem ter sofrido os incômodos da doença, na residência de uma neta, casada com o neto do mais dileto dos seus amigos, o saudoso Álvaro Nascimento. Foi-se como um preferido dos deuses, tranqüilamente, sem passar pelo inferno da gélida solidão de uma UTI, com seus tubos, máscaras e catéteres.

Foi político a vida toda, sem desprezar a cultura nem a educação. Não deixou, apesar de respirar política, que esta tirana perturbasse as suas atividades intelectuais de escritor, legando-nos um valoroso acervo de biografias de importantes vultos da política e das letras.

Humanista, como o eram grande parte dos políticos de sua geração, Luiz Viana foi, possivelmente, um dos últimos representantes de uma fase em que o Brasil invejava a Bahia pela boa qualidade intelectual e moral das suas bancadas no Congresso. Aliomar Baleeiro, Aloysio de Carvalho Filho, Albérico Fraga, Clemente Mariani, Dantas Júnior, João Mendes, Nestor Duarte, Raymundo Brito, Ruy Santos, entre outros, engrandeceram a vida partidária, sem falar nos líderes maiores, Otávio Mangabeira, Juracy Magalhães.

Homem cordial, fino, cortês, Luiz Viana lutava o bom combate sem perder a ética, a calma nem a compostura. Aliado ou adversário em diversas fases da política baiana, sou testemunha de sua Ihanza e capacidade de não se extremar no mais aceso dos entreveros eleitorais. Não era um mesquinho, nem vingativo e por isso não deixou inimigos, sendo a sua morte sentida por todos, numa unanimidade rara em nossa terra.

Completava a sua personalidade Dona Juju, autêntica *lady*, uma das mais completas primeiras-damas que passaram pelo Aclamação. ,

E, ao rememorar a personalidade de Luiz Viana, aproveitei a oportunidade para transcrever conceitos expedidos pelo meu velho líder Juracy Magalhães, em carta que me endereçou:

"A morte de Luiz Viana feriu muito o meu coração de amigo. Como se dizia na Bahia, ele era o parisiense mais baiano ou o baiano mais parisiense. Ele era um dos homens mais bem educados que conheci. Depois de ter sido meu adversário político, ele se tornou um grande amigo e nunca deixou de ir a minha casa naquelas fraternais reuniões dos sábados pela manhã que você bem conhece. A última vez em que veio ao Rio estive lá em casa e pareceu estar em excelentes condições de saúde. Fiquei confortado pela grande demonstração de apreço que recebeu da Bahia ao ensejo de sua morte."

O CIDADÃO GENEROSO

JORGE AMADO

Não me recordo da data em que conheci pessoalmente o escritor (e homem político) Luiz Viana Filho, mas já era seu leitor, admirador do biógrafo e do ensaísta, quando, nos idos de 1942, tratei mais intimamente com ele e melhor o fiquei conhecendo, quando me tornei seu amigo. Era o tempo da guerra contra o nazismo, no Brasil a ditadura do Estado Novo, proclamada em 1937, começava a ser contestada de forma mais contundente.

Eu voltara da Argentina em agosto daquele ano, em companhia de uns 30 exilados políticos de esquerda, homiziados no rio da Prata, a maioria de filiação comunista. Tendo o Brasil declarado guerra ao eixo nazi-fascista, pareceu-nos — e assim decidimos em entusiástica reunião em Montevideú — que devíamos regressar ao Brasil, colocar-nos às ordens da Pátria — e do governo, ai! —, soldados das Nações Unidas. Entre os exilados que embarcaram da capital do Uruguai para a fronteira gaúcha encontravam-se homens condenados a 10 anos de prisão pelo Tribunal de Segurança, de triste memória. Cumpriram eles três anos da pena — foram todos presos apenas o trem cruzou a fronteira brasileira —, libertados tão-somente em 1945, com a anistia. Luís Carlos Prestes, posteriormente, criticou nossa decisão, considerando-a de absurda incompetência política: nos entregarmos à ditadura, trocando postos importantes de combate pelas grades do cárcere.

Seis entre a trintena dos exaltados e ingênuos patriotas, não tinham processo na Justiça, eu era um deles. Após uns meses de cadeia, fomos, os seis, postos em liberdade limitada: residência compulsória para cada um de nós na cidade de nascimento, obrigação de comparecer ao DOPS local a cada semana.

Fui mandado viver na Bahia, onde o coronel Franklin de Albuquerque me deu emprego em "O Imparcial", e Giocondo Dias, figura maior do Partido Comunista no estado (vivia em Salvador sob nome falso, estava condenado a larga pena de prisão) me deu a tarefa de estabelecer ligação com os elementos ditos autonomistas, os correligionários de Otávio Mangabeira, e com outros liberais.

Eu já era amigo, de longa data, de Nestor Duarte, por sua mão fui levado ao grupo que se constituiria depois na UDN e na Esquerda Democrática. Assim, na conspiração contra o Estado Novo, fiz-me também amigo de Aliomar Baleeiro e de Luiz Viana Filho, entre outras excelentes figuras do autonomismo baiano. Com Luiz Viana foi o início de uma amizade que duraria por toda a vida, tornando-se maior e mais íntima com o passar do tempo.

Admirável escritor, biógrafo que somava pesquisa competente à qualidade literária superior, apaixonado pela grandeza das figuras que enalteceu em retratos de corpo inteiro — Rio Branco, Rui Barbosa, Machado de Assis —; com a redemocratização do País, Luiz Viana Filho tornou-se líder político de grande prestígio no estado. Todos conhecem sua carreira política: deputado, senador, governador da Bahia, uma trajetória vitoriosa, coroada pelo sucesso.

Muitas vezes ouvi dizer, em afirmação peremptória, ser Luiz Viana Filho um político sem dúvida capaz, porém frio, despido de calor humano. Tenho razões para contestar tal versão, deformadora de uma personalidade rica de solidário interesse pela vida e pelos homens. Por duas vezes, em momentos diferentes, durante a ditadura militar, tive ocasião de medir a generosidade de Luiz Viária Filho e hoje, quando o francês da Bahia já não está entre nós, desejo relatar aqueles acontecidos, para dar testemunho da inteireza de Luiz Viana, de sua cálida humanidade.

Quando o grande romancista paraense Dalcídio Jurandyr, paupérrimo, gravemente enfermo e obstinado comunista, foi candidato ao Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras — candidatura levantada e trabalhada por mim e por Marques Rebelo — houve grande resistência entre os acadêmicos. Não tanto pelo fato de Dalcídio manter-se comunista, subversivo malvisto pelos donos do poder, mas sobretudo, por acontecimentos anteriores. Dalcídio fora figura central do conflito que por pouco degenerara em pugilato e que conduziu à ruptura da Associação Brasileira de Escritores. Nascida no Primeiro Congresso de Escritores, congresso histórico, reunido em São Paulo em janeiro de 1945, a ABDE, após uma primeira diretoria unitária, foi terreno de luta sem quartel entre os comunistas e os liberais. Luta que se acentuou no Segundo Congresso, o de Belo Horizonte, em 1947, e chegou aos extremos de batalha campal em 1948, por ocasião da eleição de uma nova diretoria.

A direção do Partido Comunista decidira obter o comando da ABDE, custasse o que custasse, mesmo que o preço fosse a divisão dos escritores. Eu já estava cumprindo tarefas na Europa, no movimento da paz, quando tal decisão foi tomada, mas sei de ciência certa que Dalcídio discordara do ponto de vista do partido, tendo sido voto vencido na reunião da Comissão de Cultura, chefiada por Astrogildo Pereira. Por isso mesmo que discordava, foi-lhe dada — conforme a regra partidária — a tarefa de cumprir a decisão

tomada pela maioria — em realidade, decisão ditada pela Comissão Executiva do PC e apenas referendada pelos pobres literatos, sem nenhuma possibilidade de independência vis-à-vis do "sábio" Comitê Central.

Assim, lá se foi Dalcídio Jurandyr para o sacrifício e, na famosa reunião da ABDE, onde deveria ser eleita a nova diretoria, coube ao autor de "Belém do Grão-Pará" o comando das hostes comunistas — o partido havia feito inscrever na ABDE meio-mundo de falsos escritores, inclusive, por exemplo, o chofer de Prestes: bastava que o fulano houvesse publicado um artigo na imprensa partidária, virava escritor. O que se passou na famigerada reunião não me cabe relatar, pois eu não estava presente: a história literária guarda memória dos fatos lastimáveis.

Trocaram-se acusações, insultos, as mães dos líderes dos dois campos foram xingadas, houve ameaças de bofetões. Tudo culminou — e esta foi a imagem que restou para a posteridade (haverá uma posteridade literária?) — quando Dalcídio Jurandyr, no cumprimento da tarefa recebida, arrancou, à força, das magras mãos do poeta Carlos Drummond de Andrade, o livro de atas da ABDE. Desde então o romancista do ciclo do Extremo Norte ficou sendo considerado o vilão principal, o vil bandido, o agressor maior, aquele etc. e tal. Pobre Dalcídio, doce e terna criatura, o "índio sutil" como dele se dizia: manifestara-se contra a decisão sectária, o sectarismo era estranho à sua natureza, mas, comunista convicto, disciplinado membro do partido, cumprira a tarefa recebida, fazendo das tripas coração. Tantos anos passados, respeitáveis acadêmicos vacilavam em conceder-lhe o prêmio que sua grande obra novelística merecia por demais.

Marques Rebelo telefonou-me do Rio para a Bahia às vésperas da decisão do prêmio: faltava a Dalcídio um voto para ganhá-lo, para abiscoitar os parques cruzeiros da dotação da láurea máxima da academia, necessários para a compra dos medicamentos caros. Telefonei ao acadêmico Luiz Viana — um dos chefes da fila dos escritores atropelados pela disciplina partidária de Dalcídio —, fui à sua casa baiana, recordei os incidentes da sessão fatal da ABDE e perguntei se ele, Luiz Viana Filho, era capaz de esquecer o passado e dar seu voto ao vilão da história. Não houve um momento sequer de indecisão: Luiz levantou-se, tomou do papel e da caneta, entregou-me o voto com o qual o bom Dalcídio ganhou o Prêmio Machado de Assis.

De outra feita, tempos depois, quando eu me preparava para viajar para a Europa, Glauber Rocha telefonou-me de Los Angeles, em estado de desespero, ameaçando suicidar-se: se não puder voltar para o Brasil imediatamente eu me mato. Fiquei alarmado.

Glauber exilara-se do Brasil após persistente e fecunda atuação contra a ditadura militar que o levou às colunas do Pasquim e a manifestações públicas, inclusive àquela da vaia em frente ao Hotel Glória ao marechal Castello Branco, chefe do primeiro governo resultante do golpe de estado em 1964, e àqueles que o acompanhavam. Ruidosa e expressiva manifestação de repúdio

dos intelectuais à ditadura recém-implantada, o evento distinguiu-se pelas ofensas dirigidas ao marechal e à sua comitiva, da qual participava Luiz Viana Filho, chefe da Casa Civil da Presidência. Devido à sua condição de escritor, foi um dos mais distinguidos pelas vaias e apupos dos manifestantes que logo foram presos.

Andou Glauber de ceca-em-meca com seu gênio, sua rebeldia, seu desejo de fazer cinema. Realizou no exílio dois longas-metragens: um filme espanhol e um filme africano. No mais, pelo mundo afora, as portas se fecharam para ele, seja na área capitalista, seja na área dita socialista, inclusive sua aventura cubana foi das mais frustrantes. Terminou nos Estados Unidos, queimando os últimos cartuchos de paciência e de esperança. Tampouco nos "states" deram-lhe condições de trabalho e criação. Entrou em crise, telefonava-me diariamente: ou volto ou me mato, um horror de desespero.

Mais uma vez fui visitar Luiz Viana Filho em sua casa baiana, tão aprazível e acolhedora, e mais uma vez lhe perguntei se ele era capaz de esquecer, o passado, mesmo tendo se sentido, na ocasião, profundamente ofendido e magoado. Relatei-lhe o drama de Glauber. Se existe alguém capaz de resolver o problema, disse-lhe eu, esse alguém é você, pode obter do governo (estávamos no governo Geisel, sendo Golbery o homem forte e decisivo do Planalto) garantias para a volta de Glauber. Mas garantias reais — no governo Mediei, Zuzu Angel havia obtido o retorno do filho — pode vir, nada acontecerá. O rapaz desembarcou, foi preso e assassinado de maneira a mais cruel, monstruosidade sem tamanho. Vou ver o que se poderá fazer, respondeu-me Luiz Viana, fique descansado, farei o possível. E o impossível? — disse eu. Sim, o possível e o impossível, concluiu ele.

Estando eu de partida para a Europa e Luiz também — 15 dias depois de mim —, combinamos um encontro em Londres, onde ele me daria conta do resultado de suas "demarches". De tudo dei conhecimento a Glauber, por telefone.

Na data combinada recebi, em Londres, telefonema de Luiz Viana: falava do Brasil, tivera de adiar a viagem por uma semana, mas queria adiantar que o assunto já estava resolvido. Glauber poderia voltar ao Brasil quando melhor lhe parecesse. Eu ainda quis saber se havia garantia absoluta que nada de ruim lhe iria suceder. Nada, respondeu Luiz, tenho a palavra de Golbery e a do próprio presidente:

Voltou, assim, Glauber Rocha do Brasil pela mão de Luiz Viana, entrou sem ser incomodado pela polícia, pôde realizar seu derradeiro longa-metragem, "A Idade da Terra". Vale a pena acrescentar que, ao voltar, Glauber foi vítima do mais terrível patrulhamento dos pequenos miseráveis que, incapazes de fazer qualquer coisa de útil, dedicam-se a insultar e a caluniar os verdadeiros criadores, aqueles que existem, trabalham, e levam adiante a luta do povo brasileiro. De traidor e vendido, disseram todas as baixezas

a respeito de Glauber e o fizeram com a maior ferocidade, com o ódio que têm a tudo que é belo e grande. Sei quanto Glauber se sentiu ferido: "estou envolto em infâmia, afogado-em merda", disse-me num dia de tristeza e revolta.

Recebo, em Paris, a notícia da morte de Luiz Viana Filho. Nesta cidade de Paris nasceu o baiano ilustre, filho de pai igualmente ilustre: os dois tiveram o privilégio de governar a Bahia. Ao recordar o amigo querido com quem ainda em abril conversei a "baton rompu" sobre o sol e a chuva, o Brasil e o mundo, na casa do Rio Vermelho, onde ele veio nos visitar, a Zélia e a mim, ao recordá-lo tão cheio de alegria de viver e ao sabê-lo de repente morto, ligo sua presença inesquecível, seu nome de escritor, às presenças também inesquecíveis, aos nomes de Dalcídio Jurandyr e Glauber Rocha: três brasileiros que honraram nossa cultura e engrandeceram nossa pátria e nosso povo.

DE PARIS, onde se encontra, o escritor Jorge Amado enviou o presente depoimento para A TARDE Cultural, por intermédio do professor Edivaldo Machado Boaventura.

A Tarde, Salvador, 21 jul. 1990. Caderno 2, p. 2-3.

LEMBRANÇA DE LUIZ VIANA FILHO

JORGE CALMON

Ele era o último de uma geração de homens notáveis, todos quase da mesma idade, geração a que pertenceram Aloísio de Carvalho Filho, Nestor Duarte, Anísio Teixeira, Pedro Calmon, Aliomar Baleeiro, Hermes Lima, e outros; homens que aqui e fora da Bahia se afirmaram nas várias áreas a que foram levados pela vocação ou pelo destino. Esse grupo de elite veio suceder — e com ela conviveu por largo espaço de tempo — a outra geração são menos ilustre e de quem recebeu forte influência: a dos patriarcas da política baiana nas primeiras décadas deste século, ou seja, Octávio Mangabeira. Simões Filho, J.J. Seabra, Pedro Lago, Miguel Calmon, Moniz Sodré. O próprio Luís Viana Filho herdara o espólio político do pai e alargou tradição e votos dessa herança ao longo de uma carreira iniciada apenas saído da juventude.

Conheci-o precisamente quando estreava na política e já era redator de *A Tarde*, o jornal de Simões Filho, cuja estima pelo conselheiro Luiz Viana se continuava na pessoa do filho. Já formado em Direito, recém-casado, deixara de ser repórter e alcançara um estágio mais alto, como editorialista, cabendo-lhe, todas as manhãs, preparar alguns dos tópicos que o jornal publicava na coluna de abertura da 3ª página. Era um rapaz corpulento, de cabelos ruivos, amável no trato, mas dando sempre a idéia de que tinha coisas a fazer. Por isso mesmo conversava pouco. Podia ser visto, às vezes, prosando com Lulu Parola e Wenceslau Galo junto à mesa de Ranulfo Oliveira, o redator-chefe. Costumava escrever com o busto inclinado sobre a mesa, a encher com a caneta de pena de metal e tinta roxa as laudas de papel de jornal, cortado em resinas, com sua letra deitada, fácil de ler. Deixava muito espaço entre uma linha e outra, porém raramente riscava o que escrevera, para emendar o texto. Além dos comentários, que constituíam o seu trabalho, fazia artiguetes assinados, sobre assuntos da conjuntura, tornando-se, assim, conhecido e criando condições para se firmar na política. Após o primeiro

insucesso eleitoral, ganhou o mandato federal, mais tarde por diversas vezes renovado. Somente teve interrompida sua presença no Congresso durante o período do Estado Novo e, anos depois, na época em que ocupou pastas ministeriais e o governo da Bahia.

Organizado e metódico no trabalho, Luiz Viana Filho sempre encontrou tempo para pesquisar a vida dos vários personagens que retratou de corpo inteiro em biografias exemplares. Conciliava isso com o atendimento da clientela eleitoral e com a atividade parlamentar. E se achava sempre à disposição de quem quer, instituição ou amigo, que precisasse de uma providência na área federal. Com igual boa vontade, e aquela santa paciência que lhe era peculiar, atendia, invariavelmente às solicitações de conferências e artigos. Nunca faltou, por exemplo, aos pedidos que *A Tarde* lhe dirigia no sentido de colaborar com artigos para edições especiais ou comemorativas.

Acompanhamos com o interesse compreensível sua atuação no governo da Bahia. Na verdade, iniciou o governo com o pensamento de descentralizar ao máximo as tarefas do chefe do Executivo. E isso mesmo me disse, pouco antes da posse. No entanto, não cumpriu, ou não pôde cumprir, esse propósito, tendo chamado para si a maioria das decisões que competiriam aos secretários, aliás quase todos eles pessoas muito competentes. É que tinha a ânsia de realizar. E, realmente, fez muito durante os quatro anos de sua administração. No resumo de sua vida, que os jornais ontem publicaram, foram relacionadas as obras principais que fez executar. Mas seus cuidados mais desvelados dirigiram-se para as áreas da educação e da cultura. Tinha verdadeira obsessão pela educação, nela vendo a chave para a redenção do País nos seus vários aspectos. Se somente dele tivesse dependido, isto é, se não existissem tantos obstáculos a remover, tantas resistências a superar, esse problema crucial teria ficado resolvido, ou grandemente encaminhado ao termo do seu governo. Mas foi como conservar água em cesto. A educação no Brasil, no Nordeste, na Bahia está hoje pior do que em qualquer época do passado. Tenho pena do meu amigo Joir Brasileiro, ao observar suas aflições.

Preocupando-se com a cultura e, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento econômico (nunca deverá ser esquecido seu empenho junto ao Presidente Geisel pela localização de um pólo petroquímico na Bahia), com a adequada instalação de museus (o do Estado e o do Recôncavo) e a criação do sistema de "ferry-boat", com a abertura de estradas e o fornecimento de água à pobreza, realizou uma administração admiravelmente equilibrada, que se completou, na capital, com a gestão dinâmica de Antônio Carlos, rasgando os vales com as avenidas que evitaram o estrangulamento da cidade.

Para o público em geral, que o conhecia a distância, a imagem que ficará de Luiz Viana Filho será do político hábil e experiente que soube manter-se em cena apesar das turbulências do percurso. Uma parte mais esclarecida lembrará o grande escritor e o diligente homem de governo. Aqueles que se habituaram a vê-lo mais de perto guardarão dele uma lembrança

bem mais completa. Recordarão o interlocutor político que sabia até onde transigir sem sacrificar princípios; o atento advogado dos interesses de sua terra e sua região; o homem extremamente educado, incapaz de uma palavra ou uma atitude grosseira; a pessoa afável com quem era agradável conversar, ouvindo os casos com que ilustrava as comparações; o amigo pontual e constante que, quando chegava à Bahia, nos costumeiros fins de semana, nunca deixava de telefonar para saber notícias das pessoas de sua estima, e que, nesses tempos agitados, ainda encontrava tempo para a amabilidade de uma visita. Sob este aspecto ele terá sido também um dos últimos de uma geração.

JORGE CALMON é redator-chefe de A TARDE.

A Tarde, Salvador. 7 jun. 1990. Caderno 1, p. 5.

LUIZ VIANA FILHO

JOSÉ FONSECA FILHO

Há algum tempo, o senador Roberto Campos foi conversar com seu colega e companheiro de longa jornada de dificuldades no governo Castello Branco. Havia completado 73 anos, ficou um pouco abalado e foi queixar-se do peso da idade com seu amigo. Luiz Viana Filho, mais velho que Campos, mas não deprimido por isso, escutou os lamentos do amigo e depois lembrou-lhe um comentário de Anatole France sobre a idade. Dizia o poeta francês, lembrado por Luiz Viana Filho, que uma das diferenças da idade avançada é que se demora mais tempo para levar o cálice à boca. Mas em compensação, tem-se menos sede, completou a citação o ex-governador e ex-ministro baiano.

Se Luiz Viana Filho terá se notabilizado mais como político ou intelectual, isso será difícil de afirmar. Possivelmente terá tido mais satisfação como homem de cultura, de vez que, na política, há outras injunções além do simples jogo da inteligência e do saber, observado na área cultural. Luiz Viana Filho era procurado na política não apenas como político, mas como homem de pensamento, dotado de cultura e capaz de satisfazer a curiosidade de intelectuais também de alto nível, como o economista Roberto Campos.

A sabedoria se manifestava em sua atividade política, onde foram destacadas em sua atuação a capacidade de conciliação, o equilíbrio e o que Roberto Campos chamou de "boa intriga" política, ou seja, as estratégias por ele concebidas para atingir os objetivos desejados. Mas isso não retirava do grande intelectual a coragem e a capacidade para enfrentar as adversidades e violências, mesmo atuando discretamente. Quando governador da Bahia, e tendo servido anteriormente ao governo federal autoritário dos militares, soube impor suas idéias e se elas chegavam ao confronto com os segmentos radicais não recuava. Quando governador da Bahia enfrentou os segmentos mais radicais do estamento militar e não deixou que decisões lhe fossem impostas de fora, resistindo às forças do obscurantismo. Por isso não faltou chefe militar ditatorial que sonhou em removê-lo do poder, mas esses episódios são pouco conhecidos dos baianos. Luiz Viana Filho enfrentou na Bahia

as forças do arbítrio a que foi acusado de pertencer por ter exercido a chefia do gabinete civil do presidente Castello Branco.

A obra cultural de Luiz Viana Filho está ao alcance de todos em seus livros que demonstraram a qualidade ímpar de biógrafo. Luiz Viana, num determinado sentido, pode ser apontado realmente como um dos últimos remanescentes de uma categoria de homens de privilegiada cultura e inteligência que ingressavam na política. Coincidentemente, outros deles eram igualmente baianos e são sempre lembrados pelo mesmo aspecto, como Octávio Mangabeira, Aliomar Baleeiro e outros. Nesse particular é um tipo de político que realmente não mais existe, e uma de suas últimas expressões agora é o senador Afonso Arinos, Luiz Viana e Arinos são os únicos brasileiros eleitos e partícipes de duas Assembléias Nacionais Constituintes, as de 1946 e 1986.

Não é exagero afirmar que eles acompanharam bem de perto a decadência da classe política brasileira. Hoje, os homens de escola não procuram a política e a atividade aviltou-se. A paixão pela causa pública foi um dos estímulos da vida do ex-governador baiano, que jamais abandonou a atividade. Onde terá obtido maiores alegrias pessoais, na política ou na atividade intelectual, isso somente o senador poderia responder a despeito do reconhecimento das falhas de um e outro setores.

Até por isso, ao permanecer na atividade política, Luiz Viana Filho dignificou-a. Foi respeitado pelo valor intelectual e a competência política, e foi sem dúvida uma das maiores expressões do Brasil nas duas atividades. Um dos maiores exemplos de sua vida que pode ser lembrado é que a inteligência pode andar de braços dados com a política e a cultura não pode ser dissociada da administração do País.

A Tarde, Salvador, 6 jun. 1990. Caderno 1. p. 7.

UM FIDALGO BAIANO

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

De Tito, imperador romano, dizia-se na antigüidade: "delícia do gênero humano", tais a amenidade de seu temperamento e a retidão de seu caráter.-Outro tanto se poderia dizer de Luiz Viana Filho, que acaba de nos deixar, na plena luz de oitenta e dois anos superiormente vividos.,

Unamuno, mestre no exame de "hidalguismos", costumava notar que o mais fidalgo é o interior — a fidalguia de dentro, mais que a de berço. Assim era Luiz Viana: patricio baiano, filho de governador da boa terra na época de Canudos, foi um grande fidalgo interior, um ser essencialmente cavalheiresco, modelo de maneiras e supremo exemplo de hospitalidade baiana. Freqüentar sua casa, e a boa mesa de D. Juju, era um privilégio que ele democratizava com naturalidade e requinte, numa lição permanente de cultura convivial brasileira. E foi esse mesmo gênero de convívio descontraído e fino que ele levou para a política e para a Academia.

Daí, talvez, sua opção, como escritor, pela biografia. O interesse pela personalidade alheia, o gosto pela diversidade da fauna humana se desdobraram nele em discreta curiosidade pela aventura existencial de alguns dos nossos maiores solitários: Rui, Nabuco, Rio Branco, Alencar, Machado. Biografias feitas de admiração (só um idiota se privaria de admirá-los) mas sem jamais caírem na beatice hagiográfica. na conversão pateta do herói político ou intelectual em supermedalhão falsamente perfeito.

Luiz Viana aprendera em Carlyle que a história não é senão a essência de inúmeras biografias — mas sem deixar de temperar o reconhecimento da grandeza pela constante e maliciosa insinuação do humano, demasiado humano. Carlyle, sim — mas também Hegel: "Não existe grande homem para o seu *valet de chambre*".

Ao morrer, amealhava notas para uma vida de Anísio Teixeira. Como o grande pedagogo, ele pertencia a uma geração baiana bem machadiana no seu horror à grandiloqüência. A grandiloqüência mas não à eloqüência, como o prova seu culto pela memória de Otávio Mangabeira. O governo Castello Branco tinha pelo menos três baianos desse corte: Luiz Viana, na

Casa Civil, seu segundo, o jovem Luiz Navarro de Brito, paradigma de civismo sóbrio; e Eugênio Gomes, machadiano e machadólogo, na secretaria particular do presidente.

Naquele tempo, que foi quando o conheci, Luiz Viana me confienciava suas maiores admirações entre os vivos: Gilberto Freyre, De Gaulle e Raymond Aron, Roberto Campos. Com relação a Campos existem três tipos de atitudes brasileiras: os vários que apreciam sua excepcional lucidez; os muitos que a ela resistem, com obstinada irritação; e aqueles, inúmeros, que secretamente a reconhecem — mas jamais o confessariam de público, de puro medo do patrulhamento ideológico mais férreo e mais imbecil com que o Brasil impensante já brindou alguém. Mas Luiz Viana, indivíduo afortunado totalmente despido de inveja, sabia admirar sem peias, embora nunca às cegas. Não esperava que os grandes brasileiros morressem, ou estivessem no poder, para louvar-lhes a coragem e o descortino.

Cortesia sem cortesia, convivência na dignidade, senso da história e não puxa-saquismo da opinião — eis o perfume moral de uma elite agora bastante escassa entre nós. Luiz Viana era um dos seus mais autênticos representantes. Como seu querido Eça de Queiroz, ele sabia velar a nudez crua de nossa miséria política com o manto diáfano, não da fantasia, mas da ironia ao mesmo tempo cônica e compassiva, crítica e construtiva. Toda vez que o Brasil conjugar o estilo da Ihanza com o sentido da grandeza, o alto vulto de Luiz Viana Filho sorrirá para nós, lá do Senado das sombras.

O Globo, Rio de Janeiro, 17 jun. 1990. p. 8.

LUIZ VIANA FILHO

JOSÉ SILVEIRA

Tanto se escreveu — e muito mais se escreverá — fazendo absoluta justiça aos méritos excepcionais de Luiz Viana Filho, figura exponencial máxima da cultura brasileira — recentemente desaparecido — que, em verdade, nada mais teria a acrescentar a seu respeito, fosse limitado o tesouro das suas reais qualidades. Somente uma porta se abriu à minha frente, por não ter sido suficientemente aproveitada: cuido havê-la descoberto: seu interesse, seu carinho, seu cuidado pelas instituições médicas da Bahia. Não tenho a lista das instituições que receberam seu amparo; nem creio mesmo que ele a possuísse, tão singela e desinteressadamente distribuída em seus favores.

Posso e devo, no entanto, dar meu testemunho dó que fez — e fez muitíssimo — pelo IBIT. É o que tento esboçar, nessas linhas singelas, com absoluta sinceridade, integral imparcialidade, onde não entrou sequer a influência da amizade. Não tive nunca o privilégio de privar da sua intimidade. Minha posição sempre foi de profundo respeito, de sincera admiração à sua obra grandiosa. Não nos visitávamos. Poucos dias antes de morrer, depois de haver escrito o prefácio que tanto engrandeceu o meu modesto *Paradigmas*, deu-me, por telefone, a gratíssima notícia de que pretendia me fazer uma visita. Desgraçadamente, isso não se deu e, por motivo tão doloroso...

Por tudo isso, terei sido um dos poucos baianos, da sua classe e da sua geração que não o tratavam intimamente por *Lulu*. Se a essa particularidade me refiro, é com o propósito de mostrar que suas benemerências à obra que consigo levar por diante foi sempre fruto da sua compreensão, da sua sensibilidade, quando se tratava de servir à Bahia. Conheci Luiz Viana no gabinete de Simões Filho, no edifício de *A Tarde*. Desde logo, como toda gente, passei a admirá-lo, na sua postura discreta, nos seus gestos moderados, no equilíbrio dos seus pronunciamentos. Politicamente juntos só estivemos quanto durou a *Liga de Ação Social e Política*, criação dele e de Aloysio de Carvalho Filho — base incontestável do famoso *Autonomismo*. Vez por outra nos encontrávamos no mesmo recanto de trabalho do comum amigo.

Ele escrevendo e fazendo política; eu me empenhando em divulgar notícias sobre o combate à tuberculose.

Vendo em mim um obstinado e já dispoendo de prestígio na Câmara Federal, resolveu me ajudar e, com tal carinho, que desde aquela época até instantes antes de falecer, quando dele recebíamos telegrama informando que da quota a que tinha direito no Senado, alguma coisa havia destinado para amparar o IBIT.

Muitos foram os políticos que nos ajudaram. Nenhum, entretanto, com tanta regularidade e durante tantos anos. Fosse essa colaboração constante e já seria muito; muitíssimo mais foi o seu empenho em nos socorrer. Como governador do Estado, grandemente nos ajudou na construção do hospital, antes chamado Hospital do Tórax, hoje com o nome de Santo Amaro, cabendo-lhe mesmo o mérito de haver inaugurado a sua fase arquitetônica. E, não foi só. Problemas de instalação, dificuldades no recebimento de verbas federais, fosse o que fosse, nele encontrávamos sempre integral e definitivo apoio. Manda à justiça acrescentar que tudo isso, que fazia por nós, se estendia a dezenas de instituições filantrópicas outras que, certamente, como nós, publicamente virão lhe agradecer. Para provar que seu interesse era amplo e generalizado, quero, ainda, me referir a um gesto seu em favor da nossa Faculdade de Medicina. Juntos, Manoel Ezequiel da Costa — seu grande amigo —, Álvaro Lemos e eu, fomos à sua casa pedir socorro. Em conversa sobre vários assuntos, surgiu o de abandono em que se encontrava nossa Faculdade. Expus-lhe as dificuldades encontradas para resolver o assunto: o problema essencial era econômico. Orçava sua recomposição em cerca de trezentos milhões — quantia que então nos parecia fabulosa. Não teve dúvidas; logo nos propôs Luiz Viana: "diga ao *Guga* — assim com intimidade chamava o magnífico — que, com você e mais alguns professores, componha uma comissão para ir a Brasília e, através de Golbery, junto a Figueiredo, conseguirei o dinheiro". Dei o recado. Tantas foram as dificuldades encontradas, as contrapromessas surgidas, os interesses políticos conflitantes, que acabamos perdendo essa oportunidade; a ele não se podendo culpar por desinteresse na solução do caso, que tanto nos aflige e em tão lamentável estado ainda se encontra. Quanto a nós, seus amigos do IBIT, temos a tranqüilidade de lhe havermos agradecido, ainda em vida, o carinho e o interesse que tinha por nós. Solenemente lhe conferimos o título de *Sócio Grande Benemérito*; igualmente procedemos quando lhe conferimos a *Medalha de Grantidão do IBIT*. Com imensa alegria, inauguramos, em sua presença, da família e dos amigos, sua effígie em bronze, que honra a entrada do nosso hospital. Agora só nos restam a saudade da sua pessoa e a etema e profunda gratidão.

JOSÉ SILVEIRA é fundador do Instituto Brasileiro para Investigação do Tórax— TBIT, cientista e escritor.

A Tarde, Salvador, 8 set. 1990. Caderno 1, p. 6.

O AMIGO FRATERNAL

JOSUÉ MONTELLO

Guarda a Bahia, agora, no seu chão glorioso, o meu querido amigo Luiz Viana Filho.

Com ele desapareceu não apenas o companheiro dileto, meu confrade da Academia, mas sobretudo o grande escritor, o político eminente, governador de sua terra, herdeiro da linhagem política de seu ilustre pai, e o mais polido de seus contemporâneos, onde quer que estivesse. Aquele a quem Alceu Amoroso Lima, com a sua autoridade de grande crítico literário, definiu como o príncipe de nossos biógrafos. O parlamentar que soube honrar com seus discursos a tribuna da Câmara e do Senado, e a quem este confiou a direção de seus trabalhos, confirmando-lhe os méritos.

Tudo isso explica a consternação da Bahia, ao ver desfilar-lhe o coche fúnebre, pelas ruas de Salvador, depois de o ter velado, por uma noite, com o pranto de seu povo, no mesmo palácio de que ele foi titular.

Fui amigo de Luiz Viana Filho durante cinquenta anos. Sem uma divergência, sem um desencontro, embora fossem opostas, muitas vezes, as nossas, convicções. Por esta razão natural: a amizade não é uma subordinação ou uma concordância perpétua, é sobretudo um diálogo em que o respeito mútuo corrige as divergências dos interlocutores.

Digo diálogo, e sei que digo bem. Porque o amigo é também o companheiro que sempre dá assunto para a conversa diária. O silêncio, quanto espaçado, mais nos distancia: acaba por interromper a conversa, levando-a ao silêncio excessivo que freqüentemente a exaure, para deixar apenas uma lembrança quase desfeita.

Mas Luiz Viana Filho não foi apenas meu amigo. Estou inclinado a concluir que a amizade era nele um dom natural. Nascera para ser amigo, com o gosto de admirar, de servir, de diluir os antagonismos excessivos. Daí ter sido amigo de muitos. Com a faculdade de longos silêncios, sem que, com estes hiatos, o sentimento da afeição se desmanchasse. Bastava-lhe um encontro fortuito, uma palavra, um simples cartão de Natal, para que

a afeição se reavivasse, reflorindo. A brasa da cordialidade estava acesa sob a cinza do tempo.

Há poucos dias, num programa de televisão, ouvi esta gorda bobagem: que Luiz Viana Filho representava a mais antiga oligarquia baiana. Daí — dizia o locutor — a continuidade de suas vitórias eleitorais, como deputado, como senador, como governador.

Nada disso. Luiz devera seus triunfos à circunstância de ter sido, por sessenta anos contínuos, um modelo de polidez, de austeridade, de equilíbrio. Estou mesmo inclinado a concluir que, ao longo de todas essas décadas, ele soube ser, exemplarmente, o mais civilizado dos brasileiros. Ou um deles, entre poucos.

Não sei se foi o Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, que o levou à descoberta e ao convívio de Eça de Queiroz, de quem acabaria por ser o último grande biógrafo. Aquelas virtudes superiores que o romancista português atribuiu a seu personagem eram as virtudes de Luiz Viana Filho — sem o tédio da vida realizada. Tanto teria gosto na leitura de Platão quanto no ato de correr os olhos por um velho número do *Diário de Notícias*.

Dois dias antes de sua morte, esteve ele comigo, na sala em que escrevo, rodeado de livros. Gostava de ficar aqui, distraíndp-se com aquele mexerico superior que é, por vezes, o encanto da conversa prolongada. Passamos uma revista geral em nossos problemas; aludimos a amigos comuns; avivamos figurinhas e figurões, reorganizamos o universo, para acabar concluindo que o país fazia muito mal em não estar ali, por trás da porta, a ouvir nossos conselhos e advertências.

Antes que ele se fosse, fiz-lhe uma surpresa: tirei dos meus guardados um recorte de jornal, que encontrei nos papéis de Constâncio Alves, com uma carta de Rui Barbosa, de 1915, sobre Pinheiro Machado.

Estou vendo Luiz pôr os óculos, buscar a melhor incidência da luz, contrair as sobrancelhas, e por fim dizer-me, com o ar feliz de quem achara um dado a mais para a biografia de Rui:

— Eu desconhecia esta carta.

E com a ansiedade natural de quem não quer perder de vista o documento:

— Que é que você vai fazer com ela?

— Confia-la a você pára que a transfira depois à Casa de Rui Barbosa.

Luiz tirou do bolso uma gorda caderneta repleta de papéis e ali guardou o papelucho, enquanto passávamos a discorrer sobre a inveja tenaz, neste nosso mundo literário, para concluir que nunca se deve castigar o invejoso, visto que este com, a própria inveja, já está devidamente castigado.

Nascido para ser invejado — por sua inteligência, por seu porte físico, por sua cultura, por suas vitórias —, Luiz há de ter pago, pelo caminho, esse imposto existencial, próprio da condição humana. Mas sobrepairou ao fisco de semelhante miséria, para nele prevalecer, luminosa, superior, a elevada convicção de que a vida há de ser um tirocínio de tolerância, no esforço

para compreender, para conciliar, e que nada se compara ao prazer de admirar e de aplaudir.

As biografias de Luiz Viana Filho bastam para definir-nos o grande biógrafo. Elas, em resumo, nada mais são do que a justificação documentada de suas mais puras admirações: Rui, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Machado de Assis, Eça de Queiroz, mestres que não tiveram inveja de ninguém. Rui, como modelo político; Nabuco, como modelo parlamentar; Rio Branco, como modelo diplomático; Machado e Eça, como modelos literários.

Opinando sobre a biografia de Machado de Assis, eu tive oportunidade de lhe resumir os altos méritos, no texto que figura na capa de sua última edição: "pelo interesse crescente de sua composição e pelo rigor da exatidão factual, uma biografia de Luiz Viana Filho, como esta de Machado de Assis, pode ser lida como se leria um romance, no qual a verdade da imaginação fosse substituída pela verdade histórica".

O próprio Luiz Viana Filho, no prefácio a essa mesma edição, adiantou-nos, explicando o seu processo: "ser exata, verdadeira, é o primeiro dever de uma biografia. Tornar-se uma obra de arte é o mérito do autor. Sem a arte, os fatos, observou Litton Strachey, serão apenas inexpressiva compilação". E foi esse, realmente, o patamar que ele alcançou, desde a biografia de Rui, em 1941, e que tratou de aprimorar a cada nova edição.

Vale recordar aqui, para a biografia do próprio Luiz, o episódio de que fui testemunha e artifice, ao tempo do presidente Castello Branco, de quem o grande biógrafo foi auxiliar imediato, como chefe de seu gabinete civil, e quando Negrão de Lima era o então governador do Estado da Guanabara.

Uma tarde, com voz alterada, Negrão me telefona:

— Preciso falar contigo, e vou aí.

Nunca eu o tinha visto assim tenso. Chegava a estar desfigurado, com a fisionomia contraída. Queria ler-me a carta que acabara de escrever, dirigida ao presidente Castello Branco.

Éramos ele e eu, nesta minha sala. Em poucas linhas exprimia Negrão de Lima a sua revolta: a despeito de sua respeitabilidade, tinha sido arrolado como freqüentador de umas reuniões de marginais, em Copacabana, na Rua Paula Freitas, e isso, essa miséria, essa podridão, constituía objeto e matéria de um processo reles, nos tribunais secretos da Revolução.

A carta de Negrão, dirigida ao presidente da República, era mais do que um protesto, um assomo de revolta — era um rompimento, o ponto de partida de uma crise política.

Ouvi-lhe a leitura com a calma necessária. E perguntei a Negrão de Lima, quando ele a concluiu:

— Já a mandou ao presidente?

— Não quis mandá-la sem que você a ouvisse.

E eu, devidamente sereno:

— Nesse caso, deixe-a comigo. O Luiz Viana, todos os sábados, ao chegar de Brasília, vem aqui. Quero primeiro ouvi-lo.

Sem mostrar a carta a Luiz, resumi-lhe a miséria. E ele mandou este recado a Negrão de Lima:

— Diga-lhe que, na segunda-feira, cedo, à hora do despacho, tratarei do caso com o presidente.

E na segunda-feira deu-me a boa notícia: o presidente avocara a si o processo; lera-o, e rasgara-o, indignado, no mesmo instante, diante de Luiz Viana.

No sábado seguinte, fiz que Luiz Viana e Negrão de Lima se encontrassem debaixo de meu teto. E estou a ver o contentamento dos dois.

Esse o Luiz Viana Filho que todos nós perdemos com a sua morte, íntegro. Superior. Obra-prima do bom gosto de Deus. O mesmo Luiz Viana que atendeu a outra de minhas ponderações, para servir a outro amigo, e foi dizer na *Hora do Brasil* que a cassação do mandato do presidente Kubitschek, conforme relatei no meu *Diário da Tarde*, tinha sido um ato político. Graças a essa declaração oficial, pôde Juscelino atravessar de cabeça erguida o seu exílio.

Sei que vai levar muito tempo para que eu enxugue estes meus olhos. A saudade do Luiz veio ficar comigo.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jun, 1990. Caderno 1, p. 11.

O EXEMPLO DE LUIZ VIANA FILHO

JUNOT SILVEIRA

Em suaves manhãs baianas ele vinha dos lados da Graça. E de graça me conduzia do Campo Grande à Praça Castro Alves. Não todo dia, mas durante muito tempo foi assim. Ele, já homem público, nome firmado na praça e no Estado, escritor e político atuante de uma geração, uma escola e um modelo que se findam, que acabam justamente quando o Brasil precisa do amadurecimento político de suas lideranças, de vocações autênticas fixadas na experiência e no saber, servindo nos exercícios de articulações e tolerância, como indiscutíveis e indispensáveis pontos de equilíbrio.

Na época, eu me iniciava na reportagem de *A Tarde* e morava no Rio Vermelho. E o Rio Vermelho era um sossego. Uma tranquilidade e uma beleza. A praia sem poluição maior, a vida quieta, as ruas sonolentas. Não havia a agressividade dos grosseiros calçadões que mais tarde por lá também apareceriam. Nem edifícios, uns atropelando os outros, nos morros à beiramar, construídos em lugar dos coqueiros e ocupando o espaço onde a grama, verde e viçosa, galgava as encostas. E também não existiam casas debruçadas sobre as águas atlânticas, em praias, então rústicas e de todos. Havia, no Largo de Sant'Ana e no da Mariquita, na Praça Colombo, na Rua Odilon Santos, na Fonte do Boi, em todo o bairro, um verdadeiro encantamento que se transformava no ancoradouro de artistas plásticos. Artistas baianos e de outras terras que se prendiam à paisagem do Rio Vermelho. À sua mágica mansidão.

E daí eu saía, manhã cedo, em coletivo que me deixava no Campo Grande, primeira etapa do percurso para o local de trabalho. Ainda não havia o Teatro Castro Alves (lamentavelmente ameaçado de se transformar em mais uma ruína do Centro), e eu ficava no passeio, à espera de transporte. Ficava, como todo mundo ficava, sem temor de assalto, sem medo de tumulto, sem receio de loucos ou de bêbados malcomportados.

Em várias e várias dessas ocasiões, de sol ou de chuvisco, um grande carro de fabricação norte-americana, cinzento ou azul claro, parava à minha frente. E no banco do carona, tímido como sempre, eu me instalava conforta-

velmente. E o dono do automóvel, alvo, olhos azuis, cabelos claros, um sorriso discreto e a voz serena, a palavra cordial, sem o menor artificialismo, sem afetação, muito ao seu jeito, nos conformes do seu temperamento e de sua educação, deixava-me confiante. Eu não o entrevistava, que naqueles agradáveis momentos não me sentia ao seu lado como repórter. Nem ele me falava formalmente, de cima para baixo, professoralmente, como o mestre a um aluno, apesar do seu saber, que já era vasto das suas lutas, que não eram poucas, de sua experiência de vida herdada do pai, consolidada na imprensa, na atividade política ao lado de vultos inconfundíveis e na própria obra cultural que o tornara aplaudido. Enquanto o carro andava sem pressa, sem vexame, de acordo com a cabeça e as mãos que o dirigiam, ele e eu conversávamos informalmente sobre vários assuntos.

No seu carro, quando me dava carona, ou em qualquer outro lugar, era sempre o mesmo homem simples e afável. O mesmo em qualquer das várias e elevadas funções públicas que exerceu. Jamais mudaria a cordial maneira de tratar, perderia o sorriso discreto e a voz serena e mansa. E nessa mansidão e nessa serenidade, ágil e hábil, fez uma longa carreira política e um renome de biógrafo. E se tanto venceu é porque muito sabia. E se muito sabia é porque tinha humildade. Uma vez, quando governador, declarou-me, sem falsa modéstia: "Estou aqui para aprender".

Esse atestado de humildade de Luiz Viana Filho é um gesto muito autêntico da sua reconhecida competência. E, partindo de quem partiu, de um homem do seu nível, deveria servir de exemplo aos que atuam na política brasileira.

JUNOT SILVEIRA é professor, jornalista e editor-chefe de A TARDE dominical.

A Tarde, Salvador, 10jun. 1990. Caderno 1, p. 6.

LUIZ VIANA FILHO

JUTAHY MAGALHÃES

P edem-me algumas palavras sobre a figura pública de Luiz Viana Filho, baiano ilustre, político e intelectual recentemente falecido, que deixa seu nome gravado no rol dos que souberam engrandecer a terra de Rui Barbosa e de Castro Alves.

Faltam-me, certamente, a competência e o brilho necessários para lançar-me à aventura de analisar a obra intelectual do jurista, professor universitário, biógrafo, historiador, acadêmico e escritor consagrado, com algumas dezenas de trabalhos importantes publicados.

Prefiro, assim, falar um pouco da pessoa e do político Luiz Viana, com quem tive o prazer de conviver ao longo de minha vida, na Bahia e alhures, em Brasília, onde fomos pares no Senado Federal.

Conheci Luiz Viana há muito tempo, na época em que, lá em casa, somente meu pai era político, e eu ainda não sonhava em dedicar-me a esse difícil e incompreendido ofício. Desde então, sempre tivemos um relacionamento cordial e respeitoso.

Já participando da vida política, muitas vezes trilhamos caminhos diversos. Isso não impediu nem modificou nosso relacionamento. Pelo contrário. Ao longo dos anos, firmou-se nossa postura de cordialidade e respeito, bem como a mútua aceitação das opiniões e pontos de vista um do outro, ainda que divergentes.

No período de 1967 a 1971, em função de acordos políticos regionais, compus com Luiz Viana a chapa para governar nosso Estado. Ele como governador e eu como vice.

Já dizia o famoso humorista que vice não fala, isto é, que todo vice ocupa um cargo decorativo, pois quem manda mesmo é o titular. Pois Luiz Viana não pensava nem agia assim. Nas diversas vezes em que assumi o cargo de governador, em função de viagens ou outros impedimentos de Luiz Viana, inclusive em 1968, num momento difícil, quando foi editado o AI-5, sempre agi com total autonomia, produzindo os atos que julgava necessários e administração o Estado como se fosse o titular. Nunca, em todo esse período,

Luiz Viana cancelou um ato que fosse dos que eu tinha adotado. E, diga-se de passagem, muitas vezes correligionários fizeram-lhe tal pedido...

Fique registrada, pois, a grandeza de Luiz Viana, que soube colocar-se, neste e em outros episódios, muito acima da mesquinhez política, infelizmente tão e cada vez mais presente no dia-a-dia de nossa vida política.

Durante seu governo, que, como vice-governador, tive ocasião de acompanhar atentamente, ele pôde demonstrar todo o seu amor à nossa terra. Mais que isso, ele conseguiu traduzir esse amor em competência política e administrativa, num trabalho dirigido para o desenvolvimento do Estado da Bahia.

É preciso sempre ressaltar que a decisão política de instalar na Bahia o Pólo Petroquímico de Camaçari, que mudaria a face de nosso Estado, antes simplesmente agrário, agora também importante centro industrial, contou com a decisiva participação de Luiz Viana Filho, glória que muitos até hoje tentam usurpar-lhe, para duvidoso proveito político próprio.

Foram ainda marcos de sua administração a instalação do serviço de "Ferry Boats" que liga Salvador a Itaparica, bem como o asfaltamento da ligação entre Salvador e Ibotirama (que posteriormente iria prolongar-se até Brasília).

No Senado Federal, Luiz Viana desenvolveu um trabalho parlamentar relevante, que o levaria ao cargo máximo de presidente da Casa e do Congresso Nacional. Foi também membro de diversas comissões, como a Comissão de Relações Exteriores, que veio a presidir.

Gostaria de oferecer um depoimento mais rico sobre a figura de Luiz Viana, mas tenho de humildemente reconhecer minhas limitações. Infelizmente, falta-me a qualidade de biógrafo, capacidade que o próprio Luiz Viana em tantas obras nos revelou.

Fique, então, expressa minha homenagem na singeleza destas lembranças, em que transparecem alguns dos motivos pelos quais o nome de Luiz Viana Filho ocupa um lugar de destaque na história política nacional, e não são poucos a chorar sua perda.

LUIZ VIANA FILHO

J.W. BAUTISTA VIDAL

Em atualíssima obra, Ortega y Gasset desenvolveu teoria acerca das gerações, por meio da qual consegue avaliar a evolução dos povos. Esta avaliação se faz tendo por base a vida e a obra de seus principais vultos. Deste modo se mede o nível vital dos períodos que formam suas histórias.

O próprio Ortega y Gasset é um exemplo vivo de sua teoria. Nos referimos à "geração 98", que representou um dos patamares vitais mais altos da milenar história da Espanha.

Após cerca de dois séculos de vazio histórico, em que a única figura de gênio foi Goya, a Espanha despontou a partir do final do século XIX com uma plêiade de grandes figuras universais. Em 1898 foi o ano da perda da última colônia. Coincidentemente, foi o ano de referência de uma geração de gênios. Por meio deles o país reconquistou sua grandeza passada.

Infelizmente, a longa noite franquista conseguiu amortecer este ímpeto cultural. Disso se beneficiou a França e o México, especialmente a cultura universal sofreu profundo dano, quando em 1973 morreram três pablos: Picasso, Neruda e Casais.

Plutarco conseguiu magistralmente descrever a história do seu tempo por meio de biografias comparadas, sempre dois a dois, dos principais vultos. As *Vidas Paralelas* são definitivas lições de caracterização de uma época e de testemunho para o futuro.

Luiz Viana Filho, por meio de biografias de grande vultos de nossa história cultural e política, consegue dar o pulso vital de nossa nacionalidade. As destacadas vidas de Rui, Nabuco, Rio Branco, Machado de Assis, José de Alencar e Anísio Teixeira são peças fundamentais para abalizar o nível vital do nosso povo.

O que Luiz Viana Filho deixou de melhor foi, entretanto, o exemplo da sua própria vida. E aqui desponta o seu vulto como um dos mais destacados, o seu último sobrevivente, de uma geração excepcional de baianos que colocou

o nosso estado no nível mais alto do diáspaso vital do Brasil, em todos os tempos. Esta geração fica como referência essencial para a construção do nosso futuro, como povo e como civilização. Essa referência nunca foi tão crucial como nos dias de decadência que estamos vivendo, com a estrutura de valores que sustentou nossa existência, em processo de desmoronamento, fruto de perversa política neocolonial, evidenciada por indignos índices internacionais.

A morte inesperada de Luiz Viana Filho é um fato gravíssimo na conjuntura em que nos encontramos. Quem não se tranquilizava com sua presença lúcida e serena? Homem culto, e isto é essencial, político experiente, estadista, intelectual destacado, cidadão brasileiro da Bahia e símbolo de extraordinária geração de vultos, como: Anísio Teixeira, Hermano Lima, Aliomar Baleeiro, Aloisio de Carvalho, Nestor Duarte e tantos" outros.

Luiz Viana Filho associava profundo conhecimento da nossa história e o culto a nossos valores, uma visão progressista do nosso futuro, incomparavelmente na frente dos políticos da atualidade, nesta fase insólita da nossa história.

A administração que realizou no Estado da Bahia esteve tão na frente de todas as outras da fase contemporânea, que é chocante comparar. Suas principais iniciativas ainda são, vinte anos depois, as que sustentam a vida do estado, impedindo-a de colapso.

Embora tivesse se associado a imagem de conservador, provavelmente fruto de julgamento de quem não o conhecia ou, equivocadamente, devido aos seus conhecimentos da nossa história, Luiz Viana Filho possuía na sua personalidade de estadista um poderoso "momentum" progressiva, no que isto representa de visão lúcida do futuro. O fato de ter colocado a Bahia, na sua administração, na frente da questão tecnológica nacional, demonstra essa visão. A Bahia de Luiz Viana Filho foi o primeiro estado da Federação a criar uma Secretaria de Ciência e Tecnologia. Isto, para dizer o menos.

Faz apenas poucas semanas nos debruçamos, Luiz Viana Filho e eu, no seu gabinete em Brasília, à procura de soluções e de ações que pudessem resgatar a Bahia do imenso marasmo e decadência em que se encontra, nesta e em outras áreas estratégicas.

Embora suas funções de representante no Senado Federal o vinculasse diretamente à vida do nosso estado, era sua extraordinária e fundamentada crença no seu povo e um imenso amor à Bahia que o fazia agir como um homem do nosso tempo, muito à frente da grande maioria dos que deveriam defender nossos legítimos interesses, com competência e descomprometimento pessoal ou grupai.

A visão que tinha da importância da educação, apenas aprofunda o que acabamos de testemunhar. Neste setor, essencial para o futuro do País, com graves e profundos problemas, em processo acentuado de decadência, é revoltante que tendo entre nós figuras do porte de Luiz Viana Filho se entregue -

o(s) ministério(s) da Educação e da Cultura a pessoas despreparadas, bisonhas, sem qualquer qualificação para tão gigantesca e complexa tarefa. Não compreendia Luiz Viana Filho porque a Bahia, sem qualquer causa que o justificasse, salvo a competência e dedicação de seus dirigentes, tenha perdido para o Rio de Janeiro o controle futuro de liderança nacional da área petroquímica. O seu recente livro sobre o Pólo de Camaçari demonstra o quanto foi difícil a conquista deste destacado papel, hoje em processo de transferência para outras regiões.

Por todo este conjunto de fatos e atitudes que encheram a Bahia da segunda metade deste século e, à vista da gravíssima situação para a qual caminha o País, foi muito dura a perda inesperada de Luiz Viana Filho. Por isso, é necessário que todos aqueles que o seguiam e eram seus amigos se unam para levar avante as ações que a memória deste grande brasileiro da Bahia está a exigir.

J.W. BAUTISTA V/DAL é engenheiro, físico nuclear, ex-secretário de Planejamento na Bahia e atual coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade de Brasília.

O MESTRE DE ONTEM, AMOR DE OUTRORA

LEDA JESUÍNO DOS SANTOS

Muitos o conheceram no exercício pleno e magnífico dos altos cargos que exerceu. Muitos aprenderam a admirá-lo nas lides das campanhas políticas. Alguns o amaram no trato familiar, contínuo e diário, quando se exacerbavam as suas qualidades de esposo, pai, tio e avó. Quantos o louvaram pelo inextinguível prazer da leitura de seus trabalhos intelectuais.

Não foram poucos os que provaram da sua incansável luta patriótica, que o acompanharam nas suas pesquisas intelectuais, que se beneficiaram do seu saber adquirido na vigília das noites de elucubrações.

Dezenas deles se acercaram para haurir as gotas de uma sabedoria vi vendada na gerência dos conflitos humanos. Os adversários políticos se unificaram no momento da grande verdade da vida, que é a morte. Dos olhos de alguns amigos desceram lágrimas de saudades. Dos lábios dos oradores amigos as palavras se transmutaram no profundo sentimento da saudade. Os que não o conheceram de perto, o murmúrio do apreço os envolveu. Os humildes que por ele foram governados, a passos lentos, o acompanharam ao túmulo.

Do Brasil político, o louvor se faz sentir, e, da Bahia orgulhosa do seu filho ilustre, o grito de dor e de saudade ecoou.

A perda se acentua quando o tempo passa, e se tornará mais profundamente sentida e pranteada quando faltar o conselho sábio e quando faltar aquele que conseguiu, em todos os papéis que desempenhou, o mais digno amálgama da natureza humana: a suavidade mansa do sábio e a fortaleza determinada do guerreiro.

É desse amálgama que é feito o homem verdadeiro e fiel aos seus princípios, aquele que vence pela força de sua verdade sem a impor aos demais.

Luiz Viana era um desses. Nós o conhecemos na Faculdade de Filosofia, quando nela Isaías Alves conseguiu reunir uma elite intelectual de escol; quando as aulas de Jorge Calmon, Thales de Azevedo, Wanderley Pinho, Luiz Viana; Nelson Sampaio, Carlos Chiacchio, João Mendonça, dentre tantos, representavam o pensamento criador das suas gerações.

Eu o conheci muito jovem ainda. A sua figura simpática e atraente tornava a nossa turma, a primeira da Faculdade de Filosofia na década de 40, um grupo privilegiado. Aprendemos todos a amá-lo e admirá-lo.

Quando, através do amor de sua filha Lia, a sua personalidade de pai se delineou para mim pessoalmente com toda clareza, então cresceu pelo amor da filha a compreensão da sua grandeza e da sua inexecdível ternura.

Foi sem dúvida para nós, Luiz Viana, um grande amor de outrora, dos velhos tempos da Faculdade de Filosofia de Isaías Alves, quando amávamos os nossos mestres e deles recebíamos a oferta maior, a dedicação aos seus estudos para oferecer o melhor que eles conseguiam captar na incansável busca da verdade, que é a função do mestre, aquele mestre de ontem que significará sempre para o discípulo de hoje o raro amor de outrora.

LEDA JESUÍNA DOS SANTOS *é educadora.*

A Tarde, Salvador, 24 jul. 1990. Caderno 1. p. 6.

UMA PRECIOSA AMIZADE

LEDA NASCIMENTO PEDREIRA

Luiz Viana nasceu com o dom de fazer amizades e aperfeiçoou durante toda uma vida a capacidade de conservá-las. Cuidava delas, alimentava-as com visitas constantes e conversas agradáveis e, quando longe, mantinha a chama acesa, com cartas e telefonemas. Não esquecia as particularidades de cada um e, com freqüência, o surpreendia, ao regressar, com um presente às vezes valioso e sempre carinhoso, pois significativo do gosto do presenteado. •Sentimento para Luiz era coisa séria e amigo, uma preciosidade. Para ele, meu pai foi um de muitos. Para Álvaro Nascimento, Luiz contava entre muito poucos.

Eram assim diferentes. Luiz, político, historiador, professor, simpático, elegante, carismático, o protótipo do homem público ideal. Meu pai, um tanto jurista, um tanto filólogo, reservado, modesto, tímido e calado, meio cético, de uma lealdade ferrenha e fidelidade canina. Um, nascido em Paris, de berço ilustre, galgando postos da maior importância, viajado, social e culturalmente disputado, com livre trânsito em embaixadas, palácios e academias. O outro, eterno estudante, trancado no gabinete, arraigado na certeza de que pouco sabia e muito precisava aprender. Tão diferentes eram e tão amigos ficaram!

Foi uma amizade sólida, cimentada com admiração, confiança e respeito, que se estendia sobre aqueles à sua volta. Tive a sorte de viver mais de cinquenta anos à sua sombra e nunca me ocorreu analisá-la. Existia e era constante como uma rocha e dela emanava uma atmosfera através da qual me chegava impressões da vida, da política, da história e da literatura.

Como começou? Já bacharéis, Álvaro Nascimento e Aliomar Baleeiro tinham uma banca de advocacia. Foi pela mão deste que o jornalista e estudante de Direito, Luiz Viana Filho, ao se formar, entrou para o escritório. Foi tempo de muito estudo, muito trabalho e vasta leitura, até porque Aliomar defendia a necessidade de ler sempre e sem cessar o que quer que fosse. Os três comungavam dos mesmos valores, em cuja escala, o saber, a honestidade e o trabalho ocupavam os primeiros degraus. Não tardou que o jovem

arguto e entusiasta completasse o trio e se instalasse, em definitivo, na estima dos colegas.

A política conspirava contra o Direito, contudo, e interrompeu temporariamente a carreira do jovem advogado que, eleito deputado federal para o Congresso em 1935, cumpriu, no Rio de Janeiro, o seu mandato até que Getúlio Vargas dissolveu o Congresso, em 10 de novembro de 1937. Voltou, então, à Bahia, onde sua carteira o esperava no escritório da Rua Padre Vieira. Nos anos que se seguiram, a convivência diária mais estreitou os laços com os amigos que não poupavam ac Benjamin, filho único, nem solidariedade, nem crítica, no mais incômodo estilo fraterno.

Em 1946, com o fim da ditadura, a dedicação à causa pública levou, não só Luiz, mas também Aliomar Baleeiro, para o Congresso Nacional e para longe do amigo, que passou a viver intensamente suas vidas ilustres, no cenário nacional, onde os dois serviram ao Brasil até morrer.

Seria fácil, para quem vivia sempre rodeado de amigos, substituir um único. Seria até normal que os afazeres, as solicitações e a própria distância enfraquecessem uma amizade feita na juventude. Luiz Viana, contudo, manteve íntegros os laços que o uniam a meu pai. Quando governador da Bahia, diariamente era visto ò carro oficial, à noite, parado na Av. Euclides da Cunha, em Salvador. Não dispensava alguns minutos de visita. E fazia mais. Quando lhe era de todo impossível fazê-la, telefonava pedindo desculpas. Admiravam-se alguns da afinidade que um político militante pudesse encontrar em meu pai, a ponto de desperdiçar com ele tantas horas proveitosas e de lhe permitir, quando consultado, conselhos e opiniões nem sempre suaves.

Doce convívio sincero e desinteressado!

Tinham um assunto inesgotável: livros. Livros, objetos físicos, palpáveis e manuseáveis, no seu papel, encadernação, impressão, ilustração e edição. Livros velhos de segunda mão, descobertas feitas em sebos na Bahia, no Rio ou, por Luiz em Portugal, já que Álvaro só viajava "em torno do gabinete". Livros, seus editores, revisores, tradutores e autores. Livros e estilos, livros é linguagem, livros e leitores, livros lidos e anotados, lidos e comparados, digeridos e dissecados, mas sempre livros.

Inevitavelmente descambavam para os clássicos da língua portuguesa e se encontravam, nos vãos de Vieira e Herculano, no romantismo de Alencar e Castro Alves, na finura de Eça e Machado e no humor cáustico de Camilo. Reviviam o duelo Réplica e Tréplica e se compraziam em dele participar, como se ali estivessem Rui e Carneiro.

Eram conversas positivas e construtivas. Não tinham tempo para perder, ignoravam simplesmente o que não era grande. Tantos e tais eram seus cultivados que nenhum interesse gastavam com os medíocres. E, à tardinha, quando se encontravam, cada um trazia, debaixo do braço, um ou dois volumes marcados com tirinhas de papel, nos trechos que um impunha ao outro. Daí geravam, às vezes, discussões que os levavam a dicionários, gramáticas e outros livros

de consultas. Luiz tinha uma memória factual espantosa e meu pai uma formidável memória fotográfica. Sabia onde tinha lido, autor, livro, até o lado e canto da página. Às vezes, à noite, voltavam a se falar comunicando novas descobertas comprovadoras de opiniões anteriores, em cochiches telefônicos intermináveis.

Veneravam ambos o português castiço e correto, ligados espiritualmente a Portugal, pelo amor à língua e aos clássicos nascidos lá e no Brasil. Luiz Viana foi o grande defensor de uma língua portuguesa única e de suas origens lusas. Dizia ele na sua *Evocação de Rui Barbosa*:

"Os anos não me fizeram mudar. Longe disso, mais eles vovem, mais me acerco de Portugal, terra de minha terra, mais convivo com portugueses, gente de minha gente, mais se me arraiga a consciência da importância e da benemerência da nossa comunidade que Deus guarde para glória da civilização lusíada". Lembro-me do orgulho de meu pai, no dia 17 de outubro de 1977, quando Luiz Viana foi recebido como membro do Instituto de Altos Estudos da Academia de Ciências de Lisboa. Não sei se alguém, além do novo acadêmico, sentiu mais forte esta emoção.

Que Luiz pedisse para Álvaro rever alguns de seus livros foi um passo natural. Quando isto ocorria, além das conversas de fim de tarde, iam-se tardes de sábados e manhãs inteiras de domingos e feriados. E, se o autor acreditava na competência do revisor, este levava a tarefa a peito, numa atitude quase proprietária. Lia, anotava, marcava e, quando o biógrafo chegava, ninguém conseguia interrompê-los. Uma vez, tomei a defesa do autor e reclamei do rigor do revisor. Ele me respondeu: "Se eu não o fizer, outros vão tentar fazê-lo".

Luiz Viana poderia ter escolhido outros revisores, por certo mais cultos e indubitavelmente mais conhecidos. Nenhum, porém, teria encetado a tarefa com mais empenho em ver o autor aperfeiçoar seu estilo já escorreito e espontâneo, movido que era pelo amor a quem Josué Montelo chamou "o amigo fraterno".

Ainda menina, comentava com meu pai a respeito da amizade que ele votava a Luiz Viana e Aliomar Baleeiro, e perguntei como sabia que era realmente amigo de alguém, ao que ele retrucou: "Há um teste infalível. Imagine-se naufrago, agarrado a uma pequena tábua. De repente, na água, avista este alguém. Se você for seu amigo mesmo, vai querer partilhar com ele da mísera tábua, mesmo que isto lhe custe a vida".

Ao perder este último pedaço de meu pai não posso deixar de pensar nos três juntos... Onde quer que estejam hoje, estarão partilhando, não uma mísera tábua, mas a abundância do amor que lhes enriqueceu a vida.

UM ADEUS A LUIZ VIANA FILHO, PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

Um dia alguém fará a história das relações entre Portugal e o Brasil neste século; começa a ser tempo de pensar-se nisso e já é possível mesmo uma perspectiva. Nessa história, na qual são muitíssimas as luzes e raríssimas, ou até inexistentes de facto, grandes sombras, há de ser dado lugar muito especial a Luiz Viana Filho, escritor, homem de Estado, parlamentar, senador. Pela inteligência sensível, diga-se assim, como nos amava e entendia; pela coerência perfeita entre uma devoção exemplar e a prática do ideário a que foi sempre fiel e que o levou aos mais altos cargos: duas vezes Ministro de Estado, Presidente do Senado, Governador da Bahia, finalmente Presidente da Comissão de Relações Internacionais do Senado. E tantos mais. Quando a notícia da sua morte vem abalar o ânimo dos que eram seus amigos (e tantos tinha em Portugal!) surpreendê-los, como se nos tivéssemos habituado à idéia de que, afinal em homem assim rijo no porte e no saber tanto quanto na vontade, os anos, afinal, não passariam; alguns recordarão o mestre de Direito Internacional Privado, o estadista da hierática aparência que não ocultava, porém, os dons muito especiais da subtileza e da pronta argúcia no entendimento dos factos e, bem mais importantes dos homens e — Santo Deus! — dos homens políticos, por entre os quais transitou como um grande senhor que sempre foi: combatendo quando a causa o merecia e as suas convicções o exigiam, sabendo julgar com frieza mas sabendo também perdoar tranqüilamente: magnânimo sem alarde, indulgente sem quebra; outros, porém, e é esse o meu caso, guardarão até final a memória do amigo que não precisava de ser chamado para responder "presente", vigilante sem exhibir que o era, nas curvas e contracurvas dos caminhos daqueles que estimava, e sempre, em qualquer circunstância e por entre os mais duros combates da vida política do seu país — e tantos viveu e em

tantos tomou parte durante mais de 60 anos de presença activa — sempre, o escritor que fazia da sobriedade no estilo a primeira arma da sua clareza expositiva e, por isso também, o instrumento de uma objetividade rigorosa na análise das grandes figuras que biografou, que reanimou, que arrancou à moldura do tempo em que viveram para torná-las mais próximas do nosso. E este será um dos pontos que o inevitável estudo a fazer sobre a sua obra, vastíssima, terá de evidenciar: um espírito essencialmente analítico que, no entanto, procurava no âmago dos políticos e dos escritores que escolhera (e no Brasil, como se sabe, com freqüência as duas condições andam juntas) a totalidade humana de cada um — e foi sobre essa totalidade que ergueu com a justeza do mestre sabedor, a exaustiva informação do investigador infatigável e a intuição luminosa do psicólogo, a galeria das suas grandes obras biográficas. Depois de Luiz Viana Filho, nunca mais será possível estudar figuras políticas como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Rio Branco ou Castelo Branco ou as de escritores como Machado de Assis, José de Alencar ou Eça de Queiroz, sem recorrer aos trabalhos que lhes consagrou. No caso do último, fomos alguns, portugueses, que tivemos o privilégio de ver de perto como Luiz Viana trabalhava, a tenacidade dum esforço de pesquisa, infatigável; o cuidado posto na investigação do documento, da correspondência, do pormenor aparentemente dispiciendo e, mais ainda, o respeito do escritor, impecável no trato e no compromisso, pelos arquivos particulares que se lhe abriram. Uma vez lhe disse ser ele *"um gentleman incurável"*, que sabia transitar num mundo descomposto e apressado, conseguindo vivê-lo profundamente sem se lhe misturar. Melhor: sabia aproveitar-lhe sempre o reverso positivo, impondo-se acima das pequenas ou grandes quizílias, enfrentando-as de perto e, no entanto, conseguindo manter-se longe delas. Também por isso, (sobretudo no tratamento dado às personagens históricas do seu friso de biografias, figuras mais vulneráveis nessa condição de homens-públicos, como ele) os episódios mais polémicos, as grandes lutas, partidárias ou não, os mais duros combates, não eram de modo algum suavizados mas Luiz Viana "tratava-os" como especialista, com a objectividade do historiador íntegro, a moldura do escritor de raça e a experiência do político. Com muita autoridade escreveu Francisco da Gama Caeiro na Introdução à edição portuguesa de *A Vida do Barão do Rio Branco*, Introdução que é um modelar ensaio sobre metodologia da história: "Viana Filho entra na historiografia de língua portuguesa, mais ainda do que como exímio escritor que é, dotado dessa vigorosa capacidade de síntese, dessa tremenda força evocativa, a fazer-nos lembrar Stendhal, ingressa ali, insistimos, sobretudo como renovador dos estudos biográficos. A biografia converte-se, com o nosso autor, em monografia científica. Só um leitor atento pode surpreender, tal o grau de harmoniosa inserção no texto, o aparato erudito das notas, as citações de uma bibliografia exaustivamente utilizada, a documentação variadíssima e quase sempre inexplorada que servem de suporte ao seu trabalho".

Portugal deve muito à memória de Luiz Viana Filho. Em 1940, em plena juventude, ele apresentava no Congresso Luso-Brasileiro integrado nas celebrações do Mundo Português (fez bem Gama Caeiro em lembrá-lo) um estudo muito importante de história econômica; demografia e história social com o título *O trabalho do engenho e a reacção do índio, estabelecimento da escravidão africana*; já em 1936 publicara um estudo sobre *A língua do Brasil* e em 1944 *O Negro na Bahia* com um estudo introdutório de Gilberto Freyre. Na Academia Brasileira de Letras, à qual pertencia desde 1943, membro destacadíssimo, voz sempre escutada, nunca um confrade português ali presente deixou de ser saudado por ele. Pertencia também aos quadros dos correspondentes das nossas Academia de Ciências, da Academia de História e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Tomaria posse, nesta, em 1969 falando de *Contribuição do Padre Antônio Vieira para os direitos do homem*; em 1982 escolheu como tema para a sua posse, na Academia de Ciências uma *Evocação de Rui Barbosa* mas já ali falara em 1980 sobre *Camões e o Brasil* e em 1976 viera a Lisboa para a cerimônia da entrega do busto de Camões oferecido pela Academia Brasileira à sua congênera portuguesa. Finalmente, em 1980 fazia *Elogio de Ribeiro Couto*, na Academia Portuguesa de História. Os temas escolhidos, tratados com mestria e a sabedoria do historiador-acadêmico, são bem significativos do ecletismo da sua cultura".

Fundamentalmente serviço prestado à literatura de língua portuguesa foi a iniciativa de Edgar Lello de publicar, a partir de 1981 com *A Vida de José de Alencar*, prefaciada por Jacinto do Prado Coelho, as biografias de Luiz Viana Filho e sucessivamente *A Vida de Rui Barbosa*, a que tive a honra e alegria de prefaciar, *A vida de Joaquim Nabuco* com prefácio de Artur Anselmo, *A Vida do Barão do Rio Branco*, com o já citado prefácio de Gama Caeiro e ainda esses dois verdadeiros monumentos da biografia que são *A Vida de Machado de Assis* e *A Vida de Eça de Queiroz*, este publicado em V edição no Rio pela Nova Fronteira em 1983 e a 2ª em 1985, e pela Lello, no Porto, também em 1983. Só esta obra, se tantas outras razões não houvesse, justificaria que a cultura portuguesa lembrasse, muito especialmente agora, o nome de Luiz Viana Filho, por ser obra de história literária, de biografia, de investigação e de amor. Essa imensa capacidade brasileira (e bem bahiana) de pegar num tema, numa obra, num autor, e saber amá-los com *apaixonada objectividade*. Todas as homenagens são devidas e a seu tempo virão, estou certo, neste país tanta vez distraído mas não ingrato, a esta figura de homem e de escritor exemplar. Nada poderá, no entanto, compensar a perda imensa que os seus amigos sofreram e que me levou a escrever, sobre a hora, estas linhas tão pobres afinal, para o que Luiz Viana Filho merecia.

LUIS FORJA Z TRIGUEIROS é escritor português, sócio efetivo da Academia de Ciências de Lisboa, membro correspondente da Academia Brasileira de Letras e grande amigo do Brasil.

O Dia, Lisboa, 16 jun. 1990.

DOUTOR LUIZ

LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES

Nós o chamávamos doutor Luiz. Era uma velha forma de tratamento social baiano, sem dúvida antiga, mas na qual se encontravam sentimentos de respeito, reconhecimento e estima. Respeito a um intelectual brasileiro de grande valor. Reconhecimento a um político em que a rara habilidade com os conflitos e as negociações se correspondiam com a coragem e o compromisso aos princípios liberais. E estima, sincera e afetuosa estima, pelo amigo mais sábio e mais velho; cada encontro com ele significava muitas lições.

Muitas vezes, no gabinete de Waldemar Falcão, assisti interromper depoimentos, lembranças e observações inteligentes e valiosas, para atender um telefonema, continuando depois na mesma linha em que antes já se encontrava e prosseguindo com igual precisão e encanto a recordação de episódios do seu vasto saber das coisas e das personalidades da Bahia e do Brasil.

Não obstante suas vitórias intelectuais e políticas, mantinha-se simples, amável e extremamente discreto sobre a sua própria biografia. Muito raramente falava de-si próprio.

Ao escrever a única biografia mais séria e mais extensa que existe sobre Luiz Viana Filho, lembro-me de que Luiz Navarro de Britto dizia-me que a sua maior dificuldade estava em obter informações íntimas que lhe permitissem completar o retrato do homem e do político, ao qual todavia conhecia do trato diário no período do governo Castello Branco. De fato, por causa dessa discreção, desse pudor com a sua privacidade, quase nada se sabe dos seus primeiros dezesseis ou dezessete anos, do convívio com o pai, conselheiro Luiz Viana, ou com a mãe francesa, ou das dificuldades materiais que ambos conheceram depois da morte do governador Luiz Viana. Certa manhã de domingo, contou-me que o pai o levava várias vezes (devia ter oito ou nove anos) ao Asilo D. Pedro II, de velhas e velhos desvalidos, para que visse e conhecesse o lado dos derrotados, dos que nada tinham de bens materiais, dos que haviam perdido até mesmo a acolhida dos familiares, ou de um filho único, ou de uma única filha.

Pouco se sabe também de sua adolescência, do seu viver de estudante de dinheiro curto, do seu aprendizado de jornalista em *A Tarde*, e de escritor,

com os primeiros livros que escreveu e publicou. Um desses livros, dedicado ao estudo da *Sabinada*, foi, além do mais, de notável coragem política.

Porque Luiz Viana Filho foi amigo e companheiro político do meu primo Nestor Duarte, sei um pouco, por ouvir dizer em família, da coragem com que se bateu no período mais duro do chamado autonomismo. Dividiam-se então entre a oposição imediata ao interventor militar na Bahia, tenente Juracy Magalhães, e a oposição mais larga e mediata ao ditador Getúlio Vargas (era 1931, 1932...). Na imediata resistiam à repressão policial e boçal dos canalhas de todos os tempos, alguns dos quais foram os que cometeram violências às ocultas do jovem oficial do Exército que desejava acertar como administrador e ser conhecido como político liberal-democrata igual aos seus companheiros daquela época, Luiz Viana Filho participou de comícios de agitação política, todos eles temerários, e para os quais iam sem saber se voltavam vivos ou mortos, feridos ou não. Pelos caminhos da vida e da política, os opostos de 1931-1937 — autonomistas e Juracy Magalhães — terminariam se encontrando na luta antifascista dos anos 40 (sobretudo de 1942 em diante), na luta que formou a ampla frente política responsável pela imobilização e queda do Estado Novo.

E certo (penso eu) que ainda é muito cedo para narrar essa contemporaneidade. Mas os cuidados não devem ir ao extremo de omitir a corajosa resistência do governador Luiz Viana Filho às conspirações que se armaram nos dias que se seguiram ao AI-5. Discreto e sóbrio nas confidências, ele, todavia, contava que, na madrugada da assinatura desse documento terrível, o então comandante da 6^a Região Militar, general Abson Sena, fez-se anunciar em Ondina. Ordenou que acordassem o governador. Político e educado para as situações adversas, doutor Luiz recebeu e escutou a leitura do texto do AI-5.

— Mais alguma coisa general, perguntou.

— É bastante, respondeu o general Abson.

— Então, general, o senhor vai dar licença, mas eu volto a dormir.

Foi"o que disse (relatava), mas em verdade adotou em seguida medidas que também contribuíram para segurar as linhas soltas da resistência liberal que afinal derrotou o estatuto de dezembro de 1968. Sua resistência foi permanente ao longo de 1969, 1970...

Nada disso (penso eu) deve ser esquecido.

Também recorro uma das admiráveis histórias do doutor Luiz. Eu a escutei diversas vezes. Referia-se a uma senhora (jamais me disse o nome) que comparecia à Assembléia Constituinte de 1935, nos dias de pagamento dos deputados e senadores. Viúva de um político decaído pela Revolução de 1930, perdera todos os bens, não tinha qualquer pensão, e, por isso, procurava a ajuda dos antigos companheiros do marido. Um desses quis chamá-la à ordem.

— A senhora, advertiu ele, não deve se comportar como esmoler, isso fere a sua dignidade de senhora, concluiu, todo solene.

Ela respondeu:

— Sei muito bem o que é dignidade meu caro senhor. Mas também sei o que é passar necessidades.

Contando essa história, doutor Luiz dava uma lição.

Grande e admirável doutor Luiz. Que saudade!

LUIZ HENRIQUE DIAS TAVARES é historiador, jornalista e professor. Encontra-se na Inglaterra, em trabalho de pesquisa para um novo livro.

A Tarde. Salvador, 24 ago. 1990. Caderno I, p. 6.

LUIZ VIANA FILHO

LUIZ NAVARRO DE BRITO

Luiz Viana Filho nasceu em Paris, no dia 28 de março de 1908. Num dia, portanto, de início de primavera, quando provavelmente a cidade cinzenta já começava a trocar de roupa.

Dois anos mais tarde, ele chegara a Bahia, trazido por seus pais — o conselheiro Luiz Viana e D. Joana Gertrudes Viana — e aparentemente sem nenhuma lembrança da Avenida Foch, dos seus jardins floridos ou da sombra gigantesca do Arco do Triunfo.

Mas esta sombra explicará talvez muitas das escolhas em sua vida, como a sua paixão pela história ou modelo de André Maurois que lhe conquistou para a biografia. Talvez também lhe tenha gravado a dicção errada, os "rr" guturais e os "ss" quase cissiantes.

Chegando a Bahia, em 1910, ele será levado para "O Mamão", uma pequena fazenda de propriedade de seu pai, a trinta quilômetros de Salvador. Aí passará sempre as suas férias escolares, quando os encargos do conselheiro Luiz Viana obrigavam o senador da República a residir no Rio de Janeiro.

Por isso é no Rio que ele frequenta pela primeira vez uma escola. Uma escola pública, na Rua Martins Ferreira, em Botafogo. Depois foi transferido para o aristocrático Colégio Anchieta e em seguida para o Aldridge. No Anchieta também tomou aulas de violino. Sua dedicação à música foi entretanto muito efêmera. Jamais conseguira tocar uma partitura completa.

Em compensação, aluno interno do Externato Burlamaqui Moura, ele se entregará aos estudos da História com a mesma avidez com que os gauleses tomaram o hábito de deter os viajantes para "lhes interrogar sobre tudo que cada um deles tinha aprendido ou conhecido". Luiz Viana Filho porém, embora uma criança, já não se contentava como os gauleses descritos por César, com "os ruídos incertos" e "inventados para agradar"⁽³⁾ Sua curiosidade era exigente e precisa. Quando mais tarde prestara seus exames de preparatórios no Colégio Pedro II, Pedro Couto impressionado com os seus conhecimentos de História do Brasil, convidou-o para sentar-se junto a banca examinadora, declarando que ele estava em condições de examinar os seus colegas.

"Devo ter feito um bom exame", confessou-me uma vez, entre envaidecido e saudoso.

Em 1920 viaja com seu pai para a Europa. Poderia ter sido uma bela viagem de reencontros!... Mas a morte surpreendeu o conselheiro. A criança enlutada chega apenas a Lisboa, onde acompanhou as providências para o traslado do corpo de seu pai para o Brasil.

Luiz Viana Filho continuará ainda interno, por algum tempo, no Burlamaqui Moura. Depois vai viver na Bahia, onde presta seus últimos exames de preparatórios: Física, Química, Latim e História Natural, órfão, ele seguirá sendo porém o aluno estudioso e diligente. Nas aulas de Química do professor Adolfo Diniz, por exemplo, ele era um dos melhores.

Com 16 anos começa a trabalhar no *Diário da Bahia*. Seu tio, Jerônimo Sodré Viana, arranjará-lhe o emprego. Este era o irmão predileto de seu pai. Homem de talento, além de escrever para o *Diário da Bahia*, também assinava uma coluna diária (A Hora Risonha") no jornal *A Tarde*, com o pseudônimo de Jesovi.

O *Diário da Bahia*, costuma confessar, "foi um mundo para mim". Lá encontraria Aloisio de Carvalho Filho, Hermes Lima, Nestor Duarte, Sodré Viana, A turbulência do jornal com sua riqueza de fatos e de coisas conquistara a inteligência inquieta que desabrochava. Pouco tempo depois trabalhava na redação. E aí, cotejando e glosando cotidianamente os fatos políticos, decidiu a sua matrícula na Faculdade de Direito.

Porque antes do jornal Luiz Viana Filho pensara em ser médico. A companhia de vários amigos e sobretudo de Juvenal Gordilho, a quem estimulava e ajudava nos estudos de anatomia, conduzia-o naturalmente à velha Faculdade do Terreiro de Jesus. Nesta oportunidade leu o *Traité d'Anatomie Humaine* de L. Testut, a grande obra do professor de Lion premiada pela Academia de Medicina de Paris em 1902.

Mas, o jornal apaixonara e despertara o literato e político latentes. Além disso, a lembrança e culto à memória do conselheiro jamais abandonaram o filho único e dileto. Decidir-se pelos estudos jurídicos foi portanto também uma forma de cristalizar o seu culto e a lembrança inesquecível.

Assim, em 1925, Luiz Viana Filho se matricula na Faculdade de Direito da Bahia. Fundada em 1891, ela estava ainda distante de competir com a tradição das Faculdades de Direito de São Paulo ou do Recife. Do seu corpo docente já constavam entretanto os nomes de Leovigildo Filgueiras, Afonso de Castro Rebelo, Severino Vieira, Antônio Muniz Sodré de Aragão, Filinto Bastos, Bernardino de Souza, Edgar Sanches, os quatro últimos no exercício da cátedra em 1925.

Na Faculdade da Lapa, jovens professores e colegas de Luiz Viana Filho se tornarão seus amigos de sempre ou companheiros na militância política: Alberico Fraga, Aliomar Baleeiro, Aloisio de Carvalho Filho, Clemente Ma-

riani, Demosthenes Madureira de Pinho, Hermes Lima, Jaime Junqueira Aires, João Marques dos Reis, Pericles Madureira de Pinho.

Aqui começará uma etapa brilhante e fecunda, partilhada e confundida entre a Faculdade de Direito e o jornalismo, desde 28 de dezembro no vespertino *A Tarde* onde ingressou sob o patrocínio de Aliomar Baleeiro. Sua vida acadêmica lhe impunha deveres imperiosos, que não se esgotavam no casarão da Lapa. *A jeunesse dorée* devia frequentar saraus, tertúlias e as prolongadas rodas de epigramas do *Café das meninas*. Além do mais, desportista e ouvinte de música erudita, Lulu Viana também escrevia contos e críticas literárias para a revista *Renascença*, não podendo igualmente se furtar às noitadas alegres programadas por seus companheiros da *Pensão da Maria*, onde morou algum tempo.

Porém, esta fase inquieta, cedo tomará outros vetores e colorido. Conheceu Julieta Tarquinio Pontes. Elegante, inteligente, bem nascida, ela corresponderá de logo às expectativas do intelectual ambicioso e do jovem de maneiras medidas e de trajes apurados, sem afetação. Muito mais tarde, ela também saberá corresponder de modo irrepreensível às exigências do político, recebendo eleitores do São Francisco, chefiando a Casa Civil da Presidência da República ou governando a Bahia. "Juju" como ele a chama, será sempre o grande amor e sua companheira insubstituível.

Conheceram-se em 1927, no Palácio da Aclamação. Ambos eram amigos dos filhos do governador da Bahia, o Dr. Francisco Marques de Goes Calmon. Em janeiro do ano seguinte iniciaram o namoro que durou somente seis meses. No dia 4 de junho de 1928 o Dr. Adriano Gordilho comparecia à casa senhoria! de número 31 da Avenida Princesa Leopoldina para pedir ao Dr. Frederico Pontes a mão de sua filha Julieta para o estudante e jornalista Luiz Viana Filho.

O noivado, porém, será bastante mais longo. Primeiro era preciso concluir os estudos e colar grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, o que se realizou no salão nobre do Instituto Geográfico e Histórico, em 8 de dezembro de 1929. A solenidade foi presidida por Bernardino de Souza, Diretor da Faculdade, e paraninfada por João Marques dos Reis, professor de Direito Civil. Carlos Onofre fez o discurso em nome dos novos bacharéis. Segundo noticiário da época, o orador oficial "soube desenvolver o tema de sua oração como mostra do seu brilhante talento".⁽⁴⁾

Depois, era o começo de sua carreira de advogado. Foi trabalhar no escritório de Aliomar Baleeiro e Peçanha Martins. Embora já conhecido como jornalista e participando de uma "banca" que se projetava, as dificuldades iniciais da busca de clientes eram inevitáveis.

O noivado prolongou-se, então, durante três anos e meio. Evocando esta época, Dona Juju confidencia as qualidades e vitórias desportivas do seu noivo: "uma vez, tendo Lulu como *half* direito, o *Charleston* ganhou a grande partida de futebol da primavera. Outra vez, disputando a medalha

dos cem metros, ele venceu a corrida para Rodrigo Argolo, integrante da equipe dos *yankees*".

Nos últimos meses de 1931, demarraram-se os preparativos para o matrimônio. De repente, porém, contam os amigos mais indiscretos, estes preparativos foram acelerados porque alguns parentes da noiva lembraram o inconveniente de realizar-se o casamento no ano de 1932, um ano bissexto.

Verdadeira ou não esta confidencia, a cerimônia celebrou-se no dia 31 de dezembro. A lua-de-mel foi modesta; dois meses na fazenda Mamão.

Em 1º de novembro de 1932 nasce o primeiro filho, Frederico. Depois virão mais cinco: Luiz, Lia, Julieta, Celina e Maria Lúcia.

Muito bom pai, a família sempre o absorve. Foi ao mesmo tempo carinhoso, rígido e exigente com as suas crianças. Segundo expressões de Dona Juju, "ele educava. Eu dizia sim".

Mais tarde vieram os netos. A casa cheia lhe entenece. O escritor ou o estadista é antes de tudo o pai de seis filhos e o avô de vinte netos. "A fortuna, o sucesso, a glória, mesmo o poder podem aumentar a felicidade", escreve André Maurois, "mas eles não podem criá-la. Somente as afeições dão felicidade".⁽⁵⁾

O ano de 1928 consagra Luiz Viana Filho à política, com a sua eleição para a presidência do Centro Acadêmico Rui Barbosa, da Faculdade de Direito. A atividade política prolonga-se no jornalismo. Desde 1930, o êxito de seus artigos diários no vespertino *A Tarde* cresce-lhe o eleitorado potencial. Além disso, sob a direção de Aloísio de Carvalho Filho, ele criou em 1929, juntamente com Péricles Madureira de Pinho, Lauro Vieira de Sá, Joel da Rocha Lyra, Demóstenes Madureira de Pinho e Nelson de Almeida Pinto, a *Revista de Cultura Jurídica*, onde colaborou desde o primeiro número com um artigo sobre "A Constituição e as Minorias". No 4º número da revista, de 1931, o político investe:

"Dos problemas que se agitam atualmente dentro do Brasil, nenhum poderá merecer maior atenção do que a reconstitucionalização do país... Temos a embarcação sem leme, navegando ao sabor das ondas. Terá a ditadura remédios para tudo isso? Quando ninguém ignora a insuficiência das ditaduras em casos idênticos? Não é provável. Necessitamos apenas de ordem, de legalidade. Urgenos o Governo legal a cuja sombra se organizarão as forças sadias e capazes de serem um estanke às idolatrias exógenas."⁽⁶⁾

Este texto já antecipa as idéias fundamentais que nortearão a sua vida política. Um ano antes ele confiara ardorosamente na Revolução e em Getúlio Vargas.⁽⁷⁾ Mas o homem de São Borja deixava todos na incerteza. "Para onde vamos?", indagava Luiz Viana Filho. Suas convicções liberais não suportavam a idéia de nos ver "despedaçar nas criptas do Vaticano ou nos degraus do Kremlin, dois pontos opostos de que deveríamos fugir, por serem duas expressões igualmente repudiáveis, da compressão, da intolerância e do esma-

gamento de consciências". Para ele, o respeito às liberdades individuais constituía o grande princípio para alcançar a ordem e prosperidade "que só o regime legal nos poderá proporcionar".

Por isso mesmo não tergiversa para aderir à Revolução Constitucionalista de 1932. Com Aloisio de Carvalho, Eugênio Gomes, Gilberto Valente, Inocêncio Calmon, João Mendes, José Silveira, Lafayette Ponde, Miguel Calmon, Nestor Duarte, Prado Valadares e outros, ele redige grande parte do Manifesto da Liga de Ação Social e Política, afirmando a solidariedade baiana aos revolucionários de São Paulo.

Na manhã de 21 de agosto recebe ordem de prisão no seu escritório e é transportado para a Penitenciária do Estado. Foram três dias de expectativa. Alguns, dos seus companheiros também alojados na Enfermaria pensam em rebelar-se. "Tive medo", confessou-me. As guaritas ocupadas permanentemente dominavam todas as janelas. Por precaução, "protegi a minha cama atrás de uma das colunas existentes no dormitório". Mas não houve a rebelião. No dia 23 foi autorizado a voltar à sua residência onde devia por algum tempo ainda permanecer preso sob palavra.

Este incidente robusteceu as crenças de Luiz Viana Filho e a sua decisão de pugnar ativamente em defesa das franquias individuais.

No ano imediato candidata-se a uma das cadeiras de constituinte. Alinhou-se com o "autonomismo", onde militavam Pedro Lago, seu padrinho, e todo o antigo grupo ligado politicamente a seu pai. Lutou bravamente. Seus principais cabos eleitorais foram os artigos diários que escrevia em *A Tarde*,

Não foi entretanto eleito, apesar de ter sido o candidato mais votado em Salvador., Pela segunda vez ele vê assim seus planos frustrados, pois já em 1930 sua candidatura a deputado estadual foi abortada pela revolução.

Mas, Luiz Viana Filho não renuncia à sua "plena força de ataque" e em 1934 é eleito deputado federal pela Bahia. No ano seguinte assume a sua cadeira. Era o mais jovem entre os seus pares.

Tímido a princípio, como convém a todo neófito, seu estágio probatório durou muito pouco. Logo seu entusiasmo desafiava a tribuna da Câmara e sua inteligência mereceu o respeito de seus colegas e a curiosidade das galerias. Seus pronunciamentos na Comissão de Educação e Cultura sobre o idioma pátrio, publicados depois sob o título *A Língua do Brasil*, marcam de modo especial a sua participação naquela legislatura, que nasceu promissora sob a Constituição de 1934 e deveria morrer prematuramente em 1937.

No dia 10 de novembro de 1937, Luiz Viana Filho viajava de Salvador para o Rio. Austregésilo de Athayde e Manoel Novais eram seus companheiros de avião. Ao desembarcar na Ponte do Calabouço, seu sogro o esperava com a dolorosa notícia: Getúlio desfechava o golpe de Estado, dissolveu o Congresso e outorgava ao País uma nova Carta Política.

Luiz Viana Filho retorna então a Salvador, deputado desempregado, para se consagrar outra vez ao jornalismo e a advocacia. Em 1940 concorre à cátedra de Direito Internacional Privado e, com a média geral 8,85, vence o concurso para o seu concorrente Clovis Newton de Lemos, livre-docente da cadeira, que obteve a média 8,20. Sua tese discorre sobre: "A Condição Jurídica do Estrangeiro".

"Lavrado o parecer, informa a *Revista da Faculdade de Direito da Bahia*, indicando à nomeação de catedrático o bacharel Luiz Viana Filho, foi o mesmo parecer aprovado unanimemente pela Congregação da Faculdade, reunida na mesma tarde.

Todas as provas tiveram numerosa assistência de estudantes, juizes, advogados e pessoas gradas, despertando o maior interesse nos círculos jurídicos e educacionais baianos.

Não se conformando com o resultado do concurso, o candidato bacharel Clovis Newton de Lemos recorreu para o senhor Ministro da Educação, interpondo recurso perante o senhor Inspetor Federal junto à faculdade, bacharel Afonso Moreira Temporal.

Devidamente informado, na forma da lei, pela congregação da faculdade, que levantou a preliminar de nulidade pela irregularidade da interposição, foi o recurso rejeitado, não só por essa preliminar como quanto ao mérito, pelo senhor Ministro da Educação, que aceitou, em todos os termos, o parecer de Abgar Renault, Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação." (8)

Luiz Viana Filho volta assim à faculdade onde estudou e onde já havia ensinado Direito Internacional Público, em 1933, substituindo Bernardino de Souza.

Um ano mais tarde, em 1941, ele publica *A Vida de Rui Barbosa*.

Não é o seu primeiro livro. Com Aliomar Baleeiro, ele já escrevera em 1932, *O Direito dos Empregados no Comércio*, e *A Língua do Brasil* foi editado desde 1936.

Também não é a biografia de Rui o primeiro fruto do ostracismo, sazonado no desencanto e prenhe de protesto. *A Sabinada*, publicado em 1938, revela então o político inconformado. Ao contar a história da revolução republicana de 1837, ocorrida portanto um século antes do golpe de 10 de novembro, o autor colhe as oportunidades para ressaltar na figura de Sabino Vieira, "a mentalidade toda voltada para os anseios de liberdade e de democracia (que) devia se assemelhar à de um girondino". De quando em quando, evocando a Farroupilha baiana, ele como que adverte, doutrina e conclama os revolucionários de 1930:

"As revoluções fracassadas não se identificam pelas suas intransigências. Marcam-se pelas idéias, que lhe deram impulso, agremiaram homens, agitaram os espíritos e as deflagaram."

"Para se avaliar dos ideais da Sabinada, é necessário estudar a sua etiologia, o pensamento dos homens que a realizaram, o julgamento dos seus contemporâneos,"

"A idéia vinha tangida pelos ventos do sul, onde se proclamara a República e por ela se lutaria durante dez anos. Não podia haver mais pura inspiração republiana para os revolucionários baianos. E esta eles jamais a abandonaram."

"Por ela se iam bater bravamente os revolucionários de 1837: "com uma resistência sem igual", na frase do general que os venceu."

Como *A Vida de Rui Barbosa*, Luiz Viana Filho revela outra vez a permanente inquietação do político militante. "Ele oferece aos contemporâneos, disse Annie Ubersfeld sobre o *Cromwell* de Victor Hugo, a possibilidade de pensar a história presente através de um acontecimento do passado".⁽⁹⁾ Seu propósito aliás nunca foi escondido. Disse-me várias vezes: "É uma obra intencionalmente política."

Mas, *A Vida de Rui Barbosa* representa além disso o resultado de duas opções literárias do autor. De um lado, a leitura gulosa de Rui, por sugestão de Aliomar Baleeiro, e que de certo modo substituiu as preferências da adolescência, absorvidas por Eça de Queiroz. De outro lado, Luiz Viana Filho descobriu André Maurois e, através dele, Benjamin Disraeli. O primeiro conquistou-o definitivamente para a biografia enquanto a vida do Conde de Beaconsfield insinuou-lhe o modelo harmonioso do político e literato que ele repetirá com êxito.

A sua primeira biografia foi um sucesso. Anos mais tarde, um crítico literário do Estado de São Paulo salientava que o "Sr. Luiz Viana Filho é um dos admiradores de Rui mais interessantes. Admira o monstro, mas, ao mesmo tempo, procura situá-lo dentro da humanidade". Por isso mesmo, esta sua "atitude, que é a de um crítico e a de um historiador honesto, provocou alguma estranheza e acarretou-lhe inclusive alguns dissabores". De fato, poucos dias depois de publicada *A Vida de Rui Barbosa*, já Homero Pires desafiava-o pelos jornais para uma polêmica escaldante. Luiz Viana Filho aceita o desafio. Suas defesas e seus ataques estão reunidos no livro *A Verdade na Biografia*. Aí não somente o biógrafo se reafirma. Também se destaca o espadachim mordaz e impiedoso. Leia-se este trecho:

"Mas, isso não é Rui: é o sr. Homero Pires. Pelos erros se conhece logo. Tanto na ortografia como na sintaxe pois nem só Rui escrevera "governo estadual" com "u", como é certo, como também, como manda a clareza e a gramática, limitava ambos os substantivos — "a sentença ou o acto" — pelo emprego dos artigos respectivos. No entanto, pondo uma locução substantiva própria onde Rui colocara uma locução substantiva comum, o sr. Homero Pires sacrificou a clareza, desbaratou a gramática e trucidou o estilo, tiran-

do-lhe o ritmo ciceroniano "a que Rui era tão sensível." É o estilo de Rui posto em caricatura".⁽¹⁰⁾

A Verdade na Biografia ressalta ainda o erudito e as excelentes escolas do biógrafo: Plutarco, Carlyle, Hackett, Ludwig, Macaulay, Maurois, Saint-Beuve, Voltaire. Estas escolas fizeram-no mestre brasileiro no gênero.

Em 1949 ele retoma a biografia, depois de uma segunda incursão histórica, desta vez sobre *O Negro na Bahia*. Este último, segundo Gilberto Freire que o prefaciara, "é um ensaio em que reaparecem ampliadas e as vezes aguçadas, as qualidades do historiador de *A Sabinada* e do biógrafo de Rui". Ele percorre assim os caminhos abertos por Nina Rodrigues, Sá Oliveira, Manoel Querino, Braz do Amaral. Entre outros aspectos importantes desta obra, o sociólogo pernambucano salienta que em "relação à Bahia de formação negra ou africana, Luiz Viana Filho agora nos adverte contra o perigo de não a considerarmos só nem principalmente sudanesa, mas igualmente bântu. Advertência contra uma das muitas simplificações exageradas nos estudos afro-brasileiros".⁽¹¹⁾

Em 1949 aparece *Rui e Nabuco*. Pondo-os em paralelo, escreveu Oscar Mendes, o autor "não tem em vista estabelecer primazias nem preocupação de averiguar qual deles o maior, Mostra apenas como foram ambos grandes na sua obra própria".⁽¹²⁾ E se Rui já merecera todo um livro, não demorará também de sugerir (1952) *A Vida de Joaquim Nabuco*.

Comparando *A Vida de Rui Barbosa* com *A Vida de Joaquim Nabuco*. Afrânio Coutinho não titubeia ao destacar a sua preferência: "Se qualquer comparação é lícita fazer entre as duas obras, não será pouco dizer-se que a segunda avante-se de muito à primeira, em arquitetura e confecção artística".⁽¹³⁾ O biógrafo ainda se aperfeiçoa. Ele busca paisagens, recria caracteres, não esquece os detalhes que dissimulam virtudes ou fraquezas. Mas ele segue também fugindo ao lugar comum do elogio fácil. "Preferiu a pesquisa às origens do temperamento de seu herói, sublinha José Lins do Rego, e nos colocou em frente não de uma estátua, mas em frente de um homem, simplesmente de um homem".⁽¹⁴⁾

O êxito obtido com *A Vida de Joaquim Nabuco* afetou-o da "febre verde". Para G. Lenotre, trata-se de "perturbações as quais os mais impassíveis não são nada refratários".⁽¹⁵⁾ Luiz Viana Filho candidata-se à Academia Brasileira de Letras.

O "petitório" foi árduo. Certo, ele já passara por este tipo de provas, em 1943, quando concorreu à Cadeira nº 2 (Gregório de Matos) da Academia de Letras da Bahia para substituir Aloisio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola) e foi eleito. Porém desta vez pelejava com mais onze candidatos: Arnaldo Santiago, Augusto Lima Júnior, Ernani Lopes, Joaquim Tomaz, Jorge Lira, Leonidio Ribeiro, Magalhães Júnior, Maurício de Medeiros (irmão mais moço de Medeiros e Albuquerque, o primeiro ocupante da cadeira), Nilo Bruzzi, Olavo Dantas e Sérgio Gomes.

"Foi grande o interesse despertado pela eleição de ontem na Academia, registrou *A Gazeta* de São Paulo. Os corredores repletos de curiosos. Batalhões de fotógrafos e cinegrafistas, repórteres, homens de letras. A direção da Casa viu-se obrigada a, pela primeira vez na sua história, abrir um precedente: consentir na presença dos jornalistas no segundo andar, na sala contígua àquela em que os "imortais" decidiam sobre os destinos dos 12 candidatos à vaga deixada por Miguel Osório de Almeida". Segundo o senhor Osvaldo de Almeida, bibliotecário da Academia, "eleição com interesse igual só a de Santos Dumont, em 1931". (16)

No 3º escrutínio foi eleito com 31 votos, para a Cadeira nº 22 que tem José Bonifácio, o Moço, como patrono. Era desde então o quarto baiano da Academia. Para Floresta de Miranda, "as qualidades que fizeram um baiano ilustre arrombar as portas da Academia, concorrendo com homens ilustres, igualmente, foram a inteligência, a simplicidade e uma esfusante simpatia". (17) Esqueceu-se por certo de arrolar a obra já divulgada do novo "imortal."

Em 1959, com *A Vida do Barão do Rio Branco*, Luiz Viana Filho conclui a trilogia começada há 18 anos e devotada aos três maiores estadistas das últimas décadas do Império e primeiras da República. Este último livro ocupou-o durante "cerca de quatro anos"¹, segundo confessou a Mauritônio Meira. (18) Ele constitui uma "empreitada formidável" observa Alan Manchester, da Duke University. (19) Ao ler os originais, Pericles Madureira de Pinho declarou ao biógrafo e amigo: "É o seu melhor livro, longe!", (20) Mais tarde também assim pensarão muitos outros, inclusive Eugênio Gomes (21) e Eduardo Portella. Este último ressalta que na vida do Barão "os acontecimentos estão muito bem dispostos, o idioma do historiador mais em harmonia com os seus compromissos historiográficos, e o documento, sendo a base e o fundamento de toda consideração, em nenhum instante se transforma numa fronteira tiranicamente imposta". (22)

Toda a crítica especializada do País aplaude entusiasticamente o aparecimento do livro. Carlos Lacerda não hesita: "A leitura do Sr. Luiz Viana Filho devia ser obrigatória para homens públicos, de vereadores em diante." Logo sugere ao biógrafo escrever a vida do Visconde, pai do Barão (23). Gilberto Freire também pede ao "mestre sem igual nessa difícil arte, com alguma coisa de ciência", a biografia de Teixeira de Freitas. (24) E Eugênio Gomes, com a sobriedade e extrema delicadeza que lhe eram peculiares, reclama a biografia de Cotegipe, "que ninguém melhor do que você será capaz de escrever *comme il faut*. Quer dizer, com agudeza psicológica e fria malícia", (25)

"Saímos da leitura desse livro — *A Vida do Barão do Rio Branco* — com a sensação física de ter conhecido o Barão", confidencia Rubem Braga.

(²⁶) Do mesmo modo, Raul Fernandes escreve ao autor para dizer-lhe que está "aprendendo a conhecer verdadeiramente o benemérito Barão". (²⁷)

De fato, partindo na maioria das vezes de documentos inéditos, Luiz Viana Filho recriou Jucá Paranhos. Além disso, acrescenta Fred Ellison, "o bom biógrafo usa recursos do romancista. Acho que fez assim ao construir seu livro do Barão. Havia sempre uma tensão, uma estrutura dramática empolgando o leitor, levando-o avante"¹. (²⁸)

A trilogia porém não esgotou o biógrafo. Ao contrário, em pleno apogeu de sua carreira política, ele entrega aos editores *A Vida de Machado de Assis*, que Josué Montelo apresentou como "o livro definitivo sobre o romancista das *Memórias Póstumas*".

São 289 páginas de pesquisa e de romance. A "vida escondida" pouco a pouco é revelada, simples e discretamente, como viveu o próprio Machado. Se perduraram ainda sombras ou lacunas, é bem possível que muitas delas tenham sido conscientemente preservadas, para não "ferir aquele recato" de quem "buscou ocultar a sua existência, especialmente as humildes origens e começo de vida cheio de dificuldades, que venceu com bravura singular". (²⁹) Esta delicadeza constitui aliás um traço marcante do biógrafo e da personalidade de Luiz Viana Filho. Por isto mesmo e considerando além disso a vida de Machado, sem grandes rasgos e sem grandes surpresas, a obra realizada é magnífica. Não sei se depois deste livro Pericles Madureira de Pinho, Eugênio Gomes e Eduardo Portella ainda guardaram as suas preferências pela vida do Barão. É pouco provável.

E outro livro, publicado em 1975, certamente captou as preferências de muitos: *O Governo Castello Branco*.

Este último tanto é um ensaio de História e de Ciência Política, como a biografia do grande presidente. Estes três aspectos acham-se absolutamente geminados. Para o autor, o Presidente Castello Branco é a história e a política brasileiras de 1964 a 1967. Esta convicção é forjada no estudo cuidadoso de um vasto acervo documentário que se soma à sua condição de observador e colaborador direto do presidente. Fatos recentes, personagens que ainda hoje discutem detalhes e interpretações, este livro provoca polêmicas. Esperou-se desde 1973 a sua publicação. Mas esta espera foi compensada. Tive a sorte de ler duas vezes os originais. Para mim é o seu livro mais difícil e talvez o mais bem construído. Impregnado de culto, certo. Porém um culto racionalizado e sem ortodoxias. Em carta de 27 de junho de 1975, José Américo de Almeida escreve de João Pessoa ao biógrafo:

"O perfil está vivo com toda a sua pureza e força criativa. Da mesma forma, os acontecimentos são interpretados com um notável valor histórico e intensidade dramática, fixando os seus sentidos e medindo suas conseqüências. É um trabalho para ser consultado toda vez que se tiver de versar a substância de um período tão movimentado."

- 3 — César, *La guerre des Gaules*, Garnier Flammarion, Paris, p. 77
- 4 — "Noticiário", Revista de Cultura Jurídica, n° 3, ano I, Bahia, 1929, p. 78S.
- 5 — *André Maurois, La vie de Disraeli* — Gallimard, Paris 1967, p. 301.
- 6 — "A oportunidade da Constituinte" in Revista de Cultura Jurídica, Bahia 1931, n° 4 e 5, ps. 185 e 186.
- 7 — Ver O Ditei to dos Empregados no Comércio, Bahia, Almeida e Irmão Editores 1932, p. 239.
- 8 — In Revista da Faculdade de Direito da Bahia, vol. XV, ano de 1940, p. 233.
- 9 — Victor Hugo, *Cromwell*, Garnier — Flammarion, Paris 1968, p. 20.
- 10 — *A Verdade na Biografia* — Editora Civilização Brasileira 1945, ps. 112.
- 11 — Prefácio in *O Negro na Bahia* — José Olímpio Editores, Rio 1946, ps. 7.
- 12 — "Temas e Figuras" in O Diário — Belo Horizonte, 27 de novembro de 1949.
- 13 — "Correntes Cruzadas", Diário de Notícias, Rio 10 de agosto de 1952.
- 14 — "Uma biografia de Nabuco", O Globo, Rio, 30 de dezembro de 1952.
- 15 — *Napoleon, Croquis de l'épopée* — Bernard Grassei, Paris 1966, p. 62.
- 16 — A Gazeta, 9 de abril de 1954.
- 17 — Correio da Manhã, Rio, 20 de abril de 1954.
- 18 — "Vida Literária", Jornal do Brasil, 4 de outubro de 1959.
- 19 — in *Book Reviews*, novembro de 1959, ps. 610 e 611.
- 20 — Carta ao biógrafo, de 22 de dezembro de 1957.
- 21 — Carta ao biógrafo, de 27 de outubro de 1959.
- 22 — "Finalmente o Barão" in Jornal de Letras, novembro de 1960.
- 23 — "Livros e Idéias", Tribuna da Imprensa, 31 de outubro de 1959.
- 24 — "Um mestre da arte da biografia". Diário de Notícias, Suplemento de Artes e Letras, Salvador 13 e 14 de 1960.
- 25 — Carta cit.
- 26 — O Globo, 6 de janeiro de 1960.
- 27 — Carta de agradecimentos ao biógrafo, de 6 de outubro de 1959.
- 28 — Carta ao biógrafo, da Universidade de Illinois em 1.9.1960.
- 29 — Luiz Viana Filho, "Apresentação" que antecede *A Vida de Machado de Assis*.

BRITTO, Luiz Navarro de. *Luiz Viana Filho*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978, p. 9-24. (Coleção Cabrália)

UMA LIÇÃO DE VIDA

LUIZ OVÍDIO FISHER

Ainda que a morte seja um acontecimento absolutamente natural e, portanto, previsível, como termo da vida biológica, ela produz, entre os vivos, no entanto, um inevitável choque emocional, na mesma intensidade das ligações pessoais com o falecido. A morte de Luiz Viana Filho, por isso mesmo, é um desses fatos que os seus amigos têm dificuldade em assimilar e a se acostumar. A sensação do vazio, tomo conseqüência da perda irrecuperável, é o que mais perturba os que ficaram e que, superando a dor e buscando ser justos, tentam demonstrar, num gesto ou numa palavra, com a memória fixada num passado tão presente, como ele era...

Diria, sem medo de errar, uma pessoa especial.

Em qualquer das atividades a que mais se dedicou — jornalismo, advocacia, magistério, letras, política ou administração pública —, suas atitudes tinham o traço comum da dignidade. Esse dom lhe era inseparável. A autoridade moral, que conquistou e que impunha como decorrência natural no trato de qualquer assunto, sempre foi fator marcante em sua vida, tão fecunda e eficaz. Dele alguns divergiam, o que é muito compreensível, sobretudo porque era um político, mas todos o respeitavam, pela honestidade das suas posições e pela coerência dos seus comportamentos, tudo associado aos seus reconhecidos atributos intelectuais. Não utilizava as críticas ou as irreverências pessoais para se sobressair; afável e educado, ele se destacava, naturalmente, pelo seu valor. Como se disse, tinha luz própria.

A política, a que sempre se dedicou, foi onde mais se projetou. Pode-se dizer que a viveu intensamente, pois, desde a juventude, na presidência do Centro Acadêmico Ruy Barbosa da Faculdade de Direito da Bahia, até a Presidência do Congresso Nacional, ou no Governo do Estado da Bahia ou nos ministérios, sempre se ocupou do interesse coletivo, até quando a morte o colheu, no exercício do segundo mandato consecutivo, no Senado Federal.

A confiança dos eleitores e correligionários não foi desmerecida por ele. O empenho e o interesse na condução de assuntos ou na solução de problemas que lhe apresentavam foram claras evidências na sua longa vida pública.

Não era, contudo, um obstinado caçador de votos, a se preocupar, constantemente, com a próxima eleição. Seus métodos de fazer política podiam não ser os mais pragmáticos e proveitosos, mas, seguramente, eram os mais retos e dignos.

O liberal de sempre, por duas vezes foi constituinte federal, em 1946 e 1988, e sua atuação no Congresso Nacional, a partir de 1935, sempre foi marcada por muito entusiasmo e profundidade nos assuntos a que se dedicava e que despertavam muita atenção e interesse dos seus pares. Seus pronunciamentos, elaborados com muito cuidado e precisão, eram objeto de grande expectativa e, quase sempre, de favorável repercussão. Certa vez, acompanhei sua atuação na presidência de uma sessão conjunta do Senado e da Câmara dos Deputados e me impressionei com a sua condução dos trabalhos, em momento especialmente difícil, tal o completo domínio da técnica legislativa, bem como o respeito que transmitia.

Vi-o chegar ao Governo da Bahia, em 1967, e pude acompanhar, durante os quatro anos do mandato, as dificuldades que enfrentou e venceu e as glórias que alcançou. No seu período de governo, o estado foi preparado para assumir novas condições no campo econômico e no setor social. As realizações importantes foram inúmeras, mas, na área econômica, é como se ter iniciado uma nova revolução industrial: efetivamente, a industrialização do estado, no seu governo, obteve um impulso fundamental. Na época de maior influência e utilização dos incentivos fiscais e financeiros da Sudene, consolidou-se a implantação do Centro Industrial de Aratu, instituído no governo Lomanto Júnior; muitas indústrias entraram, então, em funcionamento, após os estímulos também concedidos pelo estado, através das isenções parciais e temporárias do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e da construção das Obras de infra-estrutura (até o final do governo, 25 empresas estavam em plena produção, 37 encontravam-se em implantação e 125 já detinham cartas de opção). Outros distritos industriais foram criados, na execução do Programa de Industrialização do Interior. Passo maior e decisivo foi a difícil e penosa aprovação, pelo Governo Federal, do projeto de implantação do Pólo Petroquímico do Nordeste, localizado em Camaçari. Os entraves naturais a uma definição desse porte e os fortes interesses paulistas na ampliação da Petroquímica União não foram suficientes para derrotar as justas e tecnicamente corretas pretensões dos baianos, sob a liderança de Luiz Viana Filho e com a incansável colaboração do seu secretário de Indústria e Comércio, Ângelo Calmon de Sá. O prestígio pessoal e o fácil trânsito do governador na área federal foram fundamentais à obtenção da aprovação do projeto, que significou uma série de prioridades no exame dos projetos empresariais no âmbito da Sudene e a definição de medidas complementares no Conselho de Desenvolvimento Industrial e, especialmente, na Petrobrás. A decisão foi solenemente anunciada, em 22 de maio de 1970, pelo presidente Emílio Medici, diretamente do "balcão da História" do Palácio Rio Branco. Oito

anos depois, quando foi oficialmente inaugurado, com numerosas indústrias em funcionamento, gerando riqueza e progresso, o pólo simbolizava uma expressiva vitória da Bahia e da continuidade administrativa de três períodos de governo: os de Luiz Viana Filho, Antônio Carlos Magalhães e Roberto Santos, os dois últimos responsáveis pela implantação do dispendioso conjunto de obras de infra-estrutura.

No setor social, destacaram-se as realizações no campo da educação. A ênfase no projeto educacional, sob o comando do saudoso secretário Luiz Navarro de Brito, logo se fez sentir, no início do governo, com o Programa de Emergência, cuja execução foi imediatamente seguida pelo Plano Integral de Educação e Cultura. Milhares de salas de aula foram erigidas, "ginásios orientados para o trabalho" e "centros integrados de educação" foram implantados na capital e no interior, onde também chegou o ensino universitário estadual para oferecer instrução especializada aos jovens baianos. A modelar Biblioteca Central dos Barris foi construída, além de outras bibliotecas públicas no interior. A valorização do servidor do magistério foi outra preocupação, do que o início de realização de concursos públicos para admissão serviu de exemplo. A ampliação do Estádio Otávio Mangabeira e a criação do Museu Wanderley Pinho foram outras realizações importantes que me vêm à lembrança, na área da educação e da cultura. Um outro aspecto deve ficar assinalado: àquela época, no âmbito da educação, não se fazia política eleitoral: a educação da juventude mostrava-se mais relevante do que qualquer êxito nas urnas.

Naturalmente, em outros setores o governo também obteve expressivos êxitos, verificados na saúde pública, no saneamento básico, na habitação popular, na agricultura, na energia elétrica, na ciência e tecnologia, na renovação viária da cidade do Salvador e na área dos transportes, onde se destacaram a construção da rodovia BR-242, que permitiu a ligação desde Salvador até Ibotirama, no rio São Francisco, e a inauguração do sistema "ferry boat" entre Salvador e Itaparica, articulado com a ligação rodoviária da Ilha de Itaparica até Santo Antônio de Jesus, aí incluída a Ponte João das Botas.

O seu governo foi muito mais. O prestígio pessoal do governador era reconhecido até mesmo no exterior, de onde personalidades, como a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, e os presidentes do Chile e do Uruguai, vieram conhecer a Bahia e os seus festejados encantos.

A grave responsabilidade do maior mandatário do estado sempre se traduziu em uma cuidadosa atuação em defesa do legítimo interesse público, que era colocado acima de qualquer outro. Ao seu lado, a austeridade era a marca dominante, sem dúvida um reflexo da sua própria vida.

Assim conheci e privei da amizade de Luiz Viana Filho: a pessoa agradável, equilibrada e absolutamente sensata; o avesso da mediocridade e da

hipocrisia; a extraordinária figura humana que, em qualquer das atividades que exerceu; se situou acima dos padrões comuns; o estadista, orgulho da Bahia e o exemplar chefe de família. Como sua maior demonstração de grandeza, deixou uma lição de vida.

LUIZ OVÍDIO FISHER foi chefe da Casa Civil do Governo Luiz Viana Filho, é advogado e diretor do Banco Econômico.

- *A Tarde*, Salvador, 17 jul. 1990. Caderno 1, p. 6.

ENTRE BAIANOS

OSVALDO PERALVA

Não era brilhante, mas possuía inteligência sôdamente organizada. O próprio gênero literário a que se dedicou, o das biografias, requeria mais transpiração do que inspiração. Ilustrou a Academia Brasileira de Letras.

Trabalhador sistemático e silencioso, deixou o testemunho histórico de eminentes personalidades brasileiras, e até de um personagem menor, o Presidente Castello Branco, de cujo governo fez parte.

Morreu no exercício do mandato de senador, que dignificou com o mesmo espírito público de governador de sua terra, a Bahia.

Ontem, entre amigos, lembrei dois episódios, aqui resumidos. No auge da exacerbação militarista, resultante do movimento de 1964, chegou a seu conhecimento que um grupo de oficiais da Vila Militar pretendia empastelar o *Correio da Manhã*, jornal oposicionista do qual eu era diretor de redação. A diretora-presidente, Niomar Moniz Sodré Bittencourt, escreveu ao Presidente denunciando a ameaça e protestando.

Luiz Viana Filho, chefe da Casa Civil, transmitiu então a Niomar e a mim o convite para irmos a Brasília e conversar com Castello Branco, que nos deu de viva voz a garantia de providências contra a ação desses radicais. Evidente que o convite foi sugerido por ele, Luiz Viana, aliás presente em nossas conversações. Três baianos e um cearense.

Anos depois, na esteira do Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, tive duas prisões, uma após outra, num total de cerca de três meses. O ambiente era de um terror subdesenvolvido, fruto de uma contrafação revolucionária, a que não se poderia aplicar, sequer, a frase de Madame de Stal — "A Revolução era necessária, o terror não".

Recuperada a precária liberdade, fomos de carro, minha mulher e eu, até Salvador, para um descanso de dez dias. Ao chegar ao hotel, soubemos que nossa reserva tinha sido cancelada, por ordem do amigo James Amado, que nos levou para sua casa.

Encerrado o expediente no Palácio, o Governador Luiz Viana Filho, acompanhado do Secretário de Imprensa, depois Deputado Prisco Viana, foi até a casa de James fazer-nos uma visita. O homem de governo, o homem da situação, vinha assim prestar sua solidariedade ao jornalista perseguido pela Lei de Segurança Nacional. Gestos assim não me parecem comuns. Por isso faço questão de registrá-lo em memória desse homem público.

LUIZ VIANA FILHO E A CULTURA

REMY DE SOUZA

Não privei da intimidade do Senador Luiz Viana Filho más:tivea honra de ser um colaborador seu, quando governador, da Bahia, na área cultural e assim posso dar o meu depoimento de cidadão sobre a sua figura, de homem público.

"Cavaleiro esclarecido" seria, por certo, a expressão síntese de sua rica personalidade. Era homem de convívio ameno, mas sem familiaridades; No auge do governo militar, ele' deu provas de firmeza e tato a ponto de que seu fiel colabòradordiéto, b saudoso secretário de Educação e Cultura Dr. Luiz Navarro de Britto, perseguido pelo regime (apesar de haver sido assessor imediato; do presidente Castello Branco!)só tinha para ele palavras de louvor e gratidão.

É preciso deixar baixar a poeira do tempo a fim de, serenados os ânimos, se poder escrever objetivamente a história daqueles tempos agitados em que, como sempre, a miséria e a grandeza humanas vão de parrelha, a atestar a veracidade permanente da parábola.evangélica do.joio e do trigo.'

Falemos hoje só das grandezas. Luiz Viana soube, naquela oportunidade, portar-se com altivez e habilidade preservando o essencial: a liberdade de pensamento.

Quando o exército local, sob as ordens de um general mais para sargentão (que, infelizmente, não tinha em Caxias e De Gaulle os modelos da visão de estadista nem a magnanimidade) mandou invadir o DESC (Departamento de Ensino Superior e Cultura) para ali caçar publicações tidas como subversivas, eu, então à frente daquele departamento, recebi pessoalmente instruções do governador de guardá-las sem as destruir. Quem ama os livros, procede assim.

Não pude evitar o confisco, de surpresa e *manu militari*, de dois caixões contendo o número dois da *Revista Porto de Todos os Santos* que havia estampado um poema em espanhol em memória de Che Guevara. Versos inócuos, aliás, sem entrar nos seus méritos literários.

Mas as quase mil coleções em sete volumes da obra de Gregório de Matos, o Boca do Inferno, na bem cuidada edição de James Amado e que se encontravam mal protegidas num barracão da Secretaria de Educação e Cultura, na Graça, essas em boa parte consegui resgatar pessoalmente levando os volumes ainda em bom estado para a Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no Rio Vermelho, e de lá os fui distribuindo aos poucos, junto com outros livros não "subversivos", pelas bibliotecas do interior nas Semanas da Cultura promovidas pelo DESC.

Cultura se faz mais do que se fala e nenhum auto-de-fé pode ser admitido nesse setor, mesmo porque, só tem medo das idéias alheias quem não as tem próprias. Idéias contrárias se trocam para enriquecimento mútuo, pois, além de ninguém ser dono da verdade, as idéias, como a mais sutil forma de energia, não se criam nem se perdem, apenas circulam pelo mundo feito o ar atmosférico, indispensáveis, elas e ele, à sobrevivência humana.

As realizações de Luiz Viana Filho em matéria de bibliotecas e museus até hoje aí estão, para honra e glória da Bahia e perpetuação de seu nome.

Ainda o estou a ver doando uma bela coleção dos Sermões de Vieira para a recém-inaugurada Biblioteca Central, nos Barris, a menina de seus olhos na área cultural.

Ele mesmo planejava e acompanhava de perto o que idealizara. O DESC era o órgão realizador de seus planos culturais, maduramente elaborados.

A Casa de Cultura Afrânio Peixoto, em Lençóis, resgatou para a Bahia, com o apoio da viúva do escritor, o espólio intelectual do pai da *Bugrinha*. O Costa Pinto, a quem ele confiou a guarda de sua bela coleção de comendas, o Wanderley de Pinho, onde ele ideou sintetizar a história da Bahia, a reforma total do solar Góes Calmon para abrigar as coleções do estado, a ampliação do Estádio Otávio Mangabeira, tudo isso foram iniciativas suas muito bem sucedidas.

Em suma, a ação cultural do acadêmico Luiz Viana Filho, como governador, é o prolongamento de sua obra intelectual: preservar lucidamente o nosso passado para lição às gerações vindouras em biografias, ensaios, bibliotecas e museus. Honras lhe sejam dadas por isso!

MOÇÃO

RENAN BALEEIRO

Não é este o momento de traçar a biografia do grande biógrafo. Ainda aberto o túmulo, cabe apenas dizer que, profundamente golpeada no seu sentimento, a Bahia se curva ante o corpo do filho ilustre prestando-lhe a homenagem não apenas do seu profundo pesar, mas também da imperecível gratidão seja pelos serviços prestados ao País, seja pelo exemplo legado às gerações futuras.

Eis a Moção que, ainda sob o impacto da notícia, proponho ao Plenário desta Corte de Contas, fundamentando esta manifestação com as palavras do próprio Luiz Viana Filho, a respeito de Ruy:

"... graças ao que pregou, ao que ensinou, ao que plantou em toda vida laboriosa e incomparável, podemos estar seguros de que por mais densas que sejam as trevas ou por mais profundo que seja o silêncio haverá sempre uma luz e uma palavra a nos acenar com a esperança no futuro."

Dê-se conhecimento à família enlutada na pessoa da Exm^a Sr^a Julieta Pontes Viana, ao Senado da República, a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Letras da Bahia.

Tribunal de Contas do Estado da Bahia, sala das Sessões, 5 de junho de 1990.

A BAHIA ENTRISTECIDA

RENATO SIMÕES

A despeito das amizades políticas estarem sujeitas aos caprichos das conveniências momentâneas, poucas, porém valiosas, se solidificam e repassam por mais de uma geração. Mas, se tal ocorre, evidentemente, deve-se muito mais aos princípios que norteiam essas ligações, porquanto pontificam o caráter, a Ihaneza no trato, os hábitos de educação. Essas características compunham a herança de amizade que tanto usufruímos, amigo de longa data de meu pai, o que ora sempre será lembrado como um dos mais autênticos "gentiluomo" da Bahia, o Senador Luiz Viana Filho.

* * *

É indiscutível que um depoimento sobre uma personalidade tão marcante, com um leque de atuações tão amplo, na política —sobressaiu-se como excelente administrador público —, nas letras jurídicas, assim como na literatura, não pode se circunscrever num curto artigo de jornal. Consagrado biógrafo, mercê de uma invejável obstinação, como se vê tanto nos "Três estadistas: Rui-Nabuco-Rio Branco", como de corpo presente, conseqüentemente à sua participação na Revolução de 64, no excelente estudo sobre o Presidente Castello Branco, demonstra uma nítida preocupação com a veracidade do fato histórico. A minúcia, a pesquisa, a investigação estão sempre nítidas nos seus escritos, cuidadosamente elaborados para servirem de depoimento, valioso exemplo de conduta desses biografados para os seus pósteros.

Resta aguardar-se um autor que consiga reproduzir com a dimensão justa de grandeza a vida desse insigne biógrafo, cuja personalidade exerceu tanta presença nos quadros da inteligência brasileira. Será um desafio para quem pretender ocupar um espaço tão valioso na cultura nacional, pouco afeita à memória dos vultos maiores de nossa História.

* * *

Com a morte do Senador Luiz Viana Filho, ex-governador, ex-ministro, membro da Academia Brasileira de Letras, professor de Direito, encerra-se

praticamente na política um período baiano em que as figuras de maior representatividade intelectual figuravam e pontificavam nas áreas do Parlamento. Senado e Câmara de Deputados fervilhavam de intelectuais vindos de nossa terra.

Foram seus companheiros homens de estatura dos dois Mangabeira, Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro, Aloísio de Carvalho, e outros não menos ilustres que compunham uma plêiade de talentosos e patrióticos conterrâneos.

A falta do convívio de tantos companheiros, como de seu amigo desde a infância, Simões Filho, falecido há muito, deve ter contribuído para entristecer os últimos anos da vida de Luiz Viana Filho.

Mais triste, porém, está a Bahia, tendo perdido tão ilustre filho.

A Tarde, Salvador, 10 jun. 1990. Caderno 1, p. 3.

BREVES EPISÓDIOS

RENATO VAZ SAMPAIO

O Brasil inteiro proclama a grandeza de Luiz Viana Filho. No caráter, na inteligência, na cultura, na arte da amizade.

Tamanho foi a sua grandeza que só lentamente nos vamos acostumando a registrá-lo no desaparecimento. Seu nome retransmite o brilho do espírito. Sua bondade ainda aquece os que lhe privaram do convívio. Continuamos a senti-lo muito perto para que possamos dimensionar-lhe o perfil.

A saudade pode interferir no julgamento.

Alguns terão de limitar-se, nesta primeira fase, à reconstituição de fragmentados lanços de sua personalidade. A revivência de pequenas histórias, retalhos daquela prosa encantadora.

Vamos, assim, gradualmente, aprendendo a conviver com a irrecorrível da separação.

A esta altura, não falarei dele, o grande amigo de tantos anos.

Deixarei que fale ele, através do transporte espontâneo de faixas de nossas conversas de fim de tarde ou de várias excursões.

E o faço, exclusivamente de memória, ao acaso da lembrança, sem a mínima preocupação de ordem histórica ou literária.

* * *

D. Juju foi a melhor inspiração de sua vida. Mulher inteligente, de personalidade forte, não raro o afastou de situações embaraçosas.

Assis Chateaubriand sonhou com a biografia de respeitável dama paulista, D. Emerenciana, a mãe dos Prados.

Organizou, em São Paulo, um banquete em homenagem a Luiz Viana, com a participação de destacados políticos e dos maiores intelectuais. O próprio Governador do Estado interrompera uma audiência, em palácio, para vir integrar-se àquele grande acontecimento. Chegada a vez de falar, o baiano ilustre foi saudando os vários componentes da mesa de honra e estava na iminência de omitir o nome do governador bandeirante.

D. Juju, sempre atenta, lhe fez sinal para adverti-lo da presença do Dr. Ademar de Barros. O orador intercalou uma frase de sua costumeira presença de espírito e a preocupação se desfez. Supriu a falta que poderia ensinar inesperada exploração política. O deputado baiano, duas vezes conspirou contra Getúlio Vargas. Não poderia, deste jeito, ler pela mesma cartilha política do governador paulista. O esquecimento do nome, entretanto, teria sido atribuído a desapeço de ao discordante de linha ideológica.

Ao marcar este episódio, dizia Luiz Viana, com aquele sorriso fino e discreto, "mais uma vez minha mulher me salvou".

No período do Palácio do Ipê, D. Juju exerceu, com freqüência, o papel de Primeira Dama do País. Castello era viúvo e pedia a Dr. Luiz para receber várias personalidades em nome do Governo da República. D. Juju desempenhou com apuro as suas acrescidas funções.

Mais tarde, no Palácio da Aclamação, ou na residência oficial do presidente do Congresso Nacional, ela se distinguiu com o esmero de uma das grandes senhoras dos salões brasileiros. Soube receber com afeto, alargar e consolidar o círculo de amizades, comandou com firmeza.

No âmbito do estado, D. Juju desenvolveu intensa atividade social.

Luiz Viana dizia: — minha mulher é a única página brilhante com que me tenho apresentado na vida. Do lar paterno, chefiado por Frederico Pontes, ela trouxe vivência política. Por mais de meio século participou, eficiente, mas discretamente, da carreira política do marido.

Ainda agora a morte não ousou desfigurar-lhe o lar. Ela se afirmou com surpreendente e extraordinária firmeza de ânimo. Tem acompanhado a todas as homenagens que lhe são prestadas. A dor a maltrata. Mas é transformada em um canto de glória a Deus pelo admirável companheiro que a fez tão feliz. Tudo quanto se tem publicado sobre o grande brasileiro, ela lê, medita e coleciona com o desvelo de quem pratica um culto sagrado.

Parece que o par não se desfez.

* * *

Muitas vezes fomos juntos a sua fazenda, nas imediações de Candeias. Ao longo do trajeto, conversávamos animadamente sobre assuntos literários ou generalidades de ordem política.

Descíamos do carro à sombra de uma das frondosas mangueiras que lhe bordejam a casa grande, edificada pelo pai, o conselheiro Luiz Viana.

A prosa passava a fraquejar. Eu então me calava. Ao meio da pequena escada de acesso, Dr. Luiz fazia uma breve pausa. Estava silencioso mas se mantinha acompanhado de sombras amigas.

Perpassava-lhe, na imaginação, a figura austera e boa de pai. Reconstituía os dias líricos de recém-casados que ele e D. Juju ali passaram. Compuseram nessa quadra o romance a quem nem a aspereza da morte apagou os dourados frisos do sonho. Rememorava Luiz Neto naquele sítio, refugiado, para intensi-

ficar os estudos que o levariam à conquista da cátedra, na Faculdade de Direito. Entreunha as variadas faixas da atuação de Luiz Neto, como político com exercício em diferentes áreas, como empresário de sensibilidade humana.

Era a Romagem da Saudade.

* * *

Fazia-se constante o zelo educativo do conselheiro Luiz Viana pelo filho. Queria dar-lhe boa formação moral, lastrear-lhe o espírito de sólido preparo intelectual.

No Rio, em colégio interno, o adolescente Luiz recebeu aviso de que, no dia seguinte, Simões Filho viria buscá-lo para sair. É que o conselheiro houvera telegrafado ao jornalista e líder político pedindo-lhe que levasse o filho à Biblioteca Nacional para escutar os notáveis discursos de Constâncio Alves e de Rui Barbosa. Era o jubileu literário do maior dos brasileiros.

* * *

Quando, em Salvador, ia ao Abrigo Santa Isabel, procurava fazer-se acompanhado do filho. Visitava senhoras de relevo na sociedade de ontem e que hoje ali estavam albergadas.

À saída, tecia comentários sobre a alternância das diferentes fases da vida.

Eram reflexões de advertência à precariedade dos bens materiais. Era o chamamento ao espírito de humanidade.

Rui Barbosa convidou o conselheiro Luiz Viana para almoçar. Recomendou-lhe que também levasse o filho. Orçava este pela casa dos onze anos.

A mesa se mostrava farta. O calor da conversa política, no entanto, fez dispensado os comentários às iguarias.

Retirada a louça, uma cesta de pão fatiado foi esquecida na mesa.

Pratos vieram e pratos se foram e Rui e o conselheiro não despegavam da animada prosa.

Algum tempo depois, acompanharam Rui até a porta de um cinema. Mal se haviam despedido, o conselheiro, pausadamente, foi dizendo ao filho: — o senhor hoje me fez passar vergonha. Comeu a cesta de pão inteira. Deixou a perceber que o almoço não lhe foi bastante.

Distendiam-se os mais velhos em torno de graves assuntos. À falta de outro ofício, narrava o biógrafo, entrei a comer fatias de mão.

A mãe, D. Janete, era pessoa de visível doçura. Muito se parecia com ele. Alta, elegante, queixo ovalado, suave, os mesmos olhos azuis.

Herdara uma propriedade rural no beijo do Recôncavo. Pretendia não vendê-la. Preferia deixá-la para os netos.

Luiz Viana alegava que seria melhor ela dispor, em mãos, de seu dinheirinho, gastá-lo, em vida, como quisesse. Os netos teriam seus respectivos pais para ampará-los e que também cuidasse, cada qual, de sua própria vida.

Conseguiu despersuadí-la na retenção do imóvel. Foi levar-lhe o produto da venda, e ela, com inocente alegria, exclamara: Que bom! Hoje mesmo vou a São Pedro comprar um fogão novo. Inquietara-se o filho. "Como é que a senhora precisava de um fogão e não me falou nada?".

Bem, não era tanta a necessidade. É que os velhos, quando recebem um dinheiro, têm logo pressa em gastar...

Chegava ele das constantes viagens e logo se apressava em ir ao Sanatório Espanhol, onde a fez passar os últimos anos de vida, sob a carinhosa vigilância de D. Juju, D. Juzinha e do professor Fernando Didier.

* * *

Certa feita vinha de alongada viagem de campanha eleitoral. Estava na classe de um dos trens da Leste. Nessas conversas desamenizar o caminho, pede alguém a opinião dele sobre a tragédia de Euclides da Cunha.

Luiz Viana fez, então, os comentários que lhe pareceram cabíveis. Despertou-lhe a curiosidade um desconhecido que, sentado em cadeira próxima, se mostrava contrafeito, irritado, mesmo.

Foi torcida a rédea à conversa, mas, nem assim o estranho voltou à descontração. O mal-estar do desconhecido passou a tornar-se preocupante. Assim, Luiz Viana resolveu desembarcar na primeira localidade.

O misterioso companheiro de viagem desceu na mesma estação. Dirigiram-se, ambos, para a única pensão aí existente. Parecera-lhe deste modo baldada a tentativa de separação.

Cedo, no outro dia, o cavalheiro, polido e enigmático, lhe pediu o espaço de tempo para uma conversa reservada e demorada. O inesperado acompanhante era Dilermando Cruz, o infelizmente matador de Euclides da Cunha.

Entendeu ele que, daquela riqueza narrativa de Luiz Viana, viria a despon-tar uma biografia.

Por toda a manhã, expusera ao biógrafo os antecedentes da conseqüência funesta. Restabeleceu o seu perfil de impetuoso cadete ainda não amadurecido para a crueldade dos reveses que vinha amargando. Retificou pontos significativos da história do trágico acontecimento. Situou-se no contexto da imensa comoção nacional com a morte do grande escritor. Pedia, entretanto, que naqueles cinco anos não fosse reaberto o assunto que tanto o afligia.

A tudo ouviu Luiz Viana, com benignidade. E atendeu, à larga, ao pedido de Dilermando Cruz. Só agora, decorridas algumas décadas, começou a coligir documentos, a elaborar notas para a biografia de Euclides da Cunha. Veio a morte e o ceifou nesta fase da reconstituição da vida torturante do grande autor de "Os Sertões".

No começo da década de 40, promoveu uma excursão para levar Afrânio Peixoto a Lençóis. Seria a derradeira mirada a sua Lagoa Encantada. As estradas, àquela época, eram ainda mais precárias. Partiram de Salvador. Espertando a marcha, na primeira jornada, alcançaram a Fazenda Morro de Pedra, do Dr. Medeiros Neto, no Município de Itaberaba. Aí se encontrava, a passar dias, a cunhada dele, D. Elza, esposa do Interventor Landulfo Alves.

Um carro do Governo do Estado lá permanecia à disposição da Primeira Dama. Entenderam os excursionistas de pedir-lhe a troca dos veículos. Ficaria ela com a limusine alugada na praça de Salvador e prosseguiriam eles no carro oficial, por ser mais alto e vencer melhor as estradas cheias de camaleões.

Arquitetado o plano, pilheriavam. Quem teria desenvoltura de apresentá-lo a D. Elza? Era senhora de muito boa educação, mas estranha a todos. Além disso apresentava a costumeira reserva de descendentes de alemães. Estávamos sob a paixão da guerra. A murmuração popular a acusava de promover, no Palácio da Aclamação, ruidosas comemorações pelo torpedeamento, pelos nazistas, de navios brasileiros. Esta calúnia anônima muito a fazia sofrer e tornar-se um tanto arredia.

Afrânio Peixoto, muito pragmático, decidiu. O acaso é a ausência da lógica. A iniciativa é audaciosa e, como tal, compete ao mais moço. Obviamente competia a Luiz Viana. Os carros foram permutados.

Nesta passagem pelo Morro de Pedra registrou Afrânio a singularidade da mesa de jantar. Ampla, de jacarandã, constava de discos superpostos e em diferentes planos. Girava, cada um deles, ou ambos, ao menor impulso. Aristóteles Góis teria queimado as pestanas para desenhar a mesa recomendada pelo Medeiros Neto. Pretendia evitar embaraços políticos na disposição de visitantes, na colocação igualitária de travessas e terrinas. A planta da casa e dos currais fora bem menos engenhosa que a mesa de versatilidade gastronômica e habilidade política.

Afeito aos grandiosos cenários do Rio e da Europa, volta Afrânio a rever as doces paisagens de Lençóis. A renovar emanações e emoções telúricas, a mergulhar as mãos naquela vastidão líquida por ele exaltada sob o título de Minha Lagoa Encantada.

Passam-se os anos. Chega Luiz Viana ao Governo da Bahia. Volta, agora, a Lençóis, em companhia de vários colegas, membros da Academia Brasileira de Letras, para inaugurar a casa museu de Afrânio Peixoto. O evento teve a desejada repercussão nacional.

Uma das obras audaciosas do Governo daquela época foi a abertura da avenida integradora da periferia à área metropolitana de Salvador, pela faixa marítima.

A inauguração foi assinalativa. Luiz Viana, na constância de sua admiração, denominou Avenida Afrânio Peixoto.

Decorridos vinte anos, com toques de melancolia, queixara-se ele. Os cariocas invariavelmente chamam de Afrânio Peixoto a seu Instituto Médico Legal.

Os baianos deslembram do nome certo, instituído em ato oficial, figurante nas placas e chamam, inexpressivamente, Avenida Suburbana.

Procura Luiz Viana imprimir inarredável maciez a seus atos. Até as oportunidades de apresentar-se.

Faria-se, na Faculdade de Direito, o concurso para provimento da cátedra de Direito Internacional Privado.

Minutos antes da leitura das notas, acreditando-se vencedor, saiu Luiz Viana da Faculdade de Direito e foi a um Café das imediações. Com o seu afastamento, imaginou atenuar o natural vexame do competidor.

Decorrido algum tempo, era preciso voltar. E o fez cautelosamente. Sondou a entrada do edifício no andar térreo; o silêncio envolvia o ambiente.

Já no patamar, avistou o concorrente que começava a descer o pequeno lance da escada. Acompanhavam-no familiares com visível expressão de tristeza.

Passar ao lado, indiferente, talvez fosse entendido como afronta, descaso. No mínimo, uma indelicadeza.

Retroceder, apressadamente, poderia parecer covardia.

O dilema o fez estancar, coser-se à parede e desejar que o resto lhe transmitisse o aspecto de suave compreensão.

Álvaro Nascimento, o amigo e companheiro de toda a vida, chegou a suspeitar que "o Luiz fosse pedir desculpas por haver saído vitorioso".

Dois outros amigos, conhecendo-lhe o temperamento brando, foram animá-lo a acabar de chegar. Pela vida afora, outros constrangimentos haveria de experimentar, sem perder o gosto da maciez, da delicadeza até na hora de fazer-se presente.

* * *

Álvaro Lins era crítico literário de largo fôlego. Mas não primava pelo bom senso.

No dia de sua posse na Academia Brasileira de Letras desligou o telefone e não deu notícia. Foram chegando os convidados e o público amante de tais eventos.

Era, por sinal, expressiva a comparência. Começou a haver inquietação. A casa cheia, percebia-se um mal-estar geral. Nenhuma explicação era dada. O Presidente da República, amigo do Álvaro Lins, já havia chegado. A situação passou a ser preocupante.

O Presidente da Academia designou, de público, dois confrades para irem verificar o que estaria acontecendo. De público, os dois acadêmicos

receberam a incumbência. Foram. Voltaram e de público não puderam desobrigar-se do cometimento.

Os emissários estavam preocupados, vermelhos, falaram baixo. Juscelino começou a escutá-los com a fisionomia grave, sobrancelhas arqueadas, mas, a certa altura, derramou uma de suas gargalhadas.

Imaginou-se que o novo acadêmico estaria atacado de incontida dor de barriga. Não. Os colegas foram encontrá-lo com barba por fazer, esbafo-rindo-se para ordenar as páginas do discurso.

Chegado com muito atraso, foi supressa a leitura da saudação costumeira.

O orador entrou a falar e já estava madrugada adentro. Gaios houvessem na' Avenida Presidente Wilson e as clarinadas já anunciariam o novo dia. D. Juju telefonou perguntando se, da Academia, Dr. Luiz havia ido a alguma recepção social.

Não. O Dr. Álvaro ainda está falando, informou o funcionário da Academia. A sessão continua, madame.

Luiz Viana era, naquele período, o Secretário da Academia. Juscelino, a seu lado, armando uma cara de contrição, lhe faz este comentário. Só estou é pedindo a Nossa Senhora que me ajude a não perder a missa das nove, amanhã.

No outro dia, a imprensa malhou e caricaturou a extensão quilométrica do discurso do novo imortal. Manoel Bandeira entrava com versos chocar-reiros. Epigramas vários glosaram o falatório.

À tardinha, chega o Álvaro à Academia. E defende-se de quantos estavam versejando estas "gracinhas insossas contra o meu discurso. O Presidente da República, que também é homem de boa cultura, me disse, hoje, que eu faiei até pouco, o auditório dava sinais de querer ouvir-me por mais tempo".

Ele próprio teria desconfiado da mineirice de Juscelino e quis acrescentar-lhe autenticidade. O fato é que se dirigiu a Luiz Viana: você, mesmo, pode testemunhar o comentário que Juscelino fez ontem, *com você*, a respeito do meu discurso.

Dr. Luiz, manso e benevolente, disse-lhe: — ocorre, Álvaro, que "eu não anotei e não estou conseguindo me lembrar".

Álvaro, nervoso, retruca: "Foi o mal. A obrigação do Secretário é anotar, para inserir na ata, quanto é dito, especialmente o comentário de um presidente da República".

Pedro Calmon levou o caso à pilhéria; "o Luiz e eu, como historiadores, temos até o dever de esperar que o tempo entre a amainar as paixões..."

Paixões, sim, mas não têm o direito é de abafar os aplausos, retrucou o Álvaro Lima, nervoso.

Dirigiam-se para Copacabana, Pedro Calmon, apressado e irônico, perguntara: — "Como é que foi, mesmo Luiz, o elogio de Juscelino ao Álvaro?"

"Eu preferi a censura a causar-lhe o dissabor de escutar a pilhéria", que só ele poderia supor que fosse um elogio.

* * *

Deflagra o Movimento Revolucionário de Março de 1964. O Marechal Castello Branco será o Chefe do novo Governo. Luiz Viana e outro deputado federal vão visitá-lo. Muita gente e eles ficam no jardim. Castello atravessa a área e apenas os cumprimenta.

Julgaram encerrados os seus deveres e retiraram-se. Ao chegarem ao passeio, Luiz Viana comentara que não haviam sido maltratados. Mas não enxergava, porém, todavia, boas perspectivas de participação da UDN no Governo. Dera este partido a sustentação ideológica e política para o movimento ora vitorioso. Parecia-lhe que mais uma vez ficariam apenas com os encargos.

O seu companheiro de sondagem expusera o plano que havia armado. Constituíram, ambos, uma dupla atuante. Um combateria o Governo sem cessar. O proponente, sistematicamente, o defenderia. Os rendimentos da defesa seriam equitativamente partilhados. O convidado aperfeiçoou a estratégia.

Seria melhor substituí-lo pelo Aliomar Baleeiro. Este, reconhecidamente, tem o gosto da oposição.

Ao chegar em casa, encontrou Luiz Viana um telefonema de que Castello precisava falar-lhe com urgência. Era o convite para a chefia da Casa Civil.

* * *

De plano Luiz Viana recusou o convite para a Casa Civil. Castello Branco deu-lhe algum tempo para decidir-se. Servira-se do tempo, não para pensar. Mas para ir ao historiador Hélio Viana, parente de Castello, pedir-lhe entrosagem com o pessoal da área militar. Se ainda fosse o Ministério da Educação, poderia ser um coroamento para a sua carreira... Castello entendeu o recado, mas não gostou.

Pouco depois, Gilberto Freire telegrafa a Castello inaceitando o Ministério da Educação. O marechal comentou com seu amigo, o Deputado Paulo Jereissate. Seria, agora, a oportunidade de confiar a pasta da Educação ao Dr. Luiz Viana. Mas ele fez a malcriação de não aceitar o posto que lhe foi oferecido...

Castello, grande leitor de Rui, desejava, mesmo, o biógrafo de Rui bem próximo a si. E voltara a insistir, contrafazendo os seus hábitos militares.

Já com as linhas mestras de governo definidas, pessoalmente renova-se o telefonema a Luiz Viana: — Aceite, pelo bem do Brasil. Nestes termos, respondeu o escritor baiano, eu só poderia recusar com as palavras do Barão do Rio Branco. Era preciso juntar atestado de óbito para não aceitar. E tornara-se o mais íntimo e mais prestigiado auxiliar de Castello.

Contou-nos este episódio nas imediações de Jequié, faz cerca de 20 anos. Um amigo, que o acompanhava, sempre com muita dedicação, perguntou-lhe: por que foi mesmo, que o senhor tanto hesitou em aceitar a Casa Civil?

Luiz Viana, de bom humor, respondeu de pronto: — Você se esquece de que eu só tinha sido, até aquela data, político da Oposição. Como iria eu lá pensar que fosse boa?... Demais, os precedentes não eram tão animadores. Ronald de Carvalho, no desempenho destas mesmas funções, morrera, subindo para Petrópolis, esmagado por uma pedra destinada ao Presidente.

Em situação análoga, o Marechal Bittencourt tivera de trocar o alvo, substituindo Presidente de Moraes; Chefes da Casa Civil saíram presos, exilados. Por duas vezes já estivera ele preso pela sua inconformidade com o totalitarismo do Getúlio. E não tinha ficado com saudades da cadeia.

Citara estes fatos mais em tom de brincadeira. A grande verdade era a falta de intimidade com o esquema militar. Logo no terceiro dia de trabalho, na Casa Civil, vai um oficial, solene, a seu gabinete, dar-lhe notícia de que iriam prender, na Bahia, Raimundo Reis, como subversivo. O Dr. Luiz tomou a defesa deste. Era um jornalista bem humorado, completamente apartado desta área de risco.

O oficial se empertigou, fechou-se, bateu continência e retirou-se. O Chefe da Casa Civil atribuiu ao formalismo dos militares aquela reserva do oficial informante.

Ao fim do expediente, Luiz Viana, comentou com Castello o hermetismo do oficial envolvido na chamada operação limpeza de área. O Castello sorriu e advertiu ao Luiz Viana: mais uns poucos dias e o senhor já estará acostumado à maneira de ser deles; muitos dias vão ser precisos para que eles aprendam a sua maneira de ser, Dr. Luiz Viana.

Qualquer dificuldade, sobretudo nesta fase de acomodação, eu estarei pronto a prestar os esclarecimentos onde eles se façam necessários. Poderia procurá-lo sem-cerimônia.

No dia imediato, quem primeiro se fazia anunciar no gabinete de Luiz Viana, era o General Geisel. Fazia-se acompanhar de duas volumosas pastas. Começou demonstrando à luz, até de certidões de nascimento, que um era o jornalista Raimundo Reis, de crônicas leves, chistosas, ex-deputado estadual eleito à base de um programa de utilidade pública.

O outro, Raimundo Reis era "perigoso líder bancário"; "suspendeu o expediente de sua unidade de trabalho *por uma hora*, em sinal de advertência. A adesão ao movimento foi de 25% da categoria".

E, general, meu forte não é esta área. Efetivamente, houve erro de pessoa, concluiu Luiz Viana, convencido que estava da irrelevância da atuação de ambos, jornalista e líder sindical se nivelavam. Nenhum teria que ser punido, em seu entendimento.

* * *

Nessa quadra, Castello determinou um convite a certo figurão da política nacional que se encontrava no exterior. Convocava-o para o desempenho de relevante missão.

O escolhido telegrafou ao Presidente dizendo que não era de seu interesse regressar ao País, naquela oportunidade.

Menosprezando conveniências pessoais, entretanto, ele viria "ajudar a levar o barco a porto certo". Pronto. Feriu a vaidade de Castello. Embraveceu. Determinou a Luiz Viana que desfizesse o convite, mesmo sabendo que o convidado já começava a fazer as malas, para vir assumir o novo posto.

No segundo dia do temporal, Castello pergunta a Luiz Viana se o convite já fora cancelado.

O Chefe da Casa Civil responde ao Presidente que estava procurando a fórmula para desobrigar o amigo do sacrifício. O Chefe do Governo usou de muita franqueza. Não entendia que fórmula seria preciso para desistir de um convite, feito com espontaneidade.

Lá pelo quarto dia, confiado na ação amenizadora do tempo sobre emoções súbitas, passou a ponderar a Castello que o amigo era, de seu natural, amante das hipérboles, gostava de expressar-se em comparações bíblicas; literárias. Não teria tido, certamente, intenção de ser arrogante, de julgar-se indispensável ao bom termo da missão.

O Presidente, a esta altura, escutava as ponderações em silêncio, ainda que de cara sombria. Ao final, vencera Luiz Viana com a sua pertinácia e a sua tarimba política.

Concordara o Presidente em manter o convite e dar o incidente por encerrado.

Era uma daquelas tardes de quinta-feira, na Academia Brasileira de Letras, era oportuno um comentário literário sobre Luiz Viana Filho. O autor da Amazônia, aos seus créditos de escritor de fibra, juntava aqueles de bom amigo do escritor baiano. Citou o artigo do *Jornal do Brasil*, em que Tristão de Ataíde mais uma vez o chamava "o príncipe dos biógrafos brasileiros".

E por aí se ia muito bem o escritor amazonense. Luiz Viana, querendo aparentar modéstia, mas sentia-se à vontade, feliz com os louvores do confrade.

Os improvisos são o diabo... Lá pelas tantas, enfatiza o Peregrino Júnior. O biógrafo, depois de esculpir a vida de Rui, a ele o excedera na elaboração de vários trechos literários.

Luiz Viana ficou sinceramente incomodado. Levou o amigo para a janela. Insistiu para que escoimasse das notas taquigráficas, os gabos desmedidos. Peregrino insistia. Não se considerava um leviano. Quisera dizer exatamente o que dissera. Passou a reproduzir trechos do biógrafo que pareciam superar os do velho senador baiano.

Foi preciso a hábil interveniência de Austregésilo para que se desfizesse a contenda, que tanta escabrição ia criando para Luiz Viana.

O elogio descompassado comprometeria a ambos.

* * *

Luiz Viana foi à casa da escritora Carolina Nabuco ver documentos referentes ao notável brasileiro nascido em Pernambuco.

Expressou ainda o desejo de dispor de um retrato de D. Carolina para estampá-lo no livro que sobre o pai dela estava escrevendo.

Admitiu receber um retrato favorável ao original, mas de certa proximidade no tempo.

A respeitável senhora não vacilou. Apresentou uma de suas fotografias da faixa dos quinze anos. Mostrava-se de riso envolvente, serpenteada de fitas coloridas, esvoaçantes.

O biógrafo não deixou escapar a mínima estranheza. Por entre os dentes cerrados, soltara apenas um daqueles costumeiros "muito bem". A escritora, arguta, suspeitou de uma restrição que não chegara a escutar. E rebateu o silêncio com certa energia.

Sim, Dr. Luiz Viana: o retrato há de ser este, porque eu sempre fui viçosa, alegre como aí estou. O canalha do tempo é que andou, traiçoeiro, a querer alterar meus traços. A depredação dele é mesquinharia e como tal eu a desprezo.

* * *

Sabia Luiz Viana que determinado jurista, também político, não admitia morar em Brasília. Também a mulher dele proclamava, enfaticamente, a rejeição à nova Capital. Foi o único compromisso que, em muitos anos de casados, ela exigira do marido.

Deus os livrasse. Tinham interesses afetivos no Rio. Demais, morar no Distrito Federal era sepultar-se em vida. Nunca.

Como a nossa intolerância é unânime, acrescentava o jurista, jamais iremos a Brasília.

Há vaga no Supremo Tribunal de Justiça. Castello se detém na análise de algumas pessoas.

Vai Luiz Viana e junta um nome de que o Presidente nem havia cogitado.

Apressa-se o marechal em dizer que se tratava de homem honesto, reputado de muito saber mas que o temperamento não o havia predestinado aos colegiados.

Ressalta Luiz Viana, que o convite agradaria extremamente ao Brigadeiro Eduardo Gomes. E o cogitado jamais viria a aceitar.

Esta última é a informação mais importante, extravasa Castello. Então pode ir convidá-lo em meu nome.

Tão seguro estava da recusa, que o Chefe da Casa Civil não fez sondagem. Foi direto formalizar o convite.

Logo no preâmbulo, o jurista foi aceitando, categórico, sem qualquer ponderação- A mulher é que, se julgando de mais fiel memória, refletira.

Nós até imaginávamos não morar em Brasília. Mas, que se há de fazer? Um chamamento do Chefe do Governo, em momento tão grave para a vida do País, é aceitar.

De mais a mais, meu marido já vinha percebendo que o marechal, nosso prezado amigo, não escondia o desejo de vê-lo compondo o seu Governo.

Até aí, razoavelmente suportável. O difícil seria enfrentar a cara do Castello para dizer-lhe que se havia enganado em assunto desta importância.

Dispensados os comentários, o decreto foi lavrado e o novo ministro assumiu as suas altas funções.

Estávamos na varanda da casa da fazenda. Chegava, esbaforido, o vaqueiro Onofre. Esforçava-se para preceder o companheiro de trabalho, o Augusto! Sentia necessidade de estar, às ocultas, fazendo queixa deste.

Acusava-o de levar tanto leite para casa que, depois de muito desperdício, ainda sobrava leite que era vendido escondidamente no comércio próximo.

A cancela batia. Era o Antônio que vinha beijar a pedra do patrão de mais de quarenta anos.

Ainda bem, poderemos, agora, apurar essa história, arrematava o Dr. Luiz.

Quer dizer, saía-se o Onofre, entortando os grossos dedos. Apenasmente eu disse a vosmecê o falatório que andei escutando aí do pessoal de Candeias,

Quando o Antônio mal ia desapeando, o Dr. Luiz, procurando conter um sorriso de malícia, acrescentava: Ótimo, Antônio, você chegou em boa hora. Vai participar, aqui, da conversa do Onofre. Este último, habilidosamente mudava de assunto. "Seu Antônio, mesmo, está vivo e são para não me deixar mentir".

Pois não é que os meninos aqui da escola da fazenda não estão aprendendo mais nada? Anda tudo muito demudado.

Eu, com meu fraco saber, é que vou pelejando com os alunos até que estão aprendendo a armar uma continha pequena. Sei que isto não é do meu responso. Mas da fazenda de um senador, que foi até governo, faz até vergonha dizer que os meninos não sabem ao menos pedir o troco de meia libra de sabão. Qual, estas professoras modernas só querem saber é de andar procurando festas.

O Antônio nada havia escutado da primeira parte da conversa do companheiro. Num relance, entretanto, imagina todo o resto. O caminho do curral, para onde íamos, o Antônio, de mansinho, disfarçadamente, ia rebatendo o sabido veneno da conversa do outro.

Gosto muito de seu Onofre. Nós aqui vivemos que nem dois irmãos. Depois de velho, porém, ele deu pra soltar lá uma vez por outra, umas mentirinhas. Coitado, ele não tem culpa. É a cachacinha que anda bebendo. E até bebe escondido da mulher que é uma crente às direitas.

E ameaçavam a ralar com o gado. Gritavam aos berros os nomes das vacas. É que Dr. Luiz só sabia os nomes. Não identificava os tipos.

Estava feita a vistoria.

O Sr. Luiz convidava para o regresso. Tirava o relógio do bolso e conferia a hora por ele previamente calculada com acerto. Lembrou, algumas vezes, as conclusões do pai. Na roça ninguém precisa de passarinho engaiolado. - E na cidade era dispensável o uso de relógio.

Voltava a Salvador a tempo de não fazer-se esperar para o almoço.

* * *

João Agripino, Governador da Paraíba, fora, no País, o sucessor de Apolônio Sales, na feiúra.

Em sua terra, à força de vê-lo, as pessoas a ele já se iam acostumando. E descontavam no feio estranho que pintava na praça.

Inauguravam uma larga avenida, Castello, João Agripino e Luiz Viana.

Contida pelo cordão de isolamento, uma mulher do povo destabocou: — ohi, como é feio. É de doer.

Luiz Viana, esbelto, com seus bonitos olhos azuis, não se deu por achado. Emudeceu e prosseguiu na caminhada.

Castello, de pescoço atarrancado e, por cima, de cabeça chata, olhou para João Agripino e tranqüilo tentou passar a bola adiante: - ^Governador, estão falando com o senhor, aí atrás.

Era o próprio Castello quem, de bom humor, narrava que a sua avó costumava dizer-lhe, de cara azeda: menino, feiúra demais é doença.

* * *

Luiz Viana manifestara ao Presidente da República a sua estranheza por não ser a Bahia contemplada no' ministério. Dias depois o presidente lhe mandara dizer que, ao final, encontrara a fórmula de atender à Bahia: que formalizasse a indicação do presidente da Petrobrás... Contanto que o indicado viesse a ser o General Ernesto Geisel.

Luiz Viana documentou em carta a resposta ao Presidente.

Fazia ele, governador, inteira justiça aos méritos do nome sugerido. Teria prazer em vê-lo naquele ou em outros postos de relevo. E inclusive era seu amigo pessoal.

O que, entretanto, a Bahia não lhe perdoaria era a indicação de um nome estranho aos seus quadros.

Posição equilibrada, digna da altivez de um estadista. O Geisel custou de absorver o episódio, se é que algum dia o fez.

* * *

Em seu Governo, o Estádio Otávio Mangabeira foi significativamente ampliado. Foi tão largamente reformado que, em verdade, passou a ser outro.

O presidente da CBD se fez acompanhar de diretores da entidade, presidentes das federações estaduais e dos mais festejados craques mundiais.

E conferiram ao ato inaugural da ressonância de grande evento nacional.

João Havelange, por delegação expressa de todas as unidades federativas, pediu, de público, a Luiz Viana que, atendendo ao apelo de todas as lideranças esportivas, ali presentes, admitisse a colaboração do nome dele como patrono do estádio. A resposta veio com muita conformidade moral: — Sinto-me igualmente homenageado com o nome de Otávio Mangabeira.

* * *

A Federação Baiana de Futebol vivia um de seus momentos de dificuldade interna. Feitas as sondagens, o Dr. João Havelange sugeriu ao governador que liberasse o Dr. Edvaldo Boaventura, Secretário de Educação do Estado, para ser o novo dirigente da máxima entidade desportiva baiana.

Embora reconhecendo o livre trânsito do Dr. Edvaldo Boaventura, o governador dissera jamais poder prescindir dos serviços de grande técnica na área da educação.

À véspera do regresso do Dr. João Havelange ao Rio, o governador lhe oferecera um jantar no Palácio da Aclamação. Em uma das rodas de conversa, em tom de blaguè, dissera Havelange, sorridente: — Este jantar deve estar sendo para assinalar as negativas às duas solicitações que fiz ao governador.

* * *

Um deputado mineiro foi a seu gabinete, no Senado. Pretendia este que Luiz Viana apontasse o seu nome ao governador de Minas, como o melhor candidato à sucessão estadual.

A oportunidade seria uma conferência, ali, sobre José de Alencar. O biógrafo se recusou a fazer o estudo biocrítico do autor de Iracema, sobretudo para tão próximo. O deputado insistiu. Luiz Viana alegou não dispor, naquele ensejo, de material para elaborar uma conferência.

De quanto dispunha já havia lançado na biografia recém-publicada. Nem poderia limitar-se a reproduzir capítulo já divulgado. Insistiu o deputado, mas não conseguiu demover o escritor.

Quando o convidante foi se retirando, Luiz Viana, meio contrafeito: — Imaginem! Eu desabalar de Brasília, de mãos vazias, para enfrentar em Belo Horizonte, um auditório seleta e que não me é familiar. Seria preciso que eu tivesse o talento verbal e, ao mesmo tempo, a irresponsabilidade de certo conferencista que fala até em torno do nada.

* * *

Anunciaram os jornais e criou-se a expectativa de que Luiz Viana viria a ser o novo Líder do Governo, no Senado.

Interpelado, esclarecia ele, na intimidade: nunca manifestei o mínimo desejo de ser líder. Sobretudo na atual conjuntura, a função é por demais espinhosa.

Acho, entretanto, que todo aquele que se elege por um partido não pode recusar-lhe a representação na Casa Legislativa, por maiores que sejam as suas divergências. Não desejo, portanto, mas não me sentirei à vontade para rejeitar, se vier a ser o indicado.

Contramarchas em ação. Desatendendo à vontade do colegiado, o Planalto decidiu escolher outro líder. Luiz Viana respirou tranqüilizado. Continuou em sua faina parlamentar, sem o menor ressentimento.

Decorridos alguns meses, o Chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva, julgou dever prestar-lhe alguns esclarecimentos.

Indicamos outro líder para o Senado porque as circunstâncias eram muito especiais. Precisávamos de um líder que fosse capaz até de dar uma bofetada em um senador, quando os interesses do Governo o exigissem.

Agradecido pela homenagem que você me prestou, concluiu Luiz Viana.

* * *

Insistiram com a idéia da ida de Luiz Viana para o Superior Tribunal Federal. Apòsentar-se-ia posteriormente e reiniciaria a carreira política.

Para tribunais superiores também foram Amaral Peixoto, Etelvino Lins, Geisel e muitos outros. Contrapunha-se Luiz Viana: o seu Direito era de mais de cinquenta anos atrás.

Aliomar Baleiro, seu fraternal amigo desde a adolescência, companheiro de escritório de advocacia, procurava animá-lo de toda sorte. Prontificou-se a auxiliá-lo nas graves tarefas da judicatura.

Você poderá trazer-me valiosos subsídios para fundamentar, em casa, um voto. Não poderá, contudo, socorrer-me em imprevistos de certas decisões. Ficaria muito incômodo, para mim, estar invariavelmente a acompanhar o relator, escusava Luiz Viana.

Falta-me a consciência jurídica que me daria o apresso de um magistrado, acrescentava. O Presidente da República entreviu de maneira incisiva: — O senhor, que fez outros ministros, não quer aceitar, agora, que reconheçamos os seus próprios méritos.

Baldados e bem-intencionados esforços. Desistia da vitaliciedade. E enxergava as incertezas e, muitas vezes, as injustiças da vida pública. Que fazer? Era de seu feitio. Expressava que só gostaria de viver enquanto Deus lhe desse a lucidez e o vigor da luta. E Deus isto lhe concedeu.

* * *

Era forte a sua sensibilidade no domínio das artes plásticas. Distíngua Di Cavalcanti, Portinari e Osvaldo Teixeira entre tantos outros modernos.

Aquele lhe dissera que o segredo do êxito de sua carreira artística era o de saber desenhar.

Di Cavalcanti, o convidou para ir ao atelier escolher um quadro. Seria presente da velha amizade. Luiz Viana o aconselhara a não mandar escolher dentre os seus trabalhos. Representava tortura um amigo haver de deixar algum de seus quadros.

Foi-lhe oferecida a vigorosa mulata que se encontra na sala de visitas da casa de Brotas.

A respeito do impressionismo, no Brasil, dizia contentar-se com a preta da casa. Atinha-se à baianidade. Realçava Presciliano e Newton Silva, cujos ateliers frequentou e de quem adquiriu algumas telas. Igualmente admirava Mendonça Filho e Alberto Valença, por quem se fez retratar. Algumas vezes enfatizou a singularidade de os maiores pintores da Bahia terem vindo, de vez, neste século.

Discorria sobre a durabilidade da arte. Desenvolvia o seguinte fato. Seu casamento fora há mais de cinquenta anos. Ele, jornalista e político. A noiva, D. Juju, filha de chefe político com militância na Capital. Naturalmente que muitos foram os presentes recebidos.

Decorrido, portanto, mais de meio século, remanesce, sem esmaecimento, a linda marinha de Presciliano Silva, ofertada ao casal pelo amigo Aliomar Baleeiro.

* * *

Assim foi a vida de Luiz Viana Filho.

Venceu suavemente, sem afrontas.

O cultivo da amizade foi a consolação das asperezas da caminhada.

Trilhava com brandura os diferentes rumos que lhe deparavam.

Buscando a humildade, atingiu a glória.

Glória do espírito, que não se extingue.

Glória de quem enriqueceu a vida de grandes exemplos. De quem deixou um legado que edifica.

LUIZ VIANA FILHO

SAMUEL CELESTINO

O político, o escritor, o intelectual de extrema sensibilidade, enfim, o homem que a Bahia hoje sepultará é o último representante de uma geração que brindou o estado e o País com ativa participação na vida pública, durante mais de meio século. Luiz Viana Filho obteve o seu primeiro mandato nos meados dos anos 30 e em 1945, associou-se na restauração do regime democrático, integrando a Assembléia Nacional Constituinte de 46. De elevado refinamento, Luiz Viana Filho ocupou quase todos os cargos que um político pode almejar: deputado federal, governador, ministro de Estado, presidente do Congresso Nacional, senador. Foi, portanto, chefe de dois poderes: Executivo e Legislativo. Seu pai, o conselheiro Luiz Viana, conseguiu proeza maior, pois chefioou os três poderes, já que, além de também governador da Bahia, foi presidente do Senado da Bahia e do Tribunal de Justiça do estado.

Liberal por convicção, o Senador Luiz Viana Filho, que ajudou a derrubar a ditadura Vargas, foi, também, um ativo participante da conspiração que resultou no golpe de Estado de 1964, que acabou desviando-se dos seus rumos e objetivos para transmudar-se na ditadura que recrudescceu a partir do final de 69 com a edição do Ato Institucional nº 5. Viana Filho foi ministro-chefe da Casa Civil do Governo Castello Branco e ministro interino da Justiça. Assume, logo após, o Governo da Bahia, para uma gestão que deu especial ênfase à educação, à saúde e ao desenvolvimento. Foi, portanto, governador num dos períodos mais duros da nossa história política contemporânea e é, no exercício do cargo que, embora tenha sido um dos impulsionadores do movimento revolucionário, a ele se opôs em alguns episódios, permitindo que, mais uma vez, aflorassem seus sentimentos de liberal e democrata, ao reagir contra os excessos.

Viana Filho não pôde, é certo, explicitar, como talvez desejasse, o seu descontentamento contra os rumos autoritários dos governos revolucionários que sucederam a Castello Branco, até porque não fazia o estilo quixotesco. Mas, ao transmitir o governo baiano a Antônio Carlos Magalhães, produziu,

em seu discurso, uma frase que, por si só, sintetizava a sua angústia, a sua preocupação e os difíceis momentos que vivenciou no Palácio Rio Branco, como governador do estado:

"Em muitos momentos do meu governo, o melhor que pude fazer pela Bahia foi ficar em silêncio."

Um político, portanto, que pontilhou pela sensatez e pela sabedoria.

A Tarde, Salvador, 6 jun. 1990. Caderno 1, p. 7.

VIANA FILHO DEIXARÁ LACUNA

TARCÍSIO HOLANDA

Com a morte dó historiador e senador baiano Luiz Viana Filho vira-se uma página da História do Brasil e do Senado. Luiz Viana era a última personalidade viva de um capítulo expressivo na história política brasileira, integrando elenco de grandes figuras que enriqueceram a Constituinte de 1946 e a vida pública do País.

Constituinte em 1934 e 1946, Luiz Viana casava admiravelmente a condição de político com a de um intelectual refinado, que não apenas escreveu densas biografias de Rui Barbosa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, como ensaios importantes, inclusive o clássico. O Negro na Bahia, a vida de Eça de Queiroz e uma análise de profundidade sobre o Governo Castello Branco, do qual foi chefe da Casa Civil.

Lúcido e frio, Luiz Viana Filho era capaz de fazer brilhantes análises políticas sempre recheadas com o seu profundo e sagaz conhecimento da História do Brasil. Frequentemente reunia amigos e uns poucos jornalistas veteranos para uma conversa de fim de tarde, quando servia chá e torrada em seu gabinete. Era uma conversa que nos atraía em face das observações sempre lúcidas e inteligentes do anfitrião.

Quando era presidente do Senado, um grupo de jovens repórteres que começavam a cobrir a Casa o ouvia. Luiz Viana citou Otávio Mangabeira para lembrar que, no Brasil, a democracia era uma plantinha muito tenra, que era preciso regar constantemente. Um repórter cometeu o erro de indagar quem era Otávio Mangabeira. Ele o encarou firme, virou as costas abruptamente e retirou-se, explicando, depois:

— Não pode conversar política comigo quem não conhece Otávio Mangabeira...

Recentemente, conversava-se a respeito do estilo de coronel mandão que caracteriza o atual governador da Bahia, o fazendeiro e empresário Nilo Coelho. Luiz Viana procurava mostrar que, para um governador ser forte, precisa ter aliados fortes. Virando-se para o Deputado Genebaldo Correia disse: "O rei forte precisa de barões fortes".

Überal-conservador, era um pragmático em política, o que explica sua longa sobrevivência na política brasileira. Não compreendia como Waldir Pires, que derrotou as forças comandadas pelo ex-Ministro Antônio Carlos Magalhães com uma vantagem de um milhão e seiscentos mil votos, tenha sido tão desastrado politicamente que permitiu a reabilitação do adversário em prazo relativamente curto.

"O Waldir quer ser um apóstolo e se esquece de que a política no Nordeste se faz com realidade", costumava sentenciar o senador.

A morte de Luiz Viana torna mais evidente a pobreza da nossa política. Ele que era um político do Nordeste que não obscurecia o homem cosmopolita e civilizado que cultivava as coisas do espírito.

Diário Popular, São Paulo, 6 jun. 1990

UM VULTO HUMANO EXCEPCIONAL

THALES DE AZEVEDO

Perde a Bahia, e com esta todo o Brasil, um dos vultos humanos de maior grandeza ao falecer, subitamente, Luiz Viana Filho. Esse é um nome que não se apagará de nossa memória em vista do que foi como homem público em nível nacional, fazendo uma das mais brilhantes carreiras de que a República se beneficiou e que serviu à Bahia de modo excepcional. Os dotes pessoais de carácter, acentuados na simplicidade do trato, na amabilidade, na naturalidade do gesto, na discrição das maneiras de exprimir-se, na inteireza moral, em tantas virtudes o fizeram estimado e respeitado como muito poucos. Apesar da altura da realização na política e do conceito intelectual que ganhara com o trabalho magnífico, distinguia-se pela singeleza de maneiras, acessível e amável, sem qualquer afetação ou artificialidade, a quantos dele se acercavam ou encontravam. Os desta terra podemos dar melhor testemunho neste particular do que outros, apesar de que, em âmbitos mais largos, impunha-se, pela mesma espontânea feição, na Academia Brasileira, no Instituto Histórico Brasileiro e no baiano, no Parlamento, nos círculos intelectuais. Quem não o conhecesse de perto ou houvesse usufruído da riqueza de suas obras historiográficas e biográficas, jurídicas e políticas, mal faria idéia de quem se tratava. Pairando muito acima da mediania dos contemporâneos ao longo de seus 82 anos, como estudante, professor de Direito, político militante desde a Bahia e seu interior à governança do Estado, à Câmara dos Deputados e ao Senado e a outros postos que honrou e elevou, foi inconfundível. Deixa uma produção, que chamaríamos literária, notória também pelo estilo, de um valor raramente aproximado por seus contemporâneos. No momento da notícia chocante de seu passamento lastimável, ocorre-me sublinhar principalmente aquelas características morais de personalidade, sentindo comovidamente a cessação de uma existência de tal quilate e recordando a generosidade de seus modos. Para os que lhe seguiram, a trajetória espiritual foi inexcelsa: desde jovem sua produção de homem culto e sensível, talentoso e rico de saber, impressionava o domínio dos temas de que se ocupou na história e na biografia, além do que deu às questões políticas com amplitude invejável

de visão. Suas biografias distinguem-se primeiro pela excelência das vidas para as quais se voltou, em seguida pela maneira, como as retratou em "pinceladas largas de admirador de seus vultos preferidos, fossem Rui, Nabuco, Rio Branco, José de Alencar, Eça de Queiroz. Seu último trabalho, resultante de memória pessoal do amigo, de fatigante mas persistente pesquisa, que acompanhei de perto, foi sobre outro vulto excelente, Anísio Teixeira; essa obra, mais uma evidência de elevação de idéias e de apreciação de valores humanos ainda se lançará em julho por uma editora paulista. Deu-se a esse esforço com gosto e entusiasmo para fazer justiça a um companheiro desde a roda formada em torno de Madureira de Pinho e prolongada em constante contato com o biografado ilustre. Além do apanhado perspicaz da trajetória de Anísio, revela aspectos até agora desconhecidos ou menos sabidos dessa outra existência. Tudo resultado de mais uma prova de seu método ordenado, minudente, escrupuloso e lúcido de investigar antes de escrever.

Traço esta nota muito emocionado, tocado de perto pelo sucedido, lembrando o mestre, p grande brasileiro, o amigo, num preito modesto, sincero.

THALES DE AZEVEDO é médico antropólogo e professor da UFBA

'A Tarde, Salvador, 8 jun. 1990. Caderno 1, p.,6.

LUIZ VIANA FILHO

Temperamento, Caráter e Saber

THALES DE AZEVEDO

Um conjunto feliz de qualidades inatas concorreu poderosamente para a vida exemplar de Luiz Viana Filho. Mas não bastou isso, nem haveria mérito se esses dotes de talento e temperamento não houvessem sido cultivados por seu portador: na verdade, desde cedo, a leitura bem escolhida, a fixação lúcida do que descobria nas obras preferidas, a direção esclarecida dos interesses nesse labor vieram a ser condições determinantes do êxito do estudo e da reflexão. O leitor tomou aos primeiros anos da juventude uma direção ordenada na busca do conhecimento histórico e literário, não dispersando a atenção noutros rumos e muito menos desperdiçando tempo em esforços menores. A análise, mesmo não-especializada, das obras de Luiz Viana logo convence de sua determinação de dominar seguramente o característico das personalidades que o atraíram e a importância dos eventos e das circunstâncias em que tais vultos se destacaram. Duas ordens de dados logo impressionam a quem examina suas biografias: o domínio consciencioso da história nacional nos períodos em que se realizaram seus ídolos e a percepção inteligente do que marcara os vultos de sua predileção. Isto lhe permitiu ou o preparou para atirar-se conscienciosamente, muito bem armado, à tarefa difícil de desenhar perfis de homens públicos de excepcional valor e, para maior dificuldade, de atuação política e intelectual além da craveira comum. Basta ler o que escreveu sobre, por exemplo, Rui Barbosa, Nabuco e Rio Branco, não falando noutros de semelhante magnitude, homens estelares pela inteligência, mas discutidos por suas posições na vida pública. Não temeu as aventuras em que fez sua notabilidade. É que se havia, por outro lado, adestrado firmemente pelo estudo igualmente bem norteado da teoria e da hermenêutica dessa desafiante especialidade historiográfica, a biografia. Daí vir a ser, não apenas o contador de histórias pessoais mesmo bem situadas nas ambiências próprias, porém o retratista perspicaz do que fazia a grandeza e autenticidade das personalidades selecionadas. Veio a ser um dos maiores mestres no particu-

lar, devendo ser visto, entre seus demais méritos, como esse extraordinário espírito.

Luiz Viana Filho deixa a seus sentidos pósteros um desafio: o de decidirem, quando se aventurarem a lhe desenhar a exemplar biografia, entre o que lhe foi inato e bem aproveitado e aquilo que resultou de sua formação própria pela meditação do que apreendia na leitura, no estudo, na pesquisa a que se deu como peculiar determinação paciente, constante, resistente a qualquer desvio de propósitos e de orientação.

Os que tiveram o privilégio de seu convívio ou de ocasionais contatos registraram, do conjunto de suas qualidades, a impressão espontânea, irresistível, da serenidade imperturbável de sua conduta e caráter. Nunca explorou ou procurou salientar o que fazia de modo exímio como intelectual ou como parlamentar e governante. Nunca se enfeitou de gestos exibicionistas, de atitudes supostamente superiores, de isolamento dos simples e modestos, não foi, de maneira alguma, um explorador da popularidade. Quem o viu de mais perto, inda até dias antes de falecer, na busca de dados para a biografia de Anísio Teixeira, como me foi dado por sorte na companhia de outros, bem pôde fazer juízo da excepcionalidade e, acima de tudo, da preciosidade moral que foi essa glória baiana oferecida ao Brasil, e a exigir que sua vida seja conhecida pelos que se dão à peleja pela perfeição humana. Nele se harmonizaram temperamento, caráter e saber, de maneira, como disse, muito feliz.

THALES DE AZEVEDO é médico, antropólogo e professor emérito da UFBA

A Tarde, Salvador, 27 jul. 1990. Caderno 1, p. 6

LUIZ VIANA FILHO

ULYSSES GUIMARÃES

Como chamá-lo: governador, presidente, ministro, senador, deputado, acadêmico? O talento de Luiz Viana transitou por estes e outros importantes cargos.

Curioso o meu relacionamento no Congresso Nacional. Tive em ferrenhos adversários políticos, excelentes amigos. Foi o que sucedeu com Otávio Mangabeira, Prado Kelly, Aliomar Baleeiro, Adauto Lúcio Cardoso, Raul Pilla, Afonso Arinos, Oscar Correia, além de outros.

Repetiu-se com Luiz Viana, que foi também da UDN. Escreveu biografias memoráveis, consagradas por elevado número de edições. Mas sua obra máxima é a *Vida do Barão do Rio Branco*. É antológica. É um primor de pesquisa e de estilo. Redigiu-a com erudição e com prazer.

Contou-me, há dias, após a morte do pai, o Senador Luiz Viana Neto, que certa feita encontrou o pai saltitante como um passarinho, pois afinal exumara a certidão de casamento do Barão do Rio Branco com a belga Marie Philoméne Stevens, já com filhos adultos.

Esse casamento em Londres, ele o fez e manteve em rigoroso sigilo. Rio Branco, na mocidade o popular Juca, era boêmio da noite carioca, conheceu Marie Philoméne no Rio, no Cabaré Alcazar. Fascinado por sua beleza, com ela passou a viver e afinal se casou. A cobiçada certidão, pois, era um achado. Luiz Viana Filho há muito ambicionava o documento nupcial. Justamente, estava exultante, embora não figurando no livro já publicado.

É extensa a bibliografia do imortal da Academia Brasileira de Letras. Figuram, além de muitos outros, trabalhos de consulta obrigatória sobre Rui Barbosa, José de Alencar, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Eça de Queiroz.

Nós nos tornamos tão amigos, ambos agora no mesmo partido, que um dia, no plenário da Câmara dos Deputados, disparou: "Você deve ir para a Academia Brasileira de Letras. Na vaga do Menotti Del Picchia". Ele

sabia do meu relacionamento íntimo com o Menotti, estreitado quando moramos no mesmo prédio, no Rio, na avenida Churchill, 60, em apartamentos vizinhos, ele deputado federal pelo PTB.

Foi Menotti quem me acordou, na manhã de 24 de agosto de 1954, com a espantosa notícia do suicídio de Getúlio Vargas. Juntos rumamos para o Palácio do Catete, entramos no quarto fatídico, com Getúlio em seu leito de morte, já devidamente vestido. O quarto parecia uma tenda, Getúlio dormia em aposento separado de dona Darci. Sem um vaso, um quadro, uma cortina. Era um anacoreta, um chimango nas barracas das cochilhas do Sul. Começaram a remover seus pertences. Abriam uma gaveta, vi nelas facas de churrasquear. No guarda-roupa, alguns ternos.

Luiz Viana pôs-se a cabalar para assegurar, pelo menos, os 20 votos da vitória. Contatou acadêmicos; no Brasil e no exterior. Josué Montelo, nosso embaixador junto à Unesco, escreve-me de Paris: "Esta estrada passará por sua aldeia".

Quando estava para pedir inscrição no cenáculo, pois os resultados eram animadores, sendo eu candidato à Presidência da República, os amigos, sobresaindo-se Renato Archer, fulminaram: "Ulisses, não se meta nisso. Lembre-se da surpresa que liquidou as candidaturas de Juscelino Kubitschek e Santiago Dantas. Você não pode se arriscar agora". Procurei o Luiz Viana e comuniquei, com meu fraterno agradecimento, que não disputaria.

Eu o revejo no plenário do Senado e da Câmara dos Deputados. Assíduo, participando dos trabalhos, obcecado pelos assuntos políticos. Sempre encorajado pela dedicação de sua companheira, dona Juju. Ex-governador da Bahia, deputado, senador e presidente do Senado e do Congresso Nacional, consagrado por tantas biografias, o Luiz Viana Filho merece que pena justiceira escreva a sua. Será belo livro de dedicação e amor ao Brasil e suas letras.

ULYSSES GUIMARÃES, 73. é deputado federal pelo PMDB — SP e presidente nacional do seu partido. Presidiu o Congresso constituinte (1987-88) e foi o candidato do PMDB na última eleição presidencial.

Folha de S. Paulo. 3) dez. 1990. Caderno Opinião A-3.

LUIZ VIANA FILHO, BIÓGRAFO

VAMIRÊH CHACON'

Luiz Viana Filho foi dos poucos casos, hoje cada vez mais raros, de intelectual na política. Dois caminhos o conduziram: o inicial jornalismo e a herança do pai, o velho Luiz Viana, ilustre prócer baiano.

, Dentro de uma visão de escritor da Bahia do seu tempo, Luiz Viana Filho começara por um ensaio sobre *A Língua do Brasil e O Negro na Bahia*, um tanto querendo compatibilizar as duas vertentes maiores em sua terranatal, que no País em geral: a lusitanidade e a africanidade. Importante observar como a Bahia geradora de Rui Barbosa, purista na linha de Vieira que do Salvador do século XVII lhe lançou a semente, é a Bahia que produz a geração seguinte, ps.discípulos de Nina Rodrigues. Tudo, indica, que representam duas grandes linhas da cultura baiana: a de Gregório de Mattos e a de Rui Barbosa, impulso e razão de liberdade, a síntese, da; baianidade,

Espírito requintado* nascido em Paris, de formação basicamente literária e francesa, Luiz Viana Filho redescobriu o sertão paterno de outra; base sua, a política, que o ascenderá a altas posições estaduais e federais.

Mas o que aqui nos interessa, é o biógrafo e que preferiu começar pelo princípio. *A Verdade na Biografia* (1945), pré-definição metodológica preparadora da sua trilogia *A Vida de Rui Barbosa*, *A Vida de Joaquim Nabüco* e *A Vida do Barão do Rio Branco*, em 1941, 1952 e 1959.

A metodologia de alguém de formação literária francesa, não tecnicamente historiográfica, só podia ser a da empatia, a da intuição. Logo aplicada; baianamente, em primeiro lugar, a Rui Barbosa, mas sem temer uma imediata incursão na pernambucanidade de Joaquim Nabuco, aliás de origem familiar na Bahia. Tanto assim que Luiz Viana Filho ousa mais longe, enfrenta a solução do cotejo em *Rui e Nabüco* (1949), mais uma vez com rara felicidade, ao superar uma das estéreis discussões entre pernambucanos e baianos, sobre quem foi maior, Rui ou Nabüco. Luiz Viana Filho coloca, cada um, no seu lugar.

Em breve vão se recruzar a baianidade e a pernambucanidade, em oportunas ocasiões, no caminho de Luiz Viana Filho.

O pernambucano Álvaro Lins tinha escrito uma biografia do Barão do Rio Branco. Apesar de crítico de profissão, despertou menos eco que a depois publicada por Luiz Viana Filho. O que não impediu o reencontro de ambos na Academia Brasileira de Letras.

Donde virão estas encruzilhadas baiano-pernambucanas no espírito de Luiz Viana Filho?

Certamente de duas fontes principais: as paternas barrancas do São Francisco, onde passara a redescobrir o Brasil, vindo de Paris, um rio que deve unir, não separar Pernambuco e Bahia, e a amizade com Gilberto Freyre, estreitada desde sua tempestuosa visita política a Salvador no auge do Estado Novo, ensejo para grande mobilização democrática soteropolitana, o próprio Gilberto a evoca em *Na Bahia*, em 1943. Aquele sentido do popular Luiz Viana Filho tinha captado desde o seu ensaio historiográfico social. *A Sabina-da*, 1938, quando o Estado Novo iniciava seu itinerário menos popular que populista.

Quando da redemocratização de 1945, Luiz Viana Filho e Gilberto Freyre vão reencontrar-se, fundadores da União Democrática Nacional, a liberal UDN dos intelectuais urbanos, com Luiz Viana Filho fazendo ponte na Bahia para as lideranças rurais tradicionais. Outros, o mesmo Brasil afora, numa das mais interessantes experiências.

Gilberto Freyre virá a ser o prefaciador, logo em 1946, de *O Negro na Bahia* na Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio Editora, da qual Octávio Tarquínio de Sousa era diretor em seguida a ele. Amizade e admiração mútuas, Gilberto/Luiz Viana, durando a vida inteira. A baianidade-pernambucanidade é uma avenida de mão dupla.

Após relembrar a Escola Baiana de Antropologia de Nina Rodrigues, Manuel Querino, Braz do Amaral, Sá Oliveira, até Edson Carneiro e Arthur Ramos (hoje com Vivaldo da Costa Lima, Waldir Freitas de Oliveira e o já decano Thales de Azevedo), Gilberto Freyre ali remete a Luiz Viana Filho o mérito do pioneirismo no registro da procedência também sudanesa, não só bantu dos negros da Bahia. "Advertência contra uma das muitas simplificações exageradas nos estudos afro-brasileiros". Graças à inteligência, equilíbrio e objetividade, declaradas por Gilberto Freyre às características da inteligência de Luiz Viana Filho.

Porque continua ainda Gilberto, "o Rio Branco do professor Luiz Viana (que ele também o foi), como o Rui Barbosa e o Joaquim Nabuco por ele reconstituídos e reinterpretados, é um grande homem a quem não faltaram fraquezas de homem simplesmente homem. Um grande homem que teve seus fracassos". Completa Eduardo Portella noutra crítica fundamental: "O sentido e a preocupação interpretativa lúcida o acompanham sempre". "Não quis inaugurar uma estátua de praça pública, mas apresentar um ser humano, com suas grandezas e fraquezas, um ser humano em sua radical dimensão humana".

A isto se tinha proposto Luiz Viana Filho desde seu programa, *A Verdade na Biografia*; "O certo — e isso não deve ser esquecido — é que ele (o biógrafo) trabalha sob o signo do seu tempo e sob as inspirações da sua época, pois na realidade cada geração canta para ela própria e na sua linguagem".

VAMIREH CHACON é professor universitário em Brasília e escritor.

A Tarde, Salvador, 15 julho de 1990. Caderno 1, p. 6.



Luitz Viana Filho com o general De Gaulle e Luitz Viana Neto



Luiz Viana Filho com o Presidente Castello Branco, em 7 de setembro de 1965



O Governador Luiz Viana Filho com a rainha Elisabeth II, da Inglaterra, quando de sua visita à Bahia



Governador Luiz Viana Filho inaugura o Parque Histórico Castro Alves, tendo a sua direita Pedro Calmon. Humberto Oliveira Silva, prefeito de Muritiba, e Eduahlo M Boaveniura, Secretário de Educação e Cultura da Bahia, em 8 de março de 1971.



*Governador Luiz Viana Filho, acompanhado do Secretário da Fazenda, Ângelo Calmon de Sá, do Superintendente do Centro Industrial de Aratu, Rivaldo Guimarães (esquerda) e do Diretor do Museu do Estado, Carlos Eduardo da Rocha (direita), inspecionam as obras de restauração do Engenho **Freguesia**, Museu do Recôncavo Wanderlei Pinho, provavelmente, em 1970.*

II

O CICLO DA FAMÍLIA

LUIZ VIANA FILHO, UM HOMEM PÚBLICO

LUIZ VIANA NETO

Vossas Excelências bem podem imaginar quanto me é amargo este momento em que, trazido pela mão de uma fatalidade madrasta, aqui chego na mais alta Casa da representação popular, para assumir a vaga aberta por morte de meu pai, o Senador Luiz Viana. Momento que vivo, ainda aturdido, como quem perdeu seu centro de gravidade, e a quem a vida impõe aprender uma difícil lição: a de aprender a viver sem a presença mansa, sem a vigilância afetuosa, sem os conselhos sempre sábios de meu pai, o Senador Luiz Viana.

Muito jovem, cego por um amor filial extremado, não percebi que me lançava numa empreitada de antemão, destinada ao malogro, ao tentar seguir-lhe os passos, e repetir-lhe a luminosa trajetória.

Como ele, formei-me em Direito na gloriosa Faculdade de Direito da Bahia. Como ele, ingressei no magistério, para tornar-me titular da mesma cadeira em que ele pontificara. Como ele, muito cedo, deixei-me seduzir pelos enganosos encantos do demônio da política e três vezes fui Deputado Federal, Vice-Governador e seu auxiliar quando governou a Bahia.

Numa função, no entanto, não desejei secundar-lhe: foi na de ocupante de sua cadeira nesta Casa.

Na legislatura passada, quando estive sem mandato parlamentar, mais de uma vez, meu pai desejou licenciar-se, para que eu aqui tomasse assento. Mas eu, sempre omitindo dizer-lhe ser por superstição a minha recusa, o dissuadia: "Meu pai, o mandato foi conferido a você, é você que deve exercê-lo na sua inteireza". E hoje, desgraçadamente, para mim, não tendo aceito aqui sentar-me temporariamente, sou forçado a assumir em caráter efetivo a cadeira que continuará sendo sempre sua.

Chego, portanto, com o coração ferido, ainda inconformado com a fatalidade traiçoeira, mas buscando o consolo — se consolo é possível nesse transe — de que, ao menos, meu pai, que tinha pavor a apagar-se como uma lâmparina, partiu como desejaria: no campo de batalha, em plena luta, pelejando

pelos ideais que o impulsionavam desde a juventude. Repetidas vezes disse-me ele querer tombar em pleno vôo, descortinando horizontes distantes, sem saber que não os alcançaria, e acalentando sonhos que não realizaria.

Consolo-me, também, com as homenagens com que a Bahia dele se despediu. A Bahia, sempre unanimemente divergente, encontrou um momento em que se tornou unanimemente convergente, inclinada diante do esquife do meu pai, num preito de respeito, gratidão e saudade.

Por ali passou toda a Bahia, por ali passaram todas as suas lideranças, as mais distantes e antagônicas, mas todas elas unidas na dor pela perda da grande, da extraordinária figura do Senador Luiz Viana.

Homenagens, digo melhor, não apenas da Bahia, mas de todo o Brasil. Homenagens' que já teriam dimensão nacional pela simples presença da delegação desta Casa, tendo à frente o seu honrado Presidente, mas a que se somaram também manifestações de todos os jornais, de todas as televisões e artigos dos mais respeitados e acreditados jornalistas da imprensa nacional.

Não sei se meu pai pôde ver, mas ainda que não tenha visto, ele, que tinha os olhos postos na História, certamente gostaria de que o último capítulo da sua vida gloriosa fosse, como efetivamente foi, cercado pelo respeito de toda a Nação.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, nesta Casa viveu meu pai os últimos quinze anos de sua vida. Num convívio ameno, civilizado, respeitoso, em que conseguiu incluir todos os seus colegas desta Casa, todos sem exceção, no vasto rol de seus amigos. Do mesmo modo, teve a felicidade de tornar ainda mais próximos aqueles aos quais estava ligado por laços anteriores de amizade. E entre esses velhos amigos, Sr. Presidente a primazia certamente cabe a Vossa Excelência, seu amigo há 60 anos, numa convivência longa e afetuosa, que com o passar do tempo só se reforçou e revigorou.

Nesta Casa, portanto, onde meu pai passou longo período de sua existência, sinto-me dispensado de traçar-lhe o perfil, até porque, Vossas Excelências, Srs. Senadores, no dia mesmo de sua morte, externaram, em comoventes palavras, a simpatia e o respeito que lhe votavam. Palavras, aliás, que muito sensibilizaram a todos nós, seus familiares, e que, por isso mesmo, em meu nome pessoal, de minha mãe e de minha família, cumpro o dever de agradecer de coração.

Mas, embora exonerado de nesta Casa voltar a grifar-lhe aspectos da personalidade de escol, desejo apenas dizer-lhes que no modesto julgamento de quem sempre esteve a seu lado e do seu lado, todas as facetas da personalidade de Luiz Viana — o jornalista, o advogado, o professor, o escritor, o historiador, o biógrafo, o Deputado bravo e o Senador respeitado — não são senão manifestações daquilo que ele foi antes e acima de tudo: um homem público. De fato foi meu pai, no sentido mais estrito e mais amplo, "um homem público". Alguém que, desde a juventude, decidiu participar, interferir

e influir nos rumos da sua comunidade, do seu Estado e do seu País. E isso ele, efetivamente, conseguiu.

Alguém, cuja maior motivação na vida era a realização do bem comum. Lembro-me bem da felicidade que teve ele no governo da Bahia, quando, dirigindo o seu estado numa quadra de ventos favoráveis, pôde espalhar sementes de progresso por toda a Bahia, que ainda hoje florescem como marcos de seu desenvolvimento e de bem-estar do seu povo. Dentre essas sementes benfazejas, bastaria registrar a conquista do Pólo Petroquímico da Bahia, que mudou a face do nosso estado, transformando-o de estado agrário num centro industrial de expressão nacional.

Alguém que, depois de 57 anos ininterruptos na linha de fogo da política, vendo avizinhar-se, com a aproximação do fim do seu mandato, o dia do merecido mas indesejado repouso — bem o percebíamos —, silenciosamente se angustiava, e via na perspectiva do Conselho da República o adiamento do ostracismo que não lhe agradaria.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, se como homem público foi meu pai um lutador, alguém que pugnou como um bravo por seus ideais, teve sempre, no entanto, um refrigério: os seus amigos. Em toda parte por onde passou, plantou afeições, criou amigos devotos, ele que foi um devoto da amizade. Na Bahia, no Rio de Janeiro, em Brasília, em Lisboa, onde quer que chegasse, lá estava um amigo para recebê-lo e, sobretudo, para conversar. "Causeur" encantador, de prosa viva, agradável, a que não faltava uma pitada de erudição, sempre encontrou uma roda de amigos para se deliciar com seus casos e suas histórias. Aliás costumava dizer: "Política é como conversa de namorados: não acaba nunca".

E é para suceder essa figura extraordinária que aqui estou. Soldado raso, convocado a assumir as funções de um grande comandante. Pigmeu que sucede um gigante. Figura opaca que só terá um mérito, o de, pelo contraste, realçar-lhe ainda mais o brilho de estrela de primeira grandeza.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, baldo de merecimentos e atributos...

O Sr. Chagas Rodrigues — Não apoiado!

O SR. LUIZ VIANA NETO — ... aqui chego para cumprir essa difícil missão. Missão que desejo assumir inspirado no seu exemplo, e com o compromisso de buscar reunir minhas mais puras energias, para que, superando-me a mim mesmo, possa honrar-lhe a memória, ser-lhe fiel ao legado cívico, ser merecedor da ilustre companhia de V. Ex^a e, sobretudo, ser digno desta augusta Casa, que ele amou, presidiu e tanto enalteceu. (Palmas.)

Discurso proferido pelo Senador Luiz Viana Neto ao assumir a vaga do pai, Senador Luiz Viana Filho, em 12-6-90.

A SAUDADE DE MEU PAI

. LIA VIANA QUEIROZ

Ainda envolvida
num sentimento
de grande saudade
e imensa dor,
quero dizer
o quanto está sendo
difícil viver
sem a presença de'
meu pai,
com a saudade de
meu pai.
Não sou mais a Lia inteira,
e sinto nitidamente
esta divisão:
a Lia com a presença do pai
e a Lia com a saudade do pai.
Saudade esta,
que não poderá ser escrita,
porque saudade sentimos,
não descrevemos.
Graças aos desígnios de Deus,
convivemos na mesma casa
por quase toda minha vida
e, por isto,
pude sentir verdadeiramente
a pessoa linda
que era meu pai.
O ser humano
mais perfeito do planeta Terra,
emanando dele, apenas,

vibrações de amor,
ternura, amizade e sabedoria,
que sintonizavam, somente,
com os seres superiores.
Sinto saudade
do pai terno, firme, forte,
simples, sábio e amigo.
Aquele pai
equilibrado e sensível
que não precisava
ser solicitado para ajudar,
mas sentia e compreendia tudo,
da maneira mais bonita
que um ser humano pode fazê-lo,
— gentil e sigilosamente,
para que terceiros não percebessem
que havia a figura do ajudado.
Sinto saudade
desse pai que nasceu para brilhar
sem ofuscar,
tendo como meta principal
de sua vida — a dignidade.
Uma vida pública
dedicada a servir à Bahia,
que tanto amou e ajudou.
À essa Bahia que teve,
na figura de meu pai,
a mais alta e digna representatividade.
Ele foi,
com certeza,
um grande estadista.
Jamais deixou de atender a algum chamado
de amigos ou adversários.
Estava sempre pronto para servir.
É desse pai
que sinto saudade.
Quem teve o privilégio
de sua amizade,
jamais se sentia só.
Era a mão amiga de qualquer hora.
E não alardeava, jamais,
um ^esto generoso.
Também, jamais,

em período nenhum de sua vida,
— como governador,
ministro ou senador,
deixou de ter
a serenidade e a finura
que lhe eram inerentes.
É desse pai
que sinto saudade.
Do pai candidato ao Senado
em 1975,
quando seu adversário,
através dos programas de televisão,
creditava-lhe injúrias e inverdades,
e, ele
meu pai,
no último dia da campanha eleitoral,
proferiu
dos mais brilhantes discursos
de sua carreira política.
Defendeu-se de todos os ataques,
de todas as injúrias, sem dizer,
sequer,
uma palavra de ofensa
contra o agressor.
Defendeu-se
como somente os grandes
sabem fazer.
Os de espírito superior.
É desse pai
que sinto saudade.
Discurso que me fez vibrar
e empolgar.
Guardo-o gravado,
com muito carinho,
já tendo sido ouvido pelos meus filhos,
como prova do maior exemplo
que um pai
e um avô político pode legar
para seus filhos e netos.
É desse pai
que sinto saudade.
Na verdade, meu amor
e minha admiração pelo meu pai

foram algo transcendente. ~
— Só os puros compreendem.
É difícil viver
sem a presença de meu pai:
É difícil viver
com saudade de meu pai.

LIA VIANA QUEIROZ é professora.

A Tarde, Salvador, 12 ago. 1990. Caderno 1, p. 6

MEU PAI, LUIZ VIANA

MARILU VIANA GARCIA

Sempre soube que um dia as pedras rolam, que um dia caem sobre nós, nessa inevitável caminhada que é a vida.

Farejei essa fatalidade, a cada felicidade, e cada momento, mesmo que eles parecessem infinitos...

Momentos, que me pareciam completos, hoje me parecem tão pequenos diante do tempo, mas tão infinitos diante do meu amor.

Sua obra política, intelectual, seu espírito de estadista, consagrado por muitos, seu talento, dissertado por todos, entregarão à história um homem ímpar, não só em suas glórias políticas e intelectuais, mas na maior e todas elas, a glória da "simplicidade".

Tudo dividirei com o tempo, com a história, só não o homem, bom, essencialmente bom e sábio, em sua modéstia. Modéstia e simplicidade que somente estão reservadas aos "grandes". Esse, conservarei intacto, dentro de mim.

E mesmo sabendo que a felicidade é uma dor bastarda, que somente se é feliz para depois sofrer, quero ter a felicidade de amar profundamente aqueles que ele amou, aqueles que amamos juntos.

A Tarde, Salvador, 6 jul. 1990. Caderno 2, p. 5.

LUIZ VIANA FILHO, MEU AVÔ

LUIZ VIANA QUEIROZ

Há um mês meu avô partiu na sua viagem para a eternidade. A dor de sua ausência estará sempre comigo, marcando uma saudade que não se apaga com o tempo.

Como só é possível com os homens de bem, passados tantos dias e tantas noites, ainda ecoam em diversos cantos do Brasil e até de além-mar hinos de louvor à sua vida. Ele foi daqueles que, como disse o poeta, pelas obras valorosas se vão da lei da morte libertando. Dele a lembrança que fica não é a da partida — imóvel ao som do toque de silêncio de uma cometa e dos soluços dos familiares —, mas sim da presença — agitado, conversando sempre, cheio de vida, fazendo com maestria tudo o que tocava.

Foi mestre ao ensinar História do Brasil e Direito Internacional; ao estudar o negro na Bahia ou a língua nacional; ao historiar o governo Castello Branco ou a instalação do Pólo Petroquímico de Camacari; ao escrever e ensinar a escrever biografias inesquecíveis: Rui, Nabuco, Rio Branco, Machado de Assis, José de Alencar, Eça de Queiroz.

Possuía uma pena abençoada por Deus, sem, contudo, jamais deixar de aperfeiçoá-la.

Lembro-me da emoção que senti ao ler os originais do derradeiro capítulo da sua última obra, a biografia de Anísio Teixeira. O estilo é primoroso. Disse-lhe, naquele dia, que, da mesma maneira que os bons vinhos, ele se tornava mais saboroso com o passar dos anos. O seu último texto era sempre o melhor.

Ele respondeu com um sorriso meigo, sem palavras, como era do seu costume quando recebia elogios diretos. Imagino que devia pensar que valera a pena o esforço. Sim, porque apesar das bênçãos celestiais ao seu estilo, os livros de Luís Viana Filho foram o resultado de um trabalho árduo e

metódico. Escrevia todos os dias, sentado na varanda de seu quarto, datilografando numa Olivetti portátil, da qual nunca quis separar-se em troca de novidades tecnológicas. Escrevia e reescrevia. Depois de pronto, o texto inicial era cortado, recortado e emendado, até atingir a forma definitiva que o agradava. Costumava dizer que o mais difícil para o escritor é acabar o livro; assim como para o caçador o mais trabalhoso é esfolar o rabo da presa.

Mestre em tantos afazeres, meu avô era, sobretudo, um político. Ao longo de sua vida foi um incansável multiplicador de relações.

E foi assim pelo simples prazer de agir dessa forma. Não buscava resultados imediatos ao tratar com um, conversar com outro, ajudar a quem quer que batesse à sua porta. Nem mesmo o voto, sem o qual não teria sobrevivido como parlamentar, era sua preocupação inicial. Antes de tudo era preciso conhecer, conversar, resolver. O apoio eleitoral viria naturalmente. Por isso tantos políticos baianos estiveram a ele ligados para, depois, seguirem seu caminho com as próprias pernas, sem jamais receberem uma admoestação. Não se conformava com o afastamento dos amigos, é verdade; mas seria incapaz de aprisionar politicamente. Sua liderança foi exercida na liberdade do líder e do liderado, nunca por medo da força bruta ou do dinheiro.

Ele viveu as relações humanas pelo valor intrínseco dos homens. Negou-se a se submeter à lógica mesquinha que tudo transforma e faz dos homens e mulheres mercadorias que têm um preço. Ao oferecer sua amizade exigia, apenas, reciprocidade. Sua ação política atesta a possibilidade de agirmos sem que, necessariamente, sejamos obrigados a deixar de lado nossa honestidade, nossa lealdade ou nossa sinceridade. Exatamente por isso foi um político no qual se podia confiar.

O eleitor sabia que votando em Luiz Viana Filho teria nele um fiel representante e um trabalhador incansável.

Trabalhava sem parar. No Rio, em Brasília ou em Salvador, estava sempre ao telefone ou em reuniões, articulando vitórias políticas e solucionando problemas da Bahia. Não admitia que lhe pedissem para descansar. Até mesmo a minha avó, companheira de toda a vida, nos momentos que pedia a ele que não viajasse tanto, respondia meio irritado: — Eu conheço os meus deveres.

Foram os deveres dos quais não se afastou que lhe abreviaram a vida. Os mesmos deveres que um dia me falou, quando discutimos minha candidatura a deputado estadual: — A Bahia não nos convida para a vida pública, a Bahia nos convoca. O caminho a seguir é espinhoso, mas se é o seu destino, vá em frente e conte comigo.

Até o último dia pude contar com ele. No seu último jantar, na casa de amigos paulistas, teria pedido a familiares apoio eleitoral em município do interior da Bahia. Mais do que o avô, era o líder, preocupado com o liderado.

Em nota à 2ª edição d'A vida de Rui Barbosa, ele escreveu:

"A vida é triste. Frequentemente má, se não terrível nos seus desígnios".
Rogo a Deus que me dê forças para superar a tristeza da vida e encontrar
o meu destino, agora que meu avô não está mais comigo.

LUIZ VIANA QUEIROZ è advogado. Foi secretário particular do Senador Luiz Viana Filho.

A Tarde, Salvador, 5 jul. 1990. Caderno 1, p. 6

A MEU AVÔ LUIZ VIANA

PATRÍCIA VIANA QUEIROZ

A casa, a família, o sentido de lar, pilares que sustentam o sentido desta página, são tratados por nós com a preocupação de quem maneja elementos formadores de novos seres e de novos comportamentos. Nesse sentido, acolhemos em nosso espaço o artigo de Patrícia Viana Queiroz, uma jovem universitária carregada dos flúidos acumulados na casa, na família e no lar onde habitou seu avô a quem ela deseja reverenciar em sua linguagem de amor e gratidão. Eis seu texto, a seguir.

Pensava você que um dia poderia nos deixar, mas de qualquer forma ou em qualquer momento, isto seria uma tentativa em vão. Há quatro meses, eu estava longe, uma distância evidentemente geográfica, pois sabia que a qualquer momento iria reencontrá-lo. Numa noite, tomada de surpresa, percebi desesperadamente que os laços carnis estavam sendo partidos. Minha mente em ebulição não era, naquele instante, capaz de enxergar o que este ato significava e em que nível de interpretação tudo poderia chegar. Já um pouco mais lúcida, e com a minha chegada a Salvador, pude perceber que o impossível era realmente impossível. Você jamais deixaria de estar presente, pois isto significaria que presente eu também não poderia estar. A desvinculação espiritual não pode jamais se efetivar quando durante todas as nossas vidas essa união foi a razão maior de sua existência. A formação de minha personalidade, sem dúvida, sofreu muita influência de sua parte, que, sutil e inteligentemente, se fazia penetrar em meu universo. Pouco a pouco, as influências iam se depositando e se formando, o que para você (meu avô) se define como a mais alta e digna expressão de um ser. Como um grande mestre, ensinou-me o grande poder que a palavra tem e como tal a usava quando realmente se fazia necessário. Quando não a utilizava era como uma forma de demonstrar que a comunicação certa entre os homens é aquela

feita no momento certo e da forma mais adequada, muitas vezes não entendia o não dito, mas isso significava, como pude aprender no decorrer do tempo, que o silêncio era tudo que deveria ser dito.

A felicidade era sempre algo transparente na expressão do seu olhar, refletindo isso em todos os atos de sua vida. O amor entre você e minha avó Juju era tão expressivo e forte que apenas em vocês dois não poderia se concentrar, transbordando e exalando por todos que estavam a sua volta. Morando na mesma casa desde que nasci tive o privilégio de vivenciar o carinho entre vocês' dois, algo fundamentalmente positivo para a formação de um ser.

Lembro-me quando vinha até mim delicadamente, conversar sobre Anísio Teixeira e me pedir traduções em inglês desse grande educador. Pude detectar, durante esse trabalho, como dois grandes homens (você e Anísio) se expressavam com tamanha semelhança. Era a evidência de que os deuses falam a mesma língua.

Tenho a esperança de que esteja me ouvindo. Como não poderia você, então, me ouvir, se a vida inteira ensinou-me a grande arte de saber ouvir?

A Tarde, Salvador, 10 jun. 1990. Caderno 2, p. 4.



Luiz Viana Filho e a família no dia da posse na Academia Brasileira de Letras

III

CONVERGÊNCIA PARA O ACLAMAÇÃO

Discursos em câmara-ardente, no Palácio da Aclamação,
Salvador, 6 de junho de 1990

No salão principal, a maior emoção ocorreu quando foram feitos os últimos pronunciamentos de amigos do Senador Luiz Viana Filho. O primeiro a falar foi o representante das Academias de Letras da Bahia e do Brasil; Edivaldo Boaventura. Ele falou da sensação de perda que já o incomodava em razão da saudade, sentida do amigo.

O presidente regional do PMDB, Nestor Duarte, também manifestou seu sentimento, destacando características marcantes da personalidade do Senador Luiz Viana Filho. "Ele agiu na vida pública como se fosse sempre um político eleito pela primeira vez, com o mesmo entusiasmo de quem está começando" O Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, Alberto Peçanha Martins Filho, registrou a perda representada pela morte do senador para o curso de Direito, onde Luiz Viana lecionou, e a lacuna que fica aberta quando a Bahia perde um dos seus filhos mais ilustres.

Representante do Presidente da República, Collor de Mello, o líder do governo no Senado, José Ignácio, falou de Luiz Viana como uma figura encantadora e determinada em seus propósitos. "Ele reunia a sabedoria de um bom político e o saber dos técnicos", disse, repetindo comentários feitos anteriormente perante o Presidente Collor.

O Deputado Federal Francisco Benjamim observou, em rápidas palavras, a infinita contribuição deixada pelo Senador Luiz Viana nos setores político e intelectual. O Presidente Nacional do PFL, Hugo Napoleão, reconheceu que a morte do senador é o repouso eterno dos homens justos.

O Senador Roberto Campos também fez questão de se pronunciar durante a cerimônia. Ele apontou Luiz Viana como o "melhor governador da Bahia nas últimas décadas", e ressaltou a herança deixada pelo senador ao filho, Deputado Luiz Viana Neto. "Os amigos de seu pai são seus amigos na mesma proporção", afirmou, dirigindo-se ao deputado.

O Presidente do Senado, Nelson Carneiro, falou na condição de amigo da família há três décadas. Nos anos de convívio, percebeu que Luiz Viana Filho se posicionava como fiel representante da Bahia em qualquer lugar onde estivesse. "Ele era a Bahia", enfatizou, para encerrar com palavras ainda mais significativas. "Você é eterno", salientou.

O último a falar foi o Governador Nilo Coelho, ressaltando o caráter do senador, manifestado nas ações de homem público e no afeto demonstrado em relações pessoais. Lembrou também obras executadas entre 1967 e 1971,

quando Luiz Viana Filho foi governador da Bahia. "A rodovia BR-243, ligação entre a Bahia e a capital federal, é fruto do empenho sempre demonstrado por ele em defesa da Bahia".

Encerrados os pronunciamentos, seis cadetes da Polícia Militar carregaram o corpo, coberto com a Bandeira Nacional, até o caminhão do Corpo de Bombeiros, que conduziria o cortejo ao Campo Santo. Milhares de pessoas seguiram o carro aberto no trajeto feito pelo Campo Grande, Rua Araújo Pinho, Rua Augusto Viana, Rua Padre Feijó e Ladeira do Campo Santo, onde o trânsito foi totalmente interrompido pela Polícia Militar para a passagem do funeral. Junto aos veículos uma camioneta foi reservada especialmente para o transporte das coroas de flores enviadas pelos amigos da família Viana. Eram mais de 350 coroas. O caminhão do Corpo de Bombeiros percorreu o trajeto em 15 minutos, tendo chegado ao cemitério às 11h15min.

A Tarde, Salvador, 7 junho de 1990.

Discurso do Governador do Estado da Bahia,
Dr. Nilo Coelho

"Cabe-me, neste momento, o dever de proclamar o reconhecimento do Estado a Luiz Viana Filho. E o faço entreunindo a minha consciência de homem público às efusões de uma larga estima pessoal; de grande respeito pelo mestre, amigo e conselheiro.

A Bahia recolhe, para edificação de todos nós, o seu exemplo de grandeza, no desempenho da vida pública. De perseverança no trabalho, de fidelidade ao civismo, de firmeza nos momentos decisivos, unindo as virtudes do estadista ao talento do intelectual.

Nas circunstâncias em que exerceu alguns dos mais altos postos da República e o governo de sua terra tão querida, a temperança do seu caráter de homem público e o afeto com que nutria suas relações pessoais não deram lugar aos descaminhos da prepotência nem à perseguição de qualquer espécie. Por isso tem hoje, aqui, à beira do seu esquife, a comovida homenagem dos governantes, o pranto incontido dos seus familiares, a profunda saudade dos amigos e correligionários, assim como o respeito dos que lhe foram adversários, nesta manifestação unânime do apreço dos baianos, tanto mais rara quanto mais marcantes sejam as divergências causadas pela disputa política.

É que o político jamais se separou do homem de espírito, do mesmo modo como a atuação governamental, legislativa, ou executiva, nunca afastaria Luiz Viana Filho da prática da virtude, na firme determinação de fazer o bem ao próximo. Por isso, por maiores que sejam os louvores que o exaltem, ainda não teremos dito o bastante do seu caráter, da sua amenidade de trato, da agudeza de sua inteligência e da vastidão da sua cultura.

Envolvendo-se numa extraordinária identificação com os personagens das suas magníficas biografias, praticava o culto da liberdade de Rui Barbosa, a nobreza generosa de Joaquim Nabuco, o patriotismo progressista de Rio Branco, a ternura e o afinco de Machado de Assis, a humildade intelectual de Anísio Teixeira.

Jornalista desde os primeiros anos, advogado honesto, corajoso e competente, deputado federal aos 25 anos pela concentração autonomista, tornar-se-ia um dos mais destacados opositores da ditadura que lhe tirara o mandato popular, reconquistado em 45 para participar da Constituinte da redemocrata-

tização do País. Manteve-se na Câmara dos Deputados por seis legislaturas até ser, em 64, investido nos cargos de ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República e de ministro da Justiça. Ainda na esfera federal foi por duas vezes senador da República, merecendo dos seus pares, num reconhecimento à retidão do seu caráter e à sua atuação parlamentar, a honrosa missão de presidir o Congresso Nacional.

Como administrador público, a Bahia o teve como governador, de 67 a 71, marcando sua passagem pela preocupação constante com o desenvolvimento da educação pública, pela abertura de estradas e novos meios de transporte, pelo progresso industrial com a luta pela implantação do pólo petroquímico de Camaçari, plenamente vitoriosa. Construiu ainda a BR-243, interligando a Bahia à capital federal. Ergueu a Ponte do Funil, facilitando o acesso à ilha de Itaparica, e concluiu a hidrelétrica do mesmo nome: "Na capital, foi o responsável pela ampliação do Estádio Otávio Mangabeira, construiu a Biblioteca Pública Central e abriu grandes avenidas. '•'

Governou a Bahia com a maciez de seu temperamento, a liderança de quem sabe conquistar afeições, preservando um clima de paz política para os baianos, apesar das graves circunstâncias em que se debateu o País. A Polícia Militar do Estado, em seu governo e como há de ser compromisso de todo governante democrata, manteve-se à margem da repressão política não sendo, uma única vez, convocada e posta a serviço das paixões partidárias.

Foi em nome de um passado de trabalho e de decência na vida pública que Luiz Viana Filho tornou-se credor da estima popular e do reconhecimento dos baianos. Ainda nos dias presentes, lúcido e arguto, era um leal conselheiro, um político a serviço da causa pública.

Ao cair o pano dá vida, a morte veio encontrá-lo bem com a Pátria, bem com as gerações a quem deixa este admirável legado de dignidade, bem com a Bahia. Se há alguém que mereça o elogio máximo que a vida de um homem público possa comportar, sem dúvida é o Senador Luiz Viana Filho. A ele, à sua memória, à sua lição, à sua história, a consideração, a estima, o respeito, o reconhecimento e a gratidão eterna do governador do estado em nome do povo da Bahia.

Discurso do Diretor da Faculdade de Direito da UFBA
professor Alberto Peçanha Martins Júnior

Em nome da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia trago, consternado, o nosso triste adeus ao eminente professor Luiz Viana Filho, nesta manhã de 6 de junho de 1990.

Quis o destino que o fizesse na qualidade de diretor, com a emoção que me toca pessoalmente, eu que desde jovem aprendi a admirá-lo e respeitá-lo, cuja amizade cultivo ao longo dos anos herdado do meu saudoso pai, alicerçado pela estima.

Não é, porém, o retrato de corpo inteiro desse varão ilustre que me cumpre, aqui e agora, esboçar, mas sim, em traços ligeiros, o sopro que o engrandeceu — o homem público.

De fato, dedicou-se toda a vida à causa pública — sua paixão — quer no Parlamento, deputado federal por várias legislaturas, senador da República, quer na administração pública — ministro de Estado da Casa Civil da Presidência da República, ministro dos Negócios da Justiça e governador do seu Estado, a Bahia que, hoje, chora a sua morte.

Manteve-se sempre numa atividade política incansável, pronto para servir com dedicação, e competência. O homem consubstanciado na excelência do seu caráter. É por este que as individualidades conquistam o respeito e a admiração dos seus semelhantes, a noção exata dos deveres e das responsabilidades, a fidelidade aos valores que dignificam a condição humana.

Como numerosas vezes ocorre com os moços inteligentes, a literatura foi a sua primeira atração. O jornalismo o primeiro instrumento da sua comunicação com os homens.

Proseguiu nesta caminhada no amor às letras, ingressando na universidade, tornando-se professor, conquistando a cátedra do Direito Internacional Privado, na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Este amor pelas letras o levaria à imortalidade nas Academias de Letras do Brasil e da Bahia em reconhecimento aos seus méritos, por isso que historiador dos melhores, biógrafo de Rui Barbosa, Machado de Assis e Joaquim Nabuco, numa justa e merecida projeção que o distinguiu, duradouramente, por aquela marca só timbrada nos que sabem conjugar à força da inteligência, a energia do caráter e o brilho do valor pessoal.

A Faculdade de Direito perde o seu docente, a Bahia um filho ilustre.

Discurso do Primeiro Vice-Presidente da Academia de Letras da Bahia professor Edivaldo M. Boaventura

Desta abismal sensação de perda, que esvazia e desola, podemos, chocados e sentidos, levantar os nossos sussurros e gemidos para que se erga uma palavra que tente expressar os sentimentos da Academia de Letras da Bahia, agregados aos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual fostes, Dr. Luiz, o presidente de honra. Associam-se igualmente o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira.

A Academia é aquela casa amiga, meu caro Dr. Luiz, que está no início de vossa triunfal jornada de erudito. Ela tornou-se assim, a baliza que indicou o caminho da convivência para outras companhias.

O espírito acadêmico, que privilegia o convívio, tinha no confrade um expoente. É que as letras faziam parilha com a política, vossa nobre vocação primeira.

Assim, manejando admiravelmente o instrumental da língua portuguesa, que tanto defendestes, política e literatura formavam e se concertavam harmoniosamente a vossa erudita personalidade.

Fostes, certamente, um dos últimos representantes da geração que combinou os afazeres da alta liderança política com requintada cultura. Mas sempre política e literatura se irmanando no vosso esmerado proceder.

Enriqueceste o cenário histórico do final da Monarquia e começo da República com a biografia dos grandes condestáveis da Pátria. Nesta empresa, meu caro Dr. Luiz, vossa contribuição é inigualável. Salientastes a vida e recriastes a imagem dos grandes homens que propugnaram pela liberdade, pela dignidade e pela cultura.

Fostes, portanto, meu caro amigo, um grande criador de universos.

Construístes um universo político de realizações de escolas e faculdades, de bibliotecas e museus, de estradas e passagens. A obra fecunda que saiu de vossas laboriosas mãos e do brilho de vossa primorosa inteligência aderiram ao solo baiano e frutificaram de tal modo que a Bahia, à qual dedicastes a vossa vida de serviços, tem novos cenários depois do vosso governo.

Construístes, como Plutarco, um universo sobre a vida de varões ilustres — Rui, Nabuco, Rio Branco, Machado, Castello, Alencar, Eça e Anísio

Teixeira, Todos homens de letras e homens da política, como vós, meu caro amigo. E, por acaso, a obra não é o reflexo do seu autor?

Construístes um amplo universo de amizades, alimentado com a conversa mansa e amena, com fala discreta, austera, sábia, atraente e encantadora. Universo que administrastes pela carta ou pela chamada telefônica.

Construístes o belo universo familiar com dona Juju, universo íntimo, arsenal de base que, por ser o mais próximo, sofre igualmente como os amigos mais chegados.

Aquí, agora, meu caro Dr. Luiz, estamos todos juntos, reunidos e convocados, para este derradeiro encontro no Palácio da Aclamação, de onde governastes a Bahia. Viemos todos desses cenários que compuseram à vossa laboriosa existência — da política, das letras, da amizade e da família — para vos dizer que a sensação vazia de perda vai se enchendo de glória e que a saudade arranca a exaltação de uma vida, transmudando-a, muito ao vosso modo, em biografia.

Deus guarde vossa alma!

Salvador, Bahia, 6 de junho de 1990



Governador Luiz Viana Filho, a rainha Elisabeth II, o príncipe Philip e D. Julieta Viana, no balcão do Palácio da Aclamação, em Salvador, Bahia

IV

MANIFESTAÇÃO DO CONGRESSO NACIONAL

Pronunciamento no Senado Federal e na Câmara dos Deputados
Sessões de 6, 8 e 9 de junho de 1990

Sessão solene em homenagem à memória do ilustre homem público
em 28 de novembro de 1990.

O Sr. Virgildásio de Senna — Sr. Presidente, peço a palavra para fazer uma importante comunicação à Casa.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Tem V. Ex' a palavra.

O SR. VIRGILDÁSIO DE SENNA (PSDB — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, eu não poderia deixar de registrar o falecimento do nobre Senador Luiz Viana Filho, que sempre honrou a Bahia e este Congresso com sua representação.

Esta sessão não pode continuar sem que a Mesa registre esse importantíssimo fato.

Gostaria de prestar um preito à memória de S. Ex- solicitando à Presidência que convoque sessão do Congresso para que possamos homenagear o Senador Luiz Viana.

A Mesa e o Plenário faltarão com seu compromisso, se este registro não fosse feito, neste momento. Seria uma falta de atenção do Congresso ao ilustre varão da República, homem que serviu ao nosso Parlamento por mais de cinquenta anos, se, na primeira sessão após seu falecimento, não fosse feito esse registro. Esta Casa não pode omitir esse fato relevante. Registro o acontecimento, para que conste dos Anais da Casa. A paixão política faz esquecer e obnubilar uma vida dedicada à coisa pública, como foi a vida e a obra do Senador Luiz Viana.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — A Mesa esclarece a V. Ex' que nas sessões de hoje, tanto da Câmara como do Senado, já foram prestadas as primeiras homenagens à memória do ilustre Senador Luiz Viana Filho, e o próprio Presidente do Congresso Nacional, hoje pela manhã, viajou para a Bahia para esperar o corpo daquele ilustre brasileiro. Infelizmente, como já não havia mais avião direto de Salvador para Brasília, tive de ir até o Rio de Janeiro de onde retornei para esta sessão, honrando o meu dever de estar presente num momento em que se vai decidir sobre problema da maior gravidade e relevância para o País.

A Mesa do Congresso não está desatenta, já tendo convocado deputados e senadores para, amanhã, em avião especial, seguirem para Salvador, a fim de prestar homenagem àquele grande brasileiro que honrou todos os postos que ocupou.

Esta sessão não poderia ter sido interrompida, porque se trata de sessão para decisão de matéria cujo prazo termina amanhã. Certamente, o nobre

Senador Luiz Viana Filho, se aqui estivesse presente, protestaria contra qualquer adiamento de uma sessão de tanta relevância.

A homenagem que devemos à memória de Luiz Viana Filho, que foi um grande trabalhador em favor da República, da lei e deste Parlamento, nós a prestamos trabalhando e votando. Esta a homenagem que ele merece, a de continuarmos trabalhando. Nenhum de nós esqueceu nosso colega de ontem. Todos o temos em nossa lembrança e em nossa saudade. Tanto quanto no de V. Ex^a, no meu coração de baiano e de amigo fraternal de Luiz Viana Filho há sessenta anos, aquele companheiro de tantas lutas estará sempre presente.

A homenagem que lhe prestamos hoje é a mais significativa, é a que ele gostaria de ter: que o Congresso trabalhe e decida.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Passa-se à Ordem do Dia.

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 6 jun. 1990. p. 3154.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Defiro o seguinte

REQUERIMENTO

Senhor Presidente,

Tendo em vista o falecimento do Senhor Senador Luiz Viana Filho, requeremos, na forma regimental, o levantamento da presente Sessão, bem como a designação de Grande Expediente de uma das Sessões da Câmara dos Deputados para as homenagens devidas ao extinto, comunicando-se o fato à família enlutada.

Sala das Sessões, 5 de junho de 1990. — *José Lourenço — Inocêncio Oliveira — Jorge Vianna — Nilson Gibson — Haroldo Sanford — Carlos Cotia — Ivo Vanderlinde — Mário Lima — Theodoro Mendes — Sólon Borges dos Reis — Gastone Righi — Geovani Borges — Augusto Carvalho — Oswaldo Lima Filho — Iturival Nascimento — Miraldo Gomes — Jorge Arbage — José Genoio — Flávio Marcílio — Paes Landim — Adhemar de Barros Filho — Gonzaga Patriota.*

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Nilson Gibson.

O SR. NILSON GIBSON (PMDB — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Deputados, pedi a palavra para encaminhar o requerimento formulado pelo Deputado José Lourenço e outros para suspensão dos trabalhos de hoje na Câmara dos Deputados, em virtude do falecimento do eminente e ilustre Senador Luiz Viana Filho.

Sr. Presidente, Luiz Viana Filho nasceu em Paris, no dia 28 de março de 1908. Seu pai, foi senador à Constituinte baiana e presidente do Senado estadual, desembargador e presidente do Tribunal de Apelação da Bahia e governador desse estado de 1896 a 1900.

Luiz Viana Filho fez seus estudos primários nos Colégios Aldridge, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Voltando à Bahia, realizou os estudos secundários no Colégio Burlamaque Moura, em Salvador. Em 1925, ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, iniciando na mesma ocasião, sua atividade jornalística como redator do jornal *A Tarde*, da capital baiana. Bacharelou-se em 1929 em Ciências Jurídicas e Sociais, tendo sido presidente do Diretório Acadêmico.

Luiz Viana Filho foi um dos sete candidatos oposicionistas eleitos para a Câmara dos Deputados, com a liderança de Otávio Mangabeira, sendo adversário o grupo liderado por Juracy Magalhães, do Partido Social Democrático.

Em 1940 Luiz Viana Filho conquistou por concurso as cátedras de Direito Internacional Privado, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, e de História do Brasil, da Faculdade de Filosofia da mesma universidade.

Opositor sistemático do governo de Getúlio Vargas, permaneceu ligado a Otávio Mangabeira. Vinculou-se às facções políticas que articularam a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, em 1945, e fundaram a União Democrática Nacional (UDN).

Em 1946 participou dos trabalhos constituintes e, depois da promulgação da Constituição, em setembro ainda desse ano, passou a exercer o mandato ordinário como membro da Comissão Especial de Leis Complementares da Constituição.

Em abril de 1954 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira nº 22. É de registrar que, em 1950, se reelegeu, na legenda udenista, deputado federal pela Bahia.

Tendo apoiado a candidatura vitoriosa de Jânio Quadros nas eleições presidenciais de outubro de 1960, depois da renúncia de Jânio em agosto de 1961, Luiz Viana Filho foi favorável à posse do Vice-Presidente João Goulart. Em outubro de 1962, Luiz Viana Filho tornou a ser eleito deputado, pela Bahia, na legenda udenista, mas retornou ao PL em maio de 1963, sendo eleito em seguida vice-líder do partido na Câmara dos Deputados. Em abril de 1964 foi convidado para exercer o cargo de chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, no governo Castello Branco. Ainda foi ministro interino da Justiça.

Exerceu o governo da Bahia e realizou excelente trabalho no setor educacional, implantando o Estatuto do Magistério e a Lei Orgânica do Ensino. Outra prioridade no governo Luiz Viana foi a industrialização. Grande soma de recursos foi aplicada no Centro Industrial de Aratu, que, através de incentivos fiscais, atraiu, na época, 104 empresas privadas para a região. Na área de saneamento básico, executou a implantação de grandes projetos em 25 cidades, entre as quais Feira de Santana, Itabuna, Senhor do Bonfim, Serrinha etc.

Em fevereiro de 1968, lançou a tese da pacificação política, pedindo publicamente que as correntes políticas se entendessem em torno do objetivo de uma retomada gradativa do prestígio e da influência das instituições e a reabertura política.

Publicou inúmeras obras: "O Direito do Empregador no Comércio"; "A Sabinada"; "A Língua do Brasil"; "A Vida de Rui Barbosa"; "A Verdade na Biografia"; "O Negro na Bahia"; "Joaquim Nabuco"; "A Vida do Barão do Rio Branco" e "A Vida de Machado de Assis".

Sr. Presidente, Sra e Srs. Deputados, é com saudade e emoção que registro o falecimento do Senador Luiz Viana Filho. A Bahia está de luto. A dor se espelha em todas as fisionomias. O Senador Luiz Viana era, na realidade, um raro arquiteto de estrutura política. Com ele desapareceu um grande político da nossa época.

Nossas homenagens pessoais e do povo pernambucano à memória do Senador Luiz Viana.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Eraldo Tinoco.

O SR. ERALDO TINOCO (PFL — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, ao chegar hoje a Brasília, fui surpreendido com a notícia do falecimento do Senador Luiz Viana que, pelo seu passado, pela sua cultura, pelos cargos que exerceu e pela sua atividade literária, sempre honrou a Bahia.

Assim, é com muito pesar que neste momento faço este registro no sentido de apoiar o requerimento apresentado. Mesmo aqueles que o acompanharam em determinadas jornadas, que dele discordaram em outros momentos da sua atividade política — como é o meu caso, porque o acompanhei na sua reeleição para senador em 1982, mas, na eleição de 1986, assumi posição diferente — e todo o povo da Bahia não pode deixar de reconhecer no senador Luiz Viana um exemplo de homem público, de dignidade e de atitude sempre cavalheiresca.

Ao manifestar o meu apoio ao requerimento de suspensão desta sessão e designação de parte de uma outra para homenagear a memória do senador Luiz Viana, quero deixar também o meu profundo pesar à sua família através destas palavras de conforto por essa perda que a Bahia muito sentirá.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Tem V. Ex^a a palavra o nobre deputado Adhemar de Barros Filho.

O SR. ADHEMAR DE BARROS FILHO (PRP — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, desejamos, também, como um dos que subscreveram o requerimento de suspensão desta sessão — inicialmente subscrito pelo Deputado Inocêncio Oliveira — trazer nossa palavra de homenagem à memória do Senador Luiz Viana, que aprendemos a conhecer, quando aqui chegamos, ainda como deputado federal.

Perde a Bahia, perde São Paulo, perde o Brasil, enfim, uma das grandes figuras da política republicana, da velha República, eu diria, pelo estilo com que a conduzia. E perde também esta Casa, em particular o Senado Federal, um dos seus mais brilhantes membros. Foi inegavelmente um exemplo de estilo político, tanto nas duas Casas do Parlamento, quanto na vida política de seu estado. Por isso, não poderia deixar de prestar nossa homenagem

neste momento, em nosso nome e no dos companheiros de partido, a Luiz Viana Filho, a sua família e a seu filho, que permanece nesta Casa.

Evidentemente, em data mais oportuna, esta Casa apresentará a devida homenagem ao Senador Luiz Viana.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra a nobre deputada Sandra Cavalcanti.

A SRA. SANDRA CAVALCANTI (PFL — RJ. Sem revisão da oradora.) — Sr. Presidente, Sr^{is} e Srs. Deputados, tenho muitos motivos para pedir a palavra nesta sessão, apoiando o requerimento de suspensão dos nossos trabalhos para relembrar a figura do Senador Luiz Viana.

Não só a Bahia perde seu senador, mas o País perde um dos seus políticos mais completos. Um homem da inteligência brasileira, um estudioso, um escritor primoroso, um pesquisador da História do Brasil, um biógrafo autêntico, fiel aos fatos e às pessoas, um político que traçou, em toda a sua passagem pela vida pública, um caminho de honra, de lealdade, uma presença segura e tranqüila, ligada aos seus ideais.

Creio que nesta Casa somos poucos os que pertenceram à UDN e ainda estão exercendo a vida pública. Mas quem foi UDN permanece UDN o resto da vida. E aquela atitude udenista permanente de Luiz Viana marcou toda a sua trajetória política.

Vários colegas vão certamente homenagear S. Ex^a aqui. Gostaria de falar em nome da bancada do Estado do Rio de Janeiro, onde viveu durante muito tempo.

Amigo de todas as horas, companheiro de lutas, bom orientador em questões políticas, presença serena em hora de crise, Luiz Viana fez do Rio de Janeiro sua segunda morada durante muito tempo. E ali deixa uma quantidade enorme de amigos e admiradores. Mas o que mais vai pesar na ausência de Luiz Viana é o desfalque que S. Ex^a significa na luta em que se empenhou durante toda a sua vida pública. S. Ex^o era talvez um dos parlamentaristas mais convictos do Brasil. Pertencia à nossa Frente Parlamentarista. Foi o grande orador que tivemos durante o período da elaboração da Constituição, na memorável tarde em que, por poucos votos, o Parlamentarismo deixou de ser implantado no nosso País, no dia 30 de agosto de 1988. Lembro-me do fato porque era o meu aniversário. Foi o dia da nossa derrota, o dia em que esta Casa ouviu uma das mais belas e lúcidas falas através do discurso do Senador Luiz Viana Filho defendendo o Parlamentarismo.

A maior homenagem que poderemos prestar a Luiz Viana Filho é manter a bandeira erguida, continuar a luta e tentar — pela memória de tantos que já se foram, como é o caso dele, de Otávio Mangabeira, de Aliomar Baleeiro, uma plêiade de baianos parlamentaristas — a vitória que em vida não chegou a alcançar.

É uma perda muito grande. A bancada do Estado do Rio de Janeiro associa-se à Mesa nesse voto de pesar que todos estamos aqui manifestando e também a todas as homenagens que a Mesa da Casa decidir prestar à sua inesquecível figura política.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao nobre deputado Virgildásio de Senna.

O SR. VIRGILDÁSIO DE SENNA (PSDB — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, o falecimento do nobre Senador Luiz Viana Filho assinala uma extraordinária perda para a Bahia e para o Brasil.

Luiz Viana pertencia a um grupo, a uma plêiade de homens públicos da maior qualidade, do maior espírito público, que engrandeceu a Bahia e serviu ao Brasil. Uma geração de extraordinária riqueza, de nomes como Anísio Teixeira, Jaime Junqueira Aires, Aliomar Baleeiro, Otávio Mangabeira, que polarizavam com sua ação política.

Após a Revolução de 30, esse conjunto de homens públicos — citei apenas alguns deles — congregaram-se. Além das figuras que bem lembrou a nobre deputada, recordo-me também de Nestor Duarte, companheiro igualmente ligado a Luiz Viana Filho. Todos eles prestaram extraordinários serviços à Bahia. No governo do Dr. Otávio Mangabeira, membro e então presidente da UDN, União Democrática Nacional, Luiz Viana brilhava como uma das estrelas de primeira grandeza. Mas a sua história é repleta de relevantes serviços. Foi cultor e professor de Direito Internacional, polígrafo, biógrafo, parlamentar e jornalista, facetas que fazem de Luiz Viana uma personalidade exponencial do meu estado e do meu País. De modo que, quando a tragédia e o indesejável acontecem, minha palavra, a palavra do meu estado e do meu partido são no sentido de lamentar profundamente o ocorrido e apresentar à família e ao nosso companheiro Luiz Viana Neto, seu filho, nossos mais sentidos votos por esse acontecimento que enluta a família baiana, o Congresso Nacional e a família brasileira.

Acredito que esta Casa, que sabe cultivar a memória dos justos, dos homens que, com seu serviço, engrandecem a Pátria, saberá tributar-lhe, em sessão especial, as homenagens de que é credor. Associo-me, em meu nome e em nome de meu partido, à moção apresentada no sentido de, como primeira homenagem, esta Casa suspender os seus trabalhos nesta tarde.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Miraldo Gomes.

O SR. MIRALDO GOMES (PDC — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, também eu gostaria, neste momento, de formar fileira junto aos que estão padecendo, tenho certeza, com o passamento desse grande

brasileiro. Arrisco-me a dizer que pretender falar de Luiz Viana Filho seria querer falar da História moderna brasileira.

Eu, que o considero ainda como um dos maiores amigos da Bahia, posso dizer, neste momento, que tenho meu coração duplamente enlutado. Quero aproveitar a oportunidade e agradecer ao líder do meu partido, Eduardo Siqueira Campos, e a todos os companheiros desta Casa que me transmitiram os seus sentimentos pelo falecimento de minha genitora. Tenho o coração duplamente enlutado: perdi, no último dia 30, o ente mais querido, minha mãe, e hoje, no dia em que se celebra a sua missa do 7^o dia, eis que perco um grande amigo, eis que o Brasil perde um grande político.

Sr. Presidente, faço das minhas palavras também as palavras do meu partido, o Partido Democrata Cristão, e fico aguardando um dia poder pronunciar-me à altura da figura inexcelsa de Luiz Viana Filho.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) —Concedo a palavra ao Sr. Ibsen Pinheiro.

O SR. IBSEN PINHEIRO (PMDB — RS'. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, a bancada do PMDB cumpre o doloroso dever de registrar, nesta sessão, a sua sentida homenagem ao companheiro Luiz Viana Filho. Tinha muitos talentos, mas, sem dúvida, o maior, e que cultivava com maior gosto, diria até mesmo que instintivamente, sem dele ter a consciência e sem nele buscar qualquer proveito, era o talento da convivência. Luiz Viana Filho era um homem afável por natureza, um homem cordial, sensível, que recebia seus pares com um invariável abraço, um irremovível sorriso e uma capacidade sempre inexcelsa de compreender os seus amigos — não apenas de conviver com nossas virtudes, o que é tão fácil, mas de conviver com as nossas deficiências e de ajudar-nos na superação delas. Luiz Viana Filho era, assim, um homem aberto a compreender os homens, afeito a aceitar os defeitos, as deficiências, as falhas humanas, que são contraditórias em todo corpo coletivo e que são muito mais agudas num corpo como este, onde não apenas convivemos, mas onde com tanta frequência competimos. Luiz Viana Filho tinha, em grau altíssimo, a virtude, a capacidade de conviver. Homem do pensamento, era aquele que, no fundo do plenário, na volta de um corredor, no remanso de uma comissão sem *quorum*, nos animava com sua conversa, nos acrescentava e nos aculturava, eu diria.

Conheci Luiz Viana Filho nesta Casa, embora o conhecesse de nome como intelectual e grande líder baiano, antes de aqui chegar. Mas aqui o conhecendo, Sr. Presidente, ainda que nos separasse, aparentemente, a diferença acentuada na idade, posso dizer que fui dele um amigo e sei que me tinha também como amigo. Percebia nos seus olhos brilhantes o prazer com que convivía com seus jovens colegas, ensinando-nos sem o vezo do preceptor,

indicando-nos os caminhos sem que o percebêssemos, mas sem que hesitássemos em segui-los.

Sr. Presidente, não é apenas ditado pelo dever protocolar da aparência o registro que faz a bancada do PMDB através de sua liderança. É com um gesto pejado de sentimento, marcado, efetivamente pela tristeza, que registramos nossos votos de profundo pesar, transmitidos a sua família, a seu filho e nosso colega Luiz Viana Neto, à sua estremecida Bahia, ao Brasil que ele tanto amou e a esta Casa, que por tantos anos ilustrou e que hoje se torna menor com sua ausência, mas que se engrandecerá com seu exemplo e sua lembrança.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Gonzaga Patriota.

O SR. GONZAGA PATRIOTA (PDT — PE. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, em nome do meu Partido, o PDT, e em meu nome, venho associar-me aos demais deputados, trazendo votos de profundo pesar à família do eminente Senador Luiz Viana Filho, que deixa em nós e neste Congresso um grande vazio.

Quero subscrever também requerimento no sentido de levantar esta sessão, como homenagem ao senador falecido.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Francisco Benjamim.

O SR. FRANCISCO BENJAMIM (PFL — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, realmente, para nós, baianos, sobretudo para os que conheceram Luiz Viana Filho, este é um momento de emoção, de tristeza e grande saudade.

Recordo-me de que, quando cheguei à Bahia para fazer meu exame vestibular à Faculdade de Direito, Luiz Viana Filho, no seu escritório de advocacia, recebeu-me, ainda um ginasiano, apresentado por um advogado da Bahia — ele, que naquela época era um dos examinadores de Francês na Faculdade de Direito. Voltei à encontrar Luiz Viana já na faculdade, lecionando Direito Internacional Público. Depois vieram as lides políticas, sua candidatura a deputado federal a outras iniciativas políticas que foram estabelecidas naquele momento, o seu apoio a Juracy Magalhães, como elemento do Partido Libertador, fazendo a união dos autonomistas com os ude-nistas.

Em 1964, Luiz Viana foi guindado à Casa Civil do governo Castello Branco, para depois governar o Estado da Bahia. Foi nesse momento que tivemos uma aproximação maior, porque recebi de S. Ex^o o honroso convite para ocupar a Secretaria de Transportes e Comunicação, onde permaneci durante todo o período do seu governo.

Estradas se abriram, instalou-se o *ferry-boat*, expandiram-se as telecomunicações, todo um conjunto de obras foi articulado por esse grande governador que a Bahia teve. S. Ex^a era um governador, sobretudo, liberal, que formou, ele numa idade já madura, uma equipe de jovens. Nessa convivência diária com seus auxiliares, Luiz Viana Filho sempre aceitava as novas idéias. E sempre dizia que idéias valem milhões. Era um homem aberto aos jovens.

Mais tarde, esta Casa pôde testemunhar seu espírito de tolerância, de concórdia, de paz, sua capacidade de negociar, de conseguir entendimentos em momentos difíceis, quando presidente do Congresso Nacional. Trago, neste momento, a minha solidariedade à família, à Dona Juju, a Luiz Viana Neto, aos seus outros filhos, a quem tanto amava e queria — a sua pequena grei familiar.

Quero dizer a todos, e à Bahia, sobretudo, neste momento em que tanto precisamos de raízes maiores, capazes de segurar o País, nesse verdadeiro balanço de ondas, que Luiz Viana Filho fará falta aos amigos, à Bahia e à política do seu País. Sua sabedoria e competência política não poderão ser substituídas.

Desejo, ainda, manifestar a expressão de meu pesar e a do meu partido, o Partido da Frente Liberal, no Estado da Bahia, de que sou presidente, bem como de companheiros nossos, como o ex-ministro Antônio Carlos Magalhães, o professor Josafá Marinho, o Senador Lomanto Júnior e o ex-governador João Durval Carneiro, figuras maiores do nosso partido, que privaram intensamente da amizade de Luiz Viana Filho. Assim, com toda a emoção, saudade e tristeza, faço registrar o pesar dos baianos, que sempre acompanharam e admiraram os caminhos de Luiz Viana Filho no nosso estado.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra à Sr^a Benedita da Silva.

A SRA. BENEDITA DA SILVA (PT — RJ. Sem revisão da oradora.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, o Partido dos Trabalhadores também registra seu pesar pelo falecimento do Senador Luiz Viana Filho.

Quem teve oportunidade de com S. Ex^a conversar, nos últimos dias, pôde observar que estava cabisbaixo, como se já se estivesse despedindo deste mundo. Recentemente, ao pedir-lhe uma assinatura, lembro-me de que S. Ex^a estava falando muito baixo, o que me deixou um pouco preocupada. Mas não levei isso muito em conta, pois todos conversavam no ambiente. Ao registrar essas coisas mais íntimas, quero mostrar que, apesar de aqui professarmos diferentes idéias, sobrelevam a fraternidade, a relação pessoal.

Não deixa o Senador Luiz Viana Filho uma lacuna apenas no mundo político. Todos nós, nesta Casa, temos o desejo de dar, enquanto representantes do poder político, o máximo de nós mesmos, para que o povo brasileiro possa ser cada dia mais feliz; possa ter nas suas mãos tudo o que quiser.

E não podemos deixar de registrar que o ilustre parlamentar deu sua contribuição.

Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, acredito ser esta lacuna um vazio que não se preenche. Imbuída desse sentimento de solidariedade, expresso à família de Luiz Viana Filho, o nosso pesar, numa demonstração de que, sem embargo do apoio que deve estar recebendo dos amigos, em que pese as divergências políticas, todos somos solidários, e não apenas neste momento, mas nas nossas relações humanas.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Ulysses Guimarães.

O SR. ULYSSES GUIMARÃES (PMDB —SP. Sem revisão do orador.) —Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, estava hoje no aeroporto, em São Paulo, quando recebi a notícia, que muito me emocionou, de que havia falecido no Incor, no meu estado, o Senador Luiz Viana.

Todos aqueles que acompanham a política neste País, como nós, parlamentares, tínhamos — e eu tive, evidentemente — ligação muito íntima, seguida, com o Senador Luiz Viana. Sua palavra sempre prudente, equilibrada e esclarecida nos ajudava muito na solução dos problemas mais graves do nosso partido comum e da Nação. Todos sabem de seus méritos literários. Foi um dos homens que melhor manejavam a língua nesta Nação. Sua obra sobre Rui Barbosa, por exemplo, é modelar, mas talvez ainda mais importante é o seu estudo sobre o Barão do Rio Branco, um estudo completo, paciente, minucioso, com uma pesquisa extensa, monumental, desde a ascendência do Barão do Rio Branco e de seu pai, o Visconde do Rio Branco, na implantação da República, o tempo em que esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores. É um trabalho sedutor, fascinante, que se lê como um romance de uma grande e portentosa vida como a do Barão do Rio Branco.

Tenho razões muito singulares para sentir saudades e tristeza pela morte de Luiz Viana Filho. Ainda no ano passado ele foi procurar-me, desejando coordenar minha candidatura para membro da Academia Brasileira de Letras. Ele o fez espontaneamente e sem o meu consentimento expresso, tanto que não me registrei como candidato à Academia. Ele passou a conversar com os acadêmicos, a tal ponto que já tinha transposto — parece, pelo menos pelas suas manifestações — a marca dos vinte votos necessários para entrar na Academia.

Depois o procurei e, por contingência da política, disse que não poderia acudir a essa solicitação tão honrosa.

Permita-me a Casa que faça esta evocação pessoal só pela circunstância de ter as razões, além de outras, de gratidão, de reconhecimento e de admiração pelo nosso grandioso e querido morto.

Quero deixar o meu abraço de saudade e confortar-me com a citação de um colega seu, Guimarães Rosa, que na Academia disse que, os amigos não morrem, eles ficam encantados.

É esta a idéia que tenho da vida, da obra, dos livros que vão para a posteridade, levando o nome de Luiz Viana Filho.

Abraço D. Juju, tão amiga nossa, principalmente de minha esposa, Mora, seu filho Luiz Viana Neto, que é nosso colega, e deixo aqui a minha solidariedade, juntamente com aqueles que falaram da figura do homem público, do senador, do deputado, do escritor e do governador, enfim, desse paradigma que foi Luiz Viana Filho.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. João Machado Rollemberg.

O SR. JOÃO MACHADO ROLLEMBERG (PFL — SE. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, como representante do Estado de Sergipe, associo-me a quantos aqui se pronunciaram, rendendo homenagens ao grande brasileiro Luiz Viana Filho.

Aprendi a admirar a sua cultura, a sua inteligência e a sua integridade. Em 1964, era eu deputado federal por Sergipe, e com o processo revolucionário, Luiz Viana Filho foi convidado a participar do governo, naquele ano em que a Nação toda vivia inquieta.

Sua presença no governo representava uma tranqüilidade de que a coisa seria amenizada, com a sua experiência e com o seu conselho, e assim o foi. Sempre o admirei. Conhecia a fundo a história de Sergipe. E nos encontros que muitas vezes mantivemos, tinha, sempre uma passagem da história sergipana a comentar, com muito mais competência e propriedade do que, muitas vezes, nós, sergipanos.

Para transmitir o que penso sobre Luiz Viana Filho, permito-me citar um pensamento do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, que dizia que há pessoas que, quando partem, nunca mais estarão presentes, porém, nunca mais estarão ausentes. Luiz Viana Filho nunca mais estará presente na política brasileira, porém, nunca mais estará ausente.

Com este pensamento, quero levar à família brasileira, à família baiana e à família de Luiz Viana Filho, as homenagens da bancada federal do Estado de Sergipe.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Maguito Vilela.

O SR. MAGUITO VILELA (PMDB — GO. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^s* e Srs. Deputados, Goiás também se associa às palavras dos brilhantes oradores que aqui acorreram para manifestar o seu pesar pelo passamento deste ilustre brasileiro, Senador Luiz Viana Filho.

Tive a oportunidade de conviver com S. Ex^a na luta pelo parlamentarismo, durante os trabalhos da Constituinte, e confesso que conversei com poucos

brasileiros de tanta lucidez, inteligência e capacidade quanto o Senador Luiz Viana Filho.

Portanto, em nome do povo goiano, que tenho a honra de representar nesta Câmara Federal, ao transmitir o sentimento de todos os goianos à família enlutada, quero dizer que o Congresso Nacional perdeu uma das inteligências mais brilhantes deste País; o Senado Federal, por certo, perdeu um dos luminares daquela Casa; a Bahia perdeu um grande baiano, e o Brasil perdeu um grande brasileiro.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Concedo a palavra ao Sr. Flávio Marcílio.

O SR. FLÁVIO MARCÍLIO (PDS — CE. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, surpreendido hoje, de manhã cedo, com a notícia triste do falecimento de Luiz Viana Filho, logo ao entrar nesta Casa pude sentir o quanto isso representava para todos aqueles que aqui trabalham e que visam ao engrandecimento do Parlamento brasileiro. A tristeza imperava em cada um de nós, na saudade profunda e imensa do amigo desaparecido.

Exerci a Presidência da Câmara dos Deputados ao mesmo tempo em que Luiz Viana a exercia no Senado Federal.

Lutamos pelas prerrogativas do Congresso Nacional, embora muitas vezes divergindo da processualística adotada; eu, mais afoito, querendo de logo a redemocratização do País, e Luiz Viana, com sua experiência, demorando mais, para que pudéssemos alcançar esses nobres e justos objetivos. Mas as divergências foram todas superadas pelo reconhecimento de sua dignidade, de sua grandeza de espírito e, sobretudo, de sua dedicação à causa pública.

Deste modo, meu caro Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, reconhecemos, neste instante, que perde, não apenas a Bahia pelo desaparecimento de um político de linhagem tradicional, moldada a sua figura pela fidelidade aos princípios, pela lealdade aos amigos e pelo amor à causa pública, mas perde, também, o Brasil, pela grandeza que S. Ex representava no conjunto da sociedade brasileira.

Hoje, dizemos que desapareceu Luiz Viana. Mas, Sr. Presidente, terá realmente desaparecido? Disse um poeta que, "quando uma estrela morre, outra estrela aparece, nova, no velho engaste azul do firmamento".

Luiz Viana, pelo seu trabalho, pelas suas publicações, pelo exemplo que nos deixa, é uma estrela de primeira grandeza da vida brasileira, que continua a brilhar, para iluminar a todos nós. Expresso aqui os meus sentimentos e os sentimentos do Estado do Ceará.

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Tem a palavra o Sr. Amaury Müller.

O SR. AMAURY MÜLLER (PDT — RS. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, antes de V. Ex^a encerrar a sessão, peço vênica e compreensão

para também registrar, em meu nome pessoal, o profundo pesar pelo falecimento do Senador Luiz Viana Filho.

Creio que divergir é próprio do homem, confesso a V. Ex^a e a esta Casa que durante toda a minha vida pública divergi do saudoso Senador Luiz Viana Filho. Mas as nossas divergências, colocadas no plano elevado das idéias, longe de criar um profundo abismo entre nós, serviram, ao contrário, para a nossa aproximação, porque eram divergências conscientes, conseqüentes e inteligentes.

Sem dúvida o falecimento do Senador Luiz Viana Filho deixa um profundo hiato na vida pública nacional. Sua história é a própria história do moderno Parlamento brasileiro.

Por isso, Sr. Presidente, ao fazer este registro, quero, uma vez mais, reiterar a minha solidariedade para com a dor e o luto da família Viana pela perda irreparável de um dos mais ilustres membros daquela família e da própria vida pública brasileira.

Muito obrigado a V. Ex^a

O SR. PRESIDENTE (Paes de Andrade) — Deixa-nos Luiz Viana Filho, após 82 anos de uma vida profícua, após mais de 50 anos de atividade política, na qual transitou por áreas das mais nobres dentre aquelas que compõem o cenário político da Nação.

Patriota, foi deputado federal, senador e governador; insigne brasileiro, presidiu com honra, como magistrado, o Senado Federal; respeitado por seus pares, teve destacada atuação nos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, tanto na Subcomissão do Poder Legislativo quanto na Comissão de Organização dos Poderes e Sistema de Governo e na Comissão de Redação, das quais era membro titular.

Governador da Bahia, deixou Luiz Viana Filho a indelével marca de uma administração austera, inatacável.

Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara Alta, houve-se com galhardia em todos os misteres atinentes a seu cargo, deixando em todos quantos com ele trabalharam a memória da sua respeitabilidade e erudição.

Luiz Viana Filho não nos lega apenas a lição do altruísmo, dado que sua contribuição literária à posteridade é vasta e reconhecida internacionalmente em seu valor: membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras da Bahia e da Academia Brasiliense de Letras; também membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e da Academia das Ciências de Lisboa, somente esses poucos entre os inúmeros títulos que mereceu nos dão idéia de seus méritos enquanto escultor da palavra, cientista das letras, garimpeiro do vernáculo, pesquisador da história.

Destacou-se, nesse campo, como biógrafo de primeira grandeza, sendo famosos seus volumes sobre Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Eça de Queiroz, Barão do Rio Branco, Machado de Assis e José de Alencar, apenas para citarmos alguns dos trabalhos que mereceram fama internacional.

Muitas outras foram as suas obras publicadas, e em todas se notavam o rigor histórico, a isenção da narrativa, a pesquisa aprofundada, a lucidez dos conceitos próprios que se permite divulgar.

Tal personalidade extrapola e em muitas, a dos homens comuns. Seu brilho profissional não pode ser inteiramente abarcado nos limites exíguos desta singela e respeitosa homenagem que prestamos à sua memória.

Se é verdade que essa ausência nos faz contritos, devemos reafirmar o consolo da permanência de sua obra, da perenidade do seu exemplo de amigo, de brasileiro, de homem público e de cidadão paradigmático.

Nada que possamos dizer diminuirá a dor de seus familiares, mas esperamos que a magnitude de tal vida perpasse esse transe doloroso, contribuindo para a fixação de uma imagem real de sua existência: a imagem da dedicação, da responsabilidade, da cultura e do apego aos valores mais elevados da existência humana.

Lembro-me de recente conversa que mantive com o mestre Luiz Viana Filho. Falávamos da obra de Rui Barbosa e me demorava na análise da sua participação na feitura da Constituição de 1891. Nessa oportunidade, dizia-me Luiz Viana, fazendo, a respeito, uma análise mais profunda e percuciente, ele que havia sido o biógrafo de Rui Barbosa: "Presidente Paes de Andrade, guardei de memória esta frase de Rui Barbosa" — frase que representa a síntese perfeita do seu apostolado cívico:

"Ensinei com o exemplo e com a doutrina, mais ainda com o exemplo do que com a doutrina, as normas e o uso da resistência constitucional, o culto da legalidade, o desprezo e horror da opressão, a eficiência da justiça, o exercício e o valor do direito e da liberdade."

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 6 jun. 1990. Seção 1, p. 6472-6.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Está reaberta a sessão.
Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário.
É lido o seguinte

REQUERIMENTO N* 138, DE 1990

Pelo falecimento do Senador Luiz Viana Filho requeremos, nos termos do art. 218 do Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens:

- a) inserção em ata de voto de profundo pesar;
- b) apresentação de condolências à família e ao Estado da Bahia;
- c) representar nos funerais;
- d) levantamento da sessão.

Sala das Sessões, 5 de junho de 1990. — *Mauro Benevides — Alexandre Costa — Odacir Soares — Jarbas Passarinho — Antônio Luiz Maya — Divaldo Suruagy — Gerson Camata — Francisco Rollemberg — João Menezes — Marco Maciel — Humberto Lucena — Almir Gabriel — Cid Sabóia de Carvalho — Carlos Alberto — Jamil Haddad — Afonso Arinos — Mário Covas — Wilson Martins — José Fogaça — João Lobo — Jutahy Magalhães — Iram Saraiva.*

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Este requerimento depende de votação, em cujo encaminhamento poderão fazer uso da palavra os Srs. Senadores que o desejarem. (Pausa.)

Concedo a palavra ao nobre Senador Mauro Benevides, primeiro signatário do requerimento.

O SR. MAURO BENEVIDES (PMDB — CE. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, abre-se lacuna impreenchível na vida pública brasileira, a partir de hoje, com o falecimento do Senador Luiz Viana Filho, intelectual e político de imenso prestígio, com larga folha de serviços prestados à comunidade e ao País.

Como parlamentar dos mais brilhantes, Luiz Viana ascendeu à Presidência do Senado e do Congresso Nacional, impondo-se ao respeito de seus pares, mercê de uma atuação serena e profícua, voltada para a defesa intransigente das prerrogativas do Poder Legislativo.

Deputado e senador pela Bahia, foi sempre apontado como um dos mais ilustres membros de nossa vida político-partidária, merecendo a consideração de todos os segmentos sociais de seu Estado, do Nordeste e do País.

Governador dos mais dinâmicos, realizou administração fecunda e criteriosa, assinalada por grandes e expressivas realizações em favor da coletividade baiana.

Escritor de renome, com notável acervo de obras importantes, entre as quais a biografia de Rui Barbosa e José de Alencar, ocupava uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, ali pontificando como figura exponencial da Casa de Machado de Assis.

No Governo Castello Branco, Luiz Viana foi nomeado Chefe da Casa Civil da Presidência da República e Ministro da Justiça, exercendo papel relevante nos contatos entre Executivo e Legislativo, empenhado que esteve na normalização político-institucional do Brasil.

Homem de partido, pertencendo aos quadros do PMDB, transmitia-nos, diretrizes acertadas nos momentos de grandes decisões, fazendo-o com invejável clarividência e descortino.

Ainda recentemente, dele ouvi ampla exposição sobre o Conselho da República, criado pela nova Carta, pressentindo a sua discreta intenção de integrá-lo, a fim de conduzi-lo ao cumprimento de seus elevados e patrióticos objetivos constitucionais.

De sua incomparável esposa, D. Juju Viana, recebeu permanentemente desvelada assistência, sendo ela a estimuladora de suas lutas nos campos político e cultural.

O seu filho mais velho, Deputado Luiz Viana Neto, estava ao seu lado em todas as ocasiões, sendo, por isso, o natural continuador de sua marcante liderança política.

Guardo do Senador Luiz Viana lembrança imperecível, sobretudo de sua fidalguia, de sua competência, de seu acendrado espírito público.

O povo brasileiro perde, assim, um representante autêntico, que se entregou de corpo e alma às grandes causas nacionais.

Ninguém o excedeu em dignidade, em caráter, em lealdade, em coragem cívica.

Pranteamos, assim, o desaparecimento de Luiz Viana Filho, a quem elegemos como senador-padrão, pelos incontáveis méritos que soube admiravelmente reunir ao longo de sua vida pública.

A sua memória será sempre por nós cultuada, com profunda e comovida saudade.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Jarbas Passarinho.

O SR. JARBAS PASSARINHO (PDS — PA. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, tenho uma particular dificuldade de fazer panegíricos.

Acabo de ouvir as palavras do nobre Líder do PMDB em exercício, Senador Mauro Benevides. À proporção que S. Ex^a falava, desfilava na minha memória a sucessão de lembranças que tive com relação a Luiz Viana Filho, especialmente nesta Casa.

Ainda há poucos dias, sob a Presidência do Senador Francisco Rollemberg, estávamos estudando documentos secretos, que provavelmente serão todos considerados ostensivos. A cada momento em que um fato histórico mais recuado era lembrado, ouvíamos o testemunho de Luiz Viana Filho, a versão exata sobre o que havia ocorrido no Brasil naquela ocasião.

O primeiro contato que tive com S. Ex^a deixou-me uma impressão de enorme frustração pessoal minha. Eu governava o Estado do Pará, fui chamado a Brasília pelo Presidente Castello Branco. Daqui segui no avião presidencial que ia deixar em Belo Horizonte o Senador Milton Campos e, depois, ao Rio de Janeiro. Fui convidado, por uma fidalguia especial do Presidente Castello Branco, para o almoço, numa mesa escamoteável, num compartimento do avião. Eram quatro pessoas: o Senador Luiz Viana Filho, então Ministro-Chefe da Casa Civil; o Senador Milton Campos, que se retirara do Governo; o Presidente Castello Branco e eu.

E eu, que gosto de participar de conversas fiquei inteiramente frustrado, porque os três conversavam é com o que era objeto da conversa eu não conseguia atinar, porque volta e meia o Senador Luiz Viana dizia ao Presidente Castello Branco: "Presidente, o senhor se lembra do editorial de *O País*? O jornal *O País* havia desaparecido há muito tempo de circulação no Brasil. E a minha frustração foi não ter participado da conversa ao longo de toda a viagem, que deixava em Belo Horizonte o Senador Milton Campos e, depois, chegávamos ao Rio de Janeiro.

Mais tarde, travei contato com o Governador Luiz Viária Filho, quando eu era Ministro da Educação e Cultura, e já percebia na personalidade do nosso pranteado colega que a vida não lhe havia poupado também de determinados desafetos. E S. Ex^a sabia administrar essa desafeição com extrema inteligência e capacidade.

Vimo-nos depois aqui, juntos, e o Senador Luiz Viana Filho, pouco depois de chegar ao Senado, já era o nosso Presidente. Naquela altura, e eu era o líder da bancada, bancada a que S. Ex^a pertencia. E S. Ex^a na presidia no Senado e no Congresso Nacional. Com uma capacidade extraordinária de absorver especialmente as agressões, que muitas vezes presenciei, partidas não aqui desta Casa mas da outra, no auge daquele debate entre o regime autoritário e aqueles que se consideravam os libertários na ocasião, quantas vezes vi Luiz Viana não ouvir, porque não queria ouvir, as agressões que lhe eram dirigidas do Plenário, e conduzia as sessões até que elas colimassem o objetivo para o qual haviam sido criadas.

Aproximamo-nos muito, S. Ex^a na Presidência e eu como líder de seu partido. E das poucas vezes em que tive oportunidade, e a única vez em

que morei numa casa oficial, como Presidente do Senado, das poucas vezes que tive oportunidade, repito, de receber os senadores, minha mulher usava fazer uma fotografia de cada grupo que chegava. Hoje ainda eu estava vendo a nossa fotografia, as quatro pessoas, ela e ele juntos, Dona Juju e eu; sobramos os dois. Ruth e Luiz Viana, hoje, pertencem ao mundo que todos nós procuramos penetrar, e ficamos cada vez mais tontos no desejo de penetrar, seja nos desígnios de Deus, seja naquilo que tantos acreditam com firmeza e outros tantos têm suspeitas de que a vida se encerra por aqui mesmo.

A trajetória política de Luiz Viana está por ser feita. Esse preâmbulo, que é o discurso magnífico do Senador Mauro Benevides, há de servir para ser ampliado, mas a propósito da biografia, ele foi bem mais do que biógrafo, a pena de Rui e de Alencar, foi biógrafo de Nabuco, de Machado de Assis e de Castello Branco, naquele livro que, talvez, como ainda dizia-me há pouco o Senador Divaldo Suruagy, fosse aquele em que ele mais se conteve, por ter sido parte do processo, em não querer ser aquilo que Gilberto Freyre chamava de "intelectuário", que era o intelectual-funcionário a serviço de uma causa.

Deposito diante de meus companheiros do Senado Federal, e dê V. Ex^a que nos preside, Senador Divaldo Suruagy, a expressão do meu pesar mais profundo, porque Luiz Viana Filho foi um homem de quem me aproximei sempre num crescendo de amizade e de respeito, e de quem tive súbita notícia do seu desaparecimento, que foi evidentemente um choque para todos nós que ainda o vimos conosco, na semana passada, no convívio nesta Casa.

Em nome do meu partido, acrescento estas poucas palavras ao discurso do Líder do PMDB.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Odacir Soares.

O SR. ODACIR SOARES (PFL — RO. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, perde o Brasil, particularmente o Senado Federal, a classe política brasileira, um dos seus mais eminentes homens públicos.

Eu me acostumei, nos últimos oito anos, nesta Casa, a conviver com Luiz Viana Filho. E o que mais se destacava no seu caráter era a maneira sempre afetiva, sempre companheira, com que ele tratava todos os seus colegas. Homem austero, mas extremamente afetivo, conseguiu, ao longo da sua vida, destacar-se em todas as atividades que desempenhou e que desenvolveu.

Formou-se aos 21 anos de idade; logo depois ascendia à cátedra, na Bahia, como professor titular de duas cadeiras: Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado; professor de História, escritor, biógrafo, político; a política, ele a exerceu também desde o princípio da sua juventude;

logo depois de formado, foi deputado estadual em 1945, constituinte em seguida, deputado federal sucessivas vezes, ministro de Estado em duas pastas — Casa Civil e Ministério da Justiça —, e, em seguida, governador do seu estado, para depois ser senador em duas legislaturas.

No seu currículo está escrito, que era advogado, professor e escritor. Luiz Viana Filho foi muito mais do que isto: foi um homem de rara sensibilidade, com um caráter, como eu disse, marcado pela afetividade nas relações que mantinha com todos nós, com seus colegas de Senado, com seus amigos do seu estado, com a classe política deste País.

Eu que o conheci durante pouco tempo — nessa intimidade política, durante aproximadamente 8 anos —, posso afirmar que S. Ex^a deixou em mim e, em conseqüência, em todos nós, a marca indelével do seu caráter.

Digo isto em meu nome pessoal e também o faço em nome do eminente Senador Marco Maciel, da Liderança do nosso partido, o Partido da Frente Liberal.

Á passagem do Senador Luiz Viana Filho...

O Sr. Gerson Camata — Permite-me um aparte, nobre Senador?

O SR. ODACIR SOARES — Com muita bravura, nobre Senador Gerson Camata.

O Sr. Gerson Camata — Nobre Senador Odacir Soares, as pessoas que mais conviveram, como V^a Ex^a, com o" Senador Luiz Viana Filho melhor o conheceram e niais podem dizer da figura humana, do ser humano que S. Ex- foi e do que representou como político, administrador, professor e escritor, que dava densidade e peso, pela figura que S. Ex^a era para todo o Senado Federal. Lembro-me de que, quando S. Ex' era ministro — eu era jornalista, no interior do Espírito Santo, e, depois, vereador —, sempre o considerei como aquela figura distante, intocável, forte, intelectual. Surpreeridi-me, quando cheguei a esta Casa, pela lhaneza e delicadeza no trato, pela cordialidade e humildade desse homem, cuja grandeza o fazia muito simples. Gostava ele de conversar conosco sobre os assuntos que escrevia, tais como: histórias que vivera, a política brasileira contemporânea, as revelações que tinha. Às vezes falava delas com muita modéstia, quase que se subtraindo daqueles fatos. A grande virtude para quem o conheceu, não só através do que S. Ex' escreveu, pensou e fez, como do contato pessoal, é a figura do homem simples, cheio de lhaneza e delicado no trato, cuja vida, tão dedicada a este País — quarenta e cinco a cinqüenta anos de atividade político-intelectual —, não fez de S. Ex^a a grande figura distante. Pelo contrário, o homem cuja grandeza o fazia humilde e afável. Com a morte do Senador Luiz Viana, o Senado Federal perdeu um pouco dessa densidade intelectual que sempre teve. Solidarizo-me com V. Ex^a O sentimento que V. Ex^a expressa é o de todo o Brasil por essa perda.

O SR. ODACIR SOARES — Muito obrigado a V. Ex^a pelo aparte, que incorporo ao meu discurso. V. Ex^a enfatizou exatamente uma característica muito peculiar do Senador Luiz Viana Filho — a sua humanidade. Conseguia ele extrapolar essa humanidade nas relações que mantinha com todos nós. Era um homem, como disse V. Ex^a humilde, simples, um intelectual de primeira grandeza, que conseguia, simultaneamente, ser professor universitário, titular de duas ou três cátedras numa universidade como a da Bahia, famosa pelas culturas que produziu. Conseguiu ser o historiador que foi, o biógrafo que foi de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco, de Machado de Assis — e conseguiu ser também o político que foi, deputado federal durante seis legislaturas, senador, constituinte em 1946. Enfim, teve Luiz Viana uma trajetória de serviços marcados por sua cultura.

Para coroar tudo isso, na área da Literatura, como historiador e como literato que sempre foi, já em 1954 era eleito para a Academia Brasileira de Letras, ainda um jovem, pode-se dizer.

V. Ex^a enfatizou bem o aspecto transcendental de Luiz Viana Filho, a sua humanidade. Luiz Viana Filho conseguia ser excessivamente humano.

O Sr. Rachid Saldanha Derzi — Concede-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador?

O SR. ODACIR SOARES — Com muita honra, Senador.

O Sr. Rachid Saldanha Derzi — Nobre Senador Odacir Soares, V. Ex^a fala hoje lamentando, como todos nós, a falta do grande e extraordinário companheiro, Luiz Viana Filho, meu companheiro durante 35 anos. Fomos deputados juntos, entramos juntos nesta Casa do Parlamento Nacional. Então, conhecia-o bem — um homem altamente humano, um homem bom, um homem patriota, um homem que realmente vivia o Brasil, um homem carinhoso com os seus colegas, um homem de grandes qualidades, um homem raro, um político raro, cuja ausência estamos chorando. Luiz Viana projetou-se nacionalmente como um grande escritor, como um grande político, como um grande administrador, e aqui, nesta Casa, na Presidência, S. Ex^a projetou o Senado Federal. Luiz Viana deixa-nos saudade. Foi ele um homem digno, que teve ao seu lado a sua companheira, Dona Juju, essa mulher extraordinária. Não sabemos qual dos dois era o melhor, qual dos dois o mais carinhoso, qual dos dois o mais amigo de todos os políticos, de todos os homens públicos. Realmente, vamos chorar, com muita saudade, a falta desse extraordinário brasileiro. Em nome de Mato Grosso do Sul, o nosso profundo sentimento pela falta, pela ausência desse extraordinário homem público. Deixa-nos Luiz Viana seu filho, que, nesta Casa, será o seu substituto. Vamos lembrá-lo por muito tempo.

O SR. ODACIR SOARES — Muito obrigado a V. Ex, nobre Senador Rachid Saldanha Derzi. Nós nos lembramos, como bem salientou o nobre

Senador Jarbas Passarinho, que, na semana passada, esteve ele entre nós, em algumas sessões que realizamos, já doente, inclusive sob exames, transitando o Senador Luiz Viana, com aquela mesma lhaneza, com aquele mesmo sentimento de humildade, de afetividade.

É como se estivéssemos vendo o Senador Luiz Viana na semana passada, aqui, no nosso meio.

O Sr. Marco Maciel — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador Odacir Soares?

O SR. ODACIR SOARES — Concedo o aparte ao nobre Senador Marco Maciel.

O Sr. Marco Maciel — Caro Senador Odacir Soares, V. Ex^a fala expressando, conforme já fez questão de declinar, o sentimento da nossa bancada.

O SR. ODACIR SOARES — E atendendo a uma delegação de V. Ex^a

O Sr. Marco Maciel — Da nossa bancada, exatamente do Partido da Frente Liberal. Portanto,-vejo no discurso de V. Ex^a as palavras não apenas do meu partido, da minha bancada, como também as minhas próprias. Todavia, no momento em que V. Ex^a fala sobre a grande figura do Senador Luiz Viana, presto também um depoimento, pessoal meu, não como líder, mas como senador que o conheceu há cerca de vinte anos, tendo por S. Ex^a uma admiração crescente. Luiz Viana, evidentemente, não foi apenas um excelente político, um notável intelectual. Foi, sobretudo, um grande amigo, que, posso dizer, não apenas nós como toda a Casa aprendemos a respeitar e admirar. O seu desaparecimento nos entristece, em de alguma forma, nos deixa também menores. Já houve quem dissesse que "uma instituição é a soma daquilo que são os seus integrantes", e eu não estaria exagerando se dissesse que hoje o Senado ficou um pouco menor. Não gostaria de deixar de dizer a V. Ex^a e, por seu intermédio, ao Plenário, o quanto o seu desaparecimento nos entristece- Temos todos nós — sobretudo aqueles que são católicos — a convicção, como diz o evangelhista, de que a "vida não é tirada, mas transformada". Por isso mesmo o Senador Luiz Viana há de, por certo, neste instante, já estar em bom lugar. Nós que aqui ficamos não podemos deixar de registrar o testemunho de nossa saudade sobretudo o reconhecimento daquilo que ele realizou em vida nessa passagem pela terra e daquilo que ele trouxe para o enriquecimento político e cultural de nosso País. Por isso, quero dizer a V. Ex^a que suas palavras são extremamente apropriadas, são extremamente oportunas, neste instante de dor e de sentimento que atravessa a cada um de nós.

O SR. ODACIR SOARES — Nobre Senador Marco Maciel, tocou V. Ex^a em alguns aspectos peculiares a Luiz Viana. Realmente era uma dessas

figuras especiais, exponenciais. Esta lhaneza no trato, a qual me referi e outros senadores têm-se referido, decorrida também de uma sólida formação democrática. Temos, na vida de Luiz Viana Filho, a demonstração disso. Em todas as funções que exerceu, essa lhaneza de trato que decorria da sólida formação democrática sempre esteve presente, não apenas quando Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, quando Ministro da Justiça e, posteriormente, Presidente do Senado, em todos esses momentos se percebia essa disposição de Luiz Viana Filho para o diálogo, para a discussão, não acalorada das questões, para o acesso fácil às suas idéias, aos seus procedimentos. Parece-me que essa lhaneza de trato, essa afetividade decorrida de uma sólida formação intelectual, de exemplos, exauridos no seio da sua própria família, dos seus entes queridos.

Parece-me que Luiz Viana Filho conseguiu, de certa forma, ter essa característica, a sua sólida formação democrática e se vê até pelos partidos pelos quais passou, a UDN, o PL e, por último, o próprio PMDB, em uma contingência toda típica do seu estado, da política brasileira. A sua própria juventude político-partidária, nos primeiros momentos da sua vida, marca forte presença das idéias liberais da democracia na sua formação intelectual.

O Sr. Afonso Sancho — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. ODACIR SOARES — Concedo o aparte ao nobre Senador Afonso Sancho.

O Sr. Afonso Sancho — Embora V. Ex^a fale por toda a bancada, conforme bem declarou o nosso colega Marco Maciel, eu gostaria, também, de juntar as minhas palavras ao pronunciamento que V. Ex^a faz, neste momento. Conheci Luiz Viana Filho no Ceará, em 1964, através de uma apresentação do nosso saudoso Paulo Sarazate. Lembro-me, como se agora fosse, quando S. Ex^a dizia: "Sancho, este aqui é o Ministro Luiz Viana; é uma pilastra do Governo Castello Branco, um homem competente, um homem muito calmo, prudente e muito responsável". De forma que — dizia ele, concluindo —, faça de Luiz Viana um amigo, como eu sempre fiz na minha vida pública. Daí para cá, venho acompanhando a sua vida, já com uma passagem no Ministério da Justiça, depois como Governador do grande Estado da Bahia, e finalmente, aqui no Senado, como Senador e Presidente desta Casa. Em 1986, quando aqui cheguei, para ocupar a cadeira do também saudoso Virgílio Távora, devido a um pedido de licença médica, tratei de aproximar-me de S. Ex- Depois que o Senador Virgílio Távora faleceu, eu me liguei ainda mais a S. Ex^a Mas, como V. Ex^a bem declarou, a sua lhaneza de trato era de tal ordem que, às vezes, ficávamos até encabulados. Quantas vezes eu saía com S. Ex^a para tomar o elevador, diminuía os passos para que S. Ex^a entrasse primeiro, mas ele sempre fazia questão, com a sua delicadeza, de colocar-me primeiro dentro do elevador. Devo dizer que o nosso último encontro se deu na semana passada, quando comentamos aquela notícia infundada

de um jornal de São Paulo, em face de algumas ausências suas. Porque, se havia Senador que tinha presença constante, era ele — nas comissões, aqui no Plenário, no seu gabinete e nas sessões do Congresso Nacional. De forma que desejo associar-me, muito saudosos, a essas palavras porque Luiz Viana ficará na memória de todos nós por muito e muito tempo. Muito obrigado.

O SR. ODACIR SOARES — Obrigado a V. Ex^a O seu aparte completa aquilo que eu pretendia transmitir ao Senado Federal, neste momento de grande pesar para todos nós.

O Sr. Antônio Luiz Maya — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. ODACIR SOARES — Concedo a palavra ao nobre Senador Antônio Luiz Maya.

O Sr. Antônio Luiz Maya — Nobre Senador Odacir Soares, tive pouco tempo de convivência com o nobre Senador Luiz Viana Filho neste agosto plenário. Para mim, ele representava sempre a dignidade maior do homem público, pelo seu passado, pela sua luta, pelos seus trabalhos, sobretudo pelo que realizou na política, no plano político, hoje tão desmoralizado e tão criticado, foi o homem de valor, que prestou grandes serviços à Pátria brasileira. Eu o via, aqui, como o símbolo do político nacional: político de renome, de cultura, de expressão, político que merecia toda a nossa reverência. E, realmente, para mim é o que representava, mas eu o reverenciava mesmo. Nas poucas oportunidades que tive de conversa pessoal com o nobre Senador Luiz Viana, me ficou na alma e no coração essa impressão. Por isso, eu o reverenciava, vendo nele o símbolo maior do político nacional. Há pessoas, nobre Senador, que dignificam e honram o ambiente que frequentam. A simples presença da pessoa, pelo que representa, dignifica o lugar que ocupa, no espaço da convivência humana. Só a presença do Senador Luiz Viana Filho já dignificava este nobre ambiente, o plenário do Senado da República brasileira. A figura humana do Senador Luiz Viana Filho traduzia, em plenário, a virtude da sabedoria, sabedoria aliada à dignidade de sua própria pessoa, de homem público, que soube construir, com os elementos básicos da educação, da moral, da cultura, do senso político, da sensibilidade literária, e muitos outros elementos, que o tornaram estrela exponencial na constelação dos homens de bem, de que se vangloria a Pátria brasileira. Represento, neste Plenário, o Estado do Tocantins, e, nesta oportunidade, o meu partido, o Partido Democrata Cristão; em nome de ambos, desejo associar-me ao pronunciamento de V. Ex^a através de minha voz, para, de algum modo, ressaltar a figura ímpar do nobre Senador que a República acaba de perder. V. Ex^a expressa, com muito sentimento e propriedade, nesta sessão, o pesar de todos nós, Senadores da República, e o pesar, certamente, de todo o povo brasileiro, que considerava Luiz Viana Filho a expressão maior do político nacional.

O SR. ODACIR SOARES — Muito obrigado, nobre Senador. V. Ex.^s sintetizou bem o que o Senador Luiz Viana Filho transmitia a todos nós: dignidade. Era um homem que caminhava com a dignidade, transmitia permanentemente esse nobre sentimento; sempre foi político, historiador, intelectual completo; em todas as atividades que desenvolvia, sempre o fez de modo sobranceiro, de modo maior, de modo mais expressivo. O Senado Federal está, hoje, menor: o Brasil está hoje menor com a perda do Senador Luiz Viana Filho.

O Sr. José Fogaça — Permíte-me V. Ex- um aparte?

O SR. ODACIR SOARES — Com muita honra.

O Sr. José Fogaça — Nobre Senador Odacir Soares, o meu partido já falou pela voz autorizada, neste Parlamento, do Senador Mauro Benevides, mas, eu, pessoalmente, não poderia furtar-me a fazer o registro de pesar que todos nós vivemos neste momento. Mesmo sendo de um estado do extremo sul do Brasil, tão distante da Bahia, me sentia irmanado à figura do Senador Luiz Viana Filho; não sei se por causa da grande diferença de idade — ele, de mais de 80 anos — tínhamos grande proximidade pessoal, era permanentemente procurado, recebia telefonemas seus para assuntos políticos nacionais e locais, no seu estado e no meu, e aprendi a admirar profundamente o homem Luiz Viana Filho, e a descobrir o que é esta entidade incorpórea e indefinida que todos nós denominamos de espírito público. Se havia algo a mais na figura humana, na figura política, na imagem pessoal do Senador Luiz Viana Filho, era este conceito esta noção clara do que é espírito público. Não só admirava nele o historiador, o literato, o profundo conhecedor, o íntimo conhecedor da vida de Rui Barbosa, mas também algo que nos identificava muito, talvez desde os primeiros momentos desta legislatura, quando me elegi pela primeira vez senador e ele estava vivendo, nesta fase, os últimos momentos do seu mandato — foi exatamente a luta pela implantação do parlamentarismo. Talvez isso nos tenha aproximado muito. Lembro-me de que, numa oportunidade, fui convidado a fazer uma palestra na Universidade da Bahia, em Salvador, a respeito do regime parlamentarista. Nos primeiros momentos da palestra, vejo entrar, no fundo do plenário, um cidadão que não divisei bem nos primeiros momentos; quando ele chegou próximo à mesa em que me encontrava e sentou-se em um canto, ao lado, logo percebi que se tratava do Senador Luiz Viana Filho. Esse homem, que havia sido tudo o que se pode imaginar na vida política, que havia ocupado todos os cargos mais importantes na hierarquia política do País, ali estava como mero espectador, para participar de modesta palestra sobre parlamentarismo; estava, ali, não porque tivesse admiração por mim ou achasse importante aquela palestra e sim porque era um soldado empedernido, dedicado à luta pela implantação do regime parlamentarista. Lembro-me de que, na tarde em que foi votada a emenda que instituía o parlamentarismo, na Assembléia

Nacional Constituinte, ele foi um dos seus defensores. Portanto, até o último instante, durante toda a sua vida, foi um lutador, talvez por isso, tenhamos-nos identificado aqui, tenhamos-nos aproximado e cultivado grande e estimulante amizade. E não posso deixar de registrar meu profundo pesar, o sentimento profundo pela perda desse cidadão!, desse homem público, dessa figura notável que fará falta no plenário do Senado, mas que deixa indelevelmente marcada a sua passagem na História do Brasil. Agradeço a V. Ex^a nobre Senador Odacir Soares, por conceder-me este aparte e me permitir a honra de, *no* seu pronunciamento, registrar o que o Rio Grande do Sul pensa, o que o Rio Grande do Sul sente, neste momento doloroso para todo o País.

O SR. ODACIR SOARES — Sou eu quem agradece, pelo aparte que V. Ex^a acaba de dar ao meu discurso, nobre Senador José Fogaça; Isso marca bem a importância do Senador Luiz Viana Filho na vida pública do País.

Já estamos, aqui, falando há algum tempo, aparteado por vários senadores; e, a cada aparte, aflora uma característica, um aspecto, uma faceta nova do caráter e da formação intelectual do Senador Luiz Viana Filho.

Concluo, Sr. Presidente, dizendo que é com grande pesar que, nesta tarde, faço este registro. E, parafraseando o Senador Marco Maciel, por com ele concordar plenamente, devo dizer que o Senado Federal e este País ficaram menores, hoje, com o passamento do nobre Senador Luiz Viana Filho.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra, com a anuência do ilustre Senador Francisco Rollemberg, que está inscrito em primeiro lugar, ao nobre Senador João Menezes.

O SR. JOÃO MENEZES (PDC — PA. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, hoje, ao alvorecer, fui surpreendido com a notícia do falecimento do Senador Luiz Viana Filho. Imediatamente, a minha memória funcionou como um caleidoscópio: procurei fazer um retrospecto do que é a vida política, do que é a vida do político e passei a perguntar a mim mesmo se este caminho que tomamos, cheio de dificuldades, onde sacrificamos a família, sacrificamos o nosso lar, muitas vezes a criação dos filhos, enfrentamos as maiores dificuldades e incompreensões, é compensado, pois são poucas as alegrias. A vida do homem político é áspera, árdua, cheia de emoções diárias que não se podem evitar. Perguntei-me: será que isso compensa? Vamos ficar naquele princípio de que a vida chama a morte ou de que a morte chama a vida? Será que estamos cumprindo um destino na vida política do País e do mundo? É assunto que me deixa realmente pensativo, procurando encontrar uma maneira de justificar o nosso apego à carreira política, o nosso desejo de estar sempre presente na vida política. Esquecemo-nos das dificuldades, das lutas nas campanhas eleitorais, dos ataques entre nós a que estamos sujeitos, dos confrontos populares neste plenário e no

do Congresso Nacional, e ficamos apegados à vida política. Isto me faz refletir que tivemos um companheiro da envergadura política de Luiz Viana Filho, que deve ter percorrido o longo e áspero caminho da vida pública. Confesso que não tive grande contato pessoal com ele; apenas o conheci mais através das biografias que escreveu sobre o Presidente Castello Branco, numa hora difícil, em que procurou retratar da melhor forma a passagem do regime democrático para a ditadura e também a biografia magnífica, das melhores, a respeito de Rui Barbosa, a nossa "Águia de Haia".

Quero, neste momento, Sr. Presidente e Srs. Senadores, deixar, em nome da Liderança do Governo, solidariedade e profundo pesar pelo desaparecimento desse companheiro. Luiz Viana era muito polido. Caminhava sem fazer barulho, não queria atrapalhar nem o curso do vento, para não incomodar ninguém. Sempre que era procurado, mesmo por pessoas quase desconhecidas dele, revelava-se pessoa fina, de trato agradável, bondoso, procurando sempre encaminhar os assuntos e achar uma solução para os casos difíceis.

Fica aqui, portanto, Sr. Presidente e Srs. Senadores, nessas rápidas palavras, a nossa solidariedade e o grande pesar pela morte desse grande brasileiro que foi Luiz Viana Filho.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Francisco Rollemberg.

O SR. FRANCISCO ROLLEMBERG (PMDB — SE. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, ao chegar a esta Casa do Congresso Nacional, em 1970, e entrar em contato com homens públicos, escolhi alguns deles para paradigma, para exemplo do meu comportamento parlamentar: na Câmara, para citar somente aqueles que já partiram — Leão Sampaio, Janduí Carneiro; e no Senado da República, também citando um daqueles que já foram o Senador Luiz Viana.

Daí por que, amigo e admirador, companheiro do Senador Luiz Viana na comissão que faz o levantamento dos documentos secretos do Senado, recebi, estarecido, hoje pela manhã, a notícia do seu falecimento. Luiz Viana era um homem brilhante que, apesar dos seus 82 anos, nos irradiava aquela reserva de lucidez e vitalidade de quem estaria conosco muito tempo, participando ativamente da luta diária que aqui desenvolvemos.

Tínhamos dele o otimismo e a esperança de um vitorioso na vida pública a nos encorajar nos momentos mais difíceis, a nos inspirar na busca de soluções.

Vejo agora, Sr. Presidente, Srs. Senadores, que o sentimento que paira nesta Casa é o de profunda consternação e pesar, um sentimento de perda irreparável pelo que representavam, para o Senado e para o Congresso Nacional, a postura e a presença do Senador Luiz Viana, pelo que S. Ex^a nos inspirava de segurança na sua experiência, bom sendo, conduta e serenidade nos momentos mais tortuosos dos nossos trabalhos, de nossas decisões, sempre contribuindo com o brilho da sua clarividência privilegiada e vastíssima cultura.

Era, o nosso saudoso companheiro, o parlamentar mais antigo do Congresso Nacional, ao qual dedicou quase os mesmos anos da minha existência, 55 anos de sua vida, sendo, a partir da década de 30, como bem o disse, em certa ocasião, o nobre Senador Jarbas Passarinho: "A mais preciosa e bem informada testemunha viva da nossa História contemporânea", pois participou e esteve nos centros de quase todas as efervescências dos fatos políticos vividos pelo País desde então.

Era um homem de grande e sólido conhecimento. O que sabia não era apenas fruto de estudo e pesquisa, a que era afeito, mas, principalmente, fruto do que viveu, conviveu e participou, tendo sempre no cenário dos fatos um lugar privilegiado de partícipe, de observador.

O Senador Luiz Viana ocupou quase todos os cargos mais importantes que a vaidade humana discretamente almeja, mas que somente a vontade popular, o prestígio e a credibilidade política podem distinguir a um militante da causa pública; foi deputado em legislaturas, constituinte em 1946, governador do seu estado, senador, ministro de duas pastas, Presidente do Senado e do Congresso.

Representou o Brasil em várias missões no exterior.

/Além de mais antigo parlamentar de mandatos sucessivos, Luiz Viana é talvez o mais condecorado com as mais altas hierarquias das ordens de mérito nacionais e estrangeiras.

Não foi grande apenas na política. A sua produção intelectual é admirável, pela quantidade, variedade e significado dos títulos e obras publicadas, muitos deles sobre Direito e outras de biografia de grandes nomes da política, das letras e das artes de nosso País. Era um homem ligado à inteligência e ao que o talento produz. Na área de biografia, um dos mais especializados do País, no campo de Direito, um consagrado professor da famosa Universidade da Bahia.

É lamentável, Sr. Presidente, Srs. Senadores, mas a bibliografia brasileira ficaria mais rica se S. Ex^a tivesse escrito o livro que não pôde escrever, pelo súbito e inesperado de sua morte: o livro de suas memórias, em que legaria, como precioso testamento, as impressões de sua intensa, rica e produtiva vivência de cidadão, intelectual e político. E assim, perde, também, a Academia Brasileira de Letras um dos seus mais ilustres membros.

O Sr. Jamil Haddad — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. FRANCISCO ROLLEMBERG — Pois não. Ouço, com muita honra o aparte de V. Ex^a, nobre Senador Jamil Haddad.

O Sr. Jamil Haddad — Nobre Senador Francisco Rollemberg, neste aparte recorde uma passagem com o nosso saudoso Luiz Viana, em 1969. Era eu deputado estadual do antigo Estado da Guanabara, quando se realizava um Congresso da União Parlamentar Interestadual em Salvador, na Bahia, tendo sido eu nomeado Chefe da Delegação de Parlamentares do Estado da Guana-

bara. No último dia do congresso, a Câmara havia negado licença para o processamento de Márcio Moreira Alves. Recebemos, então, a notícia da edição do AI-5, no momento em que nos dirigíamos ao Palácio, pois Luiz Viana era o Governador da Bahia àquela época, e recepcionaria as delegações de parlamentares de todo País que lá se encontravam. Recordo-me bem da sua preocupação com os destinos do País no momento em que se editava o AI-5, e, S. Ex^a nos declarava que havia recebido algumas informações de que haveria, também, intervenções nos estados e que os governadores seriam afastados e nomeados interventores. Foi aí que conheci pessoalmente Luiz Viana Filho. Já o conhecia pela sua obra literária, pela sua vida política, e muito me envaideceu ter convivido com Luiz Viana no Senado da República. Sua maneira lhana, sua maneira tranqüila, seu riso de amigo, sua mão sempre pronta a afagar, era uma constante na personalidade de Luiz Viana Filho. Quero, neste momento, em nome do meu partido —Partido Socialista Brasileiro, deixar consignado nos Anais desta Casa um preito de saudade a este homem que engrandeceu a vida política brasileira que projetou a literatura brasileira no exterior. Há poucos dias, dirigindo-me do Rio de Janeiro para cá, eu vinha lendo sua obra sobre Rui Barbosa, a qual é realmente digna dos grandes escritores, como foi Luiz Viana Filho. Eram essas as palavras que eu gostaria de acrescentar ao pronunciamento de V. Ex^a num preito de saudade, quando — como Presidente do Partido Socialista Brasileiro —=reverenciamos Luiz Viana Filho.

O SR. FRANCISCO ROLLEMBERG — Muito obrigado, nobre Senador Jamil Haddad..

Como disse no início do meu pronunciamento, o Senador Luiz Viana era um exemplo, era um paradigma para o meu comportamento. Talvez até no subconsciente essa admiração, esse respeito, esse cuidado me tivessem levado também a uma incursão literária, quando elaborei uma biografia, que foi o perfil parlamentar de Fausto Cardoso. É evidente que o nosso trabalho não tem nem teria a pretensão de se equivaler, de se equiparar aos trabalhos do Senador Luiz Viana. É possível mesmo que tenha sido o seu exemplo, a sua inspiração, a sua maneira de ser e a admiração profunda que por S. Ex^a nutria que me tenham levado a essa incursão, um campo para mim ainda desconhecido, pouco trabalho que me fez deixar a coleção *Perfis Parlamentares*, na Câmara dos Deputados. Esta foi minha primeira, única e, talvez, última biografia.

É lamentável, Sr. Presidente, Srs. Senadores, pois, que estejamos neste instante, nesta Casa, a homenagear aquele que há bem poucos dias estava conosco.

No nosso último encontro, acertamos que amanhã, quarta-feira, às 17 horas, reunir-nos-íamos para analisar uma série de documentos e liberarmos aqueles que fossem considerados não secretos. Não teremos essa reunião amanhã. Não a teremos porque S. Ex^a lá não estará. Não a teremos porque

a sua ausência chocou a todos nós, e não queremos trabalhar num dia em que S. Ex^a está ausente, quando S. Ex^a era um dos nossos principais conselheiros; S. Ex^a nos ia dar o seu parecer sobre um depoimento dos mais sérios que já houve nesta Casa, do Sr. Ministro das Relações Exteriores sobre a dívida externa brasileira em 1950, e esse documento não poderá ser analisado amanhã.

O Sr. João Calmon — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador?

O SR. FRANCISCO ROLLEMBERG — Com muita honra, Senador João Calmon.

O Sr. João Calmon — Paraphraseando um necrológico famoso, por ocasião do falecimento de uma figura eminente da História deste País, eu diria, também, em relação a Luiz Viana Filho: "Não choremos a morte de Luiz Viana, cantemos a sua glória", Realmente, Luiz Viana se destacou de maneira extraordinária não apenas na história política do Brasil, como também com um relevo singular da história da literatura do nosso País. S. Ex^a foi deputado federal, senador várias vezes, ministro de Estado, e, agora, dentro de mais alguns meses, seria, creio com toda certeza, escolhido para integrar o Conselho da República. Desgraçadamente para nós, a morte o fulminou em São Paulo, e esse título não poderá ser incluído em sua biografia. Tudo o que S. Ex^a realizou no campo da literatura, da política, tudo isso o credência para ser uma permanente fonte de inspiração das novas gerações. Por isso mesmo, nobre Senador Francisco Rollemberg, solidarizo-me com V. Ex^a e todos nós do Senado Federal, pela homenagem que estamos prestando à memória desse grande brasileiro; um homem que deixa para nós um exemplo imperecível e uma fonte inesgotável de inspiração.

O SR. FRANCISCO ROLLEMBERG — Senador João Calmon, um depoimento como o de V. Ex^a homenageia o Senador Luiz Viana e honra este orador, quando, neste instante, emocionado, procuro também homenagear o companheiro, o amigo, aquele que todos vamos sentir, por longo tempo, talvez pela vida toda, saudade imensa.

Apesar da densidade honorífica e experiente do currículo, que indiscutivelmente é importante para um homem público, mas às vezes a influência da vaidade poderá distanciá-lo dos estreates nesta lide, o Senador Luiz Viana era um homem afável, um homem simples, uma pessoa humana admirável. Educado, sério, sensível aos problemas que lhe chegavam em função do seu mandato e da sua condição de homem de vasto relacionamento. Aberto ao diálogo e à amizade, um amigo fiel e sincero, um espírito refinado no aperfeiçoamento e no tempo, já elevado acima do bem e do mal e das pequenas coisas passageiras deste mundo.

A Bahia está de luto, o Congresso Nacional, representando as expressões de pesar do povo brasileiro, também está de luto. E Sergipe, estado-irmão

da Bahia, que represento nesta Casa não-poderia deixar de prestar a sua homenagem, pelas minhas palavras ao eminente Senador Luiz Viana Filho.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Humberto Lucena.

O SR. HUMBERTO LUCENA (PMDB — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, falou pelo PMDB, nesta homenagem póstuma ao Senador Luiz Viana Filho, o nosso Líder em exercício, Senador Mauro Benevides. Entretanto, como ex-Presidente do Senado Federal e como atual Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, não poderia deixar, também, de trazer a minha palavra num preito de profunda saudade a Luiz Viana Filho.

Apesar da sua avançada faixa etária, creio que todos nos surpreendemos com a sua morte, em face da sua aparente hígidez física e da sua plena lucidez mental que o fazia permanentemente presente nesta Casa do Congresso Nacional e fora dela, nos acontecimentos mais importantes da vida política do País.

Traçar o perfil de Luiz Viana Filho é tarefa difícil que vai requerer, ao longo do tempo, muito trabalho dos que o queiram fazer com a perfeição que sua memória merece.

Professor universitário, embeveceu as platéias dos anfiteatros da Faculdade de Direito da velha Bahia, com lições sobre o Direito Internacional Público e o Direito Internacional Privado.

Intelectual, deu mostras admiráveis da sua inteligência, do seu talento, da sua cultura como literato, e, sobretudo, como historiador. Seus trabalhos publicados, constituem acervo admirável, que, sem dúvida, serão um dos maiores patrimônios que legará à sua família, ao seu estado natal e à sua Pátria. Entre os livros que deixou estão: *O Direito dos Empregados do Comércio*; *A Língua do Brasil*; *A Sabinada*; *O Direito do Estrangeiro no Brasil*; *A Vida de Rui Barbosa*; *A Verdade na Biografia*; *O Negro na Bahia*; *Rui & Nabuco*; *A Vida de Joaquim Nabuco*; *Rui Barbosa — Antologia (Seleção; Prefácio e Nota de Luiz Viana Filho)*; *Miguel Osório*; *A Vida do Barão do Rio Branco*; *À Margem de Os Sertões*; *Afrânio Peixoto*; *A Vida de Machado de Assis*; *Sucessão de Ademar Tavares*; *O Vitimo Ano de Rui na Bahia*; *Elogio de Antônio da Silva Mello*; *O Governo Castello Branco*; *Rui Barbosa: Seis Conferências*; *Ação da Palavra*; *Evocação de Rui Barbosa*; *A Vida de José de Alencar*; *Contribuição do Padre Antônio Vieira para os Direitos do Homem*; *A Nova Fase da República*; *Três Estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco*; *A Vida de Eça de Queiroz*; *Petroquímica e Industrialização da Bahia*.

São realmente, obras extraordinárias que Luiz Viana Filho deixou, como homem voltado para o estudo, para as Letras, para a História.

Aliás, no intelectual sobressaía-se, sobretudo, como já foi aqui lembrado, o biógrafo — e o biógrafo cuidadoso, detalhista, apaixonado pelos homens e as coisas que fazem os fatos da vida no seu dia-a-dia.

Ainda me lembro, Sr. Presidente e Srs. Senadores, do nosso último encontro mais demorado. Foi numa recepção na residência oficial da Presidência do Senado Federal, há pouco tempo, por ocasião do último aniversário natalício do Presidente Nelson Carneiro. Assentei-me à mesma mesa em que ele se encontrava, com a sua companheira de todas as horas, de todos os dias e de toda a sua vida, Dona Julieta Viana, D. Juju para os íntimos e para os amigos. Ali, estava, ao nosso lado, o nosso querido Gueguê, que foi Diretor de Divulgação do Senado Federal e é um dos jornalistas mais ilustres de Brasília.

Naquela oportunidade em que conversava com o Senador Luiz Viana Filho, narrei-lhe alguns fatos de que eu fora testemunha, na transição entre o período republicano que se encerrou em 1964 e o movimento militar que derrubou o ex-Presidente João Goulart. Referi-me a acontecimentos que presenciei no Congresso Nacional e fora dele, envolvendo personalidades políticas ligadas ao então Partido Social Democrático, hoje desaparecidas, como, por exemplo* o ex-Presidente Raniere Mazzilli. E a tudo S. Ex^a ouviu atentamente. No dia seguinte, acercou-se de mim, numa das bancadas do Congresso Nacional e perguntou-me se eu já teria registrado, por escrito, todos aqueles fatos que lhe transmitira, na noite anterior. Disse-lhe que estava começando a fazê-lo, e S. Ex^a afirmou-me: "Não se esqueça de que isso é importante, para que, amanhã, você possa ter um farto material para as suas memórias".

Ali, falava justamente quem se preocupava com a História, que achava que não se devia perder um momento sequer da vida política do País, para que se pudesse transmitir, depois, aos nossos pósteros.

E dizia-lhe, na mesma ocasião, que, como Presidente do Senado, tive a oportunidade de assinar convênio com a Universidade de Brasília, que preconizava a criação do Pró-Memória do Congresso Nacional, que não tinha senão um objetivo, o de gravar depoimentos das personalidades mais importantes da vida política brasileira para o futuro.

Homem público dos mais eminentes, destacou-se Luiz Viana Filho em todas as atividades que desenvolveu: no Poder Executivo, como governador do seu estado, como Chefe da Casa Civil e como Ministro da Justiça; na carreira parlamentar, como deputado federal por várias legislaturas — e foi aí que o encontrei pela primeira vez, no Palácio Tiradentes, quando fui eleito, em 1958, pelo então Partido Social Democrático.

Senador da República, por vários mandatos, Presidente do Senado e do Congresso Nacional, Luiz Viana Filho engrandeceu esta Casa e honrou o Poder Legislativo brasileiro.

Mas há um detalhe, na sua vida de homem público, que faço questão, também, de salientar, neste instante em que tento fazer uma oração fúnebre

em sua memória: ele, Luiz Viana Filho, ao lado de Milton Campos e Pedro Aleixo — e os três pertenciam à ex-União Democrática Nacional — foram naquelas horas sombrias da ditadura militar, que durante mais de vinte anos infelicitou este País, as maiores lideranças civis que nós, que estávamos na oposição ao regime militar, tínhamos para estabelecer um mínimo de diálogo com os donos do poder de então. Luiz Viana Filho — como Milton Campos e Pedro Aleixo —, sempre tinha uma palavra de conciliação ao defender os direitos humanos, no auge das torturas. Quantas vezes, como Líder do PMDB e da Oposição na Câmara dos Deputados, ao Governo Medici, após a cassação de Mário Covas, o procurei, e àqueles dois outros eminentes homens públicos da ex-UDN, para que levassem aos Presidentes militares de então uma palavra de apelo em favor de presos políticos ou de pessoas que estariam desaparecidas e eram procuradas, em vão, pelos seus familiares.

Sr. Presidente, como dizia, no início deste discurso, após toda essa longa trajetória de uma vida exemplar de esposo, de pai de família, de avô, de amigo, de cidadão, de professor universitário, de intelectual, de homem público, nós todos esperávamos, ainda, que Deus conservasse, por muito tempo, a vida de Luiz Viana Filho.

Sr. Presidente, ao concluir, vou fazer mais uma revelação sobre Luiz Viana trilha.

Quando soube, há cerca de um ano, que ele tinha sido acometido de um infarto do miocárdio e estaria internado no Instituto do Coração em São Paulo, não só procurei fazer-lhe uma visita e a seus familiares, como falar-lhe através do telefone, mas, depois, mantive com ele uma conversa, que voltei a repetir posteriormente ao voltar, no ano passado, de uma revisão médica que fiz no *Cleveland Clinic*, nos Estados Unidos. Soubera, por informação fidedigna, que os médicos do Instituto do Coração não quiseram operá-lo, em face dos seus mais de 80 anos de idade; temiam que ele ficasse na mesa de cirurgia. Naquele grande centro norte-americano, pude verificar que pessoas com 80 ou mais anos estavam sendo atendidas e tinham as suas vidas prolongadas por mais 15 ou 20 anos, após uma cirurgia cardíaca.

Transmiti essa informação ao Senador Luiz Viana Filho, e notei que ele se alegrou, pois um raio de esperança brilhou nos seus olhos. E S. Ex^a me prometeu que ia tomar providências nesse sentido. Infelizmente, Sr. Presidente, não houve tempo, e Deus o levou, e ele nos deixou a todos, aqui, cheios de uma grande saudade.

Com estas palavras, quero trazer, em meu nome pessoal, em nome do meu estado, a Paraíba, e em nome, sobretudo, dos membros da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal — que o teve duas vezes como Presidente —, a mais sentida homenagem à sua memória, transmitindo à família enlutada e ao Governo da Bahia os mais sinceros pêsames.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente e Srs. Senadores.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Mata Machado.

O SR. MATA MACHADO (PSDB — MG. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, eu me permito, Sr. Presidente, Srs. Senadores, algumas reminiscências, de caráter apenas pessoal, mas que podem, também, de algum modo, acrescentar algo, não ao que foi dito, mas àquilo que realmente se acolhe, na inteligência e no coração de tantos que, aqui, agora, se lembram de Luiz Viana Filho. Assinalei algumas datas: 1946, 1966, 1990.

Em 1946, era eu repórter de jornal, encontrei-me com Luiz Viana Filho, Constituinte naquela época, um dos que elaboraram a nossa permanente Carta Magna democrática que nos libertaria da ditadura instaurada em 1937. Quantas vezes, como jornalista, publiquei, ora em *O Globo*, ora no *Diário de Notícias*, ou aos domingos, em crônica do *Correio da Manhã*, contribuições de Luiz Viana Filho, que deveriam estar registradas e ser lembradas agora, e dadas a público, novamente, como fruto da atividade, de maior eficiência e maior qualidade intelectual ainda em nossa Carta Maior exemplar. Em 1966, o vínculo se faz entre Milton Campos e Luiz Viana Filho. Este substituiu o antigo Governador de Minas, a quem eu servi na intimidade, como chefe do seu gabinete, substituiu-o no Ministério da Justiça, quando Milton Campos, discordando da supressão dos partidos, deixou aquela pasta. Pouco depois, junto de mim, Milton Campos explicava: "Foi certo o que eu fiz, porém, mais certo ainda pela consequência, uma vez que fui substituído por um dos melhores homens do Brasil —Luiz Viana Filho".

Em 1990, ainda há pouco, viajamos juntos para Belo Horizonte, depois da circunstanciar espera que a todos nos atingira: éramos numerosos, quase todos parlamentares; Luiz Viana Filho sentou-se e, durante todo o tempo, ficou a escrever. Lembrei, então, que em determinada circunstância, ele me mandara a sua bibliografia, um livro de muitas páginas, *não* uma folha de papel. Descemos na capital mineira. Fui despedir-me dele: "O. senhor vai ficar aqui, Senador". Ele me disse: "Não. Há um carro a minha espera para levar-me a Caxambu". Eu falei: "Mas, depois de tudo, desta longa espera?" Elogiei o seu processo de esperar, no aeroporto, escrevendo. E brinquei: "Afinal, é o que o senhor tem feito durante toda a sua vida". Mas ele me disse: "Há uma coisa de que não me esqueço: de carro irei para Caxambu, e, como você é mineiro, acho que gostará de saber que faço qualquer sacrifício para vir e permanecer algumas horas no seu estado".

Ele fazia qualquer sacrifício, na verdade, para servir ao nosso País, para elaborar textos, que passaram antes pelas minhas mãos de repórter, como, depois, fizera ao substituir aquele que, para mim, até hoje, é insubstituível, Milton Campos. Incluo-o agora, ao lado deste, Luiz Viana Filho, que tão dificilmente poderá ser substituído, a não ser pela constante lembrança do que era, do que foi.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, aceitem este meu testemunho, modesto, sem dúvida, mas sincero e bem fundado.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Fernando Henrique Cardoso.

O SR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (PSDB — SP. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, em nome do PSDB, e no meu pessoal, gostaria de deixar registrado o nosso sentimento de pesar pela morte de Luiz Viana Filho. Ouvi a tantos colegas, a tantos senadores, rendendo-lhe homenagens. Emocionei-me a cada momento. Luiz Viana Filho marcou sua presença na História da República como alguém que, tendo posições e sendo capaz de desenvolvê-las doutrinariamente, capaz ainda de se opor quando necessário, nunca deixou de ser também aquilo que já tantos ressaltaram: uma figura humana, querida, polida, carinhosa.

Quando cheguei ao Senado não o conhecia pessoalmente, e o via à distância — já, então, Luiz Viana era não apenas reconhecido em todo o Brasil como político, mas aparecia com aquela aura de senador com aquele aspecto simpático e, ao mesmo tempo, senhorial —, custou-me um pouco a travar relações com ele. Ouvi o nobre Senador João Menezes dizer que quase não conviveu com Luiz Viana — não foi o meu caso.

Quando Líder do PMDB neste Senado, e o fui por duas vezes, ocupava uma sala ao lado da qual estava o gabinete de Luiz Viana e, do outro o de Virgílio Távora. Aos poucos, me afeiçoei a ambos. Era raro o dia em que um ou outro não passavam em meu gabinete para que tomássemos um chá ou conversássemos sobre os assuntos mais variados.

A tal ponto me afeiçoei a Luiz Viana Filho que tendo dificuldade, como tenho sempre, de tratar os mais velhos com alguma intimidade, o chamava de você e conversávamos sobre muitos assuntos da literatura à política, da sociologia ao comentário, cotidiano. Luiz Viana era um observador arguto e, na» raras, vezes em que o vimos na tribuna do Senado, em nenhuma delas deixou de se apresentar, também não como tribuno — não saberia julgá-lo por esse ângulo — mas como intelectual refinado. Fez, aqui, análises admiráveis da História da República. Quando defendeu o parlamentarismo, e eu defendia, fazia-o com argumentos impecáveis, e o vi também na oposição junto conosco.

Recordo-me de que, em uma noite, visitava o Brasil o Secretário perpétuo da Academia Francesa e o Presidente da República de então, Dr. José Sarney, oferecera um jantar, no Alvorada, a esse ilustre visitante, que era bisneto de um maranhense — o que, na época, constituiu, no Brasil, fato meritório. Nesse jantar, o Presidente da República convidou alguns senadores, entre os quais Luiz Viana Filho, tendo estado presente também o Senador Afonso Arinos e eu próprio. Luiz Viana falava um francês impecável e discorria, com a mesma naturalidade, com a mesma elegância, numa língua, que não

direi não ser o seu idioma natal, posto que nasceu em Paris, mas que não era o seu habitual. Via-se nele o homem do mundo; e se via a intimidade que tinha com o Presidente da República, e o respeito que o mesmo lhe devotava. Não obstante, quando foi necessário, se opôs. Fez oposição à sua maneira, sem nunca ser exagerado, sem nunca demonstrar, nem de longe, qualquer ressentimento, ou qualquer agressividade; soube dizer não, ou pelo menos, soube dizer b "sim" diferentemente de outros "sim". Era, portanto, alguém de personalidade marcante, disfarçando essa forte personalidade no trato ameno. Já vários se referiram e só me sobra repetir: "não apenas o relato que deixou da época em que serviu a um governo; contra o qual me opus, mas também, principalmente, nos textos que deixou sobre Rui Barbosa, marcou o intelectual realmente de primeira linha que era".

Ainda, recentemente troquei algumas impressões com Luiz Viana e perguntei sobre o que faria nas eleições que se avizinhavam: pois bem, era candidato. Estava outra vez disposto, aos 82 anos, e com o mesmo entusiasmo, a lançar-se numa luta que a muitos de nós, com muito menos idade, parece uma luta árdua e é! É Luiz Viana, tranqüilamente, enfrentaria a batalha das urnas; provavelmente ganharia; mas tenho certeza de que, ganhando ou perdendo, sairia dela como sempre havia saído de outras batalhas, com a mesma inteireza e dignidade.

Perdeu o Senado e perdeu a República, mas perdemos principalmente nós, os que pudemos com S. Ex- conviver, perdemos um grande companheiro.

O Sr. Chagas Rodrigues — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador Fernando Henrique Cardoso?

O SR, FERNANDO HENRIQUE CARDOSO — Com prazer Senador Chagas Rodrigues.

O Sr. Chagas Rodrigues — Nobre Líder Fernando Henrique Cardoso, V. Ex^a fala em nome de toda a nossa bancada o PSDB. Estou certo de que fala também em nome de todos os homens públicos ligados ao nosso partido e dos filiados, espalhados por todo o território nacional. Mas, ousou pedir este aparte a V. Ex^a porque, senador pelo Piauí o nosso estado, como V. Ex^a sabe, é um estado irmão da Bahia — temos fronteiras comuns, e sei que também no Piauí repercutiu profundamente o passamento do ilustre homem público. Sabe V. Ex^a que a nossa civilização, a nossa nacionalidade poucas vezes teve para engrandecê-la um homem como Luiz Viana Filho, um homem, de certo modo, quase completo. Como homem público, brilhou no Legislativo e no Executivo. Demonstrou isto como governador, como ministro de estado, como deputado federal e como senador. E mais do que um homem público mais do que um grande político, S. Ex^a era um intelectual, cientista do direito, grande cientista da História, um emérito escritor. O Senado está de luto. A alma do Senado está entristecida, profundamente; mas é a Nação toda que chora a grande perda. De modo que eu estava, como

todos, ouvindo o discurso de V. Ex^a com especial atenção, e solicitei este aparte porque sem ele acho que deixaria de cumprir um dever indeclinável. Comecei a admirar Luiz Viana Filho desde 1951, quando bem jovem, como deputado federal, passei a integrar o Congresso Nacional, e sempre tive por S. Ex^a grande admiração e estima. Nesta hora quero expressar a saudade, a homenagem dos piauienses, também de modo expressivo, de modo categórico, a um homem que não foi só intelectual, não foi só político; foi, além disso, um homem borri, foi um homem justo, foi um homem honrado. Desejo prestar esta minha homenagem, manifestar esta minha tristeza à sua extraordinária esposa, grande senhora, Dona Julieta, Dona Jujú. A ela também a expressão de nossa total solidariedade.

O SR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO — Agradeço ao nobre Senador Chagas Rodrigues o aparte e antes de encerrar quero aproveitar para também dizer que, se a presença de Luiz Viana se fez sentir de várias partes do Brasil, e se sua morte será chorada em toda parte, por certo também o será em São Paulo, onde Luiz Viana tem amigos, onde, por mais de uma vez, ocorreu para seus tratamentos, e onde, infelizmente, faleceu.

Junto-me às palavras do nobre Senador Chagas Rodrigues, ao expressar os sentimentos a Dona Jujú, a Luiz Viana Neto e a todos aqueles que compõem a família de Luiz Viana.

. Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Mário Maia.

O SR. MÁRIO MAIA (PDT — AC. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, registro oficialmente, em nome do meu Partido — Partido Democrático Trabalhista, o sentimento de pesar por esta ausência indesejável do nosso companheiro de Senado Luiz Viana Filho, que neste momento já inunda as nossas almas de saudades.

Todos os que me antecederam já aqui falaram da fecunda vida de Luiz Viana Filho como um dos paradigmas mais brilhantes a serem seguidos pelas gerações deste grande País. Aqui foi ressaltada a sua vida política, a sua vida literária de biógrafo, de homem público, e a nós, neste momento, não resta senão ratificar, apoiar e nos solidarizar com todas as palavras que aqui foram ditas, porque todas elas juntas e mais as minhas humildes e apagadas são insignificantes para dizer da vida de Luiz Viana Filho. Cinco vezes deputado federal, duas vezes senador da República, ministro, representante do Brasil na Organização das Nações Unidas, aqui vale ressaltar a sua admirável obra literária, e, neste particular, para não repetir tomo emprestadas todas as citações feitas pelo nobre Senador Humberto Lucena, avivando em nossas memórias as principais obras literárias de Luiz Viana Filho, na variedade da sua forma e na abrangência dos assuntos a que S. Ex^a se debruçara para escrever desde as biografias de ilustres homens públicos, como Nabuco e

o seu conterrâneo Rui Barbosa, até livros técnicos e apreciações modernas da Economia brasileira.

Assim, Sr. Presidente, neste momento, como preito de homenagem, respeito e saudade àquela figura tão simples, tão humilde, de sorriso sempre aberto para seus companheiros e de palavra tão singela para com aqueles que se achegavam à sua convivência humana, não tem medo de exaltá-lo com as palavras de seu conterrâneo, o condoreiro, o poeta Castro Alves, quando dizia que "as águias nascem pequenas, mas quando lhes crescem as penas, sabem bem alto voar". Luiz Viana Filho, não sendo uma "Águia de Haia", como o foi o seu conterrâneo Rui Barbosa, acredito que, mais que uma "águia da Bahia", foi uma "Águia da Inteligência Brasileira".

Era o, que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho.

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO (PMDB — CE.-Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, não poderia eu deixar de falar nesta tarde, sobre Luiz Viana Filho, que acaba de partir.

Sou, entre os senadores desta Casa, um dos que bem conhecem a obra de Luiz Viana Filho. Posso, neste momento, usar da palavra, por lhe conhecer o talento e por ter merecido, ao longo desse convívio no Senado Federal, suas obras devidamente oferecidas. Eu, no entanto, já tinha, já possuía seus livros, já os conhecia e com S. Ex^a até brincava sobre determinados assuntos enfocados nessa ou naquela biografia. Muitas vezes dizia a S. Ex^a: "como pagamento da biografia de Alencar, vou escrever a biografia do biógrafo, que é exatamente a sua". E S. Ex^a ria bastante.

Como relator, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, do seu projeto sobre Direitos Autorais, fiquei conhecendo outra faceta de Luiz Viana, que não está nos seus livros, nem os de História propriamente dita, como o livro sobre a Sabinada, nem no seu estudo, um tanto quanto sociológico, do negro na Bahia; uma faceta que não avuita no seu primeiro trabalho sobre Direito em 1932 e, logicamente, não se destaca na biografia de José de Alencar, de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa, de Machado de Assis.

Na verdade, Luiz Viana, como intelectual, como homem dedicado a ensinar o Direito Internacional, como homem de relações internacionais, tinha um carinho todo especial para com os artistas — artistas que escrevem, artistas que juntam notas musicais, artistas de disco, artistas das partituras ou artistas, como S. Ex^a, na produção intelectual e — por que não dizer — na produção literária. O seu projeto, que teve o meu parecer, apenas com algumas emendas de atualização, guarda uma visão muito moderna a respeito do Direito Autoral. Aquele respeito tão grande pelo que cria; saber que o cidadão que pode criar é aquele que pode administrar o produto de sua inteligência, e por isso Luiz Viana queria livrar o artista de determinadas tutelas estatais, para

evitar, em primeiro lugar, o beneficiamento daqueles que sabem chegar-se ao poder e o esquecimento daqueles que, tendo outra ética, gostam de manter-se à distância dos palácios, dos casarões, das mansões, dos locais onde existem as grandes potencialidades da administração do poder, da aptidão de gerir uma nação.

Luiz Viana tinha essa visão um tanto quanto otimista do Direito Autoral. S. Ex^a acreditava que um Patativa do Assaré, na rudeza do seu talento — talento abrupto, não programado, não preparado, natural, como todas as manifestações de Deus — não precisava de tutela das secretarias de cultura nem de secretarias federais, se podia criar aqueles cantares, se podia lavar aqueles poemas, se podia cantar lá, para que nós cantássemos cá. É claro que Patativa do Assaré tinha como dirigir o seu patrimônio cultural representado pela sua própria obra.

Na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, defendi-lhe o projeto e acrescentei a ele detalhes mais modernizantes, como algumas distinções juridicamente mais modernas, mais adaptadas ao Direito Comparado e à evolução jurídica de todos os povos.

Conversava com S. Ex^a, como todos nós, aqui, o fazíamos, sobre sua história e sua obra, porque a sua obra, essencialmente é história. O seu testemunho, as suas recordações, inclusive as de meninice, quando viu Rui Barbosa na residência de seu pai, e eis que o garoto Viana Filho foi apresentado àquele de quem faria uma biografia irretorquível.

Talvez seja a obra-prima do mestre baiano Luiz Viana Filho a biografia do outro grande baiano— Rui Barbosa, porque, além de conter a biografia propriamente dita, Luiz Viana ali, é um tanto quanto crítico literário, crítico político, e, como fez na biografia de Eça de Queiroz, sempre foi o mestre de localizar a personagem no seu devido tempo, na sua época.

Ler sobre Rui Barbosa através da pena de Luiz Viana é retroceder neste século, é chegar ao século passado, é ir até a Faculdade de Direito, encontrar Joaquim Nabuco, encontrar Castro Alves, encontrar Rui Barbosa e compreender aqueles tempos românticos para poder, assim, dar conta dos fatos memoráveis da vida do grande brasileiro Rui Barbosa.

Luiz Viana Filho, Sr. Presidente, Srs. Senadores, deixa uma lacuna enorme nesta Casa. Do Congresso Nacional era a presença que se fazia respeitável, não apenas pelas caminhadas no mundo da política, pelas posições nas lides partidárias, como, mas acima de tudo, pelo nome feito no Brasil e na Europa.

Devo confessar a V. Ex^a que, nesta minha mania de bibliófilo, sempre tive o cuidado de guardar as edições brasileiras de Luiz Viana Filho, e, ao lado de cada uma delas, pôr as belas edições portuguesas, com larga circulação na Europa. Era um intelectual de pleno destaque no Brasil e em Portugal, e suas obras tinham circulação onde quer que se falasse a nossa língua, o nosso idioma, a língua portuguesa, ou onde houvesse brasileiros ávidos de captar os valores nacionais.

Luiz Viana Filho, dizia eu, deixa uma lacuna enorme, porque, no Congresso Nacional, era, como Afonso Arinos e alguns outros, aquela presença forte, aquela presença cultural, aquela presença marcante, mostrando aos que estão do lado de fora que aqui também existem os grandes talentos e que a política não é imprópria aos intelectuais, aos filósofos, aos filosofistas, aos contadores de história, aos fazedores/de arte, enfim, chegam ao Congresso Nacional aqueles que representam, dentro da sociedade brasileira as suas expressões maiores. E, nesse universo de expressões, eis que paira Luiz Viana Filho acima de tudo, com a sua respeitável obra escrita e com a sua respeitável obra, acima de tudo de administrador.

Eu o conheci como Governador da Bahia. Estava em Salvador, a serviço jornalístico, em um congresso de nossa categoria, quando, e determinado dia, o Governador daquele estado dever-nos-ia receber. Era exatamente Luiz Viana Filho, que nos parecia de uma grande simplicidade, naquela ocasião. Era um homem simples, a conversar temas da imprensa, com os quais tanto se tocava, pela natureza do seu trabalho desenvolvido.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, quero também destacar o ângulo da lealdade.

Luiz Viana Filho escreveu sobre Rui Barbosa, movido, acima de tudo, por um sentimento de administração que não prejudicou o analista. Quando escreveu sobre o Governo de Castello Branco, o fez como testemunha privilegiada e com o cuidado de deixar para a História uma visão mais clara, uma visão que considerava justa sobre um Governo que adotou medidas absolutamente extremadas, medidas duras, medidas de cassação, medidas que tomaram, por exemplo, no meu estado, da vida pública pessoas da maior expressão, quer na política, quer na medicina, quer no direito, pessoas que foram cassadas porque não concordavam, naquele momento, com os caminhos da Revolução de 1964, principalmente com a sua parte doutrinária,

Luiz Viana Filho cuidou de preparar uma versão onde o Presidente Humberto de Alencar Castello Branco aparecesse não como o homem do cada-falso, não como o executor, que não aparecesse como o carrasco, ou como uma pessoa injusta, mas como o agente de determinado momento histórico a que o Brasil teria sido inevitavelmente levado. E ele adocica a figura de Castello Branco, ele protege a figura impoluta do primeiro Presidente do período revolucionário, ele como que retoca, ele como que aperfeiçoou a imagem e tira aquelas rudezas, aqueles aspectos mais duros e irresistivelmente condenáveis pela opinião histórica da pátria.

A sua lealdade também se manifestava em âmbito partidário. Mas a maior expressão dela viria através do amor dedicado à sua terra, inclusive no cuidado cultural com a sua terra, a doação de uma biblioteca à sua terra, passar para o governo do seu estado um acervo cultural da maior expressão e que a ele pertencia. E ele acreditava, como o seu conterrâneo Castro Alves: "E o livro, caindo n'alma, é germe que faz a palma, é vento que faz o mar".

Figura extraordinária, esta que acabamos de perder no Senado da República. Hoje nos falta na plenitude do plenário desta Casa, e falta um homem que viveu suficientemente para deixar uma imagem grandiosa. Cumpru muito bem os seus 82 anos de idade. Deu plena dignidade, atuando em setores os mais nobres. Foi advogado, foi professor, foi político, foi escritor; e, como escritor, foi um sociólogo, foi historiador; como historiador, especificamente, foi um biógrafo, foi o analista, foi o crítico literário, pois não há nada que tenha escrito que possa mostrar a fuga do crítico literário que irresistivelmente ele foi. Conversávamos bastante, em todas as oportunidades. Há poucos dias, eu passava para a mão de Luiz Viana Filho o "Guia dos Sebos do Brasil". Ele gostava de visitar livrarias onde pudesse encontrar obras esgotadas, praticamente impossíveis de serem achadas.

E na sua biblioteca estava faltando, por exemplo, o "Diário Secreto", de Humberto de Campos: uma falha imperdoável que o nosso Luiz Viana Filho não dispusesse do "Diário Secreto", de Humberto de Campos. Quando o critiquei pela desídia em guardar essa obra, que é das mais importantes da nossa Literatura, ele dizia: — "Devo ter tido e devo ter dado". Quando vamos chegando nessa idade, já temos dado muitos dos nossos livros. É aquele prazer mais de ofertar do que de guardar".

Ele estava com a necessidade de, outra vez, tocar-se com as memórias amargas de Humberto de Campos. Ali é um documentário de um largo período da literatura brasileira. Ali aparece Rui, o seu biografado, fazendo a conferência de quatro horas para garotos do curso primário. Ali aparece um Coelho Neto com a face terrível, a face da decadência, depois da morte de seu filho Mano e da morte de sua mulher Gabi. Ali aparece um Viriato Corrêa plenamente tornado caricatura deteriorado nessa imagem de Humberto de Campos. Ali, enfim, aparece Euclides da Cunha, cuja memória vem miseravelmente sendo insultada em uma novela de televisão. O drama de Euclides é tratado com certa rudeza, e isso, de acordo com os depoimentos captados por Humberto de Campos, nos primeiros momentos do seu "Diário".

Luiz Viana Filho era esse homem que conhecia a Literatura em várias línguas, mas que tinha uma grande dedicação pelo escritor nacional. Não era apenas o admirador dos grandes como Nabuco, como Rui, como José de Alencar. Ele era um homem que acompanhava outros intelectuais que, também sendo grandes, não tiveram a mesma projeção. Podia falar da literatura isolada de vários estados, era um homem culto e universal.

Por isso, Srs. Senadores, eu não poderia deixar de trazer o meu depoimento sobre Luiz Viana Filho, na condição primordial de seu leitor, esta é a condição em que eu falo, o leitor de Luiz Viana Filho. Na minha biblioteca há uma estante muito carinhosa, onde estão as obras oferecidas de Luiz Viana Filho, de Afonso Arinos, Aurélio Buarque de Holanda, Paulo Rónai, Vianna Mogg, Rocha Lima e muitos que me distinguiram com as ofertas de suas obras. Se as estantes tivessem olhos, estas poderiam ver outras mais, onde

estão os livros editados por pessoas de minha família: Eduardo Sabóia, da *Padaria Espiritual*, grande movimento literário do Nordeste: Visconde de Sabóia; D. Margarida, minha mãe; Jáder de Carvalho, meu pai; e assim fica aquela ilha de amor filial, aquela ilha de carinho quase que circundando essa estante extraordinária, onde vai permanecer o nosso querido amigo Luiz Viana Filho.

Muito obrigado, Srs. Senadores, pela paciência de me escutarem.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Sufuagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Pompeu de Sousa, para encaminhar a votação.

O SR. POMPEU DE SOUSA (PSDB — DF) — Sr. Presidente e Srs. Senadores, Luiz Viana Filho já foi tão exaltado, e com tanto talento, por alguns dos Srs. Senadores que me antecederam nesta triste missão de tecer uma coroa de louros para essa figura que não se immortalizou apenas como político, mas como homem do espírito criador e, sobretudo, do espírito crítico, do espírito investigador das realidades sociais e das criações da palavra, que, Sr. Presidente e Srs. Senadores, vou ser breve e apenas falar do amigo Luiz Viana Filho. Amigo de cerca de 50 anos, sobre cuja morte não gostaria de falar. Gostaria de falar sobre qualquer outro assunto referente a Luiz Viana, menos sobre sua morte, que hoje me surpreendeu brutalmente quando ouvi, ao amanhecer, as primeiras notícias dos jornais televisivos.

Quando o conheci, Luiz Viana Filho já era uma figura notável de escritor, de biógrafo, de estudioso da nossa Literatura, de crítico no mais alto sentido da palavra e que, até um pouco por herança familiar, se tornara o homem público que todos nós admiramos.

Numa determinada fase da minha vida, tive oportunidade de conviver com ele bastante. Foi na fase em que, no Rió de Janeiro, dirigia o jornal *Diário Carioca*; antes mesmo, aliás, era eu ainda chefe de redação e Luiz Viana, um freqüentador diário da casa de J.E. de Macedo Soares, o fundador do jornal, nosso mestre e, a meu ver, até hoje o mais admirável articulista de jornal, o mais admirável escritor de artigo político de jornal.

A casa de J.E. de Macedo Soares, de manhã, era uma espécie de logradouro público dos políticos de mais notoriedade na época.

E quando, depois de ter feito o jornal pela noite adentro, pela madrugada adentro, depois de ter dormido boa parte da minha manhã, voltava eu ao trabalho, passava invariavelmente pela casa, aliás o apartamento de Macedo Soares, a quem chamávamos de Senador. Mantivemos-lhe o apelido de Senador para o resto da vida, embora não o fosse mais, porém mantivemo-lo como se fosse o próprio nome, mesmo, na intimidade, quem de nós (poucos, aliás) o chamasse de "você", chama-lo-ia sempre, invariavelmente, de Senador. Porque Senador ele o era no dia 10 de novembro de 1937, quando o golpe de estado — do Estado Novo — mais uma das múltiplas traições que o poder autoritário tem cometido contra a democracia no Brasil — cassou-lhe o mandato. E nós lhe mantivemos o mandato até à morte.

Mas, na casa de J.E. de Macedo Soares, aliás, um apartamento, modesto apartamento na praia do Flamengo, esquina da rua Buarque de Macedo — toda manhã havia uma espécie de "senadinho", vamos dizer assim, em que grandes figuras de então comentavam os assuntos publicamente incommentáveis, porque não podia a ditadura permitir que transpusessem as páginas dos jornais para chegar à opinião pública.

Passava eu quase que diariamente por lá e sempre lá estava o nosso Luiz, como o chamávamos — com aquela visão ao mesmo tempo aguda e percuciente, que ele trazia do trabalho intelectual para a visão do fenômeno político, e, ao mesmo tempo que aguda e percuciente, firme e serena — a analisar e a discutir os acontecimentos.

Era eu o benjamim da turma. Em 38/39, tinha eu 23 anos de idade. Aliás, o Luiz era mais velho do que eu, creio, 8 ou 9 anos; devia estar com 82, 83 anos agora.

Essas conversas, nós as tivemos todas essas manhãs de todos os dias — pelo menos de todos os dias úteis, de vez que, naquele tempo, os matutinos não circulavam às segundas-feiras e, portanto, domingo não se trabalhava — com Luiz Viana, que é uma figura que vive até hoje na minha memória, no meu carinho e na minha admiração.

Assim continuamos desde os meus 23 anos — seriam, portanto, os 31 ou 32 dele; por aí assim -- até agora, não convivendo mais com a mesma freqüência, vendo-nos, às vezes, por períodos muito longos e, ao mesmo tempo, desvendo-nos também por períodos igualmente longos. Vim novamente a conviver aqui com ele, não tão intensamente como queria, porque, Sr, Presidente, aprisionado nessa cadeira que, neste momento, V. Ex^a ocupa, e ele aqui, desfrutando deste Plenário que eu raramente posso desfrutar, e aqui mantivemos a mesma amenidade no contato e no comentário das coisas.

Houve apenas, em nossa vida, um breve instante em que os acontecimentos políticos nos separaram. Foi no contexto de mais um golpe militar contra a democracia neste País. No contexto do que hoje se chama de Revolução de 64 — e me recuso a chamar revolução, porque sociologicamente foi uma contra-revolução — quando ele, até por afinidade de natureza intelectual, se tornou Chefe da Casa Civil do meu conterrâneo Humberto Castello Branco.

Mas, mesmo nessa ocasião, tivemos um acontecimento em que convivemos de maneira inteiramente imprevisível. Foi quando Charles Marie De Gaulle, aquela figura absolutamente inesquecível, vindo ao Brasil, ainda a convite do Governo anterior — de vez que fora ainda o Governo deposto pelo golpe de 64 que o havia convidado — aqui chegou carregado de malquerença pelos golpistas. Uma das formas de manifestar essa malquerença foi, de bordo da belonave em que viajava, demandando o porto do Rio de Janeiro — porque Charles De Gaulle não podia vir num prosaico avião, tinha que

vir numa belonave, era uma figura essencialmente monumental, tinha que vir numa belonave, já era uma estátua em vida — de bordo da belonave, repito, e através do *Qual d'Orsay* fez saber ao Itamaraty que queria fazer um discurso no Brasil, mas fazia questão de que esse discurso fosse feito no *campus* da Universidade de Brasília. Era uma agressão ao poder arbitrário do golpe militar, porque certamente De Gaulle sabia que a Universidade estava sob intervenção e que travávamos uma luta de contestação, não só à intervenção como ao próprio golpe militar. A luta contra essa intervenção, pouco depois, resultou na minha demissão e na de 15 outros companheiros igualmente professores, solidários com os quais se demitiram 210 colegas, o que determinou uma demissão coletiva de 225 companheiros. Foi um episódio absolutamente único na nossa História em que praticamente toda uma comunidade saiu junta como protesto contra a arbitrariedade, contra as forças cegas do obscurantismo. Episódio de que muito nos orgulhamos todos nós, da UnB.

Lamento não estar presente hoje o meu querido amigo Senador Jarbas Passarinho, porque imediatamente ele levantaria aquele microfone e protestaria contra o "obscurantismo" e a "arbitrariedade". Contra o obscurantismo, não: em defesa do que chamo de obscurantismo e do que chamo de arbitrariedade.

Aconteceu, então, uma coisa realmente curiosa: o Presidente Castello Branco chamou o seu Chefe da Casa Civil e disse-lhe que era preciso atender ao Presidente De Gaulle. Mas como, na Universidade de Brasília, que está num estado de sublevação?

Zeferino Vaz era então o nosso Reitor *pro tempore*, por um desses acontecimentos, desses milagres brasileiros que só no Brasil acontecem! Zeferino tinha criado em São Paulo, em Ribeirão Preto, uma Faculdade de Medicina que era modelo de renovação', uma Faculdade de Medicina sem nada do tradicionalismo: era um renovador. Essa Faculdade nos impressionara, profundamente, a nós fundadores da Universidade de Brasília. Portanto, já havíamos convidado Zeferino Vaz para, quando da criação da nossa Faculdade de Ciências Médicas, vir dirigi-la. Ora, eis que vem a revolução, a chamada revolução, o golpe militar, a intervenção, ocasião em que é demitido, primeiro, o nosso reitor, que era Anísio Teixeira, aquela figura realmente imortal que eu jamais deixarei de cultuar, vez que Darcy Ribeiro, o reitor anterior e depois Chefe da Casa Civil de João Goulart e, quando houve o golpe, tinha tido também que fugir do País. Zeferino Vaz apoiava politicamente Adhemar de Barros; era uma figura realmente múltipla, era aquele renovador de universidades como a Unicamp, depois confirmaria — e politicamente um adhemarista. Uma coisa curiosa, realmente! Adhemar de Barros tinha sido um dos três donos civis do golpe militar — porque, no Rio, foi o meu colega e também amigo Carlos Lacerda, com quem me desentendi nessa época (ele ficou do outro lado), em Minas, foi Magalhães Pinto e, em São Paulo, foi Adhemar de Barros que compuseram o triunvirato que cometeu esse mal, esse atentado

absolutamente irresgatável de culpas — coitados os três, que não tinham essa intenção — no qual mergulhou o nosso País por quase 30 anos.

E, então, nesse contexto, eis que designam interventor, nomeiam interventor na Universidade de Brasília justamente o homem que vinha trabalhar conosco, dirigir a área de ciências da saúde. Então, aconteceu, realmente, a conivência, a cumplicidade conosco.- Ele procurou, de todas as maneiras, salvar a universidade e daí o fato de termos sobrevivido até outubro de 1965. Sobrevivemos, realmente, mais de um ano.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, Luiz Viana Filho era o Chefe da Casa Civil do Presidente Castello Branco, e o Presidente Castello Branco, então, chamou Luiz Viana para expor o impasse que se havia criado. Como resolver esse impasse? Luiz Viana chamou Zeferino Vaz, que, mais uma vez foi à sede do Poder, onde ele era freqüentemente chamado, ora pela área civil, portanto, pelo próprio Luiz Viana Filho, ora pela área de segurança. E, ao voltar à Universidade, ele — como eu vivia dizendo — mantinha uma cumplicidade entre o poder arbitrário e a universidade perseguida. Assim exercia Zeferino Vaz um papel de agente duplo, porque, junto ao poder, ele era da revolução, junto a nós ele era da Universidade. Procurava defender a universidade contra a revolução. Realmente, ele conseguiu um milagre, fazendo com que a universidade sobrevivesse mais de um ano.

Zeferino Vaz, que ao voltar dessas visitas à sede do Poder me confienciava todas as exigências que eram feitas, inclusive as de demitir professor fulano, demitir professor beltrano, o que nos causava uma revolta, que acabamos, em certa altura, a dizer: "chega, não admitimos mais demissão nenhuma*"; e, inclusive, uma das ordens mais freqüentes que ele recebia era a de demitir o Professor Pompeu de Sousa, por ele contestada: "Não, esse não posso demitir, porque ele lidera os estudantes e a sua demissão vai criar realmente um grande tumulto, uma grande manifestação, uma verdadeira sublevação na comunidade universitária".

Então, Luiz Viana Filho chama o Zeferino Vaz, relatando-lhe o problema. E ele diz: "Olha, só há uma solução: vou encarregar o Professor Pompeu de ser o coordenador da recepção ao Presidente De Gaulle, na Universidade. Acontece que o Professor Pompeu é réu em IPM, embora seja a pessoa que possa ser o pára-choque para resolver o problema".

E assim aconteceu. Ele veio, relatou o que aconteceu a mim e disse: "Pompeu, tive que te pôr no fogo". E aconteceu uma coisa espantosa: foi nomeada uma comissão tríplice para recepcionar o Presidente Charles De Gaulle. A comissão, por ato do Governo, era composta do próprio Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o nosso Luiz Viana, do Prefeito de Brasília, Plínio Cantanhede, uma excelente figura — porque até os golpes militares, às vezes, trazem excelentes figuras, sobrenadam, no meio dos desejos dos golpes militares, excelentes figuras, como, além de Luiz Viana, Plínio

Castanhede e o terceiro membro da comissão era um professor, réu de IPM, chamado Pompeu de Sousa.

Reuníamo-nos, para preparar a recepção no próprio Gabinete de Luiz Viana, no Palácio do Planalto, onde eu nunca mais pusera os pés, mas aonde ia só por causa dessas reuniões.

Aconteceu o seguinte: no momento em que Charles De Gaulle chegou ao Rio de Janeiro, os outros dois integrantes da comissão, Luiz Viana e Plínio Castanhede, tiveram que ir recebê-lo. O recipiendário, como diria, o anfitrião do Presidente De Gaulle foi o que representou todos três, que era eu. Dai por diante, fiquei com plenos poderes durante uns dois dias para articular tudo.

Estou contando tudo isso por quê? — Porque velho quando começa a falar, discorrendo sobre um fato de que ele próprio se tornou personagem ou testemunha, não acaba mais de contar a história.

. A história seria muito longa. Contar, por exemplo, o episódio do De Gaulle — não sei se já contei em alguma ocasião aqui —, o do seu discurso, quando Sua Excelência, depois de saudado pelo Zeferino Vaz que era o nosso reitor, meteu no bolso do dólma aquela mão imensa que ele tinha, apanhou um texto de discurso dobrado em quatro, desdobrou-o e começou a proferi-lo com aquela ênfase, aquela veemência que tinha. Era no *campus*. Realmente, era na praça, era uma espécie de comício, estava lá toda a estudantada. E foi De Gaulle cada vez mais se entusiasmando, se empolgando, e, resolvendo proferir o resto do discurso de improviso, dobrou, cuidadosamente, aqueles papéis, colocando-os no bolso e continuou o restante do seu pronunciamento de "improviso"; o texto exato do seu discurso, previamente mimeografado, já em meu poder. Era uma memória espantosa, Charles De Gaulle.

Bem, mas estou falando de Luiz Viana Filho e não de Charles De Gaulle. Estou contando estas amenidades até para me descomover um pouco da morte de Luiz Viana. Porque foi uma emoção esta manhã muito profunda.

Quero registrar esta saudade entre as muitas selecionadas que terei pelo resto de minha vida — a de Luiz Viana — ao mesmo tempo em que quero, daqui desta tribuna, que ele tanto honrou por toda a vida, transmitir a Dona Juju, minha amiga e de minha mulher, uma saudação muito cordial, no mesmo sofrimento e na mesma saudade, dizendo-lhe que nós, daqui por diante, tal como ela, conviveremos sempre com a memória de Luiz Viana Filho.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Aureo Mello e, logo depois, a concederei ao Senador Afonso Arinos.

O SR. AUREO MELLO (PMDB —AM) —Sr. Presidente, Srs. Senadores, quero associar as minhas palavras ao pesar e às palavras de todos aqueles que já expressaram aqui a saudade imorredoura pelo passamento de Luiz Viana.

Luiz Viana era um cidadão que fazia parte, de fato, desta Pátria, e no cenário político brasileiro, era um modelo de urbanidade que nos acostumamos a apreciar, neste Senado, encontrando da parte dele a simpatia, os ensinamentos e a grandeza espiritual que o caracterizavam.

Quando dos seus oitenta anos, tivemos o ensejo de saudá-lo também, entre muitos que, aqui, usaram da palavra, para lhe manifestar tributo de admiração.

.. Quando apresentei projeto de lei, como deputado federal, mandando sepultar as cabeças de Lampião, Maria Bonita, Corisco e outros cangaceiros, expostos no Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, mantido (o projeto) durante algum tempo nas gavetas das Comissões Técnicas, e depois arquivado, quando já fora do mandato este representante do Amazonas, Luiz Viana, através de um ato no seu governo estadual, determinou aquele sepultamento, originário de apelo que me foi feito pelos descendentes dos referidos cangaceiros, obedecendo, assim, as normas de humanidade. Aquelas cabeças, que estavam expostas no Instituto Nina Rodrigues eram um atentado à própria integridade moral do Estado da Bahia e de todo o Brasil.

Saúdo, portanto, espiritualmente, a mais essa alma de luz que se evola na direção do firmamento e deixo aqui traduzido, em nome do Estado do Amazonas, pesar profundo pelo seu passamento.

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Concedo a palavra ao nobre Senador Afonso Arinos.

O SR. AFONSO ARINOS (PSDB — RJ) — Sr. Presidente, meus preza, dos colegas, lamento que, ao cabo de uma ausência bastante tonga deste plenário, a qual fui levado por motivos de saúde, tenha a tristeza de utilizar a palavra na triste saudação, no sincero elogio, na profunda dedicação deste discurso à memória de Luiz Viana.

Fomos, Sr. Presidente, velhos amigos. Depois de mim, creio ser Luiz Viana o mais idoso dos nossos companheiros de Senado; mais moço do que eu. Companheiros fomos em muitas épocas e em diferentes espaços da atividade política e intelectual.

Lembro-me, criança ainda, na minha terra de Minas Gerais, no meu Belo Horizonte, quando se falava no pai dele, o Governador Luiz Viana, Governador da Bahia, que teve um encontro com o então Presidente de Minas Gerais — não se chamavam ainda governadores, o nome era presidente dos estados — naquela época em que havia dificuldade em questões relativas à navegação do rio São Francisco, e que o Presidente Luiz Viana veio da Bahia para se encontrar com o Presidente de Minas — que eu não me animo a dizer exatamente quem era, mas era qualquer coisa da época antes de Wenceslau Braz na Presidência da República — para normalizarem a situação de interesses e de ressentimentos que haveria entre um estado e outro, sobre a navegação do São Francisco. Lembro, portanto, do pai dele.

Luiz Viana, para marcar o grau simbólico de finuras e de sensibilidade da sua alma, do seu espírito, do seu caráter, da sua vida, nasceu em Paris. O fato de ter nascido em Paris é uma espécie de prodigiosa antecipação, de revelação quase de cartomante da vida, para o que ele viria a ser depois. Conheci cedo Luiz Viana, Sr. Presidente, que era mais moço do que eu, como já disse, dois anos. Todos que estão aqui presentes, são crianças perto de mim, mesmo aqueles que ostentam galhardamente e, às vezes, supostamente suas alvas câs, no sentido clássico, português. Não esqueçamos que o português clássico dizia, por exemplo, Diogo, o Cão, por Diogo, o Velho.

Mas, Sr. Presidente, foi para mim um motivo pessoal! de sofrimento, quando eu soube, hoje, pela manhã, do falecimento de Luiz Viana. Senti qualquer coisa do meu próprio destino, do meu próprio passado, da minha própria vida, que, de repente, se encontrava na treva. As preferências que S. Ex- revelou na sua carreira de homem de letras, também, de certa maneira, se fizeram sentir na minha. Tivemos, sempre, interesse biográfico. Eu escrevi, por exemplo, a biografia de meu pai, depois escrevi a biografia de Rodrigues Alves, sempre me interessaram os livros biográficos e isso sempre interessou a Luiz Viana. Sempre nos interessaram as biografias de personalidades eminentes, de grandes figuras da vida brasileira. Lembro-me de que Luiz Viana escreveu sobre Nabuco, sobre Rio Branco, sobre Machado de Assis, sobre Rui Barbosa.

Então, esta marca da atração era nele, diria que, modestamente, comparável à que eu tinha, de transformar em matéria de meditação, em matéria de elaboração mental, quase poética, a vida das grandes personalidades que nos cercam, porque é através do distanciamento que o espírito coloca as personalidades próximas, que podemos realmente realçá-las nas verdadeiras dimensões.

E muito difícil quando queremos fazer a biografia de uma grande figura que é nosso contemporâneo. Então, esse distanciamento só se pode formular, só se pode realizar, só se pode executar, só se pode sublimar através das letras, através da criação artística, para que se consigne evidentemente, transformar uma proximidade numa distância, transformar uma presença excessiva numa espécie de ausência grandiosa. Isso é que faz o encanto dos biógrafos dos homens públicos. Essa capacidade de não distanciamento pelo tempo, mas de aproximação pela glória.

Foi o que Luiz Viana Filho fez dos personagens que sintetizou, que criou, com mais talento, com mais veia, com mais força do que eu. Enfim, aquilo que sintetizou realmente a essência da sua intenção, foi fazer com que a distância da vida não pudesse criar dificuldades à distância do tempo. E Luiz Viana fez isso magistralmente. S. Ex^a fez isso com Nabuco. Nabuco é o mais difícil dos personagens a ser retratado. Conheço a vida de Nabuco, até vou dizer uma coisa muito pessoal aqui: o nome do Instituto Joaquim Nabuco foi dado por mim. Eu estava fazendo o projeto de lei quando se

criou o Instituto Joaquim Nabuco, e eu lhe dei o nome, porque o meu querido mestre, mestre de muitos de nós, da nossa geração, Gilberto Freyre, tinha, assim, uma certa esperança de ser posto em comparação com Nabuco, na sua obra, "Casa Grande e Senzala", a sua grande obra de sociólogo. Então Gilberto Freyre sabia que havia possibilidade em torno do instituto que ia se criar — eu digo aqui muito reservadamente para que ninguém se lembre disso, que aquela lei fui eu que fiz, eu é que redigi aquele projeto de lei. Então denominei Instituto Joaquim Nabuco, para que se resguardasse da invasão inopinada do Instituto Gilberto Freyre, que viria depois. Com todas as galas e honrarias, louçanias da glória. Esse instituto veio depois, já, com o nome do grande sociólogo: a Fundação Gilberto Freyre. Eu lembrava que poderíamos fazer qualquer coisa com os homens da dimensão de Luiz Viana Filho. Eu não sei se não seria interessante para o Senado imaginar qualquer coisa com o seu nome, aqui mesmo na nossa Casa, no nosso plenário, que, S. Ex^a honrou, dignificou, abrilhantou, pela sua vida, pela sua obra. Quem sabe se o Senado poderia criar qualquer coisa que tivesse o nome de Luiz Viana.

Sr. Presidente, eu gostaria de lembrar, ainda, outras coisas que nos aproximaram. Fomos, juntos, eleitos deputados federais. Esses cavalheiros respeitabilíssimos, de cabeças brancas, que estão diante de mim, ficarão espantados quando eu disser que isso se deu no remoto ano de 1946. Eram crianças. Os três que me estão ouvindo ainda eram crianças. E eu me elegia deputado federal juntamente com Luiz Viana, no mesmo ano. Tive a extraordinária satisfação de ocupar-me com alguns deputados baianos daquela época, cujos nomes relembro: Aliomar Baleeiro, Nestor Duarte e Octávio Mangabeira. Octávio Mangabeira, foi uma das maiores figuras baianas. Dêem-me a resposta aqui se é ou não verdade que Octávio Mangabeira foi uma das maiores figuras da Bahia? Octávio Mangabeira não lia, falava; lia pouco. Quem lia muito era João Mangabeira, seu irmão e também grande homem. Octávio falava muito, mas lia pouco. Eu era líder, imaginam, eu Líder de Octávio Mangabeira, pois eu era Líder da UDN; Octávio Mangabeira chegava lá em casa, ele que tinha uma pronúncia muito escandida, e me dizia, assim, com as mãos nas costas, olhando para minha biblioteca: "Político com livros, estamos perdidos; quem tinha mais livros foi o pior político, e chamava-se Rui Barbosa". Lembro-me de Octávio Mangabeira a me dizer isto. Lembro-me de Luiz Viana comigo, com Aliomar Baleeiro, com Nestor Duarte. Admirávamos Octávio Mangabeira, mas ríamos dessa inopinada declaração, de que quem tinha mais livros foi o pior político. De certa maneira, terá sido, se tivermos uma intenção mais representativa, mais interpretativa da História da República. Nós teremos, talvez, uma certa impressão de que Octávio Mangabeira tinha razão. Rui Barbosa foi o maior dos homens, entretanto, foi um dos piores políticos.

Luiz Viana sabia todas essas coisas; S. Ex^a conhecia tudo, S. Ex^a penetrava tudo, S. Ex^a se interessava por tudo, e isso debaixo de uma fleuma britânica.

S. Ex^a era nascido em Paris, todos os meus companheiros sabem disso. Nasceu numa atmosfera que mais tarde veio a sobreviver a todas aquelas reminiscências culturais que fizeram a vida dele. Tomei algumas notas aqui, que eu gostaria de aproveitar.

S. Ex^a tinha coisas extraordinárias, como, por exemplo, esta que eu digo reservadamente aos baianos, para que não se lancem numa procura furiosa do que eu vou dizer. Luiz Viana tinha uma estante que pertencera a Castro Alves, sabiam disso? Tinha uma estante de livros de Castro Alves, na sua casa na Bahia," as primeiras edições dos livros, e a estante que pertenceu a Castro Alves; estante onde Castro Alves tinha livros. Isso é de uma importância singular. Eu não sei se o Senado não podia ficar pensando em coisas a respeito dessa estante, tirá-la do Governo da Bahia e trazer para o Senado essa estante. Está aí o monumento a Luiz Viana: a estante de Castro Alves, trazida da casa de Luiz Viana para o Senado Federal.

Sr. Presidente, eu não sei o que estou dizendo, eu estou dizendo coisas que me saem, não da cabeça, mas que saem da alma, que saem do espírito, que saem da lembrança, que saem da memória, que saem da afeição, que saem da admiração, que saem do pesar, que saem da tristeza, que saem do pranto em que eu sinto que estou entrando. A tristeza profunda que me dá a falta desse companheiro da vida inteira, esse amigo da vida inteira, esse mestre da minha vida desde a mocidade,

Luiz Viana, querido amigo, velho companheiro. Eu peço perdão ao Senado por ter sido tão ridículo, dizendo coisas tão banais a respeito de uma memória tão gloriosa. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Divaldo Suruagy) — Depois desse comovente discurso do Mestre de todos, Senador Afonso Arinos, concedo a palavra ao Senador José Agripino e, logo depois, ao Senador Jutahy Magalhães.

O SR. JOSÉ AGRIPINO (PFL —RN) — Sr. Presidente e Srs. Senadores, ao chegar hoje, pela manhã, a esta Casa/ainda sem ter tomado conhecimento da nefasta notícia do falecimento do companheiro, colega e amigo, Senador Luiz Viana, observei as bandeiras da Câmara e do Senado asteadas a meio-paú. Ao entrar no meu gabinete, perguntei o que aquilo significava, e me disseram que havia falecido o Senador Luiz Viana. Para mim, evidentemente, foi um choque, pela convivência amiga que, pessoalmente, tinha com S. Ex^a

E acabando de ouvir as palavras lúcidas do Senador Afonso Arinos, ocorreu-me um fato que é notório neste País: o Senado é tido para a opinião pública do Brasil como a Casa dos eméritos, a mais ilustre das Casas do Congresso Nacional. Esta fama talvez tenha fundamento, porque nesta Casa têm assento figuras como Luiz Viana Filho.

Como aqui dito, foi um brasileiro internacional. Não pelo fato de ter nascido na capital francesa, em Paris, mas pela sua cultura, pela sua vivência, pelos seus serviços prestados dentro e fora do País, um homem de Letras, mas com a experiência política, e fundamentalmente, um homem de equilíbrio e de maturidade.

Convivi mais de perto com o Senador Luiz Viana quando era meu Presidente na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional quando me acostumei a admirá-lo cada vez mais, a cada reunião que acontecia. Homem culto, preparado, moderado, equilibrado, que dignificava esta Casa e que representou, ao longo da sua vida pública, um pedaço da história contemporânea da vida pública brasileira.

Nesta Casa está escrita a História contemporânea da República Federativa do Brasil, pela postura política, pelas atitudes tomadas por muitos dos que aqui têm assento, dentre os quais destaco a figura ímpar de Luiz Viana Filho.

A minha palavra, neste momento, tem o significado de trazer à sua família, na pessoa do seu filho Deputado Luiz Viana Neto, a homenagem do povo potiguar, do povo do Rio Grande do Norte, a quem, dentre outros companheiros, represento, e de manifestar a minha tristeza e o meu sentimento pessoal pela perda do convívio cotidiano, de Luiz Viana Filho, homem que, repito, dignificou a vida pública brasileira.

Foi Deputado Federal, Senador, Governador, Ministro de Estado, e, nesta Casa, com suas atitudes e com seus pronunciamentos, só engrandeceu o seu Estado, a Bahia.

O Rio Grande do Norte, estado nordestino irmão da Bahia, neste momento, pela minha voz, apresenta a mais sincera manifestação de pesar pelo falecimento do colega, companheiro e irmão Luiz Viana Filho.

Durante o discurso do Sr. José Agripino, o Sr. Divaldo Suruagy, 2º Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Iram Saraiva, 1º Vice-Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — Concedo a palavra ao nobre Senador Jutahy Magalhães.

O SR. JUTAHY MAGALHÃES (PSDB — BA. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, há algum tempo, o Senador Luiz Viana Filho, nesta tribuna, referia-se a um ilustre homem público que havia morrido, e iniciava dizendo: "Começa neste instante a iluminar a sua figura o sol da posteridade".

Hoje posso, infelizmente, repetir as suas palavras. Vários foram os oradores que já se referiram à figura de Luiz Viana Filho. Devem ter falado sobre o jornalista, o acadêmico, o biógrafo, o pai de família. E eu tenho que repetir, nesta hora, o que disse há alguns anos, também desta tribuna. Na minha vida pública, apesar de algumas vezes divergindo de Luiz Viana Filho na política baiana e, muitas vezes ao seu lado, posso dizer tranqüilamente que tive o orgulho de ser o Vice-Governador de Luiz Viana Filho.

E procuro, neste instante, rememorar para os Srs. Senadores exatamente esse período, pela figura do político e do Governador Luiz Viana Filho.

Luiz Viana Filho assumiu o Governo do Estado da Bahia num momento difícil. Mas, com a tranqüilidade com que procurava impor as suas atitudes,

com a seriedade com que agiu na vida pública, buscou cercar-se de auxiliares que todos na Bahia reconheciam como expoentes dos diversos setores que compunham a administração pública do nosso Estado.

E começou a realizar um Governo com planejamento que poucos tinham feito antes dele; de executar uma obra na medida das possibilidades do seu Governo, das finanças do Estado; atravessando momentos de agitação, sempre procurou levar democraticamente o Governo, defendendo auxiliares seus que buscavam afastar-se sem a sua aquiescência.

Como Vice-Governador, tive oportunidade de assumir por várias vezes, o exercício da Governança. Nunca, Sr. Presidente, precisei pedir licença ao Governador para assinar todos os atos da administração pública.

Quando assumia, todos os Secretários iam despachar comigo, por ordem dele, certamente. E a administração continuava. Nunca ele desfêz um ato praticado por mim durante os períodos em que o substituí. E, muitas vezes, tomava atitudes de natureza política que não eram favoráveis àqueles que o seguiam. Entretanto, tinha no Governador Luiz Viana, e da parte dele, aquela confiança que nós poderíamos ter com um homem como ele: com a sua educação, com a sua Ihanza de trato, com o seu espírito público, com a sua obediência à Constituição, ao Estado, às leis e, principalmente, à dignidade do homem.

Por isso, nesta hora, posso rememorar, tranqüilamente, esses episódios da vida de Luiz Viana, porque são episódios com os quais convivi. Relembro que num dia, que foi de crise para o País — a doença do Presidente Costa e Silva —, o Governador Luiz Viana estava no Rio e eu, assumindo o Governo, o único telefonema que recebi do Governador foi: "Jutahy, você faça aí o que estiver certo".

Certa feita, aqui, no Senado, quando um Senador procurou, injustamente, atingir — de leve — a figura de Luiz Viana, eu contei episódios como este, mostrando o que era o homem Luiz Viana, o pai de família exemplar. Sei perfeitamente, porque vi, convivi, o que ele representava para sua família, para seus filhos, para seus netos e principalmente para sua esposa.

E nesta convivência diária de chefe de família que procurava cuidar dos seus familiares todos, mas não cuidar no sentido de fisiologismo, mas cuidar como chefe de família, atento às necessidades de sua família, eu pude seguir e olhar esse exemplo que ele dava a todos nós que éramos seus companheiros.

Na política, como já disse, muitas vezes tive que divergir de posições locais, mas sem perder a ligação, não digo filial, mas a ligação fraternal, como irmão mais velho, a quem procurava muitas vezes para ouvi-lo e seguir as suas idéias, ver os seus exemplos e acolher os seus conselhos. Eu ia muitas vezes, no final da tarde, conversar com ele. Frequentemente discutíamos sobre problemas que não tinham grande importância, mas, neste meu temperamento, às vezes apressado, de resolver certas coisas ele sempre dizia: "Vamos com calma, com paciência, não tenha pressa e não tome as decisões políticas sem antes amadurecê-las bem".

Muitas vezes, eu seguia este conselho. Procurava ser o primeiro a me decidir, a tomar posições, e dele ouvia conselhos que procurava atender quando possível.

Levei um choque esta manhã ao acordar e saber do falecimento desse homem que tinha ido naturalmente a São Paulo para fazer seus exames. Ele saiu desses exames com o veredito de que estava passando muito bem e nada deveria temer. Talvez até animado com esse resultado, dispôs-se a ir a uma recepção, onde ficou até uma hora da manhã. Às três horas, sentiu-se mal e faleceu.

Veja, Sr. Presidente, a fragilidade do ser humano, veja V. Ex^a o que representa para nós essa dor dos baianos por terem perdido aquele irmão mais velho, aquele tio querido, e, para muitos, o avô.

Iremos, amanhã, levá-lo até a sua sepultura, na companhia de diversos Senadores e Deputados, e lá, ao lado de Dona Juju, renderemos a nossa última homenagem, silenciosa, mas que vem do coração — aquela homenagem comovida de quem admirou o homem público, de quem viu nesse homem público um exemplo para muitos baianos. E, nesta saudade, deste momento, que vivemos aqui, no Senado, eu só poderia dizer e repetir o que Luiz Viária disse: "Começa neste instante a iluminar a sua figura o sol da eternidade".

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — Concedo a palavra ao nobre Senador Ney Maranhão.

O SR. NEY MARANHÃO (PRN — PE. Para encaminhar a votação: Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente e Srs. Senadores, o Brasil perdeu um estadista. E neste instante, eu, começando, em nome do povo pernambucano, a prestar uma homenagem ao Senador Luiz Viana, lembro umas palavras também de um Senador da Bahia, Rui, quando ele dizia: "De tanto triunfar nulidades, de tanto agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem se esquece da honra e tem vergonha de ser honesto".

Estas palavras, Sr. Presidente e Srs. Senadores, candentes, de Rui, o Estadista, o Governador, o Deputado Federal, o Senador Luiz Viana perseguiu na sua vida toda, dando o exemplo de homem público, dando exemplo de responsabilidade pela moralidade da coisa pública e da administração deste País.

Conheci o Deputado Luiz Viana Filho nos idos de 1954, quando, coincidentemente, fui eleito Deputado Federal na legendária sigla do Partido Libertador, cujo Presidente era o Dr. Raul Pilla. Encontrei na Câmara dos Deputados Nestor Duarte, Coelho de Souza, Luiz Viana Filho e, por Pernambuco, o Senador Novaes Filho.

Naquela época, havia a famosa banda de música da UDN, homens da estatura de Octávio Mangabeira, Prado Kelly, Afonso Arinos, Adauto Lúcio Cardoso e tantos outros.

O Senador Luiz Viana, Deputado Federal, à época, como disse o Senador Jutahy Magalhães, era um homem calmo, um homem que se impunha pelas posições coerentes, pelos exemplos que dava como um Deputado atuante, intransigentemente defensor das coisas públicas e do Nordeste.

Nessa época, Sr. Presidente, eu, Deputado Federal, com 24 anos, e Luiz Viana, também Deputado, colega de Partido, foi um grande professor e um dos homens que me ensinou a vida pública por todos estes anos.

Vou contar um detalhe: há poucos dias, fiz um convite aos Senadores do Nordeste para na minha residência, jantarmos um bode guisado, comida autêntica do nordestino; com queijo, com mel de engenho, como todos conhecemos. Luiz Viana estava em companhia do Senador Jutahy Magalhães, e no apartamento, há muitos objetos do Nordeste porque sou muito regionalista e um quadro, uma pintura famosa da cidade de Olinda, despertou seu interesse. Ele vira-se para mim e diz: "Ney, esse quadro me chamou a atenção". Eu lhe respondo: "Senador, esse quadro, a qualquer hora dessas, chegará à sua casa".

E veja o destino. Ontem, me chega esse quadro e eu o envio ao seu Gabinete, com um cartão, brincando até com ele, quando recebo, de madrugada, essa notícia.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, quero apenas dizer: o Brasil perdeu um líder; o Senado perde um grande professor. E todos nós, hoje, do Óiapoque ao Chuí, os políticos brasileiros, choramos a morte desse grande baiano.

- Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. ;

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — Concedo a palavra ao nobre Senador Mário Covas.

O SR. MÁRIO COVAS (PSDB — SP. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, na última semana, fui convidado a paraninfar uma das turmas que se formavam pela Universidade de Brasília, e a festividade ocorreu exatamente na sexta-feira, à noite, aqui no Auditório Petrônio Portella, no Senado. Lembro-me de que o recém-formado engenheiro, orador da Turma, transmitiu-me, na simplicidade de suas palavras, enorme dose de confiança. Lembro-me que distinguiu com exatidão e traçou um roteiro que, afinal, mesmo para os mais velhos, já se constitui numa enorme lição de vida.

Dizia ele em determinado instante que não importava muito descobrir, em face de certas circunstâncias, onde ou quem era responsável por esse ou aquele acontecimento. O que era fundamental era que se buscasse, dentro de cada um de nós, dentro de cada homem, a força e o vigor necessários para a superação dos obstáculos,

Seria quase uma ousadia inaceitável, uma audácia insustentável, se eu aqui quisesse, tratando da figura de Luiz Viana Filho, fazê-lo sob o ângulo que vários dos que com S. Ex^a tiveram o privilégio e a honra de conviver puderam e podem fazer.

Sem dúvida que eu gostaria de ter sido alguém tendo a escrever no meu currículo a hipótese de ter sido o seu Vice-Governador e ter convidado, com aquele espírito ameno, com aquela figura humana extraordinária, os conflitos que afinal nascem do exercício de qualquer cargo executivo.

Gostaria de deter o conhecimento, a memória, a cultura, enfim, todo esse enorme acervo que se concentra na figura do Senador Afonso Arinos, para trazer o testemunho da figura literária, do intelectual, que se chamava Luiz Viana Filho.

Gostaria de ter podido conviver com ele no Ministério, como fez o Senador Roberto Campos, que certamente terá o testemunho de um sem-número de atitudes por ele sustentadas.

Gostaria de ter vivido, dentro da Universidade de Brasília, cujas invasões assisti, do lado de fora, no instante tão significativo para a vida nacional, como aquele em que Charles De Gaulle aqui nos visitava, como fez o então Professor e hoje Senador Pompeu de Sousa.

Mas, tal qual o jovem que recentemente se formava, as minhas palavras, hoje, se voltam com profunda modéstia e respeito ao homem Luiz Viana Filho. Eu o conheci, antes de conhecê-lo. Cheguei a esta Casa, à Câmara dos Deputados, com 30 anos de idade, depois de beber, durante muito tempo, na leitura dos jornais, no acompanhamento da política, que sempre me fascinou, às grandes figuras deste País. Portanto, cultivar Luiz Viana Filho como alguém cuja trajetória era uma obrigação para quem apreciasse a vida pública deste País é alguma coisa que antecedeu até mesmo ao conhecimento físico da sua figura.

Eu o acompanhei na oposição, quando foi Chefe da Casa Civil, quando foi Ministro da Justiça, mas vim mesmo a conviver com ele num período muito recente e é disso que quero falar — num instante que para mim e para minha família apresentou momentos de profunda emoção, de quase conflito, de extrema dificuldade: quando fui guindado à Liderança do PMDB na Assembléia Nacional Constituinte, coube-me, a ingrata e ingente tarefa de ter que escolher os relatores para as várias comissões temáticas e para suas subcomissões. E, no Capítulo I, uma das Subcomissões tratava exatamente da política internacional, e um dos nomes lembrados para compô-la, pelos inegáveis, extraordinários dotes de que era possuidor, foi a figura de Luiz Viana. As circunstâncias de natureza política, as composições de natureza regional, aquilo que, afinal, antecede às decisões nesses casos, acabaram por obrigar-me a uma indicação diferente daquela.

Não sei se há relação entre os fatos, mas lembro-me que, durante quase dois anos da minha passagem pela Liderança na Constituinte, semanalmente, de forma indisputável, sem nenhuma solução de continuidade, ao chegar ao Gabinete da Liderança, havia um telefonema do Senador Luiz Viana Filho para mim. Não tinha sequer com S. Ex* uma grande intimidade. E a cada telefonema que eu respondia não havia nem tema específico para tratar,

mas eu sentia fluir, pelo telefone, a solidariedade, numa quase desculpa, pelo gesto que eu praticava.

Em um primeiro instante, parece-me que foi isto. Mas, sucessivamente, se renovava, a cada semana a palavra amiga, o conselho, a indagação, cuja resposta era conhecida por antecipação, que S. Ex^a me fazia por telefone. Nunca havia um tema definido para conversarmos, mas S. Ex^a sempre fazia questão, como a tentar lembrar-me: "Olha, há um amigo a sua disposição aqui, que não tem nada a lhe cobrar..." em cada telefonema que eu recebia. Houve instantes mais difíceis. Houve instantes em que fui apresentado como a contrafação de uma facção; houve instantes em que meu nome ganhou manchetes nos jornais como sendo, até alguém que dificultava o normal andamento da Constituinte. Nesses momentos amiudaram-se os telefonemas, abreviaram-se os intervalos; uma solidariedade que se tornava mais flagrante e que nunca teve a necessidade da afirmação para que o sentimento me atingisse de forma anônima.

Em todos esses momentos, eu me lembro do homem; menos do que do político, menos do que do intelectual, menos do que de um homem, cuja biografia a história vai preservar, mas me lembro do ser humano, daquele que é capaz de buscar dentro de si forças para a superação dos obstáculos, mas acima disso, do homem que é capaz de buscar dentro de si força para dar força a quem dela precisa.

Na última semana, caminhava eu numa sessão noturna em companhia do Senador Chagas Rodrigues, íamos daqui para o plenário, e no meio do caminho encontramos o Senador Luiz Viana Filho. E novamente o cumprimento amigo, o afago no próprio falar, a gentileza sempre presente a pergunta interessada, interesse nascido da mesma fonte de solidariedade: "Você vai ser candidato em São Paulo? Se pudesse lhe dar um conselho, lhe diria que sim". Senti, uma vez mais, que era o homem, não o político, era a figura humana portadora de uma enorme energia interior, capaz de transmitir, pelo seu conselho, pela sua solidariedade, o abraço amigo.

Certamente que a mim e aos meus filhos, aos meus netos, o nome de Luiz Viana Filho servirá sempre como um norte, como exemplo de conduta, de dimensão, de vida pública, mas, para mim, em particular, entre todas essas vertentes a que guardarei com especial, com singular saudade será a do ser humano, do ser humano que, sem dizê-lo, foi capaz de afagar, que, sem estender o braço, foi capaz do carinho, que, sem precisar descobrir-se, foi capaz de afirmação, daquele, que, por vias indiretas, por caminhos escondidos, chegava ao íntimo e ao nosso coração.

Não tenho grande — seria até uma heresia se o tentasse — não tenho grande acervo de coincidências históricas na convivência com Luiz Viana Filho.

O Sr. Divaldo Suruagy — Senador Mário Covas, V. Ex^a me permite um aparte?

O SR. MÁRIO COVAS — Pois não.

O Sr. Divaldo Suruagy — Perdoe interrompê-lo, mas eu gostaria de dar, também, o meu depoimento, sobre este brilhante homem público que, o Brasil acaba de perder. Eu diria que, por esta Casa, tanto no Império quanto na República, passaram os maiores estadistas do Brasil. Luiz Viana foi um dos maiores deles.

O SR. MÁRIO COVAS — Fico muito grato ao nobre Senador e, certamente; o aparte de V. Ex.^a enriquece muito a lembrança que, aqui, trago.

Deixo, Sr. Presidente, abatido, da mesma forma que cada um daqueles que tiveram oportunidade de, com S. Ex.^a conviver, a manifestação da minha saudade a alguém que, tendo sido político, "que tendo sido intelectual, foi, sobretudo, um homem. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — Concedo a palavra ao nobre Senador Roberto Campos.

O SR. ROBERTO CAMPOS (PDS — MT. Para encaminhar a votação.) — Sr. Presidentes Srs. Senadores, é com grande emoção que falo de um amigo querido, com quem tive oportunidade de convivência administrativa convivência política e convivência úiterária. .! .< .••

Ainda há pouco tempo, quando completei 72 anos, queixei-me a S. Ex.^a dos achaques da velhice. Luiz Viana me respondeu: basta ter paciência e aprendei* a respeitar a frase de Anatóle France: "Quando envelhecemos" — dizia ele — "têmòs mais dificuldade de levar a taça aos lábios. Mas também' — Roberto — há um consolo, é que se tem menos sede". -' - •

Meu primeiro contato com Luiz Viana foi no início do Governo Castello Branco, estava-se constituindo o gabinete e Castello Branco encarregou-o de procurar-me. Houve vários desencontros telefônicos, até conseguir, alcançar-me, solicitando-me uma vinda imediata a Brasília. Perguntei-lhe: "Mas qual é o motivo?" Respondeu-me: "Tenho a impressão de que o Presidente Castello Branco deseja convidá-lo para Ministro do Planejamento". "Será tempo perdido", disse-lhe eu, "porque já fiz planos para três Governos e o planejamento no Brasil deixou de ser um problema técnico. É essencialmente um problema político. E eu não sou conhecido nem pela facilidade, de manobra política, nem pelas artes, nem pelas qualidades cênicas que caracterizam a profissão. Em todo caso, obedecerei ao chamado do Presidente". E comecei exatamente a ponderar ao Presidente Castello que, se a idéia era convidar-me para o Ministério do Planejamento, eu teria que recusar, porque me considerava um desapontado. Tinha participado do planejamento da Comissão Mista Brasil/Estados Unidos, que deixou um acervo grande de projetos, que ao longo do tempo vieram a ser apenas parcialmente executados. Tinha participado do planejamento do programa de metas do Governo Kubitschek, e do planejamento, este totalmente frustrado, da política econô-

mica do Governo parlamentarista de Tancredo Neves. Acreditava, assim, que uma quarta experiência não me enriqueceria espiritualmente, e talvez até me criasse um complexo de inferioridade. Respondeu-me, então, Castello Branco que, se a minha apreensão era a fidelidade do Chefe do Poder Executivo a um programa de austeridade, para que ele não se tornasse letra morta, eu poderia confiar que dessa feita o esforço vingaria. Disse-me ele: "O Senhor cuide da parte econômica, e, desde que me persuada intelectualmente de que as medidas são corretas, assumirei as responsabilidades políticas do cumprimento e execução". .

Foi através dessa aproximação, então, de Luiz Viana, Filho, que tive meu primeiro diálogo com o Presidente Castello Branco. Luiz Viana assistiu a essa conversa, ao fim da qual passamos a analisar as várias alternativas técnicas de montagem de um esquema de planejamento. Lembro-me que consideramos três hipóteses. Uma delas seria o modelo indiano, no que haveria uma comissão de planejamento chefiada pelo Primeiro-Ministro (no caso brasileiro o equivalente seria o Presidente da República). O órgão Executivo teria a forma de um secretariado, e a figura do Ministro do Planejamento se transformaria na de Secretário Executivo do Conselho de Planejamento." •

Indiquei ao Presidente Castello Branco que esse modelo tinha uma grave dificuldade. Primeiro, o Presidente, na maior parte das vezes, estaria ausente, e, não podendo imputar a responsabilidade direta a nenhum ministro; de ninguém se faria a cobrança do planejado.

Analisamos, a seguir, o modelo francês "Comissariat du Plan", e acabamos concluindo que a fórmula melhor seria realmente instituir-se um Ministério de Coordenação e Planejamento. •

A sistemática a ser adotada não seria a da criação de um superministro. Ali convencionamos — Castello Branco, Luiz Viana, e eu — que o próprio Presidente exerceria a coordenação, da seguinte maneira: — os ministros só despachariam diretamente com o Presidente os assuntos de interesse exclusivo de sua pasta; se a matéria fizesse área de interesse para outros ministérios, os respectivos ministros teriam de assinar conjuntamente a exposição de motivos incluindo-se sempre entre os signatários o Ministro do Planejamento. Em caso de conflito, criar-se-ia um grupo interministerial de trabalho, secretariado sempre pelo Ministro do Planejamento, no exercício de sua função coordenadora, Luiz Viana auxiliou-me nessa articulação, que, na realidade, obteve bastante êxito. Não se criou a figura do superministro e o Executivo exibiu um desempenho razoavelmente coordenado num período difícil da vida brasileira.

Luiz Viana era o Chefe da Casa Civil. Sempre o admirei por duas qualidades: primeira, a enorme tolerância para com pontos de vista divergentes; segunda, a capacidade da boa intriga. Coube-lhe administrar vários conflitos entre personalidades fortes: Lembro-me do conflito que, por provocação de Carlos Lacerda, se estabeleceu entre esse grande líder e o próprio Castello,

Branco. Era um torneio de mal-entendidos. Uma espécie de ensaio de tauromaquia com dois fortes touros na arena, quando o de que realmente precisávamos era um harmonioso balé político e econômico. Coube a Luiz Viana esse difícil trabalho da boa intriga política.

Se me pedissem para enumerar suas qualidades principais, diria que S. Ex^{ya} era uma rara combinação de três predicados: realismo político, intuição econômica e sentido ético. Era basicamente um liberal. Nada o mortificava mais que a palavra "ditadura". A acusação de que o Governo era "ditatorial" o feria muito. Preferia colocar o assunto de outra maneira. O Brasil tinha chegado a uma encruzilhada e cabia-lhe duas opções — ambas autoritárias, de vez que a democracia estava em processo de desagregação: a opção autoritária de centro-direita, ou melhor, conservadora, e a opção autoritária esquerdista. Sabia Luiz, e eu tinha intuição parecida, que os autoritarismos de centro-direita são naturalmente biodegradáveis. Tendem a ter vida muito mais curta que a dos autoritarismos de esquerda. Estes, em geral, não são biodegradáveis. Só neste fim de século, depois de 70 anos de uma sangrenta experiência na União Soviética e mais de 40 anos de opressão frustrante nos regimes socialistas, é que se verificou que também esses autoritarismos podem ter um tardio desenlace democrático.

Chegamos finalmente àquilo que alguns caracterizam como fim da História. Quer dizer, uma aceitação quase universal da democracia como paradigma político e, com menor grau de aceitação, da economia de mercado como estilo econômico. —

Luiz Viana nunca se caracterizou pelo sonho utópico. Apesar de um escritor de notável mérito, nunca foi propriamente um *esteticista*, sobretudo porque era profundamente um animal ético.

Se não me engano, foi Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês existencialista, que diferenciou entre o homem que vive esteticamente, e o homem que vive eticamente. O homem que vive esteticamente prevê possibilidades de satisfação no futuro: o homem que vive eticamente enxerga tarefas por toda a parte. É um mercador de tarefas.

Luiz Viana não foi outra coisa, foi sempre um ansioso buscador de tarefas, muito mais do que um embevecido desfrutador da estética.

Ele prestou inúmeros serviços não só ao País como ao seu torrão riatál, às vezes em conflito comigo, por julgar-me excessivamente tecnocrático.

Lembro-me que, com a ingenuidade do tecnocrata, eu queria que, antes de nos lançarmos na aventura do pólo petroquímico de Camaçari, na Bahia, se esgotassem as possibilidades de ampliação econômica, a custos incrementais baixos, do pólo petroquímico já existente em São Paulo.

Luiz Viana lutou denodadamente em favor do pólo Aratu-Camaçari, alegando razões ponderáveis. Primeiro, o fato de que a Bahia, sendo produtora de petróleo, não merecia ficar na posição submissa de mera fornecedora de matérias-primas para o pólo petroquímico de São Paulo. Usou, em segundo

lugar, o argumento da descentralização econômica, que pareceu a Castello Branco o mais persuasivo. Olhando em retrospecto, ele tinha plena razão. Ampliando-se o parque de São Paulo, ter-se-iam imediatas economias de escala, mas surgiriam depois as deseconomias do congestionamento industrial, inclusive a da poluição concentrada.

Outro aspecto da vida de Luiz Viana que sempre me interessou muito foi sua atividade de escritor e biógrafo. Admirei sobretudo sua formosa biografia de Rui Barbosa, como um ensaio belo, e admirei ainda mais o seu livro sobre Castello Branco, que, a meu ver, é um clássico da recente História brasileira. É um livro escrito, com respeito, porém sem embevecimento, com admiração, porém sem adulação, e num estilo literário marcante, que caracterizou sempre sua produção literária, assim como suas arengas políticas no Congresso.

Nossa paisagem está ficando pobre. Sinto saudades de vários homens que posso considerar de minha geração: Eugênio Gudín, Gilberto Amado, Santiago Dantas. E agora de Luiz Viana. Presto-lhe uma homenagem dolorosamente comovida.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — Em votação o requerimento. Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.) Aprovado.

A Mesa fará cumprir a deliberação do plenário.

O SR. PRESIDENTE (Iram Saraiva) — A Presidência associa-se às manifestações dos Srs. Senadores e também pranteia o passamento do ilustre brasileiro e grande Senador Luiz Viana Filho.

É profundamente lamentável estar presidindo uma sessão onde podemos notar que a cadeira sempre bem defendida por Luiz Viana Filho hoje esteja vazia. Mas quem somos nós para analisar ou sequer criticar os desígnios divinos...

Apenas elevaremos as nossas preces ao Supremo Arquiteto do Universo, para que, como Luiz Viana Filho fez aqui na terra, lá, no alto, ele possa também ser mais uma estrela a iluminar e não deixar apenas o grande legado que nos proporcionou.

COMPARECEM MAIS OS SRS. SENADORES:

Ronaldo Aragão — Olavo Pires — Edison Lobão — Cid Sabóia de Carvalho — Marcondes Gadelha — Marco Maciel — Afonso Arinos — Fernando Henrique Cardoso — Irapuan Costa Júnior — Roberto Campos — Lourenberg Nunes Rocha — Márcio Lacerda — Rachid Saldanha Derzi — José Richa — Jorge Bornhausen.

O SR. JOACI GÓIS (PSDB — BA.¹ Pronuncia o'seuinte discurso.)
Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, ontem a Bahia sepultou, para consternação do Brasil, o decano do Congresso Nacional, o Senador Luiz Viana Filho.

, Do apreço ao cidadão, do conceito do homem público, das virtudes do escritor, da Habilidade do diplomata, da fidelidade do amigo, da versatilidade do jornalista, da competência do professor, da visão do administrador, do chefe de família exemplar, do legislador fecundo, do líder democrático e do cidadão do mundo Luiz Viana Filho falaram representantes dos mais amplos segmentos da sociedade.

Em verdade, Sr. Presidente, Sr^a e Srs. Deputados, líderes sindicais, intelectuais, profissionais liberais, artistas, professoras, políticos, empresários, jornalistas e pessoas do provo, revezaram-se no reconhecimento das qualidades excepcionais do morto insigne. Por isso, não nos move, nesta hora, o propósito de exaltar o que já está consagrado, nem dar relevo ao que já pertence à História. O que queremos destacar é o vazio que se abre em nossa vida social e política com o desaparecimento da maturidade responsável, lúcida e militante de Luiz Viana Filho, ativo, participante e apaixonado pela vida, aos 82 anos, idade em que, regra geral, homens e mulheres, entre nós, recolhem-se a uma postura contemplativa.

É verdadeiramente excepcional o exemplo de dedicação ao trabalho que Luiz Viana Filho nos deixa com sua vida, marcada por uma operosidade que só se interrompeu com a morte súbita, que traiçoeiramente o arrebatou de nosso convívio. Expressão inequívoca da veracidade dessa afirmação reside no fato singular de ter sido Luiz Viana o autor da obra literária mais vasta que o País conhece, paralelamente ao exercício de funções públicas. Agora mesmo edita-se o seu último livro, *A vida de Anísio Teixeira*, ao tempo em que sua liderança se afirmava na área cada vez mais complexa da política baiana. Estado cujas melhores tradições encarnou ao longo de toda a sua existência.

A hipótese de candidatar-se à reeleição era avaliada no cotejo com a certeza de integrar o Conselho da República, criado com a nova Constituição. Enquanto isso, esboçava o projeto de novas biografias, campo em que alcançou notoriedade ímpar.

Quem o ouvisse discorrer, com a serena loquacidade de sempre, sobre pessoas e coisas da Bahia e do Brasil, de um passado próximo ou remoto,

encantava-se de ver a confiança com que se lançava como protagonista nas lides do futuro. Era sedimentada e reflexa a sua convicção de que o passado só vale como fonte de ensinamentos para o agir de amanhã, perspectiva que nunca lhe faltou e que haverá de lhe ter servido como inestimável instrumento na construção de uma saga pontilhada de êxitos.

Como coordenador de nossa bancada baiana, destaquei sempre em Luiz Viana o mais participante dos seus membros, telefonando, consultando, comparecendo, discutindo, reunindo. Sua sensibilidade humana colocava no mesmo plano dos valores relativos as articulações para a nomeação, seja do embaixador para um país do Primeiro Mundo, seja da diretoria da escolinha do 1º Grau num pequeno município do sertão da Bahia.

E a todos esses afazeres da vida; Luiz Viana dedicava-se regradamente, sem pressa, como se dispusesse de todo o tempo do mundo, como se eterna fosse sua agenda.

O conjunto dos fatores que respondem pela grande obra que Luiz Viana edificou e que tem na sua própria vida a sua obra-prima ganhou o relevo que lhe confere dimensão histórica, graças à sensatez, pedra de toque e marca registrada de todas as suas ações. Para dizer numa palavra tudo: Luiz Viana Filho viveu como um sábio! Por isso mesmo continua agora a fase permanente de sua vocação, como conselheiro do céu!

Bem-aventurados os que podem viver como Luiz Viana Filho viveu e morrer assim, tão de repente, como um passarinho voando na direção da luz!

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 8 jun. 1990. Seção í, p; 6729.

PARECER Nº 187, DE 1990
Da Comissão Diretora

Redação final do Projeto de Lei do Senado nº 249, de 1989.

A Comissão Diretora apresenta a redação final do Projeto de Lei do Senado nº 249, de 1989, de autoria do Senador Luiz Viana Filho, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

Sala de Reuniões da Comissão, 7 de junho de 1990. — *Nelson Carneiro*, Presidente — *Antônio Luiz Maya*, Relator — *Divaldo Suruagy* — *Pompeu de Sousa*.

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 9 jun. 1990. Seção II, p. 2951.

O SR. LOURIVALBAPTISTA (PFL — SE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, convidado pela Assembléia Legislativa da Bahia para participar de uma sessão especial comemorativa da abertura do Dia Mundial do Meio Ambiente, em companhia do eminente professor José Silveira, encontrava-me em Salvador no dia 5 do corrente,- quando fui surpreendido, nas primeiras horas da manhã, por um telefonema do meu caro amigo Ângelo Calmon de Sá, com a infausta notícia que entristeceu o País, enlutou a Bahia e comoveu a todos nós; :

Não tive a oportunidade, na terça-feira, de me associar aos sentimentos dos colegas do Senado, que participaram da movimentada sessão daquele dia; em que, ao início da sessão, seriam suspensos os trabalhos por motivo de luto oficial, mas todos aqui queriam externar os seus pesares e os seus sentimentos.

Somente, hoje; Sr. Presidente, mais refeito da emoção e da profunda tristeza de que fui atingido pela notícia do acontecimento e do meu retorno dia 6, de Salvador, onde estive na companhia de tanta gente, conhecida e de desconhecida, de tantos amigos, colegas desta Casa e da Câmara dos Deputados, ocupo esta tribuna para falar um pouco da minha amizade e das saudades que sinto, do meu queridíssimo amigo, companheiro de longos anos, da pessoa que se tornou um dos meus confidentes e conselheiros, coisa que está ficando cada vez mais difícil hoje em dia, sempre o considerei um paradigma, um exemplo de discernimento, conhecimento das coisas e imparcial serenidade.

O Sr. Mauro Benevides — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. LOURIVAL BAPTISTA — Pois não. Ouço o aparte de V. Ex^a eminente Senador Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Lourival Baptista, V. Ex-renova, neste instante, a nossa emoção sempre presente nesta Casa, desde a última segunda-feira, quando chegou a notícia do desaparecimento do extraordinário homem público e Senador padrão que foi Luiz Viana Filho. Naquela ocasião, ocupando a tribuna do Senado como Líder do PMDB em exercício, tive oportunidade de enaltecer as virtudes excepcionais que ornaram a personalidade inconfundível, inolvidável mesmo, de Luiz Viana Filho, o Parlamentar íntegro, o homem de caráter adamantino, o cidadão de vida ilibada que pontificou no cenário público brasileiro durante mais de cinquenta

anos de profícua e fecunda atividade em favor do interesse nacional. No instante em que V. Ex^a velho amigo e companheiro de Luiz Viana Filho, ressalta que o elegeu para seu conselheiro nos momentos das grandes decisões, reitero toda a rainha profunda admiração por Luiz Viana Filho, que, nesta Casa, tantas e seguidas vezes, procurei ouvir para que dele pudesse haurir as lições admiráveis que S. Ex^a permanentemente nos ministrava com seu tirocínio e com sua experiência notáveis. Portanto, eminente Senador Lourival Baptista, V. Ex^a, vindo hoje a esta tribuna para se reportar às homenagens póstumas que a Bahia, compungida, prestou a Luiz Viana Filho, desejo, mais uma vez, render o preito da minha profunda saudade pelo desaparecimento desse companheiro que tive o privilégio de conhecer ainda em 1964, numa amizade, numa estima que se consolidaram com a nossa convivência no Congresso Nacional. Portanto, partilho da emoção de V. Ex^a velho amigo que era de Luiz Viana Filho, e acredito que o saudoso Senador da Bahia está sendo hoje reverenciado pelos contemporâneos e o será, certamente, pelas gerações porvindouras.

O SR. LOURIVAL BAPTISTA — Muito grato a V. Ex^a também meu querido amigo, Senador Mauro Benevides, por seu aparte sincero, partido do coração, que muito enriquece este meu pronunciamento de saudade, de dor, pelo desaparecimento de um dos grandes vultos, da política nacional e nosso velho companheiro, no Senado.

Sei da admiração que S. Ex^a tinha por V. Ex^a e doseu sentimento quando, de certa feita, V. Ex^a não retornou ao Senado. Em seu aparte, V. Ex^a disse tudo que eu poderia ou que ainda vou dizer a respeito do nosso saudoso amigo Luiz Viana.

O Senado Federal, como é de hábito, Sr. Presidente, reserva em sua agenda de trabalhos, uma Sessão Especial de Homenagem aos membros ilustres que deixam para sempre o seu convívio.

Mas gostaria de antecipadamente, ainda sob o eco da memorável e sentida sessão da terça-feira, de cujo relato tive conhecimento, pois o que foi dito neste recinto tanto impressionou quanto emocionou e da repercussão ressoada na imprensa, a grande admiração e a amizade pura e sincera que dedicava aquele que se tornou pela sua vida e pelo seu exemplo um decano dos que lidara na vida pública e dos que têm as grandes preocupações de política, de democracia e de governo, dos que buscam os caminhos e as soluções que requerem o futuro do nosso País.

Não falarei dos inúmeros e importantes cargos que ocupou e da sua vasta e rica, talvez a mais vasta e a mais rica, lista de condecorações de mais alta hierárquica ordens nacionais e estrangeiras. Não quero ater-me a analisar a gloriosa trajetória do homem que chegou aos píncaros da vida pública nacional e se alçou aos limites superiores do respeito e da dignidade de que se tornou merecedor, tendo começado nos idos de 1930 como um estreante jornalista e um aprendiz de política que ainda muito jovem, e devido

a pressa de mudanças, temeridades e destemor, próprios da mocidade e do idealismo dos jovens, foi atingido em sua liberdade pela repressão, por apoiar o movimento constitucionalista de 34 e o retorno do País ao Estado de Direito.

Quero falar aqui da figura humana que era ele, filho de um conselheiro do Império, o Conselheiro Luiz Viana, que foi também Governador, Senador, Presidente do Tribunal de Justiça e Presidente da Assembléia Estadual; nascido em Paris, criado na alta roda da sociedade aristocrática da época, não se desvirtuou de sua vocação popular, do interesse e das preocupações que tinha pelas carências da população e os destinos do seu estado, tanto que houve tempo em que, por exemplo, "visitava, um a um, õs seus eleitores, a pé ou a cavalo, no sertão de São José do Riacho da Casa Nova, na região do São Francisco".

Os noticiosos jornais *A Tarde*, *Tribuna da Bahia*, *Jornal da BaHia*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Diário Popular*, publicaram vários artigos, que solicito sejam incorporados a este meu pronunciamento, alguns deles de autoria dos jornalistas Jorge Calmon, Joaci Góes, Carlos Castelo Branco, Tarciso Holanda, July, Samuel Celestino, José Fonseca Filho, Thalhes de Azevedo, Renato Simões, Jayme Sá Menezes, Junot Silveira, Tereza de Mayo e Patrícia Viana Queirós, o que muito bem expressa sua vida publica, alguns fatos pitorescos de sua longa jornada, e a falta que ele faz como. cidadão, político.e escritor.

Era um homem de aparência austera, sério, discreto, mas profundamente humano, fino e educado. Manteve esta aura de humanismo e serenidade durante toda a sua vida, em todas as ocasiões, por mais difíceis que fossem, numa longa e profícua existência, inteiramente dedicada ao esforço permanente de aperfeiçoamento e utilidade, em resignadas e generosas doses de altruísmo.

Chegou aos 82 anos sem perder a crença no homem e na humanidade, sem perder a fé nos ideais que abraçou, contribuindo vigorosamente para melhorar tudo em que se empenhou: a política, a Bahia e a própria História do Brasil, em seus fatos contemporâneos e até na memória de muitos dos seus maiores vultos, sendo por esta particularidade considerado por alguns de "Príncipe da Biografia".

Teve seus ideais inspirados nas raízes de nossa nacionalidade e na vida dos grandes homens. Desde os bancos escolares até seus últimos dias, foi um pesquisador e um estudioso, e por esta razão, tinha opiniões fundamentadas, e por isto respeitadas.

Um homem preocupado com a busca permanente da verdade, e com este compromisso escreveu uma imensa e valiosa obra, já amplamente consagrada.

Luiz Viana, além de um expoente entre nós, foi um amigo excepcional, um amigo sincero, franco, solidário e confiável.

A minha amizade e convivência com Luiz Viana remonta ao meu ingresso na política há quase meio século. Relembro os tempos de Deputado, Governador — ele modernizando a Bahia e eu com as preocupações e dificuldades de procurar o melhor e o possível para Sergipe, e recorro estes longos anos de Senado, onde ele sempre me distinguiu com a sua confiança, tanto na Presidência, de cuja Mesa participei, quanto na Comissão de Relações Exteriores.

No início de Brasília, na década de 60, distantes de nossas famílias, e ainda sujeitos aos desconfortos e improvisações da época, mas animados com o futuro e o destino desta cidade, eu, Bilac Pinto, Luiz Viana, Paulo Sarazate, Antônio Carlos Magalhães, Mendes de Moraes, Pedro Aleixo, Milton Campos, Ernani Sátiro, entre outros, nos reuníamos, sistematicamente, de terça à quinta-feira, às horas das refeições, quando, então, discutíamos problemas de nossas regiões.

Não lamento a morte de Luiz Viana, apenas porque o Brasil perdeu um dos homens mais cultos, sérios e experientes que representava um dos esteios em que se apoiam a confiabilidade na política e nos políticos, nem porque perdi e perdemos um extraordinário e vitorioso aliado e companheiro de trabalho e de luta.

• Eu lamento Luiz Viana porque perdi um amigo decida pessoal. Eu, meus filhos e Dete, minha mulher, sentimos profundamente a sua morte e avaliamos o quanto está sofrendo Dona Juju, com este desaparecimento súbito e inesperado.

Devo a ele a gratidão pelo meu filho Francisco, que ele, como se fora um pai, tomou aos seus cuidados e encaminhou na vida; fazendo-o um jovem bem-sucedido e um profissional competente e respeitado.

Eu dizia que ele me roubara o filho, pois, quando foi Chefe da Casa Civil do Presidente Castello Branco, o levou para Oficial de Gabinete. No Governo da Bahia, foi seu secretário particular durante todo o período de Governo e, daí por diante, a vida profissional do meu filho, bem como a sua amizade, nunca mais se desvinculou de Luiz Viana. Hoje Francisco, que também esteve conosco em Salvador durante o sepultamento, é médico em Florianópolis.

Fomos assíduos fregueses da mesa e da hospitalidade do casal.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, a morte é uma destas coisas inexplicáveis e inaceitáveis da vida, é um mistério que se tenta racionalizar para melhor explicar ou simplificar, quando se quer abstrair do plano transcendental.

Fiquei comovido ao retornar à Bahia na manhã do dia 6. Lá já estava, quando, na véspera, precisei vir a Brasília para participar de uma sessão do Congresso, mesmo sabendo que na citada manhã, às 5 horas, pegaria o avião que levaria a Salvador a comitiva de senadores e deputados que participaria, sob a chefia do Senador Nelson Carneiro, do sepultamento, cujo cortejo, saindo do Palácio da Aclamação, iria ao Campo Santo.

No recinto do histórico Palácio, se observava na fisionomia dos presentes um sentimento contagiante de consternação. A Bahia em peso estava ali representada por homens do povo, que também enchiam as ruas e imediações externas do Palácio, e figuras mais expressivas da sociedade baiana.

Ali recordei as comemorações dos seus 80 anos, quando registrei no Senado aquele evento em que muitos se manifestaram em sua homenagem. E lembrei-me de uma frase do testemunho de Jarbas Passarinho, que citava André Maurois: "O aspecto vigoroso e apagado pelo tempo dos velhos rochedos batidos pelas tempestades".

Senti, no fundo do meu coração, cada palavra que ali foi dita em Salvador, em homenagem e despedida a Luiz Viana, nos diversos discursos pronunciados, todos com uma tônica comum o conselheiro; o vitorioso; o erudito; e o homem simples, humano e educado; o amigo.

O Senador José Ignácio Ferreira resumiu sua personalidade em uma frase lapidar: "Ele era ao mesmo tempo espartano e ateniense".

O Senador Hugo Napoleão falou do amigo que foi amigo do seu pai. Falou do político e do quanto merecia o descanso dos justos.

O Senador Roberto Campos afirmou ter sido ele o melhor Governador da Bahia.

Eu tentei falar, mas não consegui concluir como gostaria, pelo impedimento das lágrimas e da emoção.

O Senador Nelson Carneiro, seu velho amigo e companheiro de todas as horas, declarou o que já era consenso de todos nós parlamentares: "Ele seria o indicado pelo Congresso, por unanimidade, para compor o Conselho da República". E, também, afirmou o nosso Presidente, sintetizando magistralmente a personalidade de Luiz Viana, rica de humanismo, inteligência, generosidade e cultura: "Você é a Bahia, sempre foi a Bahia, e por isto é eterno".

Em vida, pela sua expressiva e valiosa obra, fruto de uma inteligência refinada no convívio com tantos homens ilustres de nosso País, e no trato com as Letras, já era um imortal, com lugar de destaque na História do Brasil, para qual se transfere definitivamente, ao exemplo, proveito e julgamento das gerações futuras.

Sr. Presidente, esta é a minha palavra de saudade a um amigo raro que Deus me concedeu e na longa convivência de confiança mútua, fortalecida ao longo do tempo e de quem sempre contei em horas difíceis — e quem não as tem — com apoio e solidariedade.

À Dona Juju e familiares reitero o meu mais sentido pesar de um extraordinário companheiro que muito honrou esta Casa e seus membros.

COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA

— Missa que será oficiada na Catedral de Brasília, às 18 horas e 30 minutos, de amanhã, pelo sétimo dia do falecimento do Senador Luiz Viana Filho, e prorrogação, para às 19 horas e 30 minutos, da sessão do Congresso Nacional convocada para às 18 horas e 30 minutos.

Projeto de Lei do DF nº 23, de 1990, de iniciativa do Governador do Distrito Federal, que autoriza a desafetação de domínio de bem de uso comum do povo, situado no SGM/Norte-RAI, dentro dos limites territoriais do Distrito Federal, e dá outras providências. *Discussão encerrada*, ficando a votação adiada nos termos regimentais.

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 12 jun. 1990. Seção II.

O SR. PRESIDENTE (Pompeu de Sousa) — Há oradores inscritos. Concedo a palavra ao nobre Senador Lourival Baptista.

O SR. LOURIVAL BAPTISTA (PFL — SE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, no último dia 8, sexta-feira, fiz pronunciamento desta tribuna exaltando a vida e a obra do inesquecível e pranteado amigo e Senador Luiz Viana Filho, que Deus levou de nosso convívio há pouco mais de uma semana.

Disse palavras que iam fundo no meu coração, ressaltando a importância de Luiz Viana para a vida pública brasileira em muitas décadas, ele que exerceu tantos e tão importantes cargos e desempenhou tantas e tão complexas e espinhosas missões, sempre com êxito.

Mais do que isso, abordei aspectos da vida pessoal de Luiz Viana e dos laços de amizade, de verdadeira irmandade que com ele mantivemos, minha família e eu, ao longo de quase 50 anos de nossas vidas.

Pedi, na ocasião, que fossem transcritos artigos que quase toda a imprensa brasileira publicou a respeito dele, exaltando-lhe a figura humana e profissional, o político, o executivo.

Lendo o jornal *A Tarde*, de Salvador, de ontem, encontrei uma verdadeira peça literária escrita pelo imortal Josué Montello, igualmente amigo fraterno de Luiz Viana, no qual enaltece outras qualidades inerentes ao nosso saudoso Luiz Viana.

Eu não poderia deixar de me referir a esse brilhante artigo da lavra fértil desse grande escritor brasileiro que é Josué Montello sobretudo pelos aspectos que ele menciona sobre Luiz Viana.

Por esta razão, Sr. Presidente, Srs. Senadores, é que solicito que o artigo de Josué Montello seja igualmente incorporado a este meu pronunciamento.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA

— Convocação do Suplente, Sr. Luiz Viana Neto, em virtude do falecimento do nobre Senador Luiz Viana Filho.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Encontra-se na Casa o Sr. Luiz Viana Neto, Suplente convocado para preencher a vaga ocorrida na representação do Estado da Bahia, em face do falecimento do titular, o saudoso Senador Luiz Viana Filho.

O diploma de S. Ex.^{ya} foi encaminhado à Mesa e será publicado de acordo com o disposto no Regimento Interno.

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 9 jun. 1990. Seção II.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Designo os Srs. Senadores Jarbas Passarinho, Jutahy Magalhães e Fernando Henrique Cardoso para comporem a comissão que deverá introduzir S. Ex* no plenário, a fim de prestar o compromisso regimental. (Pausa.)

- Acompanhado da comissão, o Sr. Luiz Viana Neto dá entrada no recinto, prestando junto à Mesa o seguinte compromisso regimental: •;,- -\

"Prometo guardar a Constituição Federal e as leis do País, desempenhar fiel e lealmente o mandato de senador que o povo me conferiu e sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil." (Palmas:)

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Declaro empossado Senador da República o nobre Sr. Luiz Viana Neto, que integrará, no Senado, a representação do Estado da Bahia.

A partir deste momento S. Ex" passará a participar dos trabalhos da Casa.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana Neto. • •

O SR. LUIZ VIANA NETO (PMDB — BA) — Sr. Presidente, Srs, Senadores, V. Ex^{as} bem podem imaginar quanto me é amargo este momento em que, trazido pela mão de uma fatalidade madrasta, aqui chego na, mais alta Casa da representação popular, para assumir a vaga deixada por morte de meu pai, o Senador Luiz Viana. Momento que vivo, ainda aturdido, como quem perdeu seu centro de gravidade e a quem a vida impõe aprender a mais dura das lições: a de aprender a viver sem a presença mansa, sem a vigilância afetuosa, sem os conselhos sempre sábios de meu pai, o Senador Luiz Viana.

Muito jovem, cego por um amor filial extremado, não percebi que me lançava numa empreitada de antemão destinada ao malogro, ao tentar seguir-lhe os passos, e repetir-lhe a luminosa trajetória.

Como ele, formei-me em Direito na gloriosa Faculdade de Direito da Bahia. Como ele, ingressei no magistério, para tornar-me titular da mesma cadeira em que ele pontificara. Como ele, muito cedo, deixei-me seduzir pelos enganosos encantos do demônio da política, e três vezes fui deputado federal, vice-governador e seu auxiliar quando governou a Bahia.

Numa função, no entanto, não desejei secundar-lhe: a de ocupante de sua cadeira nesta Casa.

Na Legislatura passada, quando estive sem mandato parlamentar, mais de uma vez, meu pai desejou licenciar-se, para que eu aqui tomasse assento. Mas eu, sempre omitindo dizer-lhe se por superstição a minha recusa, o dissuadia: "Meu pai, o mandato foi conferido a você, é você que deve exercê-lo na sua inteireza". E hoje, desgraçadamente para mim, não tendo aceito aqui sentar-me temporariamente, sou forçado a assumir em caráter efetivo á cadeira que continuará sendo sempre sua. -

Chego, portanto, com o coração ferido, ainda inconformado com a fatalidade traiçoeira, mas buscando o consolo — se consolo é possível nesse transe — de que, ao menos, meu pai partiu como desejaria: no campo-de batalha, em plena luta, pelejando pelos ideais que o impulsionavam desde a juventude. Tinha pavor a apagar-se como uma lamparina. Repetidas vezes disse-me ele querer tombar em pleno vôo, descortinando horizontes distantes, sem saber que não os alcançaria, e acalentando sonhos que não realizaria.

Consolo-me, também, com as homenagens com que a Bahia dele se despediu. A Bahia sempre unanimemente divergente, encontrou um momento em que se tornou unanimemente convergente, inclinada diante do esquife do meu pai,-num prêito de respeito, gratidão e saudade.

Por ali passou toda a Bahia, por ali passaram todas suas lideranças, as mais distantes e antagônicas, mas todas elas unidas na dor pela perda da grande, da extraordinária figura de meu pai, o Senador Luiz Viana.

Homenagens, digo melhor, não apenas da Bahia, mas de todo o Brasil. Homenagens que já teriam dimensão nacional pela simples presença da delegação desta Casa, tendo à frente o seu honrado Presidente, mas a que se somaram também manifestações de todos os jornais, de todas as televisões, artigos dos mais respeitados e acreditados jornalistas dá imprensa nacional.

Não sei se meu pai pôde ver, mas ainda que não tenha visto, ele, que tinha os olhos postados na História, certamente gostaria que o último capítulo da sua vida gloriosa fosse, como efetivamente foi, cercado pelo respeito de toda Nação.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, nesta Casa viveu meu pai os últimos 15 anos de sua vida. Num convívio ameno, civilizado, respeitoso, em que consegui incluir todos os colegas desta Casa, todos sem exceção, no vasto rol de seus amigos. Do mesmo modo, teve a felicidade de tornar, ainda mais próximos, aqueles aos quais estava ligado por laços anteriores de amizade. E entre esses velhos amigos, Sr. Presidente, a primazia certamente cabe a V. Ex^a, seu amigo há 60 anos, numa convivência longa e afetuosa, fortalecida por lutas e ideais comuns, que com o passar do tempo só se reforçou e revigorou.

Nesta Casa, portanto, onde meu pai passou uma das melhores fases de sua existência, sinto-me dispensado de traçar-lhe o perfil, até porque,

V. Ex^a, Srs, Senadores, no dia mesmo de sua morte, externaram, em comoventes palavras, a simpatia e o respeito que lhe votavam. Palavras, aliás, que muito sensibilizaram a todos nós, seus familiares, e que, por isso mesmo, em meu nome pessoal, de minha mãe e de minha família, cumpro, o dever de agradecer de coração.

Mas, exonerado embora, de nesta Casa voltar a grifar aspectos de-sua personalidade de escol, desejo apenas dizer-lhes que no modesto julgamento de quem sempre esteve a seu lado e do seu lado, todas as facetas da personalidade de Luiz Viana — o jornalista, o advogado, o professor, o historiador, o escritor, o biógrafo, o Deputado bravo e o Senador respeitado — não são senão manifestações daquilo que ele foi antes e acima de tudo: um homem público. Foi meu pai, no sentido mais estrito da palavra, o que se pode chamar "um homem público". Alguém que, desde a juventude, decidiu participar, interferir e influir nos rumos da sua comunidade, do seu estado e do seu País. E isso, efetivamente, ele conseguiu. Homem público cuja maior motivação na vida era a realização do bem comum. Lembro-me bem da felicidade que teve ele no Governo da Bahia, quando, dirigindo o seu estado numa quadra de ventos favoráveis, pôde espalhar sementes de progresso por toda a Bahia, que ainda hoje florescem como marco de desenvolvimento e de bem-estar do seu povo.

Dentre essas sementes benfazejas, bastaria salientar a conquista do Pólo Petroquímico da Bahia, que mudou a face do nosso estado, transformando-o de estado agrário num centro industrial de expressão nacional. Homem público que, depois de 57 anos na linha de fogo da política, vendo ayizinhar-se o dia do merecido, mas indesejado repouso, com a aproximação do fim do seu mandato — bem o percebíamos — silenciosamente se angustiava, e via na perspectiva do Conselho da República o adiamento do ostracismo que não lhe agradaria.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, se como homem público foi meu pai um lutador, alguém que pugnou como um bravo por seus ideais, teve sempre, no entanto, um refrigério: os seus amigos. Em toda parte por onde passou, plantou amizades, criou amigos devotos, ele que foi um devoto da amizade. Na Bahia, no Rio de Janeiro, em Brasília, em Lisboa, onde quer que chegasse, lá estava um amigo para recebê-lo e, sobretudo, para conversar. Meu pai foi um "causeur" extraordinário, pessoa de conversa simples, mansa e erudita, que a todos encantava. Aliás, costumava dizer que política é como conversa de namorados: não acaba nunca.

E é para suceder essa figura extraordinária que aqui estou. Soldado raso, convocado a assumir as funções de um grande comandante. Pigmeu que sucede um gigante. Figura opaca que só terá um mérito, o de, pelo contraste, realçar-lhe ainda mais o brilho de estrela de primeira grandeza.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, baldo de merecimento e de atributos...

O Sr. Chagas Rodrigues — Não apoiado!

O SR. LUIZ VIANA NETO ... aqui chego para cumprir essa difícil missão. Mas missão que desejo assumir inspirado no seu exemplo; e com o compromisso de buscar reunir todas as minhas energias, para que, superando a mim mesmo, possa, honrar-lhe a memória, ser-lhe fiel ao legado cívico, ser merecedor da ilustre companhia de V. Ex^a e, sobretudo, ser digno desta augusta Casa, que ele amou, presidiu e tanto enalteceu. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — A Mesa suspenderá a sessão por alguns minutos, a fim de que o novo Senador seja cumprimentado pelos colegas.

Está suspensa a sessão.

Diário do Congresso Nacional, Brasília, 13 jun. 1990. Seção II, p. 3033-5.



Luiz Viana Filho com o presidente de Portugal, Mário Soares, e o Deputado Ulysses Guimarães, em 26 de março 1987

*Sessão solene em homenagem à memória do ilustre
homem público, Senador Luiz Viana Filho,
em 28 de novembro de 1990, no Congresso
Nacional. Oradores: Deputado Aloysio Chaves,
Senador Roberto Campos, Senador Nelson Carneiro,
Senador Cid Sabóia de Carvalho e
Senador Luiz Viana Neto*

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Ao declarar instalada a presente sessão solene em homenagem à memória do saudoso Presidente desta Casa e eminente homem público que foi Luiz Viana Filho, tenho a honra de convidar o seu ilustre filho, Senador Luiz Viana Neto, para ocupar um lugar à Mesa. (Palmas.)

A Presidência declara que a iniciativa desta sessão coube ao nobre Senador Ruy Bacelar, através de requerimento enviado à Mesa do Senado e depois transmitido e acolhido pela Mesa da Câmara dos Deputados.

A Presidência se honra de ter a companhia do ilustre Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Paes de Andrade.

**Discurso do Deputado Aloysio Chaves (PFL — PA,
em nome da Câmara dos Deputados**

Exmo. Sr. Senador Nelson Carneiro, Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional; Exmo. Sr. Deputado Paes de Andrade, Presidente da Câmara dos Deputados; Exma. Sra. Julieta Pontes Viana e demais membros de sua ilustre família; Exmo. Sr. Senador Luiz Viana Neto; Exm^a Autoridades, Srs. Senadores, Srs. Deputados, meus Senhores e minhas Senhoras:

Há poucos meses o País perdeu um de seus filhos mais ilustres, o Senador Luiz Viana, cuja memória o Congresso Nacional, nesta sessão extraordinária, hoje pranteia, dando-me o privilégio de fazer, em nome da Câmara dos Deputados, o seu panegírico.

Como fazê-lo sem registrar, como marco inarredável na vida de todos nós, o lugar em que nasceu. E, a propósito, vem-me à lembrança esta passagem que Gilberto Amado registra em suas Memórias. Convidado a proferir conferências na Unidade de Sorbonne, recebeu calorosa saudação do eminente

professor Georges Dumas, que o anunciou "vindo do país do sol para nos trazer a luz".

Ao iniciar sua conferência, na austera e famosíssima Faculdade de Direito de Sorbonne, sentindo o peso de sua atmosfera cultural, devia agradecer a saudação.

Ao improvisá-la, fê-lo com estas inspiradas e belas palavras: *en venant du Brésil, ce pays du soleil, vers la France, je viens de la lumière vers la clarté* (vindo do Brasil, este País de sol, para a França, venho da luz para a claridade).

Por um desses imprescrutáveis desígnios da Providência Divina, Luiz Viana abriu seus olhos pela vez primeira nesse País da claridade, cuja luz, viva e intensa, iluminou sua inteligência peregrina até o último momento de sua existência.

Da França, guardou tudo: o espírito altivo, o coração reto, a lucidez extraordinária para análise de pessoas e fatos, o pensamento cartesiano. E preservou essa influência durante sua vida, não só pela indelével marca da cultura francesa na sua formação intelectual, como, também, pelo indefectível carinho que ostentava por esse grande País.

Nascido na capital francesa, a 28 de março de 1908, teve, no entanto, o registro de seu nascimento feito no Distrito da Sé, em Salvador, por decisão de seu pai. Conselheiro Luiz Viana, Governador do Estado no crucial período das lutas de Canudos.

Estudou nos melhores colégios do Rio de Janeiro e da Capital baiana, matriculando-se depois na Faculdade de Direito da Bahia, na qual, quatro anos após concluir seu curso, ingressava no corpo docente, mediante concurso público, como professor de Direito Internacional Privado.

Antes, porém, iniciou-se, no jornalismo, trabalhando no *Diário da Bahia* e, posteriormente, como redator de *A Tarde*, revelando, desde então, seu acendrado pendor para as letras. Como cedo antecipou sua vocação para a liderança política, elegendo-se presidente do Centro Acadêmico Rui Barbosa.

Em 1931 casou-se com a Senhora Julieta Pontes, deixando para os *Arquivos Implacáveis* de João Conde a declaração de que sua esposa foi a melhor coisa que teve na vida.

A vida efetivamente encarregou-se de confirmar essa assertiva, pois na personalidade de Dona Julieta — carinhosamente chamada pelos amigos de Juju — presente a esta sessão, esmaltam-se as mais sólidas virtudes que exornam o caráter da mulher brasileira. Esposa e mãe amantíssima, companheira solidária, conforto e arrimo para os momentos difíceis que, ao lado de alegrias e dissabores, também, permeiam, nossa existência.

Desse consórcio nasceram os filhos: Frederico, Luiz, Maria Julieta, Celi-
na, Maria Lúcia e Lia. De todos, neste momento, peço vênias para ressaltar a presença de nosso eminente colega Luiz Viana Neto que o sucedeu no

Senado Federal, após perلustrar a vida pública, inclusive como Deputado Federal pela Bahia, honrando as tradições de sua ilustre família e engrandecendo-a com o seu talento, probidade e exemplar desempenho dos mandatos e cargos que exerceu.

O apelo irresistível para a ação política, herança de seu preclaro genitor, leva Luiz Viana aos 27 anos à Câmara Federal, sendo o mais jovem entre os seus colegas.

Inicia, pois, nesse alto patamar de representação política, uma nova fase de sua vida, marcada, daí em diante por êxitos extraordinários.

Desempenhou esse mandato até a dissolução do Parlamento pelo golpe de Estado de 1937. Derrubada a ditadura, foi eleito para a Constituinte de 1946 e sucessivamente reeleito Deputado Federal pela Bahia nas Legislaturas iniciadas em 1950, 1954, 1958, 1962 e 1966.

Abre-se, a seguir, o interregno de sua colaboração com o Poder Executivo, após a Revolução de 1964, quando foi nomeado Ministro de Assuntos do Gabinete Civil, havendo durante algum tempo acumulado com o Ministério da Justiça. Em 1967, foi eleito governador do Estado da Bahia, que governou até 1971. Em 1974 foi eleito Senador, havendo ocupado a Presidência do Senado Federal no biênio de 1978/1980. Reeleito em 1982, a morte o colheu no pleno exercício desse mandato, depois de participar dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, na qual pontificou com sua sabedoria, seus prudentes conselhos, sua insuperável e ampla experiência, ostentando o galardão de ser um dos raros parlamentares que tiveram o privilégio de haver integrado as Constituintes de 1946, 1967 e 1987.

Ao longo da brilhante carreira de Luiz Viana Filho, como político e parlamentar, deve-se assinalar a linha de invariável conduta que estava no cerne de todos os seus atos: sua formação liberal, que o condicionava sempre ao diálogo, à conciliação e à preservação dos princípios axiais do regime democrático.

Em doze anos de permanente e fraterno convívio parlamentar nunca o vi infenso ao entendimento, intolerante ou prepotente. Sendo, como era, um humanista completo, manteve-se sempre tolerante, polido, culto e cordial.

Não surpreendeu, portanto, a iniciativa que tomou, juntamente com o ilustre Deputado Flávio Marcílio, Presidente da Câmara dos Deputados, de patrocinar proposta de emenda à Constituição de 1967, visando a restaurar as prerrogativas do Poder Legislativo, malograda em virtude de clamoroso erro que a intransigência política do momento estimulou, obnubilada pela radicalização do bipartidarismo vigente.

Meus Senhores e minhas Senhoras, como debuxar, ainda que eu curta a desataviada análise, a personalidade polimorfa de nosso pranteado Colega sem deter-nos mais demoradamente a respeito de sua atuação como historiador e escritor de escol, alçado, por isso mesmo, à glória da imortalidade?

A glória efêmera do sucesso político se dissipa rapidamente, quando se não a olvida a memória coletiva. Mas a criação literária e artística —

autêntica, profunda e de alto nível, como a que produziu Luiz Viana Filho — incorpora-se ao patrimônio cultural do povo, projetando-se no tempo além de todos os limites imagináveis.

E ele foi, sem menor contestação, um dos maiores valores culturais do Brasil neste século.

Cedo revelou essa vocação insopitável. Os dados bibliográficos revelam essa escalada brilhante: em 1932, em colaboração com Aliomar Baleeiro, publicou *O Direito dos Empregados no Comércio*; em 1938, *A Sabinada* e *A Língua do Brasil*; 1941, *A Vida de Rui Barbosa*, com a qual inicia o ciclo das grandes biografias que havia de consagrá-lo como o maior, nesse gênero no Brasil; complementa-a com *A Verdade na Biografia* e, além de outros ensaios, acumula novos êxitos com *A Vida de Joaquim Nabuco*, *A Vida do Barão de Rio Branco*, *A Vida de Machado de Assis*, *O Governo Castello Branco* e, por último, *A Vida de Eça de Queiroz*.

Na seara literária consolidou definitivamente seu prestígio como mestre exímio das reconstituições históricas e da biografia após a consagração obtida j com *A Vida de Rui Barbosa* — apologia do parlamentar, estadista e publicista baiano — e a acolhida calorosa da Crítica literária. Ascende à imortalidade, eleito, em 1954, para a Academia Brasileira de Letras.

Saudando-o, em nome desse colendo Sodalício, escreveu Menotti dei Picchia, em seu primoroso discurso: "O acadêmico Luiz Viana Filho participa das faculdades de seu glorioso patrono e dos anteriores ocupantes de sua cadeira. Como José Bonifácio, o Moço, é político e parlamentar. Como Medeiros e Albuquerque, é jornalista e ensaísta, e, como Miguel Osório, cientista, embora não sejam as Ciências Experimentais o seu domínio, mas as Ciências Sociais e Jurídicas. Preenchendo a vaga de Miguel Osório de Almeida, traz para ela, o historiador e biógrafo, uma grande obra realizada e uma nobre vida até agora vivida dentro de uma discrição avessa à extroversão".

Luiz Viana Filho consegue, como nenhum entre nós, fazer admirável simbiose da História com a Literatura, valorizando ambas. Tal sucesso defluiu de sua visão histórica dos fatos; da análise percuciente de episódios criados pela intuição genial dos vultos que biografou. Para ele a História não é apenas ciência, arte ou ética, na mesma linha de entendimento que dela Ameal professa. É, ao mesmo tempo, as três coisas e alguma coisa mais, como acentua o renomado autor da História de Portugal. Fiel a tal ensinamento, para se formar uma idéia do que sucedeu outrora — imperfeita que seja, precária e relativa que seja, e só essa nos é permitida — "temos de colocar-nos diante da vida em pleno curso. A História é Vida — tal o axioma inicial a propor. E não apenas vida dos outros — de outros tempos, de outros seres — mas a nossa vida, antes de nós. Longe está de abraçar a totalidade do próprio destino quem julgue que a sua história terrena começa no nascimento e acaba na morte. A nossa história é toda a História. A história dos homens é a História do Homem — e a história de cada Homem. Em cada homem está, por isso, a História inteira — que colaborou na sua formação

e veio até ele como um impulso que, neste momento, nele se resolve e condensa. A História nos fez: — agora, somos nós que a fazemos. Escrever a História, é buscar-nos, compreendeu-nos, definir-nos sentir-nos solidários de imenso movimento que nos inclui e nos leva. Nada mais vivo, sem dúvida, visto ser aquilo que em nós é anterior a nós".

Partindo dessa concepção antológica da História, Luiz Viana Filho construiu sólida obra literária, estruturada nas grandes biografias que escreveu. Como André Maurois — a quem, segundo abalizado juízo de Josué Montello, se deve a popularidade da biografia moderna, Luiz Viana Filho alçou-a, entre nós, a plano tão alto que ninguém o supera, no Brasil, nesse gênero literário.

A todos os biografados que Luiz Viana escolheu para erguer sobre as suas vidas os verdadeiros monumentos que constituem as obras que escreveu, aplicou ele o esquema de distinguir sempre, em cada um, duas facetas fundamentais — o homem público e o homem de letras. Mesmo que nem todos eles possam ser igualmente qualificados de literatos, no sentido exato da palavra, todos eles, no entanto, tiveram uma repercussão fundamental nas suas obras e nas suas palavras.

Não se deve imaginar, entretanto, que palavras e obras se devam confrontar como dois compartimentos estanques e inconfundíveis, porque se a maioria deles é constituída de homens dedicados à literatura, em seu sentido específico, outros tiveram de recorrer às letras — e o fizeram com inequívoca arte — para ampliar ou consubstanciar a operosidade de sua ação política, no sentido mais aristotélico do termo.

Na verdade, a palavra do homem é de tal forma o prolongamento de sua personalidade que não se poderia se configurar o homem público, o homem do parlamento, o homem da diplomacia, sem que ele empunhasse a palavra como instrumento de seu trabalho. E tanto mais importante e lúcido for este, tanto mais rebrilha em sua palavra o esplendor de seu talento e de sua criatividade.

Rui, Nabuco e Alencar — talvez os biografados de sua preferência — exemplificam de maneira cabal o esquema utilizado.

A Luiz Viana dever-se-á também aplicar, com propriedade, o esquema e a distinção, de tal modo que a sua vida política, embora sem confundir-se com a sua vida literária e acadêmica, esteja estreitamente a esta vinculada, que ambas se confundam, completando-se uma a outra, inspirando-se reciprocamente, e formando amuás apenas duas margens de um rio caudaloso por entre as quais decorre vitoriosamente uma vida.

Luiz Viana foi, inegavelmente, o desaguadouro de duas margens, e tanto se notabilizou como homem público, o político vitorioso, o parlamentar de destaque, como o festejado homem de letras, o membro proeminente, seja da Academia Baiana de Letras, como da Academia Brasileira de Letras, o homem de palavra substanciosa e trabalhada, sempre encarando temas que exigiram dele esforço quase sobre-humano, laboriosa pesquisa, intermi-

náveis leituras, refluindo tudo para as obras monumentais com que enriqueceu as letras brasileiras.

Desde muito cedo demonstrou Luiz Viana sua vocação para Historiador. Pode-se dizer que todos os seus escritos, salvo alguns poucos ligados à sua condição de filólogo e à de professor de Direito, foram todas, ou dedicadas diretamente a temas históricos, ou versando questões atinentes a abordagens históricas. A própria obra em que reuniu as biografias de Rui, Nabuco e Rio Branco tem por título principal *Três Estadistas*, apesar de, em todas elas, ter ele traçado o itinerário dos três homens no campo das letras.

Em 1943, fundada a Faculdade de Filosofia da Bahia, foi nomeado professor de História do Brasil, cargo em que se aposentou. Já era, a essa altura, catedrático da cadeira de Direito Internacional Privado, por concurso, na Universidade da Bahia. Apesar disso foi o apelo da História, muito mais do que o do Direito, que o atraiu para a sua produção de pesquisador minucioso, num trabalho beneditino de descobrir, recompor ou recriar as figuras que biografou, e dir-se-ia que, no afã de ser fiel a seu trabalho, sendo fiel a si mesmo, Luiz Viana arrancou das entranhas da memória dos povos e de seu acervo cultural, criaturas vivas, pois trouxe de mistura com elas um pedaço do tempo em que viveram e do contexto que os envolveu. Teve a missão e o cuidado do jardineiro que, ao transplantar uma muda, transporta todo o solo em volta, até onde chegam as raízes, para que, em nenhum momento, a seiva seja cortada. Josué Montello, na nota prévia que inseriu na obra *Três Estadistas*, assinala com propriedade essa característica de Luiz Viana, que biografou sempre, não com os olhos no passado, como se pretendesse desempoeirar páginas mortas, mas com os olhos no presente, para onde conduziu seus eminentes biografados, quase como se quisesse identificar-se com eles.

Escreve o romancista maranhense: "Nunca tendo escrito por sugestão ou encomenda, Luiz Viana Filho há de ter partido, na escolha das vidas que recompôs, daquela afinidade essencial, que advém, no biógrafo, de um conjunto de concordâncias básicas, inspiradoras da admiração, e mesmo de veneração, que o conduz a retrair-lhe a existência. Porque é esse sopro da vida que ele tem buscado sentir e captar, como se quisesse penetrar o próprio mistério da criação divina na formação de cada figura representativa que biografou".

Devemos concordar, porém, que não será a simples vocação de historiador que explicará a predileção de Luiz Viana Filho pelas biografias, sobretudo levando-se em conta que, mesmo em nossos dias, não é em qualquer área da historiografia que os biógrafos usufruem de igual prestígio. Em determinadas épocas e em algumas correntes de pensamento que refletem sobre a História, a biografia não constitui um gênero de primeira grandeza, tendo encontrado por vezes uma certa discriminação por parte daqueles que subestimam as biografias como se elas fossem apenas o relato frio e saudosista de grandes figuras do passado.

No entanto, podemos atestar em nossos dias um prestígio crescente dedicado pelo público às biografias, o que representa uma espécie de revivescência em que, o dizer de Carlyle, em ensaio escrito há mais de século, podia-se constatar um singular interesse "que o homem tem pela biografias". E Luiz Viana Filho, nas palavras que antecedem os *Três Estadistas*, lembra o êxito alcançado por trabalhos como o do próprio Carlyle sobre Cromwell, o de Voltaire, sobre Carlos XII, o de Southey sobre Nelson, ou o de Boswell sobre Johnson.

O marco mais notável, no entanto, encontra-se nas *Vidas* de Plutarco, tão populares entre os povos de língua inglesa, e também na França, em versões numerosas e sempre reeditadas, e cujo destaque se nivela às obras de Tácito e de Suetônio.

E tudo isso — comenta Luiz Viana Filho — deve-se a um motivo com que ele justifica a sua própria postura intelectual: "nada interessa tanto o homem quanto o próprio homem, que continua a ser medida e razão de tudo".

Pode-se verificar sem dificuldade que, no período compreendido entre o final do século passado e o início deste, a biografia entrou em fase de desprestígio, devido em grande parte à deteriorização que sofreu a própria palavra "biografia", surgida no início do século XVIII, e que passou a designar obras sem grande preocupação de verdade e de crítica e cujo principal interesse estava em envolver alguns nomes, até mesmo em homenagem a estirpes notabilizadas, numa aura que lhes conferisse foros de imortalidade. Os próprios escritores, na medida em que se afirmava o próprio valor, acentuavam o menosprezo por um gênero que consideravam quase como um elogio formal e doméstico e então, no máximo, como frias informações destinadas a textos enciclopédicos.

É sintomática a maneira como Brunetière, ao publicar a sua biografia de Balzac, apressa-se a afastar, como um pejorativo, a qualificação de biografia, dizendo preferir que se chamasse ao texto apenas um *Estudo*.

Semelhante atitude teve José Veríssimo que, diante do último volume de *Um Estadista do Império*, não se peja de afirmar que Nabuco transformara "o que em mãos ineptas seria apenas motivo para uma biografia, na história de um longo, e o principal, período de nossa curta vida nacional". Na sua concepção, por ser gênero secundário, a biografia deveria ser encaminhada para "mãos ineptas".

Aos poucos, entretanto, a biografia foi mudando de posição, reabilitando-se perante a vida acadêmica, embora para tal tivesse ela de assumir um leque de conceituações que passam desde a simples enunciação dos fatos principais da vida de alguém, incluindo a visão crítica da obra do biografado, ou estudos históricos sobre a época em que viveu o personagem e até mesmo as biografias romanceadas.

E de tal modo se tornou complexa a variedade de formas de biografia, que tanto o leitor como os próprios críticos ficaram tomados de vacilações diante de denominação exata para o gênero.

É para dissipar qualquer dúvida a respeito que muitos biógrafos acham indispensável advertir, com fórmulas diversificadas, o que Maurois escreve como preâmbulo à vida de Byron: "Uma vida de Byron não é um estudo crítico sobre o valor poético, ou sobre a influência literária de Byron".

Em outra parte, o próprio Luiz Viana tenta sistematizar as formulações conceituais sobre biografia, que classifica em quatro grandes grupos:

- a) simples relação cronológica de fatos relativos a alguém;
- b) trabalhos onde, a par duma vida, se estuda determinada época;
- c) trabalhos nos quais à descrição duma existência se conjugam apreciações críticas sobre a obra do biografado;
- d) trabalhos em que a narração da vida constitui o objeto principal. '

O esquema merece tanto mais respeito quanto proposto por alguém que restaurou o destaque da biografia nas letras brasileiras, dando-lhe *status* de nobreza e fazendo-a ascender ao nível de qualquer dos gêneros literários considerados de primeira grandeza. Se, a respeito da biografia, houvesse o título que outrora se usou fartamente para os poetas, poder-se-ia afirmar, com toda justiça, que Luiz Viana Filho deve ser considerado o príncipe dos biógrafos brasileiros.

Diante das várias opções que nos oferece a biografia como realização, não podemos esquecer aquele pensamento de Taine, em defesa de Guizot — que jamais demonstrou predileção pelos acontecimentos picantes e pequenos, sentenciava, com muita verdade, que "um espírito exato jamais confunde os gêneros".

Não existe, portanto, na biografia, uma modalidade superior a outra, na abordagem daquilo que é essencial para quem faz a biografia. Não se pode, porém, olvidar que, seja qual for a forma de tal abordagem, indispensável se torna que sobressaia, acima de todos os pormenores e de todas as confluências dos conhecimentos demonstrados, a personalidade do biografado — que é o objetivo maior de quem faz biografia. Se passarmos os olhos pelos trabalhos de Plutarco, Suetônio, Voltaire, Carlyle, Ludwig, Strachey ou Maurois, não será difícil verificar que, seja qual for a predileção que empolgou o biógrafo, em todas elas o ponto alto é a mestria com que, em cada um deles, se percebe a preocupação de não acumular sobre a personalidade do biografado erudição em demasia que logre ofuscar a sua figura.

É bem conhecida a polêmica que eclodiu quando, em determinado período da evolução do gênero biográfico, surgiu a famosa distinção entre biografia antiga e biografia moderna, dividindo-se as opiniões entre os que pretendiam haver, na biografia moderna, elementos característicos que a afastavam da

antiga, sobretudo em relação à submissão desta à ciência histórica. Maurois apontou três traços capazes de distinguir a biografia moderna:

- a) procura intrépida da verdade;
- b) preocupação da complexidade da natureza humana;
- c) ceticismo do homem moderno, fazendo-o buscar, na vida dos grandes homens, a prova de que eles também duvidaram e, no entanto, lograram vencer.

Tal distinção, entretanto, não pode ser tão rígida a ponto de dissipar qualquer dúvida. Note-se que Plutarco, por exemplo, em que pese ser o mais célebre dos biógrafos e dos mais antigos, já mereceu o título de "precursor da biografia moderna", e isso sobretudo porque as suas "vidas" constituem "uma contínua lição de moral". O mesmo se pode afirmar de São Jerônimo que, no século IV, escreveu o seu *De viris illustribus*, encerrando 135 biografias, inclusive a do autor, identificando-se a obra como o primeiro *Flos sanctorum*, isto é, um "catecismo sobre a excelência das virtudes cristãs". A propósito, dele afirma Humberto de Campos que a essa obra se deve a "imutabilidade do estilo biográfico durante quase vinte séculos", e prossegue apontando na biografia "um panegírico majestoso, e cada galeria de varões notáveis um monótono *Fios sanctorum civil*".

Assim, de acordo com o direcionamento imposto à divulgação de idéias — que não se pode abstrair da biografia — esta passa a ser um catecismo, uma apologia, uma pedagogia, um mero panegírico, uma exemplificação moral, ou um tribunal severo perante o qual prestam contas homens públicos e privados, sem direito a apelação.

Mas em relação à biografia chamada moderna, ainda quando romanceada ou literária, o que se superpõe sobre esses numerosos aspectos, alguns ainda remanescentes ou coexistentes à margem das obras biográficas é a verdade, como objetivo final e formal de uma busca de elaboração do retrato de um homem, em traços vivos e claros, considerado sob todos os seus aspectos. Dentro dessa perspectiva, não pode haver fronteiras intransponíveis entre "homem público" e "homem privado", pois ambos são inseparáveis, acoplam-se e prolongam-se um no outro, e ambos são essenciais para o resultado final, que é, como dizem alguns, "o retrato total".

"Mostrar a fisionomia do homem — escreve Marejkovisky — é permitir olhá-lo na alma, tal é o objetivo de toda biografia."

Um dos maiores desafios com que se deparou o biógrafo Luiz Viana Filho foi o de colocar-se diante de um mito chamado Rui Barbosa e transformá-lo em homem de carne e osso, sem ceder jamais à emotividade da admiração que o orador notável e o intelectual enciclopédico inspiravam em todos os brasileiros, a partir das gerações mais novas, embaladas pela sonoridade e pelas exortações de sua "Oração aos moços", lida e ensinada em todas as escolas.

"Todo indivíduo — escreve Olívio Montenegro, em seu estudo sobre essa biografia — passa por várias idades, e sempre noviço em cada uma delas". Não existe, pois; em qualquer ser humano uma unidade constante de personalidade e caráter, que tenha começado na infância e tenha durado a vida toda. A arte de Luiz Viana, consistiu, por conseguinte, em acompanhar, com agudeza de observação, esses ciclos interiores de amadurecimento, próprios de cada etapa da vida, afastando-se assim do retrato de um herói acabado. O que perpassa de um ponto a outro nessa biografia de Rui são os dois traços de caráter que, desde menino, acompanharam o biografado, seja em suas fases de sucesso, seja em seus momentos de amargura: a inteligência e o orgulho. Inteligência fulgurante e prodigiosa e orgulho mal escondido numa timidez que a poucos iludia.

Quando lhe morreu o pai — a quem o filho havia sido a única dádiva do destino numa carreira de insucessos — Rui, apenas formado em Direito, "toma para ele, com uma altivez e um orgulho de leão, todas as dívidas do pai, que afora o filho genial era tudo o que havia deixado de grande, atrás de si".

Mas, foi empolgado pelo amor por Maria Augusta — depois que lhe faleceu a primeira noiva — que Rui Barbosa pronuncia o discurso que vai marcar o início esplendoroso de seu sucesso. Trata-se do discurso que proferiu, no Grande Oriente do Brasil, sobre a Igreja e o Estado, que ele próprio conta, em carta apaixonada, numa apologia de si mesmo que terá eco no decurso de toda a sua existência.

Nenhum grande homem, como foi o Rui, poderia ser perfeito e sabemos que, quanto mais alto sobe alguém diante da sociedade, mais evidentes e mais ampliados ficam os seus defeitos. Olívio Montenegro refere-se "ao inevitável desencontro de seu espírito eruditamente cultivado com a realidade de seu tempo" e daí o seu insucesso no Ministério da Fazenda — mas Luiz Viana descreve com acuidade as vicissitudes dramáticas e seu esforço gigantesco — que ele não logrou superar. Mais tarde é que, seja na Conferência de Haia, seja nas famosas campanhas civilistas, é mais o orador insuperável que vai reabilitar o ministro.

De qualquer sorte, a avaliação global de sua vida é positiva aos olhos da posteridade, e dele diz o autor já citado: "Com uma espontaneidade e um arranque de adolescente, até o fim da vida, ele faz-se o anjo da guarda do direito de todos os oprimidos; apenas os oprimidos eram muitos e o anjo somente um".

Diante de Nabuco não seria menor a dificuldade a ser enfrentada por Luiz Viana Filho, pois, por escolha sua, punha-se diante de alguém que não os biógrafos mas os contemporâneos e a opinião pública já haviam retratado e apresentado como modelo, seja serenidade de atitudes, pela pureza de intenções, pelo destemor em sua atuação na vida pública e sobretudo pela palavra fácil e fúlgida e pela luz coruscante de sua inteligência.

Contornando o risco de, com todos esses elementos à mão, construir-lhe uma estátua, Luiz Viana nos apresenta um homem — homem integral, resistente aos elogios e às homenagens. Comenta José Lins do Rego: "Procurou Viana Filho e o Nabuco com o mal do século no sangue, com o seu romantismo intermitente, espécie de febre palustre que nunca o abandonou, o Nabuco da libertação dos escravos, procurando uma causa para extroverter-se, para dar vazão às suas enchentes de alma, e conseguir dominar os arrebatamentos do coração". E adiante: "O rapaz bonito e o estadista severo, o poeta sem grandeza e o mestre insuperável da prosa, a cada passo, seria posto em estado de incerteza, de dúvida, de profunda melancolia". E conclui, condensando todas as frustrações e as intempéries que Nabuco não conseguiu superar: "Libertou os escravos mas não libertou sua própria escravidão".

Na biografia do Barão do Rio Branco, ainda com mais requinte do que nas anteriores, Luiz Viana assume, em seu mister, igual grandeza à dos que ele, em sua admiração, procurou biografar. Escreve a propósito Gilberto Freyre: "O que não falta à arte-ciência do professor Luiz Viana é a coragem de tratar os seus biografados como homens: admitindo neles fraquezas; erros; contradições; deficiências compensadas por virtudes ou talentos excepcionais". Em relação à obra sobre Rio Branco, comenta Eduardo Portela que, com esse trabalho, Viana instala um novo sistema em nossa historiografia biográfica. Observa que "em nenhum momento trai ou sacrifica a humanidade de seu biografado". Como nos outros casos, o herói que ele apresenta é nada mais nada menos que um ser humano, com suas grandezas e suas fraquezas — "um ser humano em sua radical dimensão humana".

Muito mais do que nos outros dois biografados, Luiz Viana teve, em relação ao barão, a tarefa, que alguns apelidariam de inglória, de "descer o barão do pedestal em que foi colocado, depois de morto" como observa Tristão de Athayde, pois o longo período em que o barão ficou longe da pátria sempre deu ensejo aos seus admiradores a caírem na tentação, que Viana evitou, de preencherem esse vazio com a imaginação encomiástica inspirada em suas conhecidas vitórias: não temeu descontentar os que fazem história apologética. "Mostrou-nos o Barão — continua o crítico — na sua timidez, nas suas hesitações, nos seus prazeres da mesa e da ostentação, como nas suas dificuldades financeiras, nos seus problemas domésticos". Segundo ele, esse é o seu maior livro, e nele Viana "se mostra, realmente, na plena posse de todos os seus meios, confirmando a sua classe indiscutível de príncipe de nossos biógrafos".

O ponto alto de Luiz Viana foi ter-se deixado empolgar, com paixão, pelo roteiro dos meandros íntimos que percorre qualquer criatura humana antes que possa ser qualificada de um grande homem. E ele próprio define o seu embaraço: "Na biografia como na história, muitos fatores concorrem para a precariedade e para a falibilidade dos julgamentos e das observações na pesquisa da verdade em torno de uma vida".

Mas na avaliação global, embora consciente de que é "relativa a verdade contida em qualquer biografia", podemos afirmar sem vacuação que esse caminho ele trilhou sempre como vitorioso.

Se é certo, como afirmou Ortega Y Gasset, em "El Tema de Nuestro Tiempo" que "cada geração tem sua vocação própria, sua histórica missão", a de Luiz Viana Filho cumpriu plenamente a que lhe reservou o destino. E ele nessa geração exerceu, por sua vez, sensível e inapagável influência, que lhe assegura lugar privilegiado na galeria dos varões mais ilustres deste País.

Com Luiz Viana Filho aprendi, no convívio ameno do Senado, a desenvolver crescente respeito pelo que se diz e pela dignidade de saber.

Hoje, quando a lembrança de sua pessoa perdura, essa sombra ilustre pervaga pela Casa, digna, austera e viva, como ontem, porque seu nome se insere para sempre na relação dos grandes brasileiros e parlamentares que contribuíram, com sua obra e com seu exemplo, para consolidar o regime democrático no Brasil:

Ad immortalitatem. (Palmas.)

**Discurso do Senador Roberto Campos (PSD — MT),
Em nome do Senado/ederal**

Sr. Presidente, Sr Luiz Viana, membros da Família, distintas autoridades, Senador Luiz Viana Neto, Srs. Senadores, Srs. Deputados:

Conheci Luiz Viana como autor, antes de conhecê-lo como pessoa. Ou antes, como personalidade. Não são muitas as pessoas que se convertem em personalidades. Foi ele que me transmitiu o convite do Presidente Castello Branco para o Ministério do Planejamento, em abril de 1964. Surpreendeu-me um pouco a minha relutância em aceitar o desafio. É que, como ele próprio fez notar em sua clássica biografia de Castello Branco, eu tinha motivos para andar escarneado do Governo: tendo feito tentativas de planejamento nos períodos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart, para vê-las todas abandonadas a meio caminho, eu estava imbuído do pessimismo do lutador de causas perdidas. "Castello é diferente — ponderou-me Luiz Viana —, atravessará o deserto da impopularidade, se for esse o único meio de enfrentar a engenharia do caos". Quando o conheci, Luiz Viana já era o estadista sereno e conciliador, irônico, porém afável, com quem todos bem convivíamos, suficientemente idealista para enxergar além do seu tempo, e suficientemente realista para ser eficaz no seu tempo. Eu não sabia, então, da impetuosidade do seu intróito na vida política. Ao se iniciar a Revolução de 1930, ficou ao lado do seu conterrâneo Octávio Mangabeira, então Ministro do Exterior, e, depois, exilado pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas. Luiz foi levado à prisão em virtude de seu apoio à Revolução Constitucionalista de São Paulo. Redigiu, depois, o "Manifesto da Liga de Ação Social e Política da Bahia", cuja finalidade era promover a reconstitucionalização do País.

A vida pública estava em seu sangue. Ele a sorveu no ambiente da Casa, filho que era de uma prestigiosa figura política baiana, o Conselheiro Luiz Viana, que presidiu o estado no conturbado e difícil tempo do episódio de Canudos. Desde menino, não terá Luiz Viana permanecido insensível às múltiplas e complexas contradições do seu País, do primitivo e do moderno, e dos terríveis equívocos, que, em nome de princípios e, as mais das vezes, de meras frases retóricas, nele se cometeram e se cometeriam.

Eleito Deputado Federal em outubro de 1934, perdeu seu mandato pela cassação coletiva resultante da implantação, pelo ditador Getúlio Vargas, do Estado Novo, em 1937. Mais tarde, ele diria, com uma ponta de humor entrustecido, que as cassações que ocorreriam na primeira fase da Revolução

de 1964 pelo menos eram "individuais" e não "coletivas". Ele havia sido vítima de uma cassação coletiva de toda a instituição legislativa.

Não é geralmente sabido que, cassado em seu mandato parlamentar com a implantação do Estado Novo, iniciou ele sua colaboração para a revista *Seiva*, considerada pelo historiador Edgar Carone, como a única publicação antifascista daquela época.

Não se deixou ele iludir pela onda totalitária que nos anos 30 parecia a onda do futuro.

Se a interrupção de sua carreira política representou uma frustração pessoal, foi uma benesse para as letras brasileiras. O ostracismo excitou-lhe a criatividade. Não lhe restava senão retornar ao chamado de professor e de homem de pensamento, e em breve se transformaria no "príncipe de nossos biógrafos", para usar a feliz expressão de Tristão de Atayde.

Os biógrafos, como os historiadores, têm que enfrentar um permanente conflito entre as exigências da verdade histórica e as tentações da liberdade ficcional. Luiz Viana escolheu a via histórica, com pesquisa laboriosa, em que os personagens aparecem como homens de razão e não heróis da imaginação.

Luiz era, na verdade, um polígrafo. Em sua bagagem literária sucedem-se obras de Direito, de Lingüística, de História e de Pesquisa Antropológica.

Pouco depois de completar 30 anos, publicou *A Sabinada*, obra de pesquisa histórica sobre a Revolução Baiana de 1837/38, fase turbulenta em nossa transição para o Segundo Império.

Em 1945 viria a público o *Negro na Bahia*, com prefácio de Gilberto Freyre. Esta obra se tornou um ensaio clássico sobre a escravidão. Ele historiou os variados ciclos de imigração africana e sublinhou o papel revolucionário do sudanês. Era o traço sociológico, e é pena que não tivesse voltado a esse campo.

É na biografia, entretanto, que Luiz Viana atinge a excelência literária incontestável. Em 1941 e 1945 é a vida de Rui Barbosa; em 1952, a de Joaquim Nabuco; em 1959, a do Barão do Rio Branco, e em 1965, a de Machado de Assis.

Sua mais importante obra se tornou um clássico de nossa história política e se intitulou *O Governo Castello Branco*. Essa obra foi completada entre os anos de 1971 e 1973. A ela me referirei mais tarde, porque fui parte, ainda que menor, de algumas decisões, as quais, essenciais, ainda que controvertidas à época, caracterizaram Castello como um grande modernizador de instituições e não um simples guardião de quartéis.

Poderíamos usar plenamente, em relação a Luiz Viana, o termo "intelectual", pois isso ele o foi com irretorquível legitimidade, com uma paciência monacal na pesquisa, e sabedoria na interpretação dos temas e das pessoas. No entanto, "intelectual" não é uma palavra sempre feliz nestes nossos tempos, ainda não de todo resolutos, que não raro cultuam o engajamento pelo engaja-

mento. Algumas vezes a palavra "intelectual" tem, também, unia conotação de distanciamento da realidade e, até mesmo — *horresco referens* — de alienação. Não. Neste sentido Luiz Viana nunca poderia ser julgado. Foi um homem de inteligência, um homem engajado no esforço de compreender e pensar muito, mas, igualmente, um cidadão engajado no real, no mundo onde se tomam as decisões que a alguns alegram, a alguns contristam e a todos afetam.

Que a ninguém enganasse o seu jeito tranqüilo e discreto, patricio. Seu espírito fugia da turbulência, seus modos recusavam o apelo aos instintos soltos, mas seu espírito não temia a responsabilidade nem das suas idéias nem das suas ações.

A presença de Luiz nestas duas Casas permanece ainda na nossa memória imediata. É como se não nos surpreendêssemos em encontrarmo-nos com sua figura patricia, invariavelmente gentil e impecavelmente delicada, ponderada e culta, nos corredores da Câmara dos Deputados ou no plenário do Senado Federal.

Essa admirável figura fazia parte de nosso cotidiano como símbolo de nobre convívio é, para não poucos, de vera amizade.

José Guilherme Melchior descreveu-o recentemente como um "fidalgo baiano": com cortesia sem cortesia; convivência com dignidade; senso de história, não puxa-saquismo de opinião. Tinha também, o meu querido Luiz Viana Filho, um grande gosto de viver. Havia traços de alemão em seu sangue, mas era um fanático da cultura francesa e costumava citar outro alemão francófilo, Heine, para quem a França havia sido o primeiro país, a atender e enaltecer duas exigências fundamentais: a boa comida e os direitos do homem.

Deputado Federal em seis Legislaturas; Senador em duas; Chefe da Casa Civil da Presidência da República; Ministro de Estado; Governador de seu Estado natal — a Bahia —, Luiz Viana Filho nos deu o exemplo de uma rara vida de político e parlamentar, que, pela sua longa e constante presença no cenário político, fundem numa só época biografia e história.

Com sua disposição sempre ponderada, animada de profunda decência, contribuiu para o equilíbrio das mentes e dos ânimos, para a formulação precisa e bem fundada, para a visão mais ampla e bem informada, tantas vezes em que a exaltação e a urgência são comuns em qualquer Parlamento, toldando a óptica do momento. Todos sabemos o que significa essa admirável continuidade da presença nas Casas da representação legislativa do País. Cinqüenta e cinco anos não são somente uma vida, são uma síntese do tempo; são história! E, ao longo desse tempo, quase duas gerações, sempre reconduzido pelo voto do povo, esse homem exemplar retorna e retorna ao Congresso Nacional, nos bons tempos e nos maus tempos, nos dias de esperança e nos dias de sombra.

A vida política de Luiz Viana é uma só e contínua lição de legitimidade, em que o caráter representativo de sua voz é atestado e confirmado sempre nas urnas. Foi sempre um verdadeiro mandatário, nunca desautorizado do

povo da Bahia. Fez uma das governanças mais férteis no seu Estado. Suas prioridades foram claras, simples e as metas substancialmente cumpridas — educação, industrialização, eletrificação e saneamento básico. São de sua época o Plano Integrado de Educação, inspirado por Anísio Teixeira, e a criação do Centro Industrial de Aratu. Suas preocupações, no Executivo baiano, não o afastaram da cena mais ampla da política nacional. Numa conjuntura de alta tensão, lançou, em fevereiro de 1968, a tese da pacificação nacional. Era uma espécie de contraquadro à Frente Ampla promovida por Carlos Lacerda, que consagraria a divisão do País em blocos antagônicos.

Tendo lutado pela reconstitucionalização do País ao fim do governo de Castello Branco, via com apreensão a recaída autoritária do Ato Institucional n°5.

. Voltando ao Senado em 1975, já no Governo de Geisel, proferiu um famoso discurso, em que retomou a tese da pacificação nacional, dizendo que seria necessário substituir o arbítrio pela dinamização da política, através da criação de novos partidos, e admitindo uma candidatura civil à Presidência da República, tese que eu próprio, com muito menor ressonância, havia defendido desde 1972.

Como Presidente do Senado, Luiz Viana saudou a revogação, pelo Presidente Geisel, do Ato Institucional n° 5, em dezembro de 1978, fazendo um apelo para que a República, esta República, "conservasse os pés no chão, para ser tecida com os fatos e não com os sonhos".

A época mais conturbada e também mais produtiva de sua vida, relatada com um misto estranho de paixão e objetividade, foi seu período de Chefia da Casa Civil do Presidente Castello Branco.

Fomos colegas de Gabinete, tornando-se ele o principal administrador das crises políticas e eu, das crises econômicas. E a safra de crises foi ampla, em ambos os campos e para ambos de nós.

A Revolução tinha duas grandes clivagens. No plano militar, a clivagem entre a linha dura e os moderados. Aqueles se concentravam no ideário negativo: o binômio do combate à corrupção e à subversão. Os "moderados", liderados por Castello e incentivados por Luiz Viana, interpretavam sua função diferentemente. Legalista e reformista, Castello Branco acreditava que a radicalização é inimiga mortal da tolerância e tentaria arduamente, com parcial sucesso apenas, conciliar a Revolução com a ordem legal.

No plano econômico, a cisão era entre os governadores expansionistas, como Carlos Lacerda e Adhemar de Barros, que não queriam aceitar a inevitável impopularidade inicial do programa antinflacionário, e, de outro lado, os tecnocratas teimosos — assim me classificava Luiz Viana —, que priorizavam a luta contra a inflação e a correção dos artificialismos dos controles e subsídios como pré-condição para um desenvolvimento sustentado.

Luiz Viana, o grande conciliador, se viu envolvido no *maelstròm* das crises políticas: a controvérsia sobre a prorrogação do curto mandato de Castello, o doloroso episódio da cassação de Juscelino, a rebelião da linha dura

após as eleições governatorais de 1965 (das quais resultou a promulgação do Ato Institucional nº 2, para contragosto de Castello), o lento esforço deste para a reconstitucionalização do País. Castello queria deixar como legado um sistema político constitucionalmente bem fundado e uma casa econômica razoavelmente arrumada.

Quanto a mim, Luiz Viana chamava-me., afetuosamente, de "pára-raíó vocacional", pois o programa econômico era impugnado em ardorosos debates por dois artistas televisivos, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Ambos desejavam colher os frutos das reformas econômicas, mas não assumir a responsabilidade das agruras do plantio, da incerteza sobre o vicejar das sementes e as turbulências da atmosfera que, de vez em quando, frustravam as colheitas.

Castello tinha perfeita consciência dos problemas inerentes a um programa antiinflacionário, a começar pela recessão industrial temporária; a elevação dos índices, em conseqüência do reajuste de preços *defasados*, como transportes, eletricidade, aluguéis, e dos preços *subsidiados*, como gasolina e trigo. Era o que eu chamava de inflação corretiva. Castello não buscava ocultar a doença, e sim selecionar os remédios.

Desde a primeira histórica reunião do Gabinete, em 27 de abril de 1964, foi traçado um programa de surpreendente atualidade para os nossos dias. Essa sessão foi descrita por Luiz Viana com grande precisão e relevância, em páginas que merecem ser relidas.

Recorda Luiz Viana que o Ministro do Planejamento de então sugeriu, para atenuar os efeitos recessivos, enquanto a economia não retornasse à estabilidade, uma clara enunciação dos propósitos do Governo, no tocante ao amparo da iniciativa privada, inclusive em relação aos investidores na agricultura. Estes precisavam ser tranqüilizados quanto à reforma agrária e assegurados quanto aos preços de seus produtos. Há muito tempo desestimulados por tabelamentos, imensas filas de consumidores testemunhavam o desânimo dos homens do campo, que deixavam de abastecer as cidades.

Quanto ao desemprego proveniente da recessão industrial, deveria ser atenuado pelo plano habitacional, que se destinava a minorar a escassez de habitações agravada pelo congelamento demagógico dos aluguéis. Como tudo isso soa moderno um quarto de século depois!...

Esperava-se, também, através do aumento de exportações, propiciado por taxas cambiais realistas, aproveitar a capacidade ociosa da indústria. É dessa época o *slogan*: "exportar é a solução", que gradualmente promoveu o desenvolvimento de uma mentalidade exportadora no País. Dizem, pelo menos os habitantes do País de Gales, em seu esquisito idioma, que o líder é aquele que constrói pontes. O líder é um construtor de pontes: ponte entre as idéias e ponte entre os homens. Luiz foi um construtor de pontes entre os militares "fervorosos" e os "moderados". O êxito das reformas modernizantes do Governo Castello Branco se deve, em grande parte, à sabedoria afável do Chefe da Casa Civil.

Tenho saudade dele. Dele todos temos saudade. Foi enexcedível na tarefa de explicar aos políticos as limitações econômicas, e aos tecnocratas os constrangimentos políticos. Aqueles querem os fins, sem necessariamente aceitar os meios. Estes, preocupados com a mesquinhez dos meios, às vezes se esquecem da nobreza dos fins.

Luiz soube mais do que ninguém rezar a oração do teólogo Reinhold Niebuhr: "Que Deus me dê serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as que posso, e sabedoria para distinguir a diferença". (Palmas.)

Discurso do Presidente Nelson Carneiro, encerrando a Sessão

Exm^o Sr. Deputado Paes de Andrade, Presidente da Câmara dos Deputados; Exm^o Sr. Dr. Nilo Coelho, Governador do Estado da Bahia; Exm^o Sr. Arcebispo Emérito D. José Newton; Exm^a Srs. Ministros dos Tribunais Superiores; Exm^a Srs. Embaixadores; Exm* Sr. Presidente e Membros da Academia Brasileira de Letras; Srs. Deputados; Srs. Senadores; Srs. Representantes das instituições culturais cívicas e administrativas da Bahia; minhas Senhoras; meus Senhores; prezada Senhora D. Juju Viana e familiares de Luiz Viana Filho

Outra não poderia ser a homenagem do Congresso Nacional a quem tanto serviu à Pátria e dignificou a vida pública.

Antigo Senador e Líder, o eminente Deputado Aloysio Chaves conquistou, como Luiz Viana, uma cátedra universitária, e no Governo dedicou-se, em seu Estado, quanto lhe foi possível, à causa da educação. Também esta foi uma das grandes contribuições de Luiz Viana à terra natal, ao lado do Centro Industrial de Aratu.

Roberto Campos teve Luiz Viana como colega durante a Presidência Castello Branco, reencontrou-o no Senado Federal e dessa convivência acaba de nos dar eloquente depoimento.

A iniciativa de Ruy Bacelar foi a voz da Bahia, onde Luiz Viana atuou — professor universitário, advogado, jornalista, homem de letras, Deputado, Senador, Chefe do Executivo — os anos todos de sua fulgurante carreira.

Da soma desses depoimentos, em breve reunidos em livro, ressalta o político sem ódios, o amigo constante, o administrador iluminado, o parlamentar de poucos discursos e memoráveis discursos, o Presidente exemplar do Senado Federal e do Congresso Nacional.

No campo das letras, o acadêmico, o historiador, com o dom da paciência, pesquisando, senhor da virtude de não ter pressa, captando informações, ouvindo conversas, provocando confidências, para que o fruto do seu trabalho fosse o mais próximo da verdade.

Um ser dotado de grandezas, que poucos conheci, no curso da vida que a ele se assemelhassem.

Foi há 60 anos que nos encontramos, Luiz Viana chegava à tormentosa política baiana. Aos 12, perdera o pai, o Conselheiro Luiz Viana, Senador da República, ex-Governador, ex-Presidente da Assembléia Legislativa, ex-

Presidente do Tribunal de Justiça. Restara-lhe o padrinho, o cordial, o fidalgo Senador Pedro Lago. E, com ele, Simões Filho, os Mangabeira, Miguel Calmon.

O movimento de outubro, que eu pregara na praça pública, haveria de negar a Pedro Lago o direito de assumir o Governo da Bahia, para o qual seria eleito sem competidores, e roubara a Luiz Viana a possibilidade de ocupar uma cadeira na Assembléia Legislativa.

Eu vinha da trepidação da Aliança Liberal, do jornal de oposição, dos *meetings* do Cruzeiro de São Francisco. Minhas lideranças eram outras — J.J. Seabra, tempestuoso, pregando revolução, os Monizes, Leopoldo Amaral, Vilobaldo Campos. Naquele distante 1931, não havia como distingui-los, era a Bahia a união de todas as forças políticas tradicionais da velha província.' Surgia, em torno delas, uma geração de homens públicos das mais brilhantes, e são muitas que a Bahia tem oferecido ao País. Vários chegaram ao Congresso Nacional e exerceram com brilho o mandato parlamentar. 'Só o temor da omissão me impede que os enumere nesta hora de sentida evocação! Direi apenas que nenhum excedeu a Luiz Viana em amor e fidelidade, em serviços à Bahia e ao Brasil. Nem sempre estivemos no mesmo partido,' mas nunca nos separamos. Luiz Viana jamais deixou de ser o amigo fraterno, como o chamou Josué Montello. Comefeité, "nascera para ser* amigo, com o gosto de admirar, de servir, de diluir os antagonismos excessivos. Daí ter sido amigo de muitos".

Superamos divergências partidárias. Julgamos diferentemente homens e episódios. Mais outros decênios seriam poucos para uma amizade sem hiatos! Tínhamos cultos comuns: Rui Barbosa, Octávio Mangabeira. Guardávamos recordações comuns.

Em 1932, estivemos presos, juntos, Luiz Viana e eu.

Quinze anos depois, ele e Aliomar Baleeiro acolhiam fraternamente a Gilberto Valente e a mim, convocados para integrar a Bancada da UDN baiana.

Quando transferi meu domicílio eleitoral da Bahia para o Rio de Janeiro, ficou com Luiz Viana o meu velho título de eleitor. Devo-lhe generosa resposta à consulta de aceitar ou não o inesperado convite do Almirante Augusto do Amaral Peixoto para integrar uma chapa carioca de pequenos partidos, inclusive o Libertador. O presidente da sessão baiana da gloriosa agremiação acedia em emprestar-me, jamais em me dar à política do Rio de Janeiro, creio que foi a única vez em que se enganou. Fôramos deputados ao mesmo tempo, seríamos ao mesmo tempo senadores. Honro-me de ter sufragado seu nome para a Presidência do Senado Federal. Como em todos os cargos que exerceu, foi modelar sua administração, e a biblioteca, que ele ampliou, guarda seu nome.

Finalmente, foi Luiz Viana quem tomou a iniciativa de trabalhar minha candidatura à Presidência, outro equívoco seu. Com aquela singular capaci-

dade de angariar e conservar amizades, costurou a vitória e logrou o consenso. Não imagináramos, os dois, que me coubesse presidir a esta sessão em que reverenciamos sua ilustre memória. Nem jamais pensei que tão cedo o perderia, quando ainda nas vésperas concertávamos encontros e conversas para os dias próximos.

Não há consolo para a morte. Mas, se acaso houvesse, sua desvelada companheira de toda a vida, Dona Juju Viana, modelo de esposa e mãe, seus filhos, seus amigos, seus admiradores, encontrariam resignação na expressiva solidariedade de todo o povo baiano, fiaquela hora amarga em que a gloriosa província se despedia do filho eminente e insubstituível.

Quando nos conhecemos, Luiz era um pouco mais velho do que eu. Quando nos separamos no Campo Santo, tínhamos a mesma idade. Éramos ambos octagenários, que, transpostos os oitenta, desaparecem quaisquer diferenças. Vale a geração, e a geração era a mesma.

Com Luiz desaparecia uma das mais lúcidas, das mais cultas, das mais cordiais expressões de uma época que Deus permita não se afogue, não perdesse apenas no mar imenso da saudade. (Palmas.)

A Presidência agradece penhorada a presença da família de Luiz Viana Filho, das autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas que aqui compareceram.

E convida a todos para, no Salão Negro, receberem a última obra de Luiz Viana, aquela sobre o eminente homem de educação que foi Anísio Teixeira. Melhor diria, da penúltima obra de Luiz Viana Filho, porque sua obra é permanente.

Está encerrada a sessão. (Palmas.)

**Discurso do Senador Cíd Sabóia de Carvalho,
(PMDB-CE), em 29 de novembro de 1991**

Srs. Senadores, ontem, o Senado Federal teve uma sessão festiva, uma sessão da maior importância festiva, porque relativa a um grande talento; de saudade, porque relativa a um Companheiro que não mais está, e, acima de tudo, uma reverência a um grande morto, o nosso Colega de Senado Luiz Viana Filho.

Enquanto decorria a reunião de ontem, eu fiquei a me lembrar de alguns aspectos importantes a respeito da personalidade do nosso Companheiro, postumamente homenageado, ontem, neste recinto.

Queria dizer, por exemplo, que Luiz Viana Filho, como intelectual, não era apenas um nome conhecido no Brasil, não era apenas um nome restrito à cultura nacional; mais do que isso, era um escritor bastante lido em todos os países onde se fala a língua portuguesa, e as edições de seus livros tanto são brasileiras quanto portuguesas. Devo dizer que as edições da Lello com as obras de Luiz Viana Filho alcançam vendagem internacional, uma grande vendagem, principalmente no que se refere àquelas biografias básicas da obra do homenageado de ontem.

O seu trabalho sobre Eça de Queiroz é absolutamente marcante, tão marcante como o trabalho sobre o Barão do Rio Branco, como o trabalho sobre José de Alencar e outros tantos que escreveu sem que se esqueça, no entanto, a sua obra de maior repercussão, que é a vida do Conselheiro Rui Barbosa.

Acho que deve ficar nos Anais da Casa o registro do escritor com repercussão internacional que foi Luiz Viana Filho, integrando uma das mais importantes coleções da Editora Lello, coleção onde está Latino Coelho, coleção onde estão grandes escritores de outros países, escritores de Portugal, e nessa coleção, repetidamente, aparece o autor Luiz Viana Filho.

Sr. Mauro Benevides — Permite-me um aparte, nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Ouço V. Ex^a com todo prazer, Senador Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, nunca será demais para o Senado Federal abrir espaços nas suas sessões, ordinárias

ou extraordinárias, para homenagear a figura excepcional de Luiz Viana Filho, que soube sempre honrar e dignificar não apenas esta Casa mas toda a vida pública brasileira. Recordo-me, envolvido, ainda, em profunda emoção, de que, quando tomamos conhecimento, em Brasília, do repentino desaparecimento, em São Paulo, do nosso inolvidável Colega, então no exercício da Liderança do PMDB, vim à tribuna do Senado para apresentar, naquele primeiro momento, um requerimento de homenagem a Luiz Viana Filho e aquelas solicitações pertinentes ao deslocamento, para a Bahia de uma comissão de Senadores, tendo à frente o próprio Presidente da Casa, a fim de prestar as homenagens de reverência e de saudade ao grande Líder que a Bahia emprestou ao País, para servir-lhe com a maior seriedade. Mas eu me permitiria, neste instante, dizer a V. Ex^a que, há cerca de 30 ou 40 dias antes do desaparecimento de Luiz Viana Filho, um grupo de Senadores tomou a iniciativa de apresentar o nome de Luiz Viana Filho para exercer o cargo de Conselheiro da República, dentro daquela participação assegurada pela Carta Magna ao Senado como, igualmente, à Câmara dos Deputados. Neste instante, destaco para V. Ex^a, afim de que integre o seu pronunciamento na tarde de hoje, que cheguei a dialogar com Luiz Viana Filho sobre essa nossa espontânea iniciativa, que objetivava fazer ascender ao Conselho da República um homem que, representando o Senado Federal, com os nossos votos, portanto, ali poderia ter uma atuação marcada pelo equilíbrio, pelo apuro, pela clareza, pelo descortino, pela experiência extraordinária em problemas ligados a República dentro daquele contexto constitucional. Senti, da parte de Luiz Viana Filho, a alegria íntima de entender que os seus Colegas dele se haviam lembrado naquele momento, para que compusesse o Conselho da República. Evidentemente, nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, os fatos ocorreram de modo traumatizante, porque atingiram a vida daquele eminente Colega que sempre soube pontificar nesta Casa, servindo para todos nós de paradigma pela sua honradez, pela sua dignidade, pelo seu civismo, pelo seu extraordinário espírito público. Neste instante, portanto, através do aparte que ofereço ao discurso de V. Ex^a, vai a minha homenagem, sempre sentida, de enaltecimento à figura extraordinária do grande Representante da Bahia no Senado Federal

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Obrigado a V. Ex^a Incluo o seu aparte em minha fala com o maior orgulho e com grande oportunidade, porque estou na tribuna exatamente para ressaltar alguns aspectos da personalidade de Luiz Viana Filho que quero que constem dos Anais da Casa.

O Sr. Ney Maranhão — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Ouvirei V. Ex^a logo que responda, ou faça algumas considerações a respeito da interferência do Senador Mauro Benevides.

Quero dizer, por exemplo, que a ida de Luiz Viana Filho para o Conselho da República era já um fato deliberado no Senado. Mas quero, Senador Ney Maranhão, dizer aos meus companheiros que aqui estão, e entre eles o filho de Luiz Viana Filho, o Senador Luiz Viana Neto, que ao longo da minha vida intelectual, também como integrante de várias academias, aprendi, muito cedo, a admirar Luiz Viana Filho, e quando o conheci na Bahia, como governador daquele Estado, o meu prazer não era apertar a mão do Governador da Bahia, mas apertar a mão do acadêmico Luiz Viana Filho, cujas obras eu já conhecia em parcelas razoáveis naquele tempo, porque o seu livro sobre Rui Barbosa, por exemplo, é talvez a biografia mais autorizada do grande brasileiro.

E quero explicar por quê. Porque Luiz Viana Filho escreveu aquela biografia quase que no alongamento do clima familiar, já que conhecerá Rui Barbosa na casa de seu pai. Luiz Viana era criança, mas guardava bem a idéia de que fora apresentado a Rui, quando de sua infância — a infância de Luiz — e isso foi um fato que ficou em sua memória até os seus últimos dias.'

Não teve oportunidade de conviver com Rui, mas teve oportunidade de colher o testemunho dos que conviveram com o grande brasileiro, o grande jurista e grande orador Rui Barbosa.

A biografia que Luiz Viana Filho fez de Rui não é, no entanto, uma peça apaixonada; é isso que quero dizer aqui da tribuna; não é àquela peça produzida pela amizade somente, não é aquela peça do admirador, do fã, talvez Luiz Viana Filho não tenha conseguido ser o espectador inerte e inerte de grandes personalidades das quais tratou. S. Ex^a a todos examinou com grande espírito crítico e, quero dizer, tendo na sua mente o quadro histórico onde o personagem relatado existiu.

Luiz Viana Filho não foi aquele biógrafo que vai apanhar os dados em revistas, em jornais, em livros vários que se restringem apenas a uma bibliografia, a um material político; *não!* Ele situava o personagem de quem tratava exatamente no cenário que era do seu pleno conhecimento, porque antes de ser biógrafo Luiz Viana Filho era historiador; esse detalhe deve ficar muito bem assentado aqui na Casa; a biografia vinha, como a arte, dentro da história, e não uma narrativa que amanhã alguém tentasse conciliar com a história e não encontrasse os meios adequados.

A biografia de Rui é um tempo da história do Brasil, não é só a vida de Rui Barbosa é um tempo da vida brasileira; é o tempo do exílio de Rui, são os porões de navios, são os sofrimentos psicológicos de Rui perseguido; são os conflitos entre o Império e a República; são os momentos da Constituição, que foi elaborada tendo em Rui Barbosa uma das principais figuras e, depois, o maior comentarista. Luiz Viana apanhou um pedaço da história do Brasil, em que existiu Rui, e esse pedaço do Brasil é a biografia de Rui Barbosa. É preciso que se saiba disso.

Quando, por exemplo, mais modernamente, tratou do Governo Castello Branco, que considerava ser a sua principal obra: "O Governo de Castello Branco", Luiz Viana, outra vez, atuou de um modo extraordinariamente diferente dos biógrafos comuns, porque não foi fazer a biografia de Castello Branco, não foi explicar a Revolução de 31 de março de 1964; ele, acima de tudo, falou como uma testemunha da história e, além do trabalho de historiador, há um documento que é um testemunho, e as personagens naquele trabalho aparecem vivas, latejantes. Ler, hoje, um livro sobre Castello Branco é como tirar do túmulo o cearense que foi o primeiro Presidente do período, a partir de 1964. E, por incrível que pareça, muito embora tenha sido um livro em que Luiz Viana Filho trabalhou, como para tentar evitar deturpações, ou, como quem quer transmitir para a Nação a verdadeira imagem do Presidente — antes que houvesse a deterioração — Luiz Viana escreveu esse livro com uma certa dosagem de amizade em torno da figura de Castello Branco e em torno de todas as figuras ali envolvidas. Mas, não foi um leviano, não foi uma pessoa parcial; narrou os fatos com uma clareza extraordinária, situando no tempo todos aqueles acontecimentos, todas aquelas pessoas, de tal sorte, que há ali, além do depoimento histórico, além do testemunho de Luiz Viana Filho, além da localização de pessoa no tempo, porque não dizer, um belo enfoque para futuros trabalhos sociológicos sobre a sociedade brasileira, porque a sociedade brasileira avulta nas entrelinhas daquele trabalho. É o tipo de trabalho que poderia ser pesquisado por Fernando de Azevedo, por Gilberto Freyre e por muitos sociólogos nossos no afã de reconstituir uma evolução social do nosso País.

Quero, com isso, deixar bem claro que Luiz Viana Filho não foi apenas um biógrafo, não foi apenas um homem que cuidou de levantar a vida de Alencar, tentou levantar a vida do Barão do Rio Branco, tentou restabelecer Eça de Queirós. Por exemplo, na obra sobre Eça de Queirós, Luiz Viana Filho é, acima de tudo, um crítico literário, que faz uma biografia com pleno conhecimento da literatura. Notem que isso é uma coisa rara, porque muitos intelectuais tiveram suas biografias feitas por pessoas que não tinham noções de críticas literárias e assim não podiam avaliar a grandeza da vida e da obra da pessoa tratada. Já com Eça de Queirós, Luiz Viana Filho era, antes de ser a pessoa que apanhou os dados, um leitor de Eça de Queirós, era leitor da *Revista de Portugal*, que é básica no seu trabalho, era leitor de Ramalho Ortigão, porque ninguém fala sobre Eça de Queirós sem falar sobre Ramalho Ortigão; era um homem que conhecia, exatamente, o temperamento de Eça, soube detectar com precisão o temperamento de Eça de Queirós no enfraquecimento de sua personalidade pelas doenças, pelas enfermidades, como pode detectar o comodismo de Eça, quando, em determinados momentos, fugiu de polêmicas que nada lhe renderiam, inclusive pelo fato de estar quase sempre ausente de Portugal, pela sua função de diplomata.

Vejam quem era Luiz Viana Filho. Ouvi dizer, ontem, que ele aproveitava o intervalo de sua vida política, para produzir aquela obra. Mas não foi

somente isso. Esse intervalo apenas coincidiu com sua obra, porque ele ainda pretendia escrever sobre Euclides da Cunha; diante de tantos atentados, a demora de Euclides, ele, Luiz Viana, que estava habilitado a restabelecer a verdade sobre o grande escritor brasileiro e, ontem, recebemos aqui, o livro sobre Anísio Teixeira. Curiosamente, Luiz Viana Filho começou o seu trabalho, inclusive, como jurista, é um breve trabalho. No início da década de 30, ele assinava, com Orlando Gomes, um trabalho muito raro e pouco encontrado, mas que já era a demonstração de todo potencial de suas possibilidades de escritor; o fenômeno que deve ter acontecido é que a Literatura e a História roubaram Luiz Viana Filho do Direito, esse fenômeno deve ter acontecido, mas a vida política de Luiz Viana Filho jamais seria capaz de interceptar o seu talento criador para produzir as obras que produziu; as produziria em qualquer circunstância, em qualquer modelo de vida que tivesse a adotar.

O que há é que o fato das obras serem muito minudentes em determinados momentos e o que há também é que tendo ido muito a bibliotecas consultar jornais, todo mundo pensa que ele não teria tempo de produzir aquilo que produziu *pari passu* com a vida política. Teria, tenho certeza de que teria, porque conciliou os seus dois mandatos de senador, os seus vários mandatos de parlamentar com a vida intelectual e nos últimos anos, desde que entrou na Academia Brasileira de Letras, conciliou a atividade de acadêmico com a atividade de político. Ele sempre pôde conciliar isso.

Ouçõ agora o aparte do Senador Ney Maranhão, o que faço com muito prazer.

O Sr. Ney Maranhão — Senador Cid Sabóia de Carvalho, falar do homem público, desse grande representante da Bahia, desse estadista, desse ex-Governador, ex-Senador e ex-Deputado Federal é mostrar ao Brasil o exemplo de homem público, de homem que dedicou a sua vida toda para bem representar o seu Estado, o grande Estado da Bahia; de homem conhecedor das letras, como V. Ex^a está falando, com muita propriedade, desta tribuna. Tive o privilégio, Senador Cid Sabóia de Carvalho, de, por longos anos, fazer uma grande amizade com o Senador Luiz Viana. Nos idos de 1954, o Senador Luiz Viana, naquela época eleito Deputado Federal pelo Partido Libertador, o Partido de Raul Pilla, do qual, com primeiro mandato — muito moço na época — também fazia parte, representando o povo baiano no Palácio Tiradentes. Quero, neste momento, prestar as minhas homenagens ao Senador Luiz Viana, Deputado Federal da época, com quem muito aprendi e cujos ensinamentos me foram muito úteis na minha vida pública.

Eram as homenagens que, neste instante, queria prestarão grande homem público brasileiro desaparecido do nosso meio. Muito obrigado.

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Obrigado a V. Ex^a É também um detalhe dos mais ilustrativos esse que V. Ex^a traz para conhecimento do Plenário do Senado Federal.

Mas quero também fazer outras considerações. Quero falar do homem Luiz Viana Filho rapidamente. Não quero aqui fazer um discurso de crítico literário ou como uma pessoa que conhece a sua obra. Não. Quero falar de vários aspectos que acho que devem constar dos Anais. Quero dizer que Luiz Viana Filho era um dos homens mais finos que poderíamos conhecer. A personalidade era marcada pela gentileza; acima de tudo, pela atenção e também por uma, digamos assim, uma marcante demonstração de amizade que ele tinha pelos seus companheiros. Poucas vezes me entendi com ele e pedi alguma referência, algum discurso seu, alguma peça como o seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que não fosse atendido prontamente e do modo mais gentil. Aquilo que ele dizia que iria providenciar, que iria fazer, aquilo era absolutamente sagrado. Era um homem com quem podíamos conversar profundamente sobre os mais diversos assuntos e quando nós o encontrávamos ao lado de Afonso Arinos, aí era uma beleza, porque ambos tinham uma grande memória, minudente memória, para aspectos marcantes da República; muitos desses aspectos não constantes da história, mas fatos que foram testemunhados, acontecimentos que se registraram no Parlamento brasileiro, episódios que eles narravam, do Império.

Afonso Arinos, com as suas múltiplas lembranças do outro Afonso Arinos, seu tio; com a lembrança de Virgílio de Melo Franco, de Afrânio de Melo Franco. Então, era possível juntar esses dois homens e colhermos quase que a presença de um século de sapiência, um século de conhecimentos, um século de Brasil, um século de amor à Pátria, porque ambos eram muito dedicados à cultura brasileira.

Ouvi, ontem, aqui o Senador Roberto Campos ressaltar um detalhe real: nas veias de Luiz Viana corria um pouco do sangue alemão, mas a sua grande admiração era pela cultura francesa, é verdade; mas antes disso, antes da cultura francesa, ele foi um homem absolutamente dedicado à sua língua à língua pátria, à língua portuguesa. Foi um homem preocupado com os nossos intelectuais, e era com muito carinho que nós poderíamos obter dele,, por exemplo, muitas informações sobre Antônio de Castro Alves. Dizem até, não sei se é verdade, que ele tinha em sua residência uma estante que pertencera a Castro Alves, com todos os livros que foram do grande bardo baiano.

Mas ele podia falar de Afrânio Peixoto. Podia narrar a volta de Afrânio Peixoto à sua terra natal, onde compareceu acompanhado exatamente por Luiz Viana Filho, seu grande amigo. Poderia, com ele, fazer perguntas, as mais variadas, sobre muitos autores, sobre particularidades, por exemplo, de um Junqueira Freire, um poeta precocemente desaparecido aos 21 anos de idade. Ele tinha sua admiração por Corneille, por Voltaire, por Victor Hugo; ele tinha sua admiração pela cultura francesa, Robespierre. Ele tinha toda a sua admiração, é verdade, era um homem que manjava o idioma francês do mesmo modo que maneja o nosso idioma, porque era um homem de muita cultura. Mas, nunca a cultura francesa deve ter substituído no seu

coração, na sua alma, o grande amor que teve pelas letras brasileiras. E, esse amor se expressa, no levantamento de José de Alencar — vida é obra — em toda uma apologia, zelo, restauração da vida de Rui Barbosa. Enfim, sobre os seus estudos sobre a "Sabinada"; o estudo sobre o negro na Bahia, que é uma peça sociológica que, sem ser um trabalho de uma sociologia especial, é um trabalho de uma sociologia geral capaz de ser consultado para que restabelecamos o trânsito do negro na História do Brasil, na cultura do Brasil, na economia brasileira. Todos esses livros são da maior expressão. Vocês não vão encontrar na obra de Luiz Viana Filho nenhum trabalho substancial sobre Victor Hugo. Não vão encontrar nenhum levantamento sobre o romance francês, ninguém vai encontrar na obra de Luiz Viana a tradução de um Baudelaire. Não, absolutamente. Ele tinha aquela admiração pela cultura francesa como a pedra angular da literatura universal, e porque a literatura no Brasil se calca muito sobre a literatura francesa. Assim como temos hoje a influência norte-americana desbragada, nós tivemos a influência francesa na segunda metade do século passado e todo início do presente século *La belle époque* é a França no Brasil, tudo isso ele sentia.

Como estudar Bilac sem estudar os poetas franceses, os grandes parnasianos franceses? Como entender a literatura brasileira sem saber francês, se até as citações em francês eram comuns em Medeiros de Albuquerque, em Olavo Bilac, em Humberto de Campos, em Machado de Assis, em Coelho Neto? A França, em literatura, está para os povos na mesma posição que a filosofia grega está também, numa posição *mater*, numa posição geradora de fenômenos, daí a sua preferência pelas nossas raízes literárias.

. Como poderíamos entender os escritores brasileiros sem a influência de Émile Zola? Como entender a literatura brasileira sem Anatole France? Como entendermos o naturalismo no Brasil, de Aluísio Azevedo, sem conhecermos as correntes da literatura francesa na mesma época, no mesmo tempo.

Então, era não um aficionado exclusivo da cultura francesa, era um homem que conhecia sim, e muito, a literatura francesa. Mas, basicamente, empenhava-se pela grandeza do que é nosso, pela nossa cultura, pelo valor internacional da literatura brasileira.

Um dia conversei com ele sobre o indianismo, que é exatamente uma manifestação nacional, e, verificando todas essas manifestações nacionais que vêm culminar em Guimarães Rosa, até numa linguagem difícil de ser entendida lá fora, chegávamos à conclusão de que não poderíamos mesmo considerar a literatura brasileira apenas no momento em que ela tentasse ser ilha, para esquecermos o momento em que a literatura pudesse tocar em todas as fronteiras culturais, tendo um instrumental mais amplo, um instrumental mais genérico.

Quis deixar nos Anais da Casa essa impressão para que, amanhã, um biógrafo de Luiz Viana Filho não vá querer retratá-lo como um francesista, como um elitista, uma pessoa ligada a uma cultura estrangeira antes de conhe-

cer profundamente a sua, porque isso não era verdade. O que ele tinha era um conhecimento amplo de todas as literaturas: da literatura grega, da literatura francesa, da literatura italiana, da literatura norte-americana, embora muito curta e sem tanta expressão, mas é a pátria de Walt Whitman, um dos grandes poetas que podemos conhecer.

O Sr. Mário Covas — Permite V. Ex.^o um aparte?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Com todo prazer, Senador Mário Covas.

O Sr. Mário Covas — Nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, V. Ex.^o surpreende sempre aqueles que não lhe conheciam anteriormente ao convívio nesta Casa, o que não é o meu caso. Surpreende sempre de forma positiva pela sua capacidade de trabalho, a sua cultura, o seu talento, o seu desassombro; são coisas que, realmente, comovem a cada um de nós e nos deixam como seus admiradores permanentes. Se houvesse uma maneira de aumentar a dimensão histórica, política, social, a dimensão como ser humano de Luiz Viana Filho, certamente, as palavras de V. Ex.^o teriam conseguido. Mas eu posso dizer, na minha visão e na minha convicção, a dimensão daquele * homem vem muito bem expressa, muito bem emoldurada pelo retrato que dele pinta a palavra de V. Ex.^a Não sou a figura abalizada para tratar do biógrafo, do historiador, do filósofo da História, do intelectual Luiz Viana. Mas V. Ex.^a, nessa parte do discurso, fez referência ao homem Luiz Viana Filho. Eu já o disse, anteriormente, mas não sei se nesse dia aqui estava Luiz Viana Neto. Quero repetir: há algumas coisas que a herança de uma figura como Luiz Viana Filho permite que sejam socializadas: a sua obra intelectual, os livros que deixou, a imensa obra literária; o que ele foi capaz de transmitir de forma coletiva em palestras, em conferências, da tribuna desta Casa, na sua vida pública. Há algumas coisas, todavia, que são como segredos individuais, como pequenos cofres dentro dos quais colocam-se determinadas pílulas que são transmissoras de certos atributos e de certas virtudes que, afinal, conformam e configuram um homem.

A minha contribuição não é grande, mas nasce de um sentimento de agradecimento. Ela nasce, afinal, da rememoração de um instante da minha vida passada nesta Casa, e recentemente, na qual senti da parte dele — e ele o fazia de forma quase escondida, sem dizê-lo diretamente — certas características da figura humana de Luiz Viana Filho, da sua bondade, da sua solidariedade, do seu gesto de estender a mão para alguém que, no seu entendimento naquele instante, padecia de alguma acusação menos nobre que correu na nossa relação, no nosso dia-a-dia. Lembro-me de alguns antecedentes. Uma das mais lúcidas figuras desta Casa para compor, no Partido do qual então eu era Líder, a relatoria de uma subcomissão, a de Relações Internacionais, era exatamente a de Luiz Viana Neto, e o seu nome foi lembrado. E circunstâncias alheias a minha vontade, mas que afinal implicam ou

implicavam, naquele instante, a minha responsabilidade, acabaram-me levando a indicar um outro nome que não o de Luiz Viana Neto para ser o Relator. A partir daí, e sobretudo no instante mais difícil daquela Liderança, no instante em que, de alguma maneira, algum tipo de solidariedade humana me era muito bem-vinda, era muito comum, ao chegar ao gabinete da Liderança, quase que semanalmente eu encontrar um telefonema do Senador Luiz Viana Filho. E quando lhe dava o retorno, eu via que ele não tinha outra coisa a me dizer senão trocar um pouco de conversa. Ele nunca o afirmou, mas eu sentia, naquela corrente que se transmitia durante o telefonema, que de alguma forma ele me dizia: a luta precisa ser continuada, é preciso esquecer certas coisas, é preciso ter presente que certos objetivos são maiores do que o vilipêndio, do que a agressão aqui ou ali feitas. Ê isso ganhava ênfase, ganhava dimensão, exatamente em face dos anteriores, das preliminares, dos fatos já ocorridos, daquilo que poderia parecer até a preterição de uma figura, que era seu próprio filho. Em cada encontro que tínhamos sentia que dele vinha uma palavra, um gesto, não explicitado como tal, mas que era uma forma de dizer indiretamente: "Olha, você tem aqui um amigo, você tem alguém que, com as suas preocupações permanentes, com a responsabilidade do seu mandato, com a história intelectual que possui, com as responsabilidades, com o futuro que ainda tenho por editar, preocupa-se com você. Tem, em relação à sua figura humana, a solidariedade que nasce de um outro ser humano". É impressionante como o Senador Luiz Viana foi capaz de me transmitir isso, sem que S. Ex* nunca fosse obrigado a dizê-lo. Um homem deixa vários tipos de herança. Aquilo que deixa escrito dissocializa por todos nós. É perene. Mas aquilo que planta, aquilo ali, junto a cada ser humano, é algo que somente o outro ser humano pode ser capaz de traduzir. Lembro-me de que na semana anterior a sua morte, ou no intervalo que demanda quinze dias anteriores, cruzei com o Senador Luiz Viana nesse corredor, aqui no plenário. E S. Ex^a com aquele ar amigo, ainda me dizia: "Você está perante um dilema em relação à eventual candidatura em São Paulo. Na minha opinião, acho que deve ser candidato". Senti, naquela afirmação, que aquilo não era novamente uma mera opinião, um mero gesto, uma mera frase, uma mera figura de retórica; que aquilo era novamente a atitude de um ser humano que faz fluir, em cada gesto, em cada palavra, os seus melhores atributos, as suas grandes virtudes. Aquelas virtudes que as vezes não são transmissíveis por herança coletiva, mas aquelas que, quem foi objeto, como foi o meu caso, acaba por nunca se esquecer. Certamente a figura do Senador Luiz Viana será lembrada ao longo de todas as gerações futuras pelo imenso cabedal de conhecimento, de obras realizadas, que S. Ex^a transmite como herança cultural. Perfilarei entre aqueles que serão seus admiradores permanentes e colocarei na minha lembrança, no meu altar, onde conservo os meus melhores galardões, a figura desse homem que, entre outros atributos, preferiu sempre ressaltar aquele de, simplesmente, ser um ser huma-

no. Aquele de reconhecer que para ser um ser humano é preciso manter viva a chama da solidariedade, a mão estendida, o gesto amigo, o afago na hora correta. Ontem, por força das circunstâncias, preso pateticamente a um fato dramático que ocorre na minha cidade natal, uma greve, aqui não pude estar. E hoje, invado a beleza e o conteúdo do seu discurso com essas minhas palavras, que é uma contribuição de natureza pessoal. Mas se pudesse deixar aos pósteros, associando-me à palavra que com tanta lucidez e talento V. Ex^a traz, ao pincelar o retrato do Senador Luiz Viana Filho, diria que a figura do homem foi maior do que a do biógrafo foi maior do que a do historiador, foi maior do que a do literato, foi maior do que a do intelectual. A figura do homem foi a figura do ser humano, amigo, companheiro, portador e praticante dessa virtude tão rara hoje neste mercado do dia-a-dia, a virtude da solidariedade.

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Muito obrigado a V. Ex^a pelo belíssimo aparte que me concede. Fico muito lisonjeado com as palavras que a mim dirige e farei todo o possível para corresponder à sua impressão e passar a merecê-las daqui por diante.

Quero dizer também, para finalizar, que o Senador Luiz Viana Filho era um homem moderno, S. Ex^a não era um conservador. Apesar de ser um octogenário, apesar de ser um homem de cabeça branca, apesar de ser um homem que muito passou pelos idos e vividos da vida, apesar de tudo, dos altos cargos que ocupou, apesar de tudo isso não era um homem preso à memória. Não. Ele era um homem preso à modernidade.

Um dos discursos mais marcantes de S. Ex^a na vida parlamentar foi proferido em plena maturidade, na defesa do parlamentarismo. Um parlamentarismo que pode ser até uma estrutura de belas e antigas raízes em outras partes do mundo, mas que aqui no Brasil é modernidade. Ele pôde alcançar na Assembléia Nacional Constituinte posições sempre modernas, sempre à frente do tempo, porque o conhecimento histórico de S. Ex^a deu-lhe, por certo, uma grande aptidão, poder jogar-se ao futuro, poder projetar-se para frente.

O'Sr. Jutahy Magalhães — Permite-me um aparte, nobre Senador?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Ouço V. Ex^a Senador Jutahy Magalhães.

O Sr. Jutahy Magalhães — V. Ex^a, além da sua cultura, uma cultura pessoal que conheço, aprecio, invejo até, mas que não é conhecida por todos, além de tudo o que foi dito aqui hoje, pelo conhecimento que hoje se tem mais ainda de V. Ex^a, poucos sabem do seu amor à bela música, V. Ex^a, nesta homenagem, está fazendo em pinceladas, as mais formosas, uma análise da vida literária do Senador Luiz Viana Filho, E V. Ex^a é certamente, quem mais conhece a obra do Senador Luiz Viana Filho aqui no Senado. Queria

destacar neste aparte o aspecto da vida pública do Senador Luiz Viana Filho, e também da vida administrativa de S. Ex^a, raramente citada, muitas vezes esquecida. O fato é que, muitas vezes, procuram de propósito desconhecer a realidade. Mas a importância que o Senador Luiz Viana Filho teve no Governo da Bahia, além de todas as obras que realizou, reconhecidas, o maior trabalho de S. Ex^a foi ter levado para a Bahia o pólo petroquímico. E cito isso no discurso de V. Ex^a porque, como V. Ex. disse, para que alguém no futuro, quando for fazer a biografia do biógrafo, tenha condições de pegar determinados pontos. E esse é um dos pontos que chamo a atenção sempre, porque foi através de um trabalho de anos de persistência, de convencimento da necessidade que a Bahia tinha e as possibilidades do nosso Estado, com todo trabalho contrário de certos setores políticos e empresariais do nosso País, S: Ex^a veio pelo convencimento, pelo conhecimento que tinha da economia baiana, das suas possibilidades, convencer o Presidente da República de então da necessidade de se implantar na Bahia o pólo petroquímico, que fez a verdadeira transformação industrial do nosso Estado, acabando com a dependência que tinha na sua economia da área agrícola, principalmente do cacau. Então, foi graças à luta do Senador Luiz Viana Filho, ao trabalho executado por S. Ex^a no Governo que a Bahia hoje tem o Pólo Petroquímico de Camaçari. E este fato, muitas vezes, é esquecido. É uma injustiça que se faz ao verdadeiro patrono dessa obra, que modificou a economia baiana e fez com que o Estado da Bahia desse um salto no seu desenvolvimento.

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Muito obrigado a V. *Ext*. É um detalhe que eu não saberia ressaltar, como outros da vida dele também não saberei ressaltar, por não ter essa intimidade com os temas baianos como V.*Exi*

Eu quis trazer à tribuna aquilo que tocava mais a mim, porque entendo que a morte deve ser compreendida com muita naturalidade. Por mais que compreendamos a morte, entretanto, esse vazio que ela deixa, esse estágio de saudade, essa ausência da pessoa, tudo isso pesa muito. De repente, desaparecem as testemunhas sobre aquela vida que deveria ficar mais preservada por um documentário nacional, pela importância que o morto teve para a própria Nação brasileira.

Dessa forma, quero deixar aqui a minha partezinha, o meu pedaço de saudade, o que me compete, o que posso dizer, o que posso fazer sobre o nosso grande Senador Luiz Viana Filho.

O depoimento de V. Ex^a sobre esse aspecto político-administrativo e, ao mesmo tempo econômico da Bahia, bastaria para consagrar o homem. Vejam que grandeza teve Luiz Viana Filho em vários campos da atividade humana, como intelectual, como político, como administrador, como o amigo de que falou o Senador Mário Covas e tantas outras facetas que poderíamos determinar sobre ele.

Quero, então, deixar aqui as minhas palavras para evitar o esquecimento. Amanhã saio daqui e não sei se volto, não sei se posso voltar, não sei quem dirá o que sei, o que eu pude testemunhar o que eu pude alcançar na minha vida, respeitante ao nobre companheiro que já não está.

O Sr. Luiz Viana Neto — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Ouço, com muito prazer, o nobre Senador Luiz Viana Neto.

O Sr. Luiz Viana Neto — Senador Cid Sabóia de Carvalho, é sob a maior emoção que intervenho no primoroso discurso de V. Ex^a para agradecer-lhe as generosas, mas verdadeiras palavras que profere sobre o meu pai e precisamente para realçar-lhe a obra literária, tão voltada para a cultura brasileira, como V. Ex^a tão bem assinalou. Discurso que, se enaltece o morto, enaltece também quem o profere, revelando uma erudição, um conhecimento, da literatura brasileira, que honra e dignifica esta Casa. Mas, Sr. Senador, o seu discurso me dá também a oportunidade de agradecer ao Congresso Nacional, o que, ontem, por imposição do Regimento, não pude fazer pela magnífica homenagem prestada à memória de Luiz Viana Filho e tão bem interpretada pelas palavras do Deputado Aloysio Chaves, do Senador Roberto Campos e do Presidente Nelson Carneiro, todos da mesma estirpe intelectual de meu pai, e que puderam, cada um com seu enfoque, retratar a figura extraordinária de Luiz Viana Filho. E, para coroar aquela homenagem de ontem, a Editora Nova Fronteira teve a delicadeza e a feliz idéia de fazer coincidir que também ontem de manhã fosse lançada a última obra de meu pai, "Anísio Teixeira, a Polêmica da Educação", que mostra que, se Luiz Viana Filho foi um grande político, foi também, como bem vem assinalando V. Ex., um intelectual de escol. Aliás, eu bem já disse que a vida de meu pai desmente o adágio de que não se pode servir ao mesmo tempo a dois senhores: com a mesma devoção e com o mesmo idealismo, ele serviu ao mundo da política e ao mundo das letras, sempre utilizando uma inteligência privilegiada e uma vontade férrea e decidida a realizar os seus objetivos. Editando, ontem, o último livro de Luiz Viana Filho, pôde-se ver que aquele homem afável, aquela figura humana extraordinária como tão bem assinalou o Senador Mário Covas, no entanto, foi uma formiga que trabalhou a vida toda. Ele costumava dizer: "só acredito em quem trabalha todo o dia", e ele trabalhou a vida toda, trabalhou até o último instante. A última vez que saiu de Brasília, numa quinta-feira, para falecer na segunda foi para fazer uma última revisão do livro que ontem foi editado. Mas, felizmente, se foi formiga, ele passou pela vida com a alegria de uma cigarra, cheio de alegria de viver, com gosto extraordinário pela vida e sendo, sobretudo, o Midas da amizade. De todos de quem se aproximou, meu pai fez amigos; e quando, hoje, ouço depoimentos tão comoventes de ex-colegas seus, como ontem ouvimos Roberto Campos, Nelson Carneiro e Aloysio Chaves, eu

sinto, realmente, que meu pai foi uma figura humana extraordinária e soube sempre fazer bons amigos. Muito obrigado, comovidamente agradecido a V Ex^a

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Agradeço a V. Ex^a haver intervido em minha fala e isso muito me honra, V. Ex^a pode acreditar, é como se o próprio Luiz Viana, através de V. Ex^a, pudesse contemplar a mim no momento em que presto uma continuação à homenagem tão merecida, que ontem aqui aconteceu. Quero, com estas palavras que estou proferindo, anexar tudo o que ontem ocorreu no Congresso Nacional, nessa ambiência senatorial, que era a sua principal ambiência. Quero louvar os oradores que aqui falaram: Roberto Campos, com aquele depoimento histórico de um determinado momento do Brasil, as saudades de Aloysio Chaves e outras considerações, e o depoimento comovente, um depoimento que sintetizou os 60 anos de vida do nosso Presidente Nelson Carneiro. Tudo isso é muito interessante, mas vim aqui à tribuna, como poderia tratar de um problema do meu Estado, como poderia tratar de um problema da República, eu quis tratar, também, de uma amizade, porque Luiz Viana foi exatamente esse homem, aquele que podia tratar das coisas mais complexas — do passado, pela história; do presente, pela política — mas era incapaz de distanciar-se de uma manifestação de amizade. Estou retribuindo essa aptidão, quase que lhe roubando a qualidade, para dar esse testemunho de fraternidade, no momento em que falo do Senado da República.

O Sr. Maurício Corrêa — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Concedo o aparte a V Ex^{*}

O Sr. Maurício Corrêa — Nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, às vezes, fico a imaginar sobre a nossa vida. Enfim, tenho todas aquelas perplexidades que qualquer ser humano tem, seja ele agnóstico, ateu, ou materialista. E resta-me apenas a consolação do espírito, quer dizer, daquilo que produz a inteligência humana e o que ela constrói para o momento e para a posteridade. V. Ex^a, hoje, se supera, dada a grandiosidade, a eloquência, o brilho que coloca na evocação da memória do insigne mestre, Senador Luiz Viana. Cheguei a hesitar se não seria melhor ouvi-lo do que dizer alguma coisa. E se assim procedi, significa apenas que gostaria que as minhas palavras registrassem o meu apreço ao excelente discurso que V. Ex^a profere no Senado da República, para que, na memória da nossa Casa, nos seus Anais, fiquem registrados o meu apreço, a minha admiração ao que V. Ex^a expõe ressaltando a grandeza do espírito público, a inteligência, enfim, tudo aquilo que significou e ainda significa Luiz Viana Filho. Em verdade, nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, tive um contato curto com o nosso saudoso colega Senador Luiz Viana. Mas dois fatos apenas deixaram em mim uma recordação profunda. Primeiro, eu falava aqui sobre a Constituição dos Estados Unidos, que

se aproximava dos seus duzentos anos, e enfaticamente, eu abordava o entusiasmo com que essa nação construiu um ordenamento jurídico e constitucional que iria ultrapassar os dois séculos, foi quando o Senador Luiz Viana Filho pediu a palavra e colocou todo aquele seu entusiasmo, toda aquela sua vibração de homem público, todo o respeito, exatamente a esse corpo de direito constitucional, montado nos Estados Unidos. E o segundo fato: eu me encontrava na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, presidida por V. Ex^a e discordava de um parecer do saudoso Professor Afonso Arinos de Melo Franco, a respeito da questão exatamente do Território, hoje, do Amapá; isso tendo em vista a saída do antigo governador, e o Presidente o exonerou, nomeando outro para o seu lugar. A matéria foi colocada aqui, por uma questão de ordem, trazida pelo Senador Alexandre Costa, e o meu parecer prevaleceu sobre o do Senador Afonso Arinos de Melo Franco; e o Senador Luiz Viana Filho ali se encontrava, naquele momento, e votou a favor do parecer do Senador Afonso Arinos de Melo Franco. O meu ponto de vista foi vencedor com uma maioria bem substancial.* Encoztrairidó-me com ele, ponderou: "Ora, Maurício, a questão está *sub judice*, porque V. Ex^a recorda que havia, como há, um mandado de segurança questionando esse assunto". Então, ele ponderou exatamente sobre a necessidade de se aguardar a decisão do Supremo Tribunal Federal, mas no fundo, no fundo, o que os olhos dele transmitiam para mim era o respeito a Afonso Arinos de Melo Franco, que depois veio a falecer, quase que no mesmo instante em que Luiz Viana Filho também deixava este mundo. Mas o meu aparte, Senador Cid Sabóia, é para cumprimentar V. Ex-, esse seu discurso tem que ser publicado e distribuído para registrar a epopéia de um mestre, de um homem que nos deixou um vazio, de alguém que, particularmente em mim, pelo pouco de convivência que com ele tive, deixou a marca de uma saudade extraordinária e inesquecível. Quero, mais uma vez, parabenizar V. Ex^a por essa lição que hoje traz para nós, culta, bela, de um verdadeiro biógrafo, do biógrafo de Rui Barbosa..

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Muito obrigado a V. Ex», seu aparte muito me honra e me deixa desvanecido.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Cid Sabóia, permite-me V. Ex* mais uma brevíssima intervenção?

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Ouço V. Ex^a com todo prazer, nobre Senador Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho, a exemplo dos eminentes Senadores Maurício Corrêa, Luiz Viana Neto, com as suas palavras repassadas de emoção, desejo também enaltecer o brilho tribunício que, uma vez mais, V. Ex^a evidencia no seu pronunciamento da tarde de hoje. E a exemplo do que propõe o nobre colega do-PDT, eleito por Brasília, a Mesa certamente incorporará o seu pronunciamento ao opúsculo que será editado com o discurso de Aloysio Chaves, Roberto Campos e Nelson

Carneiro e essa peça magistral de V. Ex*, na evocação da figura extraordinária do biógrafo de brasileiros ilustres, do ensaísta, do sociólogo, embora com o seu livro bissexto, *O Negro e o Literato*, enfim, que foi Luiz Viana.Filho. Mas, nesta tarde de rememoração à figura inconfundível de Luiz Viana.Filho eu não poderia realmente deixar também de fazer duas referências, que, neste instante, incorporadas ao discurso de V. Ex', valerão para identificar ainda mais, com a precisão de dados, de detalhes, de datas, a figura realmente inconfundível do grande estadista e homem público que foi Luiz Viana Filho. Nobre Senador, o primeiro contato que tive o privilégio de manter com o Senador Luiz Viana Filho, foi ao tempo em que ele exercia com brilho, com dedicação e com proficiência inexcusáveis, as elevadas funções de Chefe do Gabinete Civil do Governo Castello Branco. O fato a que vou me referir, neste instante, talvez seja, no seu impacto geral, do conhecimento de V. Exª porque se passou no meu estado. Em 1964, naquele momento em que o furor revolucionário atingia lideranças políticas, com a cassação de mandatos e com a suspensão de direitos de cidadãos em todos os recantos do País, eu exercia, como V. Exª bem o sabe, a Presidência da Assembléia Legislativa do Ceará. É, naquela ocasião, por um dever imperioso de dirigir o Poder Legislativo no nosso estado, fui compelido a reagir diante do descumprimento do instituto da imunidade parlamentar, quando se alcançava alguns deputados estaduais, e, diante de uma increpação, que se lhe irrogava à face, naquela ocasião, eu, no exercício da Presidência da Assembléia, me socorri exatamente do Chefe do Gabinete Civil, Dr. Luiz Viana Filho, para que ele fizesse chegar ao conhecimento do Presidente da República fatos da maior gravidade e que representavam, naquele instante, a inflexibilidade de normas constitucionais expressas claras, definidas, que garantiam, realmente, a imunidade dos deputados que integravam a Assembléia Legislativa do Ceará, muitos deles já presos por acontecimentos que, àquela época, a imprensa registrou com ampla dimensão, inclusive nos órgãos da imprensa nacional. Pois bem, foi exatamente o Chefe da Casa Civil e nosso colega até ontem, o Senador Luiz Viana Filho, que interveio de forma decisiva para garantir o respeito à imunidade parlamentar no Estado do Ceará. Um outro fato também, Senador Cid Sabóia de Carvalho, me permito neste instante recordar, e o faço com profunda emoção: o Senado, então presidido por Luiz Viana Filho, realizava uma sessão solene para assinalar o transcurso do sesquicentenário de José de Alencar, e, num daqueles gestos extremamente fraternos, S. Ex* buscou num representante do nosso estado, portanto, um conterrâneo de José Martiniano de Alencar, para discorrer da tribuna desta Casa sobre o nosso sempre lembrado Alencar. Pois bem, recebendo essa incumbência de Luiz Viana Filho, e tendo de falar exatamente diante do mais completo biógrafo de José de Alencar, eu me vi a braços com tarefa verdadeiramente hercúlea, e, como grande fonte de inspiração para o discurso que então proferi, fui buscar em Luiz Viana Filho todas aquelas informações, as biográficas, as literárias, as políticas,

para que pudesse trazer, num pronunciamento de 40 minutos, algo em torno da vida e da atuação notáveis de José Martiniano de Alencar. Diria a V. Ex^a que foi exatamente no livro de Luiz Viana Filho que encontrei, com uma precisão admirável de informações, aquele episódio que significou a preterição de José de Alencar no seu projeto de chegar ao Senado Federal. Ele, deputado, ele, Ministro da Justiça, escolhido numa lista tríplice para senador vitalício, representando o Estado do Ceará; ele não obteve o apoio do Imperador e viu-se frustrado naquilo que era o seu grande desejo, o seu grande projeto: de ocupar nesta Casa a mesma cadeira que o seu genitor havia ocupado para representar o povo cearense. Portanto, foi exatamente em Luiz Viana que fui buscar a informação precisa que está transplantada num modesto opúsculo que, na época, a Mesa do Senado se encarregou de distribuir entre os membros desta e da outra Casa do Congresso Nacional. Foi um homem extraordinário, de cuja amizade também tive o privilégio de desfrutar, inclusive da amizade de sua família. V. Ex^a se recorda que na sua companhia, também, Luiz Viana e Dona Juju Viana me honraram em participar de um jantar, na nossa residência, já que éramos vizinhos no prédio do Senado Federal. Todos esses fatos, Senador Cid Sabóia de Carvalho, que certamente vão deslustrar pela pálida lembrança o discurso de V. Ex^a que se tornou mais brilhante pelos apartes dos ilustres colegas, tudo isso eu trago à tribuna do Senado, neste instante, envolto na mais profunda emoção, porque parece que estamos vendo sentado aqui aquela figura heráldica, aquele homem aristocrático, afável, fidalgo, que realmente sempre soube honrar, dignificar e enobrecer o Senado e a vida pública brasileira.

O SR. CID SABÓIA DE CARVALHO — Obrigado a V. Ex^a O aparte de V. Ex^a apenas ilumina a peça que estamos produzindo, esta tarde, em homenagem a Luiz Viana Filho.

Para encerrar, quero acrescentar um detalhe: Luiz Viana Filho era também um bibliófilo. Ele conhecia muito bem as edições de livros. E não poderia deixar de sê-lo, porque era um admirador de Rui Barbosa e, Rui foi um bibliófilo exemplar. O modo de conservar o livro, saber as edições que deveria possuir, até como mudar o lugar do livro para evitar que alguém pedisse emprestado. Então, Luiz Viana Filho, como admirador de Rui, não poderia nunca ter deixado de captar em Rui um dos aspectos grandiosos e esquecidos da sua personalidade, a bibliofilia.

Neste campo, eu me entendia muito bem com Luiz Viana Filho, porque ambos tínhamos o mesmo amor por esses livros raros, por essas edições já quase esquecidas, aquele prazer de manusear a primeira edição, o prazer de encontrar o autógrafa de alguém muito importante, o teor a letra de Victor Hugo numa edição de Victor Hugo, e essas coisas interessantes que fazem a vida de um intelectual. Luiz Viana era esse homem que amava os livros dos mais diversos modos, inclusive no aspecto editorial, no aspecto de antigüidade, as obras raras, os vários idiomas, exemplares que pertenceram

a pessoas que tiveram sua presença destacada na vida intelectual de um país, e outras coisas tantas que fazem as emoções bibliofílicas de um cidadão.

Eu teria muito o que dizer de Luiz Viana Filho, mas acho que já disse até demais. Quero apenas registrar que, graças a Deus, ninguém morre, porque se alguém morresse ele teria morrido. Na minha crença, na minha fé, ninguém morre. Por isso, eu o tenho, não como quem partiu, não como quem foi, nem como quem não está; eu o tenho como quem pode estar, como quem pode vir e como quem permanece pelos seus atos, pela pessoa que foi e é, e acima de tudo, pela obra que legou a nossa cultura, à intelectualidade brasileira.

Muito obrigado, Srs. Senadores (Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

**Discurso do Senador Luiz Viana Neto, ao assumir
a Cadeira de Luiz Viana Filho, em 12 de junho de 1990**

O SR. PRESIDENTE (Nelson Carneiro) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana Neto.

O SR. LUIZ VIANA NETO (PMDB — BA) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, V. Ex^{ta} bem podem imaginar quanto me é amargo este momento em que, trazido pela mão de uma fatalidade madrasta, aqui chego, na mais alta Casa da representação popular, para assumir a vaga deixada por morte de meu pai, o Senador Luiz Viana. Momento que vivo, ainda aturdido, como quem perdeu seu centro de gravidade e a quem a vida impõe aprender a mais dura das lições: a de aprender a viver sem a presença mansa, sem a vigilância afetuosa, sem os conselhos sempre sábios de meu pai, o Senador Luiz Viana.

Muito jovem, cego por um amor filial extremado, não percebi que me lançava numa empreitada de antemão destinada ao malogro, ao tentar seguir-lhe os passos, e repetir-lhe a luminosa trajetória.

Como ele, formei-me em Direito na gloriosa Faculdade de Direito da Bahia. Como ele, ingressei no magistério, para tornar-me titular da mesma cadeira em que ele pontificara. Como ele, muito cedo, deixei-me seduzir pelos enganosos encantos do demônio da política, e três vezes fui Deputado Federal, Vice-Governador e seu auxiliar quando governou a Bahia.

Numa função, no entanto, não desejei secundar-lhe: a de ocupante de sua cadeira nesta Casa.

Na Legislatura passada, quando estive sem mandato parlamentar, mais de uma vez, meu pai desejou licenciar-se, para que eu aqui tomasse assento. Mas eu, sempre omitindo dizer-lhe ser por superstição a minha recusa, o dissuadia: "Meu pai, o mandato foi conferido a você, é você que deve exercê-lo na sua inteireza". E hoje, desgraçadamente para mim, não tendo aceito aqui sentar-me temporariamente, sou forçado a assumir em caráter efetivo a cadeira que continuará sendo sempre sua.

Chego, portanto, com o coração ferido, ainda inconformado com a fatalidade, traiçoeira, mas buscando o consolo — se consolo é possível nesse transe — de que, ao menos, meu pai partiu como desejaria: no campo de batalha, em plena luta, pelejando pelos ideais que o impulsionavam desde a juventude. Tinha pavor a apagar-se como uma lâmparina. Repetidas vezes disse-me ele

querer tombar em pleno vôo, descortinando horizontes distantes, sem saber que não os alcançaria, e acalentando sonhos que não realizaria.

Consolo-me, também, com as homenagens com que a Bahia dele se despediu. A Bahia sempre unanimemente divergente, encontrou um momento em que se tornou unanimemente convergente, inclinada diante do esquife do meu pai, num preito de respeito, gratidão e saudade.

Por ali passou toda a Bahia, por ali passaram todas suas lideranças, as mais distantes e antagônicas, mas todas elas unidas na dor pela perda da grande, da extraordinária figura de meu pai, o Senador Luiz Viana.

Homenagens, digo melhor, não apenas da Bahia, mas de todo o Brasil. Homenagens que já teriam dimensão nacional pela simples presença da delegação desta Casa, tendo à frente o seu honrado Presidente, mas a que se somaram também manifestações de todos os jornais, de todas as televisões, e artigos dos mais respeitados e acreditados jornalistas da imprensa nacional.

Não sei se meu pai pôde ver, mas ainda que não tenha visto, ele, que tinha os olhos postados na História, certamente gostaria que o último capítulo da sua vida gloriosa fosse, como efetivamente foi, cercado pelo respeito de toda Nação.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, nesta Casa viveu meu pai os últimos 15 anos de sua vida. Num convívio ameno, civilizado, respeitoso, em que conseguiu incluir todos os colegas desta Casa, todos sem exceção, no vasto rol de seus amigos. Do mesmo modo, teve a felicidade de tornar, ainda mais próximos, aqueles aos quais estava ligado por laços anteriores de amizade. E entre esses velhos amigos, Sr. Presidente, a primazia certamente cabe a V. Ex.^a seu amigo há 60 anos, numa convivência longa e afetuosa, fortalecida por lutas e ideais comuns, que com o passar do tempo só se reforçou e revigorou.

Nesta Casa, portanto, onde meu pai passou uma das melhores fases de sua existência, sinto-me dispensado de traçar-lhe o perfil, até porque, V. Ex.^s, Srs. Senadores, no dia mesmo de sua morte, externaram, em comovedoras palavras, a simpatia e o respeito que lhe votavam. Palavras, aliás, que muito sensibilizaram a todos nós, seus familiares, e que, por isso mesmo, em meu nome pessoal, de minha mãe e de minha família, cumpro o dever de agradecer de coração.

Mas, exonerado embora, de nesta Casa voltar a grifar aspectos de sua personalidade de escol, desejo apenas dizer-lhes que no modesto julgamento de quem sempre esteve a seu lado e do seu lado, todas as facetas da personalidade de Luiz Viana — o jornalista, o advogado, o professor, o historiador, o escritor, o biógrafo, o Deputado bravo e o Senador respeitado — não são senão manifestações daquilo que ele foi antes e acima de tudo: um homem público. Foi meu pai, no sentido mais estrito da palavra, o que se pode chamar "um homem público". Alguém que, desde a juventude, decidiu participar, interferir e influir nos rumos da sua comunidade, do seu Estado e do seu País. E isso, efetivamente, ele conseguiu. Homem público cuja maior

motivação na vida era a realização do bem comum. Lembro-me bem da felicidade que teve ele no Governo da Bahia, quando, dirigindo o seu Estado numa quadra de ventos favoráveis, pôde espalhar sementes de progresso por toda a Bahia, que ainda hoje florescem como marco de desenvolvimento da Bahia e de bem-estar do seu povo.

Dentre essas sementes benfazejas, bastaria salientar a conquista do Pólo Petroquímico da Bahia, que mudou a face do nosso Estado, transformando-o de Estado agrário num centro industrial de expressão nacional. Homem público que, depois de 57 anos na linha de fogo da política, vendo avizinhar-se o dia do merecido, mas indesejado repouso, com a aproximação do fim do seu mandato — bem o percebíamos — silenciosamente se angustiava, e via na perspectiva do Conselho da República o adiamento do ostracismo que não lhe agradaria.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, se como homem público foi meu pai um lutador, alguém que pugnou como um bravo por seus ideais, teve sempre, no entanto, um refrigério: os seus amigos. Em toda parte por onde passou, plantou amizades, criou amigos devotos, ele que foi um devoto da amizade. Na Bahia, nó Rio de Janeiro, em Brasília, em Lisboa, onde quer que chegasse, lá estava um amigo para recebê-lo e, sobretudo, para conversar. Meu pai foi um "causeur" extraordinário, pessoa de conversa simples, mansa e erudita, que a todos encantava. Aliás, costumava dizer que política é como conversa de namorados: não acaba nunca.

E é para suceder essa figura extraordinária que aqui estou. Soldado raso, convocado a assumir as funções de um grande comandante. Pigmeu que sucede um gigante. Figura opaca que só terá um mérito, o de, pelo contraste, realçar-lhe ainda mais o brilho de estrela de primeira grandeza.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, baldo de merecimento e de atributos...

O Sr. Chagas Rodrigues — Não apoiado!

O SR. LUIZ VIANA NETO — ... aqui chego para cumprir essa difícil missão. Mas missão que desejo assumir inspirado no seu exemplo, e com o compromisso de buscar reunir todas minhas energias, para que, superando-me a mim mesmo, possa honrar-lhe a memória, ser-lhe fiel ao legado cívico, ser merecedor da ilustre companhia de V. Ex^a e, sobretudo, ser digno desta augusta Casa, que ele amou, presidiu e tanto enalteceu. (Palmas.)

V

SAUDADE DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

SESSÃO DE SAUDADE EM HOMENAGEM A LUIZ VIANA FILHO

O *Sr. Austregésilo de Athayde* — Srs. Acadêmicos, para surpresa, para desgosto e muita tristeza de todos nós, Luiz Viana Filho morreu em São Paulo, anteontem, e foi sepultado na Bahia. A Academia se fez representar no sepultamento de Luiz Viana Filho pelo Presidente da Academia de Letras da Bahia. Vamos começar portanto dando a palavra a Abgar Renault, que é o mais antigo acadêmico aqui presente.

O Sr. Abgar Renault — Sr. Presidente, o homem e o escritor são, pelo geral, seres diferentes e separados; não se unificam, não se fundem, não são um. Luiz Viana Filho realizou essa dificultosa unidade: não se conseguia, nele, separar essas duas personalidades, e assim aconteceu porque o nosso querido amigo jamais destacou na sua poderosa unidade o homem que vivia o cotidiano do homem que realizava a obra literária. As duas personalidades confluem e compunham figura una, harmônica, incisiva. Ele foi sempre admiravelmente constante em tudo quanto de si oferecia: sua obra não diverge do que nos dava no dia-a-dia do nosso convívio: era no que escrevia o mesmo homem sereno com quem os amigos conversavam. Não há nos seus livros uma expressão crítica de desgosto em face das personalidades que estudava, o que nunca o impediu de ser exato e justo nos seus juízos. A doçura do seu trato casava-se harmoniosamente com a suavidade do seu estilo fluído, correntio e luminoso. O escritor, quer como biógrafo, quer como historiador, não era alterado nunca pelo homem, e essa rara virtude surgia e fulgurava em tudo quanto lhe nascia da boca nos debates a que o exercício político o obrigava. Merece lançado em relevo o fato de que os seus estudos biográficos são também estudos críticos da obra dos biografados e revelam, assim, mais uma face admirável de Luiz Viana Filho. Mas é imprescindível assinalar que o autor dessas admiráveis páginas biográficas e críticas deixou também livros importantes sobre Direito, movimentos sociais, Política e até petroquímica, que estudou em função de exercício de cargos públicos, como o de governador do seu estado natal. Como político, professor, escritor e jornalista, Luiz Viana Filho foi alta, rara e rica personalidade, na qual a figura do amigo é singular-

mente forte. A todas essas faces do mesmo grande homem, a quem o nosso País deve tantos serviços, o nosso preito de admiração e de saudade.

O Sr. Aurélio de Lyra Tavares — Sr. Presidente, quando aqui se comemoraram os vinte anos de Academia de Luiz Viana, o Presidente deu a palavra a todos os companheiros e inclusive a ele. E ele deu um depoimento ao meu respeito, como Chefe do Gabinete do Presidente Castello Branco, que muito me emocionou, por partir dele. Porque eu comecei a conhecer Luiz Viana Filho nessa época, na época da ebulição, e dentro daquele ambiente estava sempre a figura que não cultuava de maneira nenhuma o negativo, o errado, o estrondo, estava o Luiz Viana, destacava-se o Luiz Viana. Era possível conversar com ele, no meio da tempestade, com serenidade. Assim também era o seu estilo. E até mesmo eu deslumbrei, ao ler as suas grandes biografias que o glorificaram como escritor, um livro em que ele fala sobre a exatidão da biografia. O biógrafo mostrando ser exigente na pesquisa para elaborar uma biografia. Isto é, o pesquisador está como se policiando para produzir a sua obra, daí a obra de biógrafo que ele escreveu. E as outras desde *A Sabinada*, desde a que ele escreveu em colaboração com Aliomar Baleeiro, *O Direito dos Empregados no Comércio*, já naquele tempo se iniciando como escritor, jornalista, como redator de *A Tarde*, citado já pelo nosso companheiro Abgar Renault. Mas o traço principal do Luiz Viana era a serenidade. Serenidade que ele guardava, a serenidade que ele como quem pedia, porque era uma figura de equilíbrio, uma figura que nós estamos precisando muito na situação em que vivemos agora, no meio do cenário da vida pública brasileira, em que há discursos, há artigos violentos e falta aquela ponderação necessária para pensar, concluir e acertar os caminhos. E o Luiz Viana é uma figura para isso. Pude constatar, nos contatos que tive, e tive muitos nesse período da revolução, que ele sempre foi o mesmo, igual. De forma que ele tinha que ser o grande pesquisador que foi nas suas obras, nas biografias que escreveu, todas elas glorificadoras, sérias. É assim que eu me lembro e que recordo agora a convivência com Luiz Viana, a convivência tranqüila, do indivíduo que prefere pensar a discutir, porque rende mais. E como eu entendo o homem definido pelo nosso ilustre companheiro Abgar Renault, entre o escritor e o homem público. O homem que tinha tempo para estudar, para escrever o que escreveu, a obra que ele escreveu é presente no cenário da vida pública, deputado desde 1935, teve cinco mandatos, depois foi senador, governou o seu estado, foi chefe de Gabinete Civil do Presidente Castello Branco, naquele quadro tumultuado, foi também no último ano o Ministro da Justiça, substituindo Juracy Magalhães. De forma que todos nós, creio eu, guardamos dele essa figura até mesmo um pouco diferente de nós, que discutimos mais do que ele. Porque eu vi início de discussão e ele desmanchava, assisti aqui na Academia discussão que partia para discussão mais forte e ele esvaziava, não tinha interesse pela discussão. E essa figura serena, amena, convivência agradável, um homem realizador,

o homem público probo e muito realizador, realizador sem chamar a atenção para si. Até no Palácio do Governo muitas vezes eu o vi no canto, naquele tumulto, lendo papéis e documentos com toda a tranqüilidade. É essa a figura que eu guardo de Luiz Viana com a grande admiração que ele sempre me inspirou.

O Sr. Antônio Houaiss — Sr. Presidente, a primeira coisa que me vem à menção neste instante é o fato de que na quinta-feira passada Luiz Viana estava esplêndido de saúde, de alegria de viver, de comunicação, de afabilidade aqui nesta Casa. Pude conversar com ele durante alguns bons minutos e tudo nele era harmonia, tudo nele era até mesmo esperança, Luiz Viana iria para São Paulo ainda naquela tarde para um exame médico de rotina e não havia senão motivos para esperar que ele estivesse aqui conosco. A notícia da morte dele foi para todos nós uma péssima notícia, no sentido em que todos nós achávamos e achamos que ele poderia ter vivido alguns muitos e alentados anos eficientes, bons, bondosos, profícuos como foram os oitenta e poucos anos de sua vida. Mas ao mesmo tempo nenhum de nós pode lamentar o fato de que, morrendo verticalmente como morreu, ele não transitou no sofrimento, e deve estar, por isso mesmo, pleno de felicidade. O que eu gostaria de ressaltar, Sr. Presidente, é que, e já foi aqui frisado, é o aspecto que todos nós como traço marcante da personalidade do Luiz Viana. Era um homem harmonioso, sem contrastes, sem altos e baixos, sem agressões, Ihano, cortês, mesmo nos momentos de atrito e de discussão, sem asperezas, sem palavras mais agressivas. Meu primeiro trato com ele foi ao lado de Américo Lacombe na Casa de Rui Barbosa, pelos idos de 56 e 58 Ele lá ia com frequência para um bate-papo com o então diretor da Casa de Rui Barbosa, hoje seu presidente, e recorro que tive a oportunidade de participar desses encontros em que todos os assuntos eram assuntos, e predominantemente naquele então o assunto por excelência que era Rui Barbosa. De lá para cá o meu convívio tem sido com ele sempre cordial, só havendo uma coisa a lamentar, Sr. Presidente, que ele não pudesse participar tanto das sessões acadêmicas quanto nós todos desejáramos. Agora, o saldo de uma vida tão bela como essa é perdurante. Ele foi exemplar no trato da biografia de grandes personalidades humanas, e embora não tenha destacado o lado negativo de cada biografia, porque possivelmente não fizesse isso com ninguém a biografia dele, todas as grandes figuras que ele tratou são exemplares pela documentação, pela exatidão, pelo equilíbrio. Um escritor sem arbítrios estilísticos era, entretanto, de uma correção, de uma linhagem à toda prova. Eu não sei, Sr. Presidente, o que mais dizer desse homem em que não se pode lembrar uma taxa, uma mácula moral. De quem não se pode fazer uma objeção no trato afetuoso, carinhoso que ele tinha para com todos, quaisquer que fossem os indivíduos na escala social. De maneira que, para quem está ficando velho nessa Casa como eu, é um acréscimo de carinho para com esta Casa a lembrança do convívio que ela proporcionou

a cada um de nós, tendo nos dado por muitos e muitos longos anos a amizade de Luiz Viana Filho. Ele ficará conosco.

O Sr. Herberto Sales — Sr. Presidente, Senhores Acadêmicos, trouxe comigo estes papéis para lê-los nesta sessão em homenagem à memória do nosso grande morto da Academia e também do Brasil: Luiz Viana Filho. Os papéis talvez sejam numerosos, mas não vou lê-los em sua totalidade. Há outros oradores que terão de falar depois de mim, segundo a boa norma da ordem cronológica de entrada para a Academia. Darei uma breve razão destes papéis. Quando publiquei o meu livro *Subsidiário*, ofereci a Luiz Viana um exemplar, num preito de cordial e desinteressado afeto. E eis que, um ou dois meses depois, ainda morando em Paris, recebi lá uma carta em que Luiz Viana agradecia e comentava o meu livro. Foi um documento de grande significação para mim, que me honrou e comoveu. Telefonei-lhe agradecendo a carta. E disse a ele que o agradecimento mais longo e escrito viria no segundo volume do meu *Subsidiário*, onde ele o leria. Concluí o livro, trouxe-o comigo, e está ele agora à espera do editor. De repente, morre Luiz Viana Filho, imensa perda para todos nós. Nesta sessão de saudade que a Academia lhe consagra, lerei, se me permitem, trechos da carta dele e os comentários que ela me suscitou. Queiram os prezados colegas revelar o tom pessoal destas páginas, de resto uma nota de diário. Ei-la: começo a ler a carta — "Meu caro Herberto Sales", e vou ver a assinatura: "Luiz". A carta é de Luiz Viana Filho, que me diz: "Um agradecimento pode chegar atrasado, como é o que lhe mando pelo *Subsidiário*. Um elogio chega sempre a tempo. Portanto somente considere a data desta, que é extremamente sincera. Gostei demais das suas memórias, apesar do peso que carreguei para lê-las por vezes na cama, pois não davam sono. E o mais importante, além do que aprendi sobre homens e coisas, foi ter saído do livro gostando muito mais de você. E não esqueça que eu já gostava bastante. O livro contém a sua alma vista através dos julgamentos que faz, todos eles a revelarem alguém que não carrega sentimentos menores, sendo capaz de admirar, inclusive os oficiais do mesmo ofício. Enfim, meu caro, o resumo do que lhe desejo dizer é que apesar das 600 páginas não me cansei de admirá-lo e aplaudi-lo. E, como lhe disse, de tê-lo mais fundo na minha amizade". Li e reli a carta de Luiz Viana Filho. E a ela hei de voltar sempre, em busca de estímulo, de paz criativa, ou se preferem de inspiração, nos meus freqüentes momentos de desânimo, de perda de confiança em mim mesmo, e sobretudo do sentimento de inutilidade que às vezes me assaltando já não me importa mais a mim mesmo nem a ninguém importa, coisa que não foi nem é. Há no belíssimo romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen um trecho que eu gosto de reler, porque me faz bem, me faz pensar. É um pequeno trecho instigador de reflexões. Reflexões sobre o orgulho e a vaidade, coisas que nascem com todos nós pecadores, sobretudo com o pecador que se julga destituído tanto do feio pecado do orgulho quanto do feio pecado da vaidade.

Vaidade de vaidades, tudo é vaidade, como se lê no Eclesiastes. Vou transcrever o trecho de Jane Austen: "A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam freqüentemente usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho se relaciona mais com a opinião que temos de nós mesmos: e a vaidade com o que desejaríamos que os outros pensassem de nós". Sutil e profunda diferença. Me pergunto: serei uma pessoa orgulhosa? Serei uma pessoa vaidosa? Dúvida cruel, podia dizer, se quisesse dizer um lugar-comum. Mas não quero. Fica a dúvida, e o leitor que lhe ponha o adjetivo que quiser. Um sinônimo de cruel ficará bem. Embora não me acreditem, eu a rigor escrevo para mim mesmo. Houve um tempo em que eu escrevia só para mostrar o que escrevia a meu amigo José Cândido de Carvalho, que Paris separou de mim, com aval da própria vida nos seus caprichos. Agora, passa-se digamos um ano, e quando vou ao Rio já não é com facilidade que revejo o meu amigo. Ele mora em Niterói, mas a barca não é desculpa para quem tem como ele telefone. Ele não me telefona. Nem para me dar as boas-vindas. Em minha recente ida ao Rio (certamente a última como brasileiro provisoriamente residindo há mais de três anos em Paris, visto que agora quartdo voltar será para ficar), nem a poder de recado consegui fazer que José Cândido me telefonasse. Ele sabia que eu estava no Rio. Mas era como se eu não estivesse. Afinal um dia nos encontramos casualmente na calçada da Academia, eu ia saindo (tinha hora no dentista) e ele ia chegando com o nosso comum amigo José Aparecido, ministro da cultura do Governo Sarney e Ministro da Cultura de José Cândido e meu em qualquer situação: ministro tombado na amizade da gente. Então, no entra-e-sai do automóvel na calçada da Academia, consegui pôr os olhos em José Cândido, pelo menos a tempo de combinarmos um almoço para o dia seguinte. Ele foi. Pensei que me daria o bolo. Depois seria fácil arrumar uma desculpa. Enfim, almoçamos juntos, mais ou menos a toque de caixa, e nos separamos. Onde estava o José Cândido do meu e do nosso por muitos anos convívio diário? Onde os vagares, a conversa amena e divertida de todos os dias, que os anos como os da infância do poeta Casimiro não trazem mais? Fiquei triste. E triste voltei para Paris pensando no meu antigo amigo de plantão, e no agora tão evasivo amigo que eu não via mais. Me prometeu de pedra e cal ligar uma vez por mês para mim. Estou esperando por ele sentado. Sei que não vai telefonar. Uma coisa me diz que José Cândido, embora continue a ser meu amigo, mudou os hábitos e o horário da sua amizade. Tenho que acertar pelo dele o meu relógio, para não perder de vez o trem do seu afeto. Enfim, já houve um tempo — um longo e inesquecível tempo — em que a rigor como já disse eu só escrevia para mostrar a José Cândido o que escrevia, lendo para ele os meus manuscritos, e nos divertindo os dois com o que eu lia. Eu nunca pensava no leitor. Sobretudo no assalto ao leitor, em que se especializam certos autores acumpliciados com editores. O leitor que se cuide! Nos últimos tempos, acabei escrevendo mesmo só

para mim. Pouco importa que depois se publique o livro, e sobretudo que eu não me recuse a publicá-lo. Mas, no instante aquele em que me sento à minha mesa de trabalho, pego a minha caneta e começo a escrever nesta beleza de papel ordinário em que escrevo, eu só vejo mesmo diante de mim, como num espelho — eu. Essa fase do meu trabalho eu posso assim considerar, segundo o preceito de Jane Austen, um ato de orgulho. Eu escrevo, gosto do que escrevo, e não preciso que ninguém me venha dizer isso. Às vezes eu digo: isto não está bom, mas não sei fazer melhor. Então fica sendo o meu melhor. E pronto. De outras vezes, eu me releio, e com a maior naturalidade deste mundo e do outro, digo assim: isto realmente está muito bom. Está ótimo. E pronto. E vou assim tocando o meu bonde sozinho (infelizmente já sem o José Cândido dos velhos e bons tempos), com orgulho do que faço. E vou dormir sossegado. E a vaidade? No meu caso essas duas virtudes quiçá defeitos não se interexcluem. Eu tanto sou orgulhoso quanto vaidoso. E apenas uma questão de etapa, no processo da obra literária. E dou como exemplo da vaidade que de mim se apossa e me domina a carta essa que recebi de Luiz Viana Filho. Eu era um obscuro rapazola na minha então graças a Deus simplesinha cidade natal de Andaraí, com bananas nos quintais e moças nas janelas, e já conhecia de nome Luiz Viana Filho, nome importante de nascença e na política e nas letras em múltipla projeção de presença. Seu pai tinha sido governador do estado, e uma das pontes do nosso município, sobre o rio Una, com a sua bela gruta iluminada de estalactites, era progresso que se devia a ele: ao Governador Luiz Viana. Me habituei a ouvir falar por toda a parte, e nos jornais (na respeitabilíssima *A Tarde*) a ver impresso o nome de Luiz Viana Filho, realmente um nome múltiplo, numeroso Luiz feito Luízes: o jornalista, o orador, o mestre de Direito, o político, o constitucionalista, o escritor, figura em suma ilustre da sua geração, em plena e ampla ação de sua admirável mocidade, que em atos e feitos de vitalidade o acompanhou pela vida afora, não dando a menor bola para a contingência cartorial do registro civil. Envelheceu moço, e embora não lhe falte idade para não ser mais considerado um moço, continua moço. Foi como o pai governador da Bahia, foi senador, é senador, foi deputado e membro da Academia Brasileira, só não foi o que não quis, e só não é o que não quer. Figura de grande brasileiro em mais de uma geração, e em verdade nas gerações todas, que reunidas e de uma ou de outra forma inter-relacionadas, formam como um todo uma nação: a nação da gente. Quando mais tarde publiquei *Cascalho*, não o enviei a Luiz Viana Filho. Aliás, eu quase não mandei *Cascalho* para ninguém. Eu morava no interior, e isto de distribuir livros ficou a cargo do editor. Também é possível que eu não tenha mandado *Cascalho* a Luiz Viana porque o achava uma pessoa importante demais para eu incomodar mandando um livro meu. Mal sabia que iríamos um dia ser companheiros de Academia, que eu seria ainda um dia seu confrade. Coisas da vida. Enfim, me vi um dia escritor e fui com bra. O primeiro livro que li de Luiz Viana foi *A Sabinada*, história política

de interpretação social da revolução baiana de Sabino Vieira. Lembro-me do livro na Coleção Documentos Brasileiros, a Brasiliana de José Olympio, então dirigida por Gilberto Freyre. Um lançamento na Documentos era, mesmo rimando, um acontecimento. Depois, ainda na mesma prestigiosíssima coleção, a essa altura sob a direção de Octávio Tarquínio de Souza, saiu *O Negro na Bahia*, estudo de história social, base aliás das minhas pesquisas para escrever o meu romance *Os Pareceres do Tempo*. Sem o que aprendi nesse livro magnífico de Luiz Viana Filho o meu romance não teria ido para a frente. E posso mesmo dizer que sem embargo das suas possíveis qualidades ele teria ido para trás. Depois vieram as grandes biografias de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, José de Alencar, Rio Branco e, desafio na considerável bibliografia de estudos ecianos, o seu livro sobre Eça de Queirós, com um Eça repensado e novo, interpretado à luz de uma documentação nova. Um Eça pessoal e íntimo. Em verdade, que outro sentimento senão de vaidade poderia me despertar a carta que pelo meu *Subsidiário* me mandou Luiz Viana Filho? Nesse documento está o que eu bem desejaria que outra pessoa que não eu pensasse do meu *Subsidiário*. Exatamente de acordo com a idéia de Jane Austen, quando estabeleceu a diferença entre orgulho e vaidade. E sendo essa outra pessoa uma figura da autoridade intelectual de Luiz Viana Filho, mestre no conhecimento e no estudo de grandes vidas, o elogio tem uma significação maior ainda. Por tudo e depois de tudo, não vou dizer que não me envaideço de sua carta. Tenho humildade bastante para o reconhecer. Leio em Herculano (*O Monge de Cister*) um trecho de perene atualidade. Vou passá-lo para aqui, e o transcrito é verdade e dou fé: "... em cada século há uma verdade graúda que predomina e que vai ajudando os espertos a consolarem-se dos dissabores da vida à custa do animal, alvar por excelência, chamando cidadão ou homem civilizado, para cujo consolo vieram à Terra as bruxas, a terapêutica, os fundos públicos, a ontologia, os duendes, as infusões, a estética, as petas e o palavreado". Acrescentaremos à lista a publicidade. Ou o anúncio. E voltemos a Herculano para completar o seu trecho: "E a verdade verdadeira, acorada há seis mil anos no fundo do seu poço, a rir, a rir, a rir, que já não pode ter as ilhargas. Coitada da pobre verdade!". Meu caro Luiz Viana, se você, de alguma forma, pode me ouvir do lugar onde está, quero que saiba que o que acabei de ler é a nota que esperava você lesse no segundo volume do meu *Subsidiário*. Com ela deixo-lhe aqui a minha saudade e o meu mais afetuosos abraço. E até um dia!

O Sr. Américo Jacobina Lacombe — Sr. Presidente, é com muita dificuldade que eu posso falar sobre Luiz Viana. Porque os laços de amizade que me prendiam a essa figura eram realmente os mais fortes em toda a minha vida. Estive com ele, sábado último, no Sabadoyle, na casa de Plínio Doyle, entreguei-lhe alguns documentos sobre a Bahia que ele pretendia escrever, passou-me outros, marcamos novo encontro quando ele voltasse do exame

médico que ia fazer, ele depois iria para Brasília e no fim da outra semana estaria no Rio para continuarmos a conversa. Subitamente essa nossa amizade é cortada pelo choque terrível da notícia do seu desaparecimento. Convivia com ele desde 1940, quando veio ao Rio para começar a elaborar a sua primeira biografia, a de Rui Barbosa. Eu tinha sido nomeado diretor da Casa em 1939, estava organizando exatamente o arquivo, que Luís Camilo já tinha começado a arrumar e eu estava classificando. Pus-me a sua disposição, praticamente trabalhamos juntos, tivemos as alegrias comuns em encontrar documentos, novidades para a biografia. Motivo pelo qual essas surpresas documentais criaram entre nós um laço de simpatia que não mais se desfez. No seu livro, no exemplar que me deu, ele me dizia: vai este livro em que grande parte tem você nele. Era um maior biógrafo dos nossos tempos no Brasil. A sua biografia de Rui Barbosa, que ele fez à vista de documentos, como posso atestar, é o início de uma série de biografias admiráveis. A de Nabuco, em que ele introduziu a figura da noiva, que tinha sido omitida pela biografia feita pela filha, com uma grande delicadeza, extraordinário trabalho. A de Rio Branco, ele reunia depois as três biografias num volume só. A biografia de Rui Barbosa teve edições aqui, teve edições em Portugal. Possuo todas essas edições. A nossa contínua atividade era também pelo telefone. Ele gostava muito de falar no telefone, telefonava-me frequentemente de manhã cedo, à noite, para comentar fatos, em geral literários. Não falava mal de ninguém, não era maledicente, não havia fofocas. Eram conversas sobre acontecimentos, sempre calmos, sempre tranqüilos. Realmente eu sinto, com o desaparecimento dele, aquela sensação que um francês disse da velhice: "La villesse est un ultrage". Sentimos, ao chegar a velhice, o desaparecimento gradual dos companheiros de trabalho. Vamos ficando cada vez mais isolados, cada vez mais com saudades, pedindo a Deus que nos dê forças para contemplar a eternidade na hora final da nossa existência.

A Sr Rachel de Queiroz* — Sr. Presidente, eu não convivi com Luiz Viana Filho tanto quanto eu queria porque as nossas vidas nos separavam muito. Mas na Editora José Olympio, principalmente naquele período da Praça 15 de Novembro a gente se via com freqüência e conversava muito. Depois, continuamos a conversar sempre que nos víamos, a nos procurar às vezes, a escrever-nos bilhetes e cartas. E a minha constante reclamação com o Luiz era: por que ele precisava ser político? Era político, a política o tirava de nós. Quem faz essas biografias, Luiz, não precisa ser político. Ele ria e dizia: você se esquece que eu tenho todos os genes de político no sangue. Quando ele escreveu a biografia de José de Alencar nós nos telefonamos e de vez em quando, ele sabendo que eu sou da família e parente relativamente próximo porque a família é muito misturada, ele vinha me perguntar detalhes, que eu dava, corrigia. E num dado momento, quando ele historiava aquele episódio, quando o velho Alencar pediu perdão ao Imperador, que ele passa por cima, não entra em detalhes. Eu lhe disse: por

que você poupou os Alencar daquela vergonha daquela carta, que nós todos, os Alencar, ressentimos muito, aquela carta do Senador Alencar ao Imperador pedindo perdão. Ele respondeu: porque também eu sou político. Você me acusa de ser político, mas o meu senso político não ia me deixar brigar com toda a raça de Alencar deste mundo. Porque vocês podem falar, mas eu como biógrafo não ia falar. Era o lado gentil de que o Américo falou, era o lado não fofoqueiro, não maledicente, principalmente. Em geral, as biografias, em grande parte, são exercícios maledicentes. Luiz conseguiu fazer biografias de uma grande perfeição de fatura, de uma grande dignidade de composição e de, principalmente, uma grande riqueza de informação, sem chegar jamais ao minuendo, à insinuação malevolente e sem também chegar ao exagero das biografias laudatórias, que são, em geral, abomináveis porque partem daquele *parti pris* a favor que sempre incompatibiliza o leitor. Já se disse dele tudo muito melhor do que eu diria. E a gente tem que falar na saudade, na perda daquele companheiro, nos lindos olhos azuis do Luiz, que eu ainda conheci muito jovem e muito brilhante, como a gente, brincando, dizia.

O Sr. Ledo Ivo — Sr. Presidente, há certas vidas que são harmoniosas e são ostensivamente harmoniosas e que são misteriosamente harmoniosas. O nosso querido e saudoso companheiro Luiz Viana Filho viveu uma dessas vidas. Essa harmonia estava em seu airoso e belo porte físico, um porte aristocrático, que fez dele uma espécie de Joaquim Nabuco da terceira República. Aquele aristocrata que ia buscar no voto popular a legitimidade para o seu desempenho político. Essa harmonia estava no seu convívio social, no seu trato com as outras pessoas e estava também no seu procedimento literário. Alceu Amoroso Lima o chamou de o príncipe dos biógrafos brasileiros. E eu creio que a expressão é justa, porque o Luiz Viana tinha realmente algo de um príncipe, de um fidalgo, talvez até a circunstância de ele, tendo sido um dos mais baianos de todos os baianos ter nascido em Paris, dava até um certo matiz tomanesco a sua figura física, moral e intelectual. Ele foi realmente um grande biógrafo. Ele depositou na mesa literária brasileira uma verdadeira constelação de grandes biografias sobre José de Alencar, sobre as figuras exponenciais da idade de ouro da literatura brasileira, que foi num certo sentido a geração de Machado de Assis, de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco. Ele estava, aliás, predisposto a escrever uma biografia de Euclides da Cunha, quando ele foi subitamente levado pela morte. As suas biografias são realmente exemplares. Antônio Houaiss falou que nessas biografias ele não tocava, vamos dizer, na parte sombria e enferma das criaturas. Talvez essa observação não seja de todo justa, porque eu me lembro que na biografia que ele escreveu sobre Rio Branco, esta parte é muito tocada, a solidão do Rio Branco, a desordem, os conflitos, aquela luta terrível de Rio Branco com o seu meio. Ele foi uma figura exponencial da Academia. Entrou aqui jovem com 44 anos, teve uma longa imortalidade. Há uma frase, não sei se latina ou grega, que diz: os amados dos deuses morrem jovens.

No caso de Luiz Viana Filho, pela sua trajetória política que o levou a posições tão eminentes e pela sua harmoniosa trajetória intelectual, ele foi um amado dos deuses, até na sua morte súbita e inesperada. De modo que às vezes os amados dos deuses morrem velhos.

A Sr^a Nétida Pinon — Sr. Presidente, Senhores Acadêmicos, eu sempre admirei o Senador Luiz Viana Filho, por força também da minha natureza ficcional, que é voltada para novelar a realidade, sempre me senti atraída pelos biógrafos. E Luiz Viana Filho para mim sempre foi um grande biógrafo sobretudo alguém que contrariava a índole da criação brasileira, uma vez que a nossa língua não abraça grandes biógrafos. Nós não temos tradição de tecer enredos fundamentados na vida de grandes homens, ao contrário da tradição da língua inglesa. Os ingleses, os americanos são extraordinários nas biografias. De modo que também nisso ele se destacou no cenário brasileiro, um grande biógrafo que, biografados ao mesmo tempo que era minucioso quanto a vida dos seus biógrafos, era capaz de nos dar o País que justamente envolvia esse biografado. De modo que não poderemos, no futuro, entender o Brasil, interpretar o Brasil, sem ler as biografias de Luiz Viana Filho. Eu, como acadêmica nova nessa Casa, confesso que fiquei muito triste, porque conheci pouquíssimo o Senador Luiz Viana Filho. Sempre o considerei um homem belo, um homem fino, de trato muito amável e extremamente elegante. E pude conhecê-lo muito pouco e lamento tanto que uma das razões que me fizeram vir até a Academia era buscar o convívio. De modo que eu estou triste porque esse convívio foi desfalcado pela partida, pela despedida inesperada do Senador Luiz Viana Filho. Fica-nos a memória e eu procurarei junto aos meus outros companheiros aqui presentes conhecê-lo melhor agora que ele se foi.

O Sr. Cândido Mendes — Sr. Presidente, Senhores Acadêmicos, me permitam agora falar do aristocrata Luiz Viana. Eu acho que há poucas pessoas, num momento em que se denigre tanto e destrói tanto o conceito de elite no Brasil, eu acho que há poucos como modelo ideal que se pode falar de um patrício, na melhor noção etimológica da palavra, do que de Luiz Viana. Eu insisto na expressão porque ela é um modelo dentro do quadro das elites em duas linhas básicas: a primeira é de que o patrício tem noção imediata da linhagem, ele se comunica com esse tronco no tempo, onde o seu espelho é necessariamente a biografia. E quem no Brasil conseguiu esse pugilo de biografias: Nabuco, Rui, Machado, Rio Branco, e eu estou apenas salientando as maiores e a mais difícil e contundente, a de Castello Branco. Eu tenho uma última carta dele, que recebi dentro desse esforço de procurar trazer a obra-chave de cada confrade dentro da língua francesa — quero registrar a alegria de que vamos poder publicar *Experience et Culture* (Experiência e Cultura) de Miguel Reale daqui a uma semana em Bordeaux. Eu havia perguntado ao Luiz Viana qual das suas biografias era a do seu

coração. Éle levou dois meses para me responder. Eu pensei que ele ia dizer Castello Branco, depois achei que o exemplar de Rui ia ser a resposta. Ele disse: não, eu quero a de Rio Branco. E isso me dá, e eu quero trazer à Academia, o testemunho do seu próprio juízo sobre as suas biografias, e no que me parece que é a sua predileção entre elas, no sentido do seu trabalho. Patrícios, homem de linhagens e evidentemente homens de grei. O Brasil vive dessas grandes famílias políticas. E não podemos esquecer que, sucedendo a fidelidade do seu pai, Luiz Viana foi o homem fiel a Otávio Mangabeira depois de 1930. Exilou-se, voltou, praticou essa fidelidade rara, e foi o homem dentro dessa gente naquela ebulição da política baiana, que tem o prazer, a volúpia e o sacrifício das grandes diferenciações passadas de geração em geração. Mas o patrício é também o homem da grande ética. É o homem que sabe levar até à sicuta o seu compromisso e viver o cálice todo do que é o compromisso com um determinado tipo de fidelidade política. Nós não temos, Sr. Presidente, e digo isso de Luiz Viana, que como poucos transita nesse contraponto secreto entre, vamos dizer assim, Swan e Guermantes proustiano, que é o silogeu do professor Lacombe e o vosso Trianon aqui. Eu diria que Luiz Viana, vivendo o Governo Castello Branco, ele o fez na sua plenitude. Digo isso diante de Aurélio de Lyra Tavares, de Antônio Houaiss, com quem eu aprendi nesta Casa, como noviço, a saber que nós aqui temos o senso dos consensos a partir das grandes pressões polêmicas, que essa Casa é o que é justamente por poder refletir. Nós não temos ainda toda a dimensão do presidente intelectual por excelência que foi o Presidente Humberto Castello Branco. Poucos, a não ser o Presidente Sarney, terão levado tão longe a paixão pelo livro, pelo texto, pela cultura. Não me esquecerei que em um dos últimos encontros em que estive com ele, de um lado estava *A Montanha Mágica* e de outro estava *Le Rouge et le Noir*. Eu acho difícil se encontrar um presidente que tenha um cotidiano da melhor literatura dentro do seu gabinete de trabalho. E ali estava um presidente intelectual com o fascínio do governo dos notáveis. Poucas vezes o governo dos notáveis, no que era a pureza sem jaca da raça dos intelectuais brasileiros, esteve tão presente naquela Casa. Luiz Viana morreu sem nos dar um diálogo fundamental sobre dois patrícios da liberdade e da consciência, vivendo um momento tão difícil de fidelidade a uma noção do dever público quanto Milton Campos e Luiz Viana. Esse diálogo entretanto não se deu. A renúncia de um do ministério de notáveis, o cumprimento do outro até o fim, e nós sabemos e eu tenho a correspondência de Luiz Viana com Alceu Amoroso Lima, e nós sabemos o drama de tantas cassações em um momento difficilimo da transição política brasileira.

O Sr. Geraldo França de Lima — Sr. Presidente, vou apenas relatar um pequenino episódio que mostra a humildade desse grande homem, desse extraordinário homem público de letras, de pensamento, de cultura. Um dia eu recebo um telefonema de Luiz Viana e ele me diz que tinha conversado

com Aloísio Noviz, e que Noviz lhe dissera que eu era um maníaco do Eça de Queiroz, o que é verdade, e me pedia se eu podia fazer o favor de ler umas notas que ele escreveu sobre o Eça. Aquilo para mim foi uma coisa que teve o efeito de raio, surpreendeu-me, e além de surpreender-me, elevou-me. Porque eu não tinha contatos maiores com ele a não ser o da amizade. Quando eu li as notas e as devolvi a ele, ele bateu no meu ombro e disse: vai pensando na Academia. Há muito tempo isso. E eu sinto profundamente a morte dele. Porque vejo nele uma das últimas grandes expressões da cultura brasileira, uma das expressões morais que o tempo seifa, corta e que dificilmente se substitui.

O Sr. Austregésilo de Athayde — Declaro vaga a Cadeira nº 22, que teve como patrono José Bonifácio, O Moço, fundador, Medeiros de Albuquerque, sucedido por Miguel Osório de Almeida, enfim por Luiz Viana Filho, cuja memória acabamos de honrar nesta sessão. Estão abertas as inscrições para o preenchimento desta vaga. Está encerrada a sessão.

ENCERRAMENTO — Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão. E eu, Evaristo de Moraes Filho, 2º Secretário, lavro a presente ata que subscrevo e assino.

Evaristo de Moraes Filho — 2º Secretário — *Austregésilo de Athayde* — Presidente.

Em 7 de junho de 1990.



Luiz Viana Filho com D. Julieta Viana, em 1985, ao receber a Ordem do Mérito da Justiça Militar

VI

HOMEMAGEM DA
ACADEMIA DE LETRAS
DA BAHIA

Sessão Conjunta da Academia de Letras da Bahia
com outras entidades culturais, em *P* de agosto de 1990

ELOGIO A LUIZ VIANA FILHO

EDIVALDO M. BOA VENTURA

O *Eclesiástico nos inclina a fazer o elogio dos honens ilustres:
Eles foram soberanos em seus estados,
Foram homens de grandes virtudes, dotados de prudência.
Eles governaram os povos de seu tempo,
E com firmeza de sua sabedoria...
Homens ricos de virtude,
Que tinham o gosto da beleza,
E viviam em paz em suas casas.
Todos eles adquiriram fama junto de seus contemporâneos,
E foram a glória de seu tempo.*

(ECLESIÁSTICO, 44,1-9)

Imbuídos desse espírito de sabedoria bíblica, evoquemos a figura de Luiz Viana Filho, neste exato momento de especial reverência, convocado pela Academia de Letras da Bahia, com a participação da Universidade Federal da Bahia, da qual ele foi aluno e mestre — da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia; do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; da Fundação Museu Carlos Costa Pinto; da Fundação Joaquim Nabuco; da Fundação Casa de Jorge Amado; do Gabinete Português de Leitura; da Fundação Pedro Calmon; e do Instituto Geográfico e Brasileiro, por determinação expressa e direta do seu Presidente, Américo Jacobina Lacombe.

Para este epicédio, reunimo-nos todos, instituições culturais, familiares, amigos e colegas, na congregação de nossas lembranças arrancadas do fundo da nossa saudade.

E porque temos o Luiz Viana Filho que construimos pelo amor filial e convivência amiga, pela exemplar atuação política e admiração da obra erudita, é que podemos, uníssona e harmoniosamente, reconstruir a sua figura pela dívida da intimidade.

Se, pela falta, continuamente o recordamos, pela nossa lembrança o ressaltamos, na tentativa de revê-lo por inteiro, na integridade moral e física que, Deus louvado, conservou até os últimos dos seus laboriosos dias.

Vamos todos, familiares e amigos, acadêmicos e associados das diversas instituições culturais, fazer o esforço de vencer a sensação de ausência para que os nossos corações possam dar graças ao Senhor pela sua gloriosa existência.

Ainda é o *Eclesiástico* que ensina: "toda obra excelente será aprovada e o seu autor nela achará orgulho". Assim, juntos e preparados, vamos explicitar a figura de um homem singular, pela soma de qualidades que o tornam único, excepcional e inconfundível.

O UNIVERSO FAMILIAR

Ainda no intróito, retiremos o exemplo de marido e pai, que soube com sabedoria edificar um lar e conviver com a absorvente atuação político-partidária. A política, sua vocação primeira, não o afastou de casa. Pelo contrário, tudo nele se unia porque sabia a medida das coisas.

Com Dona Juju, cuja presença para nós é o centro desta invocação, construiu o belo universo familiar. Universo de filhos, com Frederico, que o precedeu e agora desfruta de sua companhia celeste; Luiz e Solange, o nosso Luiz Viana Neto, cuja ascendente carreira recebe o reforço da herança paterna; Lia e Alberto Queiroz; Julieta (Juzinha) e Fernando Didier; Celina (Cely) e Luciano Visco; e Marilú e Gustavo, além dos vinte netos e oito bisnetos. Bendito seja aquele que vê os filhos dos seus filhos!

A família, como arsenal afetivo de base, estava sempre próxima dele nos momentos apropriados e nas horas aprazadas. Tanto assim, que partiu para a viagem definitiva, não por acaso, do lar de Verônica, sua neta, em São Paulo.

Meus amigos, deixemos, entretanto, bem encerradas as lembranças íntimas, as mais caras e as mais próximas, escondidas no escrínio da paternidade e repitamos um verso do livro sapencial: "Homem rico de virtude, que tinha o gosto da beleza, e vivia em paz em sua casa".

Vamos prosseguir desse patamar familiar para trazer à lembrança as duas maiores manifestações de sua rica personalidade: a grandeza do homem público, em primeiro lugar, e a realização do literato, em seguida.

A GRANDEZA DO HOMEM PÚBLICO

A tendência para as letras emparelhava com a vocação política, da qual era um profissional experimentado. Não obstante a atenção dada àquelas duas maiores inclinações do seu espírito, as responsabilidades da política, punha sempre em primeiro lugar. Era, antes de tudo, um político, na melhor e maior expressão dessa atividade — no gosto pelas realizações do governo, no acompanhamento da marcha da administração e na atenção sempre pronta

para indicações dos correligionários. No discurso compungido de posse no Senado, Viana Neto deu o sentido exato do homem público que fora seu pai. Ouçamo-lo:

Meu pai foi, efetivamente, o que se pode dizer de um homem público. Um homem que desde a juventude decidiu participar, interferir e influir nos rumos da sua comunidade, do seu estado e do seu País. E isso, efetivamente, ele conseguiu (ser) um homem público, cuja maior motivação na vida era a realização do bem comum.

Os cargos que balizaram o sucesso de Luiz Viana Filho confirmaram a precoce vocação, revelada desde a juventude, na observação da aprendizagem paterna, na longínqua e sempre presente infância na companhia do Conselheiro Luiz Viana.

Contou muito a sua identificação e a aceitação de suas raízes são-franciscanas: os Viana de Casa Nova, cidade fundada pelos seus antepassados. Militou sempre, politicamente, em função desse realismo interiorano, um dos seus fortes.

A região do São Francisco, aliás, tem sido sempre uma das contingências e das presenças marcantes na vida política baiana. Do Império à República, é uma constante: ontem, com o Barão de Cotegipe, o tribuno Fernandes da Cunha, Abílio César Borges e o próprio Conselheiro Luiz Viana; hoje, neste século, com Antônio Balbino, Tarcilo Vieira de Melo, Wilson Lins, Teódulo Lins de Albuquerque, Honorato e Adolfo Viana de Castro, Rui Santos e o Governador Nilo Coelho.

As raízes do São Francisco combinaram-se com o fôlego do jovem jornalista, projetando-o da capital para todo o interior.

Em 1933, com 25 anos, candidata-se à Assembléia Constituinte, reunindo o que pôde do espólio político do seu pai — segundo Luiz Rogério de Souza. Um ensaio de aprendizagem política para as demais eleições, às quais se submeteu com êxito. A própria Constituição de 1934 desfez-se, como o seu modelo, a Constituição de Weimar, em pouco tempo.

O deputado federal que se elegeu, em 1934, teve que voltar à Bahia, em 1937, para o jornal, para a banca de advocacia e para a cátedra. Se as atividades políticas estavam suspensas, em compensação, as intelectuais encontravam-se em alta.

A redemocratização de 1946, faz retornar ao cenário nacional o jovem e combativo representante da Bahia e reelege-se, sucessivamente, em 1950, 1954, 1958 e 1962. Com o Presidente Castello Branco, é escolhido Ministro-Chefe do Gabinete Civil, de 1964 a 1966.

No *Diário da Tarde*, Josué Montello mostra o lado humano do Ministro de Castello Branco ao comunicar ter sido por motivos políticos a cassação do mandato do Senador Juscelino Kubitschek.

Desejando candidatar-se à governança da Bahia, retorna à Câmara dos Deputados, em 1966. Lembro-me, vê-lo discutindo com Navarro de Brito,

no Ipê, as últimas questões da Constituição que logo mais seria promulgada, em 24 de janeiro de 1967.

O que mais lhe interessava naquele momento era, entretanto, o governo da Bahia, cujos problemas começa a analisar com antecedência. Encomenda a Navarro de Britto o anteprojeto da futura Constituição baiana.

No governo, os principais setores a atacar foram a educação e cultura, transporte e industrialização e ainda urbanismo. A coleção de *Estudos e Projetos*, em mais de vinte volumes, constitui a suma político-administrativa do seu governo e fornece uma idéia bem aproximada do muito que planejou e mais ainda do que realizou, ao longo dos quatro anos.

Destaquem-se os grandes projetos, que aderiram tanto ao solo baiano, frutificando de tal modo que o Estado da Bahia, ao qual dedicou a vida de político, tem novos cenários depois de sua profícua administração. Alguns merecem uma rápida chamada, como o início da ligação Salvador—Brasília até às margens do São Francisco, em Ibotirama. Rodovia que deveria ser chamada com muita justiça de Luiz Viana Filho, pelo seu patriótico empenho em comunicar a Capital Federal com o litoral.

Aí estão os hospitais e as escolas, centros integrados e faculdades, germes de universidades. A partir daí — é a minha proposição —, desenvolveu-se o sistema estadual de educação do pré-primário à universidade, em busca de um conjunto mais completo. Dentre os grandes projetos do seu governo na área educacional, ressalto a Universidade de Feira de Santana. Certa feita, ao regressarmos da Cidade Princesa, transmiti-lhe que a sua criação estava sendo considerada um projeto grande demais para o governo estadual. A sua reação foi pronta e incisiva.

— *Foi por isso justamente, que eu a criei. Eu gosto mesmo dos grandes projetos. E a Universidade de Feira, por ser projeto ambicioso, me animou a executá-lo.*

Projeto para o *ferry-boat*, para o aeroporto internacional 2 de Julho e, acima de tudo, a petroquímica. O que foi a luta do governador para trazer a petroquímica para a Bahia, acredito, somente os seus auxiliares diretos e os íntimos poderão testemunhar. Lutou, trabalhou e conseguiu a decisão de sua implantação na Bahia. O seu livro *Petroquímica e a industrialização na Bahia* documenta a iniciativa vitoriosa.

As obras do setor de cultura, por terem uma relação com esta sessão, merecem um relato. Sobressaem a Biblioteca Central, Museu das Alaias de Cachoeira, o Museu Costa Pinto, o Museu do Recôncavo Wanderlei Pinho e o Museu de Arte da Bahia e o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

Meus amigos, senhores acadêmicos, se estamos aqui reunidos, nesta Casa de tão altas tradições e com três funções sucessivas — residência, museu e sede deste sodalício — isto devemos à decisão de Luiz Viana Filho em reconstruir o solar Góes Calmon. O prédio já não abrigava a coleção do

Museu, daqui removida. Quando Luiz Viana Filho assumiu o governo, o empreiteiro que ganhara a concorrência o procurou explicando-lhe que não poderia executar o serviço, considerando as especificações da construção com relevos, azulejos antigos, afrescos de Presciliano *et alii*. Aconselhou ao governador que buscasse realizar as obras por administração direta, sendo o trabalho entregue ao engenheiro Aderbal Menezes que contou com a assessoria do pintor Newton Silva e do professor Carlos Eduardo da Rocha, diretor deste e do Museu do Recôncavo.

A inauguração da Biblioteca Pública foi um sucesso. Assim, preparava-se para deixar o Aclamação com a tranqüilidade do dever cumprido. Apesar dos insistentes apelos, para candidatar-se ao Senado, a sua intenção foi de ir até o último dia do mandato, conforme a tradição de Mangabeirã. A sua sobrinha Maria Helena Pinho Gama, recentemente, me repetiu a frase do grande governador: "Mandato entregue pelo povo, deve-se ir até o fim".

Luiz Viana Filho, preferindo ser fiel ao seu povo e à tradição, ficou até o término da gestão. Até o último momento, concebe novos projetos, novas inaugurações e novas obras, como a ponte João das Botas, o Museu do Recôncavo, o Parque Histórico Castro Alves e a inauguração do Estádio Otávio Mangabeira.

A ampliação do Estádio Otávio Mangabeira exigiu a interferência direta do Governador. Custou-lhe muito em preocupação, por causa dos prazos. Terminado o governo, exclamou entre aliviado e vitorioso: "Aquilo foi o meu purgatório. Quando chegar junto a São Pedro, direi que já o cumpri na ampliação da Fonte Nova".

Recordava-me sempre que era muito importante o governante atingir o fim do mandato. E até insistia nesse ponto. Certa vez eu lhe respondi que não via problema, que certamente ele chegaria ao final e passaria o cargo ao governador eleito. Lembrou-me então, do caso do Governador Araújo Pinho, que teve de apear do governo, forçado e doente, com terríveis problemas de coluna que o obrigaram a descer a escarpa da Vitória, tomar um barco e ir refugiar-se em Santo Amaro, em 2 de dezembro de 1911, faltando poucos meses para concluir o seu período. Como sempre, dominando a História, principalmente a baiana, tirava conclusões, exemplos, antecedentes e ilustrações oportunas e preciosas.

Em 15 de março de 1971, passou o cargo a Antônio Carlos Magalhães, viajando no dia seguinte. Satisfeito pelo que realizara e querendo ter feito mais pelo engrandecimento da Bahia.

Para concluir o lado político de sua personalidade, vou revelar um telefonema que dei para Petrópolis para saber como estava se recuperando do cansaço. Julgava-o exausto e lendo os livros na tranqüilidade serrana, após quatro anos de luta em favor da sua terra. Indaguei-lhe como ia passando, se estava ainda muito fatigado. Sabem, meus senhores, qual foi a sua resposta do outro lado da linha?

— *Estou pronto para outra, para recomeçar um novo mandato!*

A política realmente o envolvia em todas as situações.

A partir de 1975, ascende ao Senado. Depois de longa trajetória política, como deputado federal em seis legislaturas, ministro e governador, chegava à Casa Alta, reelegendo-se em 1982. Assim, durante quase dezesseis anos, a Bahia esteve presente por um representante da estirpe de Rui, Mangabeira, Juracy Magalhães e Aloísio de Carvalho Filho. Com a presidência do Congresso Nacional, attingia o ápice de sua carreira parlamentar.

Concluindo esta primeira parte, referente ao papel político desempenhado por Luiz Viana Filho, é forçoso repetir com o *Eclesiástico*: Eles (os homens ilustres) governam os povos de seu tempo. E com a firmeza de sua sabedoria deram instruções muito santas ao povo.

A REALIZAÇÃO DO LITERATO

A outra parêntese mais significativa de sua vida foram as letras. Verso e reverso? Guerra e paz? Partidas dobradas? A personalidade, na sua integridade, é uma só; os papéis, as funções, os chamados, as motivações podem, entretanto, ser vários.

Em Luiz Viana Filho, a sua vocação para a literatura é uma prova de sabedoria na administração eficaz do tempo. Se grandes foram as obras como governador, se muitos foram os projetos de lei e outras realizações na política, de igual modo sobressaem os trabalhos literários. Para Alceu de Amoroso Lima, é o príncipe dos nossos biógrafos.

Manejando admiravelmente a língua portuguesa, que defendera no Congresso, em 1935, sabia concertar harmoniosamente política com literatura. As intercomunicações das duas esferas de atividades emprestavam-lhe um toque especial à personalidade. Era um deputado e um estudioso da língua portuguesa! Era tanto um senador como um participante dos cursos sobre Rui Barbosa. Era um senador que fazia discursos primorosos para os Reis de Espanha, Don Juan Carlos e Dona Sofia! Essa simbiose qualifica-o como um dos derradeiros casos, hoje cada vez mais raros, de intelectual na política.

Porém, se a curiosidade intelectual conduzia-o fatalmente para a erudição, o realismo político, aprendido no jornal e na política do São Francisco, arrastava-o para a sabedoria do bom senso. Era o detentor da balança rara e difícil, que pesava a medida das coisas.

Entre as duas colunas máximas de manifestação da sua personalidade, movia-se o homem culto, polido, extraordinariamente educado, comedido no gesto e na palavra, atento a tudo.

Está o jornalismo, no qual ingressara antes dos vinte anos, tanto no começo da sua vida política, como no início da carreira literária. Nas letras, dá entrada com obras jurídicas, pelo aprendizado das teses. Logo formado, em 1929, no ano seguinte, apresenta a dissertação *A lei reguladora da sucessão abi-intestato, no Direito Internacional Privado*, para docência livre, que não

chega, entretanto, a defender. Inicia a carreira como advogado com Aliomar Baleeiro e Álvaro Nascimento. Acerca da tessitura de filigrana desse triunvirato de amigos nada posso acrescentar ao depoimento de Leda Nascimento Pedreira. Com o primeiro, publica o *Direito dos empregados no comércio*.

Do seu primeiro mandato, deixou-nos a *A língua do Brasil*. É a defesa do projeto contra os partidários da chamada "Língua brasileira". É a favor da unidade lingüística em termos de léxico, da prosódia e da sintaxe. Para Luiz Viana Filho: "Língua brasileira, no momento é mais do que um erro, é um crime". E hoje, quando a língua portuguesa tornou-se internacional, falada por sete nações livres do mundo e recomendada entre as seis línguas pelo Congresso americano, o que dizer da tese de nosso homenageado? Ao recepcionar a biblioteca de Álvaro Nascimento, cujo ingresso na Academia deu-se depois de sua morte, eleito por Leda e Luiz Viana, este deixou escapar que cultivava o vernáculo com um grupo de amigos, entre eles Álvaro e o conhecido Major França, professor de Português para o vestibular.

Na volta à Bahia, em 1937, deu à estampa *A Sabinada*. Fez concurso para a Faculdade de Direito tomando posse como catedrático de Direito Internacional Privado. Em 1941, saiu *A vida de Rui Barbosa*. No ano seguinte, elegeu-se para esta Academia. O seu espírito naturalmente acadêmico, que sempre privilegiou a convivência, encontrou o seu *habitat*. Exerceu-o com a finura de trato, sem excessos nem exhibições, mas com autenticidade, comedido e permanência. Em 1943, é nomeado para a Faculdade de Filosofia da Bahia, para a cátedra de História do Brasil. Publicou em seguida, *O negro na Bahia*.

Com a biografia de Rui, o escritor fixa-se no gênero literário de sua predileção em que se tornou o número um. Sem favor, o primeiro dos nossos biógrafos. Descobriu o filão e o explorou abundantemente. A sugestão para a biografia de Rui procedeu de Baleeiro. Rui como liberal, jurista, democrata, crente do direito era a antítese do Estado Novo. O objetivo era difundir o ideário do filho do Dr. João José Barbosa de Oliveira. Com a vida de Rui, convenceu-se que havia realmente contribuído para a volta à democracia.

O modelo inspirador foi *A vida de Disraeli*, o mais romântico dos ministros da Rainha Vitória, biografado por André Maurois, que, então inovava, no mundo latino, a biografia do modelo inglês. Referente mente ao processo de elaboração dessa biografia, Américo Jacobina Lacombe informou-me, há pouco, que os dois, à proporção que arrumavam a correspondência de Rui, deparavam com os aspectos novos da sua vida, quando, conforme a importância, Luiz Viana Filho solicitava cópia.

A competência no escrever e o manejo do instrumental de expressão escrita iriam facilitar, enormemente, a tarefa do escritor. Se o estilo é a marca do homem, o estilo é, sobretudo, o que fica do homem. Refiro-me à maneira inconfundível como imprime as suas idéias.

Descoberta a veia biográfica, mune-se da metodologia com Maurois, Lytton Strachey, o pai da biografia moderna, e lança *A verdade na biografia*, cuja segunda parte é a polêmica com Homero Pires.

No ensaio contrapõe a biografia antiga e histórica à moderna. Enquanto aquela é encomiástica, hagiológica, pedagógica e moral, esta procura dizer a verdade, revelar o lado humano de uma personalidade, em traços vivos e claros. É o que se percebe na vida de Rui, que guiado por rígidos princípios e critérios, renuncia a cargos e postos. À biografia calcada na documentação acompanham as variações da complexidade da natureza humana. Segue os cânones de Maurois — cronologia, atenção aos detalhes e temas predominantemente na vida do biografado. Notam-se, perfeitamente, essas situações na vida de Nabuco. Mostra as variações do seu temperamento, passando de um dândi, de homem charmoso e elegante dos salões para um Nabuco convertido, místico, devotado à família e ao trabalho, no final dos seus dias em Washington. Completa a trilogia com a *A vida de Rio Branco*. É a melhor de todas. E a melhor para os melhores. Oferece-a, laconicamente, com duas palavras somente: Para Jujú.

Construiu, como moderno Plutarco brasileiro, um belo cenário de crepúsculo do Império à madrugada da República. Quase todos, como o príncipe dos nossos biógrafos, homens de letras; quase todos homens de política — Machado de Assis, Castello Branco, José de Alencar, Eça de Queiroz e Anísio Teixeira.

A propósito desta última, foi motivo do nosso derradeiro telefonema, na manhã de 13 de junho. Falando sobre a biografia do grande educador, ele me informou do título — *Anísio Teixeira e a polêmica da educação*, mas que estava ainda sem capa, no que completou: não entendo de capa, mas sou seu crítico. Vamos consultar a filha do Anísio, Baby. E prolongou bastante a conversa. Não sabendo eu que seria a última...

Juntava elementos para escrever a vida, irrequieta e talentosa, de Euclides da Cunha. No "Sabadoyle" e no domingo que antecederam a sua partida, conversou largamente com seu amigo Plínio Doyle a respeito, tendo o mesmo lhe fornecido cartas e outros documentos sobre Euclides. Na casa de Carlos Eduardo da Rocha, onde nos reunimos, pelas manhãs de domingo, ele dava as primeiras dicas do novo trabalho.

Gostaria de chamar a atenção para os confrades e parentes que Luiz Viana Filho deixou uma série de pequenos retratos escritos, conferências, pronunciamentos e entrevistas, publicadas ou não, que não chegaram a constituir um livro. São ilustrações: *Aloysio de Carvalho* (Lulu Parola); *Hugo de Carvalho Ramos*; *Wanderlei Pinho*, sua última conferência na Bahia; *João Mangabeira*; *Mário Soares*; *Nilo Coelho*, o Senador. *Alguns aspectos do jornalismo baiano*, a conferência sobre o centenário dos pareceres de Ruy, que é de 1982 e outra sobre a Independência do Brasil e da Bahia. Em face das grandes biografias, considero como pequenos quadros, mas de igual valor.

Na biografia, Luiz Viana Filho se revelou como artista. É o artista da palavra escrita, com o domínio do vernáculo e com o instrumental do idioma. Construiu sua obra literária, pois as suas biografias são obras de arte e meio de expressão. Dotado de fino gosto pela leitura e não menor pela admiração da obra de arte, manifestava especial predileção pela pintura. Era um colecionar de arte, de quadros, de gravuras, de livros antigos, raros e de arte, de pratos brazonados! Interessava-se por tudo que lhe tocasse a cultura, a literatura e as ciências — os temas prediletos que caracterizavam o encanto de sua personalidade, como a água para Shalley, as flores para Disraeli e o teatro para Castro Alves.

Se na política foi um expoente, não menor relevo teve na literatura, firmando, em definitivo, o gênero biográfico na cultura brasileira.

E mais uma vez o Eclesiástico nos dá o caminho para ressaltar a sua personalidade no filão da biografia: todos eles (os homens ilustres) adquiriram fama junto de seus contemporâneos. E foram a glória do seu tempo.

Meu caro Presidente Cláudio Veiga, Prezada Dona Juju, confrades e amigos, vamos terminando esta evocação, na tentativa de configurar por inteiro, pelo menos, o político, o escritor e o artista da palavra escrita. Falta, todavia, ainda um aspecto bem caracterizante daquela personalidade especial, que lhe completa o perfil — Luiz Viana Filho amigo, o homem da convivência, do convívio acadêmico e político, o "conversante".

A CONVIVÊNCIA

Permitam-me que eu inicie com um verso de Gale Baker Atenton:
Reserve seu tempo para ajudar e entreter os amigos, é a fonte da felicidade.

Como argamassa entre a política e as letras, Luiz Viana Filho desenvolveu o mundo da amizade, alimentando-o com a conversa atraente, mansa e amena, plena de sabedoria e de observações pessoais, onde, com uma ligeira pitada de ironia machadiana, emprestava mais vida à sua marcante presença. É a conversa redonda dos baianos, da qual fala Jorge Amado. Um universo de amigos com quem se comunicava, pessoalmente, pela correspondência, pela visita ou pelo telefone. Para tanto, mantinha uma total intimidade com o aparelho de comunicação oral à distância. Dona Juju que o diga. A todo momento, atendia o aparelho. Nunca o vi recusar uma chamada, salvo em caso de conferência ou se estivesse muito ocupado. E a maior parte das vezes, breve; quando podia, espichava o diálogo. Como com o telefone, tinha também total intimidade com o relógio. A frase é de mestre Pedro Calmon: "Luiz tem uma grande intimidade com o relógio".

Referindo-se a certa pessoa que entrevistara para uma das suas biografias, a qual não via há muito tempo. Ela começando a falar, foi direta ao tempo passado e gasto:

Faz tanto tempo que não nos vemos, Dr. Luiz, Ah! o tempo, o tempo é um grande canalha!

Como *causeur*, tinha um mundo de coisas para entreter a conversa. Histórias pequenas derivadas das grandes páginas da História do Brasil e da Bahia. Outra classe de assuntos eram os ditados do sertão que aprendera na observação de sua longa carreira política. Um proverbial é inesquecível e útil: "A terra só faz mal a quem come", repetia sempre o que aprendera com o Conselheiro seu pai.

Conversa pausada, ritmada, ouvindo muito, sempre atento, com os olhos azuis e miúdos, mas acesos, apercebiam-se de tudo. Sempre estava bem informado. Quando íamos com os cajus, ele já voltava com as castanhas. A conversa, aliás, fazia parte da sua metodologia política. Conversa é política. E, conversa de namorado que nunca se acaba. O melhor tempo para a prática da conversação era no final do dia. Como diria o poeta "na hora meiga da tarde", com Dona Juju, às vezes, Dona Sílvia Calmon, Lia, Renato Vaz Sampaio, Carlos Eduardo da Rocha, Luís Henrique Dias Tavares, e quando vivo, Luiz Navarro de Britto. Às vezes os correligionários e amigos, como Conceição Tomazi, Jucá de Campo Formoso. E a conversa corria mansa até quase na hora do jantar. Na Bahia, em sua casa de Brotas, em Brasília, no seu gabinete no Senado, lá compareciam Dr. Renault, Jutahy Magalhães, Prisco Viana, algum prefeito de passagem pelo Distrito Federal, os deputados da Bahia.

Sempre que estava no Rio, era presença na casa de Plínio Doyle, aos sábados, à tarde, para o Sabadoyle com Américo Jacobina Lacombe, Carlos Drummond de Andrade, Homero Homem, Homero Sena, Laudo de Camargo, Maximiano de Carvalho Silva, Gilberto Mendonça Teles, Sílvio Meira, Maria Cecília Ribas Carneiro, Olímpio José Garcia Neto e José Gabriel Calmon da Costa Pinto. Em uma pequena plaquete escreveu *O Culto da Boa Conversa*, que é a ata do Natal do Sabadoyle de 1983.

Homem extraordinariamente polido, reservado, às vezes tímido, mas de atitudes. Não se pense que a polidez o impedia de afirmar o que pensava e o que queria realizar. Não. Cito um caso que mostra bem a sua atitude. Escolhido Oliveira Brito para ser seu Secretário de Minas e Energia, foi procurado por Mário Andreatza que o aconselhou a desistir daquele político. Ele respondeu que já o havia escolhido. Ponto final.

Sabia guardar certa importância do cargo, mas sem nenhuma demonstração de vaidade e de pose. Tinha a necessária superioridade que reveste os postos políticos de altivez e dignidade. Observando o seu estilo, o Cardeal Eugênio Sales — contou-me o Monsenhor Gaspar Sadoc —, considerava que com o desaparecimento de Luiz Viana Filho fora-se o último político baiano da estirpe dos Mangabeiras. E Jorge Calmon, em recente artigo, contextualizando-o, opina ser o último de uma geração de baianos notáveis como Aloísio de Carvalho Filho, Nestor Duarte, Anísio Teixeira, Pedro Calmon, Aliomar Baleeiro e Hermes Lima.

E AGORA VAMOS ENCERRAR

Eis a tentativa de elogio a Luiz Viana Filho, que percebi como pai, político, escritor, artista da palavra escrita e do homem de grande capacidade de convivência humana. Era, primeiramente, um homem público, com clara consciência do serviço a prestar à coletividade. Um realizador, capaz de passar do discurso à ação. A Bahia muito se enriqueceu com as suas obras; basta citar o Pólo Petroquímico. Como a literatura cresceu com as suas biografias. Envolvendo tudo isso, a sua capacidade de comunicação, pois era homem da convivência mansa e pacífica, porém enérgica quando defendia os seus princípios.

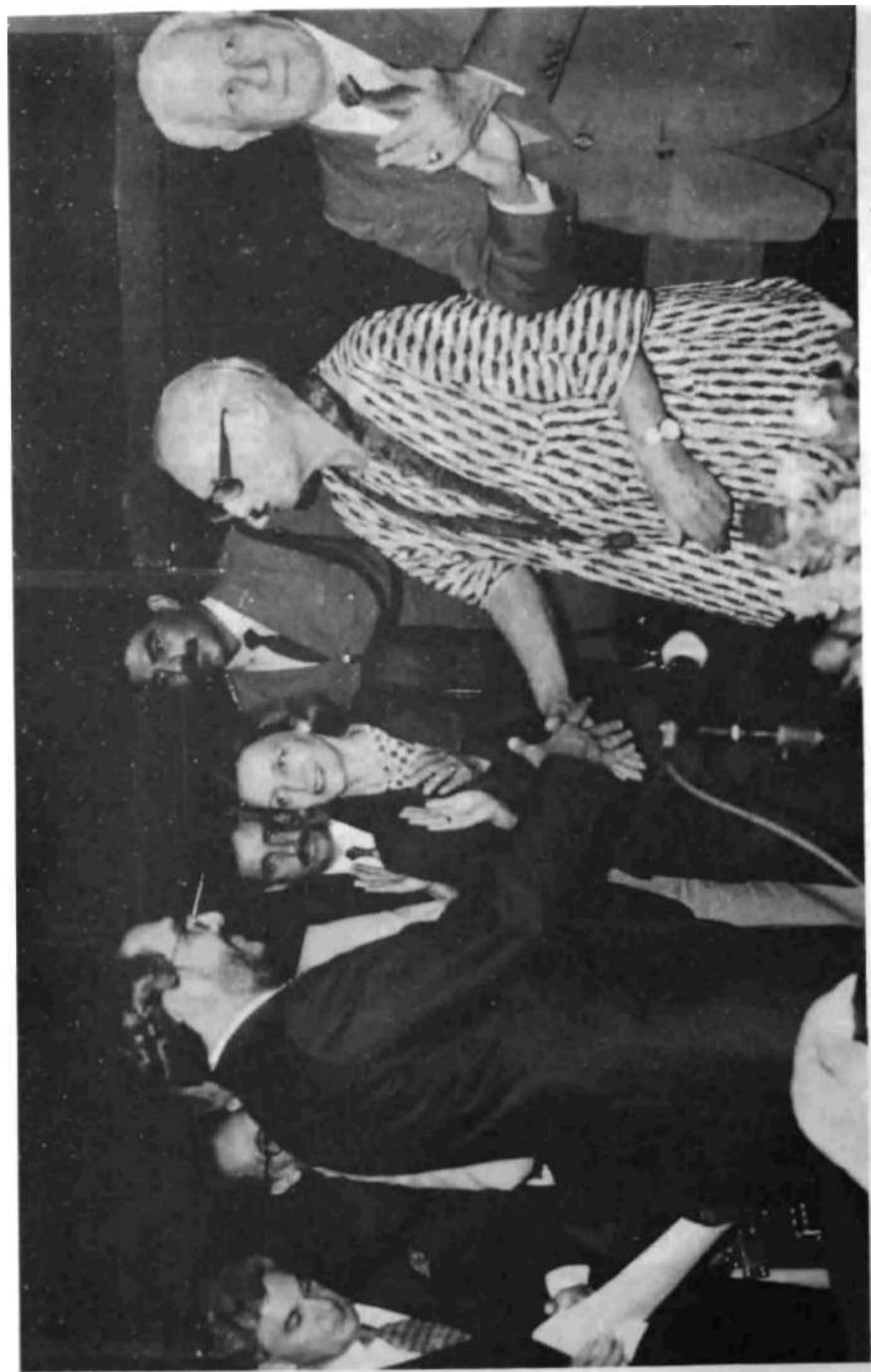
Aqui ficamos nós com as suas gratas lembranças, tocados que fomos pelas suas atenções. Aí estão as suas obras, construídas e escritas. Quanto mais o admiramos, revolvendo a recordação e a saudade, mais o temos, pois, a imortalidade é o viver dos outros em nós.

Terminemos devagar, quase em silêncio, como ele gostava de sair, de mansinho e sorrateiramente, para aproveitar o tempo.

Meus amigos, vivamos o tempo que reflete a lembrança de um homem excepcional, político, escritor e amigo, que se chama Luiz Viana Filho.

Gratos pela atenção.

Convidamos a todos para a exposição sobre os livros do homenageado.



Lutz Viana Filho, na homenagem a Pierre Verger, com o Prefeito de Salvador, Mário Kerterz e o Assessor Claudelino Miranda.



Luiz Viana Filho, na homenagem a Pierre Verger, com o Prefeito de Salvador, Mário Kerterz e o Assessor Claudelino Miranda

VII

DERRADEIRAS PÁGINAS

CENTENÁRIO DE WANDERLEY PINHO

LUIZ VIANA FILHO

Faz hoje cem anos que, em 19 de março de 1890, nascia em Santo Amaro, José Wanderley de Araújo Pinho. A data nos reúne para a celebrarmos, trazendo ao conterrâneo ilustre o tributo da nossa admiração. Dos presentes a esta solenidade muitos com ele conviveram, e para estes, mais do que figura eminente emerge da nossa imaginação e por que não o dizer? — da nossa saudade a lembrança do companheiro e do amigo. Nem foi sem razão que o nosso saudoso confrade Aloísio de Carvalho, dele diria no Senado da República que "raramente num homem podemos encontrar uma combinação tão harmoniosa do valor moral e do valor intelectual". Realmente, assim foi o eminente brasileiro cujo centenário hoje celebramos. Não há, pois, como esquecer-lo, tantos os predicados que lhe marcaram a invulgar personalidade. Tantos, que, ao tentar evocá-los, compreendo a temeridade a que fui levado, aceitando o convite para falar nesta comemoração.

Em verdade não sei o que ressaltar das múltiplas faces de tão ilustre personalidade. Nascido pouco após o término da Monarquia, cuja história enaltecera numerosos dos seus antepassados, dos quais é o mais ilustre o Barão de Cotegipe, de quem foi admirável biógrafo, e cuja marca na vida brasileira Joaquim Nabuco resumiu dizendo que "Wanderley produziu nos homens da sua época a impressão de ser o mais inteligente de todos", visto ser aquele que "percebia melhor e mais depressa o ponto sensível ao maior número". Caso aqui nos detivéssemos, poderia falar-vos largamente do historiador. Deste, entretanto, direi pouco adiante. Antes, lembrarei o homem encantador, que a todos prendia e cativava pela finura das maneiras, a lhanza do trato, a integridade moral, o cuidado e o polimento nos pormenores das suas relações. Nisso era impecável. Nenhum excesso, e nenhuma falha. A justa medida acentuava a perfeição. Quando o conheci, no amplo sobrado de Santo Amaro tive nítida idéia do que haviam sido as casas nobres responsáveis pela grandeza do Recôncavo.

Preso ao ostracismo político ao qual permaneceu fiel após a deposição do Governador Araújo Pinho e o Bombardeio da Bahia, em 1912, Wanderley Pinho, exonerado da Promotoria Pública em que tão bem servira, recolheu-se, após o casamento, em 1921, ao antigo solar do Conde de Subaé, onde não custava sentir a discreta presença, como próprio de uma grande dama, da Senhora Stela Calmon de Araújo Pinho. Rara companheira do marido ilustre, com ele repartia a nota de bom gosto, que pairava nos largos salões, testemunhas de um passado inesquecível. Nele, como bem disse Jaime de Sá Menezes, se uniam, numa harmonia admirável, o homem de espírito, de inteligência, de cultura.

Construído nas primeiras décadas do século XIX pelo Dr. José Moreira de Carvalho passara o futuro solar ao Conde de Subaé, que no mesmo local, em 1859, recebeu, sob frondoso tamarindeiro, o Imperador Pedro II, então em visita a Santo Amaro. A casa térrea não condizia com o Imperador, e seria ampliada com a edificação de um novo pavimento. Elementos de efeito arquitetônico, como o pórtico superposto por um terraço e a vistosa escadaria de mármore, semelhante à do Engenho do Monte, completavam as obras do solar.

Toda a Bahia se agitara para festejar o Monarca. Lembrou Wanderley Pinho que "na data onomástica do Imperador — 19 de outubro — um troço de homens encanecidos, muitos devastados de velhice, formava do Largo da Palma a mais esquisita companhia militar que até então vira a velha cidade. Vestindo fardas antiquadas, reuniram-se em roda de uma desbotada bandeira tirada de alguma sacristia, onde dormia havia mais de trinta e cinco anos". Eram os heróis da Independência. E Moniz Barreto, o repentista, recitou estes versos no desfile dos sobreviventes sob o comando de Cajuíba:

*Quem vestiu de bravo a farda
Não deve andrajos vestir:
Mão que deu fogo à bombarda
Não deve esmolas pedir.*

Era a evocação das glórias do 2 de julho.

A real visita provocou largos gastos por parte da nobreza do Recôncavo, desvanecida pela presença imperial. Custosas baixelas com as armas do Bragança vieram da França para perpetuar o acontecimento, que deixaria no seu rastro um mundo de histórias e recordações. Subaé não poupou despesas na nobre casa.

Nessa residência, onde poderia faltar o luxo, mas jamais o afeto, habitaram por longo tempo, os Wanderley Pinho. Advogado, político, senhor rural, Wanderley Pinho, em meio a uma nobreza que envelhecia e empobrecia, era altaneira figura em ascensão. Inevitavelmente, um líder a afirmar-se pelos predicados que lhe exornavam a personalidade. Wanderley e Dona Stela, pela cultura e pela educação, era casal que não é galanteria dizê-lo fidalgo. Desvanecia quantos podiam freqüentá-lo e admirá-lo.

Do avô, o Barão de Cotegipe, herdara Wanderley Pinho o gosto e a arte de bem receber, também apanágio dos Calmons. Em "Salões e Damas do Segundo Reinado", no qual tão bem evocou a vida social da Monarquia, lembrou Wanderley Pinho o salão de Cotegipe, citando o testemunho de Coelho Rodrigues sobre o virtuosismo de Cotegipe "na arte gentil de receber". "No seu trato familiar, escreveu Coelho Rodrigues, aquele velho septuagenário que parecia possuir um espírito eternamente jovem, tinha o segredo de interessar na sua conversação todos aqueles que o ouviam, desde o menino até o ancião; desde o sertanejo até o diplomata; desde o político aspirante até o argentário analfabeto; desde as senhoras mais distintas até as donzelas mais ingênuas... Nas reuniões familiares multiplicava-se como um corpo numa câmara de espelhos e parecia ao mesmo tempo ubíquo e inesgotável de amabilidade e de graça". Atendidas as transformações trazidas pela República, Wanderley Pinho não deslustrou a herança recebida do salão de Cotegipe. Em Santo Amaro continuaria cultuando a arte de receber. E ainda nisso confirmando a sabedoria de Cotegipe, que dizia não se fazer política sem "bolinhos," Wanderley Pinho, logo se tornou prestigiosa personalidade do Recôncavo, que representou na Câmara Federal por três mandatos parlamentares. Candidato avulso em 1921 não lograra se eleger, visto o combaterem tanto o Governo quanto a Oposição, que a última hora apresentara candidato com o propósito de impedir-lhe a eleição. Esperaria pelo pleito seguinte, realizado no período da Presidência de Artur Bernardes, ocasião em que participou na chapa do Partido Republicano da Bahia. Era o despontar de nova era política liderada pelo Governador Góes Calmon, sogro de Wanderley Pinho, que teve o mandato renovado em 1927 e 1930.

Como próprio do seu caráter Wanderley Pinho desempenhou o mandato com exatidão exemplar. Contudo, vitoriosa a Revolução de 1930, e tal como ocorre com os vencidos, foi chamado a depor na Bahia, numa delegacia militar. Seria a oportunidade para dizer o que fizera como deputado. Não é, portanto, demais ouvir-lhe o depoimento:

"Zelo, assiduidade — declarou então Wanderley Pinho, o mais desvelado cuidado por tudo o que dizia com os interesses nacionais e especialmente os da Bahia, orientaram a minha ação de deputado. Desprezei as aparências insinceras dos projetos de efeito e das emendas previamente condenadas, mas enganadoras da clientela eleitoral". Era Wanderley Pinho de corpo inteiro, tal como seria por toda a vida. O depoimento prosseguia: "Exerci o mandato com a austeridade de uma judicatura. Por seis anos membro da Comissão de Finanças da Câmara era li um fiscal, muitas vezes importuno, das conveniências nacionais, tendo ocasiões, não poucas, de contrariar interesses pessoais sem buscar saber se eram ou não julgados legítimos por governos ou Oposições. Tenho a convicção, concluía, de que não foi de todo inútil ao meu estado e ao meu distrito".

Na realidade ninguém mais zeloso no cumprimento dos deveres parlamentares.

Vitoriosa a Revolução de 1930, dissolvido o Parlamento, Wanderley Pinho retornou às atividades privadas, nas quais permaneceu até a Constituição de 1934, que lhe devolveu os direitos políticos, permitindo-lhe candidatar-se e ser eleito para a Câmara Federal da qual o excluiu um golpe político desfechado à sombra das eleições do segundo turno. Isso, entretanto, é outra história. Wanderley Pinho não era, porém, dos que se deixam abater. Com a mesma dignidade e a mesma tranqüila bravura ele permaneceu na vida pública. Coube a Otávio Mangabeira, quando eleito Governador da Bahia, em 1947, convocá-lo para ser o Prefeito de Salvador, cargo que exerceu quando das festividades que assinalaram, com brilho invulgar, o quarto centenário da fundação da cidade por Tome de Souza. A comemoração por vários títulos ajustava-se a Wanderley Pinho como uma luva. Para os baianos foi inesquecível e emocionante o extraordinário presépio cívico no qual, sob o comando do governador da cidade, vimos desfilar uma imagem perfeita de quatro séculos de "glória e de martírio que a cidade naquele dia contemplava".

Ao prefeito aliava-se o historiador e a Bahia viveu momentos de grande beleza e oportuna evocação do seu passado de lutas, de sacrifício, e de glórias que enaltecera a vida nacional.

Convém não esquecer que ao lado dessa contribuição de cultura do historiador, tão ao gosto da inteligência e do civismo dos baianos, foi Wanderley Pinho grande administrador da velha cidade, que renovou através de numerosas obras, que prepararam Salvador para uma fase de expansão. Não fosse monótono e eu lembraria o muito que realizou e está consignado nas mensagens apresentadas à Câmara dos Vereadores.

Da maneira porque desempenhou o cargo de prefeito de Salvador fez Pedro Calmon esta síntese justa e perfeita: "a ele se dera com a dedicação de quem dirige, a autoridade de quem ensina, a modéstia de quem serve, a bondade de quem congrega... Um traço de probidade e decência, que era a imagem do seu caráter, marcou-lhe a passagem pelas funções ligadas ao bem público". Era o retrato do administrador que tanto e tão bem serviu e enalteceu a Bahia.

* * *

Já é hora de nos voltarmos para os labores do homem de cultura, cujas obras estão incorporadas à história da inteligência brasileira. Antes, porém, de chegar a elas tomo a liberdade de breve depoimento sobre o acatamento de que o vi cercado por grandes historiadores. Habitualmente reunidos no gabinete de Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, compunham eles o que então se chamou "a pequena Academia" ou "Academia Garciana",

da qual, nos fins de tarde, participavam, além do anfitrião, Afonso Taunay, Tasso Fragoso, Afrânio Peixoto, Josué Montello, Tobias Fonteiro, Levi Carneiro, Oliveira Viana, Pedro Calmon, José Carlos de Macedo Soares, e o próprio Wanderley Pinho. O gabinete de Garcia funcionava como ponto de conversa e também de consulta para quantos tinham dúvidas sobre problemas pertinentes à história do Brasil. Na verdade uma enciclopédia viva..E nela Wanderley Pinho, com a modéstia e a discrição que lhe eram habituais tinha a sua parte, contribuindo com achegas valiosas. Todos o acatavam. Ele sabia sempre o que dizia.

Em verdade a História foi a sua grande vocação. E ele a perlustrou sem descanso, galgando os pontos mais altos entre os seus cultores, no Brasil. Dos grandes livros que deixou — é imensa a relação de monografias, artigos e discursos com que enriqueceu a nossa bibliografia histórica — creio que dos primeiros é o volume sobre a fase inicial, de 1815 a 1867, da vida do Barão de Cotegipe. Editado em 1937, Wanderley Pinho, infelizmente, não o completaria, embora ao longo de três décadas houvesse se dedicado permanentemente a recolher notas, consultar discursos e correspondência, em busca de informação sobre Cotegipe e o seu tempo. A História, entretanto, é algo interminável, sempre a se renovar ou a se completar, e Wanderley Pinho consumiria o tempo na procura do que não se pode encontrar, que é a certeza de nada mais haver a procurar. O que ele queria, mais do que isso, exigia, era a verdade. Disse-o, aliás, no próprio prefácio ao volume sobre Cotegipe. "Uma biografia a Ludwig, a Zweig, ou a Maurois não têm deveres senão com parte da verdade. Estes escritores escolhem, na realidade dispersa em trabalhos anteriores e nos documentos e fontes a que recorrem, os trechos, as cenas, os aspectos, as épocas que lhes interessam à emoção, ac gosto literário, à concepção particular com que focalizam o personagem ou o drama histórico. A preocupação estética e a curiosidade das hipóteses psicológicas sobrepujam, senão a exatidão, a incerteza da narrativa. E muitas vezes a inveracidade abusa da verossimilhança". Nessas observações estão concepções e também embaraços, obstáculos e dificuldades com que se depararia Wanderley Pinho na elaboração da parte final da vida de Cotegipe. Não há que censurá-lo, e sim louvá-lo por esse zelo. Certamente, ao contrário de Maurois, tinha ele a História como uma ciência, mais do que uma arte. Ouçamos o próprio Maurois, que assim se expressou ao falar da biografia: "Que se tenha podido não apenas colocar, mas discutir seriamente a questão de saber-se se a História é uma arte e certamente uma das curiosidade da loucura. Que poderia ser além disso? É evidente não ser a História uma ciência". E conclui com desembaraço: "É evidente não ser a História uma acumulação de fatos, mas a narrativas deles. Os fatos que se reportam ao passado, se reunidos sem arte são compilações, e as compilações sem nenhuma dúvida podem ser úteis, mas não constituem a História assim como a manteiga, ovos e a salada de aipo não são um omelete". Haveria algo mais aterrador para Wanderley Pinho do que esse conceito? Não há sombra de dúvida de que

para ele a História era uma ciência. Ciência tanto mais difícil no Brasil onde ainda modestas as investigações. Ele próprio escreveria a propósito do seu *Cotegipe*: "O biógrafo brasileiro, manejando assunto inédito, terá, por ora, que esculpir a estátua completa: dos pés de barro ao resplendor de ouro". Infelizmente, o tempo não lhe bastaria para esculpir a estátua, tal como a imaginara, por mais que o trabalhador fosse indormido. Recolhidos do seu rico acervo de estudos, documentos e observações pertinentes a Cotegipe e ao seu tempo, jazem no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pastas e pastas que testemunham o trabalho na luta interminável na busca de uma verdade impossível de se encontrar. Muitos já tentaram recompor a valiosa documentação na esperança de pôr de pé o ilustre Barão de Cotegipe. Tudo inútil. Como alguém se não o próprio artista saberá como golpear o mármore do qual deveria emergir a estátua? Jamais conheceremos as belezas imaginadas pelo historiador.

Contudo, enquanto não se julgou habilitado para concluir a estátua do avô, Wanderley Pinho continuou incansável pesquisador e escritor. São inúmeros os ensaios, avulsos, artigos que testemunham o labor do provento historiador. Não há como lembrá-los todos. Agora, fixar-me-ei na "História de um Engenho do Recôncavo".

Sem favor, é livro admirável. Pelo estilo, pela riqueza da documentação, pelo rigor das observações, pela justeza das conclusões é trabalho sem igual na historiografia brasileira. Para quantos tiveram oportunidade de conhecer e estudar o Recôncavo Baiano é obra apaixonante. Dessa paixão também participo. Vai daí preferir invocar opiniões de abalisados historiadores, pois me julgaria suspeito. Do eminente Sr. Oliveira Vianna é esta apreciação: "Não conheço, em nossa literatura histórica, nada que se compare a este trabalho do Sr. Wanderley Pinho, pela densidade da documentação e pela vivacidade da exposição e do comentário. É um mergulho dos mais fundos até hoje realizado da nossa história local e regional. O campo da investigação era extremamente restrito — a história de um velho engenho; mas das páginas dos velhos cronistas, dos velhos códices, e dos velhos arquivos cartoriais o autor soube extrair, com erudição, sagacidade, e honestidade perfeita, informes magníficos que lhe permitiram elaborar uma monografia modelar no gênero". Que podia dizer mais o conceituado autor das "Populações Meridionais"? Creio não ser demasia invocar o Sr. Barbosa Lima Sobrinho: "o trabalho do Sr. Wanderley de Araújo Pinho, escreve o renomado Presidente da Associação Brasileira de Imprensa — "História de um Engenho do Recôncavo" (1552-1914) — é realmente notável, contendo investigações inteiramente originais e podendo ser considerado como contribuição absolutamente nova sobre a vida dos engenhos no período colonial do Brasil". É juízo unânime entre os estudiosos,

Tendo raízes no imponente sobrado restaurado pelo Conde de Passe, Wanderley Pinho colocou a erudição a serviço dos sentimentos que o vinculam

ao velho engenho. Escreveu assim obra em que se é imenso o trabalho do investigador, não é menor o afeto com que envolve o passado. São quase quatro séculos em que vemos desfilar a história do Engenho Freguesia, abrigo de cristãos novos, perseguidos pela Inquisição, até chegar às mãos de Sebastião Alves e, mais tarde, aos Rocha Pitta, dos quais passaria para os ascendentes de Wanderley Pinho, também ele Senhor da grande casa, que teve a oportunidade de transformar, quando no Governo da Bahia, no *Museu Wanderley Pinho*, tão bem nascido e tão mal fadado.

A "História de um Engenho do Recôncavo" é livro único em nossa literatura histórica. Nenhum outro se lhe pode comparar. Em verdade constitui extraordinário manancial sobre a vida econômica da Colônia e do Império, especialmente no que diz respeito ao açúcar, sempre tão íntimo dos problemas relativos à escravatura, à sua importação e conservação. Também não esqueceu Wanderley Pinho de nos proporcionar a narrativa dos assuntos pertinentes à fabricação do que seria a base primitiva da riqueza nacional. Terras, fábricas, mão-de-obra, tenhas e fornhalhas, tudo é motivo para estudo acurado, que nos permite real conhecimento do que foi e do que representou, na sociedade brasileira, a vida e o trabalho de um engenho de açúcar. E sobre todas essas páginas de estudo e observação Wanderley Pinho deixou vaziar a alma enamorada pelo Recôncavo, a começar pela narrativa da viagem iniciada em Salvador num daqueles barcos de perfil oriental, "beirando a costa na direção de Passe", e na qual "descortinará, à luz de alguma tarde de verão, panoramas de não mais esquecer". É a face romântica do historiador, pondo uma nota de beleza e encantamento sobre aqueles sítios que lembram lutas, sofrimentos, riquezas e sonhos. Inebriado pela paisagem que lhe foi tão familiar, Wanderley assim descreve o aproximar-se do solar avoengo:

"Da outra banda do rio — escreve — paralelamente à ilha de Maré, continua a costa continental estendida em grutas, desabamentos, predrouços e escarpas, para, adiante, numa leve curva reentrante, deixar ver o escuro telheiro de um engenho em mortório, e logo o vulto magestoso de largo sobrado de muitas janelas, caiado de branco, com alva capela aconchegada àilharga. É ali o "Engenho Freguesia" ou "novo Caboto", outrora "Matoim..." Sobre a severidade da História perpassa a mansa brisa que, nas tardes de verão, enfuna as velas dos singulares barcos da Bahia. Wanderley Pinho amava ser acarinhado pelas brisas baianas. Nem por outro motivo, escreveu Frederico Edelweis, tão versado em coisas baianas, que "a Bahia é onipresente em sua vida. Examinai os seus escritos e vereis que são muito poucos aqueles em que não mencionam a Bahia ou baianos."

Em verdade o que ele escreveu foi muito mais do que a história de um engenho. Este seria apenas o pretexto para nos proporcionar a fisionomia de uma época e de uma rica, laboriosa, e brava região do Brasil — o Recôncavo Baiano.

Por não dever alongar-me, omitirei outros trabalhos de monta, reveladores do grande historiador, como são o ensaio "Política e Políticos do Império", ou "Costumes Mônásticos da Bahia". Deter-me-ei agora em "Salões e Damas do Segundo Reinado", que faz de Wanderley Pinho o mais completo cronista da vida social do Império. Não é gênero fácil. Mostra, por isso mesmo a versatilidade do pesquisador e do escritor. Alguns poucos, como José de Alencar, Machado de Assis, Nabuco e Afonso Celso Júnior o versaram com parcimônia. Cronistas bissextos, nenhum fez com a amplitude de Wanderley Pinho. Percorrendo, por vezes com alguma indiscrição, os salões da Corte e das Províncias da Bahia, Pernambuco e São Paulo proporciona-nos Wanderley Pinho segura visão da vida social do Império. Da Bahia, possivelmente o mais importante núcleo social do Brasil na primeira metade do século XIX, oferece-nos Wanderley Pinho o testemunho de viajantes, que participaram da vida social, bailes e recepções na antiga capital. Jerônimo Bonaparte, Tonelare, Maximiliano da Áustria, Joinville, d'Orbigny e Paulo de Wurtemberg são alguns dos depoentes invocados pelo cronista. Com a arte que lhe era própria, e na qual sabia aliar a paciência do pesquisador à justa medida do cronista, capaz de distinguir e identificar quanto era de valia para o perfil de uma sociedade animada pelos preconceitos e aspirações de urria época, Wanderley Pinho escreveu livro também único na historiografia brasileira. É a História da Corte, dos grandes salões políticos, sociais e literários do Brasil, sem esquecer teatros, grandes clubes, entre os quais realçavam o Club Beethoven e o Cassino Fluminense, e a própria rua do Ouvidor, famosa pelas suas casas de moda.

E a face galante da História, certamente também importante para bem conhecermos e julgarmos uma sociedade, nas suas grandezas e nas suas futilidades. "Num salão, escreveu Wanderley Pinho, ao iniciar seu belo livro, esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda... Rigoristas azedos dirão que tudo isto são futilidades. Mas, que é metade da vida senão tudo isto? E foi essa alegre metade que Wanderley Pinho nos transmitiu com a graça, a cultura, o espírito do extraordinário cronista do Império.

* * *

Num pequeno volume reunindo figuras da história, retratos tirados das "Causeries de lundi", lembrou Saint-Beuve esta observação de Boileau — "raramente um espírito ousa ser o que ele é". O conceito não se aplicaria a Wanderley Pinho. Em verdade o que ele foi e desejou ser por toda a vida, e o foi admiravelmente, foi historiador. Nela seria realmente um mestre, E por serem muitas as faces da História também muitas foram as faces por

ele versadas. É tempo de lembrarmos o grande professor da Universidade Federal da Bahia, e cujo curso da História ficará como um dos que mais ilustraram esta casa de ensino. Para alguns o professor seria quase uma surpresa. Do nosso ilustre colega Thales de Azevedo, é esta observação sobre Wanderley Pinho: "Nessa cátedra revelara um aspecto por bem dizer imprevisível de sua personalidade, a capacidade de se comunicar com os alunos e de neles despertar o interesse pelo estudo e pela investigação nos arquivos e nas bibliotecas".

Como testemunho dos que lhe freqüentaram as aulas, lembrarei o depoimento de Ana Âmelia Vieira Nascimento: "Como professor de História do Brasil na Universidade Federal da Bahia, foi um inovador. Seus alunos guardam dele a melhor das lembranças, e ele próprio, Wanderley, teve o maior gosto em ser mestre. Jamais levantou a voz para quem quer que fosse. Jamais um professor foi tão respeitado... Nas suas aulas tratava-se exclusivamente de História. E, que aulas soberbas, quando discorria fácil e entusiasticamente sobre os meandros da História do Brasil".

No trato com os alunos, dir-se-ia que o cavalheiro abria caminho para o educador, incapaz de uma palavra menos suave ou de uma observação que molestasse. Ensinava fazendo de cada discípulo um amigo, e, possivelmente mais do que isso — um admirador. A admiração pelos conhecimentos longamente amadurecidos, confrontados, analisados, e que lhe permitiam ter conhecimento global da história nacional, conhecendo a interligação dos fatos históricos, e sabendo o que cada qual deles representou na evolução do País. Em verdade, nada é isolado. Cumpre, porém, saber-se a influência e a repercussão de cada episódio.

Pelo cuidado com que investigou a vida do Barão de Cotegipe, e o seu tempo, o Segundo Reinado tornou-se ó seu *habitat*. Conhecia-lhe a grande e a pequena história. Anedotas, episódios, malquerenças, polêmicas, lutas e ciúmes parlamentares, tudo sobre o Segundo Reinado era familiar a Wanderley Pinho, que sobre cada episódio colocava o sal de uma frase de espírito. Daí se haver dito ser ele o continuador de Joaquim Nabuco.

Quando o substituiu na Academia de Letras da Bahia, o Professor Luís Henrique Dias Tavares fez justo perfil do professor e do historiador, que, como bem acentuou, "realizou obra pioneira na historiografia nacional, abrindo caminhos e clareiras para a história social do Brasil". Não se tratava de afirmativa graciosa, e Luís Henrique a justificou plenamente:

"Durante anos — e, de alguma forma, ainda hoje — a História do Brasil fora vista sob visão européia, com os episódios convenientemente arrumados à luz neutra de algumas personalidades. Capistrano de Abreu deixara uma lição com o seu *Caminhos Antigos* e Taunay, o grande Afonso d'Escragnolle Taunay, dera notável contribuição com a sua história do café. Oliveira Vianna fizera um largo esboço de interpretação com o seu *Evolução do Povo Brasileiro*.

Sérgio Buarque de Holanda inaugurara a inteligência com o seu *Raízes do Brasil*. Mas foi Wanderley Pinho quem realizou os grandes estudos de história social. Ele deu uma dimensão científica que não existira antes. Aliás, por ser criterioso e honesto, chegou a atingir a teia de mistificações que prejudicava a História do Brasil. Por certo que não seria o mestre Wanderley Pinho quem haveria de fazer história para escandalizar, ofender, constranger, apaixonar, ou para estabelecer polêmicas e ataques. Fosse a que fosse. Fosse a quem fosse. Não obstante sob muitos aspectos, mas, sobretudo, pelo que havia de novo e desconhecido, o seu hoje clássico *Costumes Monásticos na Bahia* (freiras e recolhidas), espantava pelo que descrevia de costumes mundanos nos conventos da Lapa e no Desterro na Bahia do século XVIII."

E depois de se referir à *História de Um Engenho do Recôncavo*, "a melhor e a mais penetrante análise do complexo econômico do Brasil agrário, escravocrata e mercantilista", concluía "ficasse Wanderley Pinho nestes três livros — *Cotegipe e seu Tempo, Salões e Damas do Segundo Reinado e História de um Engenho do Recôncavo* — e seria um dos grandes historiadores do Brasil. Entretanto, sua obra é bem maior. De fato, menos pelo que publicou do que pela honestidade e acuidade com que o fez, Wanderley Pinho está imortalizado entre os nossos maiores historiadores. No que produziu, e que não foi pouco, embora pudesse ser muito mais, não fosse o extremo cuidado com que conferia cada nota, cada informação, cada documento. Tudo para ele era passível de revisão ou de engano, e ele consumia o tempo vagarosamente como se pudesse encontrar a perfeição. No fundo, um perfeccionista. E os perfeccionistas não podem correr. Em compensação tudo quanto realizam é sólido, feito para durar. É o caso de Wanderley Pinho. Ele não teve pressa. Consultou fontes originais, compulsou e analisou documentos, interpretando-os com a segurança de quem possuía completa visão dos problemas da História nacional. Consultou bibliotecas e arquivos com paciência beneditina. Tudo a serviço da História, e indiferente à passagem do tempo. Dir-se-ia ser a perfeição a vaidade do historiador. Transcorrido um século sobre o seu nascimento, e décadas após a sua morte, aqui estamos nós para louvar-lhe a existência exemplar e a obra destinada à perenidade. É como se o víssemos levantar-se desse plenário na inconfundível postura de dignidade com que atravessou a vida, admirado pelos contemporâneos do mesmo modo como hoje o festeja a posteridade, reconhecida a quanto fez para honrar e enaltecer a Bahia.

Conferência do SENADOR LUIZ VIANA FILHO, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, comemorativa do centenário de nascimento de José Wanderley de Araújo Pinho em 19 de março de 1990.

A EDUCAÇÃO NO BRASIL

LUIZ VIANA FILHO

A propósito de declarações feitas a *A Tarde* por Dom Lucas Moreira Neves, Cardeal Arcebispo Primaz, sobre a educação no Brasil, quando de seu regresso da reunião da Conferência Nacional dos Bispos, em Itaici, o Senador Luiz Viana Filho dirigiu-lhe a seguinte carta:

"Bahia, 10 de maio de 1990

Eminente amigo Dom Lucas Moreira Neves

Por me encontrar em Brasília, somente hoje tomei conhecimento das declarações do eminente amigo sobre os problemas educacionais que tanto afligem e, mais que isso, deprimem a vida brasileira. Desejo, pois, mandar-lhe uma palavra de inteira solidariedade, e poderia até dizer de entusiasmo, pela preocupação sobre a lamentável situação em que se encontra a nossa educação. Nenhum problema é maior, pois somente a educação poderá libertar-nos da pobreza, se não da miséria em que se encontram amplos segmentos da nossa comunidade. Tudo quanto se faça sem considerar a educação como a base insubstituível será simples paliativo, de efeito ocasional e passageiro, mas incapaz de nos proporcionar os reais fundamentos para as transformações sociais indispensáveis e urgentes. Esteja certo de que não externo um pensamento de ocasião, mas o fruto de uma velha convicção. Tanto assim que ao ter a honra de assumir o governo da Bahia, uma das minhas primeiras preocupações foi organizar, com a inestimável colaboração e orientação do professor Navarro de Britto, um Plano Integral de Educação e Cultura, que, acredito, talvez com imodéstia, contribuiu para o início de uma nova fase na vida educacional da Bahia. Infelizmente, e como bem acentua o documento divulgado pela 28ª Assembléia da CNBB, "deploráveis interferências políticas" não permitiram que o plano tivesse a necessária continuidade. Contudo, os que estudarem o desenvolvimento da educação na Bahia poderão verificar que alguma coisa ficou, pois muitas foram as sementes que frutificaram. Para não me alongar, pediria licença para lembrar apenas o que se fez em Salvador, no breve período de 1967 a 1971, inicialmente sob a segura e dedicada colaboração do professor Navarro de Britto, a quem tanto deve a educação, e,

posteriormente, sob a orientação do professor Edivaldo Boaventura, continuador das mesmas aspirações iniciais. Foi possível, em meio às graves dificuldades financeiras do Erário público, construir os seguintes estabelecimentos de ensino secundário: Ginásio do Centro Integrado Conselheiro Luiz Viana, Ginásio do Centro Integrado Anísio Teixeira, Ginásio do Centro Integrado Luiz Tarquínio, Ginásio Pires de Carvalho e Albuquerque, Ginásio Marquês de Maricá. O que não impediu serem construídas em Salvador dezenas de escolas de primeiro grau.

Vinte anos decorreram. A população de Salvador dobrou. Contudo foram aqueles os derradeiros estabelecimentos de ensino secundário implantados em Salvador pelo governo do estado. Precisurei dizer mais? Mas, permita-me dizê-lo, ao tempo em que demos à juventude baiana maiores oportunidades de ensino, cuidamos de aprimorar a capacidade do magistério através de numerosos cursos de aperfeiçoamento. Será que fizemos mais do que merecem e precisam os baianos? A verdade é que tudo parou.

Outrossim, numa antecipação do que defende a assembléia da CNBB, buscamos "promover a revalorização do educador, como profissional", quer atualizando-lhe e aperfeiçoando os conhecimentos através de numerosos cursos, quer propiciando melhores salários, condição que considero essencial para o aprimoramento do ensino. Não poderemos ter bom ensino com professores economicamente angustiados. Ao falar no Senado, em 1975, lembrei o repetido conceito que Ruy Barbosa emitiu nos seus famosos pareceres de 1882 e 1883, dizendo que "as necessidades do ensino estão perfeitamente no mesmo pé que as da defesa nacional". Não é possível economizar na educação. E não há dinheiro mais bem empregado do que o dispendido na justa remuneração do professor. E concluía eu, no discurso mencionado. "Ou isso ou todas as reformas, sejam quais forem, ruirão como pobres castelos de carta, pois lhes faltará esse indispensável alicerce que é o professor integrado na sua profissão, para ela vivendo, e dela vivendo, sem riqueza, mas com segurança e dignidade". Creio não pedir demais. De qualquer modo são convicções das quais não me afasto ao longo do tempo. E, a esta altura da vida, com elas irei morrer.

Em verdade, nós, baianos, talvez mais do que os brasileiros das regiões do Sul e Sudeste, temos por que estar preocupados com o futuro da educação, vale dizer com o futuro das novas gerações. Apenas para lembrar um dado, que considero significativo, lembrarei aqui um número fornecido pelo MEC para o ano de 1987, relativo ao ensino superior. Dos 853 estabelecimentos de ensino superior existentes no Brasil, apenas 16 são da Bahia. Pernambuco possui 39 e o Rio Grande do Sul 57. Sei que o ensino básico é fundamental. Mas, o progresso, a riqueza caminham sobre o ensino superior.

Reitero ao eminente pastor a expressão da minha total solidariedade. É um apoio modesto, mas expressão de velhas e profundas convicções. Somente a educação poderá salvar a Bahia. Educar para enriquecer foi a legenda

que adotei no governo da Bahia. Infelizmente temos empobrecido por falta de educação. Ficarei imensamente feliz, se a palavra do eminente prelado contribuir para melhorar a educação na Bahia.

Estou certo de que ela não vai cair no vazio, dado o empenho do atual governo em dar novos rumos à educação.

Aqui vão, pois, as minhas efusivas congratulações e a minha total solidariedade, pedindo-lhe que continue a dispor do amigo. Muito obrigado, *Luiz Viana Filho*.

A Tarde, Salvador, 13 de maio de 1990. Caderno 1.

LUIZ VIANA

Seu último depoimento em vida, prestado durante mais de uma hora na biblioteca da agradável Casa de Brotas, aos jornalistas Cidélia Argolo e Gustavo Falcón, é um relato breve de uma vida pública das mais completas da Bahia. A entrevista foi concedida no dia 18 de maio deste ano, dias antes da morte do senador. Segue a íntegra do seu depoimento.

RB — Senador, queria que o senhor nos fixasse uma imagem que representou para o início da sua vida o fato de ser filho de um político de peso na Bahia e que estava envolvido com um episódio que ficou famoso, que foi o episódio de Canudos. O que isso representou para o jovem Luiz Viana Filho?

Luiz Viana — Quando o meu pai morreu eu tinha apenas 12 anos, naturalmente as minhas recordações de fatos, aspectos políticos, são pequenas; mas eu mantive relações, naturalmente, que eram de meu pai ou da minha família, em Casanova, Juazeiro, que eram políticas; de forma que, quando eu comecei a estudar aqui e me formei em Direito eu já tinha um grande contato com a política, mas acho que o grande fato que determinou os primeiros rumos da minha vida foi o jornalismo. Eu com 16 anos já era repórter.

De que jornal?

Do *Diário da Bahia*. Foi justamente em 24, na sucessão de Seabra, quer dizer a ascensão de Calmon, e a campanha era feita, sobretudo, no *Diário da Bahia*. Era uma turma grande de jovens, tinha o Hermes Lima, o Clemente Mariani, tinha o Alfredo Curvelo, o Nestor Duarte, enfim era uma turma realmente brilhante, sem nenhum favor, era uma turma altamente brilhante e eu me entrosei com essa turma. Comecei a minha vida de jornalista aí, mas ela foi curta no *Diário da Bahia*.

Fazia jornalismo político?

Eu fazia tudo. No jornal eu fui revisor, fiz polícia, fiz porto, enfim tudo que é de jornal eu fiz; naturalmente, como o jornal era matutino, nós trabalhávamos à noite até a madrugada, uma hora, duas horas. Sobretudo, porque o jornal naquela época era muito mais lento. Hoje, tudo é rápido. Era o tempo da caixa de tipos para compor. Os tipógrafos pegavam letra por letra

para fazer a matéria e isso nos obrigava a uma permanência até tarde no jornal. Mas depois que eu entrei para a faculdade fui trabalhar no escritório do Aliomar Baleeiro e ele já tinha trabalhado no *O Imparcial*. Na ocasião, ele era redator, fazia judiciário no jornal *A Tarde*. O redator-chefe do *A Tarde* era o Armando de Campos. Ele me convidou para ir lá e eu fui, isso em 1925, me lembro até o primeiro dia que eu fui trabalhar, foi no dia 28 de dezembro de 1925. Levei no *A Tarde* uns 20 anos efetivamente, depois, em 46, eu fui eleito deputado, daí eu passei a colaborar no *A Tarde* mas não tinha um trabalho efetivo. Durante 20 anos, no entanto, eu fui um redator permanente, efetivo, no dia-a-dia do *A Tarde*.

Quer dizer que o legado político de seu pai não foi herdado, o senhor, primeiro, percorreu a carreira jornalística para depois virar político profissional?

Fui jornalista. Meu pai sempre foi um político de interior, pelo menos lá era mais forte, e eu quando fui candidato, a primeira vez, em 33, a minha grande votação foi em Salvador, tanto em 33 como em 34 eu fui o primeiro votado em Salvador para deputado federal. Quer dizer, isso era decorrência do trabalho de jornalista; eu tinha uma coluna diária no *A Tarde*, eu escrevia no *A Tarde* todo dia uma coluna, uma coluna de oposição e, como toda coluna de oposição, tinha muito leitor e muita repercussão e foi isso que, acredito eu, me deu uma certa projeção. Quando fui eleito para a Câmara Federal eu era o mais moço, isso em 35, mas veio o golpe de 37 e aí eu voltei, refluí para a Bahia. Eu já era casado, tinha filhos; voltei para o *A Tarde* e aí fiquei, até a Constituição de 46 eu fiquei no *A Tarde*, trabalhei o tempo todo ali.

Quer dizer que essa história de que o vianismo é uma obra de seu pai, na verdade, é um tanto relativa?

Sim, é porque realmente ele tinha deixado muitos amigos e naturalmente isso me facilitou muito, me abriu muito as portas, eu refiz as relações, tinha uma certa confiança, uma certa estima, uma certa amizade. Aí não há dúvida de que foi, nesse aspecto foi.

Na região de São Francisco?

Sobretudo lá. Minha família vinha de Juazeiro até Barreiras, tinha parentes aí espalhados.

Já que enveredamos pela política, vamos continuar. Sua iniciação política se deu por identidade com alguns princípios, com algum partido, com alguma figura política em destaque? Como foi isso?

Bem, como eu lhe disse, eu trabalhava no *A Tarde*, entrei para o *A Tarde* e fiquei muito próximo do Simões Filho, que tinha sido muito amigo de meu pai e, naturalmente, eu continuei amigo dele; então, eu entrei na política muito ligado ao Simões e também ao Otávio Mangabeira, eu era muito ligado também ao velho Pedro Lago, que era senador, isso aí foi que abriu os meus caminhos. Em 30 eu ia ser deputado estadual, naquele tempo

fui quase "nomeado". Com a Revolução de 30, naturalmente isso aí desapareceu: eu aí tive que me eleger.

A primeira vez que eu me candidatei para a Constituinte perdi. Fui candidato avulso, porque quem participava da oposição era, sobretudo, o velho Seabra e Aloísio Carvalho Filho e ambos eram, na ocasião, presidencialistas e eu era parlamentarista. Por isso eu não pude entrar na chapa deles, daí eu ter sido avulso e eu perdi porque como avulso eu tinha que ter o coeficiente eleitoral, eu tive mais votos que o Seabra e tive mais votos que o Aloísio, mas não consegui o coeficiente eleitoral, perdi por cento e poucos votos; mas a Constituinte se dissolveu e convocou novas eleições para dezembro de 34 e eu novamente voltei a me candidatar e fui eleito, mas aí eu já dentro do partido: a UDB, União Democrática Brasileira.

Que era a corrente política do Otávio Mangabeira?

Do Otávio, do Seabra, esses eram os mais antigos, os mais novos eram o Nestor Duarte, que também fazia parte, o Aloísio Carvalho, uma turma ainda jovem naquela época.

Que princípios ideológicos nortearam a militância, a prática política do jovem Luiz Viana?

Para falar exatamente a verdade, naquele tempo não havia ideologia. Isso é uma coisa relativamente nova, naquele tempo havia governo e havia oposição, havia quem estava com o governo e quem estava com a oposição por isso ou por aquilo; aqui na Bahia ela tinha se caracterizado, sobretudo, pela autonomia, a nossa bandeira na época. Isso tudo já está superado, mas nós achávamos que entregar a Bahia ao Juracy Magalhães, que não era baiano, não tinha nada com a Bahia. Ele era, na época, um tenente que tinha vindo com a Revolução de 30 e que não estava de acordo com as tradições políticas da Bahia.

O senhor estava falando da organização da oposição em relação ao Juracy Magalhães, que era um estranho à Bahia.

Tudo se baseou evidentemente no autonomismo. Isso naquela primeira fase: quando veio o Golpe de 37 o Juracy ficou contra o Getúlio, tanto que deixou o governo, vieram os interventores, veio o Pinto Aleixo e nós continuamos contra o Getúlio e o Juracy se incorporou a nós; aí as nossas diferenças com o Juracy acabaram porque você em política fica sempre contra o adversário maior, que era o Getúlio. Então, nós somamos todas as forças, incluindo o Juracy, até 45. Em 45, na oposição, nós apoiamos a candidatura do Eduardo Gomes.

Nesse ínterim, quem era a representação política de Getúlio contra vocês?

O Pinto Aleixo.

Sob que legenda?

Naquele tempo não tinha legenda, depois é que fizeram o PSD e nós, quer dizer, a UDB passamos a UDN, a União Democrática Brasileira passou

a ser União Democrática Nacional. Foi nessa legenda que nós fizemos a campanha do brigadeiro em 45, mas para surpresa nossa foi eleito o Dutra e depois o Otávio Mangabeira fez um célebre acordo com o Dutra, indicando ministro e um deles, o Clemente Mariani.

E o Juracy ficou com status de líder dentro dessa corrente quando ele ingressou ou era o Otávio Mangabeira quem chefiava o bloco?

Cada um ficou com sua corrente. Quer dizer, o Juracy continuou tendo uma grande parcela política no estado, que se alargou quando se elegeu governador em 58. Em 50, veio o Otávio, depois veio o Regis Pacheco e depois do Regis Pacheco veio o Balbino e depois do Balbino é que veio o Juracy que, aliás, foi um candidato mais de protesto que imbuído da idéia de ganhar, se lançou dizendo que fazia isso como um protesto porque o candidato do Balbino tinha sido José Pedreira que eles achavam que não tinha condição. Mas vocês sabem que a eleição é sempre uma surpresa. Não há eleição certa, quem disser que tem eleição certa está conversando.

Àquela altura, o senhor estava exercendo que mandato?

Eu fui eleito para a Constituinte em 46. Fui reeleito em 50, em 54, em 58, em 62. Veio a revolução e daí eu fui para a Casa Civil.

Vamos retroceder um pouco aí nesta conjuntura de 50 e os anos próximos à revolução. Quando é que o vianismo se estabelece como uma corrente autônoma com seu espaço próprio na política baiana?

Não sei nem se isso existe. É claro que isso é conhecido no estado. No momento em que eu fui eleito governador é natural que eu tivesse aglutinado em torno de mim um grupo de amigos...

E um momento de cristalização do trabalho anterior?

É evidente, isso aconteceu com o Otávio, aconteceu com o Seabra, aconteceu com o Juracy. Você não pode falar em correntes a não ser dos sujeitos que já passaram no governo.

Senador, o quadro dos vianistas históricos, poderia ser lembrado? Quem o senhor considera como os seus mais leais, mais próximos colaboradores que tenha tido destaque na vida política?

Isso é um pouco difícil de dizer porque, assim, de repente, eu posso fazer exclusões ou omissões até injustas, não é? Eu tenho tantos amigos no interior que me acompanham, há 40, 50 anos, com sacrifícios, passando dificuldades às vezes em oposição; gente que leva anos apanhando em Xique Xique, aqui, ali...

E o seu ingresso na política nacional? Quando o senhor considera que realmente ingressou na política nacional? Quando foi para a Casa Civil?

Não, modéstia à parte, eu sempre fui um deputado com uma certa presença nacional, não vou dizer influência ou outra coisa. Essa presença depois me levou à Casa Civil; se eu não tivesse a presença, evidentemente, o Castello não teria se lembrado de mim.

As suas ligações com o Castello eram políticas ou pessoais?

Eu nem o conhecia, nunca tinha visto o Castello, quando ele me convidou.

Foi um convite puramente profissional, dada a sua presença na política?

Naturalmente. É até uma coisa que eu gostaria de ter esclarecido, mas depois que ele morreu isso se tornou impossível; eu tenho uma impressão. É só impressão; eu me dava muito bem com o cunhado dele, com o Hélio Viana, e acredito que ele teve algum papel nisso porque quando ele assumiu o governo disse ao Juracy que ia escolher entre mim e o Rui Santos. Juracy disse a ele que qualquer um ele receberia bem.

O senhor considera a sua experiência dentro desse quadro de afirmação da revolução uma experiência bem sucedida, como se atingisse o apogeu como um homem político ou o senhor tem algum dissabor daquela época de endurecimento...?

Dissabor eu não tenho. O que eu costumo dizer é que realmente o que foi importante para mim foi ter trabalhado com o Castello. Depois que eu trabalhei com o Castello eu passei a ter uma visão administrativa da vida pública, inteiramente diferente da que eu tinha antes e, se eu consegui fazer alguma coisa no governo foi por causa disso.

Do ponto de vista do desdobramento de sua vida como político, o fato do senhor ter sido sempre um político votado, eleito etc, não implicou num certo ônus ter que participar de um governo militar?

Não, porque nós estávamos convencidos de que a idéia do Jango era dar um golpe militar, paracomunista ou comunista. Estávamos convencidos disso. Hoje, naturalmente, é difícil dizer isso. Uns acreditam, outros não acreditam. O golpe não foi uma maneira de tomarmos o poder, foi mais uma contra-revolução, foi uma maneira de impedir que o Jango desse o golpe que nós achávamos que ele ia dar. Se ia mesmo, isso vai ficar na história ainda para ser discutido.

Era uma situação emergencial. O senhor se afastou do processo da revolução após o Castello ou permaneceu ao seu lado?

Não, aí eu fui eleito governador e até pela minha função de governador eu era obrigado, por uma fidelidade a Bahia a não me separar do Governo Federal. Quer dizer, não havia condições econômicas, pelo menos não existiam naquele tempo. Hoje com o Pólo Petroquímico, que me custou sangue, suor e lágrimas, naturalmente, a situação econômica da Bahia mudou, mas naquela época era uma situação muito difícil. A Bahia não tinha nenhuma maneira de sobreviver sem o apoio do Governo Federal.

Mas se houvesse uma base econômica forte como existe hoje o senhor se distanciaria da Revolução?

No negócio do "se" é difícil de dizer. Cada situação é diferente da outra. A verdade é a seguinte: você reconhece que o Pólo Petroquímico é uma coisa importante para a Bahia. É uma coisa que a mudou. E nós só devemos

o Pólo ao Presidente Medici, porque São Paulo era contra, até o Costa Cavalcanti, que era do Nordeste, era contra. Todo o governo era contra.

E o que foi que sensibilizou o Medici, foi a sua atuação política... ?

Fui eu, modéstia à parte, fui eu.

Querida que o senhor falasse um pouco sobre o seu livro, "O Negro na Bahia", que é tido por Gilberto Freire como um livro que marca os estudos africano lógicos, que recoloca a discussão das nações africanas etc. dentro de um patamar novo. Que contribuição original o seu livro deu à problemática do negro?

Deu, porque até aquele momento os estudos que tinham sido feitos sobre o negro, sobretudo os de Nina Rodrigues, Manuel Quirino, tinham tratado muito do problema religioso e do problema etnográfico. Eu vi que tratavam o negro como se fosse uma unidade, quer dizer, o negro era um só, o africano era um só, o que não era exato, porque a África era dividida em tribos, nações, regiões, religiões, tudo isso lá existe. Então, de acordo com esses negros que vieram para cá, conforme fosse, desse ou daquele grupo. Partiam influências diferentes. Procurei localizar que tribos ou que nações negras tinham vindo preponderantemente, para cada uma das regiões do país e trazendo com eles, naturalmente, hábitos diferentes, hábitos religiosos diferentes, e até características. O banto tem uma formação e o sudanês tem outra, são biotipos inteiramente diferentes. Foi a primeira vez que se colocou o problema do negro no Brasil dentro desse enfoque. Posteriormente o Pierre Verger desenvolveu muito isso, ele foi para a África, estudou e no livro dele, "Fluxo e Refluxo", chegou às mesmas conclusões, embora o livro dele seja muito mais bem documentado. Mas as conclusões a que ele chegou foram as mesmas a que eu tinha chegado, daí a importância do meu trabalho.

Em que pese todo esse processo urbanizante, de homogeneidade do espaço nacional etc, dado pela indústria, pelo crescimento da cidade e uma certa identidade de Salvador com as grandes cidades do País, o que, na sua opinião, como um historiador que se dedicou a esse assunto, o que ainda singulariza, destaca, caracteriza a cultura baiana de referência a esse passado?

Naturalmente, nós, sobretudo em relação a Salvador, tivemos uma predominância banto, até pela proximidade geográfica. Nós estamos aqui em frente a Angola. Se você pudesse olhar até lá você olhava daqui e via Angola. Foi esse negro que veio para cá, com seus candomblés e, predominantemente angolanos. O aussá; por exemplo, maometano, que veio do norte da África, esse, naturalmente, desapareceu, foi absorvido, naturalmente. A tendência dos grupos pequenos é de serem absorvidos pelos maiores.

O que é que o senhor destacaria, se é que é possível destacar, hoje, ainda como sobrevivência, como vestígio, como resquício, como elemento característico da cultura baiana que estudou?

Eu acredito que a cultura baiana tem, realmente, uma suavidade, um relacionamento, uma facilidade de relacionamento, um acolhimento, que é muito uma decorrência da influência negra.

Isso nós sentimos pouco, mas o estrangeiro que chega aqui sente muito. É curioso porque a população pobre não é revoltada, de um modo geral não é, pode haver elementos disso isoladamente mas em geral não é. Eu vou contar um fato: veio um casal americano, até de antropólogos; chegaram aqui, passaram aqui um domingo e um amigo meu que se dava com eles levou-os ao Alagados. Quer dizer, é uma zona pobre, bastante típica como uma região pobre da cidade. Quando eles chegaram lá, havia, naquelas casas, aquelas palafitas, havia pequenos grupos jogando dominó, tomando cerveja, jogando dama, enfim, havia uma comunidade satisfeita e eles passaram a falar rapidamente, mas você sente que não havia nenhuma revolta, nenhuma reação contra. Se você for ao Harlen, disseram os americanos, em Nova Iorque, é inteiramente diferente, você pode ser xingado, pode ser apedrejado, quer dizer, o baiano não é assim. Isso é negro, do negro de Angola, do negro banto; tanto que os empregados domésticos, os que viviam na família, na intimidade, de preferência eram angolanos.

Isso era uma estratégia dos escravistas?

É porque eles eram mais suaves, mais doces.

O senhor não acha que há um certo contraste evidente entre as revoltas que tiveram, fundamentalmente, origem nos escravos muçulmanos, nos aussás, e essa docilidade, dos bantos?

As revoltas, pelo menos as maiores, partiam dos muçulmanos, tanto que você chega aí no arquivo e ainda encontra documentos escritos em árabe, em línguas que não são línguas africanas. O malê, o aussá, esse era muito mais revoltado que o outro. Geralmente, eles é que chefiavam todas essas revoltas.

De certa forma o regime escravista foi mais condescendente, mais tolerante com o banto do que com o malê.

Não, parece que lá nas suas origens os males tinham uma hierarquia. Vieram para cá muitos que eram reis lá, eram príncipes, eram nobres; então, tinham aqui uma reação que era violenta

Essa forte presença banto, do legado banto, se deu pelo mérito ou porque houve uma circunstância, um nicho urbano, uma facilidade da vida da cidade de receber esse contribuinte?

Naturalmente, a vida na cidade é muito mais grupai do que a vida no campo, no interior, e no sertão. Ela desapareceu inteiramente no sertão, porque no sertão o vazio demográfico é um fato. No campo, mesmo no açúcar, que leva, economicamente a concentrações mais significativas isso se verificou.

O que é que o senhor levou de positivo para a vida política dessa incursão pela História?

Geralmente, o político é mal julgado, mas o político, por alguma necessidade, ou por obrigação ou por temperamento, é sempre um sujeito muito comunicativo e tem que ser assim. Por exemplo, a minha casa é aberta,

quer dizer, não há a hipótese de chegar aqui alguém e eu não receber. Naturalmente nem sempre eu posso atender e quando não posso não é por gosto. Mas a nossa tendência, do político, é essa; meu reduto aqui era grande. Eu conhecia Santo Antônio rua a rua, beco a beco. Isso nos proporciona um contato permanente com o povo e um conhecimento de necessidades, sobretudo de uma cidade pobre como a Bahia. Por isso, em política o sujeito tem que estar presente a tudo ou então ele não faz política ou não é político.

Quer dizer que foi o político que foi fazer a história para conhecer a sua gente e não o historiador que foi fazer política. Houve algum envolvimento do político com a religiosidade negra?

Eu fui várias vezes ao candomblé. Fui com o Jorge Amado e outros, mas como mera curiosidade. Você falou em Caymmi, o Caymmi é filho de santo.

O senhor foi como um observador respeitoso, não é?

Claro, acho que toda religião merece respeito, eu me dava muito bem com a comunidade quando eu fiz o "Negro na Bahia". Um dos que eu conheci muito e fui muitas vezes bem recebido foi o Jubiabá, lá em Santo Antônio. Várias vezes fui ao terreiro dele.

Conheceu um personagem. O senhor era uma pessoa muito enfronhada na vida da cidade, vivia muito a cidade de Salvador na juventude?

Vivia muito, vivia muito mesmo.

É possível o senhor nos dar uma imagem desse tempo?

Acho que Salvador naquele tempo tinha uns 300 mil habitantes. Isso dava um poder especial ao homem de imprensa, ao homem de jornal, como eu era. Não me refiro ao articulista que manda o artigo de casa. É diferente, o jornalista mesmo é um sujeito que trata com o povo, trata com o público. Então eu acredito que eu era muito conhecido na cidade, em qualquer lugar que chegava eu era conhecido, tinha contato. No jornal é assim, sempre tem um que precisa de uma notícia de casamento, outro precisa de notícia de enterro, enfim, o jornalista que vive no jornal, dentro do jornal, estabelece um contato muito grande com a população. Agora, a cidade é tão diferente.

Eu saía do jornal tarde, o último bonde era meia-noite e eu morava em Itapagipe. Chegava em cima no elevador e gritava para o bonde que estava lá embaixo: "Espere aí". E o sujeito esperava que a gente descesse para ir embora. Daí você tem uma idéia de quanto a cidade era diferente.

E o que era que se fazia nessa cidade além de trabalhar na imprensa e pegar um bonde; com o que se divertia a juventude, o que se discutia no ambiente cultural?

Tinha um centro, digamos, mais ou menos, intelectual, literário, que era o famoso "Café das Meninas", ali do lado da atual prefeitura. AH se reunia a roda dos boêmios intelectuais ou intelectuais boêmios, como você queira.

O senhor recorda alguns nomes?

Todo esse pessoal, Monteiro Andrade, Jorge Amado, são tantos que a gente até vai esquecendo, mas todos eles eram dali, o Castellar Sampaio era muito presente lá; e tinha o Palace Clube, que era um cabaré, como se chamava na época, hoje se chama boate, mas naquele tempo era cabaré, que era junto do *Diário da Bahia*. A gente ia muito, ia conversar depois do jornal, naturalmente que à gente tinha que se alimentar também.

Senador, o que é que o senhor acha dessa polêmica acirrada, desse radicalismo de hoje de certa parcela da juventude negra no que se refere à questão racial?

Eu acho que isso é uma idéia promocional, porque naturalmente isso existe nas classes, existe nas profissões etc. Eu tenho a impressão que o sujeito quer ver se daí tira algum proveito. Você pode me perguntar: "Mas não há discriminação racial?". Há, não pode deixar de haver. Você vê o chinês, não se mistura conosco, não é verdade? E lá no Oriente o chinês e o japonês não se misturam, é uma sensibilidade diferente, é uma maneira de agir diferente, mas isso é tão sutil, é tão leve, você vê, o presidente da Academia e o fundador é o Machado de Assis e você não vai me dizer que o Machado de Assis é branco; e aqui, poucos sujeitos terão sido tão respeitados e até estimados como o Teodoro Sampaio, que eu conheci muito e era um homem escuro. O Querino também, o Roberto Correia, que era professor, quer dizer, nunca houve nenhuma discriminação pelo fato do sujeito ser mais claro ou menos claro, e na Bahia não pode haver, porque o Lélis Piedade, que foi um jornalista muito famoso, ele dizia que família baiana é como capuco de algodão; se você mexer no meio tem um carocinho preto.

Não é o caso da sua família.

Não sei, deve ter, só é mexer.

Pelo menos culturalmente...

Culturalmente é outra coisa, estou falando racialmente.

Quer dizer que o senhor considera, vamos dizer assim, esse rebuliço juvenil negro um instrumento de ascensão social, de afirmação, é isso?

Não é de afirmação, eu acho que é de exploração, porque na realidade não há essa discriminação para que o sujeito se sinta mesmo discriminado, e, se for, também não é por aí que ele vai se redimir. E nós não temos, quer dizer, em qualquer profissão, seja dos médicos — tem médico preto com maior renome, maior acatamento — seja dos bacharéis a mesma coisa. Quantos professores pretos tem a Faculdade de Medicina? A cor nunca foi um elemento que impedisse alguém de sua ascensão social.

Finalmente a última pergunta sobre a questão negra. Eu queria saber se o senhor considera que essa colaboração, todo esse legado, toda essa ancestralidade religiosa, cultural, racial etc, ela tende a ir se pulverizando, se dissolvendo à medida em que a gente forma a nacionalidade ou isso tende a se preservar?

Depende de regiões. Naturalmente onde houver concentração negra como realmente você não pode esconder que isso existe em Salvador, naturalmente

ela vai ser mais difícil de se pulverizar, mas no país como um todo a tendência vai ser realmente essa, não pode deixar de ser, independe de nós, independe de qualquer coisa.

E nós perderemos, com o tempo, essas características coloniais, maternais?

Não, porque fica sempre um substrato, quer dizer, essa afetividade baiana que pode ser até que venha da mãe negra, da mãe preta.

Vamos agora para a sua atividade como biógrafo. O que o senhor fez como biógrafo e o que o senhor considera de satisfação, considerando as obras etc, nesse trabalho?

Naturalmente todo trabalho que o sujeito realiza tem uma gratificação. Se não fosse isso ele não ia fazer; são trabalhos que sob o ponto de vista econômico têm pouca significação, você faz porque gosta. Agora, eu entrei na biografia por uma porta falsa, porque a primeira biografia que eu fiz foi do Rui e ela foi feita, justamente, em 38, mais ou menos, depois do Estado Novo; como já disse, eu me dava muito com o Baleeiro, andava muito na casa dele, que era no Cabula, e um dia ele sugeriu que eu fizesse uma biografia do Rui, que nós precisávamos fazer ressurgir a figura do Rui, do liberal, do jurista, que era a antítese do Estado Novo, a antítese do Getúlio. A minha idéia foi fazer o Rui com esse objetivo, foi para difundir no País as idéias liberais e as idéias democráticas das quais, evidentemente, o Rui é o grande pioneiro no Brasil, a grande personalidade; e houve um certo êxito e isso aí me levou, então, a escrever outras, depois fiz a do Rio Branco, depois fiz a do Machado, do José de Alencar, uma foi puxando a outra.

Finalmente como homem, o senhor se considera uma pessoa realizada?

Eu não posso me queixar da vida; nunca ninguém faz tudo que deseja, isso não existe, seria o ideal, que é uma coisa inatingível; agora, eu não posso me queixar e por isso mesmo acredito que não sou uma pessoa amarga. Geralmente os sujeitos que são frustrados, que acham que não tiveram na vida aquele papel que podiam ter tido ou que mereciam ter, todo esse pessoal fica um pouco amargo. Cada um se julga muito bem, isso é uma tendência humana, mas eu acredito que não sou amargo e, talvez porque deva me considerar uma pessoa, até feliz, embora um filósofo grego diga que o sujeito só sabe se é feliz depois de morrer. Um dia depois da morte. Pelo menos, até agora eu devo me considerar uma pessoa que se realizou dentro da sua profissão, dentro da sua carreira. Eu me realizei satisfatoriamente.

Além do Pólo Petroquímico, que o senhor conseguiu trazer para a Bahia, o senhor se destacou no que se refere à educação. Chegou até a dizer certa feita, referindo-se ao salário dos professores, que o desdém com a classe havia transformado o salário de general, que os professores ganhavam, um salário de sargento. Como vê a situação da educação hoje?

Muito preocupante. Só se faz um país com educação, não há outra maneira; eu acho que a educação tem sido muito escoimada e dia-a-dia ela se torna pior; mesmo num estado como São Paulo ela ainda deixa muito a

desejar, e se você olhar a Bahia, é uma calamidade, eu não sei o que será a Bahia de amanhã com esse nível de ensino que nós temos.

Da política muita coisa boa, muito êxito, muita luta, muito suor e lágrima, como o senhor disse, mas que dissabor o senhor destacaria, alguma adversidade, algum inimigo político, o que, do ponto de vista da adversidade, ficou da política? O lado negativo.

Naturalmente, a adversidade é a melhor escola, eu passei grande parte da minha vida na oposição, na adversidade; eu costumo dizer que o maior inimigo do homem é o êxito; o êxito costuma, às vezes, dar certas ilusões ou induzir as pessoas a fazerem coisas que elas pensam que podem fazer, porque tiveram êxito aqui ou êxito acolá e, realmente, aí elas não conseguem; a adversidade ensina muito, é muito mais virtuosa do que o êxito.

Poderia dar três nomes para o senhor fazer comentário? Antônio Conselheiro.

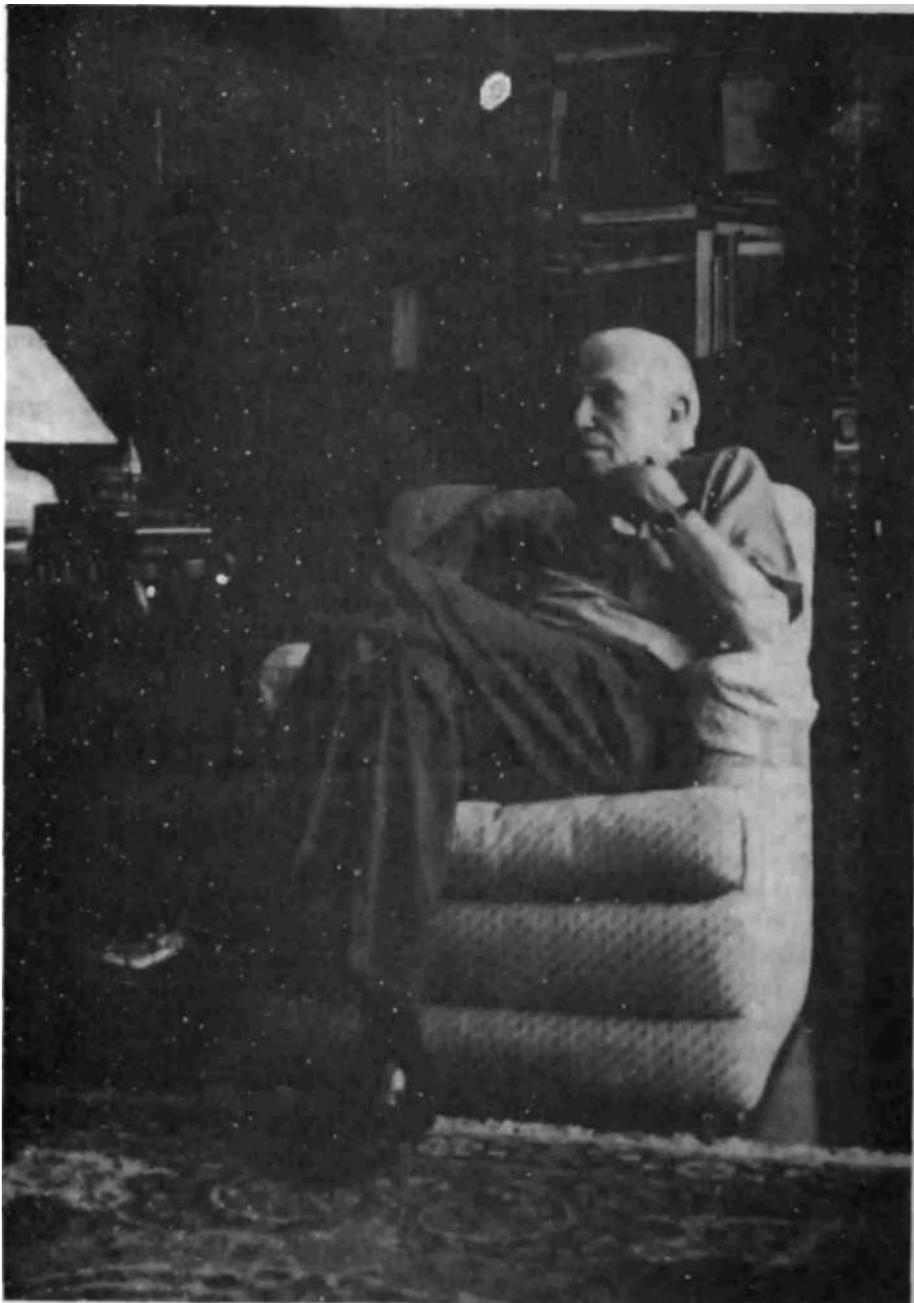
Coitado, Antônio Conselheiro foi apenas um fanático, não é nem mais nem menos, nós não podemos julgá-lo de maneira diferente. Você quando fala em Antônio Conselheiro, evidentemente, você quer se referir mais a um *status* social num determinado momento do que mesmo à pessoa. Quer dizer, o Antônio Conselheiro apenas encarnou todo aquele estado de revolta, de pobreza, de miséria, de ignorância que havia no Nordeste, aquilo, naturalmente, se fixou na figura do Antônio Conselheiro, poderia ter se fixado em outra figura, mas é um fenômeno muito mais social do que individual.

— *Horácio de Matos.*

O Horácio de Matos eu conheci bastante porque quando eu era jornalista eu fiz o Senado e o Horácio de Matos era Senador Estadual e era uma figura muito amena, naturalmente tinha aquela legenda que vinha de todas as lutas que ele tinha tido, inclusive daquela luta de 19, da candidatura do Seabra, que o Rui participou aqui, da campanha de Paulo Fontes; e as notícias em relação a ele, quer dizer, naquele tempo o comércio tinha muita mobilidade, porque as cidades locais tinham poucas mercadorias, essas mercadorias havia um caixeiro viajante que levava e o Horácio de Matos, mantinha uma disciplina que ninguém era roubado lá, se sentia uma grande segurança em toda área do Horácio de Matos.

— *Antônio Carlos Magalhães.*

Desse eu prefiro não falar.



Luiz Viana Filho, em sua casa de Brotas, em Salvador, Bahia, em 18 de maio de 1990. no momento em que dava a sua última entrevista, incluída nesta coletânea

VIII

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ VIANA FILHO

*

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ VIANA FILHO

RENATO BERBERT DE CASTRO

Para a realização da bibliografia de Luiz Viana Filho, reunimos os seus livros e folhetos nas seguintes categorias, levando em consideração os assuntos neles predominantes:

De Natureza Jurídica
De Natureza Filológica
De Natureza Econômica
De Natureza Biográfica
De Natureza Histórica
De Natureza Literária
De Natureza Administrativa
De Natureza Política

— . . . , Tradução
Organização

DE NATUREZA JURÍDICA

O Direito dos Empregados no Comércio. Em colaboração com Aliomar Baleeiro. Almeida & Irmão, Editores, Bahia. 1932. 243 p.

A Lei Reguladora da Sucessão Ab-Intestato no Direito Internacional. Tese de concurso à docência livre da cadeira de Direito Internacional Privado na Faculdade de Direito da Bahia. Livraria e Tipografia do Comércio. Bahia, 1930. 92 p. No frontispício, *Lei Reguladora* aparece como *Le Reguladora*.

Direito dos Estrangeiros no Brasil: Histórico e Situação Presente. Tese para concurso de professor catedrático da cadeira de Direito Privado Internacional. Imprensa Regina, Bahia. 1938. 186 p.

DE NATUREZA FÍLOLÓGICA

A Língua do Brasil. A Gráfica, Bahia. 1930. 70 p.

Idem. 2ª edição. Livraria Progresso Editora, Salvador. Ensaio. Série Miniatura. 1954. 103 p.

DE NATUREZA ECONÔMICA

O Aproveitamento Econômico do Vale do São Francisco. Discurso proferido na sessão de 23 de setembro de 1947, da Câmara dos Deputados. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1947. 23 p.

DE NATUREZA BIOGRÁFICA

A Vida de Rui Barbosa. Biblioteca do Espírito Moderno. Série 3ª História. Vol. 17. Companhia Editora Nacional. 1941. 301 p.

- Idem, idem. 2 edição. 1943. 301 p.
- Idem, idem. Edição do Centenário. 1949. 438 p.
- Idem, idem. Edição do Centenário (especial). 1949. 438 p.
- Idem, idem. Edição Comemorativa do Centenário. (2ª edição especial.) 1952. 440 p.
- Idem, idem. Sexta edição. Revista e ampliada. 1960. 454 p.
- Idem. Livraria Martins Editora. Sétima edição. Revista e ampliada. 1965. 403 p.
- Idem. Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, vol. nº 177. 8ª edição atualizada, com 20 ilustrações. Rio de Janeiro, 1977. 406 p.
- Idem. Figuras do Passado. Lello & Irmão — Editores. Porto. Introdução de Luís Forjaz Trigueiros. 1981. 496 p.
- Idem. In *Três Estadistas: Rui — Nabuco — Rio Branco*, p. 1 a 405. Livraria José Olympio Editora. Coleção Alma do Tempo, vol. 2, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Brasília. Rio de Janeiro, 1981. Notas de Eduardo Portella, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Josué Montello, Olívio Montenegro e Tristão de Athayde.
- Idem. 11ª edição. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Introdução de Luís Forjaz Trigueiros. 1987. 490 p.
- A Verdade na Biografia*. Editora Civilização Brasileira S/A. Rio de Janeiro — São Paulo - Bahia. 1945. 171 p.
- In Memoriam D. Maria Augusta Rui Barbosa*. Discurso de Luiz Viana Filho na Câmara dos Deputados, de p. 15 a 21. Casa de Rui Barbosa. 1949.
- Rui & Nabuco* (Ensaio). Coleção Documentos Brasileiros, vol. 64. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. Edição ilustrada. 1949. 230 p.
- A Vida de Joaquim Nabuco*. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1952. 355 p.
- Idem. 2ª edição. Livraria Martins Editora S.A., em convênio com o Instituto Nacional do Livro/MEC. 1973. 421 p.
- Idem. In *Três Estadistas: Rui — Nabuco — Rio Branco*, p. 407 a 753. Livraria José Olympio Editora. Coleção Alma do Tempo, vol. 2, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Brasília. Rio de Janeiro, 1981. Notas de Eduardo Portella, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Josué Montello, Olívio Montenegro e Tristão de Athayde.
- Idem. Figuras do Passado. Livraria Chardron de Lello & Irmão. Porto. Introdução de Artur Anselmo. 1985. 411 p.
- A Vida do Barão do Rio Branco*. Com 16 ilustrações fora do texto. Coleção Documentos Brasileiros, vol. 106. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1959. 458 p.
- Idem. Segunda edição. Livraria Martins Editora, São Paulo. 1967. 513 p.
- Idem, idem. Terceira edição. Sem data. 513 p.
- Idem. In *Três Estadistas: Rui — Nabuco — Rio Branco*, p. 755 a 1178. Livraria José Olympio Editora. Coleção Alma do Tempo, vol. 2ª, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Brasília. Rio de Janeiro, 1981. Notas de Eduardo Portella, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Josué Montello, Olívio Montenegro e Tristão de Athayde.
- Idem. Figuras do Passado. Lello & Irmão — Editores. Porto. Prefácio de Francisco José da Gama Caiiro. 1983. 485 p.
- Idem. 6ª edição. Coleção Documentos Brasileiros, vol. nº 106. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória. Notas de Alceu Amoroso Lima e Gilberto Freyre. 1988. 439 p.
- José Bonifácio, o Político*. In *Estudos Vários Sobre José Bonifácio de Andrada e Silva*, de p. (32) a 47. Trata-se da conferência pronunciada por Luiz Viana Filho em Santos, a 12 de junho de 1963, e vai ser reproduzida no livro: *A Inteligência Multifforme de José Bonifácio*. Segunda publicação oficial do Grupo de Trabalho Executivo das Homenagens ao Patriarca, designada pelo Prefeito José Gomes. Santos. 1963.
- A Vida de Machado de Assis*. Livraria Martins Editora, São Paulo. 1965. 290 p.

Idem, idem, em convênio com o Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura. 2ª edição. 1974. 289 p.

Idem. Figuras do Passado. Livraria Chardron de Lello & Irmão — Editores. Porto. 1984. 277 p.

Idem. Coleção Documentos Brasileiros, vol. nº 207. José Olympio Editora. Edição Comemorativa do Sesquicentenário de Nascimento de Machado de Assis. Diz ser a "3ª edição, revista e ilustrada", mas, na realidade, é a 4ª. 1989. 300 p.

Centenário de Aloysio de Carvalho (Lulu Parola). Discurso de Luiz Viana Filho de p. 7 a 21, e de Aloysio de Carvalho Filho de p. 25 a 33. Publicação da Academia de Letras da Bahia, impressa na Imprensa Regina. 1966.

O Último Ano de Rui na Bahia. Publicações da Casa de Rui (Bahia). Ano I, 1972. 11

José Bonifácio, o Político. In *A Inteligência Multifforme de José Bonifácio*, p. 19 a 34. Editora Paralelo Ltda., em convênio com o Instituto Nacional do Livro (MEC). 1974. Esse estudo já havia sido publicado em *Estudos Vários Sobre José Bonifácio*, já registrado.

Homenagem ao Marechal Juarez Távora. Discurso na Sessão Especial do Senado Federal, no dia 27 de agosto de 1975. Centro Gráfico do Senado Federal. 1975. 15 p.

O Governo Castello Branco. Coleção Documentos Brasileiros, vol. n. 166. Com 42 ilustrações. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1975. 572 p.

Idem, idem. 2ª Edição, 1975. 572 p. Não se trata propriamente de uma 2ª edição, mas de uma segunda tiragem.

Idem. Biblioteca do Exército — Editora e Livraria José Olympio Editora. Em II tomos, o tomo I até a p. 284, e o tomo II de p. 285 a 572, ficando evidente o aproveitamento dos fotolitos das edições anteriores. Rio de Janeiro, 1975. Tanto no tomo I como no II, consta uma mesma *Apresentação* da Biblioteca do Exército — Editora.

Rui Barbosa: Seis Conferências. Ministério da Educação e Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro., 1977. 75 p. As seis conferências são as seguintes: "Saudação ao Presidente Dutra", "Rui e Nabuco", "Rui Barbosa e os Militares", "Rui Barbosa, Advogado da Constituição", "Rui e os Gaúchos" e "As *Obras Completas* de Rui Barbosa".

Rui, o Parlamentar. Ciclo de palestras, em Salvador, para comemorar o Centenário da 1ª Eleição Parlamentar de Rui Barbosa. A palestra de Luiz Viana Filho, de p. 93 a 105, sem título, versou sobre a campanha governamental de Rui, de 1919. Os outros palestrantes foram: Josué Montello, Américo Jacobina Lacombe, Pedro Calmon e Pinto de Aguiar. A publicação do opúsculo foi de iniciativa da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, promotora do ciclo de palestra, juntamente com a Academia de Letras da Bahia.

Evocação de Rui Barbosa. Academia das Ciências de Lisboa. Instituto de Altos Estudos. Nova Série — Fascículo IV. Conferência de posse no Instituto de Altos Estudos da Academia de Ciências de Lisboa, em 17 de outubro de 1977, precedida pela apresentação de Luiz Viana Filho pelo Professor Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, 1978. 39 p.

A Vida de José de Alencar. Coleção Documentos Brasileiros, vol. nº 187. Livraria José Olympio Editora em convênio com o Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, Brasília. Rio de Janeiro, 1979. 311 p.

Idem, idem. 2ª edição, revista. Rio de Janeiro, 1979. 309 p.

Idem. Figuras do Passado. Lello & Irmão — Editores. Porto. Introdução de Jacinto do Prado Coelho. 1981. 357 p.

Um Grande Chanceler. In *Um Praticante da Democracia: Otávio Mangabeira*, p. 51 a 60. Publicação do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. 1980. Colaboram na obra, além de Luiz Viana Filho: Ruy Santos, Américo Simas Filho, A. Peçanha Martins, Pedro Calmon, J.E. Prado Kelly, Nelson de Souza Sampaio, Josaphat Marinho, Wilson Lins, Afonso Arinos de Melo Franco e o próprio Otávio Mangabeira, em escrito sobre Machado de Assis.

João Mangabeira — o homem e o político. Discurso na Universidade de Brasília, em 3 de novembro de 1981. Impresso pelo Centro Gráfico do Senado Federal. 1981. 19 p.

A Vida de Eça de Queiroz. Figuras do Passado. Livraria Chardron de Lello & Irmão — Editores. Porto. 1983. 321 p.

Idem. Editora Nova Fronteira em convênio com o Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Prô-Memória. Rio de Janeiro, 1984. 381 p. Da edição, foram "tirados 50 exemplares impressos em papel Vergé branco de 85g/rrr para o texto e Vêrgé creme de ISOg/m² para a capa, numerados de 1 a 50 e assinados pelo autor". Dessa tiragem especial, temos em nossa biblioteca o exemplar n° 22, doado pelo autor.

Idem, idem. 2ª edição. Rio de Janeiro. 1984. 381 p. Foram utilizados os mesmos fotolitos da edição anterior, pelo que se trata, na realidade, de segunda tiragem.

Octávio Mangabeira — Um Homem na Tempestade. Discurso no Senado Federal, em 27 de novembro de 1986. Centro Gráfico do Senado Federal, 1986. 57 p.

Rui Barbosa e a Conferência de Haia. In *Sobre Rui Barbosa*, p. 73 a 83. Palestra no 3º Curso Rui Barbosa, realizado na Academia de Letras da Bahia sob a coordenação do acadêmico Rubem Nogueira. As demais palestras foram: "Rui Barbosa e o controle judicial de constitucionalidade dos atos legislativos e executivos", por Rubem Nogueira; "Rui Barbosa e os direitos e garantias individuais", por Josaphat Marinho; "Os direitos sociais e o nacionalismo no pensamento de Rui Barbosa", por Luís Pinto Ferreira; e "Rui Barbosa e a língua portuguesa", por Gladstone Chaves de-Melo.-

Introdução, de p. 1 a 53, ao livro *Ensino Superior no Brasil. Análise e Interpretação de sua Evolução até 1969*, de Anísio Teixeira. Instituto de Documentação. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1989. 186 p. .

Centenário de Wanderley Pinho. Conferência na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, na sessão comemorativa do Centenário do Nascimento de José Wanderley de Araújo Pinho, em 19º de março de 1990. Centro Gráfico do Senado Federal, 1990. 17 p.

Anísio Teixeira e a polêmica da educação. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990 (obra póstuma).

DE NATUREZA HISTÓRICA

ASabinada (A República Bahiana de 1837). Coleção Documentos Brasileiros, vol. 8. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1938. 210 p.

O Negro na Bahia. Prefácio de Gilberto Freyre. Coleção Documentos Brasileiros, vol. 55. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1946. 167 p.

Idem. 2ª edição. Prefácio de Gilberto Freyre. Livraria Martins Editora, São Paulo, em convênio com o Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura. Brasília. 1976. 152 p.

Idem. 3ª edição. Prefácio de Gilberto Freyre. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 1988. 245 p.

À Margem d'Os Sertões. Livraria Progresso Editora, de Aguiar & Souza Ltda. Edição conjunta com a União Bahiana de Escritores. Coleção "Paralelo 13", n° 8. Bahia, 1960. 50 p.

A Independência e a Unidade Nacional. Impresso na Imprensa Oficial da Bahia. 1972. Nove páginas não numeradas.

Euclides da Cunha. O Episódio de Canudos. Pintura de Grover Chapman. Introdução e Seleção de Textos por Luiz Viana Filho. Salamandra. Publicado sob o patrocínio do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura. 1978. 61 p.

§§ *Anos de Política: Síntese dos Fatos*. Separata da *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n° 28. de 1980, para a qual foi feita a capa, conservando-se a numeração das páginas da *Revista*: 7 a 17. Trabalho escrito para as comemorações do 85º aniversário do *Diário de Notícias*, sendo publicado na sua edição de 6 de março de 1960.

Alguns Aspectos do Jornalismo Baiano. Conferência pronunciada na abertura do Seminário de Técnica e Atualização Jornalística, promovido pela Associação Bahiana de Imprensa, no ano de seu cinquentenário. Publicação da Associação Bahiana de Imprensa n° 2. 1980. 13 p.

Petroquímica e Industrialização da Bahia (1967-1971). Centro Gráfico do Senado Federal. 1984. 153 p.

DE NATUREZA LITERÁRIA

Rui Barbosa. Antologia. Seleção — Prefácio e Notas de Luiz Viana Filho. Casa de Rui Barbosa. 1953. 229 p.

Rui Barbosa. Antologia. Selección y Notas de Luiz Viana Filho. Traducción de Justo Pastor Benítez. Casa de Rui Barbosa. 1954. 256 p.

Antologia-de Rui Barbosa. Seleção, prefácio e notas Luiz Viana Filho. Edições de Ouro. 1967. 243 p.

Antologia de Rui Barbosa. Seleção, prefácio e notas de Luiz Viana Filho. Capa de Noguchi. Edições de Ouro. Sem data. 235 p.

Miguel Osório. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Saudação do acadêmico Menotti de! Picchia. Organização Simões Editora. Rio de Janeiro. 1956. 76 p.

Afrânio Peixoto. Romance. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro. 1963. 120 p. De Luiz Viana Filho: "Dados Biográficos"; "Apresentação"; "Antologia"; "Bibliografia do Autor"; "Bibliografia sobre o Autor"; seleção de "Julgamento Crítico" e "Questionário".

Sucessão de Ademar Tavares na Academia Brasileira de Letras. Discurso de Deolindo Couto e resposta de Luiz Viana Filho, de p. 35 a 54. Academia Brasileira de Letras. 1972.

Elogio de Antônio da Silva Melo. Discurso de posse de Américo Jacobina Lacombe. Resposta de Luiz Viana Filho, de p. 35 a 49. Academia Brasileira de Letras. 1974.

Camões e o Brasil. Separata do livro *Comemoração do IV Centenário da Morte de Camões*, Lisboa, 1980. p. 53 a 60.

Homenagem a Gilberto Freyre. Discursos pronunciados na sessão solene do Congresso Nacional, em 15 de abril de 1980. De Luiz Viana Filho as palavras de encerramento da sessão como Presidente do Congresso Nacional, de p. 41 e 42. Os oradores foram Aderbal Jurema, Thales Ramalho, Marcos Freire e Geraldo Guedes. Brasília. 1980, Centro Gráfico do Senado Federal. •

Um Historiador na Academia Brasiliense de Letras. Posse de Luiz Viana Filho na Academia Brasiliense de Letras, em 3 de dezembro de 1982. Discurso de posse de p. 7 a 17. Saudação de Aderbal Jurema de p. 19 a 23. Centro Gráfico do Senado Federal, 1982.

Elogio do Dr. Rui Ribeiro Couto. Posse de Luiz Viana Filho na cadeira n^o 38 da Academia Portuguesa da História, em 9 de maio de 1980. sucedendo ao Embaixador Rui Ribeiro Couto. O elogio de Ribeiro Couto, feito por Luiz Viana Filho, de p. 15 a 30. seguido pelas saudações ao biógrafo por Francisco da Gama Caeiro e Mário Júlio de Almeida Costa. Lisboa, 1982. 47 p.

O Culto da Boa Conversa. Ata de Natal do *Sabadoyle*. Edições Sabadoyle. Rio de Janeiro. 1983. 12 p.

O Amigo Perfeito. In *80 Anos de Pedro Calmon*, p. 7 a 9. Homenagem da Universidade Federal ao Professor Pedro Calmon. no transcurso dois oitenta anos de sua existência. Coletânea de diversos trabalhos sobre Pedro Calmon. editada pela Universidade Federal da Bahia. 1983. 89 p.

Posse do Presidente Mário Soares na Academia Brasileira de Letras. Discurso de posse do Presidente Mário Soares como sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, em 2 de abril de 1987. de p. 9 a 29; saudação ao recipiendário por Luiz Viana Filho, de p. 33 a 59. Centro Gráfico do Senado Federal. 1987.

Inauguração da Biblioteca Álvaro Nascimento. Discurso de-Luiz Viana Filho na inauguração da Biblioteca Álvaro Nascimento, na Academia de Letras da Bahia, de p. 7 a 10. Seguem-se os discursos da Sr^a Leda Nascimento Pedreira, doadora da referida Biblioteca, e do Acadêmico Cláudio Veiga, Presidente da Academia. Centro Gráfico do Senado Federal. 1987. 17 p.

DE NATUREZA ADMINISTRATIVA

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador Luiz Viana Filho, em 1.º de março de 1968. Estado da Bahia. 1968. 132 p.

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador Luiz Viana Filho, em P de março de 1969. Imprensa Oficial da Bahia, 1969. 121 p.

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador Luiz Viana Filho, em 31 de março de 1970. Estado da Bahia. 1970. 136 p.

Mensagem sobre a situação do Estado da Bahia. (Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa do Estado pelo Governador Luiz Viana Filho.) Imprensa Oficial da Bahia, 1971. 16 p.

Transmissão do Governo do Estado da Bahia. Discursos dos Governadores Luiz Viana Filho e Antônio Carlos Magalhães. O primeiro de pp. 5 a 9. e o segundo de pp. 13 a 20 1971.

DE NATUREZA POLÍTICA

A Bahia Espoliada. Discursos na Câmara dos Deputados, em 26 de março de 1957 e 22 de maio de 1958. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1958. 16 p.

Em Defesa da Bahia. Discursos proferidos na Câmara dos Deputados, em datas não indicadas. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1960. 15 p.

Onze Anos de Renovação e Progresso. Discurso na reunião solene do Diretório Nacional da Aliança Renovadora Nacional, comemorativa do 11^o aniversário da Revolução de 31 de março de 1964. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1975. 12 p.

Grandes Vultos do Nosso Parlamento no Império. In *O Poder Legislativo no Brasil (1823-1973)*, de p. 47 a 64. Conferência proferida na Câmara dos Deputados, em comemoração ao Sesquicentenário do Poder Legislativo no Brasil. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1975. O livro traz as outras conferências, pronunciadas com o mesmo objetivo, por Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Freyre, Ruy Santos e Aliomar Baleeiro.

Congresso Nacional. Sessão solene realizada em 9 de maio de 1975. Discursos pronunciados em nome da Câmara dos Deputados, na sessão solene do Congresso Nacional em comemoração do 30^o aniversário da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial. As páginas não são numeradas. Discurso do Senador Luiz Viana Filho de p. 3 a 13. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1975.

Em Favor do Nordeste. Discurso no Senado Federal sobre a situação do Nordeste, proferido em 23 de setembro de 1975. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1975. 37 p.

O Salário dos Professores e a Educação Nacional. Discurso proferido no Senado Federal em 12 de novembro de 1975. Centro Gráfico do Senado Federal. 1975. 24 p.

Bahia: O Caminho do Desenvolvimento. Discurso proferido no Senado Federal em abril de 1976. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1976. 16 p.

O Momento Político. Discurso pronunciado na sessão de 17 de março de 1977, no Senado Federal. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1977. 15 p.

Ação da Palavra. Trata-se de uma coleção de discursos pronunciados no Senado Federal sobre os mais diversos assuntos. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1977. 146 p.

A Nova Fase da República. Discurso na instalação dos trabalhos da 1^a Sessão Legislativa da 9^a Legislatura, na qualidade de Presidente do Congresso Nacional. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1979. 10 p.

Sub Lege Libertas. Discurso pronunciado em 1^a de março de 1980, no Congresso Nacional. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1980. 8 p.

Um Novo Congresso. Discurso no término do mandato de Presidente do Congresso Nacional, em data não consignada. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1980. 6 p.

A Verdade sobre a Ceplac. Discurso proferido na sessão de 14 de agosto de 1981, no Senado Federal. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1981. 11 p.

Problemática da Educação no Nordeste. Discurso proferido no Senado Federal em 19 de novembro de 1981. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1981. 14 p.

Embaixador Oscar Camilión. Discurso no Senado Federal, em data não indicada. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1981. 9 p.

Educação no Norte e no Nordeste. Discurso proferido no Senado Federal em 28 de maio de 1982. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1982. 14 p.

Sessão Solene em Homenagem a Suas Majestades os Reis de Espanha, D. Juan Carlos I e D. Sofia. Discursos pronunciados por Luiz Viana Filho, pelo Deputado Fernando Lyra e pelo Presidente do Congresso, Senador Nilo Coelho. Discurso de Luiz Viana Filho de p. 3 a 9. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1983. 26 p.

Senador Nilo Coelho. Discurso proferido no Senado Federal em 18 de novembro de 1983. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília. 1983. 10 p.

Dias que Mudaram o Brasil. Discurso pronunciado no Senado Federal em data não indicada. Centro Gráfico do Senado Federal. 1986. 14 p.

TRADUÇÃO

História dos Estados Unidos, de Firmin Roz. Companhia Editora Nacional. A tradução de Luiz Viana Filho foi feita do original francês *Histoire des Etats-Unis.* 1942. 428 p.

ORGANIZAÇÃO

Castello Branco. Testemunhos de uma Época. Organização e prefácio de Luiz Viana Filho. Trabalhos de Aliomar Baleeiro, Francisco Negrão de Lima, Herbert Levy, Lincoln Gordon, Mem de Sá, Oswaldo Trigueiro, Pedro Aleixo, Raimundo Padilha, Roberto de Abreu Sodré e Vernon Walters. Coleção Temas Brasileiros da Editora Universidade de Brasília. 1986. 116 p.



Uma das últimas fotografias do Senador Luiz Viana Filho